MANUEL BERNARDES BRANCO

HISTORIA DAS ORDENS MONASTICAS

EM

PORTUGAL

Volume III

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5 e 6, Largo do Camões, 5 e 6
MDCCCLXXXVIII

HISTORIA

DAS

ORDENS MONASTICAS EM PORTUGAL

MANUEL BERNARDES BRANCO

HISTORIA
DAS
ORDENS MONASTICAS
EM
PORTUGAL

Volume III

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5 e 6, Largo do Camões, 5 e 6
MDCCCLXXXVIII

VOLUME III

I—CONTINUAÇÃO DOS PROGRESSOS DAS ORDENS MONASTICAS

II—NOTICIA DOS CONVENTOS QUE HOUVE EM PORTUGAL

III—SERVIÇOS PRESTADOS PELOS FRADES ÁS LETTRAS E Á CIVILISAÇÃO

Je m'ennuie de leur entendre repetér que douze hommes ont suffi pour etablir le Christianisme, et j'ai envie de leur prouver qu'il n'en faut qu'un pour le detruire.»

Vie de Voltaire, par CONDORCET.

Ao principiar o volume terceiro da minha obra — *Historia das Ordens Monasticas em Portugal*, devo primeiro que tudo mui respeitosamente curvado perante o meu bondoso leitor agradecer-lhe do intimo do coração o t-r lido mais d'um milhar de paginas relativas a cousas de tempos antigos, e isto mórmente n'uma epocha em que a leitura favorita são os livros francezes, tanto mais agradaveis, quanto mais licenciosos e corruptores da sã moral, forem. E todavia o leitor teve uma paciencia maior do que a de Job para bondosamente tragar a leitura que nos fallou ampla e minuciosamente de bulhas de frades, de costumeiras de outras epochas, de procissões, de santos e de santas, mas tudo sediço nos tempos que vão correndo, em que uma grande maioria d'individuos, ao que mais attenção presta, é a historias da carochinha, tanto mais acceitaveis, quanto mais licenciosas e avessas forem á sã moral.

É, pois, de primeira intuição que o amigo leitor ain-

da tem seu costado d'aquelles antigos portuguezes d'antes quebrarem do que torcerem, e que embora lessem o *Carlos Magno*, e os *Doze pares de França*, liam tambem com attenção os *Lances da Ventura*, o *Bertoldo, Bertoldinho* e *Cacasseno*, o *João de Calais*, e a *Imperatriz Porcina*, e a *Constante Florinda*, e davam graças a Deus depois do jantar, rezavam á noite o terço, iam á missa das almas, diziam em voz alta *Dominus tecum* quando alguem espirrava, davam seu passeio para ver o lagarto do Penha, iam merendar duas vezes por anno na Horta das Tripas, contemplavam o poeta Bocage inspirado pelo Deus Baccho, e soltando os diques á sua poesia sempre admiravel; e tinham um dia grande no anno e tão grande que o repartiam em tres partes — pela manhã uma festa d'egreja com sermão do padre José Agostinho de Macedo, ou do padre Drake: á tarde uma tourada, repleta de peripecias no campo de Sant'Anna, e á noite uma representação do Doutor Sovina no theatro do Salitre, fazendo de dama o mesmo sapateiro que concertava a tempo os sapatos do pae do amigo leitor, de modo que podesse ir ao theatro, onde, graças a Deus, largou retumbantes e estrepitosas risadas, accompanhadas de estrepitosas fungadellas de simonte.

E como o rabicho, o chapeu triangular, e as fivellas dos sapatos lhe ficavam a matar!

Á vista, pois, de gostos tanto em harmonia com os meus, desde já considero o meu leitor como um amigo predilectissimo, como um *alter ego*, conforme diziam os nossos antepassadoo, e lhe peço que, com o chapeu na cabeça, e á vontade, ou sentado, ou em pé, segundo mais lhe aprouver, se entretenha commigo algum tempo a examinar as lindas portadas das nossas Chronicas Monasticas.

E como a fr. Luiz de Sousa ninguem supplantou na suavidade e harmonia muzical do periodo, na elegancia da compozição, e na vernaculidade da linguagem castissima de lei, não parece tambem fóra de proposito principiarmos a analyse d'essas lindas portadas pela do referido escriptor na sua obra *Historia de S. Domingos*, obra que deveria bastar para fazer chegar o rubor ás faces d'aquelles que sem respeito algum para com a magestosissima linguagem de nossos avoengos, ousam estampar em linguagem — os pchuts, platós, os chefes d'obra, o colera, os high-lifes, as noticias do elite, os menús, o debute, o debutante e o debutar, a première...

Mas basta: desviemo-nos da leitura de tanta vergonha...

Permitta-se-me, porém, uma pergunta:

Tem-se tirado algum resultado bom do ensino de portuguez no lyceu?

Nenhum, absolutamente.

E tem elle seguido um caminho tal, que se encontram rapazes com dez annos d'edade, sabendo de cór a definição d'estylo, de tropos, e de muitas mais cousas, e todavia nada comprehendendo de tudo aquillo.

Mas a verdade é — que no ensino das Humanidades è Portugal o infimo de todos os paizes. Apprendem inglez e francez no lyceu, e todavia nada fallam, e nada percebem, quando alguem lhes falla n'estes idiomas.

E então que me diz o amigo leitor ácerca da portada da *Historia de S. Domingos*, que tão linda é, e para a qual tem estado tão embevecido e absorto?

Lá está o padre S. Domingos todo attento com os olhos fitos no Santo Christo pregado na Cruz, o qual empunha nas mãos.

Aos pés vemos o cão com o archote na bocca, com

o qual a mãe de Domingos tinha sonhado, e se tinha assustado.

Felizmente, porém, um santo varão teve a paciencia de lhe explicar o que tudo aquillo significava—que havia de ter um filho que, com seus feitos e sciencia, havia d'illuminar o mundo inteiro. E com effeito Domingos de Gusmão, hespanhol, foi um dos grandes pregadores do Evangelho n'uma epocha em que trevas as mais profundas e caliginosas cobriam a face da terra. E foi o fundador d'uma numerosissima ordem de frades, que mesmo quando arcavam com os jesuitas, ás vezes levavam a melhor. Tiveram um grande numero d'escriptores, e de varões distinctissimos. Escutaram-se por toda a parte do mundo... Enganei-me. Encontram-se por toda a parte do mundo sendo estrangeiros, mas dominicanos portuguezes não os póde haver em Portugal. O governo tem medo dos dominicanos nacionaes; mas sendo estrangeiros, irlandezes, por exemplo, então podem por cá estar á vontade. Uma pieguice como outra qualquer.

Gravissimas accusações foram feitas ao famoso Domingos de Gusmão. Era um homem feroz, era um sanguinario, era um homem que rejubilava ao ver os albigenses serem queimados nas fogueiras.

Hoje taes asserções estam bem longe de serem tidas por verdadeiras. O caracter de Domingos de Gusmão apparece mais sympathico. E não só Lacordaire[1], mas tambem varios outros escriptores defendem Domingos das accusações que têem sido feitas ao fundador dos dominicanos.

---

[1] LACORDAIRE: Vie de Saint Dominique. Paris, 1852. «Nunca a religião teve um representante mais puro do que Domingos» pag. 37.

A' direita, e bem chegadinho a Domingos lá está o santo fr. Gil, provincial dos dominicanos, ácerca do qual tantas lendas-se inventaram, não sendo a menos interessante e poetica a do pacto feito com o diabo com o fim de conseguir ter entrada nas grandes casas, fazer com que as femeas por elle se apaixonassem, e depois.... gozos atraz de gozos, nunca interrompidos, uns findados, outros começados.

E o amigo leitor já viu o Egidea?

Pode ser que sim, mas é mais provavel que não.

Pois este poema estampado em Lisboa no anno de 1788 é precedido tambem d'uma linda estampa, representando o altar do S. fr. Gil na egreja conventual de S. Domingos de Santarem.

E' interessante a estampa. No altar vemos a virgem com o menino Jesus ao collo. Em baixo, aos pés da virgem, enxergamos o corpo do tal S. fr. Gil, magico, feiteceiro e femieiro, de alto lá com elle!...

Sobre o lindo altar, uma grande cruz com tres castiçaes de cada lado, e ajoelhados no segundo degrau um homem e uma mulher entregues a uma fervente oração ao santo fr. Gil.

E mais em baixo a declaração de que Ex.mo Sr. Nuncio concedia cem dias de verdadeira indulgencia a todos os fieis, que na presença do referido tumulo de S. fr. Gil resasssem um pater noster e uma Ave Maria pelos peccadores impenitentes, e pelo augmento da Fé.

E aos que rezassem e orassem em frente da imagem de S. fr. Gil eram concedidos cincoenta dias de indulgencias. E o cardeal patriarcha D. José II tambem concedeo cem dias de indulgencia.

De tudo aquillo nada existe. Outr'ora, porém, era incessante o caminhar dos fieis para o tumulo de S. fr. Gil. Era uma romaria interminavel.

E tudo acabou! Nem vestigios da egreja, nem vestigios do convento!

E todavia o pavimento da egreja, e o pavimento do mosteiro eram cobertos por louzas nas quaes se liam os epitaphios e os feitos dos nossos grandes homens na guerra...

E tambem Alexandre Herculano elevou sua eloquente voz pedindo a conservação d'aquellas campas, e que deixassem em paz as cinzas dos que foram grandes no mundo!

Mas que se importam os homens, que só rendem culto ao dinheiro, com epitaphios ou com brazões!

Conserva-se o claustro, porque serve para praça de touros, e as praças de touros rendem dinheiro, e por isso conservam-nas.

Mas sempre será bom que o amigo leitor leia os seguintes versos da Egidea, principalmente se pertenceu ao numero dos portuguezes do Portugal Velho, que pelas ruas andavam a cantarolar: O rei chegou! O rei chegou! Mas aos malhados não fallou!

O convento de S. Domingos de Santarem tinha uma egreja sumptuosa[1], toda d'abobada de tijolo, e pintada toda ella de auguadas em preto, com o melhor engenho que póde dar a arte da pintura. Tinha tres naves com dez columnas, cinco em cada lado, todas da ordem toscana, e de boa pedraria. Na capella mór estava o côro: era seu tecto de abobada enredado todo de pedraria lavrada, com florões muitos engraçados. Na capella mór estavam sepultados os corpos de D. João de Saldanha, e o de seu filho D. Antonio.

Saindo d'esta capella maior, no cruzeiro á mão di-

---

[1] P. Ignacio da Piedade Vasconcellos: Historia de Santarem edificada, vol. II. pag. 54.

reita, estava uma capella funda para dentro, a qual era dedicada ao menino Jesus que crescia.

Seguia-se a esta no cruzeiro, da mesma parte a capella do Senhor dos Afflictos, do qual diziam que lhe cresciam os cabellos da barba e as unhas dos pés, e se lhe via ainda na face o signal de uma lagrima, que lançou na despedida d'um noviço, e no meio da paredé, da parte da epistola estava uma capella com a seguinte inscripção: Capella que instituiu Francisco Dias Castello, Fidalgo da casa de S. Magestade, cavalleiro da Ordem de Christo, para seu jazigo e mulher e descendentes. Anno 1552. Diogo da Silva Castello setimo administrador, mandou entalhar este padrão no anno de 1725.

Logo junto a esta capella no espaldar do mesmo cruzeiro, está a de S. Fr. Gil, onde se encerrou o corpo do dito Santo em magestoso tumulo de marmore, em quatro columnas levantadas de vinte palmos cada uma de alto, as quaes se elevam a sustentar este artefacto, sendo toda a cobertura, que faz docel ao mesmo tumulo: fazendo tudo aceada obra da ordem corinthia da mesma pedraria.

E em um nicho no espaldar debaixo do mesmo docel se vê uma imagem da Virgem Nossa Senhora com o titulo de Senhora das Virtudes. E é a mesma que na casa do Capitulo antigo d'este convento fazendo-lhe ahi o Santo oração, fez que os demonios diante da mesma Senhora lhe lançassem a cedula que elle lhe tinha feito com seu sangue. Esta imagem era de pedra.

Estavam n'esta egreja tambem as seguintes sepulturas:

De D. Miguel de Noronha, filho de D. Antonio de Noronha e de D. Maria Deça.

De D. Leonor, filha de D. Fernando de Menezes, segundo marquez de Villa Real, e da marqueza D. Maria.

Freire, que falleceu sem casar na edade de setenta e cinco annos, na era de 1563.

De D. Margarida de Vilhena, filha de D. Pedro de Menezes, terceiro marquez de Villa Real. Era de 1563.

Na capella do Senhor Jesus em a mesma nave estavam a sepultura de D. Catharina, filha de D. Miguel de Noronha, e de D. Joanna de Vilhena, que falleceu solteira em 1580. E a de D. Filippa, filha de D. Miguel de Noronha e de D. Joanna de Vilhena que falleceu em Castella, no anno de 1583.

A diante d'esta capella estava a de Nossa Senhora do Rosario em magestoso throno, com um excellente retabulo de talha moderna. E ao pé havia a seguinte inscripção:

Esta capella instituiram Francisco Gonçalves, e sua mulher Innocencia de Andrade para elle e seus sucessores, a qual dotaram a sua filha Helena de Andrade, primeira mulher de Antonio da Costa de Mesquita, que depois o foi de Gaspar Ferreira Aranha Cavalleiro do habito de Santiago, em que succedeu seu filho Simão Aranha, que a possue.

N'ella está sepultada sua primeira mulher Joanna de Sequeira, que falleceu a 28 de maio de 1683.

O escriptor accrescenta que a imagem d'esta Senhora era antiquissima, e que sempre tivera o titulo de Rosario, sendo a mesma que tinha o menino Jesus em seus braços, quando era sachristão da mesma egreja fr. Bernardo de Morlans, cujo menino (a quem o povo chamava dos milagres) vinha almoçar com os meninos da escola d'este veneravel padre.

N'uma sepultura entre a capella de Santa Catharina de Sena, e a da Senhora do Rozario estava uma sepultura com o escudo das armas dos Sousas, e com o seguinte epitaphio:

Aqui jaz Domingos de Sousa do conselho del Rey nosso Senhor, falleceu a 4 d'outubro de 1543.

XXI (Canto III)

A' vista de Toledo caminhavam
Os criados ligeiros e a bagagem
Outros mais adiante procuravão
Na cidade apozento, ou na estalagem:
Por quanto demorar-me aqui julgavão
Dando allivio ao trabalho da viagem;
Pouco depois eu vinha derradeiro
Por causa da conversa e companheiro,

XXII

Pouco depois seria do Sol posto,
Já minha comitiva se escondia.
Nas ruas da cidade, no supposto
De que eu não muito longe os seguiria:
Porem o Companheiro de mau gosto
Os passos mais a um lado dirigia;
E assim para o destricto me guiava
Aonde a Negromancia se ensinava.

XXIII

O caminho é sombrio e tenebroso,
A noite já fechada totalmente,
Não se via Planeta luminoso,
Nem scintillar estrella refulgente:
Não se ouvia o latido cuidadoso
Do cão, que o cazal guarda diligente;
Apenas só fallar o companheiro
Ouvia, que guiava dianteiro.

XXIV

O mesmo meu cavallo não obstante
Á sahida nocturna acostumado
Com passo sim veloz, mas trepidante
Uffava do logar já mais trilhado;
Nem podia passar para diante
Pela medrosa redea governado
Apenas as pegádas de outro ouvindo
Castiço, e obediente vae seguindo.

XXV

Em tal obscuridade com effeito
O caminho parcia dilatado;
Batia o coração dentro no peito,
E o cabello sentia arrepiado:
Mil idéas me vinham ao conceito,
Huma vez curioso, outra assustado;
Mas a nova sciencia me animava,
E de qualquer receio socegava.

XXVI

Não era o companheiro conhecido
Atégora por mim, e o seu disfarce,
Pouco depois he que foi percebido,
Quando a cillada entrou a declarar-se:
Por isso me animei sempre atrahido
Das artes, que deviam ensinar-se,
Pela promessa feita livremente,
A quem só desejava ser sciente.

XXVII

Até que finalmente apparecião
Ao longe huns fogareos mui luminosos
Que dois homens horrendos conduzião,
E erão por mal vestidos vergonhosos:
As ancias de saber cresciam
Ficavão meus alentos mais briosos
Já passava adiante, e posto ao lado
Hia, do companheiro simulado.

XXVIII

Huma medonha cova, e dilatada
Pouco distante está junto a Toledo
Por natureza feita ou fabricada,
Por causa de hum rochedo, e outro rochedo:
Não entra alli pessoa acautelada
Por prudencia maior ou muito medo
Das sombras e dos bixos venenosos,
Que vapores exhalão ascorosos.

XXIX

O logar he deserto e solitario
Nem lá perto se chega alguma gente
Não só porque não seja necessario
Mas pela agua, que está sempre corrente:
Nem o Febo no seu gyro diario
Alguma vez a luz resplandecente
Alli lançou: mas só plantas sombrias
Pódem alli viver noites e dias.

XXX

Opportuno lugar para habitarem
Os sequazes de Lucifer perdidos,
Condenados, malditos blasfemarem
Com tristes urros plantos e gemidos:
Capaz habitação para estudarem
Os que a Christo não dão cultos devidos
Os que abjurão da Fé, que professaram,
E do gremio christão se separaram.

XXXI

N'este triste aposento, se ensinavão
A Nigromancia e Magica famosas,
Se alguns homens havião, que estudavão
Taes artes infernaes e ruinosas:
Estas medonhas Aulas esperavão,
Este moço infeliz, e as curiosas
Fadigas, com que á custa de experiencias
Pretendia alcançar tantas Sciencias.

XXXII

Comigo o companheiro lá chegando
Ao horrendo logar muito contentes,
Hum, porque mais saber vai desejando;
Outro, pois, como cão leva dos dentes:
A preza miseravel, que buscando
Com engano e astucias eminentes,
Andava por caminhos trabalhosos,
E a levava aos amigos desejosos,

XXXIII

Da cova ao mesmo tempo vem saindo
Homens e alguns demonios transformados,
Que por nos receberem vinhão rindo,
E com figura humana disforçados:
Todos emfim seus passos dirigindo
Para a medonha cova vão guiados,
Aposento infernal e tão horrendo,
Que eu só de pensal-o estou tremendo.

XXXIV

Dos monstros infernaes dos homens brutos
A scena d'este modo principia.
Devião logo ler-se os Estatutos,
E saber eu a Lei, que guardaria:
Era lei dos diabos sempre astutos,
E em summa toda a regra me dizia,
Que segredo inviolavel lhes guardasse,
E que da Fé de Christo eu abjurasse.

XXXV

Oh Lei maldita, pessima e nefanda,
Abominaveis regras totalmente!
Que juiz póde haver, que tanto manda,
Que possa proferil-o unicamente?
Infernal Estatuto, que demanda
A propria perdição eternamente:
E eu miseravel sem fugir! perdido
Sem ver ainda aonde estou mettido!

XXXVI

Que grande perdição e desamparo!
Um mancebo da minha bizarria,
De um nobre portuguez sangue preclaro,
Sugeitar-se a soffrer tal ousadia!
Hum tal atrevimento muito caro
Intentando-se certo custaria,
Quanto mais o diabo ter sugeito
De hum moço portuguez o illustre peito!

XXXVII

Quanto mais hum Christão ouvir proposto
Hum pacto, contra quem o resgatara
Do demonio, d'aquelle, cujo gosto
He tornar a perder quem o deixára:
Ah Padres Reverendos aqui posto
O coração do peito lhe arrancara,
Se eu estimasse mais o Christianismo,
Mas um abysmo induz mayor abysmo.

XXXVIII

Nada menos, oh Deus Omnipotente.
Eu mesmo não me atrevo a proferil-o;
Mas aos vossos juizos reverente
Não sei como quizeste permittil-o:
Já ao nefando rito obediente
Fazer eu não duvido tudo aquillo,
Quanto as iniquas leis determinavão,
E quantos aprendião observavão.

XXXIX

Já no livro dos Reprobos estava
Meu nome miseravel alistado,
A ceremonia iniqua só faltava
Para fazer tal pacto celebrado:
Agóra sabereis o que restava,
Como estudante fui matriculado,
Como tambem foi dado o juramento
Nefando, que parece Sacramento.

XL

Que tristes ceremonias não serião
Em mim primeiro para degradar-me
Dos vestigios da Graça, que existião,
Necessarias, tambem para notar-me:
Vestigios insensiveis, que servião
Para apenas Christão so nomear-me,
Vestigios, que na pia do Baptismo
Me fizerão entrar no Christianismo.

XLI

Eu mesmo sem maior solemnidade
Os hia pouco a pouco escurecendo,
Com vicios da mais alta atrocidade
A' muito tempo os hia já perdendo:
Hum sensivel sinal só na verdade
Opposto ao Sacramento recebendo
Faltava da desgraça com que fico,
E de que ao Demonio me dedico.

XLII

Já feita a abjuração do Veneravel
Nome de Jesus Christo Sacrosanto,
Já desprezada a Lei mais estimavel,
E o preço do seu sangue, oh grande espanto!
Eu devia maldito e abominavel
Meu pacto confirmar tambem: por quanto
Sem certeza maior não me valião
As artes e os poderes que dizião.

XLIII

Huma cedula fiz rito nefando,
Hum escrito pacto permanente
Com meu proprio sangue confirmando,
Que seria a taes leis obediente:
Detestavel excesso, e execrando,
Que fez ao mundo todo ser patente,
Quanto a um miseravel custa caro
A propria perdição e desamparo.

XLIV

Por minha mão foi feito, mas notado
Por hum dos infernaes legisladores,
E quanto não seria reforçado,
Cercado quem o fez de mil temores:
Tão bem fôra sobrescrito e assignado
De propria mão, e entregue a taes Senhores
Que com todo o recato o guardarião,
E por novo padrão o estimarião.

XLV

Se fineza por Lucifer tão rara
Ou pela Nigromancia eu dispendi,
Que me resta por quem me resgatara
Do jugo do peccado em que nasci?
Por Christo, que seu sangue derramara,
Para lavar o mal que commetti;
Por esse grande Deus que me fizera
Infinitos favores, e me espera?

XLVI

Não fallo das lições de Nigromancia,
Porque vossa modestia offender-se
Pode, e menos direi da extravagancia
Da Magica fatal por não saber-se:
Para que ninguem saiba a petulancia
D'esta Arte formidavel, que esconder-se
A todos deve sempre sem reserva,
Com pacto da infernal e vil caterva.

XLVII

Acabada a funcção, muito contentes
Huns com os outros se congratulavão.
Os parabens a mim convenientes
Derão todos, e assim se retirarão:
No mesmo meu cavallo diligentes
Me poserão, tambem me acompanharão
Alguns d'elles até dentro á Cidade,
Sem estrondo maior com brevidade.

XLVIII

Hum pouco impacientes os creados
Erão por minha tal ou qual demora;
Mas vendo-me, ficarão descançados,
E algum me perguntara como fôra;
Porém sem declarar-me seus cuidados
Logo suavisei dentro de huma hora,
Mandando, que cuidassem do aposento,
Descanço e necessario alimento.

XLVIX

Com cuidados maiores ficarião
Obrigados a ter maior tormento
Cada dia, porque em seu amo vião
Um desgosto e maior desabrimento:
A' doença fatal attribuiam
Rosto desfigurado e macilento
Meu modo com effeito era estranhavel,
Portando-me com elles intratavel.

L

Aqui me demorei louco aprendendo
Os segredos das Artes formidaveis,
Em tanto meus criados iam vendo
As cousas de Toledo mais notaveis:
Inscripções lapidares iam lendo
De regios monumentos memoraveis,
Dos palacios a antiga architectura,
E de seda a subtil manufactura.

LI

Passados alguns tempos instruido
Na Nigromancia e Magia cuidava,
Este homem miseravel e perdido
Partir para Paris e o desejava:
Ja chamando os criados advertidos
Que tudo compozessem lhe ordenava
E se fossem com tempo dispedindo
Ja para qualquer dia hir-se partindo.

XV [1]

Chegamos a Paris, rica e florescente
Cidade das da Europa a mais extensa,
A mais culta, polida e excellente:
Até no delicado da mantença:
Emporeo de Sciencias eminente,
Conhecida nas Artes e na Crença,
Aonde os grandes mandão seus nascidos
Para serem nas lettras instruidos.

XIX

A fama de Gil, medico famoso,
Se foi com egual passo diffundindo,
De sabio, de gentil, e generoso,
Eu hia mil applausos adquirindo
Pela alta Nigromancia habilidoso
Ou pela astuta Magica illudindo
Da mocidade os animos ganhava,
Mas os intendimentos lhe obcecava...

[1] Canto IV.

Mas a prosa de Fr. Luiz de Souza vale incomparavelmente mais do que as taes poesias, ou chamadas poesias do cantor da Egideia.

Estava Gil Rodrigues hum dia [1] em seu estudo e sobre os livros da infernal sciencia, descuidado de toda a cousa que lhe podia dar pena: eis que subitamente se lhe põe diante um homem armado e a cavallo, e brandindo-lhe uma lança nos olhos com braveza dizia: Muda a vida, homem, muda a vida.

Assombrou-se Gil Rodrigues e sobresaltou-se muito, arguindo-lhe a consciencia n'aquelle tempo muitas coisas juntas, e todas más e tristes e medonhas: mas tomando sobre si, e tirando pela carne a liberdade e soltura da vida, parecia-lhe a visão sonho e o fazer caso d'ella pusillanimidade, lembrando-lhe que o cavallo e cavalleiro lhe pareceram de pedra, e depois se resolveram em ar.

Assim foi continuando com seus desatinos. Mas não se esquecia o bom Pastor da ovelha perdida.

Passados poucos dias torna o cavalleiro sobre elle na mesma postura e habito, mas com termo e sembrante mais temeroso: e arremessando-lhe o cavallo como que o queria levar de baixo dos pés, e pondo-lhe a lança nos peitos: Muda, disse, muda, muda homem a vida, senão morto és.

Ficou Gil Rodrigues como fóra de si, de attonito e confuso, e respondeu com pavor, quasi como outro Paulo: Si, farei, Senhor. E peço-vos me perdoeis não obedecer da primeira vez.

Isto dizia, e juntamente se sentia ferir da mão do cavalleiro com tanta força nos peitos que lhe parecia fi-

[1] Historia de S. Domingos. vol. I. fol. 85. Edição de Bemfica.

cava atravessado da lança: e obrigado da dôr deu um grande grito chamando pelos creados que lhe acudissem.

Achou-se com menos mal do que cuidava, porque não appareceu no logar do encontro mais que uma riscadura leve e superficial, e com tudo determinou logo não esperar terceira amoestação, e mandou fazer prestes para caminhar e fugir de Paris. E foi bom principio da promessa feita mudar terra, ao que ajuntou dar fogo a quantos livros tinha da maldita magica: e feitos em cinza poz-se a caminho.

Caminhava desabrido e melancholico: dava-lhe occasião o ver-se só para imaginar; entrava em si, lançava os olhos pelos annos que tinha vivido: não achava hora exempta de culpa: e, quando chegava aos que empregara nas covas de Toledo, e ao que d'elles lhe resultava, perdia o gosto de tudo decorrido e confuso e abafando de pesar. Assim sendo d'antes amigo de travar praticas de passa tempo com os creados, e com os que encontrava umas vezes com graças e ironias, outras com dirivações e agudezas, como era de condição bem assombrado e jovial: agora ia mudo, carregado, e aborrido de sorte que os creados pasmavam não podendo atinar com a causa de tal novidade.

Chegava á pousada, não tocava em nenhuma cousa de quanto lhe punham na meza: fazendo-lhe a cama, ou se não deitava, ou não tomava somno.

E ou que fossem isto já principios de penitencia, que obravam tristeza pera verdadeira saude: ou que redundassem no corpo (como é ordinario) as feridas que seus cuidados lhe faziam na alma, cahia em uma febre melancholica de quartãas que lhe davam muito trabalho: e com tudo nunca se quiz curar, nem perder jornada até entrar em Hespanha.

Entrado n'ella, e por Castella, trouxe-o a estrada que seguia á cidade de Palencia.

N'este logar acaso pelo sitio, em que os frades de S. Domingos andavam actualmente rompendo paredes em umas casas velhas, e levantando outras para construirem seu conventinho.

Viu fazer a obra, e n'ella amassando cal e carregando pedra cobertos de pó e calliça homens, que no gesto e no geito mostravam não haver nascido para taes misteres.

Edificou-se e compungiu-se, não lhe parecendo feio aquelle pó, nem pouco honrado o serviço, quando lhe soube o fim.

Logo fez conta de não passar d'ali.

No dia seguinte tornou ao sitio, buscou o prior. Achou homem espiritual e sabio: fallaram devagar, deu-lhe conta de si.

Aqui fez a primeira retractação ou abjuração de seus desconcertos e vida passada por confissão vocal.

Estava uma noite cheio de fervor orando: eis que subitamente se lhe abre a terra até o centro, e põe-lhe diante dos olhos todo o Inferno junto (vista horrenda) sem ficar cousa que podesse mover asco e pavor que lhe não representasse, as miserias, os tormentos, as disformes posturas dos padecentes, as cruezas, as vizagens, a fealdade dos atormentadores; trabalhando persuadil-o que por muito que orasse, aquelle horror sempiterno havia de ser sua morada eterna.

Outra vez tomando a figura de um monstruoso centauro armado de arcos e frechas, embebia uma no arco com tanta força, que lhe fazia juntar as pontas, e apontava em fr. Gil (que de medo estava sem sangue) com geito e ferocidade tal que lhe parecia não podia escapar de atravessado.

Valia-se n'estes casos das armas de fiel christão, do nome poderosissimo de Jesus, e da sua cruz santissima.

Fugia o inimigo: mas elle não deixava de ficar perturbado e descontente, attribuindo a seus peccados tanto poder e tamanhas affrontas: e todavia como bom soldado tornava sem desmaiar a seu requerimento e oração.

Sentia-se Satanaz de o ver perseverante nas penitencias, e animoso na oração: arremette um dia a elle feito uma feia e disforme tartaruga, de cabeça e bocca tão desmesurada que promettia podel-o engulir.

Foi grande o medo, dando-se por outro Jonas no ventre da baleia.

Mas alcançando já pouco por estes meios, porque a continuação tinha creado em fr. Gil animo para desprezar suas fantasmas, como cocos de minino, determinou-se em guerra descoberta.

Deixa figuras alheias, entra em campo com a sua propria, mais temerosa por mais conhecida, e porque com ella refrescava a memoria das promessas e culpas passadas ao delinquente.

Começa a despregar aquella lingua serpentina em mil affrontas, e chamando-lhe traidor, ingrato, fementido e perjuro: ingrato a quantas boas venturas lhe grangeava de gostos e delicias: traidor a quanta honra lhe dera entre principes e grandes da terra.

Dava bramidos como leão: fulminava feros e blasphemias com gestos e carrancas, que a si mesmo se excedia de feio e abominavel.

«Mente, (dizia) falsea e perjura comigo quanto quizeres.

«Que isso mesmo te ha de fazer a guerra, porque ninguem te crea, a ninguem enganes. Chora, trabalha, cança, derrama esse sangue aleivoso. Meu has de ser chorando e padecendo: melhor te fôra rindo e folgando.

Affirmava fr. Gil quando depois de muito velho com santa singeleza contava estas cousas, que tanto lhe custava de medo e tormento cada uma d'ellas, que muito menos sentira vêr-se levar a justiçar em uma praça publica, não uma só vez, se não muitas.

E todavia aturou este martyrio e tentações com valor e constancia sete annos inteiros, contados do dia que foi recebido ao habito.

No cabo d'elles estando uma noite na sua ordinaria estancia do Capitulo, e no seu costumado e continuo requerimento com a Sagrada Virgem, e pedindo-lhe remedio com palavras sahidas do intimo da alma e cheias de lastima e desconsolação, foram sobre elle muitos demonios juntos, e com maior violencia que nunca pertenderam mettel-o em desesperação, e misturando ameaças com vituperios diziam--que, a seu pezar, nem céo, nem terra havia já de lograr.

Porque o céo tinha fechado e feito de bronze; pelo escripto de obrigação que com sua mão, e com seu sanque fizera ao Inferno e a terra com os bens e gostos d'ella perdia, pelo querer quebrar como falsario: e assim não tinha que fazer, senão desesperar e arrebentar, pois tinha perdido tudo sem remedio.

Estava o penitente prostrado com o peito e face em terra, cheio de medo dos exercitos de Satanaz que o assombravam: mas muito mais do que sua consciencia o accusava, vendo n'ella mil testemunhos do que ouvia aos inimigos: e isto sentia mais que todas suas sobrançarias.

Levantava o rosto e olhos á Virgem, e com grande dôr e humildade dizia:

Virgem bemditissima, elles dizem verdade, eu o confesso, no que toca a minhas grandissimas culpas: e não nego que tambem mereço por ellas o que dizem.

Mas nunca confessarei que pesam mais meus peccados, que os merecimentos d'aquelle precioso sangue que meu bom Jesus, Filho de Deus e vosso, por mim derramou na Cruz.

E como isto seja verdade, nunca desesperarei da sua Divina misericordia, ainda que toda a vida padeça e viva milhares de annos.

E vós, Virgem, fonte de piedade, não consintaes que se alegrem vossos inimigos, levando victoria d'este pobre filho vosso, que em vós fia, e por vós chama tantos annos ha.

Mostrae, Senhora, que são falsos e mentirosos contra vós, e contra vosso Filho, e tambem contra mim. Mostrae com elles com sois mãe de Deus: mostrae comigo que o sois de desamparados, accudindo-me com alguma consolação e misericordia d'essas mãos poderosas n'este abysmo de miserias.

Assim dizia, do peso da tribulação quasi desmaiado: e os inimigos como em batalha rota atroavam tudo com grita, com braveza, e estrondo infernal.

N'este ponto se sentiu soccorrido de poder invizivel.

Porque viu fugir de repente os exercitos de Lucifer, como quem com medo dava as costas a maior força e soando d'entre elles uma voz horrenda que claramente dizia:

Toma com a minha maldição a de todo o Inferno. Nunca a houveras, se me não fizera força quem está n'esse altar. Ella me faz guerra, ella me vence. E logo notou que vinha descendo do alto do capella, da parte onde a vazava uma abertura, pela qual os vira ir fugindo de tropel, um pedaço de pergaminho, que para signal do que era, e de quem o ganhara, e dera a victoria, se viera como posto á mão offerecer e assentar aos pés da Senhora sobre o altar.

Era este o mesmo logar por onde cahia a corda do sino do convento, e até á nossa edade se conservou no mesmo estado e serviço, e justo fôra que se não perdera o signal d'elle, para memoria de caso tão raro, inda que se escusou o uzo.»

Agora talvez o amigo leitor diga ou tenha vontade de dizer que os nossos avós eram homens excessivamente credulos!

Seriam: mas as crensas innabalaveis tornam os homens felizes. E nós hoje, n'uma epocha em que as crenças desappareceram do nosso solo, com certeza não somos mais ditosos do que nossos passados que tinham fé de carvoeiro.

E pelo contrario, somos bem desditosos.

Fizeram em 1834 toda a diligencia para derribar a religião dos portuguezes; abalaram-n'a com effeito. E as consequencias todos as veem. O rapazinho entra para o collegio aos sete ou oito annos d'edade. Passados seis ou sete annos olhai para as faces do estudantezinho, e lede-as que ellas não vos segredam, mas pantenteiam muita cousa, que não patenteavam antigamente, ou patenteariam só n'uma edade muito mais avançada...

Mas eu não convidei o amigo leitor para ouvir lamurias que não veem aqui muito a proposito, mas só para na minha companhia examinar as lindas portadas das Chronicas Monasticas, ás vezes verdadeiros primores artisticos, que linda ninguem analysou, pelo menos, que eu saiba.

A portada do segundo volume da Historia de S. Domingos, impressa em Lisboa, na officina de Henrique Valente de Oliveira, impressor del Rey, no anno de 1662, não é tão bonita como o do primeiro volume, mas é mais engenhosa, e custa mais a decifrar.

Não quero eu, porém, pôr de parte os livros de Fr.

Luiz de Sousa, sem mostrar alguma cousa das bellezas da linguagem do illustre escriptor dominicano, e o leitor ao mesmo tempo que se vá lembrando dos *chefes d'obras*, *dos resurças*, *la première*, e quejandas expressões que actualmente abarrotam os jornaes e os livros. De modo que quantos mais annos conta o ensino official do portuguez de lyceu, tanto mais gallicismos intoleraveis se introduzem em o nosso idioma, e tanto a lingua portugueza, uma das mais bellas, se vai convertendo n'uma algarvia immunda e horripilante uma perfeita selvageria [1].

Um escriptor qualquer diria hoje um plateau, para exprimir o mesmo que Fr. Luiz de Sousa diz n'uma linguagem mui vernacula — Esta serra terá no alto duas leguas de praça. [2]

Com a palavra *Refusar* talvez alguns embirrem, e todavia o grande escriptor dominicano tambem a emprega, [3] e mais do que uma vez

Diz — *mais mau*. E qualquer professor de instrucção primaria mandaria dar umas palmatoadinhas na creança que assim fallasse.

---

[1] Cumpre, porem, notar que ás vezes encontramos nos chronistas algumas expressões que teriamos vontade de tomar por gallicismos, mas que na realidade o não são, mas sim expressões vernaculas. Por exemplo Fr. Bernardo de Brito, na chronica de Cister diz: *todo um exercito*, (Monarchia Lusitana, liv. I, fol. 63 v.

E no emtanto quem terá jamais o arrojo de accusar o monge cistercience pelo emprego de gallicismos, sendo elle como na realidade é, um dos escriptores mais puristas da lingua portugueza, embora possa com justiça ser arguido de primeiro de todos os patranheiros quantos existiram, e quantos hão de existir.

[2] Historia de S. Domingos, liv. I. cap. XII.

[3] Liv. I. cap. 27.

Ou qualquer epiphanico reprovaria o pequerrucho, que tal dissesse. [1]

E não é só Luiz de Camões que diz mouro (verbo morrer).

O escriptor dominicano tambem o emprega com as mesmas lettras no liv. 2.º cap. 30.

Assim como tambem uza de preterito Jouve, do verbo Jazer. [2]

Usa do plural Cirurgiães (I. pag. 234), e emprega a palavra Cataroteiro, na accepção de homem que tira cataractas (I. pag. 234).

Mas que lindas expressões — Era tão de bronze na paciencia, e tão de rozas na mansidão (liv. V. cap. 33). Diz *dezaso* dos frades em vez de penuria (I. pag. 344), estem, em vez de estejam; desto, em logar d'isto; demandar na accepção de perguntar (pag. 351).

E nosso Fr. Bernardo de Britto diz Obsequias em vez d'exequias (liv. I. cap. XI:) e chama triumphos de garganta áquillo que nós diziamos hoje Comesainas, ou comes e bebes...

Mas ai de mim: que tenho feito esperar tanto o amigo leitor!

Convideio-o para contemplar as lindas portadas das Chronicas fradescas, e o tenho feito esperar por um grande espaço de tempo!

Mas se a bondade de Deus é immensa, como todos sabem, a do amigo leitor, abaixo da bondade de Deus, é logo a immediata, e me releva sem duvida as minhas continuas importunações.

E creio que se regalou ao ver a portada da Historia de S. Domingos, e ao contemplar o retrato de S. Pedro

[1] Liv. I, pag. 85.
[2] Vol. I, pag. 203.

Gonsalves Telmo com um navio na mão esquerda, e um brandão aceso na direita.

E quantas e quantas cousas bonitas nos não disse o chronista dominicano ácerca da crenças dos mareantes portuguezes nos milagres d'este bemdito dominicano. Os antigos gregos e Romanos tinham o seu Castor e Pollux.

Os portuguezes de ha dois seculos tinham o seu Santelmo, do qual diziam que verdadeiramente S. Pedro Gonçalves Telmo: e os modernos dizem ser a electridade. Eu ás vezes anteponho a poesia á sciencia. E que S. Pedro Gonçalves Telmo tambem tinha o nome de Corpo Santo, bem o comprova uma egreja existente ainda em Lisboa e outra no Porto em Massarellos.

Lá está na portada tambem o santo fr. Soeiro com uma casinha na mão. Quererá talvez dizer que em grande parte a elle se deve a fundação do primeiro convento dominicano existente na Peninsula Hispanica. [1]

---

[1] Fr. Luiz de Sousa diz o seguinte acerca do Santelmo (vol. I fol. 247.)

«Seria estender escriptura infinito, se quizessemos contar todos os milagres que este Santo tem obrado no mar. Porque parece que o quiz Deus dar por avogado aos mareantes, principalmente n'este reino de Portugal, vistas as grandes navegações que de cento e trinta annos a esta parte tem enprehendido os Portuguezes, rodeando o mundo por tudo quanto abarca o mar Oceano, com tanto espirito e constancia, que pelas nações estrangeiras fomos notados não só de temerarios, mas de desasisados; que assi honrão as obras valerosas os que pera ellas não tem valor nem animo.

E não debalde, indo-se o Santo para a cidade de S. Thiago, lhe mandou o Senhor que se tornasse para as terras da jurdição de Portugal, como era Tuy.

Porque daqui avia de nacer da parte dos Portuguezes, encommendarem-se a elle com inteira confiança, como a Santo natu-

Mas que lindo está na portada aquelle retrato do concentrado e meditabundo S. Fr. Paio com um sino. É bem de suppôr que houvesse elle sido quem fundio um sino para o convento dominicano de Coimbra.

Ia-me, porém, esquecendo de dizer ao leitor que o santo fr. Gil está na attitude de querer esborrachar com os pés um diabão.

S. Lourenço Mendes, porém, empunha com toda a cautela e resguardo uma caixa contendo reliquias, e dinheiro não, pois no dizer dos chronistas os fundadores das ordens monasticas nenhum apreço davam ao dinheiro, e sua esperança estava sempre depositada na Providencia

---

ral: e da parte do Santo acudir-lhes como avogado e padoeiro. segundo o que a seu hospede disse na ultima hora.

Esta correspondencia está tão provada e provada com acontecimentos entre todos os homens que neste Reino cursão o mar, que sendo os navegantes sem numero, quasi não ha nenhum que se não confesse por obrigado a este Santo.

E o que mais lhe devemos he que nos milagres dos outros Santos nunca acabamos d'estar certos do bem, nem livres do medo senão depois de alcançado o effeito d'elles; mas S. Pero Gonçalves em sendo chamado acode logo com luz, como em penhor de sua assistencia, a qual enche de esperança os affligidos tão certa, que logo se dão por remediados e salvos, por grande que seja o trabalho. E nãs ha homem que possa dizer, que depois de visto o santo pharol, fizesse naufragio.

É este farol um lume como de huma vela, a qual não toma logar certo na nau: ora apparece sobre os mastros, ora nas gaveas, ora nas entenas, e ás vezes sobre logares mais baixos dos navios; e o ordinario he não se ver senão em tempestades de grande perigo,

Tanto que apparece, logo toda a nau lhe dá as graças com grita e alegria dizendo. Salva, Corpo Santo: porque na linguagem ordinaria dos mareantes portuguezes por este nome de Corpo Santo he conhecido São Pero Gonçalves.

E com este titulo lhe são dedicadas algumas Igrejas, e muitas capellas, altares, confrarias.

divina. E esta nunca faltava a seus servos, pois quando não havia de comer nas communidades, appareciam inesperadamente paranymphos celestiaes com cabazes de pão, e ás vezes tombem com deliciosas eguarias.

Mas aqui está a portada da Chronica dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho. Caspité, que lindeza!

Sim, amigo leitor, é lindissima. Quantos e quantos auctores de livros não desejariam que seus editores lhes mandassem pôr nos seus livros portadas tão lindas como esta!

E que me diz o amavel e querido leitor ácerca da portada da Chronica dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho?

E assi como entre nós cá no mar Oceano tem este appellido: no mar Mediterraneo, e entre os italiannos he conhecido pelo sobrenome, que he Telmo: e chamão lhe lá os marinheiros San Telmo: e com este faz d'elle memoria hum celebrado poeta seu dizendo: *Il diziato fuoco di San Telmo.*

E com o mesmo guarda um castello na fortissima ilha de Malta, escudo e propugnaculo dos reinos de Sicilia e Napoles. Que como aquella Religião traz sempre navios no mar, tambem lhe reconhece obrigação como todos os mais navegantes.

... Que os cometas sejão pronostico da indinação do Ceo contra os peccadores, ninguem o pode testemunhar com mais verdade que o reino de Portugal.

Bem o vimos no temeroso raio, que no anno de 577 estendido sobre este Occidente com uma grande cauda farpada em fórma de açoute pronosticou claramente o lamentavel fim da jornada d'El-Rei D. Sebastião: e principio das lagrimas que ainda hoje não estão enxutas n'este Reino, nem mostram esperança de se enxugarem jamais.

E todavia o arco e os cometas procedem de causas naturaes.

Nem mais nem menos, sendo obra da natureza os pequenos lumes que se veem nas naus, podem tambem ser milagroso indicio de favor que Deus quer usar com os atribulados fieis seus servos, por merecimentos do fiel servo seu e grande Santo S. Pero Gonçalves.

Que lindeza.

Queira, pois, o amavel e querido leitor olhar para o Salvador do Mundo que se vê no alto da folha. Lá está o Pae do Ceo empunhando um globo sobreposto por uma cruz.

E permitta-me o leitor que eu diga sobreposto, embora os galli-parlantas digam *encimado*.

A' direita contemplamos um S. Marcos, fundador dos conegos regulares em Alexandria. O santo está sentado sobre uma fera que parece um leão, e acha-se como que escrevendo n'um livro. E do lado opposto temos um S. Thiago Menor, fundador dos conegos regulares em Jerusalem.

Que se os demonios por permissão divina fazem algumas vezes maravilhas que arremedão o poder de Deus, como lemos que obrarão em Egypto: mais de crer é que as faça o mesmo Senhor em honra e credito de seu Santo, ou ordene e mande que as naturaes sejão como uns corredores e embaixadores da piedade que quer usar com os atribulados.

Quanto mais que he cousa certissima que muitas vezes se deixa ver o mesmo Santo em sua propria figura.

E o que excede todo o encarecimento do muito que elle vale com Deus, e nos prova com evidencia palpavel serem estes lumes miraculosos, e sobre a natureza, é que depois de desaparecidos, ficam muitas vezes sinaes e reliquias de cera que ardeo em cima das gavias, e em outras partes em tempo de perigo.

E conhecemos em Lisboa um piloto da carreira da India, que com veneração e devoção mostrava um barrete bem sinalado de pingos de cera verde, que affirmava recebera n'elle, tendo-o na mão quando em meio da tempestade salvava o lume santo que pelo alto apparecia.

E na cidade de Lagos no Reino do Algarve é fama publica que em um templo do Santo, que ali ha, onde é venerado com o nome de Corpo Santo, apparece muitas vezes em noites de inverno tormentosas um lume mui claro e resplandecente, que não sómente se deixa bem ver, mas alumia parte do coruchéo.

E como é visto, se lhe faz salva com repiques de todos os sinos da cidade.

O santo está de joelhos, e apoiando-se n'uma especie de bordão, mais delgado em cima do que em baixo, ao qual nossos maiores davam o nome de cachamorra.

Esta palavra, porém, já se não usa em Lisboa, e emprega-se a palavra badine, que vem do francez Badiner. Todavia ha muita differença entre cachamorra e badine.

Por baixo de Santo Iago vemos erguido e não curvado ou ajoelhado a imagem de S. Theotonio, primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra.

Sua mão esquerda sustenta um baculo; a direita um globo estrellado, e aos pés ergue-se a mitra, pois tinha honras quasi episcopaes.

E affirmam que, passada a tormenta, se tem achado sobre o corucheo muitos signaes de cera ardida.

E para mais confirmação d'esta opinião é cousa averiguada, que havendo na cidade outros logares e campanarios de altura egual, em nenhuma se vio nunca tal lume: vendo-se muitas vezos no logar que temos dito, e tambem na torre dos sinos da mesma egreja, e algumas vezes em ambas as partes juntamente.

E d'estes apparecimentos assim uniformes por toda a parte devia nacer que nas suas pinturas em altares e bandeiras se lhe poem na mão uma vela acesa.

Dos mesmos, fazerem lhe os homens do mar não só festas e procissões, em que levão sua imagem com solemnidade em andores e ombros: mas levantarem-lhe igrejas, ermidas, capellas e confrarias por todo o reino.

Em Lisboa, alem da ermida propria, que tem no bairro a que se dá nome de Corpo Santo, tem capellas e confrarias no convento de S. Domingos, nas egrejas parochiaes de S. Miguel e S. Estevão de Alfama, e na egreja das Chagas.

Na cidade do Porto, na freguezia de Massarellos, ha uma boa egreja edificada em seu nome, como a que temos dito de Lagos; e em todas é celebrado e festejado com officios divinos, pregações e procissões: e não ha homem que cuide sair pela barra fóra, que em seu serviço se mostre tibio ou defectuoso; e para dizer-mos tudo em uma palavra, este Santo é o espirito e animo dos mareantes do reino de Portugal.»

No centro, e sob um docel, vemos o padre Santo Agostinho, dando a seus filhos espirituaes a regra da Ordem, e n'ella podemos ler aquellas palavras out'rora tão conhecidas—ANTE OMNIA, PATRES CHARISSIMI.

E á direita ergue-se um rei empunhando o sceptro.

Quizera ter elementos bastantes para com segurança poder asseverar se as portadas das chronicas referidas são obra de nacionaes ou de estrangeiros: mas não possuo elementos sufficientes para o poder fazer.

E nos mesmos casos estou em quanto á portada da Chronica dos Carmelitas descalços por fr. João do Sacramento.

A portada do segundo volume d'esta historia é bastantemente historica.

No alto a Virgem Maria com seu filho ao collo. Anjos em volta, e por baixo a legenda Vivet Carmeli candidus ordo mihi. A' direita do leitor um anjo segurando com a mão direita uma palma, que estende por cima d'uma corôa sob a qual da direita e da esquerda se vê o emblema da Ordem do Carmo.

Vê-se o monte Carmelo com suas egrejinhas e habitaçõesinhas.

Este é defendido á direita por Thereza de Jesus ERECTRIX (fundadora) e por S. Elias, Fundator, fundador.

Porém o primeiro volume da Chronica da Companhia de Jesus tem uma portada pela qual se prova até á evidencia que n'ella andou mão d'artista portuguez. Francisco Vieira Lusitanus Invenit, se lê á esquerda do leitor: Fran.° Harrewyn Sculp: Lisboa.

É bonita a portada, e talvez mais imaginativa do que todas as outras que anteriormente citei.

Á esquerda no alto vemos um anjo com a legenda RESTITUET OMNIA.

Á direita um anjo vestido de guerrendo, embora

atado, recostando seu braço sobre as armas de Portugal.

Sua mão esquerda está estendida, e ao mesmo tempo estende uma vara, que empunha por cima da cabeça d'uma dama magestosa e ricamente ataviada.

Esta dama segura com a mão direita um grilhão, com o qual tem preso um velho bem apessoado, e preso pela extremidade do grilhão.

Ao lado esquerdo da referida e gentil dama uma outra sustenta com a mão, na qual tem como penna, uma especie de quadro, onde se lê Historia Ecclesi.

E um pouco mais baixa, e como quem está sentada, se vê outra dama empunhando uma penna, e na attitude de quem está escrevendo.

Um velho horrendo á direita, de barbas compridas, e segurando uma especie de remo se vê de horrenda catadura, e por detraz d'este horrendo velho, uma dama gentil e garbosa estendendo os braços offerece grilhões ou cadeias á dama gentil que é a figura que n'esta portada mais dá nas vistas.

Francisco Xavier Freire trabalhou com certeza na portada do primeiro volume da Chronica dos frades menores da mais estreita e regular observancia da provincia do Brazil, composta por fr. Antonio de Santa Maria Jaboatam, e estampada em Lisboa no anno de 1761.

No alto, e debaixo d'um docel, se nos aresenta o thaumaturgo portuguez com o Menino Jesus ao collo, como é de costume.

O Santo tem seus pés assentes sobre um Orbe, o qual é uma especie de mappa chorographico da Provincia de Santo Antonio no Brazil, e n'esse mappa se veem as terras principaes que faziam parte d'uma tal provincia.

É um bello trabalho na realidade, e quasi impossivel de ser com exactidão descripto por meio de palavras. Que o leitor o veja com seus proprios olhos.

É imcomparavelmente mais singela a portada que precede o primeiro volume da Chronica de Cister por fr. Bernardo de Britto, edição de 1720, mas em bastante elegancia.

N'ella, porém, não se me deparou indicio algum pelo qual podesse pender para asseverar que o trabalho é portuguez ou estrangeiro. E o mesmo digo acerca da que foi estampada no rosto da Chronica d'el-rei D. João I por Fernão Lopes, isto é, que não posso por ella conhecer a nacionalidade d'aquelle trabalho.

Dá vontade de rir a casa do monge a tocar a sineta, e a olhar para el-rei D. Affonso Henriques de joelhos, e prestes a receber uma corôa que um anjo lh'e vem pôr na cabeça.

Nas Memorias dos Templarios encontramos por extenso o nome de Francisco Vieira Lusitano inven, e (sic) escul. Lisboa, 1728. E n'este mesmo volume encontramos o nome de Pedro de Rochefor., Lisboa, 1732 n'uma vinheta representando uma Bibliotheca, que talvez seja a da celebre Academia de Historia no reinado de D. João V, monarcha a quem as lettras portuguezas bastante devem.

E senão vejamos. No reinado d'este monarcha um individuo trabalhava por longos annos, e fazia uma obra digna de apreço, e da qual redundava bastante honra para o paiz.

Era apresentado ao monarcha, e recebia uma pensão para viver sem privações, e para se poder entregar a novos trabalhos litterarios durante o resto de sua vida.

Hoje um individuo rouba horas e horas ao traba-

lho que lhe podia render alguma cousa, gasta capitaes em livros, por isso que não póde contar com as bibliothecas n'este paiz. Procura empenhos para obter licença para dedicar a obra ao rei, consegue-a, e se tiver empenhos (mas só tendo-os) dão-lhe o diploma de cavalleiro da ordem de S. Thiago pelo qual tem de pagar como direitos de mercê uma quantia que não é relativamente muito pequena e nada mais... Oh philosophia do nosso seculo!

A fachada da Chronica da Conceição é das mais bellas que eu conheço. E' linda, e tambem por debaixo d'ella podemos ler Joseph de Almeida inv. et del. E depois d'um espaço em branco G. F. L. Debrie delineator et esculptor Reg. sculp. 1753.

A Virgem está no alto accompanhada d'anjos. Por baixo umas armas reaes, e por baixo d'estas o padre S. Francisco.

N'esta mesma portada vemos o padre Santo Antonio por baixo el-rei D. João V, e por baixo d'este a D. Pedro infante de Portugal.

E do lado opposto encontramos os retratos do rei D. Pedro II, de D. Joseph I e do infante D. Francisco.

Pelo contrario é mui simples a portada da rarissima Chronica dos eremitas de Santo Agostinho por fr. Antonio da Purificação, portuense.

Umas armas reaes são os unicos ornatos que n'ella encontramos.

Mas a portada da Chronica dos eremitas da Serra d'Ossa tem que analisar.

No pincaro d'um monte vemos uma singella capellinha. Um pouco mais abaixo uma especie de Thebaida frequentada de monges, dois de joelhos a resarem, outro sentado a ler, depois uma egreja com duas tor-

res, e a porta d'esta para um largo. Do artista, porém nenhuma noticia dá uma tal portada.

Porem na que precede a rarissima Chronica da Companhia de Jesus pelo P. Simão de Vasconcellos, lemos á direita em baixo da portada A Clewet sulp.

N'ella vemos uma nau de guerra artilhada, n'um mar encapellado, e aos lados aves e feras do Brazil.

Na Chronica dos frades menores do seraphico padre S. Francisco por fr. Marcos de Lisboa, bispo do Porto, é a portada singelissima. A tarja ou cercadura, porem, parece que não foi impressa com a folha, mas sim n'ella posta mais tarde.

Mas quem podera dizer com justiça que os frades foram inimigos das artes e das lettras!

Não estão as chronicas monasticas abarrotadas com as noticias do que fizeram os frades em quanto a construcções d'edificios, a bellas artes, e emquanto ao viver intimo e caseiro da sociedade portugueza.

Poderá por ventura algum escriptor que desejar escrever acerca dos feitos de nossos maiores prescindir da leitura das chronicas monasticas?

Quem escrevia n'outro tempo que não fosse frade?

Aqui diz-nos fr. Luiz de Sousa que a Misericordia de Lisboa dispendera, no anno de 1621[1] de 57:397 cruzados: e acolá que no tempo d'este grande prozador havia já ruinas em S. Domingos de Santarem[2].

N'outra parte que os medicos andavam com roupas largas[3].

A fol. 92 v. traz noticias interessantes a respeito dos espirros: e diz-nos que ao embarcar em Barcelona o

[1] Hist. de S, Domingos, liv. I, fl. 72 v,
[2] Id. id. vol. I. fl. 85.
[3] Id. id. I. fl. 85. v.

santo provincial fr. Gil, depois de levantadas as ancoras ao deferir das vellas soou um espirro entre os passageiros. E que fora cousa d'espanto a alteração e pavor que entrou juntamente em mareantes e mercadores por uma cousa tão natural e ordinaria, como é um espirro.

No mesmo tempo mandou que se tomassem as velas, e se largassem de novo as ancoras, dizendo que com tal agouro, nenhum sisudo se desabrigava da terra.

S. fr. Gil, porem, ergue a voz, e começa a reprovar com rasões santas, fundadas em Fé e Christandade, e no credito da providencia divina, que rege e governa todas as cousas: e dependendo todas d'ella, nenhuma tem força, nem poder em si, senão quanto ella lhe communica e concede, como suprema e ultima causa, que é de tudo. D'onde nasce que é vaidade e fabula dizer que ha agouro, ou hora minguada em tempo, caso, nome, animal ou successo.

Fr. Luiz de Souza aproveita o ensejo para alardear alguma erudição, e accrescenta: Que o successo do espirro que estes tomaram em agouro avesso, fôra nos tempos muito antigos recebido em contrario sentido, como aponta o principe dos poetas Homero em Penelope, de quem conta se alegrou ouvindo um espirro, quando Ulysses começou a executar a vingança de seus inimigos, e que o houve por estreia e signal de victoria.

D'onde ficava provado o engano e futilidade do agouro pela differença dos tempos e opiniões.

Accrescenta tambem o grande prosador dominicano que as historias menos antigas fazem menção de uma doença geral e tão perniciosa, que o homem que dava espirro, dava com elle juntamente a vida: e quando foi applacando, se um espirrava, e acertava ficar

vivo, acudiam os presentes a dar-lhe as emboras, sem mais rasão que o costume, posto já em posse e em termo de cortezia.

O author, porém, d'esta historia dos frades em Portugal o que póde asseverar é que, ainda ha uns vinte annos atraz, sempre que ouvia alguma pessoa espirrar, exclamava: *Dominus tecum!* E toda e qualquer pessoa praticava o mesmo, sempre que ouvia espirrar alguem.

O author da Chronica dos eremitas de Santo Agostinho da-nos noticias da commemoração da batalha de Aljubarrota, commemoração que todos os annos era festejada e com sermão na egreja conventual da Graça em Lisboa. [1]

Gomes Eannes d'Azurara, a pag. 221 da sua chronica do conde D. Pedro assevera que o arcebispo de Braga D. Martinho tivera uma filha por nome D. Margarida. [2]

Fr. Fernando da Soledade a pag. 181 da Historia Serafica affirma que os anjos n'um convento da Ilha da Madeira iam fazer de comer a um frade alli residente, emquanto elle estava entregue á oração. E o chronista accrescenta:

«Esta mesma cosinha serve hoje de capella, aonde se celebra o sacrosanto sacrificio da missa. N'ella existe a mesma chaminé, panellas e mais instrumentos, de que os anjos usavam n'aquelle ministerio, e por maior lembrança do prodigio estão estes de vulto mexendo e cozinhando.»

Este mesmo chronista nos diz que, para apagarem

[1] Chronica, vol. II, fol. 215.
[2] pag. 221.

os incendios deitavam n'elle bolsas com reliquias, as quaes depois se encontravam intactas.[1]

E que outras vezes os padres caminhavam com o SS. Sacramento para o lugar do incendio e que este se apagava. *Id. id.* pag. 213.

E a pag. 216 tambem nos assevera: Que o oleo das lampadas, posto em frente das imagens tambem, fazia curas.[2]

«O religioso[3] é como o Nilo, rio no Paraizo, que sahindo fôra do seu leito, enche de lodo todos os campos do Egypto.

Muito mau prognostico sempre fareis d'aquelle religioso, que, sem necessidade urgente, anda continuamente nos palacios, e se envolve em multiplicados negocios.

Pela Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho, composta por fr. Antonio da Purificação (vol 1, fol. 69) sabemos que a gente desde tempos immemoriaes estava do costume de mandar dizer sete missas a Santa Monica—por filhos travessos, maridos esperdiçados, e pela paz domestica ou publica.[4]

O chronista franciscano fr. Pedro de Jesus Maria na sua Chronica da Provincia da Conceição[5] ao tractar do convento de S. Francisco em Vianna, nos da noticias exactas para bem conhecermos aquelle genero de dia-

---

1 Fr. Fernando da Soledade: Historia Serafica, vol. I, pag. 212.

2 *Id. id.* pag. 216.

3 D Hyppolito Falcone: Narciso á fonte. Lisboa, 176, pag. 136.

4 Fr· Antonio da Purificação pretende demonstrar que os eremitas de Santo Agostinho são muito mais antigos do que os bentos.

5 Vol. II, pag. 531

bos aos quaes os mysticos dão o nome de TRASGOS. E o author exprime-se do modo seguinte:

«Occasião houve, em que o infernal inimigo conseguiu que houvesse sua quebra na falta do silencio, alterando-se de sorte as vozes, que se formaram algumas contendas; e, supposto que não foram senão de palavras, como com ellas se violava o mais sagrado d'uma casa tão santa, qual é a observancia do silencio (pois sem esta virtude não póde haver religião nem communidade reformada) tomou Deus por sua conta a reprehensão, pois se ouvio logo uma voz tremenda, e formidavel da parte do adro, que dizia: *Ah Frades! Ah Frades!* E levantando de ponto ao modo que ia subindo para o alto do monte ia repetindo com espanto as mesmas palavras.

Estas, como se fossem o mais medonho trovão, fizeram tal éco nos culpados que todos cahiram por terra atemorisados; e assim estiveram até que o Senhor, que tão amorosamente os castigou, lhes deu alentos para se levantarem não menos confusos, que arrependidos, dando-lhe ferverosas graças por este beneficio, que de sua liberal mão tinham recebido.

Outro lhe fez depois o mesmo Senhor em os livrar de uns espiritos malignos chamados *Trasgos*, que são uns demonios cazeiros, que de ordinario fazem travessuras, e com estrondos inquietam as casas, em que habitavam, atiram com pedras, sem offender com ellas, derrubam mezas, e revolvem louça, e vidros sem os quebrar; e ás vezes os quebram, tiram roupas das camas, e fazem peças, ora ridiculas, e ora pezadas, e sempre fariam mal se Deus lh'o permittira.

No convento franciscano das Virtudes tambem havia um diabo que fazia partidas galantes a um pobre fradinho.

O mafarrico apagava-lhe a candeia na cella, tirava-lhe o que lhe levavam para comer, e punha-o na janella da cella da parte de fóra.

Na enfermaria o tirava da cama, e o punha debaixo do leito tão composto, na fórma que estava em cima d'elle.

Perguntando-lhe pelo motivo d'estes successos, só respondia ser obra do inimigo, dizendo *Inimicus homo hoc fecit.*

Seu actual exercicio era o estar com as contas na mão sempre resando, e de crer é que o fervor da sua oração seria toda a causa do demonio lhe fazer tanta guerra.

Pelo menos o chronista assim o diz.

Porem foi na casa dos fidalgos de Santar que o diabo praticou uma pantomimice de primeira ordem.

Invejoso o infernal inimigo das virtudes que via postas em pratica n'aquella casa tão fidalga, lh'as pertendeu embaraçar.

Para melhor o conseguir solicitou introduzir-se por domestico na mesma casa, e para isto tomou a figura d'uma pobre donzella bem parecida, e desamparada da fortuna, de sorte que a natural compaixão, que conhecia na dita fidalga, se movesse a fazer-lhe a offerta, que pertendia a sua diabolica malicia, de que a admittisse ao seu serviço.

Não foram para isto necessarias muitas diligencias, porque a fingida donzella fez tão bem o seu papel, que as creadas da casa, logo que a viram á porta a pedir esmola, vendo-a com tanta modestia e formosura, ainda que escurecida com a muita pobreza, que mostrava, a julgaram por digno objecto da piedade e misericordia de sua ama, e da caridade fervorosa, que com todos usava.

Deram-lhe logo parte da forasteira e das circumstancias, que n'ella se manifestavam, o que só bastou para o coração compassivo da fidalga se mover á compaixão, e desejos de a favorecer.

Mandou-a vir á sua presença; e condoendo-se da sua necessidade e do perigo que teria a sua honestidade, andando de porta em porta, lhe fez liberal offerta da sua casa.

O demonio, que não pertendia outra cousa, se mostrou muito agradecido a este beneficio, e o acceitou com as demonstrações, que sabe fingir a sua astucia e malicia.

Com ella entrou a cuidar com tal disfarce do serviço da casa, indo pouco a pouco mostrando tão grande habilidade para tudo, quanto lhe ensinavam e ordenavam, que a todas as cousas dava pontual satisfação, mostrando raras prendas com vantagem notavel ás mais servas.

D'este modo soube grangear de sorte a vontade da fidalga, que de creada passou a aia, e de aia á sua maior confidente.

Vendo-se n'este valimento, entrou sem demora a dominar-lhe a vontade, e fez tão bem o seu officio, que em breve tempo a foi despersuadindo da frequencia dos Sacramentos e exercicios virtuosos, que costumava, com que veiu a cahir em muitas culpas e maldades, que interiormente lhe persuadia.

N'este miseravel estado a foi conservando, esperando que chegasse a sua morte para lhe fazer presa na alma, que era o principal intento da sua pertenção, e o premio de todos os serviços, que alli tinha feito.

Chegou em fim a ultima hora da vida d'aquella fidalga, e juntamente a occasião de S. Francisco lhe acudir na maior necessidade, como a quem tinha sido tão

singularmente sua devota e bemfeitora de seus filhos. Chamaram á porta dois religiosos, que depois se intendeu ser o serafico patriarcha e o glorioso Santo Antonio, que muitas vezes em similhantes emprezas tem sido o seu companheiro.

O demonio, que andava cuidadoso no seu officio, presentindo religiosos á porta, acudiu logo a despedil-os na figura da fingida donzella, que tinha tomado, temendo que a sua chegada lhe tirasse das garras aquella alma, que tinha por segura.

Pediram os religiosos que queriam fallar á fidalga: porém o astuto inimigo com varias razões lhes persuadia não ser occasião de o poderem fazer.

Instavam elles, que tinham negocio de grande importancia que lhe communicar, que não soffria dilação, e assim lhe queriam fallar: porem o demonio com mais efficacia os desvanecia da sua pretenção: e temendo que elles com as suas instancias o conseguissem, se retirou fazendo algumas diligencias, para que a moribunda acabasse a vida, apertando-lhe o coração.

Mandaram-lhe os religiosos dizer logo por uma creada, que, sem demora, lançasse fóra de casa aquelle demonio, que tinha á cabeceira,

Deu-se o recado pontualmente, e o mesmo foi ouvil-o a fingida donzella, que dar o demonio um grande estalo, com que desappareceu á vista dos que estavam presentes, que, admirados do successo, chamaram logo os religiosos.

Certificaram estes á fidalga o engano, em que até ali tinha vivido, e dispondo-a com espirituaes documentos, se confessou e sacramentou com muita devoção, acabando a vida com signaes de eterna predestinação, assistindo-lhe até o ultimo fim d'elle os dois santos, que a tinham vindo soccorrer n'esta necessidade em figura de religiosos d'este convento.»

O chronista dos capuchos diz de si: «... Se eu parecer grosseiro no modo de explicar-me, tenho a desculpa á vista, pois confesso a minha baixa condição, e é o que podia dar de si um homem de pé descalço, coberto de remendos, e que descorre sentado em cortiças, e escreve sobre uma banca tosca de grosseiro pinho.»

E' bom, porém, que de vez em quando nos lembremos do que se tem praticado em paizes estrangeiros, para darmos troco áquelles estrangeiros que mofando nos acoimam de intolerantes e de fanaticos.

E eis um exemplo muito a proposito, e escripto por uma distincta escriptora estrangeira, nada menos que Madame Stendhal, que a pag. 83 do primeiro volume da sua obra *Promenades dans Rome*, diz o seguinte:

«Em 1824 um cortador d'um açougue foi condemnado em Roma ás galés por ter vendido carne n'uma sexta-feira.

Pela mesma epocha na França dois viajantes foram condemnados á multa de duzentos francos, e a 15 dias de prisão por ter comido carne á sexta-feira.

Em 1825 um rapaz foi condemnado á morte por ter assassinado um padre, segundo se dizia. Mas ao caminhar para o supplicio o rapaz ia gritando com toda a força, que estava innocente.

O povo, porém, respondia-lhe: *Filhio pensa a salvar l'anima: del resto poco vale.*

O bispo de Silves D. Jeronymo Osorio na sua obra *De nobilitate Civili et Christiana*, clama contra as touradas. [1]

«Tambem n'esta edade na Hespanha, quando nos jogos publicos por todas as partes enterram ferros nos

[1] Lugduni. 1609, pag. 187.

touros, aquelles touros que fazem grande mortandade, são havidos como touros famosos e reputados por serem dignos d'um apreço não vulgar.

E assim por tanto aquelles homens nobres que, impellidos pela loucura, correm para a sua morte, obteem applauso da imperita multidão: gloria, porém, que conjunctamente com a d'elles, tambem é commum aos sordidissimos gladiadores, aos leões, ás pantheras, e finalmente tambem aos touros.» [1]

Na Saboya um dos gravames do povo era obrigar os moradores de certos logares a fazerem rondas ou velarem todos as noites nas margens das lagoas para evitarem o coaxar das rãs, emquanto o bispo estava dormindo:

O bispado de Genebra tinha o direito de succeder nos bens aos que morriam sem filhos, aos quaes era probibido, como se fossem escravos, dispôr d'alguma cousa de seus haveres. [2]

Em Portugal os negocios publicos eram analysados, criticados e approvados ou reprovados no pulpito. Por outras palavras, servia o pulpito ha seculo e meio atraz, para o mesmo que servem hoje os jornaes. [3]

E todos sabem que do pulpito censurava um pregador a D. Pedro II por haver casado com a cunhada:

---

[1] Hac etiam aetate, in Hispania, praesertim, quum in ludis publicis undique spicula in tauros intorquentur, illi qui magnam hominum stragem edunt, egregii tauri atque non vulgari pretio digni reputantur. Sic igitur homines isti nobiles qui amentia praecipiter in sevitium ruunt, ab imperita multitudine laudem assequuntur: sed eam laudem quae sit illis cum impurissimis gladiatoribus, cum leonibus, cum pantheris, atque postremo cum tauris etiam communis.

[2] Vida de S. Francisco de Sales. Lisboa. 1791, vol. I, pag. 219.

[3] Barbosa Machado: Memorias d'el-rei D. Sebastião, vol. III, pag. 606.

Todas as noites homens embuçados armavam luctas cruentas, nas quaes o homicidio não era raro. [1]

Muitas vezes os frades faziam as vezes de embaixadores, e fr. André da Insua foi mandado por el-rei D. Sebastião á Hespanha, para ali tractar dos seus negocios.

Um frade franciscano, no convento de Valle de Piedade, em Villa Nova de Gaya, fronteiro á cidade do Porto, estava n'uma sexta-feira, mui ancho na cella tomando um caldo de gallinha.

Chega, porém, um leigo, empurra a porta da cella, e dá com um tal espectaculo!

O leigo, porém, não se póde conter, e exclama: Ah senhor frei Anthero! Hoje... á sexta-feira...

—E' verdade: pequei! exclama o frade franciscano.

E ao mesmo tempo desanda um estrondoso sopapo nas bochechas do leigo: é por tua culpa, continua o frade, pois o teu aviso chegou ou tarde de mais, ou cedo de mais.

D. Francisco Manuel de Mello no seu excellente livrinho Carta de Guia de Casados, conta o seguinte caso:

Solicitava com esquisita importunação em Roma a beatificação da veneravel matrona Margarida de Chaves um seu filho.

Tinha o papa Paulo V remettido a causa a certo cardeal, que já andava tão temeroso do requerente, que, em o vendo, fugia d'elle.

Succedeu chegar a fallar-lhe um dia, estando o cardeal mais que outros enfadados. E, havendo-lhe lembrado, como costumava, seu negocio, lhe respondeu:

---

[1] Chronica d'el rei D. João II, liv. II, capitulo VI.

Senhor: não nos cansemos em provas da santidade de vossa mãe. Provai sómente que vos soffreu, que o papa a declarará logo por Santa!

A madre soror Maria do Céo, abbadessa do mosteiro da Esperança em Lisboa, como talvez nenhuma outra cousa tivesse que fazer, matava o tempo fazendo versos:

GINJAS SIGNIFICAM SAUDE

He a ginja saude
Porque para os enfermos tem virtude,
He gorda e córada,
Por isso na saude figurada,
He a doente e são regalo pleno,
Maná das fructas, mimo de Galeno,
Para curas lhe buscam os caroços,
Porque dos bons se estimam até os ossos,
E d'estes na virtude que produz,
Se adora a cinza. quando acaba a luz,
Que o virtuoso para maior gloria,
Jaz no sepulchro, e vive na memoria.

Jasmin significa perigo.

O jasmin, he perigo, aqui se veja,
Mas que flor haverá que o não seja?
He bello na candura,
E tem muito perigo a formosura;
He flor mui delicada,
Circumstancia que a faz mais arriscada,
Presumido de Estrella o notarão,
E tambem tem perigo a presumção.

Ó tu Jasmin com alma,
Que a vida passas n'esta tibia calma,
Tem cuidado comtigo,
Porque tudo na vida he um perigo.

A Gazeta de Lisboa do anno de 1731 diz-nos que no mez de março se fizera em Villa Real, uma procissão geral de penitencia, em que appareceu toda a nobreza e povo, com cordas ao pescoço e coroas de espinhos na cabeça, chegando a 962 o numero dos penitentes. [1]

No volume primeiro, pag. 416 da Academia dos Humildes e Ignorantes se diz que a comida de carne de tigre é preservativo contra as bexigas.

O padre fr. Manoel dos Anjos a pag. 17 de sua Historia Universal assevera que havia algumas pessoas que não queriam que se chamasse morto a el-rei D. Sebastião, e falla-nos da ilha Antilia.

Diz-nos o padre frei José Pereira de Santa Anna na vida da madre Perpetua da Luz, carmelita do convento da Esperança de Beja—«que os habitos d'aquellas madres pareciam então relaxados. E pelo mesmo sabemos que em 1719 usavam as freiras de toucados vaidosos.

Achava-se mui gravemente enferma uma pessoa d'alta gerarchia em Villa do Conde, e mui carregada de dividas.

Chegou o confessor, e ella a dizer-lhe com grande consternação:

Ah! Se Deus Nosso Senhor quizesse dar-me vida até eu pagar as minhas dividas: que consolação não seria a minha!

---

[1] Gazeta de Lisboa, anno de 1731, pag. 104.

É natural, acode o confessor, que Deus Nosso Senhor lhe prolongue a vida para um fim tão santo!

Ah! meu padre, acode a doente; se isso assim fôr, creio que vou ser immortal.

Queria confessar-se uma mulher honrada a um frade velho e rabugento.

E como ella começasse a dizer a confissão em latim, perguntou-lhe o confessor:

Sabeis latim?
Respondeu: Padre, criei-me em mosteiro.
Tornou-lhe a perguntar: Que estado tendes?
Respondeu-lhe: casada.
Onde está vosso marido?
N India, meu padre.

Então com agudeza acudiu o velho: Tende mão, filha. Sabeis latim; creastes-vos em mosteiro: tendes marido na India. Ora ide-vos embora, que vos é força que tragais muito que dizer; e eu estou hoje com muita pressa.

Certo pregador em Lisboa no anno de 1880 pregando, de tarde, na egreja parochial da Conceição Nova, exclamou:

Quando vejo um homem com um jornal republicano nas mãos, dou parabens a mim mesmo por ser tão grande o numero dos que em Portugal não sabem ler!

O author da Chronica da Conceição [1] agasta-se contra os que não eram promptos em cumprirem os legados.

---

[1] Vol. I pag. 647.

Joanna Velosa (diz este Chronista) da cidade de Vizeu, que faleceu pelos annos de 1680, deixou no seu testamento a verba seguinte:

Declaro que me paga o Mello de Tondella de dois em dois annos, dois alqueires de azeite e quatro quartilhos; e porque a tenção de meus antepassados, e minha era dal-os por devoção para a alampada dos religiosos de S. Francisco do Monte, os deixo agora á minha sobrinha Elena de Figueiredo, para que me faça mercê por devoção de os dar para a alampada da capella do Senhor de S. Francisco do Monte.

Até o presente, diz o chronista, se tem pago este legado sem falencia.

Com o tempo o teve outro, que instituiu o abbade de Carvalhaes Pedro Gomes de Abreu, que já era fallecido no anno de 1679, o qual deixou em seu testamento hypothecado um olival ao padre Manuel Rodrigues, capellão da Sé, com o encargo de dar a este convento um alqueire d'azeite cada anno para a alampada do Santissimo Sacramento.

Assim se executou até o anno de 1702, e nos consta que o não se continuar com a satisfação d'esta obrigação, foi por se não cuidar na conservação do dito olival, que talvez a omissão de a satisfazer pontualmente de todo o acabasse, que é o que ordinariamente succede ás fazendas, a que andam annexas similhantes obrigações, cujos possuidores não lhes faltando cuidado para as desfructar, de todo se esquecem de cumprirem com as ultimas vontades de quem lh'as deixou, o que só basta para de todo se destruirem e acabarem, como a experiencia repetidas vezes o tem mostrado.

O chronista ainda por algumas paginas continua a exemplicar e a lastimar-se da falta do cumprimento dos legados.

Eu, porém, vou fallar com o amigo leitor ácerca dos mosteiros que desde Santa Apolonia até ao Beato, bordavam a margem do Tejo, n'um sitio em que tão melancolico se mostra, e tanto a calhar para a organisação do portuguez scismador, e que se lembra que Portugal foi grande e respeitado!

E quantas vezes não tenho eu ido de proposito, a pé desde Santa Apolonia ao Beato, comtemplando com verdadeiro prazer a margem opposta do Tejo, e aquellas tão deslumbrantes maravilhas da natureza, e conjunctamente revolvendo no cerebro milhares de factos historicos que por estes e aquelles sitios occorreram.

O convento, porém, de Santa Apolonia, não ficava no seculo passado, dentro da cidade de Lisboa, mas sim fóra de portas, e não mui longe do convento dos Barbadinhos, que lhe ficava do lado opposto, mas no meio d'uma calçada.

Historico é tambem o convento de Santa Apolonia. [1]

Pertence este convento ao numero dos mais modernos, pois, segundo nos assevera a Gazeta de Lisboa, foi erecto no dia 6 de fevereiro de 1718, por bulla do Papa, e era considerado como recolhimento.

No dia referido professaram n'elle a primeira regra de S. Francisco quatorze recolhidas, treze com veu preto, e uma com veu branco, porquanto o Papa tinha permittido que podessem professar logo todas as que tivessem dez annos de recolhimento, observando todas na ordem da profissão a das suas antiguidades.

---

[1] A egreja, como já se disse, é uma mercearia, ou tenda pertencente á companhia do caminho de ferro de leste e norte.

A primeira na profissão ficou sendo abbadessa do convento.

Assistiram a esta funcção e ás seguintes o conego Joseph Ferreira Souto, por commissão do reverendo cabido da Sé Oriental, e pregou com a exposição do SS. Sacramento, e musica o padre fr. Thomaz da Assumpção, religioso arrabido.

A rainha visitou no mesmo dia de tarde o novo convento acompanhada das suas damas.

Na segunda feira se celebrou na dita egreja a festa de Santo Ignacio de Loyolla, fundador da Companhia de Jesus, em reconhecimento de haverem alcançado esta graça da Sé Apostolica, por sua intercessão, havendo-o para este effeito invocado as recolhidas por seu protector.

Prégou com o Senhor exposto o padre mestre Joseph da Costa, religioso da mesma Companhia.

De tarde se lançou o veu a quatorze noviças, das quaes, na fórma da bulla da ereção, teriam só seis mezes de noviciado, as que tivessem seis annos de reclusão.

Na terça feira se festejou o patriarcha S. Francisco, prégando o padre mestre fr. Joseph do Natividade, religioso da SS. Trindade.

No quarto dia se fez a festa de Santa Apolonia, a quem a egreja era dedicada, sendo panegyrista fr. Francisco de Brito, religioso de Santo Agostinho.

Do que as freiras d'este mosteiro se podiam gabar, era de que poucos e bem poucos das janellas gosavam um espectaculo tão deslumbrante, como era o de Santa Apolonia.

E deslumbrante foi tambem a festividade que em honra e louvor da Immaculada Conceição de nossa Senhora celebraram o juiz e mais mordomos da mesma

festividade, no convento das Religiosas de Santa Apolonia d'esta capital, no decurso da novena e dia da Santissima Virgem, 8 de dezembro de 1817, em acção de graças pelos relevantissimos beneficios, que este reino tem recebido por intercessão da sua Augustissima Padroeira. [1]

Os prégadores foram os afamados d'aquelle tempo:

29 de Novembro, P. José Agostinho de Macedo.
30 de Novembro, Fr. José de Almeida, professor de Philosophia.
1 de dezembro, Vicente de Santa Rita Lisboa.
2 de dezembro, Fr. José de N. Senhora Torres, prégador régio.
3 de dezembro, Beneficiado Diogo dos Santos Mello.
4 de dezembro, Fr. José Machado, prègador régio.
5 de dezembro, Fr. José Maria, prégador règio.
6 de dezembro, P. José Agostinho de Macedo.
7 de dezembro, o dominicano Fr. Antonio Ozorio.
8 de dezembro, manhã, P. José Agostinho de Macedo.
9 de dezembro, tarde, Fr. José d'Almeida Drake.

A musica da novena era composição do professor fr. Manuel Gaspar, frade graciano. E no dia da festa toda a musica do regimento n.º 4 tocava n'um coreto á porta da egreja.

---

[1] Existe um folheto em 4.º com 23 paginas, estampado na Imprensa Regia, no anno de 1818, não só descrevendo os festejos, mas tambem dando conta das esmolas distribuidas por 473 pobres, as quaes sommaram 23$630 réis. E as praticas e sermões importaram em 47:040 réis. E com a musica para noite e festa gastaram 106$480 réis.

A missa solemne foi cantada pelo D. Prior de Guimarães.

E deu-se tambem um grande jantar aos pobres, no pateo do Senhor de Pancas, proximo á egreja.

O jantar foi destinado para trinta mulheres pobres, e trinta homens pobres.

Constou de sopa, arroz, vacca cosida, toucinho, chouriço, hervagem, carneiro guizado, nabos e pão: e para sobre meza, maçãs, queijo, e figos.

Cada um comia quanto queria, pois ninguem lhe marcava ração. E, acabado o jantar, fizeram uma saude a el-rei D. João VI, cujo retrato estava presente, e cada um tambem recebeu um tostão de esmola.

Para as religiosas, porem, aprompton-se um jantar de peixe, de tres qualidades. E tambem se lhes mandou uma arroba d'arroz, e um alqueire de grão. E ás religiosas de Santa Monica foram remettidas 19 rações em cru.

Depois, e não a muitos passos de distancia, encontra-se no fundo d'uma travessa, o recolhimento de Lazaro Leitão, com a sua capellinha, onde ainda ha uma festinha annualmente.

E a poucos passos de distancia avista, tambem á esquerda, o mosteiro e egreja das commendadeiras de Santos, tambem com um grande numero de janellas que deitam para o Tejo.

E quantas e quantas vezes não iriam os diabos tentar as moradoras d'aquelle mosteiro para deixarem a oração, e irem ver o magestoso espectaculo d'um temporal no Tejo, quando as vagas rugiam como leões!

Tendo o principal da Santa Egreja patriarchal Lazaro Leitão Aranha fundado com approvação d'El-Rei um novo recolhimento, quarenta e duas cellas, coro, jardim, horta, agua e todas as officinas necessarias para

viverem viuvas pobres e honestas, que entrariam sem dote nem comedoria, por lhe ter consignado de suas rendas patrimoniaes todo o preciso para uso do refeitorio, como jantar e ceia, capellão, para missa quotidiana, confessor, medico, cirurgião, botica, com animo de lhe applicar por sua morte renda maior, se a experiencia lhe mostrasse ser precisa para sua conservação, no qual poderia haver tambem meninas nobres com o titulo de porcionistas, pagando ellas as suas comedorias; para n'elle se educarem e aprenderem as artes competentes ao seu officio, foi el-Rei servido por sua resolução de 12 de junho tomar este recolhimento debaixo da sua protecção.

A rainha o visitou no dia 3 de julho, em que entraram dez viuvas e sete educandas, havendo o mesmo fundador dito missa, nomeado os cargos da communidade, e entregando á regenta os estatutos d'esta fundação, que todas prometteram observar, e beijando a mão á Rainha subiram para o coro, d'onde assistiram á missa cantada e sermão que pregou fr. Luiz da Gama, prior do mosteiro da Penha Longa, da Ordem de S. Jeronymo. [1]

Cumpre, porem, dizer, antes de passarmos para mais longe, algumas palavras acerca do tal convento que eu disse ficar muito perto do mosteiro de Santa Apolonia.

Ergue-se na travessa dos Barbadinhos, e na cerca existe o reservatorio da companhia das aguas.

Os taes Bardinhos, eram capuchinhos italiannos, os quaes se congregaram em Lisboa com licença d'el-Rei D. Pedro II, no anno de 1686, para d'aqui disporem as

[1] Fr. Claudio da Concrição: Gabinete Historico, vol. X pag. 172.

missões para as conquistas portuguezas. E para tal fim vinham de varias provincias da Italia, e se sugeitavam a um superior.

Alojaram-se primeiramente na citada egreja do Paraizo, templo tão frequentado de aristócratas. Porem depois el-rei D. João V lhes deu sitio, então fóra da cidade, dando-lhes por esmola cincoenta mil cruzados.

A primeira fundação dos Barbadinhos data de 1689, e a segunda de 1739.

A casa do capitulo ainda existe. Ao entrarmos n'este templo certo pavor e tristeza se apodera de nós. A madeira é escura, a egreja tambem não é muito clara. Tudo aquillo, porém, foi de proposito assim preparado, por isso que os frades sempre entenderam que a escuridão era mui appropriada para commover as almas piedosas e timoratas.

Estes frades em 1834 tiveram a sorte de todos os frades portuguezes. Protestaram contra a sua expulsão, mas nada aproveitaram com isso, e tiveram de sahir do paiz. A Italia, porém, acolheu-os, abrindo-lhes os braços.

A egreja é pequena, e as capellas são apenas cinco. Em quanto a sepulturas algumas ha.

A do desembargador Assis Pacheco, fallecido em 1767, uma outra de 1746, e mais algumas.

Não admira, porém, que o governo de D. Pedro IV tivesse medo dos frades, quando elle até se arreceiava das freiras.

E para prova queira o leitor ler o seguinte que se encontra na Gazeta de Lisboa, do anno de 1834, dia 8 de julho:

---

[1] P. João Baptista de Castro: Mappa de Portugal, vol. II, pag. 72.

«Sendo presente ao Duque de Bragança, regente em nome da Rainha, o Officio, que na data de 25 do mez passado, dirigiu a esta Secretaria d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, o Governador Vigario Capitular do Bispado de Coimbra, participando que tendo-se procedido á eleição da nova prelada para o convento das Religiosas de Santa Anna extra-muros d'aquella cidade, em execução da portaria de 7 do referido mez, os votos da maioria da Communidade recahiram em D. Rita de Cassia, que era a prioreza eleita ao tempo da dominação do usurpador, e que elle se abstivera de confirmar aquella eleição, não só por ser nulla em consequencia de recahir em pessoa inhabil, visto que serve aquelle cargo ha quasi nove annos, e não apresenta dispensa canonica para poder ser reeleita, e para n'ella votarem as religiosas, mas porque durante o seu cargo, e assignalado governo, deu constantes e positivas provas da sua affeição ao governo intruso, devendo considerar-se aquella irrita votação como resultado d'um conluio, em que as votantes parece terem tido em vista accrescentar mais um aos factos que as fazem passar por affeiçoadas aos damnados principios politicos, que aquella prelada professa e dar um publico testemunho de pouca consideração pelas intenções manifestadas de Sua Magestade Imperial, ás quaes se oppõe tão desaccordada escolha: Manda o mesmo Augusto Senhor participar ao Governador Vigario Capitular do sobredito Bispado de Coimbra, que Ha por bem approvar a deliberação que elle tomou; e que proveja interinamente ao governo d'aquella communidade, preferindo entre as religiosas, que tiverem manifestado bons sentimentos politicos, e cuja conducta a este, e mais respeitos fôr irreprehensivel, aquellas que forem mais aptas, e melhor convierem; podendo ser as que nomeia no mencionado

officio, se outras não houver em mais attendiveis circumstancias.

E quer S. M. I. que o mesmo Governador Vigario Capitular estranhe á Communidade a maneira porque deu execução ás suas Imperiaes Determinações.

Paço de Queluz, em 5 de julho de 1834. = *Joaquim Antonio d'Aguiar.*

Foi tambem por estes tempos que um governador civil d'Aveiro mandou derribar n'aquella cidade o mais bello templo que n'ella se erguia, só por ter o nome do usurpador, pois assim os constitucionaes chamavam a D. Miguel.

O que, porém, é certo e certissimo é que os frades honestos e decentes seguiam o partido de D. Miguel, ao passo que os que seguiam o partido de D. Pedro, davam bastante nas vistas pela irregularidade do seu proceder.

Um frade jeronymo de Belem conheci eu, que, apesar de ser uma das dignidades da Sé Patriarchal de Lisboa, nem por isso deixou de estabelecer uma fabrica de moeda falsa n'uma povoação ao norte de Portugal. Facto de que as authoridades tiveram conhecimento.

Continuaremos, porém, a tomar conhecimento dos mosteiros que de Lisboa, quasi em linha recta chegam até Marvilla.

Dizem uns escriptores que os Santos Verissimo, Maxima e Julia, padroeiros de Lisboa, [1] são naturaes de esta cidade; e outros que nasceram em Roma, e que foram martyrisados n'esta ultima cidade no tempo de Deocleciano.

---

[1] Fr. Agostinho de Santa Maria: Historia Tripartita, Lisboa, 1724.

Os que dizem que foram martyrisados em Lisboa, accrescentam: que em qualquer parte que cahia uma pinga de sangue, ou tocava, logo apparecia n'ella o signal da Santa Cruz, feito tão maravilhosamente, como se a pedra fosse aberta ou esculpida com algum ferro. [1]

No sepulchro, onde dizem estar os restos dos martyres, mandou a commendadeira D. Anna de Mendonça pôr o seguinte epitaphio:

Sepulchro dos Santos Martyres São Verissimo, Santa Maxima e Santa Julia, filhos de hum senador de Roma vindos a esta cidade, a receber martyrio por revelação do anjo. Jazem n'esta sepultura os seus santos corpos ha 1300 annos que padecerão martyrio e forão sepultados em Santos o. Velho, e d'ahi forão tresladados a esta casa, aonde jazem. A qual sepultura mandou fazer Dona Anna de Mendonça commendadeyra d'esta casa, e se acabou na era de 1529.

Tinham fama de muito milagrosos estes santos, e até mesmo, segundo as crenças d'aquelles tempos, nos temporaes appareciam em soccorro dos que os invocavam. Isto é—operavam os mesmos prodigios que o povo attribuia ao Corpo Santo, quero dizer—a S. Pedro Gonçalves Telmo.

Gasta fr. Agostinho de Santa Maria um grande nu-

[1] «D'estas pedras se acharam ainda ao presente muitas e principalmente em o primeiro de outubro dia em que os Santos martyres acabaram o seu triumpho e voaram para o ceu.

Estas pedras (como fazem ainda ao presente) costumam muitos lançar ao pescoço, e com fé com que faziam e fazem, fiados nos merecimentos d'aquelles Santos Martyres, se achão logo livres dos achaques e enfermidades que padeciam e padecem.» pag. 59.

mero de paginas em provar a vinda de S. Thiago e a de S. Pedro ao paiz, ao qual damos hoje o nome de Portugal, assumpto este ácerca do qual tanto na Hespanha como em Portugal no começo do seculo passado se escreviam colossaes in folios.

E quer, bem como muitos outros, que em reverente acção de graças pelos muitos e grandes favores, que d'elle receberam em muitas e grandes victorias que alcançaram de grandes e formidaveis exercitos de mouros que os reis de Hespanha fundaram e erigiram a Ordem de S. Thiago.

E pretendem alguns que fosse seu fundador el-rei D. Ramiro, depois de ter ganhado a batalha de Claravijo com o favor de S. Thiago. E que os cavalleiros traziam ao peito uma cruz de côr vermelha, em fórma de espada, para que lhes servisse de perpetua lembrança da obrigação em que ficavam os professores da nova milicia de haverem de pelejar contra os inimigos da fé, em defeza da patria, em prol da qual se dizia terem visto S. Thiago combatendo, montado n'um cavallo branco.

Esta ordem medrou muito, e el-rei D. Sancho I lhe fez doação dos castellos d'Alcacer, Palmella e Almada.

E querem alguns escriptores que mesmo em tempo d'el-rei D. Affonso Henriques já existissem cavalleiros de S. Thiago no local em que hoje se ergue em Lisboa a egreja parochial de Santos o Velho.

Passaram d'aqui os cavalleiros para Alcacer, onde se lhes fez mosteiro em casa de Nossa Senhora dos Martyrea, e n'elle assistiram até depois de 1239, em que D. Sancho II tomou Mertola, para onde os cavalleiros se mudaram.

Aqui estiveram muitos annos até que depois se mudaram para Palmella, e no reinado de D. Diniz ficaram estes cavalleiros independentes dos da Hespanha.

Segundo diz fr. Agostinho de Santa Maria foi el-rei D. Affonso Henriques quem logo depois da tomada de Lisboa fez diligencias para descobrir os restos dos taes santos Martyres Verissimo, Maxima e Julia, que se dizia haverem sido escondidos pelos christãs, quando os mouros se apoderaram de Lisboa.

Vão na manhã do seu dia muitas pessoas áquella praia, a buscar e a descobrir estas pedras, que são ordinariamente pequenas e tamanhas como uma noz, e são de tres castas.

D'estas umas são assignaladas com uma cruz e com pingas de sangue.

Outras tem a cruz como malta ou estrella, outras em fórma de coração, e algumas como peitos.

Estas pedras raspadas ou desfeitas em pós e bebendo d'elles, mostra a experiencia serem efficacissimo remedio contra as sezões; e quem as traz comsigo, é remedio contra os espiritos malignos.

Luiz Marinho no seu livro das grandezas e antiguidades da Cidade dé Lisboa, a folhas 288, diz que a mesma fé, que os moradores d'esta cidade tem com as pedras que se descobrem em a praia d'aquella sitio de Santos, a tem tambem com os marmellos e peras, que se criam nas arvores do mesmo sitio e visinhança, em cujos fructos se acham as mesmas cruzes e cinco riscas, e tambem que nas uvas que se criam nos mesmos prodigiosos jardins.

Estas arvores são as que se acham na cerca e jardim dos condes de Villa Nova, e tambem nos quintaes mais proximos á egreja dos Santos Martyres, ou ao logar onde elles padecerão martyrio, e aonde foram sepultados pelos christãos.

E parece que o Senhor quer se vejam estes prodigios, para maior manifestação da gloria, que elles gosam, e

diz tambem o mesmo auctor que estes fructos dando-se com fé aos doentes, são uma celestial medicina com que saram todas as suas queixas e enfermidades.

«Tambem Miguel Leitão de Andrade, fallando d'estes nossos gloriosos Santos Martyres em as suas Miscelaneas, diz que na praia de Santos-o-Velho da cidade de Lisboa, que é perto de Alcantara, se tem achado muitas pedras, e que cada dia se acham, e que são como um ovo pequeno amassado, e com uma cruz de Malta de uma banda, e da outra relevadas, e em algumas d'ellas gotinhas de sangue.

E que tambem se acham ali dentro do mar, que parece o permitte Deus para honra d'estes Santos Martyres Verissimo, Maxima e Julia, todos Irmãos, que aqui foram martyrisados no primeiro de outubro. Historia Tripartita, pag. 102.

O arcebispo D. Rodrigo da Cunha faz côro com estes dizendo:

«E' muito para advertir o milagre continuo, que testifica a gloriosa memoria dos Santos, e é acharem-se por todos os logares visinhos ao sêu sepulchro, umas pedras pequenas, redondas, com signaes de sangue, e tem umas cruzes mui claras, em fórma de rosas (algumas temos em nosso poder) de que os devotos fazem grande estima e veneração, por receberem singulares beneficios e favores: a cuja memoria agradecida esta cidade, lhe votou uma procissão todos os annos, no primeiro d'outubro, que foi o dia do seu transito, a qual sae da Sé, até o mosteiro de Santos, onde está o sagrado deposito de suas reliquias, rendendo-lhe graças, como a bemfeitores, já que não padroeiros, das muitas vezes que milagrosamente valeram a esta cidade, na entrada dos suevos, godos e vandalos, e outras nações

septentrionaes, como na dos mouros; quando a conquistou o nosso primeiro rei D. Affonso Henriques.» Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa, liv. I., cap. XVIII.

As reliquias, porém, só appareceram no reinado de el-rei D. Diniz, havendo um convento em Lisboa no sitio em que se ergue hoje a egreja parochial de Santos-o-Velho, segundo dizem varios escriptores, mais ou menos dignos de credito.

Affirma, porém, o chronista fr. Francisco Brandão que a primeira commendadeira e prelada d'este mosteiro fôra uma D. Helena, existente em 1233. O sitio, porém, para o convento foi dado por D. Sancho I em 1230.[1]

A segunda commendadeira foi D. Ouzenda Egas,[2] filha ou neta do grande Egas Moniz.

A terceira foi D. Sancha Martins, vulgo a Santa. Foi no tempo d'esta que inventaram a lenda de que um anjo lhe apparecera e lhe declarara onde estavam os restos dos santos martyres.

O arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha diz a tal respeito o seguinte:

«Foi pois o caso que desejando esta devotissima matrona alcançar de Deus aquella mercê, lhe pedio por muito tempo com jejuns, disciplinas, orações, lagrimas, e outras boas obras, que continuamente fazia, até que Deus foi servido conceder a mercê e o favor, que lhe pedia.[3]

---

[1] Fr. Agostinho de Santa Maria· Historia Tripartita. Lisboa. 1724. pag. 358 Parece que as commendadeiras tambem estiveram durante algum tempo na villa da Arruda

[2] Fr. Francisco Brandão: Monarchia Luzitana, liv. XVII. cap. 57.

[3] V. D. Rodrigo da Cunha: Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa. Primeiro Volume. Lisboa, 1642. Cap. XVIII.

Entrou então a correr fama de muitos milagres, e a serem tidos os Santos como especiaes advogados contra as dores de cabeça.

Era, porém, mister que, se os doentes eram homens, lhes levassem tanto trigo em grão, quanto podesse caber dentro d'um chapeu, e se eram mulheres, quanto podesse caber dentro d'uma coifa.

Foi então por este tempo que o mestre da ordem de S. Thiago D. Gonçalo Rodrigues ou Pires fez doação á commendadeira santa, isto é, a este mosteiro de todo o herdamento que D. Sanchò Martins tinha no termo de Torres Vedras, e no logar que chamavam Moncaval e Paratana, e de todo o herdamento de Marateca, e de todo quanto deixassem as freiras, e confreiras, casaes, e baylios que morressem em Lisboa, Cintra, Torres Vedras e Alemquer e seu termo, exceptuado o cavallo e armas que são para o mestre.

Dado em Lisboa, no mosteiro de Santos, aos 8 dias andados de novembro. Era 1317 (anno de Christo 1279). Corria o boato de que o trigo d'esta deixa lançado nos celleiros impedia o gorgulho. E por isso as commendadeiras faziam presente d'algumas porções ás pessoas conhecidas.

O mestre D. Payo em 1267 deu a Maria Gonçalves e a Estevainha Martins Freitas do mesmo mosteiro de Santos uma adega na freguezia de S. Gião (hoje Julião) em Lisboa, no sítio a que chamavam a oliveira.

Falleceu a commendadeira Santa em 1288, segundo assevera fr. Francisco Brandão. Celebravam-lhe todos os annos n'este mosteiro no primeiro de novembro uma festa particular, por não estar canonisada, ou beatificada.

Por sua morte ficaram muitas heranças, em que entrava a quinta de Moncaval, no termo de Torres Ve-

dras, e outras propriedades de consideração, as quaes todas deixa como verdadeira religiosa ao mosteiro e ordem de S. Thiago, para a sustentação do mosteiro de Santos[1].

Era então mestre da Ordem D. Pedro Fernandes Matta, que em Leão confirmou as disposições de D. Sancho Martins.

Succedeu-lhe uma D. Tareja Annes Rodrigues, filha de João Correa, irmão do mestre D. Paio Peres Correa, e continuou as obras da egreja por ameaçar ruina, para cujas obras o bispo de Lisboa tinha passado uma carta pastoral pedindo esmolas, e concedendo indulgencias aos que dessem esmolas.

Succedeu a esta commendadeira D. Urraca Nunes de Chacim, sobrinha do citado D. Paio Peres Correa. Morto seu marido Martim Annes de Vidal se recolheu ao mosteiro de Santos. Morreu em 1318.

Succedeu-lhe sua sobrinha D. Dordia Paes. A esta deixou seu primo Gonçaleanes Correa, casado com D. Ignez, filha do arcebispo de Lisboa D. João Martim de Soalhães, da qual não teve filhos, a quinta de Bellas, com o senhorio e mais pertenças, para que ella em sua vida a administrasse, e de tudo fez doação ao mosteiro com obrigação de uma missa quotidiana, e que faltando sua prima D. Dordia, andasse a administração na sua parenta mais chegada e da sua familia[2]. E em quanto esta viveu, se conservou o mosteiro na posse da quinta de Bellas.

Por morte d'esta, no reinado de D. Affonso IV, entrou para prelada D. Joanna Lourença de Valadares.

---

[1] Historia tripartita, pag 394.
[2] Id. id. pag. 409.

Foi durante o governo d'esta que o mosteiro perdeu a quinta de Bellas. Trocou esta senhora aquella grande quinta com todo o seu senhorio e pertenças com Lopo Fernandes Pacheco, o qual lhe deu em troca a quinta da Margem da Arada no termo d'Alemquer.

A esta seguiu-se a commendadeira D. Maria Pires Varella, e a esta uma D. Joanna Telles de Menezes, filha bastarda de Martim Affonso Tello, e meia irmã da rainha D. Leonor Telles. Sahiu, porém, do convento para casar com D. João Affonso Pimentel.

Emquanto D. Joanna Telles viveu no mosteiro, tomou D. Leonor Telles este mosteiro debaixo da sua protecção por um arvará de 8 de janeiro de 1376, e o rei D. Fernando fez o mesmo a 14 de junho do mesmo anno.

Succedeu a esta commendadeira D. Leonor Gomes de Azevedo, filha de Gomes Paes de Azevedo, e de D. Maria Rodrigues.

Governou muitos annos, e succedeu-lhe D. Ignez Pires, a qual foi mãe de D. Affonso I, duque de Bragança. Teve el-rei D. João I, sendo mestre d'Aviz, d'esta D. Ignez dois filhos, sendo o primeiro o referido duque de Bragança, e D. Brites, que casou com Thomaz, conde d'Arundel, parente do rei de Inglaterra.

Querendo mudar-se o convento de Santos-o-Velho para a cidade, pelo grande respeito que o infante D. Duarte lhe tinha, lhe largou os paços do Limoeiro, que eram seus, e aqui esteve o convento, por algum tempo, em quanto se reparou o em que viviam, e se não acabava o novo que el-rei D. João II mandou fazer, como se vê de um aforamento de casas no beco de Reymondo, que diz d'esta maneira: «Na Cidade de Lisboa nos Paços do Infante herdeyro, que som a par de Som Martinho, onde ora pousão as donas do Mosteyro de San-

tos, sendo hi a honrada Religiosa Commendadeyra Dona Ignes.» Foi feito no anno de 1405, e assina por testemunha Fr. João Frade de Carmo, Capellão do Mosteyro de Santos.

Tombem a rainha D. Filippa de Lencastre, mulher d'el-rei D. João I, tomou debaixo da sua protecção o mosteiro de Santos.

Pela sua morte succedeu-lhe D. Brites de Menezes, filha bastarda de D. Fernando de Menezes, senhora de Cantanhede; e a esta succedeu D. Violante Nogueira, filha de Affonso Furtado de Menezes, anadel mór dos besteiros, e de D. Constança Nogueira, filha d'Affonseanes Nogueira, alcaide mór de Lisboa.

Foi durante o governo d'esta que el-rei D. João II, compadecido do apertado convento, em que as religiosas viviam, tratou de as melhorar de sitio, e assim lhe edificou outra nova casa entre os conventos de Santa Clara e o da Madre de Deus, em o sitio de Nossa Senhora do Paraizo, [1] em cuja egreja havia uma irmandade, que tinha tido principio no anno de 1366, em 15 d'agosto, a qual irmandade se mudou para fóra das portas da Cruz.

Acabado o mosteiro, e estando já capaz de ser habitado das religiosas, fez que se dispozesse a mudança, o que se executou em 5 de setembro de 1490, depois de haverem estado as religiosas no antigo convento de Santos-o-Velho 278 annos, pouco mais ou menos, em que entraram os annos que estiveram no Limoeiro.

Fez-se esta mudança com uma solemne procissão, em que iam os corpos dos santos martyres Verissimo,

---

[1] D'esta egreja, que ficava pouco antes de chegar ao actual Hospital da Marinha, indo da rua dos Remedios, já não ha vestigios. Em logar da egreja existe uma casa apalaçada.

Maxima e Julia, em um caixão dourado, ao qual levavam os conegos e dignidades da cathedral de Lisboa, cujo cabido incorporado accompanhava a procissão. Levavam tambem o corpo da commendadeira D. Sancha em outro cofre, e os ossos das religiosas que haviam fallecido no mesmo convento, concorrendo tambem o clero com todas suas cruzes, e as religiões, e muito povo e nobreza.

Ia a commendadeira D, Violante Nogueira a pé com as suas subditas,

Acompanhou a procissão a Camara Municipal de Lisboa por ordem d'el-rei.

No mesmo logar, que deixaram, se erigio pouco depois uma nova parochia, dedicada aos mesmos Santos.

Seguiu-se a commendadeira D. Anna de Mendonça, dama da excellentissima senhora D. Joanna, sobrinha e esposa d'el-rei D. Affonso V.

A referida commendadeira teve do principe D. João um filho, que foi o senhor D. Jorge de Lencastre, nascido em 1481. O author, a quem vamos seguindo, diz que ella não teve outra falta, e que mal se poderia livrar de um principe herdeiro da corôa.

Com os favores que el-rei D. Manuel e o mestre D. Jorge de Lencastre faziam á commendadeira D. Anna de Mendonça, foi muito estimado aquelle mosteiro em todo o tempo do seu governo, e pelos respeitos do duque d'Aveiro, desde o tempo em que ella foi commendeira para diante, se deu aquelle logar a muitas senhoras d'aquella illustre casa, como tambem muitas d'ellas quizeram ser religiosas n'aquelle mosteiro.

Foi esta commendadeira que mandou fazer o grande cofre de prata em que se guardam os corpos dos martyres, o qual se acabou em 1529.

No anno de 1519 mandou o mestre D. Jorge d'Alen-

castro visitar aquelle mosteiro, e lhe deu algumas instrucções e estatutos, pela direcção do prior mór de Palmella, D. João de Braga.

Succedeu a esta commendadeira D. Helena de Alencastro, filha do mestre D. Jorge de Alencastro e de D. Brites de Vilhena e Mello, filha de D. Alvaro de Portugal, irmão do terceiro duque de Bragança.

No tempo d'esta commendadeira, mandou el-rei D. Sebastião em 1773 visitar aquelle seu mosteiro, como mestre que era da Ordem, pelo doutor Diogo de Gouveia, prior mór de Palmella.

Succedeu D. Anna de Lencastro, filha do commendador da Ordem d'Aviz D. Luiz de Lencastro e de D. Magdalena de Granada, filha do infante de Granada, governador da Gollegã.

Foi a ella que o cardeal rei D. Henrique escreveu em 1579 dizendo-lhe: que tinha ordenado acrescentar aquella casa assim em numero de religiosas, como em rendas e edificios.»

E mandava: «que nenhuma dona, nem moça do Côro, traga nenhum vestido de seda, nem verdugos, nem debrus, e a commendadeira não consentirá que as moças do coro tragam toucados, senão muito honestos, que não tragam cabellos fóra, nem cabellos destrançados.

Não consinta que nenhuma dona tenha mais que duas servidoras, e achando que alguma das servidoras assim de fóra, como de dentro, não tem os costumes e honestidade que convém, as lance fóra, e sendo cativas as faça vender.»

O cardeal rei D. Henrique como o mosteiro que as freiras tinham, não era de muita duração, lhes queria fazer um tal edificio, que em tudo se visse n'elle a grandeza do seu real animo e a generosidade do seu coração.

Bem podia ser que ou o deixasse traçado na mesma fórma, que hoje se vê, ou que Filippe II o mandasse fazer e delinear por seu grande architecto por satisfazer a vontade d'el-rei D. Henrique, cuja determinação se lhe faria presente; assim como a compra do sitio, dinheiro para as adegas e materiaes; para que assim se desse principio áquella magnifica fabrica, que acabando-se segundo a grandeza da sua planta, fôra uma das mais magnificas obras de Portugal.

Constava de dois grandes corpos, e no meio corria a egreja, que tambem, se se fizesse, seria sumptuosissimo templo.

O corpo que está feito, tem no meio um claustro tão grande, que em cada um dos angulos tem treze arcos, e assim em o primeiro e segundo pavimento tem 104 arcos, e se se acabasse a varanda que corre ao nivel do dormitorio, levaria outros 52 arcos, e vinham a fazer por todo 156 arcos. Tem grandes officinas e magestosas capellas, e algumas d'ellas primorosamente adornadas.

No meio d'este famoso claustro se vê um grande e largo poço de muito excellente agua, o qual tem um perfeitissimo bocal, que é de pedra leoz muito bem obrado, que parece antes de chegar a elle um grande tanque.

N'elle se veem quatro roldanas de ferro, pelas quaes tiram as moças e escravas agua sem se confundirem umas com as outras; tem muita agua e por maior que seja a secca, nunca n'elle faltou agua, tirando-se d'elle continuamente.

Esta senhora era rica, porque, além da ração que a casa costumava dar ás commendadeiras, tinha alguns 4 mil cruzados de renda annual, porque lhe fizeram Filippe II e seu filho Filippe III muitas mercês, e ella

tudo gastava em utilidade d'aquelle seu mosteiro, de que era prelada.

D. Theodora Raposa e D. Maria Raposa, filhas de Amador Gomes Raposa, ministro d'el-rei.

El-rei D. Filippe o III n'este mosteiro lhe deu dois logares para estas duas filhas.

Professou D. Maria em 4 de junho de 1612, e morreu alguns annos antes de sua irmã D. Theodora, que tambem professou a 5 d'agosto de 1617.

Por morte de D. Maria Raposa ficou herdando d'ella sua irmã D. Theodora algumas fazendas, e já tinham tambem herdado ambas o que lhes havia ficado de seus paes.

D. Theodora, devotissima do S. Sacramento, lhe deixou um pinhal, que tinha em Santa Martha, termo da villa de Almada, para que do rendimento d'elle se festejasse todos os annos o Senhor Sacramentado, em o dia da sua principal festividade, e porque tambem era muito zelosa do augmento d'aquelle seu mosteiro lhe deixou no seu testamento o codicillo approvado pelo tabellião Luiz Correa de Almeida no anno de 1654, e depois por Aurelio de Miranda em 10 de outubro de 1656 uma grande quinta, que está no termo de Torres Novas, propriedade de tanta consideração que vale mais de 25 mil cruzados, porque tem muitos olivaes, vinhatarias, dois lagares, um d'azeite e outro de vinho, e terras de pão.

Chama-se esta fazenda a quinta da Conta ou a Fonte Longa: isto sem mais encargo, que dos rendimentos d'ella se allumiasse perpetuamente de noite e de dia uma devotissima imagem de Christo Crucificado, que collocou no côro de cima. [1]

---

[1] *Id., id.* pag. 471.

Instituiu uma capella de missa quotidiana pelas almas de seus paes e irmãos, applicando para ella outro pinhal grande que tinha, a qual missa se assentou em o convento da Ordem de S. Paulo de Lisboa.

Em tempo d'esta commendadeira D. Anna de Lencastro deu principio ao novo mosteiro Filippe o Prudente.

Sem embargo de que a obra se dilatou alguns annos, quanto ao lanço da primeira pedra, e todos elles seriam necessarios para se prepararem os materiaes, e assim se lançou esta primeira pedra em 9 do mez de fevereiro, dia de Santa Apolonia, no anno de 1609.

No fundamento diz-se lançara uma das pedras dos Santos Martyres toda rubricada do seu sangue e do tamanho de um pão.

Continuou-se logo a obra com grande fervor, a qual, se se acabara segundo a grandeza, com que se diz nas suas plantas, fôra uma das maiores fabricas de Portugal.

Mas esta obra ficou imperfeita, porque nem da parte das mesmas commendadeiras houve valor ou efficacia. [1]

Em vida pediu esta commendadeira D. Anna de Lencastro a el-rei D. Filippe para renunciar o logar n'uma sua prima D. Brites de Lencastro, irmã do duque de Aveiro, o que el-rei concedeu.

Viram-se por estes tempos as meninas e moças de côro n'uma grande tribulação com uma visita d'aquella casa que el-rei D. Filippe III, como mestre da Ordem, commetteu ao bispo D. Jeronymo de Gouvea, pelo anno de 1616, o qual as queria comprehender na sua commissão, e obrigal-as a que depozessem na tal visita.

---

[1] *Id.*, *id.*, pag. 474

Defendiam-se ellas, favorecidas da mesma commendadeira a que a *limine fundationis Monasterii* nunca as moças do Côro haviam sido obrigadas a depôr nas taes visitas, nem com ellas se entendera em nenhum tempo, nem haviam sido perguntadas em nenhuma das muitas visitas que se haviam feito n'aquella casa, porque como n'aquelle estado de moças do Côro eram viverem seculares e como as mais meninas e educandas dos outros mosteiros, onde estas nunca faziam figura em visitas, assim tambem ellas em quanto moças do côro nunca as deviam obrigar a que visitassem, pois como moças de poucos annos não sabiam o que deviam fazer. [1]

---

[1] Venera-se mais uma preciosa Cruz de prata dourada, que faz cinco palmos e meio em alto com seu pedestal, o qual faz de alto quasi palmo e meio, e a Cruz quatro palmos, tem um grande palmo de largo o pedestal, e pelas ilhargas tres quartos. N'esta cruz se veem 54 reliquias todas notaveis, e outras parecem se conservam fechadas no mesmo pedestal.

E' toda esta cruz de admiravel feitio: levanta-se sobre quatro serafins, e o pavimento d'ella é tambem forrado de prata dourada, e é tambem de grande pezo.

Esta grande peça mandou fazer a commendadeira D. Anna de Lencastro, filha do commendador mór da Ordem de Aviz D. Luiz de Lencastro.

Esta commendadeira com os desejos de enriquecer aquelle seu mosteiro ajuntou este grande thesouro de reliquias que são cento e tantas. As quaes n'este logar quiz referir segundo um rol, que d'elle se fez que é d'esta maneira:

A primeira das reliquias é a do Santo Lenho, de que está feita huma cruz, e se vê no meio dos braços d'esta de que agora tratamos.

A segunda reliquia é uma particula do Santo Sudario.

A terceira, outra da columna de Christo.

A quarta, outra da esponja.

A quinta uma particula da vestidura de Christo.

A sexta, uma particula do veu de nossa Senhora.

A setima, um osso de S. Thiago Mayor.

O aperto em que as pozeram parece que não era pequeno.

E assim em primeiro logar accudiram com umas propostas d'esta obrigação em que as queriam pôr, a pessoas muito doutas por meio da mesma commendadeira e todos os homens, a quem recorreram, as consolaram na sua afflição, dizendo-lhes que em nenhuma maneira estavam obrigadas aos preceitos da tal visita.

A oytava, outro de Santo André.

A nona, outro do apostolo S. Pedro. e parte da cruz em que foi crucificado.

A decima, um osso do apostolo S. Paulo.

A decima primeira, outro do apostolo S. Matheus.

A decima segunda, uma do apostolo S. Simão.

A decima terceira, outra do apostolo S. Judas Thadeu.

Depois d'esta notaveis reliquias se veem outras muitas de santos martyres. E a quatorze, é a reliquia de Santo Ignacio, bispo e martyr.

Quinze, outra de S. Sebastião martyr.

Desesseis, outra de S. Vicente levita e martyr.

Desesete, outra de Santo Estevão proto martyr.

Desoito, a de S. Silvano martyr.

Desenove, S. Berardo martyr.

Vinte, outra de S. Mauricio, capitão da legião dos thebanos, martyres.

Vinte e uma, S. Felix, martyr.

Vinte e duas, Santo Hilario, martyr.

Vinte e tres, S. Leonardo. martyr.

Vinte e quatro, S Paulino, martyr.

Vinte e cinco, S. Severo papa e martyr.

Vinte e seis, S. Erasmo, bispo e martyr.

Vinte e sete, uma de S. Valeriano, martyr.

Depois d'estas se veem mais uma reliquia de S. Silvestre papa e confessor. Vinte e nove, está outra de S. Dyonisio, bispo e martyr. Trinta, outra de Santo Amador, martyr. Trinta e uma, uma de Santo Antão, papa e martyr Trinta e duas, outra dos Santos quatro coroados. Trinta e tres, outra de S. Pedro martyr. Trinta e quatro, uma das onze mil virgens. Trinta e cinco, outra dos

Com estes pareceres ficaram mais socegadas porque como moças e meninas timoratas temiam muito os preceitos da tal visita.

Socegadas com os pareceres dos homens letrados ainda se não deram por seguras, porque recorreram a elrei como mestre da Ordem de S. Thiago pela Mesa da Consciencia, alegando-lhe a posse em que estavam de não serem nunca visitadas nem visitantes; e que S. Ma-

dez mil martyres. Trinta e seis, outra reliquia de S Cornelio, papa e martyr. Trinta e sete, outra dos Santos Martyres de Marrocos Trinta e oito, uma dos Santos Meninos innocentes. Trinta e nove, uma de S. Marcello, papa e martyr. 40 S. Thadeu martyr. 41 S. Lucio, papa e martyr. 42 reliquia dos Santos martyres Cosme e Damião. 43 outra de S. Marçal, bispo. 44 de Santo Eugenio, papa e martyr. 45 de S Jorge, martyr. 46 de Santo Antonio, martyr. 47 de S. Victor, martyr. 48 de S. Maximo, martyr. 49 de S. Angelo, martyr. 50 de S. Pelagio martyr. 51 de S. Zenon, martyr. 52 de S. Cyriaco, martyr. 53 de Santo Agapyto, martyr. 54 de S Calyxto, papa. 55 de S. Lourenço, levita e martyr. 56 de S. Adrião martyr. 57 de S. Braz, bispo e martyr. 58 outra reliquia de Santo Eugenio, papa e martyr. 59 de S. Secundino, martyr. 60 de S. Leandro martyr. 61 S. Vitorio, martyr. 62 S. Nemesio, martyr 63 S. Luiz martyr. 64 outra reliquia de S. Felix, martyr. 65 S Pero Finis. 66 Santa Barbara, virgem e martyr. 67 Santa Lucia virgem e martyr. 68 S. Agueda virgem e martyr. 69 Santa Apolonia virgem e martyr. 70 Santa Eufrazia virgem e martyr, 71 Santa Fidelia martyr. 72 aqui entram tres reliquias grandes e formosas dos tres Santos Martyres Verissimo com suas irmãs Santa Maxima e Santa Julia, que vão na peanha ou pedestal d'aquella rica cruz

Segue-se mais no numero das reliquias um osso de Santa Maria Magdalena e parte do seu veu. Em 75 logar outra reliquia de Santa Anna, mãe da rainha do Anjos Maria Santissima. 76 e 77 Santa Gertrudes, 78 Santa Natalia. 79 Reliquia de Santa Iria virgem e martyr. 80 Santa Martha. 81 Santa Escolastica, virgem. 82 Santa Catharina de Sena virgem. 83 Santa Thereza de Jesus. 84 Santa Francisca Romana, viuva. 85 um cabello de Santa Clara, virgem.

gestade as devia conservar na sua posse, pois, por nenhum titulo as deviam privar d'ella, porque não eram freiras nem ainda noviças, senão seculares, que se podiam recolher ás casas de seus paes cada vez que quizessem, e tambem que d'aquella communidade se lhe não dava nada, pois as sustentavam seus paes e serviam voluntariamente.

Seguem-se mais: 86 uma reliquia do Santo Agostinho. 87 uma reliquia de Santo Antonio de Lisboa. 88 Outra de Santo Amaro, abbade. 89 uma de S. Carlos Borromeu. 90 de S. Francisco uma reliquia da sua corda e do seu habito. 91 de S. Carlos Borromeu 92 de Santo Antão, abbade. 93 outra de S. Pedro, companheiro de S. Francisco.

E a estas se segue em o numero 94 uma reliquia de Santa Catharina virgem e martyr. 96 Santa Margarida, virgem e martyr. 97 Santa Ignez, virgem e martyr. 98 Santa Marinha virgem e martyr. 99 Santa Anastacia, martyr. 100 Santa Cordula virgem e martyr. 101 Santa Victoria, virgem e martyr 102. Santa Cecilia virgem e martyr. 103 Santa Maxima. 104 Santa Alcuina, martyr. 105 uma reliquia da ara em que dizia missa S. João Evangelista.

D'estas se collocaram na cruz 54 ou 56. As mais tambem se achavam em outra cruz mais pequena, onde se vê tambem um dente de S. Thiago maior. As mais parece se recolheram na caixa do pedestal da cruz.

A commendadeira D. Anna de Lencastro fez tambem uma lista das pessoas, de quem alcançou as reliquias referidas, assignada por sua mão, para mandar ao arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro.

«O santo Lenho houve da casa do conde da Sortelha D. Diogo da Silva, no qual se fez experiencia, e lançou uma gotta de sangue em uma persolana d'agua (esta estava cheia d'agua) e quando se partio, sahiu aquella pinga de sangue, que correu pela agua e se assentou no fundo. Esta persolana passou depois para o morgado dos barões d'Alvito, guarnecida de vidraça de cristal. por onde se vê.

A reliquia da esponja de Christo deu a Infanta D. Isabel.

Deferiu-lhe el-rei á sua petição absolvendo-as d'aquella obrigação. em que o visitador as queria pôr.

Pediam ao Secretario da Visita a portaria da mercê que Sua Magestade lhes havia feito e não lhes deferia.

E assim lhes foi preciso recorrer outra vez a el-rei pelo mesmo tribunal da Mesa da Consciencia.

Era n'este tempo presidente da mesa D. Francisco de Castro que depois foi inquisidor geral, o qual com-

---

A da columna de Christo, em que foi preso, ficou da mãe da commendadeira.

A reliquia da vestidura de Christo deu a commendadeira D. Helena de Castro.

A do veu de N. Senhora deu o arcebispo D. Miguel de Castro.

Um osso do apostolo S. Thiago maior, e uma reliquia de Santa Isabel, rainha d'Ungria, deu o arcebispo de Braga fr. Agostinho de Jesus ou de Castro.

Um osso de Santo Agostinho deu a commendadeira D Helena de Castro com varias outras reliquias.

Varias reliquias deu o P. fr. Manuel de S Boaventura, confessor que foi das freiras da Madre de Deus, e que trouxe as reliquias do mosteiro das Descalsas Reaes de Madrid.

Outras muitas de martyres, confessores e santas foram dadas pelo p.e Antonio Mascarenhas da companhia de Jesus.

Outras reliquias de martyres, confessores e santas foram dadas pelo P. Luiz Pereira, da mesma companhia.

Outras foram dadas pelo barão d'Alvito, que as houve dos padres da companhia.

Outras foram dadas por D. Magdalena de Lencastre.

A de Santa Francisca Romana foi dada pelo colleitor Oitavio Accorombono.

A dos Martyres de Marrocos foi dadiva do P. Lourenço, geral da Ordem de S. Vicente em Santa Cruz de Coimbra, trazendo-as d'este ultimo convento.

E como as considerava por verdadeiras, por isso pedia a commendadeira D. Anna, que lhe fosse concedida pelo arcebispo licença para as poder pôr em uma Cruz que queria deixar por sua morte a este mosteiro de Santos.

padecendo-se do aperto em que o bispo visitador queria pôr sem rasão alguma as meninas e moças do coro d'aquelle mosteiro, como a Mesa lhe deferiu n'esta maneira:

«Manda el-rei Nosso Senhor que o bispo D. Jeronymo Gouvea, a quem está commettida a visitação do mosteiro de Santos, não pergunte por testemunhas da dita Visita ás moças do Côro d'elle.

Lisboa, 20 de maio de 1617.—*D. Francisco de Castro.*

Certidão do milagre do Santo Sudario

Certifico eu D. Anna de Lencastro, commendadeira do Mosteiro de Santos da Ordem de S. Thiago, por este por mim assignado, que o padre fr. Bernardino de Jesus, religioso da Ordem de S. Francisco, da Provincia da Arrabida, pessoa virtuosa e fidedigna me deu um pedaço grande da reliquia do Santo Sudario de Christo Nosso Senhor: dizendo-me que lhe havia dado D. Maria Coutinho, dama que foi da rainha D. Leonor (esta foi mulher d'el-rei D. João II) dizendo me que a dita D. Maria pela amizade e devoção que lhe tinha, lha dera· porque a dita rainha lhe tinha dado em muita estima, por ella lhe ser muito aceita, e gostar do seu serviço, e que estando a dita D. Maria Coutinho em Santarem, onde vivia depois da rainha fallecida, possuira muito tempo esta reliquia, não a apartando de si: mas que então por se vêr já com muita edade, e no cabo da vida, a entregara ao dito religioso, aonde lhe parecia ficava mais bem empregada, e o dito Religioso me disse a trouxera muitos annos comigo, mettida em uma bolsinha cozida no seu habito: e que por ter pouca saude, e alguns accidentes receiava que se Deus o levasse, se perdesse a reliquia.

Por onde, e pela devoção e amizade que tinha a este mosteiro m'a dava, como deu da sua mão á rainha.

E me certificou tambem que trazendo a dita reliquia comsigo lhe deram em uma casa duas continhas de perdões de osso branco, as quaes metteria na bolsinha, aonde estava a dita reliquia e d'ahi a muitos dias indo tirar uma d'ellas para a dar a uma pessoa que lh'a pedira, as achou vermelhas como tintas em sangue; por onde ficára tendo muito mais fé na Santa reliquia, a qual me entregou.

Com este despacho ficaram muito alegres e satisfeitas as meninas ou moças de côro.

Governou a commendadeira D. Anna de Lencastre aquelle mosteiro por espaço de 44 ou 45 annos, porque professou em dez do mez d'abril, e logo começou tambem a exercitar o officio de prelada, e finalisou seu governo no anno de 1623.

E porque eu a queria pôr ao presente em um relicario e Cruz tudo assigna passar na verdade

Peço ao senhor arcebispo de Lisboa que dando credito a esta minha certidão, e ao que se devia dar ao dito religioso, que toda a Provincia da Arrabida conheceu por grande servo de Deus, por sua muita virtude e grande espirito, e que segundo nossa fé está hoje do Céo; me faça mercê de haver a dita reliquia por certa, e me passe licença para a poder pôr na dita Cruz e relicario.

Em Santos, aos 7 de Maio de 1622.—*Dona Anna*, Commendadeira.

Copia da Supplica que a Commendadeira fez ao arcebispo de Lisboa.

Pede a Senhora D. Anna, Commendadeira de Santos, ao senhor arcebispo, lhe faça mercê dar licença para pôr em uma cruz de prata dourada que mandou fazer, as reliquias que se contém n'estes papeis, a qual cruz quer deixar ao mesmo mosteiro por sua devoção: e posto que não tem certidões authenticas das ditas reliquias, com tudo está certa que as houve de pessoas dignas de fé e de credito das quaes nomeia as que lhe poderam lembrar.

A esta supplica respondeu o arcebispo:

Que tres padres de S Roque vissem esta relação das reliquias e dessem parecer se podia sem muitas outras certidões authenticas dar a dita licença e approvação.

O primeiro parecer foi do padre mestre Jorge Cabral que diz assim:

Parece-me que os testemunhos que aqui se apontam são sufficientes para o senhor arcebispo poder dar licença para estas reliquias se porem em publico, as quaes respeitando aos ditos testimunhos, não se devem reputar por novas. S. Roque, 31 de maio de 1623.—*J. Cabral.*

D. Brites de Lencastre perseverou com o titulo de coadjuvatura alguns annos porque no anno de 1626, a 15 de dezembro, professou n'este mosteiro de Santos por provisão de Filippe IV D. Catharina da Silveira, irmã de D. Brites de Vilhena, filhas de Alvaro da Silveira, na presença de D. Brites de Lencastre, coadjutora e futura successora de D. Anna de Lencastre, nas

---

O segundo é do P. M. Francisco Gouvea que diz assim:
Sou do mesmo parecer e da mesma opinião, para o senhor arcebispo poder dar a licença que se pede.
O ultimo parecer é do P. M. Manuel da Veiga, o qual diz assim:
Parece-me tambem não haver duvida para que possa o senhor arcebispo dar esta licença que pede a senhora D. Anna de Lencastro, commendadeira do mosteiro de Santos, pois a dita Senhora não recebeu estas reliquias de que faz menção, senão de pessoas qualificadas, que lhe não haviam de offerecer reliquias, de que houvesse pouca satisfação, e ainda tira de todo o escrupulo (se algum podia haver) o ser o seu intento colocal-as em uma cruz: porque como diz o P. Sanches, liv. II do Decalogo, cap. 43, numero 17, para se porem as reliquias em Cruz, não se pede esta approvação dos bispos, porque por respeito da Cruz ficam as reliquias servindo como de ornato; e a cruz é a parte principal, a quem se ordena a veneração,
E é boa prova: a de que cada dia se enviam de Roma cruzes mui ricas e muito perfeitas que se põem nos altares dos oratorios e egrejas sem se esperar nova approvação dos prelados e bispos.
Nem de Roma se mandam com ellas instrumentos authenticos da verdade e probabilidade das reliquias que n'ellas vem. etc., Maio de 1623.
Com estes pareceres e licença do arcebispo ficou satisfeita a devoção de D. Anna de Lencastro, fez collocar n'aquella preciosa Cruz as reliquias e mandou tambem abrir na peanha ou pedestal da mesma Cruz em a parte adversa uma inscripção, que diz assim:
D. Anna de Lencastro, commendadeira d'este mosteiro de Santos deu esta Cruz com as suas reliquias para a egreja do mesmo Mosteiro em honra dos Santos Martyres. 1624.

mãos do padre Domingos Vieyra, capellão e confessor do mesmo mosteiro, sendo vigaria D. Iria de Menezes.

A decima oitava prelada foi D. Brites de Lencastre, filha de D. Affonso de Lencastre, commendador mór da ordem de S. Thiago, e de D. Violante Henriques, filha do conde de Redondo. Entrou para o convento em 1623 com provisão d'el-rei D. Filippe. Governou esta casa uns dez annos.

Em agosto de 1634 mandou el-rei D. Filippe que ella informasse ácerca d'este mosteiro; o que ella fez dizendo:

Que n'esta mosteiro se guardava a mesma regra dos cavalleiros da ordem de S. Thiago.

Que em tempo do mestre D. Jorge havia n'este mosteiro, por estatuto seu, 18 freiras. No tempo da commendadeira D. Anna havia 20, e 20 tambem havia actualmente.

Que emquanto a moças de côro não havia numero certo, mas que no tempo d'ella havia 19.

Que as freiras resavam o officio divino do breviario romano em côro com todas as ceremonias, com os seus mantos brancos, e seu habito de S. Thiago n'elles: as moças de côro ajudavam, e assistiam a ella com seus mantos, sem habito.

Que as freiras quando rezavam no coro de baixo não tinham mantos brancos, mas mantilhas pretas com o habito de S. Thiago.

Confessava-se a commendadeira e religiosas quatro vezes no anno por obrigação de uma regra Natal, Quaresma, Quinta feira d'Endoenças e Assumpção de N. Senhora com o confessor da Casa, freyre do habito, e costumavam confessar-se por seus graos, indo primeiro a vigaria, e seguiam-se as mais antigas.

O mesmo costumavam as moças do côro; e n'estas

quatro confissões faziam as religiosas uma ceremonia pondo-se de joelhos cada uma por si diante da commendadeira por seus graos, começando pela vigaria, e lhe entregavam a chave do que possuiam, e a commendadeira lhes mandava que resasem o que lhes parecesse, e, acabada a communhão, tomava a cada uma a chave dizendo-lhe—*possuam o que teem com boa consciencia*.

Tinham as religiosas outro confessor ordinario, pelo decurso do anno, por portaria do cardeal rei D. Henrique, religioso da ordem de S. Francisco no convento de Xabregas.

As commendadeiras se confessavam ordinariamente com um padre da companhia de Jesus; e isto no oratorio que tem no seu aposento, tirando as quatro vezes da sua regra como está dito.

As licenças para estas confissões davam os priores mores do convento de Palmella.

Nas quaresmas toda a gente do pateo do mosteiro para dentro, commendadeira, religiosas, moças do côro, leigas, creados e creadas e familiares d'elle tinham obrigação de commungar na egreja de Santos, como sua parochia.

Faziam os religiosas 12 procissões no anno, de obrigação da casa, em certas festas, e se começavam no côro de cima, acabada a terça, andavam ao redor das varandas do mosteiro cantando suas ladainhas, e todas com seus mantos brancos, e cirios acesos, e cruz e cereaes; que levavam as moças do côro, as quaes iam adiante, e as religiosas no couce por seus graus, e tornavam ao côro com a procissão, e então se começava a missa.

As sextas feiras de Quaresma tomavam as religiosas acabada a Completa, a disciplina, que ordenava a sua

regra, sentadas todas por ordem no coro, fóra das cadeiras; e debruçadas no chão diziam a confissão e o psalmo do Miserere, e se punha a hebdomaria d'aquella semana em joelhos diante da religiosa, e lhe dava com uma vara de marmeleiro e isto ia fazendo a todas, começando pela vigaria, e as mais por seus graus, resando o psalmo Miserere.

Quando morriam as religiosas estava com ellas o capellão freire de habito e as religiosas e commendadeiras. e ellas a acompanhavam e amortalhavam com seu manto branco e habito de S. Thiago n'elle [1].

Cada uma d'ellas resava um psalterio pela defunta e era enterrada em uma capella que para isso havia na egreja; ou no corpo d'ella, aquellas que por sua devoção o pediam, e lhes punham campa com o letreiro de seu nome, e as religiosas e moças do côro vinham em procissão com seus mantos brancos, e a traziam até á portaria, aonde a punham em um estrado com sua alcatifa junto á porta com sua cruz e cirios acesos, e ahi a encommendava o capellão do habito, e a levavam os religiosos de S. Francisco até á porta em um ataude, que para isso havia, com suas velas acesas e doze tochas ou cirios, que se punham em um estrado com suas alcatifas no meio da egreja onde lhe fazem o seu officio de 9 lições cantado, com cinco missas de obrigação da casa, e as mais que ellas mandam dizer, e as tochas ou cirios acesos ao redor da defunta [2].

As religiosas tinham de obrigação fazerem pela que morria quatro officios de nove lições, ao dia seguinte depois de sua morte, e aos oito dias, mez e anno com

[1] Historia Tripartita, pag. 509.
[2] Id. id. pag. 509.

seus cirios acesos, e a todas assistia a commendadeira senão tivesse impedimento.

Mais lhe diziam quarenta dias continuos no côro, depois do seu fallecimento dois responsos cantados, um acabada a missa, e outro acabadas as vesperas.

A commendadeira dava quarenta dias esmola a um pobre, o que cabia de rasão n'elles á religiosa defunta por sua alma.

Quando morria alguma creada de religiosa, dava a religiosa sete dias esmola pela alma da creada.

Quinta feira d'Endoenças, da huma para as duas, iá a commendadeira a Capitulo com as religiosas, e ahi fazia o officio de Lava-pés, e em quanto o faziam cantavam ellas o mandato.

Todas as festas do Senhor e da Senhora e dos Apostolos, e outras muitas, se dizia a missa conventual com tres padres, nas mais d'ellas havia pregação e vesperas cantadas, e as capitulava o capellão do habito.

Faziam n'este mosteiro mui solemnemente os officios da Semana Santa e das festas do Apostolo S. Thiago e dos Santos Martyres Verissimo, Maximo e Julia.

Quando alguma religiosa estava indisposta e não podia no côro fazer as ceremonias do officio divino, abaixava a cabeça á commendadeira, se estava n'elle, e, em sua ausencia á vigaria, para que se visse que não podia mais.

Os officios da casa provia a commendadeira em Capitulo, e quando os encarregava ás religiosas, lhe abaixavam a cabeça pondo-se de joelhos e os acceitavam. N'elles não entravam as moças do côro, e as religiosas estavam assentadas em capitulo por seus graos.

Tambem no capitulo reprehendia a commendadeira os erros e descuidos, se os havia, quando era necessario em uma falla.

Vivia a commendadeira em aposento separado com porta de per si, tinha as creadas que queria ou podia.

N'elle a visitavam seus parentes e parentas, e as mais pessoas que eram necessarias para os negocios da sua casa.

Cada religiosa tinha no mosteiro seu aposento de per si, de quatro ou cinco salas em que viviam, e n'elle tinham seu estrado e almofadas, e as armavam no inverno de pannos e de couros no verão.

Estas religiosas tinham duas creadas que as serviam: e as moças do côro, que não tinham casa, costumavam ter uma.

As moças do côro entravam no mosteiro para religiosas, e para o estado que seus paes ou parentes lhes quizessem dar, e algumas casavam, e, se para isso pediam licença á commendadeira, ella lh'a dava immediamente.

A profissão que faziam as religiosas, era a mesma dos cavalleiros, podiam casar, e quando o queriam fazer, pediam licença ao mestre, e tambem não se negava.

As religiosas podiam sahir do mosteiro, e a commendadeira lhes dava licença para isso pelos dias que lhe parecia.

E isto para casa de seus paes, mães, irmãos e irmãs casadas, e ellas as vinham buscar, e tornavam a trazer.

O mesmo costume guardavam as moças do côro.

No mesmo mosteiro podiam entrar as parentas das religiosas e moças do côro e mais pessoas, que estavam recolhidas n'elle leigas, e com licença da commendadeira, e esta lh'a dava quando era licito.

As religiosas, conforme sua regra se podiam vestir

de branco, pardo e negro; mas chãmente e sem nenhuma seda, e os toucados honestos e o habito de S. Thiago de panno vermelho cosido nos saios; e as noviças o traziam distincto no seu anno de noviciado, com dois dedos menos.

As moças do côro andavam quasi com os mesmos trajos das religiosas, e os toucados de linho e cambraia e umas e outras traziam chapins pretos.

Quando entrava alguma dona para o mosteiro, para moça do côro ou leiga, dava uma peça para o serviço da egreja do valor que cada uma podia ou queria: e as mais d'ellas a convertiam em dinheiro, e davam quarenta mil réis.

Quando as religiosas faziam profissão davam ao mosteiro cem mil réis de dote; e o mais conforme ao capitulo do regimento do mestre D. Jorge e o mais que cada um queria ou pedia.

Quando morria alguma religiosa, o habito que d'ella vagava, se costumava dar á mais antiga moça do côro, que o pedia; e quando o não queria, ou não estava com sufficiencia bastante para ser freira, passava a outra que a tinha.

O modo como se lhes dava o habito era o seguinte:

Tangia-se a capitulo, aonde ia a commendadeira, e se ajuntavam todas as religiosas, e n'elle lhe propunham como D. Fulana pedia aquelle habito: que a ella lhe parece bem dar-se-lhe por taes razões, e que assim o deve parecer a todas.

Responde a vigaria que é muita razão que se lhe dê por suas partes e merecimentos.

E a commendadeira manda a vigaria, que se levante e vá buscar a moça do côro, a qual entra em capitulo e faz mesura como secular á commendadeira e mais religiosas, e se põe de joelhos diante da commendadeira,

a qual lhe faz a sua pratica da obrigação em que fica ao mosteiro de a receber a Ordem, e o cuidado que d'ali por diante deve ter de servir o côro, e em tudo o mais com muita obediencia.

Feito isto passa a commendadeira um assignado á que quer ser noviça, de como está eleita, e lhe cabe o habito que vagou, e com elle requer na mesa da Consciencia alvará de S. Magestade para tomar o habito, e depois do seu anno de noviciado fazer profissão, e se lhe passa e vae assignar a S. M. e vindo se lhe lança o habito na fórma seguinte:

A noviça se confessa e communga, e dizem missa conventual do Espirito Santo, e ella está no côro de cima junto á commendadeira com seu manto negro pelos hombros, e acabada a missa traz a sachristã á commendadeira uma vela de tres lumes, e ella a dá á noviça; e se começa a procissão das religiosas e moças do côro, com sua cruz diante e todas com cirios acesos cantando a Magnificat, e a noviça vae no cabo da procissão junto á commendadeira até á grade do côro debaixo.[1]

De parte de fora está o capellão do habito, com a sua sobrepeliz e capa de asperges sentado em uma cadeira e ahi se lê o alvará d'el-rei, em voz alta, e se lhe dá o habito conforme a regra, e se lhe benze um manto branco de S. Thiago, distincto da insignia de noviça, e a vigaria e a sachristã lhe tiram o negro, e lhe deitam o branco e lhe dizem suas orações.

Acabadas estas, vae beijar a mão á commendadeira e depois na face as religiosas, e ellas fazem o mesmo á noviça e faz n'aquelle anno os mais humildes officios do côro.

---

[1] *Historia Tripartita*, pag. 527.

Acabado o anno de noviciado torna a commendadeira a Capitulo e propõe n'elle como tem acabado a noviça seu anno, e pede que lhe façam profissão.

E a vigaria e as freiras dizem o mesmo que no noviciado, e se confessa e se communga, e se diz a missa do Espirito Santo, e a noviça estava no côro com o seu manto branco e habito de noviça junto á commendadeira, e acabada a missa ia fazer a sua profissão com a mesma procissão, e na mesma grade do côro de baixo se lhe põe um bufete, e d'elle um missal e cruz. E a professa se põe de joelhos diante do capellão, que está da parte de fóra, se torna a lêr o alvará d'el-rei e lhe faz as perguntas conforme a regra, e no cabo d'ellas pergunta a commendadeira e freiras se são contentes de lhe fazerem a profiissão, e todas dizem que sim.

Então, postas as mãos sobre o missal e cruz, faz a sua profissão, que está na regra, em voz alta, e acabada ella se lhe põe o manto branco, com o habito de professa, que já está bento, e a levam com procissão ao côro de cima com o psalmo *Laudate Dominum omnes gentes*, aonde a assentam na cadeira. E d'esse dia em diante lhe dão ração inteira como ás mais freiras. [1]

---

[1] No tempo da commendadeira D. Anna de Mendonça professou D. Francisca da Silva, filha de D. Pedro Lobo da Silveira, que mandou fazer as seguintes obras:

Uma formosa peanha de prata para se expôr n'ella o SS. Sacramento.

Uma rica e grande sacra de prata, que, por occasião das grandes festas se punha no altar-mór.

As grades da capella-mór da sua egreja e as grades das outras capellas que havia na egreja do convento velho.

Uma tiara de prata, chaves e uma cruz para a imagem de S. Pedro.

Uma custodia de prata para pôr nas mãos da imagem de S. Thomaz d'Aquino, pag. 531.

Por fallecimento da commendadeira D. Iria, em 1657, deixando ao convento um juro de 130 mil réis, instituindo dois capellães com 2 missas quotidianas de 50 mil réis, foi nomeada por el-rei D. João IV para prelada D. Guiomar de Castro, e por morte d'esta que pouco mais governou do que por um anno, foi nomeada prelada D. Joanna de Castro que falleceu em 1674.

Entrou depois para este logar D. Luiza de Tavora, causando no mosteiro grandes perturbações esta nomeação por ser injusta, e por vir D. Luiza de fóra d'este mosteiro. A esta seguiu-se D. Iria de Menezes, filha de D. Simão de Castello Branco, e tinha recebido o habito em 1601.

Distinguiu-se pelas virtudes, n'este mosteiro uma D. Maria de Noronha, da qual diz o auctor que vamos seguindo, que nunca perdera a graça baptismal. [1] Padeceu grandes vexações do inferno, que raivava de a ver armada e fortalecida das muitas virtudes que n'ella resplandeciam. Na occasião em que adoeceu da ultima enfermidade, sentiam-se pelas escadas da sua casa muitos estrondos de cadeias de ferro, outras vezes o leito, em que dormia, se abalava de sorte que parecia que se fazia em pedaços. Algumas vezes a amortalhava com a mesma roupa da cama, e com a mesma camisa, e custava muito a desenleal-a d'aquellas prisões e ligaduras; mas tudo ella vencia com as armas da paciencia. Ao tempo da sua morte, no mais rigoroso das suas queixas, se não via n'ella a menor impaciencia. Tinha por devoção sua e por supplica que havia feito, sobre a sua cama a imagem grande de Santa Julia, e affirmou depois uma creada sua, mulher virtuosa e muito ver-

[1] *Id.*; *id.*, pag. 559.

dadeira, chamada Maria de Ceita, que entrando na sua cella ou casa, em que estava a enferma, depois de ungida se admirava de a ver, porque tinha uma tal formosura no rosto, que a desconhecera; porque os olhos pareciam estrellas, e que um resplandor com raios como o sol, a cercava assim a ella como a imagem da Santa Virgem Martyr, e de que isto vira o juraria como na verdade havia succedido.

Chegado o ultimo dia da sua vida, depois de se lhe administrarem os santos Sacramentos, assistida das religiosas suas irmãs e de alguns padres e do confessor da casa, entregou o seu espirito nas mãos do divino Esposo em 9 de fevereiro de 1669.

Depois se cumpriu tambem o que ella havia predicto que lhe cantaria sua discipula, a menina D. Brites Maxima, o responso, porque a ella o encommendaram, porque assim n'esta parte como nas mais era estremada.

Tinha sempre em casa um frasco de agua com uns ossinhos dos Santos Martyres para repartir com as doentes, e com elles obrava Deus muitas maravilhas, e assim continuamente lhe pediam. Um dia a horas de jantar, por descuido de uma menina que poz umas brazas dentro de uma arca de perfume, se pegou n'ella o fogo, e na roupa que n'ella estava, e aos gritos de que havia fogo, sahiu D. Maria de Noronha com o frasco nas mãos, se foi aonde era o fogo, em uma casa baixa, de taboado e velha, e lançando da agua dos Santos Martyres no fogo, e chamando pelo azemel da casa, lhe mandou que pegasse na arca, e a lançasse fóra, e este a lançou pela janella para o claustro, e o fogo se apagou.

Seguiu-se a commendadeira D. Joanna de Castro, sendo a vigessima primeira filha de D. João Mascarenhas, conde de Palma e de D. Maria da Costa, filha

herdeira de D. Antonio da Costa e de D. Margarida de Vilhena. Governou até 1674. [1]

Por morte d'esta pediram as freiras a el-rei D. Pedro II que lhes desse para as governar a irmã do rei, que então residia no convento de Carnide.

O conselho d'Estado, porem, votou contra, allegando augmento de despezas, e então as freiras pediram a D. Francisca da Silva, mas a mesa da Consciencia nomeou D. Luiza de Tavora, filha de D. Luiza de Tavora, e de Alvaro Pires de Tavora. Esta commendadeira, porem, passou para o convento das Carmelitas dos Cardaes em Lisboa.

Foi então commendadeira D. Isabel de Castro, filha de D. Luiz de Castro Pereira e de D. Catharina de Castro. e tinha casado com Luiz Freire de Andrade Homem, senhor de Bebadella.

Por este tempo se fez a mudança do convento velho para o novo, em 23 de maio de 1685, havendo benzido a nova egreja no dia antecedente o dr. João de Lis e Miranda, freire professo de S. Thiago, e procurador geral das Ordens Militares. No mesmo dia se começou o Jubileu do Lausperene. Prégou no primeiro dia o Prior do Convento da Graça, Fr. Manuel de Sequeira. Quando sahiram do Convento levava o Sacramento o dr. Lourenço Pires de Carvalho, deputado da Meza da Consciencia. Entrou a Procissão pela grade do côro da egreja velha, e na mesma procissão se levaram os corpos dos Santos Martyres padroeiros d'aquelle Mosteiro em o mesmo cofre de prata em que são venerados, e

[1] E' impossivel que a 3.ª parte da Historia Tripartita seja obra do P. fr. Agostinho de Santa Maria. Este padre escrevia soffrivelmente, mas a redacção da 3.ª parte chega a parecer incrivel. Aquillo parece trabalho d'alguma velha tonta.

tambem o corpo da commendadeira santa, a beata D. Sancha Martins. O livro falla-nos ainda de D. Luiza Serrão de Sousa, irmã do doutor Henrique Serrão de Sousa D. Briolonja Maria da Silva, filha de Manuel Pereira da Silva, senhor do Tremedo, commendador de Agoa Longa na ordem de Christo, e de D. Marianna de Sousa, irmã de Francisco Lobo, prior mór de Palmella. D. Luiza de Gusmão, filha de Christovão de Pantoja e de D. Micia de Sousa. D. Anna Maria da Silva, filha de D. Antão de Almada e de D. Isabel da Silva.

D. Ignez Maria de Vilhena, filha de Lourenço Pires Carvalho, e de D. Magdalena de Vilhena. D. Maria Feliciana de Castro, filha de Lopo Alvares de Moura e de D. Filippa de Lopo Alvares de Moura e de Filippa de Castro. D. Isabel Antonia de Almada, filha de D. Antão de Almada. D. Guiomar Manuel de Mendonça, filha de Pedro de Mello e de D. Thereza Maria de Mendonça. D. Maria Magdalena de Vilhena, filha de D. Christovão de Mello e de D. Micia de Vilhena. D. Cecilia da Silva, filha de D. Diogo do Almeida e de D. Luiza da Silva. D. Magdalena Francisca de Castro, filha de Fernão Telles de Menezes e de D. Anna de Castro. D. Izabel de Ayala, filha de Antonio de Sousa de Mello e de D. Josepha de Gouveia e D. Cecilia de Aragão sua irmã: estas dezesseis religiosas eram as que então havia no convento.

Por morte da ultima commendadeira mencionada entrou para o seu logar D. Ignez Maria de Vilhena, a qual falleceu em 1722.

A egreja do mosteiro de Santos merece que o leitor a visite. Possue quadros, azulejos e obra de talha que merecem ser vistos.

O P. João Baptista de Castro no seu Mappa de Por-

tugal, vol. III, pag. 274 só accrescenta as seguintes noticias:

E' este mosteiro de grande authoridade, porque se tratam as religiosas como senhoras que são: e a sua commendadeira sempre é uma senhora de conhecida nobreza e qualidade, que presentemente é D. Maria Rosa de Portugal desde o anno de 1743, em que foi nomeada depois da morte de seu marido o conde de Pombeiro D. Pedro de Castello Branco da Cunha. Com o terremoto ficou este grande edificio arruinado por dentro, e incapaz de habitarem n'elle as religiosas, as quaes mandaram fazer na sua cerca varias barracas, onde permanecem ainda. Já se vê que o mosteiro e egreja depois foram restaurados.

No real Mosteiro de Santos actualmente a festividade mais concorrida é a que se celebra na quarta sexta-feira de Quaresma annualmente. Fazem dentro do convento a procissão dos Passos, havendo na egreja sermão do Pretorio e do Calvario.

A' noite dentro do mosteiro ha rifas de varios objectos, sendo o producto applicado a obras caritativas. E as despezas correm sempre por conta da ultima fidalga que se casa.

E mais alguns passos, e está o leitor no convento da Madre de Deus, de apparencia mesquinha, mas onde se encerravam grandes preciosidades artisticas, mormente nos quadros da sachristia.

Era um dos maiores pontos de reunião do beaterio até ao meado do corrente seculo. Hoje ninguem falla da Madre de Deus.

E a verba do orçamento para culto da imagem que se venera actualmente na capella do Asylo Maria Pia é da seguinte forma:

Capellão..........................	270$000 réis
Sachristão.........................	48$000 »
Subsidio ao capellão.................	60$000 »
Suffragios........................	15$000 »

Amigo leitor: a Madre de Deus não era só um convento, não era só um monumento historico, era um museu de primeira ordem, onde estavam guardados riquissimos objectos artisticos, que podiam fazer o orgulho dos portuguezes. Esses objectos pela maior parte desappareceram, mas não n'esses tempos de lucta fratricida entre constitucionaes e miguelistas. Esses primores artisticos deixaram d'existir na Madre de Deus bastantes annos depois...

O mosteiro da Madre de Deus é fundação da rainha D. Leonor, mulher d'El-Rei D. João II. E o chronista nos diz o seguinte:

«Intentou a rainha edificar uma casa ou collegio de Virgens que desprezando as vaidades do mundo, se applicassem ás doutrinas da meditação e contemplação para conseguirem o grau de Santas entre os graduados do Ceo.

«Vestia esta exemplar rainha o habito da Terceira Ordem Serafica: e para mostrar que mais subia de ponto o amor com que respeitava o seu e nosso Santo Patriarcha, ideou um mosteiro de filhas suas, debaixo do instituto e regra primeira da matriarcha Santa Clara. Cuidou logo de pôr em execução sua santa idéa. E como possuisse um palacio n'esta côrte entre a egreja de Santo Eloy, de conegos regulares do S. João Evangelista e a parochia de S. Bartholomeu, n'elle delineou a fundação por lhe parecer competente ao seu destino.»

O convento franciscano da Madre de Deus foi obra de D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II, a qual ideou um

mosteiro de filhas do patriarcha S. Francisco, debaixo do instituto e regra primeira da matriarcha Santa Clara.

Comprou em 1509 para tal fim umas casas, a pouca distancia de Xabregas, mandadas ali fazer por Alvaro da Cunha, e nas quaes morava sua mulher D. Ignez, já viuva, e umas hortas annexas conhecidas vulgarmente pelo nome da *Concha*, e principiou-se o mosteiro, depois de obtida licença do papa Julio II.

A 23 de junho de 1509 se deu principio á egreja, que mais tarde ficou sendo casa de capitulo, a qual solemnemente foi benzida em 23 de junho de 1509 pelo arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa.

O vigario provincial fr. André da Guarda, um dos definidores, entre os quaes se achava fr. Affonso de Portugal, confessor da rainha fundadora, tomou na sua obediencia o mosteiro por um termo que assignaram em 8 d'outubro de 1510.

As fundadoras vieram do convento de Jesus de Setubal. Seus nomes Soror Collecta, abbadessa: soror Isabel de Bethania; Soror Antonia da Trindade: soror Maria da Columna; soror Margarida; soror Maria de Jesus; e soror Francisca.

O convento era destinado para 20 freiras, mas a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, com licença de Pio I, em 1567, elevou o numero a 30. A rainha fundadora aqui viveu muitos annos, e entre as freiras ficou interrada.

El-rei D. João III mandou desfazer a egreja antiga, construir outra de novo, e juntamente uma rica sachristia e o segundo claustro. Prohibiu que se fundassem casas junto do mosteiro, e lhe fez outras mercês. Tomava um tão alto conceito (diz o chronista adiante citado) das virtudes d'aquellas freiras, que, quando entra-

va na clausura, se prostrava de joelhos diante dos religiosos, e a cada uma d'ellas tomava a benção.[1] E se mandou retratar a si e á rainha sua mulher em dois quadros que se acham no coro.

D. Sebastião tembem o frequentava a miudo. A princeza D. Joanna, mãe d'este rei, deixou a este mosteiro o seu vestido de velludo roxo guarnecido d'oiro, com o qual entrara em Portugal.

A infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manoel, alli se entretinha a enfeitar os altares.

El-rei D. Pedro II tambem o frequentava, mas esquivava-se a ser visto das freiras. Uma mandou perguntar a causa d'esta esquivança, e rei deu em resposta:

Que fugia das freiras por intender lhe estavam vendo o seu interior.

A freira porem accudiu promptamente:

Que se ellas viam ao perto por dentro, não deixariam tambem de ver ao longe, por dentro e por fóra!

Todavia quando foi para a campanha a favor de Carlos III foi-se despedir d'aquellas freiras, e tomou a benção a uma freira preta, mulher de virtude, por nome Cecilia.

El-rei D. João V fez a este mosteiro grandiosas esmolas. Quando ia para as Caldas, ficavam sempre acesas duas tochas diante da imagem da Senhora da Madre de Deus.

A rainha de Hespanha, filha de D. Marianna d'Austria, mandou tambem de presente a esta Imagem o vestido que lhe servira no dia da sua acclamação. E eram tão vulgares as visitas das pessoas reaes a este mosteiro, que uma freira velha, batendo com a mão nas cos-

---

[1] Fr. Jeronymo de Belem: Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves. Lisboa, 1755.

tas a el-rei D. João III lhe gritou: *Rey fóra, Rey fóra*; querendo com isto dizer que as pessoas reaes apartavam frequentemente as freiras das suas devoções, e exercicios religiosos[1]. E estas devoções eram avivadas pelo grande numero d'indulgencias que os summos pontifices tinham concedido a tal convento, e que se podem ver no cap. VI do III vol. da mencionada Chronica. E eis porque fr. Jeronymo de Belem exclama:

«Esta liberalidade com que a Sé Apostolica attendeu a este mosteiro, de tal sorte fez radicar nos corações dos fieis a devoção á Igreja, e prodigiosa imagem da Mãe de Deos, como se vê em todos os sabbados do anno, e nos domingos desde a septuagessima até á Paschoa da Ressurreição, que parece um lausperenne continuo a sua frequencia.

Para estes dias, vulgarmente chamados, Sabbados e tambem Domingos da Madre de Deus, ha outras particulares indulgencias concedidas ás reliquias dos Santos expostos á veneração do povo; e nos mesmos sabbados ha sermão.

Os beneficios dos reis de Portugal a este mosteiro foram continuos. A rainha D. Leonor comprou aos frades loyos uma fonte d'agua que estes possuiam em Xabregas, e por ella lhes deu um ornamento de brocado em 1510. Fez a rainha á sua custa o encanamento. E para conservação d'este mandou el-rei D. Sebastião em 1568 que todas as arvores que se achavam misticas com os canos da agua fossem cortadas, sendo primeiro avaliadas e pagas a seus donos.

E a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, para augmentar mais esta agua, comprou em 1572 a João

[1] Id. id. pag. 14. 1755. vol. III. pag. 2.

Godinho um poço d'ella, que tinha em uma quinta no valle de Chellas, havendo antes feito em 1566 mercê ao mosteiro de outro poço d'agua que se achava em um olival pertencente a Francisco Bravo, a quem o comprou dando-lhe por elle uma morada de casas.
E ainda comprou outra fonte que possuia em uma quinta sua D. Gaspar de Muz, por 205 mil réis. E o laudemio de sessenta mil réis foi pago ao convento de Santo Eloy, a quem era foreira, em 3 de julho de 1609.

El-rei D. Manuel por um alvará passado em Evora em 1509, e confirmado em 1624, por seu filho, mandou que ninguem podesse fazer casas desde este mosteiro até o de Xabregas. Em 1526, por carta assignada em Alcochete privilegiou D. João III e isentou de todos os cargos do concelho ao tintureiro que tingisse veos para as freiras d'este convento.

Previlegiou dos mesmos encargos a outro homem que pedisse esmolas para este mosteiro [1], e ainda a outro que as pedisse no Algarve. D. Jorge, filho de D. João II tambem isentou dos mesmos cargos em 1526 aos mamposteiros que andassem a pedir esmolas para este mosteiro, e o mesmo praticou D. Affonso, filho d'el-rei D. Manuel.

N'este mosteiro o beaterio esteve sempre do seu requinte, e são innumeras as lendas que se referem.

«Na occasião (pag. 585) em que a imagem da Mãe Deus costuma ir em procissão de retiro para o interior da clausura, querendo uma freira por nome soror Clara concertal-a com um interior vestido, se ajustou com a sachristãa, para que, fechadas ambas no côro, exa-

[1] A taes homens dava-se o nome de mamposteiro.

minassem á sua satisfação a materia, de que era formada, por desconhecida. Entrou soror Clara a descoser o interior vestuario da Senhora, e ao mesmo tempo se achou cega, e a sachristãa com um tal tremor qpe parecia tirar-lhe a vida. N'esta confusão, sem huma poder acudir á outra, e sem se poderem dar a conselho, levantou a sachristãa a voz dizendo:

Basta, não examineis, que morro.

Contrita de sua ousadia, e humilhada aos pés da Senhora, lhe pediu perdão do seu excesso.

Em summa toda a vida d'esta freira foi um continuo padecer, até que a morte a roubou ao martyrio em janeiro de 1717.

Teve esta freira uma discipula Soror Maria Magdalena de Jesus, nascida em 1660, cujas virtudes a Chronica tambem muito encarece.»

Sendo ainda muito menina a trouxe a este mosteiro uma tia sua chamada D. Jeronyma Lobo, pela festa do Natal; e levando-a as religiosas ao presepio, como se alegrasse com a presença do Menino recem-nascido, o depositaram em seus braços, de que ella muito gostou, e retirando-se saudosa de tão amavel presença para casa, porque seu irmão Pedro de Figueiredo a offendeu no berço, em que tivera o Menino, o sentiu com excesso, não pela dôr, que lhe causou, mas por haver estado n'elle o seu Divino Esposo.

D'esta occasião lhe ficaram tão anciosos desejos de ser freira n'este mosteiro, que d'ahi por diante não queria lhe fallassem em outra materia; e para mostrar que n'esta casa lhe havia disposto a Providencia o theatro das suas misericordia, pedia ás suas parentas a trouxessem á Madre de Deus, onde só encontrava os melhores divertimentos.

Sahindo um dia do mosteiro, tão grande foi a sua

saudade, por não ficar n'elle, que cahio enferma e, com facilidade perderia a vida, se n'esta doença não tivesse repetidas visitas da Senhora, que lha segurava para complemento de seus anciosos desejos.

Chegaria n'este tempo á edade de quatro annos; e com muito acordo disse hum dia, que a Senhora Madre de Deus a visitara, dizendo-lhe que havia de conseguir saude.

Tendo já cinco annos d'idade foi ver a procissão dos Passos, acompanhada d'uma tia sua que depois recebeu o habito em o convento de Santarem; e n'esta occasião lhe succedeu o caso seguinte, que sempre teve muito de mysterioso.

Quando passava a sagrada imagem do Senhor, alvoraçada a menina com a sua vista, voltou para a tia dizendo:

Olhe, minha tia, não ouve o que me diz aquelle Senhor? e perguntando-lhe o que dizia, respondeu, que que voltando os olhos para ella dissera:

Quando haveis de ir, minha Capuchinha, para a Madre de Deus? Este caso se fez publico na Côrte, e a mesma menina, sendo já religiosa, assim o referia com grande consolação da sua alma.

Em quanto não chegava aos sete annos para educanda n'este mosteiro, ia desafogar seu coração ao de Santa Monica, onde passava alguns dias em companhia da madre D. Paula de Castro, sua tia; e em hum d'elles lhe succedeu o caso seguinte.

Poz os os olhos em um quadro de Jesus, Maria e José, e advertido que o Menino estava descalcinho, enternecida de ver sem sapatos seu Esposo Divino, a toda a pressa descalçou os seus, e com innocencia engraçada lhe fez d'elles offerta para reparo do frio (593).

Assistindo com seu pai em uma quinta do Campo

Grande, pediu a seu irmão Henrique de Figueiredo, de pouco mais annos que os seus, que a trouxesse a este mosteiro.

Conveio o irmão no ajuste; e sahindo ambos de casa, sem saber para onde dirigiam os passos, vieram os dois innocentes caminhando por onde o amor lhe mostrava o caminho.

Em grande distancia já da quinta os encontraram algumas pessoas, que logo foram dar aviso do que se passava; e sendo conduzidos a casa, se queixava a menina de lhe atalharem os passos, quando ella mais desvelada os dava em seguimento de seu Amado (594).

Obteve-se á vista de taes desejos, um breve de Roma, e a menina entrou para o mosteiro da Madre de Deus antes dos 7 annos d'edade!

Á sahida de casa todos choravam, só ella pedindo que a enfeitassem, dizia:

«Què vinha a ser Santinha, e Esposa do Menino Jesus! (595).

Á porta a esperavam as religiosas com a engraçada imagem do Menino Jesus, e, apenas a nova esposa lhe poz os olhos, com apressados passos se foi abraçar com elle, sem querer largal-o a quem lh'o entregou, e depois exclamou:

«Meu Esposinho, já sou toda vossa até morrer, e vós todo meu para uma eternidade» (pag. 596).

«Mandaram-n'a um dia apanhar umas flores á cerca; e andando-as ella colhendo, e tambem algumas murtas, no sitio, a que chamam do *Monte Alverne*, entre as mesmas murtas lhe appareceu a melhor flor do campo, como na edade de tres annos, tão bello, formoso e engraçado, que a sua vista lhe roubava o coração.

Alvoraçada a amante esposa com e visão, e attrahida do amor a seu Esposo Menino, correu logo a abra-

çar-se com elle, para se lograr das suas caricias; mas com tão pouca ventura, que quanto mais o seguia, elle mais se retirava, occultando-se entre as murtas. Desfazia-se em lagrimas a saudosa esposa, e por isso mesmo lhe fugia o amante Esposo, porque gostava de seus excessos, mas deixando-se emfim apanhar como flor, deixou logo em desmaios a esposa, que como lhe faltasse a cautella da outra, que tendo-o, o não largou, no mesmo ponto se soltou de seus braços, muito apezar da sua saudade.

Aqui se augmentou esta, com a expressão de novas lagrimas e como outro memorial de sua pertenção; mas sem lhe valer o excesso, ainda era mais viva a dôr na perda do seu amado, que por lhe roubar o coração, a deixou sem alentos.

Com esta magua foi logo buscar sua mestra, a quem referiu o successo, pedindo-lhe remedio para tão grande afflicção, ao que ella com prudencia lhe respondeu, que o buscasse dentro de si, onde logo o acharia. Bem entendeu a innocente menina o conceito, mas com sinceridade replicou dizendo:

«Eu ca o sinto no meu coração, mas aquelle que se me perdeu nas murtas, era muito lindo e bello, e não posso socegar n'este cuidado (pag. 597).

Padeceu muito com os confessores, que nem todos se entendiam com ella; uns por falta de paciencia, e outros pela dureza de condição; e só podia respirar no confessionario, quando se encontrava com algum dotado de prudencia, affabilidade e brandura, que, como não tinha ainda muito que cortar, se lhe faziam mais sensiveis os golpes da aspereza (598).

N'esta formalidade de vida passou os oito annos de educanda.

Aos 15 annos tomou o habito de noviça. E o P. Fr.

Antonio das Chagas dizia d'esta fallando com a mestra: Tem vossa mercê uma noviça de quem eu tomara ser discipulo: louvado seja Deus. que tanto se mestra empenhado com esta alma! (589).

Falleceu uma religiosa, sua particular amiga; e porque em vida teve algum defeito contra o voto da pobreza, com a sua ardente caridade solicitava a serva de Deus allivio de sua alma, livre das pennas do Purgatorio.

Um mez inteiro orou por ella; e em todas as noites chegava a defunta á sua cama embrulhada em um habito pobre, roto e desprezivel, pedindo-lhe se lembrasse de sua pobreza, e grande necessidade que padecia. Para satisfazer á supplica se levantava da cama, e recolhendo-se a uma casa retirada, ali tomava uma rigorosa disciplina, e gastava largo tempo em orar por aquella pobre alma, a qual sahia da sua presença, como gostosa e satisfeita pela esmola e suffragio (603).

Ordenou el-rei D. Pedro II ao irmão d'esta freira Pedro de Figueiredo, que fosse cavalleiro em um dos dias da tourada no Terreiro do Paço na presença d'este rei, rei, e o cavalleiro procurou sua irmã pedindo-lhe suas orações para o seu bom successo; e, depois de informada do dia e hora, em que havia de sair ao curro, o despediu com a certeza de ser bem succedido, confiado na misericordia do Senhor.

Confiado o fidalgo cavalleiro na promessa de sua irmã, sahiu ao curro; e com tanta felicidade, que cada sorte que fazia, era uma vida que tirava.

Advertindo no demasiado valor e fortuna, poucas vezes vistas entre forças tão desiguaes, D. Pedro mandou retirar o cavalleiro dizendo:

Por alli anda a freirinha da Madre de Deus! (605).

Um dia, em que, por muito opprimida, pediu ao Senhor, do intimo do coração algum soccorro para tanta

miseria, alcançou de sua infinita bondade esta resposta: Eu não pedi a meu Eterno Pai que me tirasse da cruz, antes morri n'ella por teu amor (pag. 611).

Haviam-lhe mandado umas tigelas para o ministerio da comida dos pobres (613); e ao tempo de mandal-as entregar á abbadessa, sentiu mexer com ellas.

Reparou e viu que o mau hospede estava assentado junto da sua cama com as tigellas nas mãos, e pondo-as á sua vista; ou para lhe lembrar o seu ministerio, incitando-a á vaidade, ou para lhe metter alguma suggestão de apego em cousa de tão pouco valor.

Mandou logo as tigelas á prelada, e n'esta fórma fez desapparecer o tentador, que, supposto lhe causou alguma turbação no principio, conhecido o enredo, o fez despedir confuso.

Depois de receber todas as absolvições da Ordem, Bento, e Carmo, de quem tinha os bentinhos, e da Terceira Dominicana, a horas das vesperas do serafico Patriarcha do anno de 1724, entregou sua alma ao Senhor com semblante alegre e risonho, na edade de 65 annos.

A madre soror Francisca de S. Jozé, que padecia ao tempo do fallecimento da serva de Deus, um grande diffluxo que lhe impedia toda a cabeça, com falta de respiração, chegou afflicta ao esquife, em que se achava disposto o seu cadaver, e, pondo no rosto a sua mão, logo ficou desembaraçada e livre da queixa (pag. 624).

Na villa da Mouta se achava uma mulher chamada Brigida Maria do Espirito Santo no aperto de um parto, com dores de tres dias, sem poder lançar a creança. N'este perigoso conflicto lhe applicaram um escripto da propria letra da serva de Deus, com tanta felicidade que logo se verificou o prodigio, lançando a creatura com feliz successo.

D. Felicia Correia, mulher d'Agostinho Soares, estando muito enferma com intensas dôres de gotta arterica em uma mão, que de nenhuma sorte podia mover, applicando-lhe com grande fé outro escripto da letra da madre soror Maria da Purificação, logo ficou livre das suas dores.

A madre soror Brites da Conceição era filha de D. João de Mascarenhas, conde de Sabugal, entrou para a Madre de Deus em 1679 com 12 annos d'edade.

Com 15 annos d'edade recebeu o habito de noviça em 1682.

Por conta da sua natural graça e esperteza summa padeceu suas mortificações com sua mestra a madre Soror Maria Antonia do Sacramento que por impertinente tratava a soror Brites com demasiada aspereza, faltando-lhe a prudencia em disfarçar alguma puerilidade, como resultancia dos poucos annos.

O fechar uma janella do côro com algum estrondo, era bastante culpa para grande castigo: e um levantar de olhos, por descuido, provocava logo a penitencias, pag. 616. Falleceu em 1727 com sessenta annos de edade.

Soror Anna de Jesus Maria, chamada no seculo D. Maria de Faro, era filha de D. Antonio de Castello Branco, conde de Pombeiro, e nasceu em Lisboa no anno de 1697.

Sua mãe era extraordinariamente desabrida para com esta filha, e diz o chronista (618) que assim a preparava para a vida de convento.

E com effeito levou-a contando apenas 5 annos d'edade—para a Madre de Deus em 17 de setembro de 1702. Ao entrar exclamou a menina:

«De ninguem trago saudades, porque só venho abraçar-me, e entregar-me toda ao meu Esposinho.»

Passados, porém, dias foi perdendo a côr do rosto, e as religiosas se persuadiam que comia barro, e para lhe tirarem o costume lhe palpavam o sangue com rigorosos castigos (619).

Professou esta freirinha em 1712, e depois gostava que lhe chamassem gato, pelo seu retiro, a que logo respondia:

Deixem-me esconder para não arranhar (621). Morreu de bexigas em 1729.

A madre soror Maria Josepha de Jesus era filha de D. Diogo d'Almeida e de D. Luiza Maria da Silva.

Foi desde tenros annos mettida no convento de Santa Clara de Lisboa, depois passou para as Commendadeiras de Santos, onde esteve 4 annos.

Fugiu, porém, d'aqui, e foi introduzir-se no da Madre de Deus (622).

O que mais a mortificou na sua vida foi a secura dos confessores; que por menos advertidos, ou por lhe provarem a paciencia, ao mesmo tempo em que reconheciam a sinceridade e pureza de seu coração, a mortificavam quanto podiam (624).

Apezar de se entregar a todo o genero de mortificações e penitencias, falleceu com 80 annos de edade em 1729.

A madre soror Jeronyma das Chagas era filha de Luiz de Oliveira da Costa e de D. Luiza d'Albuquerque, de sangue illustre.

Quando seu pai lhe fallou em casar com um primo, respondeu que já tinha um noivo no convento.

Entrou, com effeito, para a Madre de Deus em 1767. Quando a Communidade tinha feijões cosidos sómente em agua, fazia d'elles provimento para toda a semana. Nos jejuns ainda era maior a sua austeridade, se é que a póde haver em quem jejuava por vida e comia por onças.

Teve especial dom das lagrimas.

A madre soror Maria Michaela dos Anjos era de familia mui illustre, pois teve por paes D. Francisco d'Azevedo e D. Maria de Brito e Noronha.

Esteve primeiramente no convento de Santa Clara de Villa de Conde, mas d'este sahiu em 1667 para a Madre de Deus.

O padre Fr. Antonio das Chagas, seu director espiritual, dizia d'ella:

Que soror Maria Michaela era uma das almas que elle mais amava em Deus.

Apezar de tambem se entregar a todo o genero de penitencias viveu 80 annos, fallecendo em 1733.

E um servo de Deus assegurou á Communidade, que a veneravel soror Maria Michaela dos Anjos, subira da cama para o Céu (633).

Era o Convento da Madre de Deus um dos predilectos da fidalguia, e a madre soror Isabel do Espirito Santo foi o que preferiu.

Era filha de Pedro Salema de Carvalho, e de D. Margarida da Costa Sotto Mayor.

Pela morte do irmão entregou-lhe o pae o governo da casa, que era na villa de Vianna no Alemtejo, e de cinco irmãosinhos.

Mas sendo enviado para o convento d'aquella villa o commissario dos Terceiros fr. Manuel das Neves, principiou a confessar a futura freira da Madre de Deus, e fez tambem com que ella fosse terceira.

Mais tarde veio para a Madre de Deus, dizendo adeus a tudo quanto pertencia ao mundo.

E foi tanto do agrado de Deus que este lhe mostrou a alma do seu confessor fr. Antonio de S. Jozé participando da gloria (635).

E o demonio tinha tanta raiva a esta freira que: «certo

dia andou com ella aos boleos em casa, arremeçando-a pelas paredes, e com tal violencia, que, quando se lhe foi acudir, a acharam tão maltratada, que em braços a levaram para a enfermaria, onde esteve um anno, passando dores tão crueis, que nem de noite nem de dia a deixavam socegar (636).

A madre soror Marianna da Conceição, filha do conde Diogo Lopes de Sousa entregava-se continuamente ás mais acerbas penitencias, e todavia morreu com 75 annos de edade.

Soror Maria Luiza da Conceição, Luiza de Castro, era filha do conde de Val de Reys D. Nuno de Mendonça e de D. Luiza de Castro.

Tendo a menina 3 annos de edade, observou que pendente em uma cisterna da casa estava uma pouca de fructa a esfriar; e por não esperar que lha dessem ou tirassem, subiu ao bocal da cisterna para fazer uma preza.

Chegou n'este tempo uma serva da casa: e vendo a menina suspensa no ar, se assustou com a evidencia do perigo de submergir-se nas aguas, ao que ella respondeu sem susto algum, que uma senhora vestida de branco lhe dera a mão para não cahir.

Verificou-se o prodigio: porque, sendo levada a menina á egreja da Penha de França, apenas vio a imagem da Senhora com o mesmo vestido, disse ser a mesma que a livrára do evidente perigo de cahir na cisterna (642).

Por morte da mãe ficou esta menina entregue ao cuidado de sua irmã D. Luiza, que depois foi condessa de S. Thiago, a qual a creou com tanto rigor: «que mais parecia verdugo da innocencia, que irmã do mesmo sangue.

Os castigos eram tão asperos, como continuos, com cau-

sa e sem ella; de sorte que em uma occasião a prendeu pelos cabellos ao seu leito (643).

Sendo o conde de Val de Reys nomeado governador do Algarve por D. Pedro II, mandou sua filha para a Madre de Deus em 1668.

Aqui, quando a menina estava com muito somno, uma irmã — a madre Margarida da Trindade, lhe cravava alfinetes na sua innocente carne, ou a despertava á força de crueis disciplinas (644).

Apesar, porém, d'isto e de muito mais, não quiz deixar a Madre de Deus, e n'este mosteiro professou em 1676.

O dia, porém, em que esta freirinha se entregava a maiores mortificações, era aquelle em que o arcebispo de Braga seu irmão D. Rodrigo de Moura Telles mandava na egreja d'este convento celebrar a festa dos Desposorios da Senhora com S. José. Occupou o logar de enfermeira, refeitoreira, porteira menor, e maior, sachristã, vigaria da casa em dois treennios, e eram tão notorias suas virtudes que em 1717 foi procurada para fundadora do convento da Madre de Deus de Guimarães.

Partiu esta de Lisboa acompanhada das mais religiosas nomeadas em 18 de maio de 1716 com tão grande saudade das suas freiras que a não se tratar com todo o segredo a sua sahida, seria difficultoso o conseguir-se, por não perderem sua amavel companhia, pelo muito que se interessavam nos seus bons exemplos.

Acompanhavam tambem a veneravel madre fundadora o padre prégador fr. Antonio do Encarnação, e D. Antonio Mascarenhas, irmão da condessa de S. Thiago, sobrinha da mesma Madre soror Luzia; e sendo recebida em todas as regras nos mosteiros, aonde chegava, com toda a distincção devida á sua pessoa, em nenhum quiz admittir os festejos de musica e instrumentos, com

que a politica religiosa pretendeu applaudir sua chegada, dizendo: Que uma pobre freira capucha não éra merecedora de similhantes obsequios.

Pouco convencidas d'estas humildes demonstrações as religiosas da Castanheira, com o pretexto de uma sonata ao Divino, procuraram gratular a sua hospeda, a qual persuadida de suas instancias, se deu por obrigada a fazer acceitação da offerta, bem desempenhada em um devoto acto de contricção em verso, de que ella muito gostou pelo boa consonancia da lettra

A 28 do proprio mez de março chegou á cidade do Porto, onde a esperavam seu irmão, primaz de Braga, e o bispo da mesma cidade, com distinctos apparatos, tão proprios da acção, como alheios da sua modestia. O mesmo desempenho mostrou a villa de Guimarães, aonde chegaram na primeira oitava da Paschoa, a 13 d'abril. E fazendo o seu egresso do mosteiro de Santa Clara da mesma villa, no meio de uma luzida procissão, chegaram ao novo domicilio, a cuja porta a esperavam as recolhidas com tanto alvoroço, que por conta das lagrimas correram os comprimentos das boas vindas.

A tudo assistiu o primaz, com parte do seu cabido, e todo o da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, clero, communidades religiosas, e a camara, com um concurso de povo, que tudo fazia vistoso este solemne acto.

Em a noite do referido dia 13 d'abril e nas tres seguintes correu por conta da villa o applauso e posse da veneravel fundadora com luminarias e repiques; e o mosteiro nos tres seguintes dias explicou o seu alvoroço com o Corpo de Christo Sacramentado e exposto, rendendo-lhe os graças pelo singular beneficio, por tantos annos desejado, e á força d'orações conseguido.

Para este empenho e desempenho concorreu o prelado com a pessoa e grandeza, que se esperava de seu animo generoso. e com a musica de sua capella, e os dois conventos, franciscano e dominicano, com os prégadores da festa.

Concluiu-se a ultima noite com fogo de artificio, o qual com suas linguas e tremulantes chammas fez publica n'aquella villa uma das mais celebres funcções, que lograram seus moradores.

O mesmo arcebispo benzeu o cemiterio interior da clausura, e no sabbado seguinte dedicado á Mãe de de Deus, titular da casa, receberam as recolhidas o habito da primeira regra de Santa Clara, e com elle viram completas as esperanças de tantos annos, entre as maiores contradicções.

No mesmo dia da posse se passou áquelle jardim de 20 plantas, na fórma da bulla.

Concluiu o prelado todas estas acções com uma discreta pratica, exhortando aquellas novas plantas á prompta obediencia, que deviam ter a seus prelados, de quem as fez subditas por uma provisão sua que mandou ler publicamente. nomeando por abbadessa sua irmã, soror Luzia Maria da Conceição.

A modestia, humildade e silencio com que a madre fundadora fez a sua jornada, eram a melhor prova de sua virtude.

Não houve jámais pessoa alguma que lhe visse o rosto; porque sempre e em todo o lugar que a encontravam com o seu veo descido, nem as religiosas dos mosteiros por onde passava, puderam acabar com ella o discorrer pela clausura, satisfazendo-se sómente de fazer via para o coro, e dirigir os passos para o seu aposento.

Estando já recolhida em o seu mosteiro, em obsequio

á sua pessoa e do primaz, seu irmão, foi visitada das principaes senhoras da villa, que gostosas procuravam ver a mesma, de quem publicava a fama tantas virtudes, e em sua companhia assistirem a todos os dias da festa.

Em dia dos Prazeres da Senhora, a 20 d'abril, se fechou a clausura, e deixando certas da sua protecção o devoto arcebispo as religiosas e noviças, em quanto viveu, não faltou á sua palavra, porque além dos gastos da sua entrada, não se poupava aos precisos para o seu sustento. [1]

Considerava-se a madre soror Luzia prelada e cabeça d'aquelle novo espiritual edificio; e para instruir suas filhas na santa e religiosa creação, lhes dispoz as regras seguintes, tiradas do estylo praticado no seu mosteiro, e dos influxos de seu abrazado espirito, para que em seus corações se ateassem os mesmos fervores.

Ordenou que desde a Paschoa até á Exaltação da Cruz em setembro se despertasse ás cinco horas da manhã, e no mais tempo do anno ás seis; e logo que as religiosas chegassem ao côro, tivessem prompta uma missa para ouvirem, a qual concluida, rezassem as horas canonicas, e no fim d'ellas tivessem hora e meia d'oração, a que se seguiria a missa conventual.

Que se tocasse depois para a casa de lavor, onde ao trabalho das religiosas lesse outra algum livro espiritual.

O cardeal D. Henrique em março de 1579 fez esmola a este mosteiro em cada anno de vinte e quatro moios de trigo, dez moios de cevada, oito moios de milho, quarenta alqueires de grão, e cento e quarenta pannaes

---

[1] Fr. Jeronymo de Belem: Chronica Serafica. vol. III, pag. 651.

de palha, e poucos dias depois lhes mandou dar annualmente a esmola de quinhentos mil réis em dinheiro, e alem d'isto — tres arrobas de cera, uma pipa de vinho, outra de vinagre, outra d'azeite, quatro quintaes de arroz de Valença, dois quintaes d'amendoas doces, seis peças de figo branco, seis arrobas de passa assaria, cento e cincoenta varas de roão.

E não satisfeito com taes donativos ainda depois lhe mandou dar annualmente tresentos mil reis pagaveis do contracto que se tinha feito dos tratos e rendas das ilhas de Cabo Verde e Rio de Guiné com Antonio Nunes, do Algarve, e Francisco Nunes, de Beja.

Este ultimo rendimento, porém, cessou mais tarde, e por isso D. Pedro II em 1704 lhe accrescentou duzentos mil réis cada anno de esmola, imposta nos ordinarios dos contratos que d'ali por diante se arrematassem, e em 1706 lhe mandou dar annualmente duas arrobas de cera, além d'aquella que já recebiam.

Era tambem esta casa mui frequentada por causa das reliquias n'ella existentes.

Havia um santo sudario muito afamado que se dizia ser uma copia do que se guardava na cidade de Turim. Foi presente de Maximiliano I, primo da rainha fundadora [1].

Mostrava-se no sermão de mandato em quinta feira santa, para se satisfazer ao innumeravel povo que por mar e por terra concorria a veneral-o, para o que se fez um pulpito fóra da egreja.

Mostrava-se tambem ao sermão da Soledade, ao qual assistiam os frades de Xabregas, que tinham ido na procissão do enterro, e tambem os frades loyos do Beato. Tiravam-se então muitas medidas d'elle, que as religiosas liberalisavam ás pessoas da sua estima.

Havia tambem um santo espinho dado pela funda-

dora, a el-rei D. Duarte, e ácerca d'elle tambem ha lendas que se poderão ver na pag. 29 da Chronica.

Estava collocado em um relicario d'ouro a modo de capellinha, que pesou quatrocentos mil réis, e os degraus estavam cheios de reliquias de santos.

Havia tambem um santo lenho formado de muitas particulas que deram á rainha D. Catharina, mulher de D. João III, a imperatriz D. Maria, irmã de Filippe II, de Castella, na occasião em que veio a Lisboa, e D. Guiomar Coutinho.

Estava decentemente collocada em uma cruz de prata de 3 palmos, e as quatro faces do pé se achavam guarnecidas com ossos dos martyres de Marrocos e de Ceuta.

E alem d'estas reliquias havia muitissimas outras, entre as quaes se distinguia um relicario d'ouro, em fórma d'uma noz com uma reliquia do santo sudario de Christo e outra da sua columna. Havia tambem uma tigellinha de pau por onde Santo Antonio tinha bebido.

Como D. João II e a rainha D. Leonor, sua mulher, gostassem d'este sitio, e fizessem grande apreço dos frades de Xabregas, tinham sua ordinaria assistencia em um palacio seu, onde antigamente esteve outro, que em tempo de D. Fernando foi queimado pelos soldados biscainhos, nas guerras de Portugal e Castella, situado entre o convento de Xabregas, e o mosteiro da Madre de Deus, no mesmo logar, onde existiram depois as casas dos condes de Unhão.

Mandou a rainha fabricar uma fonte, na qual se veem gravadas em pedra a imagem de Christo com lettras que dizem *Da mihi bibere.* [1]

E no tanque da fonte se vê uma empreza de armas da

[1] Fr. Jeronymo de Belem: Chronica Serafica da Provincia dos Algarves. Vol II pag. 185.

rainha, que é uma rede, a que os pescadores chamam de *rasto*, para memoria do tragico successo do principe D. João, que morrendo afogado no Tejo, em similhante rede o tiraram os pescadores n'este mesmo sitio. Conservou-se esta fonte por muitos annos junto á egreja da Madre de Deus, d'onde a mandou tirar D. Francisco de Sousa Calhariz, sendo presidente do senado e a fez pôr defronte do adro de Xabregas.

No mesmo palacio existente, em que depois assistiu a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, com seu neto el-rei D. Sebastião, pretendeu a devota rainha dilatar o seu generoso animo, continuando a sua serventia para o convento e mosteiro; mas a esta obra poz embargos a morte, deixando em memoria de seus piedosos desejos os signaes de seus designios no proprio risco do edificio.

A este mosteiro de Xabregas ia el-rei D. Sebastião aos sabbados ouvir uma missa e ajudar a outra.

Este palacio tornou-se notavel na historia pela visita que n'elle fez S. Francisco de Borja á mencionada rainha D. Catharina para fins politicos.

Teem os livros dito vezes sem numero que o celebre imperador Carlos V querendo dizer adeus ao mundo, e entregar-se tão sómente aos negocios de sua salvação, abdicára em seu filho, e no convento de Yuste se entregava ás penitencais e macerações proprias dos peccadores que arrependidos, querem depois da morte entrar immediatamente no Ceu.

Porém o notavel escriptor francez Mr. Mignet, provou até á evidencia que taes asserções estão muito longe da verdade. [1]

---

[1] M. Mignet : *Charles Quint,* son abdication, son séjour et sa mort au monastère d'Yuste. Paris 1837.

Carlos V não residia no convento d'Yuste, mas sim n'um palacio, que ali tinha mandado erigir, contiguo ao mosteiro.

Não era humilde, pois tratava os frades com orgulho e soberba.

Não se entregava ás abstin ncias, pois até fazia perder a paciencia aos medicos, comendo acepipes e gulodices que lhe arruinavam ainda mais a sua saude estragada, e chamavam a morte.

Não tinha dado de mão aos negocios mundanos, pois era elle o conselheiro e guia de seu filho, a quem pertendia alargar os dominios já immensos, grangeando-lhe a corôa de Portugal.

E foi para tal fim que mandou ir a Yuste o jesuita S. Francisco de Borja, outr'ora duque de Gandia, e casado com uma portugueza.

O jesuita obedeceu. Apezar dos calores do estio, pois corria o mez de agosto de 1557 [1], com os padres Dyonisio, Bustamante e o irmão Francisco Brionnes se poz a caminho para Portugal.

O Cesar depois de o ter abraçado, se retirou só com Borja para um aposento.

Disse-lhe que de sua experiencia e cordura queria fiar um negocio, que importava á monarchia hespanhola, na proxima esperança de unir Portugal aos reinos de Castella.

Porquanto ainda que florescia o menino rei D. Sebastião, não passava comtudo de ser um fio delgado; e que a parca estava no costume de cortar com duro golpe os mais fortes calabres, que segurassem o peso, e romper cadeias d'ouro.

---

[1] Alvaro Cifuengos: La heroyca vida, virtude y milagros del grande S. Francisco de Borja. Madrid, 1717, pag. 283. in folio.

Disse-lhe que desejava muito que Portugal considerasse condicionalmente por successor, na falta do seu joven rei, ao principe D. Carlos seu neto, segundo as capitulações feitas por occasião do casamento da rainha D. Maria com el-rei D. Filippe II, e em conformidade com a razão, que dá ás vezes o direito natural.

Que não era tão irregular, nem tão odiosa esta empreza, que devesse turbar os animos portuguezes como novidade antecipada; antes servia de freio, para que se, (o que o Ceu não permittisse) succedesse á vida d'aquelle Adonis do seu seculo algum desastre, não houvesse alvorotos, nem fluctuasse nas ondas o vulgo, golpho sempre inquieto, quando falta o tridente, ou o braço de Neptuno.

Que, quando a razão não bastasse, e o interesse d'uma e d'outra monarchia, não faltavam exemplos recentes, que achavam facil o caminho para a pratica d'esta empreza; pois os castelhanos tinham jurado el-rei de Portugal D. Manoel por successor d'esta corôa, quando os reis catholicos a honravam e a sustentavam na cabeça. Que este negocio devia ser fiado sómente do amor e da prudencia da rainha D. Catharina, e que se devia tratar no principio com um segredo quasi supersticioso.

Borja inclinou a cabeça, e o Cesar mandou logo a seu secretario Gaztelu que escrevesse os despachos, os quaes dessem fé juridicamente a Borja para com a rainha D. Catharina.

O jesuita poz-se a caminho para Plasencia, e d'ahi para Portugal, fazendo caminho pela provincia do Alemtejo.

Havendo escapado d'um temporal na passagem do Tejo, foi em Lisboa recolher-se na casa de S. Roque, d'onde a rainha o mandou para o palacio de Xabregas. Borja

obedeceu, e a rainha lhe mandava todos os dias a comida.

Ao terceiro dia foi o jesuita visitar o convento de Xabregas, onde aconselhou aos frades a que não dormissem n'aquella noite nas cellas da frente, pois estava para rebentar um furioso vendaval, o que assim succedeu, rebentando um temporal tão furioso que as ondas entravam pelas janellas do palacio e do convento, ficando mui fallado o setembro de 1557.

Algumas salas do paço ficaram arruinadas, e o anno ficou sendo conhecido na historia pelo *anno do catarro.* [1]

Apenas Francisco de Borja se achou restabelecido dos incommodos da jornada foi tambem beijar a mão ao cardeal D. Henrique, e todos ficaram persuadidos que Francisco vinha visitar os collegios da Companhia de Jesus em Portugal, pois era commissario geral de Hespanha, e só a rainha D. Catharina soube da embaixada secreta, na qual deu largas audiencias a Francisco de Borja.

Ambos concordaram em que seria gravissima imprudencia e contra os interesses de Castella um tal assumpto, pois não so parecia odioso contra a vida d'um rei menino, mas até mesmo um agouro funesto para com o vulgo.

Alem do que o infante cardeal ainda se achava com

---

[1] Communicava-se o mar ainda n'aquelles tempos com o ribeiro, que corre junto á fonte da Samaritana, por onde entrava, e entrou muitos annos depois, um braço d'elle, o qual distando pouco do convento, e não havendo ainda para aquella parte, o dormitorio grande, esta foi a causa da ruina, que ainda hoje testemunham alguns livros que se acham na livraria para memoria do seu naufragio. CHRONICA I. pag. 187.

robustez, e de modo tal que mais tarde ainda veio a cingir a corôa.

E que se aquelle negocio chegasse ao conhecimento do povo era de prever que mais ondas se levantariam nos corações portuguezes, do que as que se ergueram em a noite do temporal

E ambos então mandaram a Carlos V, em cifra combinada anteriormente, os motivos porque o negocio se tornava impraticavel.

E no emtanto, para disfarce, Borja ia continuando a visitar os collegios da Companhia de Jesus em Portugal. E o imperador ficou tão convencido pelas razões apresentadas pela rainha, que tinha chegado a dizer-lhe que se o povo de tal soubesse, chegaria ao excesso de o apedrejar, que escreveu immediatamente a Borja para que não desse mais um passo a tal respeito, e trabalhasse para que tudo ficasse no mais profundo segredo, e se retirasse immediatamente para Yuste.

Mas em 1560 veio outra vez a Portugal D. Francisco de Borja, e residiu em Evora, em cuja cathedral prégou. D'aqui veio a Lisboa, onde esteve com D. Sebastião e com a rainha D. Catharina. [1]

Xabregas, como todos os outros conventos, tambem contou frades que davam nas vistas pelo beaterio, e que morriam com cheiro de santidade.

Porém o mais notavel foi fr. José de Sant'Anna, natural dos Tancos, (perto d'Obidos) onde nasceu em 1653 [2]

---

[1] Houve n'este convento um noviço por nome Alvaro do Rosario, natural de Masagão, o qual, em 1692, entrando para noviço, pediu licença para comer no refeitorio com um pé no chão, e o outro no ar. O que lhe foi concedido. Chronica citada, vol. II, pag. 266.

[2] Fr. Jeronymo de Belem. Vida justificada do P. Fr. José de Santa Anna. Lisboa, 1743.

«Apenas correu a voz (diz o seu biographo, a pag. 154) de que o servo de Deus estava em agonia, (1731) principiou a devoção dos fieis com tal concurso á sua cella, que impedia as precisas sahidas e entradas dos religiosos: uns se punham de joelhos á porta da cella, e com as mãos postas lá pelo seu modo lhe rezavam; e chegando-se depois, como podiam, á cama do servo de Deus, lhe pediam a sua benção, e elle sem repugnancia, e com muita sinceridade lh'a conferia; e outros satisfeitos com o verem, depois de lhe beijarem os pés, com muito trabalho se retiravam, pois não havia forças humanas, que da cella os despedissem.

Este concurso foi ainda maior na terça feira de tarde; e entre elle se acharam certos cavalheiros, que por mais conhecidos e devotos do servo de Deus, vieram a visital-o nas ultimas despedidas; e promettendo-lhe que com todo o cuidado e disvelo haviam de attender ao culto e veneração da imagem do Senhor do Bom Despacho (de que elle fôra grande devoto) e ao augmento da sua irmandade, pois era a unica lembrança, que conservava entre a grande afflicção, em que se via; e dizendo-lhe lhes succederia nos mesmos empregos o successor da casa que tambem se achava presente, e ainda era de menor edade, com muitas caricias o recebeu por largo tempo em seus braços, como intimando-lhe com palavras, mais nascidas do coração, do que pela lingua proferidas, os seus piedosos desejos; e em premio da promessa que lhe fazia mandou dar ao morgado um vaso de flores, que tinha na janella da sua cella.»

Para desafogo da sua saudade (pag 165) se viu entre todos uma santa emulação sobre quem havia de se enriquecer com prendas suas; para este fim se foram constituindo principaes herdeiros de suas pobres alfayas,

querendo todos tudo, sem attenderem á qualidade das cousas; porque uns, além do que muitos haviam feito ainda em sua vida, levavam em retalhos o habito; outros os sapatos, outros os pannos menores, etc. de sorte que sem deixarem prégo em parede, até um prego, em que estava pendurada a sua candeia, levou um religioso, por não achar já que levar.

Não custou pouco a defender a roupa da cama, ainda que com seus cortes; mas essa mesma se repartio para satisfazer aos piedosos desejosos dos interessados n'aquella pobre herança; e apenas poude reservar uma tunica para o prelado superior.

«Pleiteavão os devotos seculares por entrarem com os religiosos a partilhas, allegando que elles tinham direito aos moveis do seu grande amigo, por ficarem com prendas suas; e assim pedindo e furtando, ajuntavam o que podiam; mas com altissima providencia, pelo que depois succedeu com estas reliquias.

«O bordão, com que o servo de Deus andava pelo convento, e sabia fóra, reservou um religioso com muita cautella para mandar a outro. seu tio, que padecia o achaque de gotta, e tendo-se alguns dias escondido, em quanto cessavão as deligencias, que por elle se fizeram nascendo d'aqui não poucos sustos e temores, por serem muitos os que desejavam possuil-o.

Um devoto secular, não achando já em que pôr os olhos, teve mãos para tirar com o seu espadim um covilhete, que de uma janella viu na do servo de Deus; e levando-o com grande recato para casa, tinha-o em uma gaveta fechado.

Em casa d'um outro estava tambem um bocado do lençol, que havia servido na cama do servo de Deus, mettido em um contador, e conservando evidentes signaes de immundicia, era suavissimo o cheiro que lançava.

Até da porta, por não acharem mais que tirar, cortaram os seculares alguns fragmentos.

D'estes espolios participou a maior parte d'esta côrte e do reino, d'onde eram tantas as supplicas, que, quanto mais se mandava, muito mais se pedia.

Composto e amortalhado o corpo do servo de Deus, se depositou na capellinha dos religiosos velhos da enfermaria, por ficar em pouca distancia da sua cella; e pelas sete horas da manhã foi levado para o cruzeiro da egreja, onde se depositou, até serem horas de se lhe fazer o seu officio; e, concluindo elle, dar-lhe logo sepultura, [1] como se praticára em funcções similhantes; mas apenas se poude fazer o officio do corpo presente valendo muito o ser feito no coro, porque na egreja, se tal se tentasse, seria cousa impossivel pelo concurso do povo.

Logo que se divulgou a noticia da morte do servo de Deus, foi tanta a gente que accudiu á egreja a vêr o seu corpo, e a pedir reliquias que já não valia a prevenção das grades e portas fechadas para lhe impedir os excessos e embaraçar seus impulsos.

Alli mesmo se lhe cortou grande parte do habito, que em bocados iam levando aquelles que primeiro chegavão; até que por ordem do prelado local se suspendeu esta diligencia, por não ser decente em occasião similhante tal repartição.

Praticou-se na cella do prelado sobre esta materia; e assentando-se que o enterro se não podia fazer de manhã pelo concurso do povo, e que de tarde ainda seria peor, por se evitarem desordens e para satisfazer á devoção dos fieis, por conselho de pessoas doutas, pru-

---

[1] *Id.*, *id.*, pag. 168.

dentes e entendidas se tomou a providencia de dar parte ao cabido da Sé Oriental para que, parecendo conveniente, mandasse fazer o exame permittido em direito. Deu-se ordem que se não sepultasse o corpo sem se proceder ao exame.

Por ordem do cabido veio a este convento o dr. vigario geral com os ministros competentes para proceder ao exame do cadaver do padre fr. José de Santa Anna, em que se acharam todos aquelles signaes que conduzem para a boa opinião da virtude de um servo de Deus; porque sendo ja passadas 16 horas se achou com a mesma flexibilidade sem bafio, nem mau cheiro: os olhos claros, e tão claros que abrindo-lhes o direito se viu como em elevação, e depois de um breve espaço por si mesmo se fechou.

As cizuras das sarjas se vião na mesma fórma, em que o ferro as abrio, conservando a mesma côr; sendo sangrado por duas vezes, lançou sangue puro e liquido; e em todo o cadaver se admirava um como natural calor. Finalmente, não tinha mais signal de morto, que o estar desanimado.

Os ministros que procederam ao exame foram: dr. Simão Lopes Cachim de Moura, deputado do tribunal da veneravel assembléa da sagrada religião de Malta; Manoel dos Santos Mafra e André Pereira Telles de Menezes, escrivães de Juizo Ecclesiastico, de varios padres, e do dr. José Ferreira Neves, medico do convento e dos infantes, e do cirurgião approvado José Baptista, e se fez exame, desatando-lhe as mãos e estendendo-lhe os dedos com o dito medico, se moviam, e se endireitavam para o seu sitio natural, e o braço direito se movia para todas as partes, e se estendia naturalmente, tanto para a cabeça, como para baixo, para o corpo; e o braço esquerdo se movia todo para a cabeça

naturalmente, e só para baixo não se movia tanto como o direito, e apalpado todo o corpo, e a carne branda natural, e as costas, e pernas até ás polpas estavam quentes com quentura como natural; e mandando-lhe o desembargador provisor e vigario geral levantar a cabeça, naturalmente se movia, e a parte do corpo superior; e mandando-o picar na veia do artelho do pé direito, logo lançou sangue puro, e ao depois soro; e abrindo-lhe a veia com os dedos e apertando-lhe as veias lançou naturalmente sangue liquido, e ao depois soro; e picando-o o mesmo cirurgião no sangradouro do pé esquerdo, tambem lançou sangue puro da mesma sorte, como da outra: como tambem as vezes que com os dedos se lhe abria a scizura, e lhe apertavão a veia. O que tudo entenderam o dito medico e cirurgião, que era preternatural, por serem passadas deseseis horas depois da sua morte; e como fazendo-se-lhe exame com o olfato da bocca varios sugeitos religiosos, o dito medico e cirurgião, como tambem o notario apostolico, e o escrivão companheiro Manoel dos Santos Mafra, se lhe não percebeu cheiro algum nem bafio; e assim o dito muito reverendo desembargador, provisor e vigario geral deu licença para que no dia seguinte de manhã estivesse exposto o dito corpo na egreja para a devoção do povo n'elle louvarem a Deus nosso Senhor.

E n'esta fórma houve o dito muito reverendo desembargador, provisor e vigario geral este exame por feito, que assignou e todos os mais que deram suas fés de passar todo o contheudo na verdade.

Francisco Manoel Amado Sanches, notario apostolico, e escrivão da relação e auditorio ecclesiastico o escreveu e assignou.

Francisco Manoel Amado Sanches. Cachim de Moura. Fr. João do Sacramento. Fr. Antonio de S. Thomaz,

ex-provincial e examinador synodal. Fr. João de Santa Engracia, sachristão maior. Fr. Luiz da Conceição, presidente. O doutor José Ferreira Neves. José Baptista Teixeira. Manoel das Santos Mafra. André Pereira Telles de Menezes.

Concluido o exame, vistas e ponderadas todas as circumstancias d'elle, cresceu de tal sorte a devoção nas pessoas que se acharam presentes, assim ecclesiasticas como seculares e ainda da primeira nobreza da corte, que alli mesmo se via uma santa emulução, desejando cada qual ficar mais enriquecido com as prendas ou reliquias do servo de Deus: porque despindo-se-lhe o habito para satisfazer ás piedosas supplicas de todos, nenhum se acommodava com pouco. [1]

Tres cavalheiros, a quem coube grande parte do habito, contendiam sobre a sua repartição.

No sangue das sangrias se ensoparam muitos lenços, e para todos houve sangue; até o cercilio lhe ficou bastantemente reformado, porque um devoto sacerdote particular amigo do servo de Deus com uma thesoura e com grande desfarce lhe cortou muita parte dos cabellos.

Composto logo o corpo, e com outro habito vestido, determinou o doutor vigario geral, que para gloria de Deus e consolação dos fieis, se expuzesse na egreja até ao dia seguinte, que foi na quarta feira.

Era já n'este tempo mais numeroso o concurso do povo, que esperando impaciente esta resolução, apenas sahiu o corpo para a egreja, como sahindo de si, e para desafogo da sua devoção, uns tocavam contas para terem e levarem, tendo-se prevenidos em comprarem

---

[1] *Id., id.*, pag. 184.

n'este dia muitos rosarios; outros com instancia pediam reliquias do habito, e os que mais não podiam, se contentavam com beijar-lhe as mãos e os pés.

Com grande trabalho chegaram os religiosos com o esquife á egreja, pois não havia forças humanas que o resguardassem.

Com o tumulto do povo até a mesma egreja experimentou sua ruina, porque o lugar em que o esquife descançou, se foi abaixo, abrindo-se uma grande rotura entre as pedras da capella mór; as grades do cruzeiro sahirão do seu logar, e as portas da egreja necessitaram de concerto.

Todo este concurso durou o restante do dia da quarta-feira de tarde; e ainda de noite foi continuando em fórma, que já dos logares visinhos da côrte vinha concorrendo gente.

Mas para que de tanto povo junto se não seguisse alguma desordem e indecencia, recolheram os religiosos o corpo no mesmo esquife na capellinha do Senhor do Bom Despacho no claustro, fechando-se á chave para que a gente se retirasse, de cada vez mais se augmentava a devoção com o interesse de verem aquelle veneravel deposito sem darem lugar aos religiosos para fecharem as portas e se recolherem.

N'esta mesma noite vieram muitas senhoras da corte e do convento de Santos, a satisfazer seus piedosos desejos, e por mais deligencias que se fizeram, não era possival embaraçar o ingresso da clausura, pois com as portas abertas entrava quem podia, e com ellas fechaóas amotinavão o convento, e quebravão as campainhas da portaria.

Até que com muito trabalho, sendo já onze horas da noite, se fecharão as portas, ficando o corpo na sua mesma capellinha, e correndo-lhe ainda sangue das san-

grias do exame, do qual o aproveitarão alguns devotos. Com esta ainda que laboriosa providencia, poderam desafogar-se os religiosos, que já andavam cançadissimos, e assim foram ás suas horas a matinas, excepto aquelles, que velavam sobre o corpo, passando a noite inteira sem descanço.

Chegou tambem ao palacio a noticia do servo de Deus, e a do exame do seu corpo e do grande concurso; e todas estas demonstrações foram incentivo, além do conhecimento que ja no palacio havia das virtudes do servo de Deus, para commover a piedade do magnanimo rei D. João V, o qual acompanhado do principe dos Brazis, seu filho e do infante D. Antonio, seu irmão, veio a Xabregas na quinta feira, pelas duas horas da tarde, a visitar o corpo, e não custou pouco a sua entrada pela grande multidão de gente; que a ninguem guardavam respeito, mas rompendo como puderam chegar ao corpo, disse de caminho S. M. que ainda não vira concurso similhante.

Tinham a este tempo os religiosos depositado o corpo na capella dos Terceiros, que fica no cruzeiro da egreja, para melhor commodidade dos Officios Divinos, e assim como poderam, o foram depôr na capella mór, fazendo um estreito caminho, para que Suas Magestades e Altezas podessem chegar.

Chegaram emfim, e postos tres de joelhos, por um largo espaço registraram o corpo; e depois de ouvirem toda a relação do exame e da sua morte, e louvarem as maravilhosas obras de Deus no corpo d'aquelle seu servo, fazendo e mandando fazer algumas observações por certas pessoas da sua comitiva, lhe beijaram todos os pés.

Aqui se viu com uma incomparavel ternura e edificação, a humildade mais profunda e de tanto exemplo para os circumstantes.

Concluida a sua visita, e finalizada, já a sua reverencial devoção, disse S. M. que queria assistir ás vesperas por serem horas competentes de se cantarem.

Tocou-se o sino, e subindo Suas Magestades e Altezas para o côro, feito o signal, se principiaram as vesperas, a que elles assistiram, fazendo em tudo as ceremonias com a communidade, como se d'ella fossem os mais perfeitos e exemplares religiosos.

Esperava-se tambem a rainha pela devoção que tinha com o servo de Deus, pois, em obsequio seu, veiu alguns annos com os principes e infantes fazer oração ao Senhor do Bom Despacho em dia da sua festa; mas o grande concurso suspenderia talvez seus piedosos desejos e a sua cardeal devoção.

Finalizadas as vesperas, sahiram Suas Magestades e Altezas do côro; e depois de registrarem o interior do convento, se retiraram satisfeitos e gostosos da funcção, deixado bem edificada e agradecida esta santa communidade com uma e outra honra, ambas muito proprias do maior protector da Religião Serafica.

Logo que S. M. e A. se retiraram do convento, querendo os religiosos proceder á funcção do enterro, para melhor conseguirem o que intentavam, tomaram por expediente recolher o corpo do servo de Deus para a sachristia, para que de alguma sorte socegasse o povo, que em grande numero ia crescendo.

Superflua providencia, porque sahindo da capella maior com grande trabalho, e entrando para a sachristia com muito custo, nem na sachristia, nem na egreja se davam a conselho os religiosos: na egreja, não, porque estando o povo á espera do corpo, não foi possivel, por mais deligencias que faziam os religiosos, descerem o esquife dos hombros para o depositar na capella maior: foram sahindo para o cruzeiro, e encontraram a mesma

difficuldade; chegaram ao corpo da egreja, e muito menos o poderam conseguir; sahiram ao adro, e finalmente até á fonte Semaritana [1] e de cada vez se augmentava mais o concurso, que posto já a este tempo em duas alas, com muitos maços de contas, que tinham os devotos prevenidos atiravam a ellas ao corpo para as tocarem.

Aqui descançados e opprimidos os religiosos, largaram o esquife: e pegando n'elle dois conegos e alguns religiosos de fóra que se achavam no concurso, obrigados da mesma necessidade, foram tomando o caminho da Madre de Deus, sem cuidarem para onde iam, nem discorrendo quem os guiava, mas seguindo-os alguns religiosos de Xabregas.

Muito deu que cuidar este repentino, e não esperado successo, porque nem o prelado do convento, nem os religiosos, que estavam no côro, e das janellas observando o que se passava, podiam crer o mesmo que viam, e muito menos obviar aquella não imaginada, e só parecida desordem, com que da nossa egreja se levou o corpo para fóra.

A nossa egreja estava cheia de gente com a esperança de ver o corpo, quando voltasse: todo o caminho da mesma fórma, e todos com egual impaciencia, que a sua mesma devoção affligia os animos de quem lhes ouvia formar taes e tão disparatados discursos.

Abertas as portas da egreja da Madre de Deus, n'ella se recolheu o corpo; fechando-se outra vez para impedir o tumulto do povo, ainda isto não bastou, porque concorrendo algumas senhoras da Côrte, e em seu sequito muitas pessoas mais, cresceu em bom numero o

---

[1] *Id.*, *id.*, pag. 191.

concurso com a santa ambição de venerarem depois de morto aquelle com quem tiveram especial devoção em quanto vivo.

Ali tiveram occasião opportuna os devotos e devotas para tocarem contas, e fazerem no seu tanto o mesmo, que n'esta egreja se havia feito; e ainda passaram a mais, porque ate as unhas das mãos e dos pés lhe cortaram, e para tudo tiveram tempo.

D'estes despojos participaram tambem as religiosas, pois tendo o deposito em sua casa, razão era se lhes pagasse o funeral, que se não foi o que desejavam pelo impedimento da clausura, foi mandando tocar muitos rosarios no corpo, e se lhes ajustaram bem as contas da sua divida.

N'aquelle concurso da Madre de Deus se achou presente um insigne cirurgião francez, e por tal conhecido n'esta Côrte; e observando este as mãos do servo de Deus, por experiencia da sua arte disse, que o cadaver não tinha corrupção, pois havendo-se passado já quarenta horas depois do seu fallecimento, era bastante prova para comprovar o seu discurso.

N'este mesmo tempo se recolhiam Suas Magestades e Altezas para o palacio, e entrando na egreja para visitar aquella angelical imagem da Senhora, tiveram occasião de ver o mesmo veneravel cadaver, ficando ainda mais edificados do que viam.

Como a tal excesso chegou a devoção ou a necessidade que se fez precisa a providencia de recolher o corpo do servo de Deus em outra egreja, pareceu necessario em tal caso esperar o silencio da noite, para que com melhor commodidade se fizesse o regresso com elle.

Pelas dez horas da noite sahiu a communidade, trazendo processionalmente o corpo com tochas acesas,

ainda as luzes descobriram tanta gente, que o esperava para o acompanhar. que sendo bem largo o caminho, apenas cabiam por elle os religiosos.

Ao entrar da egreja se achou grande difficuldade por ser muito o concurso: e supposto que já a este tempo tinha accudido á porta um ministro da justiça com os seus officiaes, querendo todos e com todas as forças impedir a entrada do povo, pondo tão pouco o seu respeito, que só elles ficaram de fóra; e o mais é, que o ministro se vio descomposto e cahido por terra, mas sem perigar; antes gostoso da sua queda disse que tivesse mão quem se achasse com forças mais vigorosas; e celebrando todos a fatalidade entrou quem poude e quiz.

Prevenidos, acautelados ja os religiosos pelo que na tarde d'aquelle dia havia succedido, foram depositar o corpo na capellinha do claustro, e ali fechado á chave se guardou com todo o recato até pela manhã do dia seguinte.

Ficaram muitos religiosos de sentinella: porque a decencia, devoção e concurso da gente assim o pedia.

Ainda n'aquella noite se viu lançar copioso sangue pelos narizes, e se lhe despiram e vestiram outros habitos, que chegando já ao numero de sete ou oito, nada era bastante para satisfazer ás devotas supplicas dos fieis, que não cessavam de pedir reliquias, e por esta causa não custou pouco o fecharem-se as portas bem fóra de horas.

Na sexta feira de madrugada, e com as portas fechadas se procedeu ao enterro: e se os religiosos se não acautelam n'esta fórma; tarde dariam ao corpo sepultura.

Estando já a communidade fazendo o officio costumado com funcções similhantes, chegou um caixão para

se metter o corpo, o qual mandava uma senhora visinha do convento, e especial devota do servo de Deus; mas reparando-se em que fosse encarnado, de seda, e com seus galões de ouro guarnecido, se soube depois, que mandando a mesma senhora dizer ao prelado do convento, que tinha devoção de fazer aquelle obsequio ao padre fr. José de Sant'Anna, e que desejava saber de que côr seria mais decente, respondendo os prelados [1] que se fizesse preto, o portador ou porque Deus lhe voltou a resposta, ou porque não percebeu o recado, disse á senhora que o caixão havia de ser encarnado, pois assim lhe havia ensinuado o guardião.

Fosse como fosse, n'elle se metteu o corpo, e antes de se dar á sepultura, foi preciso limpar-lhe o sangue, que em grande quantidade lhe corria em fio dos narizes, tão liquido e vermelho, como se fosse de um corpo vivo, e n'elle se ensopou um lenço, que com muito cuidado guardou um religioso, e depois repartiu por alguns devotos; sendo este o ultimo espolio, que nos ficou do servo de Deus, ou o unico alivio para enxugar nossas saudosas lagrimas.

Com muitas foi sepultado o nosso bom irmão, e por tal se lhe sinalou uma sepultura particular, e das mesmas, em que se costumam enterrar os padres, que foram provinciaes na provincia.

Passados alguns dias mandou pôr sobre a pedra da sepultura Gastão José da Camara Coutinho, particular amigo do servo de Deus este letreiro:

Aqui jaz o servo de Deus fr. José de Sant'Anna, que falleceu a 18 d'Abril de 1731.

Concluida a funcção do enterro ao tempo de se abri-

---

[1] *Id.*, *id*, pag. 198.

rem as portas do convento, era tão crescido o numero da gente, que se ajuntou ás vozes dos sinos, em quanto se dobraram, que de improviso se encheu a egreja, claustro e capitulo em tal fórma que os religiosos se não podiam desembaraçar para acudirem ás suas obrigações.

Uns lamentavam o não poderem já vêr o corpo do servo de Deus, outros com instancias e supplicas pediam reliquias suas com vozes taes e alaridos que amotinavam o convento; e outros queixando-se das reliquias por haverem sepultado o seu bemfeitor sem que elles lhe dessem as ultimas despedidas; tudo isto faziam com taes demonstrações de piedade e devoção que a toda a communidade compungiam.

Inventou a devoção dos fieis o tirar terra da sepultura; e fazendo esta diligencia pelas junturas da pedra, em lenços a foram levando em tanta copia, que se fez precisa a providencia de se encher de outra terra os mesmos logares; mas sem cessar a mesma devoção, da nova terra levaram repetidas vezes por mais diligencias que se fizessem, para que a não tirassem.

Alguns mezes continuou nos fieis esta devoção, sendo tambem muito frequente a entrada das mulheres, a qual se não podia evitar, ao menos de manhã pela facilidade do ingresso da egreja para os claustros; e por se não ouvirem suas desconcertadas vozes a bom partido se accommodavam os religiosos, até que acudindo o prelado superior a estes excessos, havendo chegado a visitar a Provincia, prohibiu totalmente a entrada d'este sexo

Ainda foi continuando a mesma devoção dos homens, e na frequencia das suas visitas se notaram cousas prodigiosas.

Horas e horas gastavam postos de joelhos sobre a se-

pultura; e alguns d'elles beijando a pedra e applicando o olfato ás juncturas d'ella, sentiam sahir de dentro um suavissimo cheiro.

Por aquelles mesmos logares se tocavam contas, e assim se continuou por muito tempo, até que pelo mesmo decurso d'elle ou por se acharem já bem satisfeitos os devotos, se foi diminuindo em parte o seu excesso, mas nunca ficou esquecida sua primeira devoção. Chegou esta a tal extremo que do proprio caixão se tiravam boccados de seda e alguns pregos dos galões que o guarneciam.»

Outro frade xabregano que tambem aqui morreu com grande cheiro de santidade foi um fr. Jacintho dos Anjos, pregador e natural da villa de Serpa.

A este mandando-lhe o medico vestir camisa, vestio-a com effeito, mas sobre a tunica. [1] Era tal a opinião que formavam d'elle, que lhe cortaram pedaços do habito para memoria certa occasião que em Villa dos Frades no Alemtejo foi prégar.

E o mesmo lhe fizeram n'outras terras. E era tão grande o conceito que d'elle faziam, que o proprio arcebispo d'Evora D. Diogo de Souza o tomou para seu confessor em 1675.

Em 1679 foi mandado ir de Xabregas ao palacio para assistir a uma enfermidade da infanta D. Isabel, filha de D. Pedro II, e este mesmo pouco depois foi a Xa-

[1] Chronica pag. 200. Este mesmo frade, do qual já se fallou, e que fazia innumeraveis curas com as seguintes receitas: Dez réis de açucar cande, dez réis de mel rosado, dez réis de unguento Apostolorum, dez réis de pedra hume, e um torrão de açucar da grandeza de uma noz. N'uma doença de D. Affonso VI foi mandado vir de Sines a Lisboa para ser consultado pelo monarcha (pag. 213). E o mesmo se repetiu mais tarde, pois tambem foi consultado por D. Pedro II. (pag. 214).

bregas visitar fr. Jacintho, já a braços com a sua ultima doença, á qual succumbio em 11 de novembro de 1679.

Mandaram que um pintor afamado por nome Feliciano, lhe tirasse o retrato.

«A's vozes dos sinos concorreu o povo a venerar depois de morto aquelle mesmo que em vida era tido por santo: uns por beneficios e outros por compungidos satisfaziam sua devoção, tocando contas e fitas no corpo: e todos se queriam interessar em suas reliquias.

Celebradas as exequias costumadas, se dispoz o enterro para as quatro horas da tarde, por tal ordem que mais parecia triumpho de homem vivo, do que funeral de religioso defunto.

Pegaram no esquife com consolação de muitos o arcebispo de Evora, D. fr. Domingos de Gusmão, o bispo de Coimbra D. fr. Alvaro da Silva, o marquez de Gouvea; seu irmão D. João de Lencastre, e chegando com o corpo á egreja, foi depositado na capella mór, entre quantidade de vellas acesas.

Principiou logo a musica da communidade que n'aquelle tempo era singular, os costumados responsos com tão harmoniosas vozes e doces consonancias, que inculcando saudades da patria provocavam as lagrimas pela dilação do desterro.

Concluida a ceremonia da egreja, pegaram os mesmos cavalheiros no esquife para conduzir o corpo á sepultura; e cedendo n'esta occasião D. João de Lencastre ao duque de Cadavel, que havia chegado n'aquella hora, em attenção á sua pessoa lhe deu o seu lugar: e para se dar tambem ao innumeravel concurso sahiu o enterro ao adro, e dando n'elle volta se recolheu ao capitulo.

N'estas ultimas despedidas todos quizeram ficar pren-

dados; e para satisfazer á devota piedade, em retalhos foi distribuido o habito e cordão do servo de Deus, em tal fórma que quasi despido se deu seu corpo à sepultura.

Ao oitavo dia se celebraram solemnissimas exequias ao veneral fr. Jacintho com a assistencia da corte e de todos os prelados diocesanos do reino.

O convento de Xabregas foi, porem, fertil em servos de Deus, entre os quaes tambem se destinguiu fr. Pedro de S. Francisco, natural de Lisboa.

Entrou para este convento em 1697, e desde então para adquirir a virtude do silencio costumava andar com uma pedra na bocca. [1]

Ia cortar silvas para cingir seu corpo, e entregou-se ás maiores penitencias até á hora do seu fallecimento em 1728.

D'este convento sahiram alguns homens notaveis para varios cargos no paiz, como por exemplo um fr. José de Santa Maria de Jesus para bispo de Cabo Verde, nomeado em 1720: um fr. Francisco de Santa Rosa de Viterbo, bispo de Nankin, nomeado por D. João V em 1742.

No seu bispado se applicou ao estudo da lingua chinez, e para elle verteu uns livrinhos devotos que tinha composto com o titulo de—Optativo do Santissimo nome de Jesus—Conjunctivo do amabilissimo nome de Jesus, e algumas canções. Prestou alli grandissimos serviços na conversão dos chinezes, e depois de padecidas tribulações não vulgares, veio a fallecer em Cham-xó na provincia de Nánkin em março de 1750. No convento de Xabregas foram-lhe feitas sumptuosas exequias.

---

[1] Chronica: vol. II, pag. 354.

Teve tambem o mosteiro de Xabregas uma Ordem Terceira fundada em 1698, onde havia uma imagem do Menino Jesus, que o chronista descreve pelas seguintes palavras: [1]

«Tem a sagrada imagem huma terça de altura: o corpinho um pouco inclinado, acompanhando a graciosidade da elevação dos olhos ao Ceo: os bracinhos um tantos soltos; e na mão direita tem uma setta de prata fazendo com ella tiro a um coração de ouro, que sustenta na esquerda, exhalando com umas chamas de fogo, que mais lhe avivam alguns rubins, por insignias do Amor Divino: e sobre a cabeça lhe insinua a Magestade uma corôa imperial de prata.»

Esta imagem foi doada em 1710 a Xabregas por uma preta que a tinha recebido de uma freira da Madre de Deus. E era tal o concurso de gente que de Lisboa ia visitar a imagem que se tornou necessario ampliar mais tarde uma ermida que se tinha feito, para n'ella se collocar a imagem, e n'alguns mezes as esmolas passaram de seis centos mil réis.

E distinguiram-se na devoção o marquez e marqueza de Cascaes, que por não terem successão, assignaram um papel, no qual faziam as seguintes promessas á imagem do Menino:

1.° Darem seis centos mil réis para as obras, logo que lhes nascesse um filho ou filha. 2.° Dar em sua vida toda a cera para sepulchro das Endoenças. 3.° tres mil réis todos os mezes para o hospital. [2] 4.° Fazerem

---

[1] *Id.*, *id.*, pag. 416. «He uma das mais devotas imagens, que se veneram n'este reino: e a todos os que deveras lhe poem com devoção os olhos, rouba os corações e incita a ternura». Accrescenta o chronista.

[2] Este Hospital era o da Madre de Deus em Lisboa, fundação de D. João V. A primeira pedra foi lançada em 4 de julho de 1711.

com que recebesse o habito da Ordem Terceira toda a familia da sua casa.

A imagem passou depois para a egreja do Menino Deus em Lisboa.

A antiga e primitiva egreja da Madre de Deus passou para casa do capitulo, e el-rei D. João III fundou a actual, que tem o tecto ornado de singulares pinturas, obra do pintor Bento Coelho. Constava de 5 altares. O altar mór foi sagrado por D. fr. João de Portugal, bispo de Vizeu, em abril de 1626.

Havia uma imagem de Santa Anna com uma irmandade em que entravam pessoas reaes.

Esta imagem estava na egreja de S. João da Praça, mas por velha, quizeram-na vender, e a condessa de Coculim a comprou por duas moedas, e a mandou para a Madre de Deus.

O padre José Pacheco mandou fazer todos os ornatos de talha sobre o arco da capella mór, os do interior da mesma egreja, e do tecto, tudo dourado.

Fez novos caixões d'evano com pregaria dourada, excellentes pinturas, e nos lados em vistosos quadros se vê a historia de José do Egypto.

Chegou o custo d'esta sachristia a quasi vinte mil cruzados

O sino foi sagrado por D. Verissimo de Lencastre, arcebispo de Lisboa e inquisidor geral com toda a solemnidade, e pela devoção que as senhoras e varias outras pessoas particulares da corte tributavam á senhora Madre de Deus, mandavam pedir que o tocassem por occasião dos seus partos.

A imagem da Senhora segundo se deduz da chronica é flamenga (pag. 53), e a primeira invocação que teve foi da Senhora dos Prazeres.

O frade, porem, mais popular que teve o convento

de Xabregas, foi fr. João de Nossa Senhora, vulgó o poeta de Xabregas. O seu retrato (que existe na Bibliotheca Publica de Lisboa) parece uma caricatura. Imagine-se um homem excessivamente obeso: a cabeça é como uma immensa mole, sobre um pescoço curto e grosso; as faces assopradas e rubicundas; os labios grossos; sobre o labio superior um buço virginal, a barriga collossal; e tudo isto embrulhado no habito xabregano. E para lhe dar mais relevo, tem na mão direita uma especie de relicario com a figura da Virgem entre flores; pendente do pescoço uma veronica com outra imagem da Virgem, e na mão esquerda um bordão singular, porque tem uns ferros mettidos no pau em fórma de ganchos.

A figura tem 1,^{m}50 de altura. A pintura, detestavel, é de Bernardo Pereira Pegado.

Fr. João de Nossa Senhora é o prototypo de frade enthusiasta, do beato sincero, de espirito acanhado e alma candida, que viveu para morrer, como elle dizia. N'elle se substancia o espirito devoto da epoca. Teve um pensamento, ao qual ligou todas as acções da sua vida, e foi estabelecer, divulgar e arreigar o culto da Virgem sob a invocação de *Mãe dos Homens*. Obteve fabricar uma capella para a Virgem com essa invocação, na egreja de Xabregas, á custa de esmolas por elle sollicitadas do povo e d'El-Rei D. João V.

O esculptor José d'Almeida, o melhor do seu tempo, e artista de talento, ao qual chamavam o *Romano*, esculpturou a imagem assim como a capella. A imagem custou com o throno 600$000 réis, afóra a madeira, que era de cedro, e a pintura do throno.

O mesmo esculptor, por outra imagem que o frade mandou fazer, recebeu um conto de réis.

Fr. João de Nossa Senhora todos os dias percorria

as ruas de Lisboa com uma imagem da Virgem, que elle chamava a *Senhora Pequenina*, em contraposição da outra, que era mais de tamanho natural.

Todos conheciam o frade. Uns lhe chamavam o *poeta de Xabregas*, porque, mesmo nas ruas, poetava, e muitas vezes respondia em quadras e decimas às perguntas que lhe faziam. Seguia-o sempre uma turba-multa de rapazes e de mulheres, e, se muitos o ouviam com attenção, outros lhe dirigiam chufas. A cada canto pregava um sermão. Seu genio, apesar de contemplativo, era jovial, e soffria com paciencia os dicterios, e ás vezes, insultos e gargalhadas com que o acompanhavam..

Quando havia grandes reuniões de povo, ou pelo entrudo, sahia com a sua Senhora Pequenina a pregar, e, com uma pertinacia digna de melhor causa, vociferava contra os desvarios do tempo, inculcando sempre o culto da Senhora Mãe dos Homens. Onde via uma rixa, logo lá apparecia, procurando distrahir os bulhentos com suas predicas.

Teve dias de pregar 12 sermões nas egrejas e nas ruas, porque era mui procurado, por ter fama de excellente pregador: chamavam-lhe o *pregador Marianno*, porque o culto da Virgem era o principal assumpto de todos os seus sermões.

Como amostra dos seus versos serve a quadra que fez, sabendo do apparecimento de um crucifixo no sitio da Cotovia, mettido entre a lama e todo golpeado, disse o frade aos que presentes estavam:

Seja aqui desaggravado
O Senhor apparecido,
Nas immundices mettido,
E com facadas cravado.

Em 1755 houve umas tardes de touros no Rocio, e fr. João, para que não faltasse o pasto da alma, em quanto se procurava a sua perdição, foi pregar na Egreja da Victoria. Aconteceu porem que os touros chamaram mais gente, que a predica de fr. João, elle então escreveu estas quadras:

No Rocio se faz festa,
Na Victoria pregação;
Pouca gente assiste n'esta,
Mas n'aquella! multidão.

Tres mezes divertimento
Bem se pudera escusar;
Tanto rir, tanto folgar,
Pode parar em tristeza.

Na doutrina de Maria,
Tenha Lisboa certeza,
Que toda a sua alegria
Hade parar em tristeza.

Houve quem visse n'estes versos a prophecia do terremoto n'este anno, e como aconteceu outras vezes que fr. João se expressasse de modo que os successos pareciam tornar propheticos os seus versos e ditos, alguns lhe chamavam *propheta*, e elle dizia:—não sou propheta, mas poeta.

Estes sitios eram em tempos antigos vulgarmente conhecidos pela designação de Valle de Chellas, pois tomando d'aqui o principio vae morrer no ponto, em que finda aquelle antiquissimo convento, ácerca do qual nossos maiores tantas patranhas escreveram.

Com o decorrer dos tempos, porém, foi perdendo este ultimo nome, e tomando o de Xabregas.

Principiaram as obras para o convento em 1455, e, passados 5 annos, estavam terminadas.

Deram-lhe primeiramente o nome de Santa Maria de Jesus, e mais tarde o de S. Francisco de Xabregas.

Foi D. Affonso V quem mandou vir da ilha da Madeira os primeiros frades para esta fundação.

Eram nove, e o seu prelado um fr. Pedro de Zarça, e a estes foi dada a posse em 17 d'abril de 1460, achando-se tambem presente o rei já mencionado.

Em 1491 D. Gonçalo de Castello Branco, senhor de Villa Nova de Portimão, fez doação a este mosteiro de umas casas com seu pomar e poço.

Estas casas foram pela rainha D. Leonor, mulher de el-rei D. João II transformadas n'uma sala magnifica para enfermaria dos religiosos.

D. João II comprou-lhes um terreno para edificação de duas capellinhas.

El-rei D. Manuel em 1497 deu-lhes uma porção de terreno, e por diligencia d'alguns prelados locaes veiu a ser um convento com capacidade para cento e trinta frades. [1]

O P. Fr. Antonio Prestelo, sendo guardião d'este convento, fez o novo claustro todo de pedraria, e o dormitorio que confina com a enfermaria.

O P. fr. João Pereira fabricou a escada que sóbe do claustro para o dormitorio: e tambem fez de novo um dormitorio antigo, e melhorou o refeitorio no anno de 1617.

O P. fr. Luiz dos Anjos fez a livraria que era ma-

[1] *Id.*, *id.*, pag. 148.

gnifica, e o dormitorio grande que fazia frontaria para o poente.

O guardião D. fr. Diogo Cesar aperfeiçoou o claustro grande. e em muita parte os edificios do convento e egreja, não reparando em gastos.

E por muitos annos correram as obras do convento de modo tal que foi como uma fundação; pois apenas se sabe que no mesmo logar existiu um outro, que a condessa fundou.

Os reis de Portugal mostraram-se muito affectos a este convento.

D. Affonso V em 1457 fez mercê a seus frades de os isentar do pagamento de sisas d'aquillo que comprassem para sua sustentação e reparo do convento.

Em 1462 o mesmo rei mandou ao seu manteeiro mór que desse áquelles frades, cada mez, uma arroba de vacca, duas duzias e meia de pescadas seccas, dois almudes e meio de vinho, e quatro alqueires de trigo.

D. João II em Julho de 1482 mandou-lhes dar de esmola annualmente 15 carradas de lenha, postas em Benavente á margem do Tejo, ou dois mil e duzentos réis por ellas.

Mas, á imitação de seu pae, que fazia a mesma esmola ao convento, o proprio rei por outro alvará dado em Evora a 17 de Julho de 1482, privilegiou um barbeiro do mesmo convento, confirmando outro de seu pae D. Affonso V, que lhe fez a mesma mercê.

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, na egreja tinha mandado fazer uma tribuna, e d'ella assistia ás missas e officios divinos, e fazia continuas esmolas áquelles frades.

D. Pedro II estimava muito os frades d'esta provincia, deu-lhes oito bispos, e mandou fundar em Setubal o seminario de Brancanes.

No tempo d'este rei começaram os fidalgos a darem pão todas as semanas para o convento de Xabregas, e a este pão se dava o nome de *Esmola dos Fidalgos*.

El-rei D. João V mandou-lhes imprimir a primeira parte da Chronica da Provincia dos Algarves.

O grande D. Luiz de Athayde para esta casa deu 20 mil réis, e duas capas de velludo carmesim com alcachofras d'ouro.

Na sachristia se conservava tambem uma capa rica encarnada, bordada a ouro, a qual, havendo servido de cota á infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel, a comprou por cincoenta mil réis a Estevão Ferreira da Gama, para a dar de esmola a esta casa.

Foi celebrada em seus tempos esta capa, a qual fazendo paridade, do seu tanto, com a Cruz da Graça, e Custodia de Magdalena, eram as tres cousas memoraveis da côrte de Lisboa. [1]

Foi este convento declarado o principal da Provincia na Congregação Geral de Toledo no anno de 1673.

A egreja passou por varias e grandes alterações.

A ultima fundação, porém, foi obra da rainha D. Leonor.

Padroeiros eram os condes de Athouguia, que ali tinham seu jazigo.

Um bispo d'Angola, fr. Simão Mascarenhas, mandou fazer paineis e azulejos representando a vida de S. Francisco.

Fóra do arco real da capella mór estavam duas capellas, na primeira, fundação de D. Maria Henriques, mulher de Pedro Botelho, se venerava a imagem da Senhora da Conceição, e tinha ali sepultura D. Maria Hen-

---

[1] *Id.*, *id.*, pag. 152.

riques, de Evora, que para ella tinha dado um annal de missas, e ornamentos preciosos.

Depois foi muito melhorada com talha dourada, que lhe fez um guardião em 1729.

Na segunda capella mandada fazer por el-rei D. Sebastião com o titulo de Nossa Senhora da Conceição, estava o Sacramento para as communhões do povo.

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, havia mandado fazer o entalhado e um painel do Senhor Resuscitado, e ambas estas cousas haviam sido melhoradas em 1730.

Foi dada esta capella a D. Maria Rebella, que para ella tinha dado uma alampada de prata, ornamentos para a celebração da missa, e uma esmola para a aboboda da egreja.

O cruzeiro da egreja tinha duas capellas: a primeira do lado do Evangelho, mandada fazer por Estevão Ferreira da Gama, o qual mandou fazer os carneiros que existiam no pavimento.

Deram a esta capella o titulo de *Nossa Senhora do Egypto*, e diz o chronista que esta pintura era admiravel para os professores da arte.

Foi comprada esta capella, estando vaga, por D. Filippa da Silva, como constava da escriptura feita em 4 de março de 1653, e de 2 lapides, aos lados do altar. A segunda capella correspondente tinha sido mandada fazer pelos Pestanas Pereiras, fidalgos da Lourinhã, com o titulo da *Oração do Horto*.

Tinha esta capella nobre jazigo com sepultura levantada da parte do Evangelho com duas figuras de jaspe, uma de homem com as armas dos Pestanas, e a outra de mulher com as dos Teixeiras.

A figura de homem representava Francisco Pereira

Pestana, portuguez illustre, que se distinguiu nas guerras africanas no reinado d'el-rei D. Manoel.

Tinha o corpo da egreja 8 capellas, isto é, 4 de cada lado.

A primeira do lado do Evangelho foi mandada fazer por Diogo Deça, e acabada por sua mulher D. Luiza de Noronha. Achava-se no altar d'esta capella a imagem da *Senhora da Lampadosa*. Olhava pelo culto d'esta uma irmandade de homens maritimos, desde 1736, e faziam a festividade em 15 d'agosto.

A segunda capella, intitulada dos *Reis*, foi mandada fazer por uma condessa da Castanheira, e, depois de ornada e paramentada, a vendeu a Izabel d'Araujo em novembro de 1619, e depois passou para a casa de Christovão Ferrão de Castello Branco, onde andava ao tempo que fr. Jeronymo de Belem escrevia a sua chronica. N'ella collocou fr. José de Santa Anna a imagem do Senhor do Bom Despacho, e com as esmolas enfeitou a capella, e principiou a celebrar a festa em 1723, no dia 3 de maio. [1]

A terceira capella, com o titulo de *Nascimento de Christo*, mandou fazer D. Lourenço de Sousa, e uma senhora da sua casa, dama do paço, a paramentou do necessario para o seu culto.

---

[1] «Já conseguiu o p. fr. José o que tanto desejava, e n'esta fórma se foi augmentando a devoção do Senhor, e tanto, que até as Magestades, em obsequio seu, vinham, alguns annos, visitar o Senhor no dia da sua festa, e pela mesma razão se assentou por juiz perpetuo da irmandade o Serenissimo Infante D. Carlos, filho do magnanimo Rey D. João o V, e por sua morte lhe succedeo no mesmo emprego o serenissimo Infante D. Pedro seu irmão.

Aquelle primeiro juiz e Infante Serenissimo mandou fazer para a Capella da Egreja umas grades de pao santo primorosamente

Pertenceu depois á casa dos Calharizes, que n'ella tem seu jazigo.

A quarta capella foi de D. Anna de Mendonça, e por não ter senhorio a doou á communidade por uma escriptura á irmandade do SS. Coração de Jesus.

A primeira capella do lado da epistola a doou a communidade a Antonio Lopes Franco, em março de 1605. Foi no seu principio condecorada com o titulo de *Cruz*, passou depois para o titulo de *Santo Antonio*, onde por muitos annos foi festejado.

A segunda capella, de Nossa Senhora da Piedade, e depois de Nossa Senhora da Paz, imagem resgatada por um frade, pois estava empenhada, mandou fazer D. Henrique de Castro, e pertenceu a seus successores os almirantes do reino, que n'ella tinham jazigo.

A terceira capella era dedicada a Nossa Senhora do Desamparo, imagem mandada fazer por Antonio Cabide em 1660. Teve irmandade, e a condessa de Penaguião foi juiza por muitos annos. A festa solemnisava-se no domingo do Bom Pastor. Os irmãos d'esta irmandade acompanhavam a procissão do Enterro que todos os annos sahia de Xabregas, na tarde de sexta feira santa, e na qual se incorporavam os loyos, com destino á Madre de Deus, onde se prégava um sermão da Sole-

lavradas, concorrendo para tudo o mais os devotos bemfeitores e amigos espirituaes do Servo de Deus.

Os grandes desejos que este tinha de ver a sua irmandade crescida, e as duas capellas na sua ultima perfeição, lhe abriram a porta para as sáhidas do Convento, que para outro fim excepto as obrigações da communidade, nunca sahia de casa, pois n'ella tinha muito em que se occupar; e assim costumava dizer quando o procuravam: *Muito que fazer, muito que fazer.*» Fr. Jeronymo de Belem: Vida justificada, morte preciosa e milagres do p. Fr. José de Sant'Anna. Lisboa, 1743, pag. 67 e 68.

dade. Vinham muitos cavalheiros da côrte acompanhar a Senhora á sua casa, d'onde se apartavam sómente pela alta noite.

A' imagem da Senhora deu em 1749 a rainha D. Marianna d'Austria um precioso vestido matisado de ouro e azul.

A quarta e ultima capella era a do Espirito Santo, mandada fazer por D. Maria da Silveira e seu marido Ruy de Sousa. Poseram n'esta capella a imagem de Nossa Senhora das *tres corôas*. Tivera esta imagem por oitenta annos o titulo de *Rosario*, mas depois, por contendas que tiveram os irmãos da Senhora com outras irmandades do Rosario da Côrte, ficou sendo conhecida com o titulo das *tres coroas*. Celebrava-se a festividade a 8 de Novembro.

N'esta mesma capella se fabricou outra magnifica em honra de S. Benedicto de Palermo, que por verba do testamento de D. Pedro II mandou fazer D. João V, tendo principio em 1749 [1]

A capella da Paixão, vulgarmente chamado dos *Christos*, que parte, e de facto repartiu com a de S. Benedicto, foi feita por diligencias dos religiosos d'este convento. É uma das maiores notabilidades d'elle: consta dos Passos da Paixão do Senhor com figuras em vulto, e no meio d'ella se vê o Calvario com tres cruzes arvoradas, uma de Christo crucificado com cravos, e as duas do bom e mau ladrão ligados com cordas. Esta

---

[1] A rainha D. Catharina deixou em 1578 quinhentos cruzados para os reparos do alpendre da egreja.

Esta rainha, pela grande devoção que tinha a este convento, intentou continuar o seu palacio até ao convento de Xabregas para ter mais proxima a communicação dos religiosos.

N'este sitio correu touros el-rei D. Sebastião em 1577, em dia de S. João. Chronica ultimamente citada, pag. 160.

capella foi doada ao abbade Manoel Mascarenhas, e passou depois a Simão de Vasconcellos, que violentamente acabou a vida na acclamação de D. João IV. No lado d'esta capella, e dentro do alpendre da portaria fundou uma capella em 1738 um Luiz Potagem, com missa todas as segundas feiras do anno, e cantaro e meio d'azeite para alumiar a Senhora nos mesmos dias.

Á entrada do claustro se encontra uma capella com o titulo de Nossa Senhora da Piedade, mandada fazer por Sancho Tovar da Silva, e n'ella poz suas armas, e as de sua mulher, com jazigo nobre, o que tudo passou depois a D. Diogo de Carcome a a sua mulher D. Antonia de Vilhena.

No mesmo claustro para a parte da sachristia está outra capella toda de pedraria e de singular architectura, com o titulo de Jesus, a qual mandou fazer Manoel Jorge no anno de 1615.

N'esta capella está collocada a imagem do Senhor do Bom Despacho, objecto singular da devoção do padre fr. Jozé de Santa Anna.

Termina o claustro grande com a sachristia, que é uma nobre casa com boa architectura, obra do generoso animo do P. Fr. Diogo Cesar, que sendo provincial da provincia, a mandou fazer pela era de 1648. Tem um admiravel Santuario, onde, entre outras reliquias se venera uma reliquia de Santo Lenho, e uma cabeça das Onze mil Virgens: e um pé do Beato André de Espoleto, dado pela rainha D. Catharina.

Em 1731 começou n'este Convento a festa do Coração de Jesus. Em 1742 um frade d'este mosteiro mandou fazer uma imagem da Senhora Mãe dos Homens,

---

[1] Chronica ultimamente citada pag. 172.

ao artista Jozé de Almeida, que em Roma se havia aperfeiçoado na arte, e com a protecção de D. João V a mandou benzer na Sé Patriarchal em janeiro de 1744. Depois sahio, sendo já noite, a imagem encerrada n'uma caixa, conduzida por homens deputados para esse fim, acompanhada dos terços da Côrte, dos soldados da guarda real; e de infinito povo [1] que fazia uma devota e grande procissão, cantando todos o terço da Senhora. Todas as ruas estavam illuminadas pelas janellas, e os sinos das egrejas se desfaziam em harmoniosos repiques, tudo pela devoção do povo, pois para nada se deu aviso.

Chegando a devota procissão á egreja da Madre de Deus, chegou a communidade a Xabregas com luzes a esperar a Senhora: e conduzindo-a á egreja, depois de collocada na capella mór, onde se lhe tinha preparado decente logar com hymnos e devotas orações, lhe deu os parabens da sua chegada, que em todo o dia foi notavelmente applaudida.

No dia seguinte mandou o monarcha visitar a Senhora com uma missa cantada, pela qual liberalisou cem mil rêis de esmola á communidade.

Dois annos se conservou a imagem na capella mór, em quanto a sua se não concluia; até que para esta se trasladou em 10 de maio de 1747.

No dia seguinte veio sagrar o seu sino, que tambem lhe deu D. João V, D. Fr. Francisco de S. Thiago, bispo do Maranhão.

No dia 12 foi a sagração do altar, vindo o mesmo bispo celebrar de pontifical. D. João V ainda não satisfeito, deu uma alampada de prata e muitos outros objectos.

E ainda além de tudo isto mandou um sino de quarenta arrobas, para o qual o guardião mandou fazer uma torre em 1747.

Formou-se depois em honra d'esta Senhora uma filiação, á custa da qual sahiam d'este convento para prégarem em todas as parochias da Côrte prégadores, os quaes, principiando n'esta egreja nos primeiros domingos de cada mez, proseguiam nos mais com assistencia dos terços.

Estes, por mais rigoroso que o tempo estivesse, vinham de madrugada infallivelmente com os seus paineis, assistiam á pratica que se lhes fazia, e depois de ouvida uma missa, se retiravam na mesma ordem que tinham vindo cantando o terço.

A festa principal d'esta filiação era celebrada na terceira dominga depois do Pentecostes com devoção egual á despeza. [1]

---

[1] Id. id. pag. 174. Em 1710 os ladrões entraram certa noite por uma fresta, e roubaram tres lampadas do altar de Santo Antonio. Os ladrões, porém, muito assustados com as pesquizas que se estavam fazendo, levaram-n'as dentro d'um sacco, e as deixaram no Noviciado da Companhia de Jesus á Cotovia.

Fr. João de Nossa Senhora, vulgo o poeta de Xabregas, nasceu no Freixial, freguezia de Santa Maria Magdalena de Aldegavinha em 1701

Foi inclinado á poesia, e já antes de se entregar ao estudo do latim, fazia versos em portuguez, e depois não só em portuguez, mas tambem em latim para todas as occorrencias, e eis d'onde lhe proveiu a alcunha de poeta.

Recebeu o habito franciscano no convento de Villa Verde em 1717, com 16 annos d'idade, e em maio de 1718 fez sua profissão nas mãos do guardião fr. Manuel das Neves, havendo por esta occasião festividade pomposa.

Mandaram n'o depois para o convento de Peniche, e d'este para o de Faro.

Já então se entregava aos sermões de missão com um crucifixo nas mãos.

Parece que o primeiro sermão que prégou, foi n'um sabbado d'Alleluia na villa d'Athouguia, sendo o assumpto os—Disvellos das Marias.

Era mui grande o numero das pessoas notaveis encerradas n'este mosteiro:

I A condessa D. Guiomar de Castro, fundadora, na capella mór.

II D. Maria de Castro, condessa de Penaguião, n'um sumptuoso tumulo sobre dois elefantes na capella mór. 1651.

Foi depois estudar theologia no mosteiro de Xabregas.

Em 1725 recebeu ordem de Missa, e em 1726 nomearam-n'o prégador, na congregação de Cascaes.

Esteve depois em Beja, e d'aqui foi mandado para a prebenda d'Olivença.

Fez mais de setenta vezes á romaria da Nazareth, e algumas vezes descalço, romaria á qual o nosso illustre escriptor Julio Cesar Machado tambem é muito affeiçoado.

Graves discordias entre os frades da sua ordem fizeram com que o poeta de Xabregas sahindo a occultas de Setubal, fosse até Roma em 1732, onde duas vezes teve audiencia do Summo Pontifice, servindo-se então da lingua latina, na qual era bastante versado.

Em outubro de 1732 sahiu d'esta cidade, trazendo um breve para o provincial da Provincia de Portugal, pelo qual estava authorisado a recolher-se no convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa.

Por este tempo prégou muitos sermões na côrte, e recebeu elogios do celebre escriptor Manuel Caetano de Sousa, da Academia Real de Historia, o qual dizia: que para refrescar a memoria das Escripturas, era uma consolação ouvir o *poeta de Xabregas*.

Em S. Francisco da Cidade residiu dois annos

Retirou-se depois para Xabregas, onde passou todos os annos que lhe restavam de vida.

Diz o seu biographo que do muito exercicio de prégar adquiriu um tal habito e facilidade que, a qualquer hora que o procurassem, estava prompto a subir ao pulpito.

Só n'uma tarde em que elle collocou uma Via Sacra, prégou 14 sermões.

Querendo que as grandezas de Nossa Senhora Mãe dos Homens fossem divulgadas por toda a parte, encaminhou-se ao Val-

III D. Jeronymo, conde de Penaguião, no commum jazigo da casa. Em 1665.

IV A condessa D. Leonor Maria de Menezes. 1664. Veio fazer a oração funebre o P. Bartholomeu do Quental.

V Tristão da Cunha. Na capella mór, em sepultura raza entre os altares collateraes d'esta capella. O epitaphio dizia: *que fôra o primeiro que na India tomara*

---

le de Chellas, onde vivia um insigne figurista chamado o *Ferreirinha*, a quem «em materia de barro ninguem excedeu» como publicaram os presepios da Cartuxa, da Madre de Deus, a quinta dos Enbrexados, etc.

Este aconselhou ao poeta de Xabregas a que fosse procurar um esculptor de fama, que, tendo residido em Roma, era vulgarmente conhecido pelo nome de Romano, sendo o seu verdadeiro nome—José d'Almeida.

Foi, pois, este procurado pelo poeta no dia 1 de outubro de 1742, e se encarregou da encommenda d'uma imagem da Senhora Mãe dos Homens, havendo de receber o esculptor 72 moedas em ouro e devendo ter a imagem 8 palmos d'altura, na attitude de deitar a benção, com o menino no braço esquerdo, e na peanha 2 anjos.

Não tinha, porém, o poeta de Xabregas uma tal quantia, mas, começando a parafusar na maneira de havel-a, lembrou-se de que talvez fosse possivel obtel-a por meio das prégações.

E para tal fim o patriarcha lhe deu licença para prégar 12 sermões no decurso d'um anno, com indulgencia para quem a elles assistisse.

Emprehendeu tambem o poeta de Xabregas acabar todos os sermões com palavras dirigidas á Virgem e a seu Filho, e para isso trabalhou por descobrir uma imagem da Senhora que podesse collocar na cruz do Senhor.

Achou effectivamente uma pequena imagem da Senhora no convento de Xabregas, e a mandou preparar com o menino no braço esquerdo, e com a mão direita lançando a benção a seus filhos, e com esta imagem andava fr. João pelas egrejas, ruas e casas particulares, ás vezes acompanhado d'uma chusma de povoréo, cantarolando e entoando hymnos á Virgem.

O primeiro sermão dos 12 já mencionados foi prégal-o á egre-

fortalezas por combate. Foi um dos heroes da India, e d'elle fez menção a Chronica d'el-rei D. Manoel por Damião de Goes. As cinzas porém foram mais tarde removidas d'este convento para outro.

VI D. João Galvão, bispo de Coimbra. 1485.

VII Ruy de Sousa de Carvalho, illustre guerreiro em Masagão. E além d'estes outros muitos.

---

ja parochial da Encarnação repleta d'um extraordinario concurso, e ricamente armada.

Concluiu a prégação com um crucifixo nas mãos, estando a imagem da Senhora aos pés da cruz, e pedindo grande numero de ave Marias pelos summos pontifices, casa real, patriarcha, almas do purgatorio, etc.

E por fim ensinou os assistentes a pedirem a benção da Senhora por estas palavras:

Virgem May de Deus e May dos Homens, lançae-nos a vossa benção. E elle então a deitava acompanhada das seguintes palavras:

Nos cum prole pia benedicat Virgo Maria!

E para propagar esta devoção escreveu um livro, ao qual deu o seguinte titulo:

Arco Celeste para reconciliar as almas com Deus pelas doutrinas da Virgem Maria Mãe de Deus e Mãe dos Homens.

O segundo sermão foi prégado em S. Nicolau, onde o concurso ainda foi maior do que na Encarnação.

Prégou depois na patriarchal o sermão da sexta feira da Piscina com allusões a D. João V que já então se achava doente. Phantasiava em prégar que a piscina era a Senhora Mãe dos Homens, e o homem que descera á piscina, era o mencionado rei. Foi dispondo o rei para que, primeiro que ninguem tivesse devoção a um tal titulo.

E foi tão feliz n'esta prégação, que ao acabal-a recebeu ordem para procurar o prior de S. Nicolau, o qual da parte do soberano lhe disse ter ordem para pagar a imagem que tinha mandado fazer quando estivesse prompta.

E ao modelo deu o poeta de Xabregas para o convento do Salvador em Lisboa.

As freiras poseram-na em o côro, e a um tal modelo attribui-

VIII, D. Fr. José de Santa Maria, bispo de Cabo Verde, fallecido em 1736.

Em 1649 prégou n'este templo o P. Antonio Vieira por occasião das exequias de D. Maria de Athayde, filha dos condes d'Athouguia. Havia defronte do adro d'este convento, uma ermida dedicada a S. Bento, a qual foi

---

ram ellas depois o não ter cahido o referido côro por occasião do terremoto de 1755.

Succedeu porém um caso que fez recrudescer extraordinariamente a aura popular do poeta xabregano.

Fôra prégar, a Santo Estevão d'Alfama, de S. Jozé e de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Havia muito que não chuvia, e a falta de chuva estava causando grandes transtornos, e as continuas preces não tinham dado ainda bom resultado.

O poeta, porém, no sermão prometteu que n'esse mesmo dia havia de chover.

E com effeito, quando estava para sahir do pulpito, foi tanta a agua que choveu, que deixou todo o auditorio suspenso, e principiou desde então o padre a ter fama de virtuoso.

D'ahi por diante não passava dia sem prégar sermão, e em todos o seu fim predilecto era o propagar a devoção á Senhora Mãe de Deus e Mãe dos Homens.

O mesmo fez nos sermões da Semana Santa, mostrando no da Paixão a Senhora como *Mãe dos Homens*, prégando a de seu filho a seus filhos, e no da Paschoa mostrou por fim o Senhor crucificado com as chagas gloriosas, e a Senhora como Mãe dos Homens, dando as boas festas a seus filhos, que pela novidade do assumpto, e bem achado da idéa, foi sermão de grande applauso para os ouvintes, e de não menos crédito para o prégador.

D'ahi a pouco foi D. João V a Xabregas. Fallou ao poeta, e lhe deu graças do zelo, com que cuidava nos cultos da Senhora, e se fallou em fazer uma capella para a mencionada imagem.

O poeta ficou contentissimo, e fez logo os seguintes versos á Virgem:

demolida em 1606, com o fim de n'aquelle local se levantar um forte, o que se levou a effeito.

Voltemos, porém, a dizer mais algumas palavras ácerca do famoso poeta de Xabregas, um dos vultos mais excentricos do tempo d'el-rei D. João V.

Em 11 de dezembro recolhendo-se para o convento por Val de cavallos, passou por elle um homem á car-

---

Mater Virgo Dei, magnas tibi concino grates,
Regi coram te, namque locutus ego.
Salve sancta Parens hominum, quae cuncta per illos
Ut tua demonstras, Rege movente alios

Não cessava o P. Fr. João d'applicar todos os meios e diligencias para ver concluida a imagem da Senhora, e tendo noticia de que D. João V partia para os banhos das Caldas, foi procurar o infante D. Antonio para lembrar este negocio a el-rei, offerecendo-se para ir prégar ás Caldas.

Em 13 de maio de 1743 teve o padre um alegrão. Depois de ter ido prégar á ermida de S. Sebastião da Padaria, foi ali procurado por individuo que lhe deu a noticia de que se via todas as madrugadas, quando passavam pelo campo do Curral, uma grande estrella no ceu, com inclinação para a parte de Xabregas, e isto sem falhar um só dia (pag. 99).

P. João ficou contentissimo, e tirou em conclusão: que o Céu com este extraordinario signal annunciára á Côrte de Lisboa a nova devoção e novo titulo da Mãe de Deus.

Na terceira Dominga da Paschoa sahio o P. João disposto a prégar da Maternidade da Senhora, onde quer que succedesse, e passando pela egreja de Santa Clara, achou que n'ella celebravam as religiosas a festividade do Patrocinio de S. Jozé com o Sacramento exposto até a conclusão da missa conventual; e mandando-se-lhes offerecer para sermão de tarde, estimaram a boa occasião de o ouvirem, e de ficar mais plausivel o festejo.

Á hora competente subiu o prégador ao pulpito, e sendo a principal materia o patrocinio do pae putativo de Christo, elle o mostrou tambem pae dos homens.

Em 23 de maio, dia da Ascenção de Christo, prégou o quinto sermão dos doze do anno na parochial egreja de S. Paulo, onde

reira, e pondo-lhe sobre a cabeça um barrete de clerigo com bastante força lhe disse estas palavras: *Arcebispo de Braga*.

Com muito socego tirou fr. João o barrete da cabeça, e, deixando-o a uma porta, se retirou sem dizer palavra (pag. 271).

Achando-se Fr. João em casa de Rodrigo Antonio de

---

era infinito o numero dos ouvintes; e mostrando com textos do mesmo apostolo, sem outro algum em todo o seu discurso, a maternidade da Senhora, deixou o auditorio suspenso e compungido pela iniciativa.

Depois para propagar a devoção escreveu um livro intitulado: *Dia e noite por todas as vinte e quatro horas* (106).

Para mais inflammar os fieis na devoção da Senhora, mandou imprimir muitas estampas, com varias devoções e alguns dias d'indulgencias, que pediu ao patriarcha, e este lhe concedeu.

D'estas estampas repartia com abundancia pelos meninos, que ao principio o acompanhavam, e depois por toda a gente, que o seguia e buscava, trazendo sempre comsigo grande provizão d'ellas.

Em tres de junho vendo o adiantamento da imagem, sem saber onde havia de collocal a, procurou o infante D. Antonio, o qual lhe prometteu fazer o que podesse, e que não havendo outro remedio, elle metteria os hombros até onde podesse estender seu braço, e concluiu dizendo:

«*Quando você lá estiver muito afflicto, venha cá ter commigo, e consolar-nos-hemos ambos*».

Ficou o padre tão consolado com estas palavras, que foi logo escrever o seguinte epigramma latino:

Inclytus, ut Dominus Princeps Antonius Infans.
Matrem Virginem amat, cum manet ipsa hominum.
Solatium pergrande mihi, cum pauca loquutus.
Praebuit ex Sancta Virgine Matre datum.
Quando afflictus ego circa res Virginis essem,
Debebam cum illo, moxque venire, loqui. (pag. 109).

No dia dos annos do principe real foi tambem fr. João ao Pa-

Figueiredo, para cuja egreja havia dado a imagem do *Senhor Reformador de Lisboa*, se encontrou com o pintor que lhe dourava a sua capella, que lhe havia mandado fazer D. Joanna Luiza, chamado Agostinho Ferreira, o qual lhe deu noticia d'uma imagem do Salvador do Mundo, em pintura dos hombros para cima, e com os olhos em elevação, que tinha achado no Campo

---

ço, e a todas as pessoas reaes pédiu que se lembrassem da Virgem, como *Mãe dos Homens*, e não houve diligencia que não fizesse, nem pessoa de valimento nem de respeito que não procurasse para a fabrica d'uma capella, em que fosse collocada a imagem.

Certo dia, depois de celebrar com lagrimas e interior recolhimento, pedindo ao Senhor e a sua May o seu favor e fortaleza, se lhe apontou a capella mór de Xabregas para a collocação da imagem, e vindo Santos Pacheco, mestre insigne tomar as medidas para uma boa tribuna d'entalhado, com a idèa de se alargar a capella para a parte do jardim da communidade, logo se offereceu a primeira duvida por parte do conde de Athouguia, padroeiro da capella, que, depois de varios allegatos, veiu a concluir que não convinha em tal obra, com receio de se lhe tirar em algum tempo o senhorio.

Desvanecidos estes primeiros intentos, e assentando que com as esmolas dos fieis havia de fazer a capella, procurou o patriarcha, a quem pediu licença para fazer um peditorio por toda a cidade de Lisboa.

O patriarcha condescendeu com seus rogos, e o enviou a todos os parochos, para que um domingo antes dos sermões da esmola, annunciassem aos seus freguezes que no dia seguinte ia pregar; e, quando algum duvidasse, logo lh'o fizesse immediatamente saber.

E que as esmolas, que se tirassem, ficassem depositadas nas mãos dos mesmos parochos, para passarem d'ellas ás do syndico do convento.

Procurou logo o primeiro parocho que foi o da Conceição Nova, e no dia 25 de Julho de 1743 sahiu a publico com a sua idéa, sem deixar a dos 12 sermões dos mezes, e discorrendo ácerca da Maternidade da Senhora e da procissão d'uma capella, em que

da Cotovia, involto em immundicie humana, e todo golpeado á faca.

Depois que o homem conheceu, e muito por acaso o que era, com um filho seu que o acompanhava, limparam, como poderam o panno, e levando-o para sua casa, o preparou com sua moldura, e collocado no seu oratorio, se deu por satisfeito do bom achado.

---

ella fosse collocada á veneração publica como *Mãe dos Homens*.

E depois recolhendo-se muito satisfeito ao convento foi logo fazer a seguinte decima latina:

Ave Virgo, Mater Dei,
Ave Matris nostrae imago
Hodie tibi gratias ago
Pro mercede hujus diei:
Tu es fluis meae spei,
Et me tecum totum tégo,
Opereque tuo lego,
Te patronam in petendo
Hanc Civitatem petendo
Cum sim Praedicator ego.

Deu logo principio ao seu peditorio levando a Senhora, a *pequenina*, nas mãos e edificando os devotos, que foram concorrendo com suas esmolas, que ficavam na mão do parocho.

Assim foi proseguindo, e ouvindo de vez em quando suas respostadas, para lhe fazer mais avultado o merecimento; mas elle com o seu bom genio e bondade natural de tal sorte dispoz os animos que por fim veiu a parar em veneração o que antes causava fastio.

Fez ao mesmo tempo petição á rainha e mais pessoas reaes, a qual a seu tempo foi despachada com esmolas bastante avultadas.

E o peditorio começou a avultar de modo que já os de opinião contraria se iam persuadindo de que o P. fr. João faria alguma cousa, quando ao principio *nada havia de fazer*.

Em 26 de Julho, prégando em Santa Justa o sermão d'este

Apenas o P. Fr. João ouviu esta relação em 24 de maio de 1754, entrou em vivos desejos de visitar o Senhor, como logo fez, e de solicitar a publicação do successo para desaggravo da injuria feita a uma imagem de Christo, em que não deixaria de ser parte a perfidia judaica.

Para isto buscou testemunhas e um tabellião, que

---

mez, fez um relatorio das esmolas que tinha recebido, e accrescentou que a Senhora, como *Mãe dos Homens*, havia d'ir abençoal-os como filhos por suas casas; e ao sahir do pulpito se viu cercado de muita gente, que edificada e compungida da sua doutrina e devoção á Senhora, lhe fez grata companhia.

D'aqui principiou a ter sequito pelas ruas, em que os meninos eram mais frequentes, e, como em devota procissão, cantando o terço e ladainha o conduziam até ao convento, pag. 117.

N'este santo exercicio achou sempre nas freguezias parochos e clerigos devotissimos que o acompanhavam com muita caridade, que tudo concorria para o exemplo e compunção dos fieis.

Cresciam cada vez mais as esmolas particulares pelas casas e ainda pelas ruas, offerecendo-se de sorte que não fossem vistas.

Não ficou fóra d'este numero el-rei D. João V, porque fazendo annos a 22 de outubro (1743), indo o padre ao beijamão, lhe introduziu a Senhora que trazia nas mãos, e com ella á vista passou a hora de jantar.

Fr. João gostoso foi compôr o seguinte distico á Senhora:

> Tu benedixisti Regi, Virgo, ejus in annis;
> Vivant ut ipse tibi, protege Mater, eum.

No dia 25 do referido mez se preparou fr. João com missa, orações e lagrimas, pedindo a Deus e a sua Mãe que se dignassem deparar-lhe logar competente, onde a Senhora ficasse com melhor commodo e decencia.

Procurou o guardião do convento, e com elle entrou na egreja de Xabregas a fazer da capella, e como o prelado se inclinasse para a primeira capella do cruzeiro, do lado da epistola, a qual pertencia á familia dos Pessanhas da Lourinhã, com o titulo de

tudo portasse por fé; e antes que proseguisse nas mais diligencias, cuidou em luzes para a veneração do Senhor, e lhe levou umas cortinas para seu adorno, ficando desde esse tempo mais conhecido dos devotos, que já concorriam a veneral-o.

Intentou andar prégando pelas ruas com o Senhor, levantado em estandarte, por desaggravo d'aquella in-

---

Horto, esta ficou escolhida por ter disposições para a obra intentada.

Na intelligencia de que esta capella, que foi promettida pela communidade aos irmãos terceiros para os seus exercicios, servia, sahiu o P. fr. João do convento a procurar o entalhador e architecto Santos Pacheco, para tomar a medida e fazer o risco; e chegando elle com effeito própoz algumas circumstancias convenientes á obra e á melhor formosura de cruzeiro da Egreja; mas querendo os architectos da casa, sem uso nem experiencia saber mais que os de fóra, taes argumentos e duvidas appresentaram, que tudo ficou por decidir, e o poeta de Xabregas foi compôr a seguinte decima:

Tantas voltas tendes dado
Para dar n'esta capella,
Que eu tambem por amor d'ella,
Virgem Mãe, ando cançado:
Todas aqui se hão buscado.
Com diligencia veloz,
Não só eu, mas tambem vós;
Mas se n'esta heis de ficar,
Ou n'outra de outro logar,
Quem bem o sabe, sois vós. (pag. 122).

N'esta suspensão da obra na capella referida o mais que fez o P. fr. João, foi recorrer a Deus por meio do sacrificio da missa, e com deprecações a Nossa Senhora, como consolação unica da sua alma no dia 29 d'outubro; e depois de outras espirituaes diligencias, chegando ao prelado a tomar-lhe a benção para sahir do convento aos seus ministerios, o encontrou tão desagradavel, que, por menos advertido, lhe trouxe á collecção o que se ha-

juria, e inflammar n'esta fórma os corações dos fieis, e pondo pela parte inferior este letreiro, que explicasse seus designios:

QUARTETO

Seja aqui desaggravado
O Senhor apparecido,

---

via passado com as medidas e duvidas das capellas. E o tratou com tal severidade que mais parecia homem secular e sem concerto, que religioso de S. Francisco, com obrigação humilde.

Sem mais acto de pergunta lhe disse:

«Que elle queria arruinar a egreja fazendo-lhe um arco no cruzeiro sem proporção, o que elle não havia de consentir no seu tempo; e que não fiasse tanto de Nossa Senhora, que elle bem sabia que era Virgem e poderosa; mas que não eram os seus merecimentos tantos, que lhe fizesse milagres: e que o mais era demasiada confiança. (pag. 124).

Nada respondeu o humilde subdito; mas recolhendo-se ao interior da sua alma entre suspiros e lagrimas dizia á Senhora: Santa Maria, succurre miseris, juva pusillanimes etc., e retirando-se á sua cella se desafogou na presença da sua imagem dizendo-lhe:

«Que tudo carregava sobre elle, sendo um miseravel peccador que nada podia. Procurou logo o mestre da obra, e dando-lhe parte do que se havia passado com o guardião do convento, assentaram em fazer-se a capella, sem exceder as medidas da outra, por se evitarem ditos e contendas.

N'este sentido e com o consentimento do guardião se deu principio á obra, mudando a talha da capella dos Terceiros para a dos Calharizes, que se achava com pouca decencia. E tantas foram as fallacias que, chegando aos ouvidos dos irmãos terceiros, se derám por sentidos de que se lhes quizesse tirar a sua capella, a que tinham seu jus, por concerto que haviam feito com a communidade no tempo, em que a Ordem estava estabelecida em Xabregas, tendo já o seu assento na egreja do Menino de Deus, onde se faziam todas as funcções; e n'este sentido foi que o guardião conveio com o P. Fr. João na ultima resolução da obra.

Nas immundias mettido,
E com facadas gravado.

E não podendo obter licença para pôr na capella da Senhora Mãe dos Homens uma imagem do Senhor, foi tambem fazer outro quarteto:

Em 11 de novembro sahia este padre a buscar o ministro da ordem D. Diogo Fernandes de Almeida, principal da Patriarchal para lhe dar uma satisfação em fórma que, satisfeita a parte, que se suppunha offendida, ficasse tudo composto, ou com capella ou sem ella.

Muito mal acceitou o ministro as razões do P. Fr. João, dizendo-lhe: Que já não era tempo, porque, no dia antecedente se havia feito uma junta sobre a materia, e que no caso em que a Ordem conviesse na collocação da Senhora na sua capella e houvesse de ter filiação, seria com escriptura de obrigação a ficar-lhe sugeita.

Melhor resolveu o P. Fr. João, dispondo que a capella dos Terceiros se puzesse no seu primeiro estado, que não foi sem utilidade bastante, pelo concerto que se lhe fez; e com auctoridade do mesmo guardião, mudou de sitio para a capella intitulada do Nascimento, que pertencia aos Calharizes, que n'elle tinham seu jazigo.

Quando P. Fr. Ioão intendia, que com tantas voltas e revoltas estaria serenada a tormenta, depois de socegados os Terceiros, a quem satisfez com humildes razões, e com o que se havia passado na verdade, quando se recolheu bem cansado e desfalecido para o convento, encontrou seu prelado tão desabrido e falto de razão, que só elle bastaria para lhe dar que merecer (pag, 127).

Tanto que soube do sentimento dos Terceiros, por conservar o seu respeito, tratou com tão pouco ao seu subdito, que o menos que lhe disse, foi :

«Que elle o andava descompondo, dizendo aos Terceiros, que por sua culpa se lhes não dera parte.»

O pacifico subdito prostrado a seus pés, lhe pediu perdão do mal, que lhe não havia feito, e com isto ficaram as cousas por então socegadas.

O Senhor apparecido
Seja agora mais louvado;
Pois ainda fica escondido,
E não é desaggravado.

Por causa do terrremoto tambem a Senhora Mãe dos Homens teve que mudar de capella, indo para a nova

---

Da capella dos Terceiros se voltou o pensamento, com effeito, para a dos Calharizes referida; mas, como a experiencia seja grande mestra, já n'esta terceira jornada seguiu fr. João differente caminho; porque sem dar o menor signal do que intentava, procurou aquelle fidalgo para consentir que a imagem da Senhora lhe honrasse a sua capella, reedificando-a de novo, em veneração tambem das cinzas de seus antepassados, que tão pouco lembrados se faziam d'elle.

Chegou à sua presença, e logo que se lhe fallou na materia se fez lembrado de que tinha capella na egreja de Xabregas, para lhe dizer que fallaria ao seu letrado, e que para isso lhe levasse uma proposta.

No dia 13 do referido novembro lhe fallou segunda vez com a proposta. em que se dizia que, collocada a Senhora na sua capella, ficaria esta sempre no seu estado, independente da filiação intentada da Senhora, e esta sem correlação alguma com a mesma capella.

Mas emquanto se resolvia uma questão tão intrincada, foi cuidando no mais que se fazia preciso para a obra.

Sahiu a ultima resolução dos letrados do fidalgo, depois de 5 dias dada em pessoa ao padre João, em que se lhe dizia:

Que, se queria collocar a Senhora na sua Capella, havia de ser sem filiação; e. no caso em que a tivesse, fosse com obrigação de satisfazer à Communidade trinta mil réis, que a sua casa pagava da Capella.

Com esta resolução se retirou o padre desfallecido, dando-se ja como por desenganado, que na egreja não havia capella desimpedida para a collocação da Senhora.

Teve elle, logo no principio d'estas suas diligencias, pensamento de fazer uma ermida nas costas da capella mór com porta para a rua, onde estivesse a Senhora patente à veneração pu-

egreja que preparou a communidade na casa da enfermaria.

Depois de prégar sempre sobre o terremoto com doutrinas brandas e convenientes ao tempo, em terça feira das Quarenta Horas sahiu a fazer sete terremotos com o thema: *Terraemotus magnus, Et septem Angeli, qui habent septem tubas etc.*; e todos encaminhados ao terre-

---

blica, sem communicação com a egreja; e considerando agora o pouco fructo de tantas lidas, fadigas, trabalhos e contradições, se lembrou d'esta idéa para o fim ao que tanto desejava.

Havia chegado n'este tempo da visita o provincial da Provincia; e propondo-lhe este designio, depois de uma consulta de padres graves, se dividiram os pareceres, sendo a maior duvida a porta para a rua, em ordem a jurisdicção ordinaria, para o que se fazia precisa a licença do patriarcha.

Sem demora procurou fr. João aquelle prelado e fallando-lhe na sua pretenção, elle com a maior benegnidade se offereceu não só para e despacho da supplica, mas ainda «*para carregar a pedra para a obra, se faltasse quem o fizesse.*»

Voltando, porem, fr. João ao convento, encontrou mudado de parecer o provincial, com o aviso de que os Terceiros conviriam em admittir na sua capella a Senhora, se elle se interessasse n'isso, sem se lembrarem das incivilidades passadas, que pouco logar deixavam para novos ajustes, e muito mais quando a Senhora tinha negociado o que ninguem negociava.

A nada se oppôz fr. João, mas sahindo com pouco da sua bondade, com submissão advertio ao prelado o que lhe parecia mais acertado, resignando-se sempre na sua vontade, como quem a não tinha propria nos cultos da Senhora.

Estes cuidados não tiravam outros a fr. João, porque ao mesmo tempo cuidava em tudo, prégando e pedindo pela cidade, sem largar uma só noite a sua cella, onde tinha o seu desafogo na oração. (pag. 132).

No dia 23 de novembro sahiu Fr. João da sua cella, depois de fazer seus exercicios costumados, a celebrar na capella de Santo Antonio, e lembrando-se de que no seu áltar, e na presença da Mãe de Deus tivera a primeira inspiração de pregar a segunda Maternidade d'esta soberana Senhora, se valeu do patrocinio do

moto, para confundir os divertimentos do chamado *Entrudo*, com a palavra de Deus.

Foi o primeiro sermão no sequeiro do conde de Unhão, onde estava collocada em uma pobre barraca a Senhora da Caridade, o segundo a Santa Apolonia, o terceiro no campo de Santa Clara, o quarto na cerca de S. Vicente, o quinto defronte do cemiterio da Graça, o sexto

---

saraphico portuguez para que alli mesmo se fizesse a obra para a collocação da imagem.

Com o exemplo das contendas e contradicções passadas, antes que o P. João delineasse a sua intentada obra, que tantas lagrimas lhe tinha custado, cuidou maduramente em examinar se a capella tinha direito senhorio, ou alguma duvida para se resolver, com tempo, para que nem o tentador, nem os tentados, ou faltos de fé tivessem motivo para mais lhe augmentarem o merecimento.

Feitas as possiveis diligencias, se achou estar vaga pela ausencia que fez d'este reino para o de Castella seu primeiro instituidor, e doada por esta causa pela communidade, por via do syndico do convento, a Antonio Lopes Franco, em virtude de uma escriptura celebrada em 17 de março de 1605; e como até d'esta obrigação mostrava estar desimpedida, pela falta de se satisfazerem as condições pactoadas nos ajustes da doação, convieram os prelados em que n'esta capella se collocasse a Senhora.

Foi condecorada no seu principio com o titulo da Cruz, como mostrava um retabulo com as imagens em pintura do Senhor Crucificado, a Senhora, S. João Evangelista; e Santa Maria Magdalena; e passados alguns annos se collocou n'ella Santo Antonio, por cujo titulo se fazia mais conhecida, e ali era festejado por diligencias de uma sua devota, que muito cuidava do seu ornato, celebrando todos os annos o seu dia com dois sermões.

Alguns annos antes se havia introduzido n'esta capella uma irmandade de Santo Antonio, expulsa do mosteiro de Chellas, e, com permisso do guardião do convento, alli se achava estabelecida, mas com fracos fundamentos, sendo o seu maior fundo algumas esmolas, que davam particulares devotos do Santo, para a sua festa.

Para que nada faltasse de contradicção, até os poucos congre-

em Villa Gallega, e o setimo tambem na cerca de S. Vicente.

Em agosto prégou Fr, João da triumfante Assumpção da Senhora na presença das pessoas reaes.

Ficaram todas muito edificadas, e a 19 do mesmo mez indo o padre fallar ao infante D. Antonio, este lhe disse:

---

gados da Irmandade, sendo uns homens, que não passavam de devotos, se puzeram em resistencia, allegando posse da capella, e fazendo sua bulha em casa alheia, para que a Senhora não habitasse no logar, que havia escolhido.

Compostas as partes, que pouco tinham que compôr, ainda permittindo-se-lhes depois que ao lado da Senhora ficasse na mesma capella, depois de reedificada, a imagem de Santo Antonio, nunca se deram por satisfeitos, antes com algumas incivilidades tiveram até seu tempo, sempre que renhir, com algum merecimento do P. Fr João.

Era este especial devoto do Santo de muitos annos; e vendo que o seu amparo e rogativas lhe haviam sido de grande utilidade, conseguiu n'esta parte algum socego, depois de tantas tribulações, confessando-se ainda mais obrigado seu, por ver que ficava a Senhora no mesmo logar, onde recebeu as primeiras luzes para os seus primeiros cultos.

Foi pois Fr. João cuidando na factura d'uma nova capella, sem exceder o risco e preceitos da antiga, para que em tudo ficasse a Senhora mais venerada, e sem controversias.

Principiou com grande calor a obra, porque já avultavam as esmolas, e não menos cresciam as censuras contra o bom operario, chamando-lhes uns *Arengueiro*, e outros dizendo-lhe improperios; mas ainda que tudo contristava o sensivel Fr. João, nada o perturbava.

Em 1 de dezembro de 1743 completou os 12 sermões Mariannos na freguezia de S. Sebastião da Pedreira, e foi cuidando em se recolherem as esmolas para a nova capella.

No dia seguinte, com licença do prelado, e com outras particulares esmolas de seus bemfeitores, principiou a venerar a sua Senhora que trazia nas mãos pelas ruas, com luz acesa de noite e de dia.

Padre, aquelle sermão foi uma das maiores cousas, que se tem prégsdo, porque todos ficámos suspensos com taes doutrinas: humilhe-se e submeta-se ao seu nada, que você não foi o que prégou, foi a Senhora: e este é conceito d'el-rei e dos mais que estavam presentes.

O fr. João foi depois escrever a seguinte decima á Senhora:

Ao mesmo tempo, em que se dispunha o material da capella, se cuidava juntamente do entalho, para que tomou as medidas Santos Pacheco, a quem fôra encarregada toda a obra no dia 7 de janeiro de 1744, e com todas as forças que cabiam no possivel se foi adiantando, para que sahisse tudo á satisfação dos desejos do P. João que não cessava de lhe applicar todos os meios, contra as muitas difficuldades, que a cada passo se encontravam.

Em 9 de março, andando o P. Fr. João no seu peditorio na freguezia do Paraizo com o seu parocho, chegando a casa d'uma dignidade ecclesiastica, esta lhe disse:

«Que muito bem era escusada tal obra a Nossa Senhora, e que melhor fôra não andar vagueando, pedindo, e estar no seu convento, que tudo aquillo era levantar mais uma irmandade a Nossa Senhora.

A estas razões, suggeridos pelo tentador, respondeu Fr. João com a sua costumada humildade:

No dia do Juizo nos veremos, e lá se saberá tudo.

Em 31 de março de 1744 se completou o zimborio da capella da Senhora com grande gloria de Fr. Joao que para complemento de tudo ajuntou varias reliquias e orações, e inclusas em uma caixa, as fez collocar na cupula, com uma inscripção que dizia o dia e anno, para que a capella ficasse livre de terremotos e tempestades, como se viu no 1.º de novembro de 1755, que, padecendo o convento e egreja, não experimentou o menor sentimento a capella da Senhora.

Em 8 de maio, indo elle celebrar o sacrificio da Missa, lhe chegou a noticia de haverem prendido os canteiros, que trabalhavam na capella, mas elle confiado no patrocinio da Mãe de Deus, sahindo logo depois do convento, foi procurar o corregedor, que havia dado a ordem em commum, e fazendo-lhe sua humilde supplica por parte da Senhora, sem mais dilação, mandou soltar os

Eu não fui o que préguei,
O que vós me ensinastes,
Vós fostes o que prégastes
Tão santa doutrina ao Rei:
Que se observe a Santa Lei,
Apesar de muitos custos;
E não se temam os sustos

---

efficazes; e ao alcaide, que fez a prisão, que pagasse em castigo do facto a carceragem por elles.

N'uma madrugada em 1757 roubaram a maior parte do chumbo do zimborio, e não levaram todo, porque houve quem visse e gritasse, e então fugiram.

Concluiu-se, pois, a capella da Senhora Mãe dos Homens em 1747, havendo começado as obras em 1743.

A capella era rica, o chão todo de xadrez, e suas grades de madeira de gandarum, dadas como esmola por um monsenhor da patriarchal.

D, João V deu uma lampada de prata, á romana, de grande valor e excellente feitio.

A madeira de cedro para a imagem da Senhora foi dada por Manoel Gomes de Carvalho, tenente de artilheria.

Pela imagem da Senhora pagaram-se 240:000 réis, pelos dois anjos e 8 seraphins que estavam aos pes do throno 120.000 réis: pelo throno 250:000 réis, pintura cento e tantos mil réis.

A imagem foi benzida na egreja patriarchal, onde tinha sido collocada na capella do Santissimo.

A ceremonia foi com toda a solemnidade, assistindo o monarcha na sua tribuna, em 11 de janeiro de 1744.

No mesmo dia de tarde foi a rainha D. Marianna d'Austria com toda a casa real a venerar a Senhora Mãe dos Homens.

Depois foi a Communidade de Xabregas reverenciar a Senhora com o seu hymno *Ave maris stella*, algumas antiphonas e orações proprias d'aquelle acto.

Acompanharam depois a imagem para Xabregas todos os Terços da Côrte, que seguiam ao P. Fr. João nos seus sermões doutrinaes: os soldados do guarda do rei, e infinito povo, que iam a coros cantando o seu terço, havendo illuminação nas janellas das ruas, por onde passavam.

Dos inimigos emtanto,
Para que o Rei seja um Santo
E os seus vassallos justos.

Alguns dos prognosticos de Fr. João sahiam certos, e havia então quem dissesse ser um propheta.

Elle, porém, não gostava, e exclamava: *Eu não sou*

Os sinos se desfaziam em harmoniosos repiques.

Chegando esta procissão ao mosteiro de Xabregas, sahio a communidade a esperal-a, e a imagem foi colocada interinamente na capella mór (pag 151).

Foi esta uma das maiores e mais luzidas funcções, que se viram em Xabregas, a qual coroou no dia seguinte o devoto monarcha com uma missa cantada á Senhora, e a esmola de cem mil réis; e na jornada, que no verão seguinte fez ás Caldas da Rainha, mandou dizer outra por vinte moedas.

A mais se estendeu a sua real grandeza, com um rico ornamento, que deu para a festa da Senhora, de damasco branco de ouro; casula e frontaes de todas as cores para as missas resadas e um sino excellente de quatro arrobas, além de outras esmolas particulares, que mandava dar á Senhora em obsequio do P. Fr. João, e sem elle lh'as pedir, que tudo fez uma pondoravel quantia.

Logo que a Senhora appareceu em publico, começou por tal modo a devoção dos fieis, que um só instante não estaria a egreja sem gente.

Eram offertas e esmolas, que lhe levavam, e oblações de retabolos, mortalhas, mãos, braços, pernas, cabeças de cera, com muito d'esta para o seu culto.

Pasados dois annos, e antes de estar dourada a sua capella, se trasladou a Senhora para ella em 10 de março de 1747, e sempre continuando os prodigios de sorte, que por não terem já logar na egreja as memorias, se passaram para os claustros, d'onde foram levados.

No dia seguinte veio sagrar o sino D. Fr. Francisco de S. Thiago, bispo de Maranhão, a quem Fr. João, por insinuação real, e com licença do patriarcha tinha convidado para sagrar a capella. (pag 155).

Profeta, sou Poeta. E com effeito é obra d'elle o seguinte soneto ao Amor Divino:

SONETO

Só vos conhece, Amor, quem vos conhece
Só vos entende bem, quem vos adora,

Para esta funcção mandou el-rei D. João V, os mestres de ceremonias, com tudo o preciso da sua Patriarchal, e uma caixa de prata com as reliquias dos martyres S. Jorge e Santo Estevão papa, para se incluirem no altar.

Em 12 do referido mez de março, quarta dominga de Quaresma, se fez a sagração com toda a solemnidade e ceremonias costumadas, que se concluiu com missa Pontifical, que celebrou o mesmo prelado, assistido dos religiosos mais graves da communidade, por ministros, honrando por fim o refeitorio com sua pessoa e familia.

No anno de 1748 dourou toda a capella á sua custa o irmão Antonio Rebello Leite, filho da Terceira Ordem Serafica, que havia sido ministro no serviço da corôa na America, e n'este tempo vivia recolhido no convento de Xabregas, com habito publico por diligencia do p. fr. João, e não sem grande mysterio, attentas algumas circumstancias d'este bemfeitor, que, sem se saber resolver, gastou na obra um conto de réis, e fez depois as imagens da Senhora, que se repartiram pelos conventos e mosteiros da provincia, em que se gastaram duzentos e tantos mil réis. No Sacrario da Capella se collocou uma preciosa reliquia de Santo Lenho, com uma grande parte da propria tunica, que vestiu a Senhora, fabricada e feita pelas mãos de Santa Anna, inclusas em um sacrario dourado, donativo do Senhor de Belmonte, que em morgado se conservava em sua casa, o qual, por ser particular amigo do p. fr. João, lhe deu permisso, para que elle cortasse muito á sua satisfação.

Em grande veneração se conservava o sino da Senhora (pag 157) a cuja fundição assistiu fr. João, com muitas orações e rogativas a Deus e a sua Mae, para que saisse perfeito e assim succedeu, sendo tão mal succedidos outros dois, que se fundiram e sagraram com elle; porque em breves tempos se quebraram am-

Só será ouvido, quem bem chora,
E só vos póde amar, quem se aborrece.
Só quem se mortifica, é que merece
Só alcança o que quer, quem vos implora,
Só quem morre por vós, é que melhora,
Só quem desmaia, em vós se fortalece.
Quem tudo por vós perde, ganha tudo;

---

bos, ficando o da Senhora para despertar a memoria d'aquelle zeloso operario, que n'elle deixou o melhor defensivo contra as trovoadas, pois se tem por experiencia que, em se tocando n'estas occasiões logo param, e n'esta fé o desejam ouvir os visinhos de Xabregas.

Gostou o p. fr. João do fructo do seu trabalho, e vendo concluido na maior perfeição toda a fabrica da capella, desaffogou seu espirito na seguinte:

DECIMA

Minha Mãy, Senhora minha,
A' vossa casa chegastes,
E em throno vos collocastes,
Como Mãi, como Rainha:
Fizestes quanto convinha,
Por caminho, que venero:
Eu já agora nada espero;
Pois não tenho mais que ver:
Não se me dá de morrer;
Que, se vós quereis, em quero.

Em 24 de janeiro de 1745 foi o p. fr. João prégar ao mosteiro de Santa Appollonia de uma profissão, para que concorreram circumstancias milagrosas, como elle ponderou no seu sermão.

Entrou n'aquelle mosteiro fugitiva do mundo uma fervorosa donzella para se desposar com o melhor esposo das almas; mas, sem considerar nos meios de conseguir o fim de seus desejos, tendo já dous annos de noviça, pela falta de dote, se não admittia á profissão. Vivia a noviça desconsolada, porque depois de vencer grandes difficuldades na eleição do estado, lhe restava a

Pois tudo quanto ha, em vós se encerra,
E quem mais vos explica fica mudo.
Só com amor tão forte é justa a guerra,
Que sendo, por ser fino, o mais agudo,
Penetra o Fogo, o Ar, o Ceo, e a Terra.

O padre, segundo se collige do seu retrato que vem

---

maior, a que de nenhum modo podia dar saida. Assim passou com rogativas ao Céu, d'onde esperava o remedio, até ao dia 11 do mesmo mez e anno referidos, em que pelo sitio do mosteiro passava a imagem da Senhora Mãe dos Homens, que ia collocar-se em Xabregas; e aproveitando-se de occasião tão opportuna, com muitas lagrimas pediu á emperatriz Soberana o que tanto desejava.

Vinha a Senhora a despender favores, e remediar necessidades: e com tanta promptidão attendeu ás supplicas da noviça, que dentro em breve espaço de oito dias lhe foram levar o dote com tudo o mais preciso para a sua profissão. pag. 168.

Em agosto de 1748 o acolytho não estava pelas demoras do p. fr. João na Missa, e queria que a dissesse de pressa. Acabada a missa o poeta foi compor os seguintes versos:

I

Senhor, eu quero dizer
Sempre a missa de vagar;
Porém quem vem ajudar,
Mais depressa he que a quer.

II

Hoje o meu vagar deixando
E a sua pressa seguindo;
Seguio-se estar vos ouvindo
No meu interior fallando:

na sua vida, era horrendo: mas ainda assim ainda houve uma mulher que gostou d'elle.

Em 5 de julho de 1753 sahindo o P. Fr. João fóra do Convento, e fazendo-se-lhe preciso pernoitar em certa casa, estando já recolhido, o foi accommetter uma mulher núa, e só coberta com a saia, intentando deitar-se com elle na mesma cama; mas, elle, que além

---

III

Vai logo aqui perguntar
A' minha mãe, como quer
A Missa que has de dizer
Se depressa, ou de vagar.

IV

Fui. Respondeu-me Maria:
Sedes Sapientiae, attento,
Doze missas com assento,
Dize-a com sabedoria.

V

Na missa tens o buscar
No assento tens o saber,
Na pessoa tens o poder,
No vagar tens o ganhar.

Um dia depois de confessar um enfermo moribundo, que deixou bem disposto e desenganado da vida, recolhendo-se já para o convento, advertio que no chafáriz da Praia estavam uns gallegos divertindo-se com os seus costumados bailes, e movido de caridade, para que entre elles não succedesse alguma desordem, que acabasse em choro depois de tanta alegria, lhes desmanchou o seu divertimento por um modo muito proprio do seu genio.

das suas prevenções, trazia comsigo a May da Pureza, com valor intrepido a lançou de si, exclamando: *Vae-te d'ahi, diabo!* (pag. 310).

No dia do Terremoto sahiu para a rua com a Senhora Pequenina, exhortando a todos á contricção de suas culpas e á conformidade com as disposições do Ceo, confessando a uns, e absolvendo sómente a outros, por

---

Entrou pelo meio d'elles com a sua Senhora pequenina nas mãos, dizendo-lhes: «Que elle não ia a interromper-lhes a sua alegria, senão a continuar-lha.» E querendo subir a um muro da fonte, elles mesmos o poseram sobre elle, e alli principiou a prégar-lhes com o thema: *Laetitia sempiterna erit super çapita eorum*: instruindo-os como a homens, que serviam a cidade, para a servirem, como deviam.

Concluido o sermão, lhes fez mais a caridade de os levar comsigo, acompanhando a Senhora até Santa Apolonia, onde os despediu tão satisfeitos do santo enredo, como elle o ficou de lhes trocar em exercicio espiritual o que era temporal· pag. 240.

Em 25 de março de 1752 recolhendo-se de tarde para o convento, advertio que na praia ou boqueirão da egreja de Santos estava um jumentinho morrendo, que para isso alli seria lançado; e considerando que, enchendo a maré, morria affogado, desceu á praia e sem largar a Senhora da mão, disse comsigo; *Pois não has de morrer affogado*; e puchando-o mais á terra, onde não chegasse a maré, alli o deixou para que morresse sem tanta afflição.

Em dia da Conceição de 1746 tinha de sahir para dizer missa, mas a agua era a cantaros.

Consultou o director, o qual lhe disse:

Que confiasse em Deus e na Senhora, que lhe haviam de dar tempo para exercitar aquella obra pia.

Poz-se, pois, a caminho, a chuva parou no mesmo instante, e tratou de fazer a seguinte *Decima*:

Agua em tanta quantidade
Só por prodigio cessou;
E dizem, que quem o obrou
Foi o fogo da caridade.

não haver logar para mais, e n'esta fórma passou toda aquella manhã, sem faltar aos seus costumados exercicios de prégar e confessar nos mais dias, que se seguiram, até que poude recolher-se ao convento (pag. 319).

Em 2 de agosto de 1750, fazendo ajuntar os terços na parochia do Soccorro, onde prégou bastantes dias para trasladar o *Senhor Reformador* (331) de Lisboa,

---

Sahiu a Virgem com um Frade
Da clausura do Convento
E mostrou n'este portento
Suprema a chuva nos ares,
Que a caridade por pares
Faz milagres cento a cento (pag 252).

Em 18 d'abril, por ser dia dos Prazeres da Senhora, chegando á egreja do Monte, depois de pacificar uns homens, que chegaram a termos de se matarem uns aos outros, e pedindo licença para prégar ao povo que o seguia, estando já no pulpito, foi mandado descer d'elle, com tanto imperio, que até se lhe prohibio o fazel-o em outro logar da mesma egreja,

Apenas ouviu a ordem, bem ou mal intimada, sem réplica, e com toda a humildade desceu do pulpito, e sahindo para fóra da egreja, á porta d'ella fez a sua prédica em maior fruto talvez do que elle esperava (pag. 260).

Não lhe faltou que vencer no dia 29 do referido mez ouvindo que certa pessoa ecclesiastica referia por vozes de vulgo: *Que elle era João Redondo com Maria das flores*, por andar sempre com a Senhora na mão por toda a parte.

Esquecendo-se certo dia de pedir a benção a seu confessor foi escrever os seguintes versos:

I

Não mereces pena eterna;
Mas pena pelo que obraste,
Quando a benção não tomaste
Áquelle que te governa.

que nas egrejas das suas missões fez muitos milagres, especialmente na do Salvador, livrándo da morte a almas religiosas, tomou por assumpto d'este ultimo sermão: *Dous soccorros da Senhora*, um para o rei morto no Ceu, e outro para o rei vivo na terra, com tanta propriedade que o que fôra recreio dos ouvidos, parecia objecto da vista.

Chegando com effeito, e em devota procissão a imagem com a da Senhora Mãe dos Homens em pintura á parochial egreja do Sacramento, ali prégou segundo sermão, tudo dirigido á morte do Rei defunto com o thema: *Memento, Domine, David, etc.*; ponderando em todo este psalmo tudo, quanto lhe pertencia, e com circumstancias dignas de mais ponderação; e por ultimo se lhe cantaram responsos em ambas as egrejas, que fez continuar por alguns tempos no fim dos seus sermões até que poude cessar este gratolatorio cuidado.

Para andar mais seguro na sua consciencia desejava abster-se de fallar; e recorrendo a Deus na sua missa, em vinte e seis de setembro, achou por lição o que escreveu nos seguintes quartetos:

Duas cruzes deves ter,
Ambas na bocca hão de estar,
Uma será do fallar,
Será outra do comer.

II

Em o vendo a vez primeira
No dia, a benção lhe pede:
Tem fé que Deus te concede
Por ella a Fé verdadeira.

II

Põe a cruz quando comeres,
Verás que em teu interior,
Entrará só quanto for
Preciso para viveres.

III

Põe a cruz, quando fallares,
Verás que esta ha d'impedir
As palavras ao sahir,
Só por não mormurares.

N'outra occasião fez a seguinte decima:

Eu bem sei que hei de morrer;
Porem se antes de espirar,
Eu pudera commungar,
Grande gosto havia ter.
Se Deus quizer, póde ser,
Por ser a communhão arma,
Que os inimigos desarma.
Ordene, pois, por meu bem,
Quando os homens m'a não dem,
Que venham-n'a os Anjos dar-m'a.

Em 1755 pediu indulgencias ao patriarcha, que lh'as concedeu por duzentos dias para os que diante de alguma imagem de S. José resassem um padre nosso, e pedissem a benção que o padre lhes lançava por estas palavras: *Cujus patrocinium et paternitatem colimus, ipse intercedat pro nobis ad Dominum.*

Já n'este tempo havia cuidado em uma imagem do

Santo pela medida da Senhora Mãe dos Homens, a qual pediu a el-rei D. José, e com ordem sua a mandou fazer pelo mesmo esculptor José d'Almeida, que lhe não deu pouco que fazer pela demora; mas, com effeito, a vio concluida de tudo, chegando o seu custo a um conto de réis com suas insignias, e na figura de lançar a benção, á imitação da Senhora Mãe dos Homens, tudo á custa do rei (pag. 366).

Lembrado Fr. João do annel, que S. José deu por prenda á Senhora, quando se despozou com ella, principiou a introduzir muitos anneis benzidos com uma benção que achou no Manual da Provincia, da qual se usava na Allemanha, descobrindo-lhe algumas virtudes que fez imprimir, para mais dilatar a devoção do Esposo de Maria, a quem elle já entregára seu coração no anno de 1749, para o offerecer a sua esposa castissima.

Com maior fervor foi continuando os seus sermões de S. José como Pai dos Homens, e estabelecendo a devoção dos seus anneis, para o que pediu tresentos dias mais de indulgencias ao nuncio apostolico do reino em beneficio dos que os beijassem tambem, mas como estas devoções, a que o vulgo chama novidades sempre padecem suas opposições, não faltou quem dissesse ser contra a fé chamar a S. José Pae dos Homens.

Continuou, porém, a prégar a paternidade de S. José na quaresma de 1755 na ermida de Rodrigo Antonio de Figueiredo, camarista do infante D. Manoel, no qual mostrou a Trindade Santissima, a Virgem Maria, e todos os Anjos do Ceu publicando o S. José Pae dos Homens.

N'esta fórma lhe foi dilatando suas excellencias e particular veneração, em quanto se concluia a nova imagem, que se demorou nas mãos do artista mais de tres annos.

Acabada, porém, foi benzida na egreja de S. Vicente, pelo arcebispo de Lacedemonia.

No dia 26 de março de 1758, primeira oitava da Paschoa, estando a imagem patente na egreja, em sua caixa, forrada de seda e agalloada de ouro, prégou o P. João logo depois das vesperas, um sermão, que por ser o ultimo da sua vida, e á vista de um grande e distincto concurso, causou grande commoção no auditorio.

Houve depois uma grande procissão, e quando fr. João vio a imagem de S. José no seu logar, exclamou: Ora ahi tens já o pae e a mãe, agora cuidemos em morrer.

Entrou a chamar a este anno o anno de: *querer*, *vir*, *descer e morrer*; e nas perguntas e respostas, que ensinava a seus seguidores, para quando se encontrassem uns com os outros, concluia a ultima n'esta fórma:

Como póde ser este querer notorio?
E este vir para Deus?

RESPOSTA

Sendo o descer para o Purgatorio,
E o subir para os Ceos.

Oito dias antes da sua morte escreveu uma carta a uma illustre senhora da Côrte, sua devota, e a quem elle chamava sua valida, nomeando-a procuradora para cuidar da cera do seu altar.

No dia seguinte ao da collocação de S. José, indo o P. Fr. João tomar a sua refeição ao refeitorio e repetindo que *só lhe restava morrer*, disse para um irmão leigo, que servia d'enfermeiro, e se confessára com elle por algum tempo: Fr. Braz, vamos para o Céo?

E effectivamente ambos cahiram doentes no mesmo

dia e ambos no mesmo dia falleceram (pag. 381). Faleceu, pois, o P. Fr. João d'uma erysipela a 9 de abril de 1756.

A concorrencia do povo a visitar o cadaver foi enorme, e uns levavam as flores, que ornavam o corpo, e outros, pedaços do habito, e alguns o proprio cordão, que tinha cingido; e communicando-se depois á sua cella a mesma devoção, apenas lhe ficaram as paredes, porta e janella, porque tudo o mais levou caminho.

Uma senhora das visinhanças de Xabregas se fez ainda mais senhora da barra inteira da sua cama, de que se ficou servindo; outras levaram toda a roupa da cama.

O Santo Christo que trazia ao peito foi para o conde d'Unhão D. Rodrigo Xavier Telles.

A Senhora pequenina e S. José foram para a Rainha.

Por qualquer motivo improvisava um epigramma latino ou uma decima portugueza, por isso o appellidavam o *Poeta*, mas tambem lhe chamavam o *frade orengueiro*, por ser muito impertinente quando emprehendia alguma obra devota.

Em certa occasião, na Ribeira, uma mulher se acercou d'elle, e pedindo-lhe a benção, disse-lhe:

«P. fr. João, tanta pena tenho de o ver!

O frade perguntou-lhe o motivo da sua pena, e a mulher retorquiu-lhe:

«Porque o conheci com tão bom juizo, e agora o vejo tão doidinho.» Fr. João respondeu: Dizes bem, mulher, encommenda-me a Deus e á Virgem para que me deem juizo.»

O rapazio, quando o via com um o seu florido relicario, dizia: «Lá vem o João Redondo com Maria das flores.» alludindo á grande obesidade de frade e á imagem que trazia no relicario entre flores.

Mas fr. João era tambem um agitador. Tinha grandes pensamentos para commover o povo, e attrahil-o por artes engenhosas ás suas predicas. Mandou fazer uma imagem de Snnta Barbara, e no dia em que foi collocada no seu altar, prégou elle; mas antes fez annunciar o sermão por editaes publicos, d'este modo: «Trovão de Santa Barbara sobre toda a cidade de Lisboa, na egreja de Xabregas.» Isto causou grande agitação, mas outra vez foi o caso mais serio.

Tinha de pregar o sermão annual da mesma Santa, e assim o fez annunciar por cartazes impressos: «Esmola que se dá no dia de Santa Barbara no real convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas, da ordem de S. Francisco», e depois concluia assim: «Venham cedo, que das dez horas ao meio dia, pouco mais ou menes, se hão de repartir as esmolas.»

Isto causou uma revolução em Lisboa. Intendeu o povo que era esmola pecuniaria, e logo começaram empenhos para a alcançar. O povo andava alvorotado, não se fallava n'outra cousa, e a noticia do caso chegou ao paço, mas desfigurada. El-rei D. João V ou os seus ministros atterrados chegaram a persuadir-se de que o povo, vendo-se logrado, faria algumas desfeitas aos frades, as quaes quizeram prevenir, e para isso se poz a tropa em armas, e foi collocar-se nas immediações de Xabregas.

Era immenso o borburinho do povo, e não pouca a vociferação contra o engano que se fazia á pobreza. Mas emfim, o frade pregou do pulpito, deu satisfação sobre o engano, e os ouvintes applaudiram-no, excepto uma mulher, a qual procurou o frade para lhe arrancar as barbas por não distribuir a esmola promettida por editaes publicos.

Desde este facto o guardião do convento e o prelado

superior da provincia lhe nomearam um director espiritual para lhe moderar os enthusiasmos mysticos.

O director lhe prohibiu andar com a imagem da Virgem, e só se lhe consentiu trazel-a pintada no relicario, e assim tambem se lhe ordenou que não usasse de outras exterioridades que eram a mofa do povo.

Era com tudo o director espiritual de muitas pessoas de alta cathegoria, estava relacionado com as familias mais illustres. E depois de divulgada a noticia da sua morte, em 1758, logo se espalhou que morrera com cheiro de santidade, e á egreja correu grande multidão de povo, que lhe cortava qedaços da mortalha. Era mui versado no estudo das Sagradas Escripturas, e prègador de fama.

Depois de sepultado o corpo de Fr. João, ainda nos dois, ou tres seguintes frequentou Xabregas muito povo na esperança de o verem, entendendo o tinham occulto á sua vista, ate que o tempo, e a mesma sepultura o foi desenganando.

No trigesimo dia lhe fez exequias publicas, e honorificas a irmandade de Nossa Senhora e o P. Fr. José de Santa Thereza.

Os frades de Xabregas eram amicissimos de D. Miguel.

No dia 11 de janeiro de 1829 na pomposa festa que celebraram na egreja de Xabregas, fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquette subindo ao pulpito, entre outras disse as seguintes palavras na sua Oração Gratulatoria pelas melhoras e feliz restabelecimento d'el-rei D. Miguel: Grande beneficio é o que este monarcha acaba de receber das mãos da Dívina Providencia.

E depois espraiou-se em elogios os mais grandiloquos.

Na geral destruição do terremoto padeceu este convento geral ruina [1], assim na egreja como nos seus dormitorios e claustros, mas com a felicidade de que não morreu ninguem, e so cahiu a frontaria do dormitorio grande da parte do adro; porque o mais se demoliu para se reedificar de novo. Vinte dias esteve a communidade posta na cerca ao rigor do tempo, e com limitado reparo, até que formando dentro em uma casa terrea, que servia de celeiro, uma pobre egreja com quatro altares, ali celebraram os officios divinos até á festa dos Reis do anno de 1757, no qual dia se mudaram para outra casa que servia de enfermaria, onde erigiram nova egreja com sete altares, côro e orgão para o culto divino.

Tanto o convento como a egreja no centro foram reedificados de novo com a fórma d'um parallelogrammo. Ficou completamente á moderna.

Não posso expôr minuciosamente quaes as differenças entre o antigo e moderno edificio: mas o que é certo é que as festas continuaram a ser pomposas, e que a egreja era muito concorrida por causa principalmente d'um Calvario que n'ella havia e se patenteava ao publico até ha poucos annos. As caras dos judeus eram principalmente o enlevo dos visitantes.

Pela extincção das ordens religiosas em 1834 foi a egreja profanada, e o convento por algum tempo esteve devoluto. Foi primeiramente destinado para uma penitenciaria: depois para conservatorio de artes e officios. Em 1838 ali se estabeleceu, com licença do governo, a fabrica da companhia de fiação e tecidos de algodão

---

1 João Baptista de Castro: Mappa de Portugal. vol. III. pag. 272. (Lisboa. 1763),

lisbonense. Ateou-se, porém, passado algum tempo um incendio n'ella de modo que destruiu a metade occidental do edificio, não chegando a communicar-se á egreja. A fabrica depois passou para um bello edificio; que mandou construir em Santo Amaro, á borda do Tejo, e o governo aproveitando-se do ensejo, mandou que se estabelecesse no extincto convento de Xabregas em 1844 a fabrica de tabacos, que ainda hoje ali se conserva.

«Foi o *Liberal* [1] chamado a Lisboa para ir pelo Tejo acima até Villa Nova da Rainha, quando o exercito de D. Miguel, que tinha abandonado o cerco do Porto, marchava para Lisboa.

A' proporção que avançava o exercito, se adiantava o *Liberal*, indo ultimamente fundear defronte do convento de Xabregas. A guarnição pediu licença para ir a terra encher a barriga de fructa, de que andava esfomeada, na cerca do convento dos frades, muito perto do navio. Deu o commandante licença a umas trinta praças, com a condição de irem armados.

Dirigimo-nos ao grande portão de ferro, que dava entrada para o convento e suas dependencias. Estava bem fechado, e, por mais que fizessemos, não o podémos abrir.

Saltámos então pelos muros da quinta, e eis todos, cada um a correr para o seu lado, em busca das figueiras e de outras arvores fructiferas.

Quando estavamos por ellas empoleirados, vimos sahir do convento muita gente armada, com *toilette* meio á paizana e meio á militar, correndo em nossa direcção.

---

[1] Era um navio de guerra do governo portuguez.

D'onde o originar-se enorme borborinho e grande balburdia nos nossos, lançando mão das espingardas, e ouvindo-se alguns, com estrondoso vozear de: «Quem vive?»

Depois de muito vivorio á Rainha e á Carta, e «façam alto», encontrámo-nos de perto, conhecendo então serem elles voluntarios ainda não fardados. Elles tambem pelo nosso trajar conheceram que pertenciamos ao navio de guerra que ali estava.

Os frades enganaram as auctoridades mandando-lhes participar que entrára uma guerrilha miguelista dentro da sua cerca. Se não fosse a prudencia da nossa gente, que não disparou um tiro, deixando-os approximar á falla, teria havido serias desgraças a lamentar.

Por fim fraternisámos todos, achando-se já a quinta cheia de povo a querer invadir o convento e castigar a fradalhada pela traição que acabava de praticar. Não podendo vingar-se n'ella, destruiram-lhe tudo na quinta: melões, hortaliças, fructas, tudo.

Quando nos retirámos para bordo ainda o povoleu continuava na sua empreitada de puro vandalismo! [1]

Continuou o *Liberal* a crusar na costa. Andavamos defronte da praia da Nazareth. Um dia lindissimo, e o mar ainda melhor. Via-se immenso povo, barcos e redes a pescar por toda aquella praia. Não sei qual foi de nós tres que se lembrou ir a terra. Logo todos... promptos! Deitou-se o escaler ao mar com cinco homens de guarnição e os tres do costume, commandante, commissario e piloto.

Saltámos em terra sem sermos presentidos, armados

---

[1] *Antonio Leite da Cunha:* As minhas Memorias verdadeiras e despretenciosas. Lisboa, 1885, pag. 56.

de clavina e espada, e com trajos meio amarujados, sem a mais pequena distincção ou insignia de official. Aquelle povo andava todo entretido na sua faina. Olhava para nós, mas não sabia quem eramos. Não nos davam importancia, e mesmo andavamos separados uns dos outros, para maior disfarce, por aquella amena praia, onde não havia sequer uma pequena casa n'aquelle tempo. Cada companha depositava o peixe na areia. Eram muitos os montes, estando em deredor de cada um muitos compradores. Depois de se haver pago o dizimo aos frades de Alcobaça, e passando eu proximo d'um d'esses montes, reparei n'um fradalhão de habito traçado, tendo um caderno de papel debaixo do braço, e na mão um grande gancho de ferro, a tirar peixe para fóra do monte. A' vista do frade perdi a cabeça. Fui direito a elle, dei-lhe tamanho sopapo no cachaço, que o puz a lavrar de focinho por aquelle areal fóra, cahindo-lhe o caderno de papel para um lado e o gancho para outro. Todos começaram desde logo a dar morras ao frade, que desappareceu n'uma carreira por entre o povo. [1]

Cumpre, porém, dizer mais algumas palavras ácerca do mosteiro da Madre de Deus, um dos mais celebres sanctuarios do paiz, e aonde se dirigiam as pessoas mordidas pelos cães damnados, que ali procuravam a protecção valiosa de Santa Auta.

O cardeal D. Henrique, em março de 1579, fez esmola a este mosteiro, em cada anno, de vinte e quatro moios de trigo, dez moios de cevada, oito moios de milho, quarenta alqueires de grão, e cento e quarenta panaes de palha, e poucos dias depois lhes mandou dar

---

[1] *Id. id.* pag. 53.

annualmente a esmola de quinhentos mil réis em dinheiro, e além d'isto tres arrobas de cera, uma pipa de vinho, outra de vinagre, outra de azeite, quatro quintaes de arroz de Valença, dois quintaes de amendoas, seis peças de figo branco, seis arrobas de passa assarêa, cento e cincoenta varas de roão. E não satisfeito com taes donativos, ainda depois lhe mandou dar annualmente tresentos mil réis, pagaveis do contracto que se tinha feito dos tratos e rendas das ilhas de Cabo Verde e rios de Guiné com Antonio Nunes, do Algarve, e Francisco Nunes, de Beja. Este ultimo rendimento, porém, cessou mais tarde, e por isso D. Pedro II em 1704 lhe accrescentou duzentos mil réis cada anno de esmola, imposta nas ordinarias dos contractos que d'ahi por deante se arrematassem, e em 1706 lhe mandou dar annualmente duas arrobas de cera, além d'aquella que já recebiam.

Era tambem esta casa muito frequentada por causa das reliquias n'ella existentes. Havia um santo sudario muito afamado, que se dizia ser uma copia do que se guardava na cidade de Turim. Foi presente de Maximiliano I, primo da rainha fundadora. [1] Mostrava-se no sermão de mandato em quinta feira santa, para se satisfazer ao innumeravel povo que por mar e por terra concorria a veneral-o, para o que se fez um pulpito fóra da egreja. Mostrava-se tambem ao sermão da Soledade, ao qual assistiam os frades de Xabregas que tinham ido na procissão do Enterro, e tambem os frades loyos do Beato. Tiravam-se então muitas medidas d'elle, que as religiosas liberalisavam ás pessoas da sua estima.

---

[1] A'cerca das lendas relativas a este santo sudario veja-se a Chronica citada, pag. 27 e seguintes.

Havia tambem um santo espinho, dado pela fundadora, e que pertencera a el-rei D. Duarte, e ácerca d'elle tambem ha lendas, que se podem ver a pag. 29 da Chronica. Estava collocado em um relicario de ouro a modo de capellinha, que pesou quatrocentos mil réis, e os degraus estavam cheios de reliquias de santos. Havia tambem um santo lenho formado de muitas particulas, que deram a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, e a imperatriz D. Maria, irmã de Filippe II de Castella, na occasião em que veiu a Lisboa, e D. Guiomar Coutinho. Estava decentemente collocada em uma cruz de prata de 3 palmos, e as quatro faces do pé se achavam guarnecidas com ossos dos martyres de Marrocos e de Ceuta. E além d'estas reliquias havia muitissimas outras, entre as quaes se distinguia um relicario de ouro, em fórma d'uma noz, com uma reliquia do santo sudario de Christo e outra da sua columna. Havia tambem uma tijellinha de pau, por onde Santo Antonio tinha bebido. Havia o corpo de Santa Auta, remettido pelo imperador Maximiliano I á rainha D. Leonor em 1517. Para este corpo mandou a rainha fazer uma capella, para a qual o trasladou em 1522. A esta santa se resava officio proprio, composto por uma religiosa d'este mosteiro, por nome Anta da Madre de Deus, graduada que havia sido em Theologia e Direito Civil na Universidade de Coimbra, com disfarces de estudante, e por consentimento de seu pae [1]. Acreditavam que as pessoas que vestiam camisas tocadas no corpo da santa, ou melhoravam logo ou acabavam de prompto a vida. E o chronista assevera que havia dias em que se tocavam seis e sete camisas no corpo da santa.

[1] *Id. id.* pag. 35.

Havia noticia de muitos milagres, que o rosto da santa ás vezes se inflammava, e o concurso das pessoas reaes e das fidalgas á Madre de Deus era continuo. E a propria agua tocada nas reliquias de Santa Auta era universal remedio para todas as enfermidades.

Havia muitas outras imagens milagrosas, mas a do Menino Jesus, vulgo o Abbadinho, por ser muito gordo, era das mais estimadas, e as freiras o levavam em procissão no dia 14 de janeiro. E a el-rei D. João V remetteram as freiras n'um sanguinho uma pinga de suor, que uma imagem d'um Senhor Morto havia suado.

Havia na sachristia uma capella, onde estava uma lamina de Santo Antonio do *Rato*. A fundadora da tal capella foi uma D. Joanna Perpetua, que se via perseguida d'um damninho rato, que lhe fazia estrago na roupa: e vendo que se lhe difficultava apanhal-o, pela devoção que tinha ao santo lhe disse: *Eu não hei de apanhar o rato, vós é que o haveis de matar, e quando eu voltar ha de estar feita a execução.* Retirou-se a religiosa, e quando voltou á sachristia achou o rato junto ao altar do santo, ainda vivo, mas em termos de morrer, e á vista d'ella acabou de todo.

O chronista ainda accrescenta (pag. 46) que o santo tinha feito muitos milagres d'aquelle genero.

Outra imagem muito venerada n'aquelle mosteiro era a de S. Braz, que tinha obrado e obrava infinitos prodigios a respeito de ossos e espinhas atravessados na garganta. As palavras proprias para mover este santo a fazer o milagre eram as seguintes:

Blasius Martyr, et servus Christi, dic: Aut ascende aut descende: Braz martyr & servo de Christo, dizei: ou sobe ou desce.

Havia tambem uma imagem milagrosa de S. Marçal.

As freiras guardavam o dia d'este santo como se fosse de preceito.

Muitos pessoas notaveis procuraram ter sepultura n'este mosteiro. A rainha D. Leonor ali foi enterrada em sepultura rasa. Porém el-rei D. João III trasladou seus ossos para o claustro grande. Mais tarde ainda foram passados para junto da porta do capitulo.

Aos pés da sepultura d'esta rainha jaz D. Izabel, sua irmã, duqueza de Bragança, e mulher do duque D. Fernando II.

Aqui esteve a infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manoel, até ser trasladada para a Luz.

A rainha, D. Maria, segunda mulher de D. Manoel, aqui jazeu tambem, até que a levaram para Belem. Ao lado direito da fundadora jaz a primeira abbadessa, a madre Coleta.

A antiga e primitiva egreja da Madre de Deus passou para casa do Capitulo, e el-rei D. João III fundou a actual, que tem o tecto ornado de irregulares pinturas, obra do pintor Bento Coelho. [1]

Constava de 5 altares. O altar mór foi sagrado por D. fr. João de Portugal, bispo de Vizeu, em abril de 1626.

Havia uma imagem de Santa Anna com uma irmandade em que entravam pessoas reaes.

Esta imagem estava na egreja de S. João da Praça, mas por velha, quizeram-n'a vender, e a condessa de Cuculim a comprou por duas moedas, e a mandou para a Madre de Deus.

O padre José Pacheco mandou fazer todos os orna-

---

[1] *Id.*, *id.*, pag. 50.

tos de talha sobre o arco da capella mór, os do interior da mesma egreja, e do tecto, tudo dourado.

Fez novos caixões d'evano com pregaria dourada, excellentes pinturas, e nos lados em vistosos quadros se via a historia de José do Egypto.

Chegou o custo d'esta sachristia a quasi vinte mil cruzados.

O sino foi sagrado por D. Verissimo de Lencastro, arcebispo de Lisboa e inquisidor geral com toda a solemnidade, e pela devoção que as senhoras e varias outras pessoas particulares da Côrte tributavam á Senhora Madre de Deus, mandavam pedir que o tocassem por occasião de seus partos.

A imagem da Senhora, segundo se deduz da Chronica, é flamenga, (pag. 53), e a primeira invocação que teve foi da Senhora dos Prazeres.

Era incrivel a riqueza dos varios adornos d'esta imagem, e fr. Jeronymo de Belem gasta duas columnas da sua obra in-folio só na lista d'elles (pag 56), e remata dizendo: «que não só a capella da Senhora da Madre de Deus, mas a sua egreja toda é um monte de ouro e prata, assim nas peças dos altares como nos seus ornamentos.»

A fama dos continuos milagres d'esta imagem estava geralmente propagada, e o mesmo chronista descreve muitos. E «era infinita a gente que inteiramente descalça vinha agradecer por votos os beneficios que da Senhora recebe.» (pag· 60).

Rara será a frota, que chegue ao porto de Lisboa, d'onde não appareçam velas de navios, offertas, acções de graças, missas e esmolas na sua egreja.»

A irmandade compunha-se da maior parte da nobreza da Côrte, entre a qual avultavam muitos homens de negocio muito ricos e abastados.»

Na solemnissima funcção, chamada *Retiro*, em que a soberana Senhora com seu Menino e S. José seu Esposo, são levados em um rico andor para dentro da Clausura, com o fim de se vestirem de galla para a festa da Ressurreição, é tão grande o numero dos irmãos, e o concurso do povo, que até se impedem nos precisos ministerios.

Celebra-se esta acção na dominga de Ramos, de tarde, com sermão; e concluido este sae a Senhora acompanhada da sua grande irmandade, e da communidade de Xabregas, entoando a ladainha da mesma Senhora, e o andor á levado pelas principaes pessoas da irmandade, em que de ordinario se observam santas emulações na preferencia (pag. 63).

No sanctuario do côro havia um menino Jesus de cera deitado n'um leito de prata offerta de D. Catharina, rainha da Grã-Bretanha, que a trouxe de França.

São immensos os milagres e prodigios que o chronista diz terem occorrido n'este mosteiro.

A alma de soror Antonia da Trindade foi por occasião da morte, vista subir ao ceu na figura de uma mysteriosa luz. (pag. 118).

Levantavam-se lavaredas que pareciam reduzir a cinzas todo o dormitorio, quando a madre Maria de Jesus estava a rezar; e quando as freiras vinham a correr para accudir ao fogo, viam então aquella madre em oração (pag. 119).

Em 1530, quando morreu uma freira de virtude, foi vista uma grande luz sobre o telhado da enfermaria, e d'esta madre guardava el-rei D. João III os oculos como preciosa reliquia.

A certa freira mostrou a alma d'uma religiosa d'este mosteiro, o Senhor cercada de luz, dando com isso a entender que estava na bemaventurança (pag. 122).

A madre soror Antonia de Jesus, no acto da procissão viu sahir do lado de Christo o veu que poseram na cabeça a ella madre (pag. 122).

A madre soror Brites da Madre de Deus, quando entrou para este mosteiro levava vestida uma saia bordada toda de figas, querendo com isso dizer que de vez dizia adeus ao mundo (pag. 123).

No côro apparecia-lhe o demonio na figura de bugio, ella porèm não fazia caso e continuava nas suas rezas.

A madre soror Petronilla deixou seus oito filhos, e entrou para o mosteiro com o fim de só querer saber de Deus (pag. 125).

Soror Clemencia de Jesus tambem deixou seu filho para ir viver n'este mosteiro, e o filho morreu de saudades, e ella ao ter uma tal noticia, prostra-se por terra, e exclama:

«Muitas graças vos rendo, meu Senhor Jesus Christo, pela singular mercê que usastes commigo, arrancando uma só raiz que na terra me ficou.»

A madre soror Marianna, filha de D. Pedro de Noronha, tinha accidentes quando não podia praticar algum acto de pobreza (pag. 127).

A madre soror Clara da Conceição levantando-se uma noite para ir ás matinas, sendo a primeira que entrou no côro, viu a Christo sentado com grande magestade no côro do meio, o qual lhe disse:

Clara, dá-me conta da pobreza (pag. 129).

Soror Maria da Conceição, filha de D. Pedro de Menezes, senhor d'Alcochel, nunca foi vista chorar senão quando estava commungando (pag. 130).

A madre soror Maria da Assumpção vendo que o Senhor lhe não apparecia, como de costume, exclamou:

Ora Senhor, vou-me persuadida, de que por velha me não quereis!» (pag. 133).

Foi descançar um pouco, e d'ahi o pouco voltou então para o côro, saudosa da presença do seu doce Esposo: e apenas a elle chegava ouviu uma voz que lhe dizia:

Vem nova fiel, entra no goso do teu Senhor.

E o chronista accrescenta: foram tantos os favores que n'esta occasião recebeu da bondade do Senhor, que transcenderam aos mais que de ordinario lhe conferia Sua Magestade Divina.

Quando esta freira estava rezando, via muitas vezes junto d'ella o demonio em fórma de rapoza.

Suas comidas nunca passavam de dois bocados de de pão e d'algumas folhas de hortelã.

Á madre Marianna do Lado, irmã do conde de Miranda, quando estava orando, se lhe apresentavam de ordinario tres grandes e ferozes rateiros, que puchavam por ella para a desviarem do santo exercicio (pag. 136). A esta disse o Senhor um dia:

Já me não apartarei de ti!

E certo dia que esta freirinha exclamou:

Ao doce Jesus! ouviu logo dizer: Esposa! Esposa! (pag. 139).

Á madre soror Constancia, filha do conde de Vimioso, appareceu o Senhor com a cruz ás costas, e lhe perguntou se a queria tomar nos hombros d'ella (143).

A madre soror Maria das Chagas foi tão grande religiosa que foi vista diante d'uma imagem levantada da terra mais d'um couvado, e pelo espaço de 15 dias esteve santamente louca (pag. 149).

Quando soror Maria da Encarnação pretendeu sahir do mosteiro, o Senhor lhe appareceu e affirmou que se não salvaria no caso de se retirar da Madre de Deus. (pag. 150).

A madre soror Catharina estava tão jubilosa por se

vêr chegada á hora da morte, que muitas vezes exclamava: «E' possivel que o hei de vêr!» (pag. 154).

A madre soror Clara de Jesus era excellente musica, e em umas matinas dos Reis, mostrando alguma frouxidão no cantar, viu sobre os espaldares das cadeiras, em toda a sua circumferencia, outro côro de anjos, que como cantores do ceu desempenhavam com harmoniosas e maviosissimas vozes o seu ministerio. Logo ouviu tambem outra voz que lhe dizia: «Cuidas tu que me falta a mim quem me louve, e que hei mister de que tu o faças? (pag. 157).

Um religioso, havendo em vida levantado uma calumnia a uma freira d'este mosteiro, foi obrigado a vir do Purgatorio pedir perdão á calumniada. (pag. 161).

A madre soror Brites da Madre de Deus, que tomou o habito em 1618, tinha por costume desculpar a todos, e até ao proprio demonio. (pag. 162).

Soror Jeronyma das Chagas costumava pôr cheiros no côro, e depois de morta appareceu a uma freira, dizendo-lhe que no ceu estava recebendo o galardão por causa d'aquelles que costumava pôr no côro. (pag. 165).

Soror Angela viu uma noite no dormitorio a el-rei D. João III com um menino pela mão. Assustou-se com a visão; mas cobrando animo e perguntando-lhe que ventura fôra a sua, lhe respondeu: «*Onde este está, estou eu*». Ficou d'aqui colligindo que se achava na Gloria pelos beneficios que em vida fizera ao mosteiro da Madre de Deus. (pag. 168)

A madre soror Luiza da Madre de Deus tinha n'este mosteiro a alcunha da *Philosopha*, e em certa occasião lhe appareceu no Capitulo o demonio na figura de bugio ás costas d'outra, fazendo-lhe visagens para lhe provocar o riso; mas tempo perdido: o demonio não foi capaz de fazer com que a freira risse. (pag. 169).

A madre Soror Joanna da Cruz affligia-se muito quando chovia, e ella tinha de lavar os corporaes e sanguinhos, e assim pedia ao Senhor mandasse ao tempo que se concertasse, e ao sol que sahisse para enxugar a sua roupa; e á medida do seu desejo tudo lhe era concedido. (pag. 170).

A madre soror Maria da Conceição, quando lhe remetteram da capella real os corporaes para os lavar, esqueceram-se de lhe mandarem tambem a chave da caixa em que vinham fechados, e pegando então da caixa a levou á Senhora da Graça do ante-côro, e lhe disse: «Minha Senhora, abri este fechinho, porque, como vêdes, não ha tempo para se concertar esta roupa de vosso Filho». No mesmo ponto, sem outra diligencia, correu o fecho e se abriu a caixa. (pag. 175)

Quando esta freira morreu, uma imagem de S. Miguel que havia n'aquelle convento mostrou alegria no rosto (pag. 178).

No dia 8 de março de 1651 declarou o padre fr. Christovão ter visto soror Francisca no ceu, vestida de freira e rodeada de anjos (pag 184)

Quando a madre soror Maria do Presepio se achou na sua ultima doença, vieram algumas vezes os anjos ajudarem-n'a a mover-se na cama (pag. 187).

Foi extraordinaria a lucta entre D. Violante e sua mãe; esta queria a filha na sua companhia, e a filha queria ficar na Madre de Deus para professar (pag. 210).

Depois de vestida com o habito parecia que do rosto lançava raios de luz (pag. 214).

Achava-se um dia com outra noviça lavando os pannos a que chamam *da humildade*, e porque a natureza se antojou com a immundicie, para vencer seu melindre bebeu uma pouca d'aquella agua; e para que a companheira não fizesse reparo n'aquelle heroico acto de vir-

tude, com riso e disfarce lhe fez offerta da bebida (pag. 215).

Nossa Senhora foi quem a ensinou a conhecer os diversos fins a que eram destinados os toques dos sinos (pag. 227).

No partir d'uma maçã descobriu a lembrança do mysterio da Santissima Trindade, porque, descascando os primeiros tres quartos, contemplava as tres Divinas Pessoas, e no ultimo, por aparar, considerava o Divino Verbo vestido no habito de nossa humanidade; e n'esta fórma, ainda alimentando o corpo, refazia juntamente o espirito (pag. 227).

Começou sua doença por deitar sangue pela bôcca, porque o amor divino lhe fez uma ferida no coração (pag. 231).

Seus allivios então consistiam em fazer versos em lingua hespanhola, que se encontram na Chronica, á qual vamos seguindo, e na quaresma de 1657 entretinha-se lendo os «Trabalhos de Jesus».

Quando a madre soror Leonor de Santa Maria estava para morrer, cahiu uma columna de pedra do claustro, e uma religiosa exclamou: *Grande columna da religião nos cae com a falta desta freira!* (pag. 251).

Falleceu em 1658, e appareceu depois de morta a uma freira d'este convento, gravemente opprimida com uma tentação, com aspecto formosissimo, lançando resplandecentes luzes de seus olhos, e dizendo-lhe: *Animo, que este premio tem esses tormentos!*

Quando a madre soror Isabel do Calvario, a qual entrou para este mosteiro em fevereiro de 1625, estava para morrer, em 1662, foi visto na enfermaria um passaro negro e desconhecido, o qual, entrando pela janella até ao meio da casa e fazendo grande estrondo com as azas, no mesmo instante desappareceu; que se suppõe

foi o demonio n'aquella figura, vendo que não tinham logar suas diligencias em occasiões semelhantes; e porque a veneravel moribunda lhe não podia dar assenso a alguma suggestão, se retirou desconfiado de seus intentos (pag. 255).

A' madre soror Eufemia da Annunciação appareceu o Senhor com a cruz ás costas, dizendo-lhe: *Pede tu, e não busques para mim valias!* (pag. 257).

Por este tempo era a freira d'este mosteiro mais regalada do Senhor. Falleceu em 1666, depois de ter desempenhado os logares de mestra e de sachristã (pag. 258).

Era então este mosteiro um dos mais procurados pela fidalguia. Para elle, não fallando em muitas outras fidalgas, entrou em 1619 soror Marianna da Madre de Deus, filha de D. Alvaro de Lancastro e de D. Juliana, duques d'Aveiro. Esta freira padeceo muito «com desamparos interiores, escuridades, seccuras do espirito, escrupulos e opposições no seo governo» pag. 263. A madre soror Fabiana do Horto, nasceo no presidio de Tanger, e foi seo pai D. Francisco d'Almeida, e sua mãe D. Isabel Bandeira, e entrou para a Madre de Deus em 1625. N'uma occasião em que se offerecia ao Senhor por estes termos: *Offereço-vos o que sou*, ouvio logo uma voz que lhe dizia: *Tu quem és?* E no mesmo instante lhe foi mostrada uma pelle secca, mirrada e vil, para profundal-a ainda mais no seo proprio conhecimento (pag. 267). Por uns dezesete annos não largou o côro, e dormia n'um degráo das cadeiras d'elle. Faleceo em 1676, com 89 annos d'edade. D. Sebastiana de Vilhena, era filha de Sebastião d'Azevedo e de D. Catharina de Vilhena, e natural de Lisboa, e entrou para o convento em 1654, com 19 annos de edade. Quando entrou para a clausura, havia quem visse sobre a cabeça d'ella uma pomba, e ouviram-se estas vozes: *Que*

boa freira levam! Que boa freira levam! As penitencias eram continuas, e á aspereza dos cilicios ajuntava a de ortigas, espinhos e outros instrumentos.

Havia desconfianças que o patriarca S. Francisco n'uma gravissima doença a viera visitar. (pag. 272) Quando ella uma vez sahio do côro para a enfermaria, o demonio a foi seguindo na figura do negrinho com uns ferros em braza nas mãos para lhe metter medo. Nas festas da Ascensão de Christo costumava offerecer ao Senhor trinta e tres mil actos de amor, ajuntando algumas religiosas para a ajudarem n'esta devota offerta. (pag. 276).

Falleceo em julho de 1677, e no rosto tão alegre e aprasivel, que dava bem a entender a formosura e alegria da sua alma. (pag. 281).

A madre soror Thereza da Madre de Deus foi filha de Lourenço Cisne, descendente dos condes da Athouguia, e na Madre de Deus recebeu o habito em 1665. Seu guia espiritual foi o celebre fr. Antonio das Chagas. Juntava-se esta freira com algumas religiosas de sua confidencia para fazerem exercicios espirituaes, em que ella procurava ser a mais humilhada e abatida lançando-se a seus pés, e obrigando-as a que a pisassem na bocca (pag. 288). Valia-se tambem das pupillas para que a seus pés a pisassem dando-lhe com as alparcas no rosto. Falleceu em 1677. A madre soror Joanna da Piedade conjuntamente com a madre soror Maria do Sacramento, da casa dos condes de Villa Franca, escreveram a Historia d'este mosteiro da Madre de Deus, e a concluiram no anno de 1639. (pag. 294. Achava-se a madre Joanna da Piedade com a communidade na oração, e invejoso o demonio do seu interior recolhimento, por entre a tunica e o habito lhe introduzio um rato, cuidando que assim a fizesse sahir do côro. Sentiu a

devota contemplativa o movimento; e sem averiguar o que fosse, apertou com a mão o vulto, por não perder o fio da meditação, e assim perseverou até o fim. Feito o signal, e sahindo para fóra do côro, pedio a uma religiosa que visse o que alli tinha debaixo da mão, e feito o exame se achou com um grande rato já morto, que por haver estado uma hora abafado, perdeo a vida, para confusão de quem lhe armou o laço. (pag. 296). A madre soror Margarida da Trindade era filha dos condes de Val dos Reis, e entrou para este convento com 15 annos d'edade em 1660, e na sua oração particular costumava passar muitas horas em cruz, ainda apesar da sua debilidade e fraqueza. A madre Catharina das Chagas era filha de D. Antonio Tello de Menezes e de D. Branca, entrou para este convento com 14 annos d'edade. Morreu em 1685, e chamavam-lhe a *Velha Santa*.. A madre Maria Antonia do Sacramento, filha dos condes de Villar Mayor entrou para o convento com 15 annos, e recebeu o habito em 1655 com a assistencia da rainha e de toda a côrte. Sua mestra foi a Madre Marianna da Madre de Deus, filha dos duques d'Aveiro. Falleceo em 1687. A madre soror Luiza das Chagas tambem era de paes nobres, e natural de Tancos. Certo dia ao sahir da confissão deo tantas e tão descommedidas bofetadas em si que atemorisou uma religiosa que a vio. N'uma quinta feira santa tambem deo em si 102 bofetadas. Falleceo em 1688. (pag. 309). A madre soror Luiza Maria de Jesus, era filha dos condes de Villar Mayor, Fugiu em 1659 da companhia de sua mãe para ficar no convento (pag. 311) e sua filha muito enxuta, pacifica e socegada lá ficou na clausura, ao passo que a mãe muito fez em não perder o juizo ao rigor de uma ausencia saudosa. A esta freira, fallecida em 1691, se deve a impressão das Cartas do V.

P. Chagas. A madre soror Francisca do Sado foi filha de Alvaro Pires de Tavora, senhor da casa e morgado de Caparica, entrou para este convento com 15 annos d'edade, fugindo á mãe, pois a deixou na grade. E, accrescenta o chronista, que sem gastar tempo nas despedidas, se introduzio na clausura, em que nunca faltarão providencias para tão santas traveçuras. (pag. 323.[1]). Recebeo o habito em 1645. Falleceo com 76 annos de edade em 1696. Soror Helena, natural de *Bristhes* na Inglaterra, onde nasceo pelos annos de 1656, de paes protestantes. Foi levada para os paços da rainha d'Inglaterra D. Catharina pelas damas portuguezas D. Maria de Portugal, condessa de Penalva, e D. Helena Coutinho. Tendo passado para a religião catholica veio na companhia de D. Helena Coutinho para Lisboa. e em 1672 recebeo o habito na Madre de Deos, trazendo por madrinhas as condessas da Ericeira, e com a assistencia de muitos cavalleiros da côrte. A madre soror Maria de S. Francisco era de familia distincta, e em 1653 entrou para esta casa. Entregava-se muito á oração, e certa occasião lhe appareceo o demonio vestido de frade, mas ella o afugentou, entoando a antiphona. *Sub tuum praesidium confugimus.*

No sabbado santo não se deitava na cama, para se antecipar ás Marias em buscar a Christo no sepulchro, e no dia da Ressurreição eram tantos os jubilos e alegrias da sua alma, que passavam ao exterior, em que se mostrava como louca por amante saudosa do seu desejado bem (359).

---

[1] A leitura d'esta obra é mui util para quem desejar conhecer o estado do horroroso atraso em que se achava a cyrurgia e medicina por aquelles tempos em Portugal.

Quando alguem estava doente ia fazer uma novena a Santo Onofre para melhorar (362).

D. Maria Magdalena, da primeira nobreza do reino, tambem fugiu á familia em 1641 para entrar para este mosteiro, e a rainha D. Luiza de Gusmão logo a foi visitar á egreja da Madre de Deus (pag. 374). E n'esta occasião foram tantas as senhoras, que acudiram a acompanhar a Rainha, que pequeno parecia o mosteiro, ainda sendo tão espaçoso para accomodar tanta gente.»

E quando um prégador lá do pulpito fez elogios a esta madre, ella foi buscar um pouco de lodo immundo para que o «vento da vaidade lhe não prejudicasse.»

Sua profissão foi no 1.º de março de 1642.

N'ella e na tribuna da egreja assistiu el-rei D. João IV com a côrte.

D'ahi a dois annos começaram no mosteiro aquellas enfermidades conhecidas pelo nome de doenças grandes, das quaes só escaparam 5 freiras, e entre ellas soror Maria Magdalena.

Escreveu varias Direcções espirituaes, e seu irmão, o conde da Ericeira D. Fernando de Menezes desejava mandal-as estampar, o que elle não consentiu.

Seus paes tinham tencionado casal-a com D. Manoel de Castro, da casa do grande D. João de Castro, mas este enlace não chegou a realisar-se, por se ver D. Manoel de Castro obrigado a sahir do reino (pag. 384). S. João Evangelista veio do ceu avisal-a que estava para morrer (388), e com effeito finou-se esta freira em março de 1701 tendo antes feito uma confissão em que gastou dois dias. Era poetisa, e o chronista falla de varias obras por ella escriptas (406). [1]

---

[1] Encontra-se a pag. 403 etc. da Chronica Serafica, parte III.

Soror Clara do Santissimo Sacramento, natural da villa do Lavradio, onde nasceu em 1652, era filha de Antonio d'Albuquerque, commendador do Ervedal, da Ordem de Christo, governador de Mazagão e Paraiba, e descendente do grande Affonso d'Albuquerque.

Quando nasceu, era feia como um bicho, mas depois de baptisada ficou: «transformada em uma bella menina» (pag. 410).

O primeiro livro que leu foi um *Flos Sanctorum* comprado na feira do Rocio (415).

Ainda quando se achava casada recebeu o habito de S. Francisco (447).

Depois foi propor ao marido, que fizessem ambos voto de castidade (448).

Maltratada por seu marido, retirou-se da companhia d'elle em 1675, e recolheu-se ao mosteiro das commendadeiras de Santos perto da Madre de Deus (467), conseguindo depois sentença de divorcio por seis annos (469).

Desejava, porém, ardentemente ir viver para este ultimo por ser aqui a vida mais rigorosa e penitente.

Conseguiu finalmente em seu favor sentença de divorcio perpetuo em janeiro de 1679, e assignando seu marido licença para ella poder professar na Madre de Deus,

Não cedendo ao amor de mãe, pois tinha um filho que ia deixar, sahio D. Antonia do mosteiro de Santos em 27 de março de 1679 e entrou para a Madre de Deus contando 26 annos de edade.

Á entrada da porta se chegou a ella seu filho, e com meiguices de innocente menino lhe disse, vendo que d'elle não fazia caso:

«*Mãesinha*, não me ha de dar um abraço antes que se vá?

Palavras foram estas, diz o chronista (pag. 488) que podiam enternecer pedras, quanto mais o coração de uma mãe, mas ella resoluta, por dar um córte ao seu amor, com desabrimento o lançou de si para vencer-se. Notou o confessor esta inteireza, e por lhe dar ainda mais que merecer, a fez abraçar seu filho, e que lhe lençasse a benção para o deixar consolado (pag. 489). Professou, finalmente, no dia 31 de março de 1680, mas ainda assim teve o desgosto de ouvir do pulpito grandes elogios feitos á sua ascendencia pelo prégador da festa da profissão (493).

Mudou então o nome para o de Clara do Santissimo Sacramento.

«Seu filho de saudoso e supprimido do choro, caiu desmaiado em terra, onde esteve por largo tempo atropelado da gente, sem haver quem d'elle desse fé para o alevantar e acudir-lhe.»

Seu marido Braz Telles tambem no anno de 1683 entrou para o convento de Jesus dos padres da Terceira Ordem.

E sendo ainda noviço levou a cereal na procissão de penitencia que a sua communidade fez elé ao paço na occasião da doença de D. Marta, primeira mulher d'el-rei D. Pedro II.

«Tinha soror Clara particular inclinação de fazer alguns brincos de mãos, a que chamam *santidades*, para satisfazer aos devotos; mas como n'isto houvesse excesso, privando-se de outros exercicios mais convenientes e meritorios, a advertia a Senhor dizendo-lhe ao interior da sua alma; *Não te occupes n'isso, que me furtas o tempo, que quero gastes em meu louvor* (pag. 519).

Sendo um dia para commungar, exclamou:

Quem sou eu, Senhor, para conseguir esta mercê?

E ouvio no interior da sua alma, uma voz que dizia: *És a escoria da miseria* (528).

N'uma Semana Santa succedeu uma cousa notavel a que soror Clara chama *gracioso successo*; porque, havendo de prégar na quinta feira o seu confessor, na quarta lhe deu tão grande defluxo, que, sem duvida lhe impediria o desempenho do seu ministerio.

Compadecida a serva de Deus da molestia do seu director e da falta, que poderia fazer, disse ao Senhor: *Meu Bem, o padre ha de pregar, e eu não tenho que fazer: se vos agrada, dae-me aquelle defluxo, e tirae-lh'o a elle.*»

Satisfez o Senhor tão bem, e com tanta presteza a supplica de sua serva, que estando o mal na sua maior força, de repente sarou o padre, e ella se sentiu logo de sorte que nem passo podia dar (pag. 546).

Teve depois a consolação de se confessar com o veneravel P. Fr. Francisco Salmeirão, que foi mandado a Portugal por visitador dos conventos da sua Ordem (556).

Teve, porém, pouco depois o desgosto de perder este confessor, pois morreu no pulpito em occasião que estava prégando.

Mas d'ahi a pouco teve outra consolação, pois, quando a rainha da Grã-Bretanha em 1693 deu para este convento a imagem do Menino Deus, apenas lhe poz os olhos, «sentiu derreter-se seu coração em ternuras d'amor (pag. 557).

Esta freira viveu sempre no convento martyrisada pelos escrupulos religiosos e duvidas de consciencia, o que mostra que nos mosteiros nem todos gozavam d'aquella paz e tranquillidade de espirito tão apregoada pelos defensores da vida monastica.

Soror Anna de Jesus Maria, chamada no seculo D.

Anna Maria de Faro, era filha de D. Antonio de Castello Branco, conde de Pombeiro, e de D. Maria de Faro, filha do conde de S. Lourenço, e nasceu em Lisboa no anno de 1697. Sua mãe era extraordinariamente desabrida para com esta filha, e diz o chronista (618) que assim a preparava para a vida de convento. E com effeito levou-a—contando apenas cinco annos de edade—para a Madre de Deus, em 17 do setembro de 1702. Ao entrar exclamou a menina: «De ninguem trago saudades, porque só venho abraçar-me e entregar-me toda ao meu Esposinho!» Passados, porém, dias, foi perdendo a côr do rosto, e as religiosas se persuadiam que comia barro, e para lhe tirarem o costume «lhe palpavam o sangue com rigorosos castigos» (pag. 619).

Professou esta freirinha em 1712, e depois «gostava de que lhe chamassem gato, pelo seu retiro, a que logo respondia: Deixem-me esconder por não arranhar (pag. 621).

Morreu de bexigas em 1729.

A madre soror Maria Josepha de Jesus era filha de D. Miguel de Almeida e de D. Luiza Maria da Sylva. Foi desde tenros annos mettida do convento de Santa Clara de Lisboa, depois passou para as Commendadeiras de Santos, onde esteve 4 annos. Fugiu, porém, d'aqui, e foi-se introduzir no da Madre de Deus (pag. 622).

O que mais a mortificou na sua vida foi a secura dos confessores, «que por menos advertidos, ou por lhe provarem a paciencia, ao mesmo tempo em que reconheciam a sinceridedc e pureza do seu coração, a mortificavam quanto podiam (pag. 624).

Apesar de se entregar a todo o genero de mortificações e penitencias falleceu com 80 annos de edade em 1729.

A madre soror Jeronyma das Chagas era filha de Luiz

d'Oliveira da Costa e de D. Maria d'Albuquerque, de sangue illustre. Quando seu pae lhe fallou em casar com um primo, respondeu que já tinha um noivo no convento. Entrou, com effeito, para a Madre de Deus em 1687. Quando a communidade tinha feijões cosidos sómente em agua, fazia d'elles provimento para toda a semana. Nos jejuns ainda era maior sua austeridade, se é que o póde haver em quem jejuava por dia e comia por onças.

Teve especial dom das lagrimas.

A madre soror Maria Michaela dos Anjos era de familia muito illustre, pois teve por paes D. Francisco d'Azevedo e D. Maria de Brito e Noronha. Esteve primeiramente no convento de Santa Clara de Villa do Conde, mas d'este saiu em 1667 para a Madre de Deus.

O padre fr. Antonio das Chagas, seu director espiritual, dizia d'ella: «Que soror Maria Michaela era uma das almas que elle mais amava em Deus».

Apesar de tambem se entregar a todo o genero de penitencias viveu 80 annos, fallecendo em 1733.

E um servo de Deus assegurou á Communidade: Que a veneravel soror Maria Michaela dos Anjos subira da cama para o ceu (pag. 633).

Era o convento da Madre de Deus um dos predilectos da fidalguia, e a madre soror Isabel do Espirito Santo foi o que preferiu.

Era filha de Pedro Salema de Carvalho e de D. Margarida da Costa Sotto Mayor. Pela morte da mãe entregou-lhe o pae o governo da casa, que era na villa de Vianna, no Alemtejo, e de cinco irmãosinhos. Mas sendo enviado para o convento d'aquella villa o commissario dos Terceiros, fr. Manuel das Neves, principiou a confessar a futura freira da Madre de Deus, e fez com que ella tambem fosse Terceira. Mais tarde veiu para a Ma-

dre de Deus, dizendo adeus a tudo quanto pertencia ao mundo. E foi tanto do agrado de Deus, que este lhe mostrou a alma do seu confessor fr. Antonio de S. José participando da gloria (pag. 635).

E o demonio tinha tanta raiva a esta freira, que «certo dia andou com ella aos boleus em uma casa, arremeçando-a pelas paredes, e com tal violencia, que, quando se lhe foi accudir, a acharam tão maltratada, que em braços a levaram á enfermaria, onde esteve um anno, passando dias tão crueis, que nem de noite nem de dia a deixavam socegar» (pag. 636).

A madre soror Marianna da Conceição, filha do conde Diogo Lopes de Sousa, entregava-se ultimamente ás mais acerbas penitencias, e todavia morreu com 75 annos de edade.

Soror Maria Luiza da Conceição, no seculo D. Luiza de Castro, era filha ds conde de Val de Rego D. Nuno de Mendonça e de D. Luiza de Castro. Tendo a menina 3 annos de edade, observou que pendente em uma cisterna da casa estava uma pouca de fructa a esfriar; e por não esperar que lh'a dessem ou tirassem, subiu ao bocal da cisterna para fazer sua presa. Chegou n'este tempo uma serva da casa, e vendo a menina suspensa no ar, se assustou com a evidencia do perigo de submergir-se nas aguas, ao que ella respondeu sem susto algum, que uma senhora vestida de branco lhe dera a mão para não cahir. Verificou-se o prodigio: porque, sendo levada a menina á egreja da Penha de França, apenas viu a imagem da Senhora com o mesmo vestido, disse ser a mesma que a livrara do evidente perigo de cahir na ciste,na (pag. 642).

Por morte da mãe ficou esta menina entregue ao cuidado de sua irmã D. Luiza, que depois foi condessa de S. Thiago, a qual a creou com tanto rigor: «que mais

parecia verdugo da innocencia, que irmã do mesmo sangue. Os castigos eram tão asperos, como continuos, com causa e sem ella, de sorte que em uma occasião a prendeu pelos cabellos ao seu leito (pag. 643).»

Sendo o conde de Val de Reys nomeado governador do Algarve por D. Pedro II, mandou sua filha para a Madre de Deus em 1668. Aqui, quando a menina estava com muito somno, uma irmã — a madre Margarida da Trindade — lhe cravava alfinetes na sua innocente carne, ou a despertava á força de crueis disciplinas (pag. 644).

Apesar, porém, d'isto e de muito mais, não quiz deixar a Madre de Deus, e n'este mosteiro professou em 1676.

O dia, porém, em que esta freirinha se entregava a maiores mortificações, era aquelle em que o arcebispo de Braga, seu irmão, D. Rodrigo de Moura Telles, mandava na egreja d'este convento celebrar a festa dos desposorios da Senhora com S. José.

Occupou o logar de enfermeira, refeitoreira, porteira menor e maior, sachristã, vigaria da casa em dois triennios, e eram tão notorias suas virtudes, que em 1717 foi procurada para fundadora do convento da Madre de Deus de Guimarães.

Partiu esta de Lisboa, acompanhada das mais religiosas nomeadas em 19 de março de 1716 com tão grande saudade das suas freiras, que a não se tratar com todo o segredo a sua sahida, seria difficultoso o conseguirse, por não perderem sua amavel companhia, pelo muito que se interessavam nos seus bons exemplos.

Acompanharam tambem a veneravel madre fundadora o padre prégador fr. Antonio da Encarnação, e D. Antonio de Mascarenhas, irmão da condessa de S. Thiago, sobrinha da mesma madre soror Luzia; e sendo

recebida em todas as regras e mosteiros, aonde chegava, com a distincção devida á sua pessoa, em nenhuma quiz admittir os festejos de musica e instrumentos, em que a politica religiosa pretendeo applaudir sua chegada, dizendo: Que uma pobre freira capucha não era merecedora de similhantes obsequios. Pouco convencidas d'estas humildes demonstrações as religiosas da Castanheira, com o pretexto de uma sonata ao Divino, procuraram gratular a sua hospeda, a qual persuadida de suas instancias se deu por obrigada a fazer aceitação da offerta bem desempenhada em um devoto acto de contricção em verso, de que ella muito gostou pela boa consonancia da lettra. A 28 do proprio mez de março chegou á cidade do Porto, onde a esperavam seu irmão, primaz de Braga, e o bispo da mesma cidade, em distinctos apparatos, tão proprios da acção como alheios da sua modestia. O mesmo desempenho mostrou a villa de Guimarães, aonde chegaram na primeira oitava da Paschoa, a 13 d'abril. E fazendo o seu egresso no mosteiro de Santa Clara da mesma villa, no meio de uma luzida procissão, chegaram ao novo domicilio, a cuja porta a esperavam as recolhidas em tanto alvoroço, que por conta das lagrimas correram os comprimentos das boas vindas.

A tudo assistio o primaz, com parte da seu cabido, e todo o da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, clero, communidades religiosas, e a camara, com um grande concurso de povo, que tudo fazia vistoso este solemne acto. Em a noite do referido dia 13 d'abril, e nos tres seguintes correo por conta da villa o applauso e posse da veneravel fundadora com luminarias e repiques; e o mosteiro nos tres seguintes dias explicou o seo alvoroço com o Corpo de Christo Sacramentado e exposto, rendendo-lhe as graças pelo singular beneficio,

por tantos annos desejado, e á força d'orações conseguido. Para este empenho e desempenho concorreo o prelado com a pessoa e grandeza, que se esperava de seu animo generoso, e com a musica de sua capella, e os dois conventos, franciscano e dominicano, com os prégadores da festa. Concluio-se a ultima noite com artificio de fogo, o qual com suas linguas e tremulantes chammas fez publica n'aquella villa uma das mais celebres funcções, que lograram seus moradores.

O mesmo arcebispo benzeo o cemiterio interior da clausura, e no sabbado seguinte, dedicado á Mãe de Deus, titular da Casa, receberam as recolhidas o habito da primeira regra de Santa Clara, e com elle viram completas as esperanças de tantos annos, entre as maiores contradições. No mesmo dia da posse se povoou aquelle serafico Jardim de 20 plantas, na fórma da bulla. Concluio o prelado todas estas acções com uma discreta pratica, exhortando aquellas novas plantas á prompta obediencia, que deviam ter a seus prelados, de quem as fez subditas por uma provisão sua que mandou ler publicamente, nomeando por abbadessa sua irmã soror Luzia Maria da Conceição.

A modestia, humildade, e silencio, com que a madre fundadora fez a sua jornada, eram a melhor prova de sua virtude. Não houve jámais pessoa alguma que lhe visse o rosto, porque sempre, e em todo o logar a encontravam com o véo descido; nem as religiosas dos mosteiros, por onde passava, puderam acabar com ella e discorrer pela clausura, satisfazendo-se sómente de fazer via para o Coro, e dirigir os passos para o seu aposento. Estando já recolhida em o seu mosteiro, em obsequio á sua pessoa e do primaz, seu irmão, foi visitada das principaes senhoras da villa, que gostosas procuravam ver a mesma, de quem publicava a fama

tantas virtudes, e na sua companhia assistiram em todos os dias de festa. Em dia dos Prazeres da Senhora, a 20 d'abril, se fechou a clausura; e deixando certas da sua protecção o devoto arcebispo as religiosas e noviças, em quanto viveo, não faltou á sua palavra; porque além dos gastos da sua entrada, não se poupava aos precisos para o seu sustento. [1]

Considerava-se a madre soror Luzia prelada e cabeça d'aquelle novo e espiritual edificio; e para instruir suas filhas na santa e religiosa oração, lhes dispoz as regras seguintes, tiradas do estylo praticado no seu mosteiro, e dos influxos de seu abrazado espirito, para que em seus corações se ateassem os mesmos fervores. Ordenou que desde a Paschoa até á Exaltação da Cruz em septembro se despertasse ás cinco horas da manhã, e no mais tempo do anno, ás seis; e logo que as religiosas chegassem ao Coro, tivessem prompta uma missa para ouvirem, a qual concluida, resassem as Horas Canonicas, e no fim d'ellas tivessem hora e meia d'oração, a que se seguiria a missa conventual. Que se tocasse depois para a casa de lavor, onde ao trabalho das religiosas lesse outra algum livro espiritual, para que não faltasse o pasto do espirito, em quanto se cuidava nas providencias do corpo.

Depois dos mais actos da communidade, mandava se recolhessem todas ás suas cellas a cuidar nas suas devoções, e mais empregos precisos para o serviço. Concluida a Hora de Completas, estabeleceu outra hora de oração, e um terço do Rosario da Senhora, com a sua Ladainha pelos bemfeitores, com varias commemorações a alguns Santos de mais particular devoção.

---

[1] *Fr.* Jeronymo de Belem: *Chronica Serafica, vol* III. *pag. 581.*

No tempo de inverno estabeleceu depois das matinas á meia noite, a hora da Oração da manhã, para que esta lhe ficassse mais desembaraçada para os outros ministerios.

Completo o anno de noviciado, se determinou a profissão das noviças para o dia da festa do Espirito Santo de 1717, repartidas pela manhã e tarde, por melhor commodidade do acto, que como eram 19, porque uma d'ellas falleceu, e professou na cama, se fez preciso esta providencia.

Foi este dia em tudo solemne, com a assistencia do Senhor Sacramentado, e presença do arcebispo, que não quiz faltar ao remate da obra que havia principiado.

Foram eleitos para a funcção os melhores pregadores d'aquelle tempo, que tudo junto com a musica da Sé de Braga, e grande concurso de povo, fez plausivel um dia tão desejado para os mais celebrados desposorios.

O gosto e espiritual consolação, que causou na alma da abbadessa o ver desposadas com Christo as suas primeiras filhas, se viu logo misturado de afflicções e trabalhos, pelas controversias, que occorreram sobre a communicação das freiras, suggerindo o demonio machinas contra seus santos designios.

Procurava a zelosa abbadessa estabelecer n'aquelle mosteiro o estylo praticado no seu, de não fallarem as religiosas no anno de recem-professas a seus parentes; mas passado elle, só poderiam fallar a seus paes, irmãos e parentes ate ao segundo grau, e a nenhum mais, excepto se occorresse com os referidos.

Serviu isto de tão grande escandalo aos interessados, e á gente vulgar, que arguiram a prelada de mulher tyranna, inventora de novidades e de cousas insoffri-

veis, como se fosse culpa o que só era virtude, cautela e mais perfeição religiosa.

Sem affrouxar um ponto em suas determinações, as conservou, e soffrendo improperios, que dando-lhe bem que merecer, mais a profundavam em sua humildade; mas com tal inteireza se portou em todo tempo do seu governo, que ainda sendo affavel e benigna para todos, já nenhuma se atrevia a contrastar sua firmeza.

A mesma constancia mostrou por algumas occasiões, em que os prelados superiores, movidos de supplicas, quizeram dispensar n'esta lei; mas os seus rogos e humildes instancias os deixaram sempre convencidos.

Ainda melhor se viu sua resolução com um padre provincial, o qual fazendo a profissão a uma noviça, e intentando a mesma devoção, a abbadessa se oppoz, dizendo que a materia só a ella pertencia (652); e muito mais por ser em tempo d'advento, prohibido pela regra, para se fallar ainda a parentes, e que não devia consentir em cousa alguma contra a sua observancia.

O escandalo, que recebeu o prelado n'este encontro, voltou depois em abono da abbadessa, qualificando-a de observantissima prelada.

Como todos os designios se fundavam em estabelecer a pura observancia da regra e costumes santos da Religião, não consentia, e menos disfarçava o mais leve defeito, a que não occorresse logo com o remedio.

Não se contentava sómente com as promessas da emenda a ella feitas, mas procurava com instancias as fizessem a Nossa Senhora.

Levou noites inteiras velando, e sentinda com expressão de lagrimas, os defeitos de suas filhas.

Ordenou que todas as que não tivessem o nome de

Maria, quando entrassem para noviças, o tomassem por sobrenome na profissão, e assim esta, como as entradas fossem em algum dia dedicado á Senhora, ainda que se lhes dilatassem por algum tempo.

Ajudada do caritativo braço de seu irmão o arcebispo primaz ladrilhou todo o claustro com sua divisão de sepulturas: fez um dormitorio a *fundamentis* com uma decentissima casa de lavor: noviciado, livraria, enfermaria e cozinha, tudo na ultima perfeição, e com excellentes commodos para o serviço da Communidade. Para estas obras, quando ella menos esperava, lhe mandou um devoto das Indias de Hespanha 750 mil réis, e por morte de seu irmão o arcebispo lhe ficaram 4 mil cruzados, com os quaes deixou desempenhado o mosteiro.

N'uma só cousa mostrou ser piedosa, porque, achando, quando tomou posse do mosteiro, que as suas recolhidas e religiosas depois, ou pela debilidade do sexo, ou por necessidade urgente, usavam de sua gotta de vinho e tabaco, podendo mais n'ella a perfeição do estado, as fez dispensar d'este costume; mas nem por isso as deixava muito prejudicadas, porque em tudo o mais as fazia prover do exercicio (660).

Sendo costume n'aquelle mosteiro fallarem as religiosas ás preladas de joelhos, ella nunca o consentiu pela pouca estimação, que fazia da sua pessoa, ao mesmo tempo cuidava muito se não faltasse á boa creação e respeito devido ao estado religioso.

Dizia que o seu pobre habito no apreço, que d'elle fazia, tinha maior valor que todas as purpuras mundanas, e nunca mais gostosa se considerava, que quando mais remendada se via (662).

Foi seu fallecimento em abril de 1739, contando 79 annos d'edade.

Ficou seu corpo formoso e flexivel sem os horrores de cadaver, antes com accidentes de vivo pela alvura das mãos e rosto (672).

A madre soror Magdalena de Jesus tinha grande frequencia no exercicio da oração como dom de lagrimas, maior que fosse a sua cautella.

Teve especial devoção com as almas do Purgatorio, a quem ajudava com repetidos suffragios, penitencias, disciplinas, cilicios e jejuns de pão e agua, passando tres e quatro semanas sem beber e outras, sem gastar mais que cinco bocados de pão. Morreu aos 66 annos de edade.

A madre soror Luiza Antonia de Jesus, chamada no seculo D. Luiza Antonia de Athayde, teve por patria a villa de Pombal, onde nasceu em 1663, e tratou a occultas com um director espiritual, que «pelo bom conceito e conhecimento que tinha do mosteiro da Madre de Deus, procurára metter n'elle o melhor da côrte, e assim furtadas, como voluntariamente offerecidas, foram muitas as que por sua direcção e conselho receberam o santo habito n'esta casa. Com elle tratava D. Luiza a sua fugida a tempo que lhe falleceu seu pae. Apenas se sonhou que D. Luiza intentava recolher-se, se levantou em casa uma grande contenda entre seus irmãos, que por mais empenhados e gostosos da sua companhia não levavam a bem que ella os quizesse deixar, mettendo-se em um mosteiro, onde a não podessem mais vêr.

Nenhuma d'estas razões podia fazer mudar de proposito a D. Luiza; e proseguindo á calada na sua vocação, só de uma irmã sua fiou o segredo, por ser capaz de o guardar. Com esta sua irmã, e com uma tia religiosa n'este mosteiro, chamada soror Maria Michaela dos Anjos, se tratava este ponto com todo o segredo,

por se evitarem maiores contendas entre sua mãe e irmãs, a quem tudo se escondia.

Ajustado o logar e dia, sahiram de casa D. Luiza Antonia, acompanhada de sua irmã D. Leonor de Athayde, com o pretexto de terem uma grade com sua tia; e esperando-as á portaria o veneravel Chagas, em logar de dirigir os passos para a grade, se abriu de repente a porta, e por ella entrou a pretendente (679). Para a grade foi sua irmã a celebrar com sua tia e as religiosas o bom acerto da funcção, feita com tanto segredo, que só as interessadas o souberam, e o padre, que para semelhantes furtos o acharam sempre prompto, pois com esta ajustou o numero de dez, pouco mais ou menos, que trouxe para este mosteiro, com o desejo de chamar almas para Deus.

Em 5 de agosto de 1682 entrou a fugitiva donzella n'este mosteiro, com tanta consolação sua, quanto foi o desgosto de sua mãe e irmãos, que, cegos da paixão do amor, levaram muito a mal esta acção; e querendo increpar sua irmã D. Leonor, esta se desculpou, dizendo que, indo para a grade, lhe fugira D. Leonor para a clausura. Seu irmão João da Costa Coutinho foi o que tomou mais a peito este imaginado aggravo; e, possuido de um grande e indiscreto furor, rompeu n'estas palavras;

—Que ha de ser! São cousas de frei Antonio das Chagas. Se me entrar mais aqui, por aquella escada abaixo o hei de deitar.

Desagradou-se Deus tanto d'este seu arrojo, que n'aquella noite pegou o fogo na mesma escada, e d'ali se foi communicando ás casas com tanta voracidade, que todas reduziu a cinzas.

Esta freirinha, quando velha, dava muitas quedas. Condoiam-se d'ella, e então exclamava:

—Madres, não se agoniem, porque isto não foi nada: foi estender-se o jumento na casa do seu Senhor (684).

Falleceu com 79 annos, em 1742.

Esta longevidade das freiras depõe contra a asserção dos medicos de nossos dias, que asseveram encurtar muito a vida o viver conventual. Não se póde negar que algumas não chegavam á velhice, mas parece-me que era isto antes uma excepção do que uma regra geral. Ha 50 annos que foram prohibidas as profissões em Portugal, e no emtanto ainda n'este paiz ha um grande numero de conventos com freiras.

A madre Maria Theresa de S. José, quando nova e solteira, foi pedida em casamento, mas desandou uma bofetada na pessoa que em tal lhe foi fallar (686), escandalisada da confiança de lhe fallarem n'um tal assumpto!

Veiu depois o veneravel P. Fr. Antonio das Chagas, e declarou que Deus havia escolhido aquella menina para freira.

Com effeito, entrou para a Madre de Deus em 1684, com 12 annos de edade. Fazia rigorosas penitencias, tomava cruentas disciplinas com rosetas de ferro, explicando com rios de sangue, diz o chronista, as correntes do seu abrasado amor. O demonio apparecia-lhe, depois da communhão, na figura d'um ethiope, ou de horrenda cabra. Em taes occasiões chamava o mofino á freirinha *Israelita*; mas a serva do Senhor, sem medo, sem pavor, antes zombando, caminhava sem receio (688), Estando na sua ermida lamentando a falta do P. M. Fr. Antonio de S. José, confessor da Casa, ouviu uma voz, que a segurava de seu eterno descanço. Morreu em 1743 com 71 annos de edade.

A madre soror Messia Josefa da Madre de Deus era filha dos condes do Vimieiro, D. Sancho de Faro e D.

Theresa Josefa de Mendonça. Sua mãe mandou-a para este convento, quando apenas contava 5 annos de edade. Esta, porém, viveu pouco, pois falleceu em 1743, com 29 annos de edade.

Soror Marianna da Madre de Deus, filha de paes nobres, e natural de Barcarena, fazia tão pouco de si, que muitas vezes exclamava:

—Eu não sou outra cousa mais que um monturo, de que se não deve fazer caso algum! (694).

Via-se tambem apoquentada pelo marrafico. Desviava-a da oração, apparecendo-lhe á maneira de uma sombra negra que a seguia e perseguia por todas as partes, fazendo estrepito, como de passadas para lhe embaraçar os passos e não proseguir o caminho para o logar da presença de Deus, mas sempre de balde. (697).

Pediram-lhe encommendasse a Deus certa senhora, que se achava em vesperas de Deus lhe fazer mercê, e com o receio ordinario em occasiões semelhantes. Prometteu a serva do Senhor fazer o que se lhe pedia; e passados poucos dias disse qus se dessem as badaladas do sino, como era costume em taes circumstancias, e sem se saber do successo, por ser algumas leguas distante da côrte, chegou depois a noticia de que na mesma hora favorecera Deus aquella senhora como desejava (698).

Falleceu em 1744, com 84 annos de edade, apesar de se entregar ás maiores penitencias.

D. Violante Magdalena tambem era filha de paes illustres. Duvidosa ácerca do mosteiro aonde havia d'ir professar, fez cedulas, e as poz nas mãos d'uma imagem de Nossa Senhora.

Com repetição fez as diligencias das sortes, e em todas as vezes lhe sahio sempre este mosteiro, com admi-

ração de seus paes, que não duvidando já de concederem a licença a sua filha, só o logar lhe não procuraram, para que só a Deus e a si se devesse a diligencia.

Entrou, pois, para este mosteiro em 1698 com 23 annos de edade. Falleceu em 1748 com 73 annos de edade. Da sua sepultura sahia um como cheiro de violas (701).

A madre soror Anna Joaquina da Madre de Deus nasceu em 1671, e era filha dos duques de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira e D. Margarida Armanda de Lorena.
Recusou casar com o conde de S. João, D. Luiz Alvares de Tavora, e preferiu ser freira na Madre de Deus, mas a pedidos da mãe sempre casou.

Porém enviuvando em 1718 entrou logo a pensar em ser freira, e em 1721 entrou para o referido mosteiro, aonde fez seu ingresso accompanhada dos duques seu pae e irmão e de grande comitiva de cavalleiros (715). Soffreu terriveis tentações diabolicas. Pois o demonio procurou combater seu espirito, sem perder de vista a lembrança de uma vida cheia de regalos, com divertimentos, honras e liberdades, em que podia lograr-se, livre das pensões de um estado, sugeito a penurias, mortificações e fadigas (716).

Propunha-lhe a ingratidão, com que havia desprezado o amor e finezas de seus paes e parentes, que ainda conservavam viva a saudade da sua companhia. Declarou-lhe guerra a cara descoberta com apparições horrendas, e em figuras formidaveis para contrastar sua firmeza: umas vezes na apparencia de negro corvo, feio e horrendo, rompendo em desentoadas vozes; e outras, na figura de um gato negro e assanhado, impedindo-lhe a passagem das portas, principalmente a do côro, onde lhe dava mais que sentir.

Não conhecia a valorosa noviça ao principio a malignidade e traça do mau hospede; mas tanto que pelos effeitos se inteirou de quem era, sem fazer caso d'elle, ía proseguindo seu caminho, continuando os exercicios costumados.

Enfadado já o tentador, mudou as scenas, embaraçando-lhe o precioso descanço das noites, antes e depois das matinas, pois, apenas se encostava, logo se via cercada de medonhos bichos, fazendo taes gestos e monarias, e com palavras tão mal soantes, que a deixavam confusa e trepidante.

Diziam-lhe ser baixeza em uma senhora de sua qualidade deixar a sua casa para se sepultar viva em um mosteiro, que mais parecia carcere que casa de gente viva, e que bem podéra ser freira em outros, onde servisse a Deus com mais descanço e liberdade.

Tão forte foi esta bateria, que costumava depois dizer, não experimentára maior trabalho em sua vida, por se achar tão falta de forças e alentos, imaginando perder a vida.

Em uma occasião indo com sua mãe ministrar comida ás enfermas, retirando-se a buscar uma luz, teve um tal encontro, que a deixou suspensa e afflicta. N'esta fórma a foi encontrar a mestra, a qual inquirindo d'ella a causa, com voz tremula, lhe respondeu, que por todo o caminho levára diante de si umas figuras tão feias e formidaveis, que fazendo-lhe horrorosas visagens, a deixaram mais morta que viva.

D'estes foram muitos os encontros, que teve no seu anno de approvação soror Anna.

Estando um dia a communidade junta, e sem ainda se assentar no que se devia fazer, foi ouvida uma voz, que distinctamente dizia: *Soror Anna Joaquina da Madre de Deus..* Suspensas as religiosas, perguntavam

umas ás outras, qual d'ellas proferira tal voz, ou publicára similhante nome, mas, como todas se desculpassem com a mesma verdade, ficaram entendendo, que do Ceo viera o sobrenome, que havia de tomar a noviça, para que em tudo se conhecesse que por conta de Deus correra a sua mudança de vida.

Professou, finalmente, em 4 de outubro de 1722, dia que julgou o de maior felicidade da sua vida. Teve especial devoção com as almas do purgatorio, procurando com suffragios o seu allivio, e muitas lhe appareceram pedindo-lhe o soccorro de suas orações.

Um dia, em que se achava na sepultura de uma religiosa defunta, rogando a Deus por sua alma, como tinha por costume, ella lhe appareceu; e fallando-lhe, como se ainda fosse viva, muito alegre, e ao parecer, gloriosa, lhe disse, que já não necessitava de suffragios, d'onde veio a entender estava já participante, da maior ventura (718).

Apesar d'isto o diabo continuava a perseguil-a horrivelmente.

Quando na figura de gato negro se lhe atravessava á porta do côro, lhe fazia entender que aquelle era caminho seguro para os louvores divinos; e, supposto que ao principio se intimidava, vendo-o assanhado, depois que soube o que era, e que no mosteiro não havia animal de similhante côr, com animosa resolução ia proseguindo o seu caminho.

Quando mais actuada se achava na sua oração, nas figuras de passaros negros lhe apparecia, e com desentoadas vozes, trabalhava por divertil-a de seu exercicio; mas ella bem inteirada de suas diabolicas traças, nem lhe dava ouvidos, nem desistia de seu emprego; antes por isso mais se affervorava na presença de Deus. Falleceu com 66 annos de edade, em 1748. A madre

soror Maria Magdalena de Jesus, era da casa dos marquezes d'Alegrete, e nasceu em 1704.

Contando já D. Maria Magdalena 23 annos, chegou a Lisboa um missionario do Varatojo a semear a palavra evangelica; e indo ella a ouvil-o, sem antever que nas suas vozes tinha Deus preparadas agudas settas para lhe ferirem o coração, logo ao primeiro toque se rendeu desenganada das inconstancias da vida, para buscar porto seguro nos interesses do ceu. Como prudente e entendida applicou a si a doutrina do prégador; e arrojando com desprezo as galas, de que tanto apreço fazia, por tributo de senhora moça, se confessou com elle, resoluta a mudar de vida, confiada no seu conselho.

Ajustaram ambos os meios de pôr em execução o que fosse mais acertado, e em dezembro de 1727 entrou Magdalena na Madre de Deus, e aqui falleceu em 1748, aos 44 de sua edade.

A madre soror Aucta de S. José tambem pertencia á casa dos marquezes d'Alegrete. Veiu esta um dia com a marqueza sua mãe á Madre de Deus, e estando dentro da clausura, tão pouco se agradou das caricias das religiosas, que, sem haver quem a acalentasse, era grande o seu choro. Tomou sua tia, a madre soror Maria Antonia, o expediente de leval-a á Senhora da Graça do Ante-côro, e, tanto que chegaram ás mãos da Santa Imagem, não só se accommodou logo, mas, saltando-lhe as mãos das mantilhas, e chegando-as ás da mesma Senhora, no mesmo ponto adormeceu e não chorou mais. D'aqui se inferiu, que a milagrosa Senhora a destinara logo para freira da sua casa; e ella depois desempenhou esta mercê com a grande devoção que sempre lhe teve. Este foi o designio de seus paes, creando-a para religiosa d'este mosteiro. Eis porque os paes a recusaram

entregar para dama á rainha D. Maria Francisca, primeira mulher d'el-rei D. Pedro. E a rainha, louvando uma tal resolução, foi em novembro de 1689 acompanhar a noviça ao convento. Em dezembro de 1694 fez a profissão. Seis vezes foi abbadessa, occupando ás vezes o tempo em fazer versos, os quaes mais tarde queimou.

Havendo recusado ser fundadora de mosteiros, falleceu em 1752 com 85 annos de edade.

A madre soror Cecilia Maria do Sacramento era filha de Francisco Barreto de Menezes, descendente de D. Arnaldo de Bayão, illustre tronco de muitas e nobres familias de Hespanha. Casou Francisco Barreto em segundas nupcias com D. Margarida Juliana de Tavora, filha de Francisco Botelho, primeiro conde de S. Miguel, e esta foi a mãe da santa freirinha da Madre de Deus. Resolveu-se fugir, para um tal fim, de casa de seus paes (728), e por isso preveniu-se com o manto e saia de uma filha de um escudeiro de casa, da mesma edade, a quem os pediu, com o pretexto de se divertir aquella noite; e vestida, pela manhã, sem dizer palavra a pessoa alguma, com toda a presteza se poz na rua. Eram as suas casas ás portas de Santa Catharina; e sahindo por ellas fóra, sem saber caminho, nem carreira, nem perguntar a pessoa alguma onde era o mosteiro, se encontrou com uns porcos, que, pretendendo embaraçar-lhe os passos, a precipitaram na lama; e n'isto (accrescenta mui seriamente o chronista) deram bem a entender a figura que representavam. Encontrou-se logo com um preto, e perguntando-lhe por onde caminharia para a Madre de Deus, elle lhe disse que buscasse sempre as margens do rio; e sahindo-lhe depois ao encontro uma veneranda velha na ribeira, lhe perguntou para onde ia. E dizendo-lhe ella, mas que não sabia o caminho, a

mesma velha se offereceu para acompanhal-a, por ir tambem para a Madre de Deus. Não lhe faltaram pelo caminho seus dicterios, que para tudo ha gente ociosa. que, reparando na graciosidade e pequenez da menina, á custa da sua modestia procuravam o seu divertimento, vindo ella pouco para graças.

Entrou com a sua conductora na egreja; e, depois de ouvir missa, perguntou-lhe se queria a levasse outra vez para casa; mas, dizendo-lhe ella que aqui ficava, se despediram; e ficou D. Cecilia entendendo ser Santa Anna que na pessoa da velha a encaminhara para este mosteiro. Da egreja chegou á portaria, e pedindo ás religiosas que a admittissem á clausura, ellas duvidaram, receosas de algum engano, por não a conhecerem; mas umas senhoras da côrte, que se achavam na grade, e de quem ella se escondeu ao principio, vieram logo no conhecimento de quem era, e assim o noticiaram á Communidade. Foi logo chamado o confessor da casa, que era o padre mestre fr. João de Santo Estevão, o qual, depois de fazer as diligencias precisas, e o devido exame sobre a vocação da pretendente, a mandeu recolher na casa da portaria, até ser avisado o ministro provincial da provincia para a licença necessaria. Feitas as mais diligencias, foi admittida no interior do mosteiro, e de novo examinada do espirito com que o buscara.

Logo que D. Margarida Juliana achou falta de sua filha, com grande afflicção entrou nas diligencias de procural-a, para o que mandou chamar seu irmão, o conde de S. Miguel, para que elle a descobrisse, já que ella, por estar ainda no anno de luto de seu marido, o não podia fazer pessoalmente. O conde a socegou, dizendo-lhe não tivesse susto, porque sua filha não era capaz de fazer cousa que estivesse mal á sua pessoa nem ao decoro da sua casa.

Expediram logo creados por varias partes a descobrir campo, fazendo tambem sua inquirição pelos barcos de Santarem, com o motivo de haver dito D. Catharina algumas vezes, por disfarce, que n'aquella villa intentava ser freira.

Chegou um dos creados a este mosteiro; e, sabendo que n'elle estava, procurou fallar-lhe; mas como ella se negasse ás suas diligencias, foi logo participar a sua mãe esta noticia, e movido d'esta o conde, seu tio, a veiu procurar, com intentos de extrahil-a da clausura, por dar gosto o sua mãe. Duvidou D. Cecilia fallar ao conde, com o receio de que lhe embaraçasse sua vocação; mas como as religiosas a segurassem de seus temores, obrigada de seus rogos lhe fallou, e sempre firme em seus propositos.

Propoz-lhe seu tio a grande desconsolação de sua mãe e as conveniencias do mundo, por ser a primogenita da casa, e d'ella senhora, pelos ajustes do matrimonio, com trinta mil ducados de fazendas, de que se podia lograr, com outras razões, tão proprias da industria humana, como dos pondenores da fidalguia.

A tudo satisfez D. Cecilia, dizendo por ultimo estas razões, tão filhas de seu verdadeiro espirito: *Tomara eu ser senhora de muito mais, para deixar tudo pelo amor de Deus*; *e nada quero do mundo.*

Confuso e desenganado se retirou o conde vendo a inteireza de sua sobrinha, que nos seus primeiros annos ainda era mais para admirar (729).

Recebeu, pois, o habito em 1688, antes de ter os onze annos completos. Especializava-se muito no cuidado das velhas, fazendo-lhes as camas, e tudo quanto era preciso, muito alheio de suas forças, pelos seus poucos annos, mas suppria a valentia do espirito a delicadeza do sexo· e por esta causa nunca podiam estar

sem ella, pois apenas a achavam falta, logo a mandavam buscar; parque só no seu serviço encontravam allivio, dizendo algumas d'ellas muitas vezes:

Vão-me chamar soror Cecilia, que me venha dar um geitinho.

Com uma d'estas suas velhas como ella lhes chamava, lhe succedeu um caso, que foi bem celebrado entre as religiosas, por onde se mostra sua singeleza e caridade.

Fez-lhe um dia, uma d'ellas pelo seu costume, uma barrella; e depois de lhe lavar tudo, lhe ensaboou com muito disvelo o véu da cabeça, por lhe não faltar já mais que fazer.

São os veus das religiosas de panno de linho tintos de preto; e depois de ensaboado aquelle, se fez logo amarello, e incapaz de servir; e n'isto veio a parar a perfeição de Cecilia, que cuidando haver feito maravilhas na sua limpeza, deixou a sua velha sem veo; e ainda quando referia este successo, o celebrava com riso (730)

Se ouvia fallar de alguma pessaa, ou celebrar-se algum dito, por materia de graça, e de cousas succedidas, com summa mansidão dizia:

Madres, não nos ouçam fallar n'essas cousas; *pois aqui só se ha de fallar no Flos Sanctorum* (736).

Algumas vezes lhe replicavam as religiosas, pela caridade de a divirtirem, dizendo: que as suas praticas eram em materias indifferentes, e que a ninguem prejudicavam, ao que ella respondia:

Quem ouve de longe não percebe, e póde escandelizar-se.

Falleceu com 76 annos no de 1753.

No dia 29 de agosto de 1751 das sete para as oito horas da noite pegou fogo na cosinha do mosteiro da Madre de Deus.

Prestaram soccorros a communidade dos agostinhos descalços, o conde de Unhão com a providencia de duas bombas, para apagar o fogo, e a caridade da visinhança que disvelada acudiu.

Foi este auxilio attribuido á protecção de Nossa Senhora Mãe dos Homens, e por isso na tarde do domingo seguinte lhe prégou um sermão em acção de graças o P. Fr. João de Nossa Senhora, com a assistencia dos Terços da Côrte.

Com os mesmos foi logo prégar outro á egreja da Madre de Deus.

E até as mulheres se mostraram excessivas acarretando agua, e introduzindo-se pela porta do carro, a ajudar o infinito povo que se ajuntou a cortar o fogo (747).[1]

A madre soror Catharina de Jesus Maria que na Madre de Deus recebeu a habito aos 15 annos de edade, era parenta do conde de Pontevel, e tia do cardeal da Cunha.

---

[1] Fr. Jeronymo de Belem: Supplemento á Terceira Parte da Chronica Serafica em que trata do Real Mosteiro de Xabregas. Lisboa, 1757. No Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra.
Este frade fazia tal conceito d'este convento que diz no prologo: «tal é a formosura e graça d'este mosteiro na producção de freiras virtuosas, que o mesmo é ouvirem dobrar os sinos por alguma, que morre, que esperar logo materia para escrever sua vida. Louvado seja o Senhor, que tal benção deitou já esta Casa, onde a virtude é tão commum, que em cada uma das suas filhas reconheço uma imitadora da Matriarcha Santa Clara.» Este Supplemento traz ainda a biographia de mais 13 freiras.

Na approvação d'este Supplemento diz o dr. José da Conceição fallando da Madre de Deus: » Joia lhe chamo, porque ali se veem juntas as riquezas do Ceo com a maior pobreza; os rubins do melhor sangue com a penitencia; os diamantes da pureza no mais observante retiro; os esmaltes da fidalguia no maior abatimento; o ouro da maior santidade, escondido aos olhos do mundo; emfim, é o Real Convento da Madre de Deus, e n'isto digo tudo.»

Como por sua natural viveza tinha particular graça em tudo que dizia, ainda provocada a ira, quando reflectia sobre si, castigava os seus gracejos com rigorosas disciplinas de sangue, e asperos cilicios, mettendose entre as ortigas, e lançando-se aos pés das religiosas, beijando-lh'os, e pedindo-lhes que lhes pisassem o rosto, e a bocca,para se lhe abaterem os brios.

Nas congregações espirituaes, que faziam as religiosas, tinha a serva de Deus grande parte em tudo que era mortificação; porque a presidente da semana mandava ás outras que a pizassem, e lhe fizessem desprezos; e para ser maior seu merecimedto, lhe ordenava que fosse ao refeitorio com paus na bocca, comesse em terra, e se lançasse n'ella á porta, para ser pisada da communidade, quando sabisse.

De vez em quando lhe chegavam ao rosto: e sem ser de natural pejo, se lhe fazia a face vermelha; e ainda pouco satisfeita d'estes e d'outros desprezos, prevenia o confessor para que lhe mandasse carregar ainda mais a mão. Depois de ir a matinas e descançar muito pouco, se por acaso se sentia menos vigorosa, ás quatro horas voltava para o Côro, onde posta em oração até despertarem as religiosas, merecia gozar das delicias do seu amado derramando muitas lagrimas, para lhe merecer os agrados

Affeiçoou-se de sorte a este santo exercicio, que n'elle gastava sete e oito horas do dia; e, quando n'elle lhe faltava a presença do Senhor, o buscava desvelada; dizendo e obrando n'estas occasiões cousas tão engraçadas, que era um regalo ouvil-a.

Um dia em que o Senhor mais se lhe escondeu, não podendo já descobrir modo de encontral-o, usou de uma traça, talvez nunca vista, e só bem achada em quem, por amante, parecia louca. Entrando no côro,

achou o manto da madre soror Maria Magdalena de Jesus na sua cadeira, onde ella costumava; e para que o Senhor cuidasse (no seu entender) que era a outra, e não ella, se cobriu com o manto, esperando que na equivocação estivesse a sua ventura.

Não engana o Senhor, nem pode ser enganado; mas n'esta occasião se deu por vencido com o disfarce; e como Esposo amante se communicou á sua Esposa, com tanta abundancia, que sobre bem regalada a deixou confundida. (4)

Reparou em que o principe dos apostolos se descuidasse tanto da fidelidade que devia a seu divino Mestre, que por tres vezes se persuadisse a negal-o; e, como isto lhe parecesse mal, lá se lhe mostrava menos affecta, talvez suggerida pelo demonio para precipital-a com o seu zelo indiscreto, de que resultava não pouco escandalo na communidade.

Foi continuando na sua indiscripção, até que em um dia do Santo, depois de fallar com pouco respeito nas suas negações, estando ella no Côro, pelo mais alto silencio da noite lhe appareceu a veneravel madre Maria do Sacramento, e depois de lhe dar uma aspera reprehensão, por conta de seus demasiados excessos, lhe disse agradecesse ao santo apostolo o ser seu intercessor diante de Deus, por cuja causa lhe não tinha dado o castigo que ella merecia. (5)

No tempo do seu primeiro abbadessado concedeu o papa Innocencio XII á instancia do cardeal D. Luiz de Souza, o jubileu de Lausperenne para todas as egrejas de Lisboa, conservando-se sem interpolação o Santissimo exposto em cada uma d'ellas, por modo de circulo, em todo o anno; e recusando-se em algumas, pelo gasto da cera, esta graça, a abbadessa mandou dizer ao cardeal arcebispo, que todos os dias, em que o

não quizessem acceitar, lh'o mandassem para a sua egreja, e que n'isto lhe fazia grande mercê. (6)

Falleceu em 1707 com 78 annos d'edade.

A madre soror Ignez do Espirito Santo tambem era de familia nobre. Fugiu de casa de sua mãe para a Madre de Deus. Mais tarde achando-se arrependida, lhe appareceu o amante esposo das almas com a sua cruz aos hombros, estando ella varrendo, e com sentidas palavras amorosas lhe perguntou:

— «Não me queres ajudar a esta cruz? (10)

A fama de suas heroicas virtudes a elevaram a fundadora e primeira abbadessa do mosteiro da Conceição no sitio da Luz, ás instancias de seu primo Nuno Barretto Fueiro, fundador d'aquella Casa [1] com tanta repugnancia sua, quantas foram as diligencias que fez por se escusar do emprego, com o pretexto de suas queixas; mas obrigada de algumas pessoas espirituaes e de letras, se sujeitou ao jugo tão penoso como lhe foi prevenido para os sucessos futuros. Sabiu d'este mosteiro em 7 de setembro de 1699, acompanhada da madre soror Maria Magdalena da Cruz, sua vigaria e mestra de noviças.

Depois de sete annos, que gastou n'este emprego, padecendo indiziveis trabalhos e grandes contradicções, para estabelecer n'aquella casa a disciplina regular, pela falta de saude se despediu d'ella com sua companheira, e recolheu ao mosteiro em 4 de setembro de 1706 com auctoridade do cardeal Souza.

A madre soror Izabel da Madre de Deus era filha tambem de paes illustres, e tambem se distinguiu po-

---

[1] Este convento ficava no sitio a que hoje chamam *Quinta Nova*, pertencente a Joaquim Bernardes Branco.

las suas penitencias. Falleceu em 1708 com 74 annos d'edade.

Á madre soror Luiza de S. Francisco succedeu um caso mui notavel:

Certa occasião achava-se esta serva do Senhor (15) em oração na capellinha do Senhor Crucificado das varandas, a tempo, em que chegou á porta o commum inimigo na forma e figura da madre soror Clara do Santissimo Sacramento, chamando-a para lhe communicar um negocio muito seu. Não conheceo a madre á primeira vista o embuste; e seguindo a fingida religiosa, o demonio verdadeiro, a foi levando até ao pinaculo, sobre a capella-mór da egreja, onde tirou a mascara, e ficando na figura de um dragão furioso, lançando pelos olhos e bocca chammas de fogo, lhe disse, remettendo a ella: «Agora me has de pagar o que me tens feito.» Poz-se a serva de Deus em fuga, e por não poder adiantar mais os passos, ao pé da escada caiu sem sentidos, com estrondo e vozes de sentimento.

Achava-se n'esta occasião a madre soror Clara, de quem o demonio tomara a figura, recolhida no seu oratorio de Santo Antonio, e ouvindo o estrondo e gemidos, encontrou a desmaiada perseguida, lançada por terra, e procurando saber d'ella o successo. A sua resposta era querer-lhe fugir, na intelligencia de que o mesmo tentador e não a freira, proseguia em tragal-a.

Instava a madre soror Clara na inquirição de qual fosse a causa de seus temores e retiro, e a todas as perguntas só queria satisfazer fugindo, até que dizendo-lhe: «*nome de Jesus, que é isto, que tendes?* poude respirar; e com outras experiencias se veiu a persuadir da realidade do caso, que em tanto cuidado a puzera, e lhe referiu tudo o succedido.

Falleceu em 1710 com 70 annos d'edade.

Soror Angela da Conceição era tambem de paes nobres, e na edade de 3 annos entrou no mosteiro d'Odivellas para se crear na companhia de sua tia D. Catharina, por cognome a Colareja. Depois saiu d'este convento, e um dia, em que pregou n'este mosteiro o padre frei Antonio das Chagas, veiu ouvil-o a rainha D. Maria, segunda mulher de D. Pedro II, trazendo na sua companhia Angela e outras senhoras; e, depois de inflammar os corações de tão luzido auditorio, ao mostrar o Santo Christo com o seu abrasado espirito, proferiu estas palavras: *Não ha quem deixando o mundo se abrase com este Senhor?* Tal impressão fizeram no coração de D. Angela aquellas vozes, como vindas do céo, que logo se sentiu tocada de um movimento interior, ignorando por então a que fim se dirigisse a moção, mas o padre lho declarou logo, porque chegando ella com as mais senhoras a tomar-lhe a benção no fim do sermão, ao ouvido lhe disse: *Toda a pratica fallou com vossa mercê.*

Buscou depois occasião de fallar ao padre, e communicando-lhe o que se passava em seu peito, elle com a sua costumada efficacia, lhe intimou ser vontade de Deus que viesse para este mosteiro. Angela ainda se não decidia; mas um sonho, e um voz que lhe parecia dizer: *Foge! Pois veja que esta que lhe deita o habito é a madre Santa Clara.* E ella ainda se não decidia. Até que uma doença fez com que fizesse o voto de ser freira na Madre de Deus. Fugiu pois, já com 36 annos de edade, para este mosteiro, ficando muito sentidas as commendadeiras de Santos.

Era pontual companheira das que a convidavam para alguns exercicios. principalmente a da *Via Sacra*, em que ella, á imitação das outras, com uma cruz aos hombros corria os Passos; e, como uma noite a qui-

zesse mais pesada e não a podesse, descobrir, disse com o seu bom entendimento: *Assim como a cruz é para o Céo a escada, não é muito que esta escada me seja cruz;* e tomando uma que encontrou de bastante peso, com ella ás costas foi seguindo as outras. (23)

Falleceu em 1717 com 68 annos d'edade.

Diz o chronista que ficou seu corpo flexivel, e sem os horrores de cadaver, pois mostrava o seu semblante alegre e risonho.

A madre soror Ignez do Sacramento era filha de Pedro Salema de Carvalho Cardim, pessoas illustres. Entrou para a Madre de Deus, e, apenas poz os olhos nas freiras, lhe formou o demonio na fantasia com permissão divina, um tal desagrado em seus semblantes, que as suppunha desgostosas da sua companhia, e com pesar de a haverem recebido. (29) Persuadia-se que, tendo ellas rasão, a sua parecida humildade lhe propunha, que tambem ella a tinha, para não professar contra suas vontades; e em tal caso seria melhor largar o habito, que viver n'elle com desagrado de todas. Cresceu a tribulação por modo, que até sentia falta de saude, e pouca disposição para servir. N'estes affectos consultou muitos padres, e supposto que todos lhe diziam esperasse os ultimos votos, nada bastava para socegal-a; e n'esta fórma passou todo o anno do noviciado, com tal trabalho interior que sobre lhe faltarem já os alentos, até se lhe supprimia o pulso. Com as suas mesmas confusões chegou o tempo de se lhe tirarem os votos, e se notou que á entrada do capitulo viram algumas religiosas toda a casa cercada de umas aves brancas desconhecidas, as quaes nem alli podiam entrar, nem jámais foram vistas; isto as moveo a darem os seus votos á noviça, em que reconheciam virtude para as merecer ainda que por outra parte se lhes representava a

sua pouca capacidade para o trabalho de freira reformada (30).

Em todo o tempo que viveu n'este mosteiro, não houve quem lhe notasse uma culpa venial com advertencia; e segundo o depoimento de seus confessores, não perdeu a graça baptismal.

Em umas Matinas reparou uma freira, que o canudo onde se põe uma vela para dar luz á estante do Côro, a não tinha; e dizendo-lhe que o fosse accender, sem replica o fez; e ao mesmo tempo, em que chegava o canudo á outra luz, deram as educandas suas rizadas com tanto gosto, que foi celebrada a sinceridade da serva de Deus.

Sendo perguntada depois como fizera aquelle desproposito, respondeu:

Eu, madre, bem vi que o canudo não tinha vela: mandaram-me accender; fiz o que me mandaram, cega e promptamente (30).

Falleceu em 1712 com 48 annos d'edade.

A madre sor Ignez de Jesus Maria era filha dos condes da Ribeira Grande D. Manuel da Camara e D. Maria Thereza de Mendonça.

Sendo ainda de peito, e estando dormindo no seu berço, entrou em casa uma energumena, tão furiosa com as forças do mau companheiro, que trazia, que investindo com a innocente menina, lhe deu com a cabeça uma tão grande pancada, que na opinião de todos foi julgada por morta.

Quando foram ver a menina, a acharam rindo, como quem já na tenra edade sabia zombar das astucias do tentador. (33).

Tambem na edade de 16 annos fugiu a sua mãe, para, com ajuda do P. fr. Antonio das Chagas, se introduzir na Madre de Deus.

A' sua entrada orou no côro este padre, achando-se presentes a rainha D. Maria, primeira mulher de D. Pedro II, e sua filha a princeza D. Izabel.

Sua vida foi uma série não interrompida de virtudes monasticas.

Falleceu em 1715 com 50 annos d'edade.

A madre soror Maria do Espirito Santo era natural de Vianna do Minho.

Passando em sua casa ouviu pedir esmola á porta dois religiosos franciscanos, e levada de alguma curiosidade os quiz ver, quando a creada lhes foi levar pão (39).

Observou serem ambos de agradavel aspecto, um macilento, e como dessem fé d'ella, pondo-lhe os olhos, com humildes palavras lhe disseram ser vontade de Deus que fosse freira n'este mosteiro de sua purissima Mãe.

Suspensa e movida, lhes pediu a benção e suas orações; e elles, depois de lhe segurarem o bom exito da supplica, lhe disseram ser um fr. Francisco, e outro fr. Boaventura.

Na despedida chegou á janella para ver os seus bons merceeiros, que tão satisfeita a deixaram com o bom annuncio que lhe deram; mas, fazendo-se elles invisiveis a seus olhos, a deixaram intendendo ser o P. S. Francisco e S. Boaventura.

Entrou pois para a clausura com 27 annos de edade. Septe vezes foi enfermeira; anno e meio refeitoreira; provisora por alguns annos; e por muitos boticaria e hospitaleira (40).

Era tal a sua virtude que para qualquer molestia que padecessem as religiosas, n'ella encontravam opportuno remedio, e assim lhe chamavam umas o *seu S. Bento*; outras o *seu Santo Amaro*, e todas o seu Santo Antonio.

Quando a elegeram mestra, foi notavel sua desconsolação, e estranhando-lhe isto uma religiosa, com lagrimas nos olhos lhe respondeu:

Eu não recuso obedecer; sinto, pelo amor, que tenho á minha Religião, estar ella em estado, que se faça um cavallo mestra. (41).

A primeira vez que seu irmão o padre fr. José da Madre de Deus veiu alliviar esta communidade, além de outras provas; com que quiz experimentar a humildade de sua irmã, sem ella o saber, lhe mandou dar duas bofetadas por uma velha: mas quando foi á segunda, a achou já de joelhos para recebel-a (42).

Foi muito respeitada do rei D. Pedro II e da rainha D. Maria, sua mulher, que muito se interessavam em suas orações: e assim mesmo do rei D. João V e da rainha D. Marianna.

Falleceu em 1719 com 82 annos d'edade.

A madre soror Maria Magdalena da Cruz foi meia irmã de D. Luiz Manuel de Tavora, conde da Atalaya.

Fallava a lingua italiana com maior propriedade do que a natural.

Teve grande inclinação á virtude debaixo da espiritual direcção do veneravel padre fr. Domingos da Cruz, o qual pela precisão d'um importante negocio, no seu manto passou o mar á outra banda. (43)

Entrou para a Madre de Deus com 17 annos de edade.

Tambem sahiu d'este convento para o da Luz na companhia das mais fundadoras.

Ouviu em certa occasião fallar em *novilhos*, e sem mais discorrer perguntou:

Se era gente baptisada ou *gentios*?

A pouco e pouco foi perdendo o juizo, mas ella conhecia o seu estado, pois de vez em quando dizia:

Que estava tonta e destampada!

Falleceu em 1720 com 76 annos d'edade.

A madre soror Eufrazia do Espirito Santo era filha dos condes da Atalaya D. Luiz Manuel de Tavora e D. Maria Magdalena de Lima.

Aos 12 annos poseram-n'a em o mosteiro de Santos para se educar. (58)

E aqui esteve recolhida em quanto o conde seu pae foi á embaixada de Saboya.

Depois tambem fugiu para a Madre de Deus, contando então 14 annos d'edade.

Venerava a muitos santos, entre os quaes tinha especial logar S. Pedro d'Alcantara por contemplativo e penitente.

Com tudo isto, pelo baixo conceito que de si fazia, julgava que nada lhe seria meritorio, suppondo-se a maior peccadora do mundo, e esta era toda a força dos seus escrupulos, e que mais lhe fazia temer a morte, que tantos cuidados lhe deu.

Falleceu em julho de 1724 com 59 annos de edade.

A madre soror Thereza de Jesus Maria era filha dos condes dos Arcos, D. Marcos de Noronha e D. Maria Xavier de Lencastre.

Logo que teve uso de razão principiou a inclinar-se ao estado de religiosa, dizendo que o havia de ser no mosteiro da Madre de Deus.

Com effeito seu pae para alli a levou quando ella apenas contava 8 annos d'edade.

Em novembro de 1742 recebeu o habito de educanda (55).

Entregou-se a todo o genero de virtudes monasticas, e expirou em 1751.

Seu corpo ficou flexivel e com apparencias de vivo.

Soror Josefa Marianna da Madre de Deus nasceu na

villa do Carvalhal em 1731, e seus paes eram pessoas illustres.

Quando seu pae lhe fallou em se casar, respondeu:

Que Deus a ajudaria: e que, quando elle mais não podesse, ou a vida lhe faltasse, nunca seu irmão seria tão tyranno, que lhe não desse as suas sopas: e que em casamentos lhe não dissesse mais palavra; porque só o estado de religiosa lhe levava os cuidados. (61).

Concebeu tal horror ao estado de secular, que, fallando-se-lhe depois de freira em que uma irmã sua, por não ter forças para o ser, poderia casar, respondeu:

Maria não ha de casar, nem nenhuma filha de meu pae tomará tal estado! (62).

Era sabia com fundamento na lingua latina, e tinha boa intelligencia de hespanhola.

Teve em casa de seus paes seus estudos de Moral, e d'esta sciencia se valia em seu noviciado para resolver as duvidas ás suas companheiras, em prova de que tudo n'ella era um aggregado de perfeições (64).

Falleceu em 1756.

As disposições, com que acabou esta serva de Deus, se observaram bem no exame que fez da sua consciencia para a ultima confissão, em que só poude descobrir por materia de maior peso o ser vista um dia a matar pulgas (66).

A madre soror Luiza Maria de Jesus foi natural da Lourinhã, onde nasceu em 1674 e filha de paes fidalgos.

Entrou soror Luiza com mais duas irmãs no mesmo dia para a Madre de Deus.

Em primeiro logar pediram a acceitação ao ministro provincial fr. João de S. Lourenço, que á Lourinhã tinha ido visitar o convento que alli havia.

Este lhe prometteu patente de noviça. Depois, em

uma occasião chegando todas a tomar a benção a seu pae, prostradas a seus pés, lhe supplicaram humildemente as quizesse recolher na Madre de Deus, para o que tinham já o consentimento e patrocinio do padre provincial. O pae deu licença só a duas; mas, vencidas varias difficuldades, tambem a outra teve licença de seu pae para ir para o mesmo convento (70).

A madre soror Luiza, vindo a ser vigaria da casa, lavou tres annos a louça: e quem a quizesse lisonjear, havia de ser occupando-a em algum trabalho corporal, e ainda espiritual, rezando as estações das outras religiosas, a que estavam obrigados por suas particulares devoções.

Um dia, em que visitava a sua Senhora das Dores, que n'aquelle tempo se via collocada em um nicho do claustro, observou a imagem mais triste do que de ordinario representava aquelle seu sentidissimo passo pela paixão do Senhor.

Foi logo buscar o confessor da casa, que era o P. fr. Francisco de Jesus Maria, provincial que foi por duas vezes da Provincia, a quem relatou o succedido, e pedindo-lhe fizesse tirar d'ali a sua Senhora, dispondo-lhe uma capella, onde fosse mais venerada, e decentemente assistida.

O confessor, que era cordato, lhe ordenou que por alguns dias fosse observando se a Senhora conservava a mesma acção, ou representação de sentida, segundo a sua fé e devota piedade: e, como não fizesse mudança, calando o motivo, convocou a Communidade, a quem propoz, que elle julgava conveniente, que a Senhora se tirasse d'aquelle logar, e se lhe fizesse uma capella nas varandas (72).

Conveio a communidade na proposta e arbitrio do confessor, que sempre respeitou; e feita a eleição do sitio

para a capella da Senhora, indo a madre soror Luiza visitar logo depois a imagem, a achou muito alegre, e como satisfeita da sua diligencia.

Feita a capella, e collocada n'ella a Senhora, na sua presença eram as maiores assistencias da sua devota serva, visitando-a muitas vezes no dia, onde levava horas e horas esquecidas, e rezando-lhe a sua Corôa das Dores em Cruz, á volta das varandas. Com a mesma devota ternura visitava outra imagem da Senhora da estampa, que estava na casa do sino, fazendo-lhe muitas devoções, até que obrigada a May de Deus de sua cordeal devoção, um dia, em que mais recolhida lhe offerecia certa reza, ouviu de sua maternal piedade estas palavras, que a deixaram cheia de consolação e alegria:

Luiza, eu sou toda tua! (73).

Quem lhe quizesse fazer alguma grande lisonja, seria ensinar-lhe algum acto de amar a Deus ou a Nossa Senhora, differente dos seus costumados, ao que ella costumava dizer: *Esse sim, que penetra ou é penetrativo.* (76).

Para mostrar o amor que tinha á santa pobreza, trazia o exemplo do que o Senhor dissera a uma freira d'este mosteiro: *Dá-me conta da pobreza.*

Quando morria alguem, rezava pelo defunto innumeraveis estações, e dizia: Bem aviada estou! Logo me ponho a rezar até tirar esta alma do Purgatorio (78).

As saudades, que já tinha da Patria, onde tudo é gozo, sem pezar, mostrava a serva de Deus nas suas palavras, como quem não tinha outros cuidados:

Saudades do meu Jesus
Até onde me levais,
Se me daes vida para sentir,
Porque m'a não tiraes para vos gozar (79).

Falleceu em julho de 1756 com 82 annos de edade.

A madre soror, Maria Clara de S. José chamara-se no seculo D. Clara de Noronha, e era filha de Pedro Moniz Pereira e de D. Luiza Jeronyma de Mello.

Sua madrinha deu-lhe uma quinta no Trucifal, mas desde menina teve propensão para a vida religiosa. E com effeito entrou para a Madre de Deus em 1689. Mostrou muito rigor no ordinario sustento e vestido, usando só do mais aspero e grosseiro, e dizendo com muita graça:

Só o grosseiro diz commigo, que o mais é para os fidalgos. (85).

Quando a rainha entrava na clausura, retirava-se para não ser vista, e quando lhe constou que se estava escrevendo a Chronica do Convento, exclamou: *De mim não teem nada que escrever, só se escreverem algumas mentiras!*

Foi devota de Santo Antonio, e recebeu d'este serafico portuguez particulares mercês, e foi a esta que succedeu o caso do rato, «para que nos acabemos de entender que Santo Antonio é Santo para tudo.»

Na mesma sachristia se lhe quebrou a chave dentro de um cadeado, e pondo-o ella á vista do Santo, assim mesmo fechado, lhe disse, que ali estava para fazer o que lhe era preciso; e sem outra alguma diligencia se abriu por si mesmo o cadeado, e ficou com a propria serventia, como de antes para o serviço da sachristia (88).

Não é de menor ponderação o outro successo da chave da grade do Côro, que se quebrou, ficando ella fechada; porque, trazendo-se para dentro a imagem do Santo, que se venera na egreja para se concertar, pegando n'ella a madre soror Clara, disse para as Religiosas: Madres, aqui vem o serralheiro que ha de abrir a grade do côro; e com effeito se abriu, sem alguma outra diligencia.

Falleceu em 1758 com 80 annos de de edade.

O sachristão da egreja o P. José Pacheco, natural de Alcacer do Sal, tambem é digno de especial memoria. E de tal reputação gozava, que, quando disse a primeira missa, teve por padrinhos assistentes o cardeal patriarcha de Lisboa, e o Inquisidor do Santo Officio Nuno da Silva Telles.

Obteve muitas vezes d'el-rei D. João V grandes sommas de dinheiro para bemfeitorias na Madre de Deus. (90).

Fizeram-se no seu tempo todos os ornatos do Sanctuario do Côro e ante-côro, na clausura, obra de boa architectura, com singulares pinturas da vida de Santo Antonio, no alto das paredes: e o sèu chão de xadrez, embutido em madeira de varias côres, da mais custosa: a egreja toda ornada de acasos entalhados e dourados: e um andor de grande custo para a Senhora sahir em procissão no Domingo de Ramos para o interior do mosteiro.

Fez tambem as grades da egreja de pau de ebano, com pilares de pedra embutida; e a sachristia, mudando-a para o logar, qne hoje se acha, toda de novo, com caixões de ebano, e ferragens de bronze dourado, apainelada com a vida de José do Egypto, de excellente pintura, e seu respaldo de talha finissima, guarnecida de particulares reliquias, que tudo chegou a 20 mil cruzados.

Dois relicarios e um rico peitilho da Senhora Madre de Deus foi obra sua, como tambem frontaes de prata, o que tudo importa um grosso capital, e até a cruz de pedra defronte da porta do pateo do mosteiro, com um letreiro em que se pede um Padre Nosso e uma Ave Maria, é obra sua. Passou d'esta vida em 1756 com 63 annos d'edade.

Nos paços chamados de Xabregas (hoje Asylo Maria

Pia) habitou a rainha D. Leonor nos ultimos annos da sua vida, e bem perto d'elles repousa, pois foi sepultada na Madre de Deus.

Alli descança egualmente a duqueza D. Isabel, sua irmã, mulher do infeliz duque de Bragança D. Fernando II, decapitado por ordem de el-rei D. João II seu cunhado. [1]

Nos paços de Xabregas habitaram el-rei D. João III, a rainha D. Catharina, sua mulher, regente, na menoridade do seu neto el-rei D. Sebastião, e n'elles ella morreu.

N'estes paços esteve reclusa o duqueza de Mantua, depois da acclamação d'el-rei D. João IV, no anno de 1640.

E tambem alli, como o leitor viu, S. Francisco de Borja veiu ver se poderia trabalhar para annexar Portugal a Castella.

Depois d'isto D. João IV a rogo da rainha D. Luiza sua mulher, doou os paços de Xabregas á condessa de Unhão, camareira-mór da mesma rainha.

Os marquezes de Nisa succederam na casa de Unhão no seculo passado, e restauraram completamente o palacio.

Era uma habitação esplendida, havia muitos annos desamparada.

Tinha salas, mostravam não terem sido concluidas na ultima restauração, que porventura se havia feito.

A capella (com tres altares) é toda revestida de preciosissimos marmores, sendo os capiteis das columnas de marmore verde, e esculpturas magnificas.

---

[1] Ribeiro Guimarães: *Summario de Varia Historia*, vol. V, pag. 184.

Esta capella pertence hoje ao Asylo de Maria Pia.

E a egreja da Madre de Deus, havendo sido interrompidas as obras de restauração que n'ella mandaram fazer, está fechada ha bastantes annos, não se podendo de modo algum prever quando aquelle templo possa ser aberto, sendo muito de suppôr que o não será durante a vida dos actuaes leitores d'esta Historia das Ordens Monasticas em Portugal.

Todavia que o leitor se não deixe illudir com o beaterio dos conventos n'estes ultimos tempos.

O de Xabregas era um d'aquelles em que prevalecia o costume de içarem dentro de cestos vindimos as mulheres para dentro das cellas dos frades xabregãos.

Nada d'acreditar nos santos e bemditos tempos de que nos falla o mavioso fr. Luiz de Sousa.

As virtudes sempre foram excepção, e os vicios foram tambem sempre regra geral.

Eis o que de mais snbstancial se encontra a respeito do famoso templo da Madre de Deus, um dos mais frequentadós não só pela aristocracia portugueza, mas tambem pelo povo, já para ouvir os milagres occorridos no convento, já para assistir ás profissões e entradas de pupillas, já para assistir ás grandiosas festas ás imagens, já para ouvir os grandes oradores da côrte, e já finalmente para ver a santo sudario em certos dias, e para ver o desfilar das procissões, de Xabregas para a Madre de Deus, e da Madre de Deus para Santos.

Apezar, porém, de tudo isto tambem padeceu muito com o terremoto, e o P. João Baptista de Castro nos descreve os estragos do memoravel dia 1 de novembro de 1755 pelas seguintes palavras:

«Grande ruina experimentou a egreja d'este mosteiro, a qual quasi milagrosamente se susteve aos impetuosos abalos, com que a accommetteu o terremoto.

Levaram as religiosas toda a força d'elle no côro, d'onde uma só sahiu mal ferida na cabeça, que logo melhorou.

Apearam-se as meias paredes da capella mór, a parede do côro correspondente á egreja, e algumas officinas no interior da clausura, que tudo se acha quasi reparado com mão larga pela magnificencia d'el-rei D. José.

Embora Fr. Luiz de Sousa siga a opinião de que os templos devem ser alegres e risonhos, todavia não era isto seguido em Portugal senão como uma excepção. A egreja do convento das Grillas, é escura, talvez porque nossos maiores entendiam que a escuridão era mais adaptada para concentrar o espirito nas verdades eternas.

Mas em compensação, é rica, e muito rica em pedraria e obra de talhas.

As capellas são cinco, e conta alguns quadros. A sachristia nada tem de notavel, e suas janellas deitam para o immenso Tejo.

E em 28 de agosto de 1706 n'ella houve pomposa festa com assistencia d'el-rei D. Pedro II e de toda a côrte, pois n'esse dia se deram por terminadas todas as obras.

Porém a egreja dos Grillos é incomparavelmente maior, embora d'uma só nave.

Apresenta alguma elegancia, principalmente na capella mór. Tem nove capellas, e alguns quadros. A parochia veio para aqui em 1837.

O convento do Beato ou do Monte Olivete, nada historico, e hoje Recolhimento de Nossa Senhora do Amparo, serve de habitação a pensionistas do Estado, a quem o Governo dá casa, botica, e 240 réis diarios. Este asylo de Nossa Senhora do Amparo é fundação d'el-rei D. João IV, em 1644.

Esteve nos primeiros tempos á Mouraria em Lisboa,

e fôra destinado para servir d'asylo ás filhas dos militares e magistrados pobres.

Cumpre, porém, dizer algumas palavras ácerca da historia, embora pequena da capella de D. Gastão, que nos ficava á direita indo para o Grillo, e da qual nem vestigios se encontram. É residencia d'um particular.

D. Gastão Coutinho, um dos quarenta fidalgos, que concorrerem pora a liberdade da patria, foi mandado a render a fortaleza de Cascaes, e entrando n'ella á força, a 10 de dezembro, lá encontrou uma imagem de Nossa Senhora do Rosario, e trazendo-a comsigo lhe mandou erigir uma ermida, onde a referida imagem foi collocada em junho de 1644.

No anno de 1652 instituiram D. Gastão Coutinho e sua mulher D. Isabel Ferraz um morgado, em que (por não terem filhos) nomearam para successor d'elle a seu sobrinho Luiz Gonçalves Coutinho da Camara, a quem mandaram comprasse um fôro, que tinha a quinta, onde estava a ermida, e a mettesse no morgado, com o fim de que a ermida, á qual deram o titulo de Nossa Senhora do Rosario da Restauração, fosse cabeça d'elle; e se mandaram enterrar na mesma ermida, em dois magnificos tumulos com epitaphios.

Além d'isto instituiram quatro capellães perpetuos para missa diaria pelos instituidores.

Mandaram tambem edificar defronte casas para residencia dos capellães da ermida. N'esta celebrava-se annualmente pomposa festa á imagem da Senhora, e erguiam-se por essa occasião no templo as bandeiras que D. Gastão Coutinho havia arrancado aos hespanhoes na propria Hespanha, e aos mouros em Tanger [1].

---

[1] *Sanctuario Marianno*, vol. I.

Por essa occasião era extraordinario o numero de pessoas que íam ver aquellas gloriosas bandeiras, e os caminhos estavam apinhados de povo. Era uma das mais celebres romarias para o povo de Lisboa.

Consta do archivo da camara municipal: que o conde de Castello Novo, presidente do senado, e mais vereadores, querendo formar em Lisboa mais quatro chafarizes, e constando-lhes que Diogo Soares, secretario de estado de Portugal em Madrid, e sua mulher D. Marianna d'Eça, possuiam uma grande nascente na sua horta do Valle de Chellas, foram á dita nascente fazer vistorias em 16 de fevereiro e 2 de março de 1663, levando Ferrão Ferreira, medidor das obras; Domingos Rodrigues, mestre das ditas; e outros, os quaes fazendo suas experiencias, medições e orçamentos, assentaram:

«Que a nascente dava 16 anneis d'agua, com os quaes se podiam formar 3 chafarizes; que da dita nascente até á quinta do Terreiro do Trigo, aonde se devia formar uma arca de agua, havia em distancia 1:424 $^1/_2$ braças de 10 palmos cada uma: que entre estes dois pontos havia 45 $^1/_4$ palmos d'inclinação de terreno; e que para este encanamento se precisavam aproximadamente 61:555 cruzados.

Esta horta era foreira ao extincto convento de Santo Eloy, em 2$400 réis, com o dizimo das novidades; e por isso se lavrou uma escriptura aos 10 de abril de cada anno, nas notas do tabellião Corrêa, entre o directo senhor e o emphyteuta, impondo-se 1$000 réis de fôro em uma terra de pão que era livre na estrada da Charneca, onde chamam os Junqueiros, ficando assim pagando de fôro annual 3$400 réis, para que a agua d'aquella nascente lhe ficasse livre, e d'ella podesse dispor: depois do que, por outra escriptura de 14 do

dito mez, fez d'ella venda ao Senado por 12 mil cruzados, como por emprestimo, recebendo o juro de 20 por milhar (5 por cento) das quantias que fossem ficando em divida; estipulando-se mais, que por quaesquer obras, encanamentos, etc., que se precisassem fazer por dentro da sua horta, nenhuma indemnisação receberia, por quanto tudo ficava incluido na mesma venda.

Por escriptura de 4 de outubro seguinte, se deram 2:600$000 réis, e por outra escriptura de quitação de 21 de dezembro do mesmo anno recebeu mais réis 2:200$000; finalmente, em 16 de setembro de 1634, recebeu 99:180 ½ réis por saldo de todo aquelle contracto.

Para o senado poder ultimar estes pagamentos, pediu por emprestimo a 6 differentes mutuantes o capital de 3:040$040 réis, de que a camara ainda hoje paga o juro de 152$002 réis por anno.

Não se levou a effeito a conducção d'esta agua até Lisboa, e tão sómente se fez o encanamento até onde se achava ha poucos annos a bocca ou fonte da Samaritana.

O dito encanamente vem pela cerca do convento da Madre de Deus, e no anno de 1634, sendo vereador do senado o conde barão, este particularmente permittiu ás freiras abrirem um registo n'aquelle encanamento, para levarem, como se disse, a fonte da Samaritana, que merece pela sua antiguidade, recordações e architectura algumas palavras.

Na sua sachristia ha a precisa agua para o lavatorio; mas em 1694, como se sentisse grande falta de agua n'esta bica, mandou o senado fazer uma vistoria pelo vereador do pelouro das obras, o desembargador Luiz de Focos de Sousa, e o mestre da cidade.

Então se conheceu a existencia do dito registo: de outro encanamento por onde se divertia a agua; e que as *freiras* não só tiravam a precisa para o lavatorio, mas ainda outra porção para seu uso; e isto tendo dentro de seu claustro uma excellente fonte, e na portaria um abundante poço, pelo que o senado consultou em 2 de junho do mesmo anno, sendo de parecer que aquelle registo se tapasse, e assim foi resolvido em 4 do dito mez.

Por esta occasião, isto é, em 22 de julho seguinte, consultou o senado que junto ao rio de Xabregas havia uma horta a que chamavam do Moço, a qual pertencia á fazenda real: e, porque aquelle encanamento passava alli por cima de um muro, dando isto logar a frequentes roubos d'agua, pedia licença para se fazer outro novo encanamento por baixo do chão; e assim foi resolvido em 28 do mesmo mez.

Pode-se, pois inferir, que a fonte da Samaritana fôra transferida para o sitio, onde actualmente a vemos, quando se começaram a fazer os encanamentos para trazer a Lisboa a agua de Chellas, com o intento de augmentar o provimento da cidade com mais quatro chafarizes.

Tambem é verosimil que fosse removida do pé da egreja da Madre de Deus, onde a rainha D. Leonor a mandara construir, quando o antigo Paço de Xabregas foi reedificado pelos marquezes de Nisa, no seculo passado, herdando-o da casa de Unhão, que o possuia por doação que d'elle fizera el-rei D. João IV á condessa camareira mór da rainha sua mulher.

N'este sitio offerece o Tejo um panorama deslumbrante por causa da sua amplidão. Mais parece um mar do que um rio.

E suas margens fronteiras trazem-nos á lembrança

as costas de Portugal banhadas pelo Oceano. No entanto um tal espectaculo não desperta alegria, mas sim infunde no espirito uma certa melancholia, á qual os portuguezes homens scismadores são attreitos, mas que sobe de ponto ao vermos o Tejo despejado d'embarcações, como d'aquelles navios que tanto realce davam a este grande rio, e que sahindo do Tejo iam mostrar as quinas portuguezas em todos os recantos do Universo. Encontram-se depois os grandes armazens de Villa Pereira, com duas pontes de madeira sobre o rio [1].

E a poucos passos achamo-nos em frente da quinta da Mitra, que pertenceu aos patriarchas de Lisboa. Desde remotas epochas houve ali paço para os prelados da Sé de Lisboa, mas o da *Mitra*, como é vulgarmente conhecido este de que estamos a fallar, é obra do primeiro patriarcha de Lisboa, que foi D. Thomaz d'Almeida, e onde este patriarcha deu um sumptuoso banquete ao cardeal Odi, nuncio apostolico n'este reino e senhorios, quando em 1744 se retirou para a Curia Romana. [2]

Foi tambem este patriarcha, quem, segundo assevera o panegyrista abaixo mencionado «mandou fazer a ma-

---

[1] Em 1149 el-rei D. Affonso Henriques doou á Sé de Lisboa trinta casas para morada dos conegos, e mais ministros da Sé, e todas as rendas e terras de Marvilla. que possuiam as mesquitas dos mouros.» D. Rodrigo da Cunha: Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa, folh. 70 v. Lisboa, 1642. E esta doação foi confirmada por el-rei D. Sancho I em 1206. Id. folh. 71. E a metade de Marvilla para habitação e sustento de seus ministros. Id. id. folh. 72.

[2] Fernando Antonio da Costa Barroso: Elogio historico e vida de D. Thomaz d'Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa, 1[illegible] pag. 131.

gestosa calçada da estrada, pondo-lhe dois obeliscos defronte da porta com as suas armas.

Fez uma capella magestosamente ornada a Nossa Senhora da Conceição, e n'ella mandava quotidianamente celebrar o sacrificio da Missa, para que aquelles visinhos se aproveitassem: renovou as casas do palacio, enriquecendo de boas pinturas, nobres tapeçarias, e primoroso ornato, assim mais a grande copa das cozinhas, que é tudo uma cousa muito importante.» [1]

A meia legua de Lisboa, para a parte do oriente edificou em epocas romotas, um abbade de Alcobaça, por nome D. fr. Estevão de Aguiar, um mosteirinho ao qual vulgarmente chamavam *oratorio*, em honra do patriarcha S. Bento.

Porém muitos annos depois D. Izabel, mulher d'elrei D. Affonso V, teve desejos de fundar n'este sitio um convento dedicado a S. João Evangelista.

Os desgostos e dissabores da sua amargurada vida não lhe deixaram realisar o seu desejo, mas não deixou de lançar mão do ensejo para em seu testamento ordenar que empregassem 28 mil corôas de ouro, que faziam parte do seu dote, na fundação de um convento em honra do referido Santo, e que um tal mosteiro fosse doado aos Bons Homens da Congregação de Villar de Frades, isto é, áquelles frades conhecidos em Portugal pelo nome de Loyos.

Embora a quantia legada para uma tal fundação fosse mesquinha, pois o chronista diz que apenas corresponderia a uns 60 mil cruzados, D. Affonso V quiz que a vontade da testadora fosse cumprida.

Em primeiro logar mandou pedir ao abbade de Al-

---

[1] Id. id. pag. 150 e 151.

cobaça o sitio, em que se achava o mencionado oratorio.

O abbade não sómente annuiu, mas até mesmo desejando ser agradavel, em documento publico, lavrado em 18 de dezembro de 1455, cede, em favor do projectado mosteiro, da horta, vinha e passaes pertencentes ao antigo oratorio de S. Bento. El-rei, porém, não acceitou a cedencia gratuita.

Manda que o padre João Rodrigues vá tomar posse, e dá as ordens necessarias para que os frades d'Alcobaça sejam indemnisados como já se disse no primeiro volume.

Mal a posse foi tomada, começou a edificação do convento de S. João Evangelista.[1]

Era, porém, a egreja obra mesquinha, segundo dizem os livros que de tal assumpto tratam.

Paredes toscas e humildes. E de tão pouca solidez que, não muitos annos depois, estavam arruinadas, e promettiam desabar.

Alguns concertos tinha mandado fazer el-rei D. Manuel, tornara-se, porém, indispensavel um novo templo.

A uma tal empresa mette os hombros o padre Antonio da Conceição.

Apenas possuia uns sete tostões que tinha ajuntado das esmolas das missas; mas, apesar de ser extraordinariamente diminuta uma tal quantia, enche-se de brios e coragem, e vae ter com os fidalgos ricassos d'aquelle tempo.

Como era d'esperar n'uma tal época, e para um tal fim, foi perfeitamente bem acolhido.

---

[1] P. Francisco de Santa Maria: O ceu aberto na terra, isto é *Chronica dos Frades Loyos*. Lisboa, 1697, pag. 469.

Miguel de Moura, tão fallado em os nossos annaes, abre suas arcas, tão liberalmente, que o pontifice Clemente VIII lhe remette um breve de agradecimento.

A casa, porém, do conde de Linhares, não fica inferior em generosidode, e os frades, em agradecimento, lhe entregam a capella-mór para jazigo d'esta mesma familia.

O chronista logo diz: «que a capella-mór, acabada em 1622, em grandeza e perfeição, não tinha segunda em Lisboa.»

E' uma verdade purissima.

Em tal asserção não ha as rhetoricas e amplificações de fr. Luiz de Sousa.

O esqueleto ainda existe, e, embora nu, secco e mirrado, mostra haver sido de proporções quasi gigantescas.

Mas se o considerarmos antes como um craneo o resto do corpo está em harmonia, isto é, nas devidas proporções.

Era um templo grandioso, embora d'uma só nave, amplissimo, por extremo alegre e claro, alto e magestoso.

Construcção de ordem dorica, de cantaria polida e de jaspe brunido» eis as palavras do chronista.

Eram cinco por banda as capellas do corpo da egreja, com duas no cruzeiro, e, contando a capella-mór, perfaziam o numero de 13.

Fôra este convento mui frequentado dos antigos reis de Portugal e das pessoas distinctas, tanto na jerarchia ecclesiastica como secular.

Varões distinctos, dando de mão ás illusões mundanas, alli foram acabar seus dias.

Importantes doações lhe foram feitas em varios tempos.

A capella-mór quasi que foi mandada fazer por D. Joanna de Noronha, filha do conde de Linhares, D. Francisco de Noronha. [1]

O côro era tão espaço e alegre, que d'ella dizia um duque d'Aveiro:

«Que os religiosos d'aquelle mosteiro não podiam ir contra vontade ao côro.»

O frontespicio era obra sumptuosa e elegante com duas torres e sinos, tudo grandioso.

E a entrada para o templo ficava por debaixo d'um arco de excellente architectura.

O dormitorio grande foi mandado fazer no reinado de D. Sebastião, com o producto da venda de uma cruz de ouro, que se vendeu por mais de tres mil cruzados.

Esta cruz, segundo assevera o chronista fôra mandada fazer por el-rei D. João II com o primeiro ouro vindo da Costa da Mina, cruz dada ao convento como uma indemnisação d'outra que d'elle tinha levado D. Affonso V, e não fôra restituida.

Entre as pessoas notaveis que residiram n'este convento, enumeraram-se D. Estevão d'Aguiar, o qual, renunciando a abbadia d'Alcobaça, veiu para o Beato com o fim de aqui findar seus dias. Veio n'este mosteiro tambem terminar seus dias Roberto Fontana, colleitor n'este reino, com poderes de nuncio. D. Gomes da Rocha, commendatario do mosteiro de Pombeiro e bispo de Tripoli: Dr. Pedro Margalho, mestre do cardeal infante D. Henrique: padre Antonio Vaz: e D. Fernando Alvres de Toledo, duque d'Alba.

O famoso heroe e vice-rei da India D. Luiz d'Athayde, deixou a este convento dinheiro para se comprarem

---

[1] V. vol. I. pag, 84.

400:000 réis de juro para obras pias, e o mesmo praticaram muitas outras pessoas notaveis.

Á vista do exposto não é para admirar que muitissimos varões illustres procurassem sua sepultura na egreja do Beato.

No concavo das paredes da capella mór havia quatro ricos tumulos. No primeiro, da parte do Evangelho jazia D. Antonio de Noronha, primeiro conde de Linhares, fallecido em 1551.

O segundo era destinado para D. Francisco de Linhares, que não chegou a ser enterrado d'elle. No primeiro do lado da epistola foi sepultado D. Fernando de Noronha, terceiro conde de Linhares, fallecido em 1609.

E no segundo D. Antonio de Noronha, primeiro filho do 2.° conde de Linhares, e morto pelos mouros em Ceuta no anno de 1553.

Pelo chão do corpo da egreja encontravam-se tambem um grande numero de sepulturas, e entre outras achavam-se as seguintes:

1,° do P. Gonçalves, terceiro geral da congregação dos Loyos, fallecido em 1480.

2,° de João Rodrigues, segundo geral e confessor de Affonso V em 1477.

3.° de D. Estevão d'Aguiar, fundador do oratorio de S. Bento, em 1461. Deve, porém, notar-se que na Alcobaça Illustrada se lê a data de 1446. [1]

4,° D. João d'Azevedo, bispo do Porto, em 1517.

5.° D. Agostinho Ribeiro, bispo d'Angra, de Lamego, e reitor da universidade em 1549.

6.° D. Fernando de Sequeira, bispo de Safim, em 1512.

---

[1] Fr. Manoel dos Santos: *Alcobaça Illustrada*, pag. 264.

7.º Roberto Fontana Mondanez, colleitor apostolico em 1584.

8.º Fernando Annes, arcediago de Santarem, no anno 1498.

9.º Isidoro Tristão, abbade d'Alcobaça, esmoler mór d'el-rei D. João II.

A maxima gloria, porém, d'este mosteiro foi o beato Antonio. A villa de Pombal havia sido sua patria. Ainda novo entrou para a ordem dos Loyos no convento de S. João Evangelista.

Entregou-se com o maior fervor ás penitencias, jejuns e macerações proprias d'aquella época.

Passou depois para o convento de Xabregas, ou, como então se dizia vulgarmente *d'Enxobregas*. Aqui seguiu o mesmo theor de vida, e adquiriu fama de santidade; e ainda mesmo em sua vida despovoava-se Lisboa aos domingos e dias santos, pois todos queriam ir ver o Beato Antonio.

Falleceu com 80 annos de edade, em 1602 [1] mas a devoção manteve-se intacta até 1834, época da extincção dos conventos em Portugal.

E nada comprova melhor a fama que tinha de milagroso do que a seguinte certidão passada por el-rei D. João IV: CERTIDÃO D'EL REY. Quando o infante D. Affonso, meu muito presado e amado filho esteve doente, vendo que os medicos todos desconfiavam da sua vida, e lembrando-me da devoção que o Duque, meu senhor e pae, teve sempre ás cousas do B. Padre Antonio da Conceição, religioso da Congregação de S. João Evangelista, mandei trazer algumas reliquias suas, e quando

---

[1] P. FRANCISCO DE SANTA MARIA. Saphira Veneziana e Jacintho portuguez. Lisboa, 1677.

chegaram com ellas estava o Infante em tal estado, que entendiam os medicos todos, podia durar muito poucas horas, e o julgavam por quasi morto; porém no mesmo ponto, em que as ditas reliquias lhe tocaram, elle começou a melhorar de maneira, que recebeu saude perfeita; e assim fiquei attribuindo aos merecimentos e intercessão do mesmo V. Padre a mercê, que Deus lhe fez da vida. Assim o affirmo pelo habito de Nosso Senhor Jesu Christo.

Lisboa 12 de dezembro de 1643. [1]

A rainha n'outro attestado tambem asseverou o mesmo. E á vista de certidões taes como não havia de augmentar a devoção para com o Beato Antonio, e como não haviam os frades (ou antes conegos) medrar nos seus rendimentos?

Decorreram annos. A revolução franceza tornou os povos menos credulos e mais altivos. O resultado foi aquelle que no principio do corrente seculo já era facil de prever — o gigantesco edificio foi a terra! E o mosteiro do Beato Antonio servio por algum tempo de quartel a tropas, e n'um tal mister estava occupado, quando o fogo lavrou n'elle em 1836.

Espalharam o boato de que o fogo de proposito fôra deitado para sahirem d'alli as tropas.

Mas quer assim fosse, quer não, o caso é que o incendio foi atalhado, e não causou grandes estragos.

Decorridos porém annos a egreja e o convento foram vandalicamente vendidos.

O novo possuidor destinou a sua acquisição para fabrica e para depositos.

---

[1] É porém, de notar que, segundo vemos na Chronica da Arrabida, os frades d'esta ordem tambem attribuiam aos seus santos a cura do infante.

Pediu por isso aos descendentes dos antigos condes de Linhares que d'alli mandassem remover as ossadas dos seus maiores.

Os descendentes fizeram ouvidos de mercador, e nenhuma solução deram; e parece até mesmo que declararam não quererem saber d'aquillo para nada, e o proprietario da egreja mandou então que tirassem dos tumulos as ossadas, e foram lançadas todas dentro de um carneiro ou subterraneo na primeira capella que nos fica á direita, olhando para o côro.

Os ossos d'aquelle que foi morto em Ceuta, estavam reduzidos a pó.

Achou-se, porém, dentro d'um tumulo um craneo de creança (da qual o chronista não falla) em perfeito estado de conservação.

Os tumulos acham-se servindo de soccos ao engenho novo na casa da caldeira no intervallo que ha entre as portas.

No entanto os epitaphios ainda existem nos mesmos logares, que anteriormente occupavam na capella.

Pelos intervallos deixados pelas pipas ainda podemos ver as letras. Taes são as vicissitudes das cousas humanas.

A egreja existe!...

Não digo bem, existem as paredes, o tecto e o côro d'aquella que foi a magestosa egreja e ufania dos frades loyos.

Paredes nuas, esburacadas, privadas da cantaria, em summa, como aquellas que ainda hoje em Lisboa se veem do magnifico templo de Santo Antão.

Tambem alli temos no azulejo a popular historia dos sete alfaiates a matarem uma aranha.

Mas, talvez por ser a pintura estrangeira, acha-se aqui um pouco variada.

A pobre aranha lá se vê na parede: dois brutamontes com paus na mão, parecem dispôr-se a descarregar pauladas, ambos ao mesmo tempo; mas antes d'isso uma dama mui gentil e donairosa, com o seu sapato na mão, sorrindo-se, vae serenamente esborrachar o aranhiço, do qual os homens parecem um pouco hesitantes em se approximarem.

São egualmente mui interessantes os azulejos que n'outra casa representam scenas americanas.

E' de suppor que aquelles azulejos alli fossem postos no reinado de D. João V.

Na escadaria ha tambem azulejos representando uma batalha e a reconstrucção d'um edificio. Ainda existem duas estatuetas na balaustrada, faltando outras duas, pois ao todo eram quatro,

O refeitorio tambem existe, e em bom estado de conservação: serve actualmente para adega. Fica por cima d'este refeitorio a Bibliotheca, a qual chegou a ter uns dez mil volumes.

As elegantes torres da fachada foram apeadas ha dez annos. [1]

Deram-lhes uma outra fórma com o fim de não apresentarem o aspecto da fachada da egreja, e tambem para empregarem a cantaria em varias obras.

A egreja, além de deposito serve tambem de casa de trabalho.

No exterior, com communicação para a rua, e á esquerda da porta principal, ficava o famoso embrechado. Era uma especie de capellinhas, revestidas de pedrinhas grutescas, e conchinhas de varias cores, formando bonitos embutidos. Dizem ter sido n'este sitio a

---

[1] Estou escrevendo isto em fevereiro de 1888

cella do Beato Antonio. Parece que eram tres as cellas, mas tudo aquillo está quasi reduzido a um montão de ruinas.

As ricas portas da egreja servem hoje de portas para a fabrica, e o sino dos frades, que n'outras eras com seu plangente som chamava os fieis á oração, sobreposto á fachada annuncia hoje as horas aos 200 operarios d'aquellas fabricas e officinas.

O chefe de familia ia com seus filhos e mulher ao Beato visitar o embrechado. Pela centessima vez na sua vida ia risonho contemplar a imagem do beato Antonio ajoujado com um sacco de chouriços ás costas, e o sacco a romper-se, e os chouriços a cahirem, e o fradinho sem de tal dar fé.

O chefe de familia gostava de ver, e os filhinhos riam ás bandeiras despregadas, em quanto a mãe de joelhos fazia sua fervente oração ao beato. Depois entrava na grandiosa egreja dos Loyos, e mais uma vez contemplava as imagens, exaltava e engrandecia a grandeza do templo, e depois deitava a benta esmola no mealheiro do santo mais da sua devoção.

A' sahida, em caminho da cidade, não deixariam com toda a certeza d'entrar na egreja conventual das freiras grillas, e depois de feitas suas rezas, diria o marido á mulher algumas palavras relativas á belleza d'aquelle templo, e ao rigor da vida das freiras.

Nem sequer podiam saber quando lhes morria algum parente!

Apenas ouviam da prioresa as seguintes palavras:

Rezemos um padre nosso e uma ave Maria por alma do parente d'uma nossa irmã, que se finou! Depois iriam atraz do altar mór rezar por alma de D. Maria Luiza de Gusmão, a varonil esposa de D. João IV que ali se acha n'uma cavidade atraz da capella mór! Depois de terem rezado por alma d'esta finada, não se

poderiam conter sem entrarem no convento dos Grillos de Nossa Senhora do Monte Olivete, e aqui se fosse quaresma, não deixavam d'assistir ao sermão, e contemplar as capellas e as santas imagens uma a uma. Renderiam principalmente suas homenagens a Nossa Senhora de Capacavana, copia exactissima da imagem d'esta Senhora existente no Perú.[1]

D'esta egreja sahiriam os piedosos romeiros repletos de consolações espirituaes, e não deixariam d'entrar na ermida de D. Gastão, não muito distante, e á esquerda. Em seguida entravam na egreja conventual de S. Francisco de Xabregas, com o fim principal de ver o Calvario, e de admirar as rubicundas caras d'aquelles malditos judeus e phariseus.

E penetrados d'um santo zelo exclamaram: Oh! Bemdita Inquisição, que não deixas pôrem os pés em ramo verde áquelles reprobos e malditos!

D'aqui sahiriam muito contrictas e humilhadas (tendo antes lançado seus olhares para o melancholico Tejo e para as povoações que o orlam na margem opposta) iriam na antiquissima fonte da Samaritana beber uma tarraçada d'agua, para refrescarem os labios sequiosos.

Não deixariam tambem de entrar na devotissima egreja da Madre de Deus, que fica a poucos passos. E a vista do Menino Jesus lhes orvalharia os olhos, e os moveria a fazerem a promessa d'uma novena pelo Natal.

Repletos de consolações espirituaes iriam os piedosos perigrinos em caminho de casa, pensando talvez em irem ao espectaculo no theatro do Salitre ou da rua dos Condes.

---

[1] Fr. Agostinho de Santa Maria; Sanctuario Marianno, vol, I. pag. 477.

Mas, nas alturas do convento de Santos, embora entertidos em conversas a respeito da linda sachristia da Madre de Deus, e dos seus ricos paineis em que estava representada a historia do José de Egypto, ouviriam talvez o chiar de rebecas, o som de flautas, e veriam um rancho.

Que será aquillo? — perguntariam a uma robicunda bolacheira velha, ou a um vendedor de pastellinhos de Santa Martha.

Pois não veem? Lhe responderia. Vão dançar a fôfa. Ai que horror: exclamaria a mãe, e com seus filhos pela mão deitaria a correr, seguida pelo marido tropego.

Mas eis senão quando ouvem-se vozes: Um touro! Um touro! Fujam. E no mesmo instante ouve-se um chocalho. A assarapantação não póde ser maior. Escorregam, e cahem no chão.

Mas d'ahi a pouco passa o susto. Não fôra um touro: mas sim um mulato que vinha a correr pela rua com um chocalho ao pescoco, castigo que lhe fóra imposto por sua patroa como paga d'uma maldade que praticára. [1] E a mãe jubilosa por se ver livre do perigo, começaria a gritar: Milagre! Milagre que fez a Senhora da Madre de Deus!

Cumpre, porém, dizer mais algumas palavras ácerca do celebre convento do Beato.

Para este foram em 1787 removidos os ossos da infanta D. Catharina, filha d'el-rei D. Duarte, escriptora celebre; a qual jazia na egreja conventual dos Loyos em

---

[1] Quem duvidar da probabilidade d'este facto, queira ler: Vida de Gomes Freire de Andrade, general de cavallaria do reino do Algarve, composta por Fr. Domingos Teixeira. Lisboa, 1727. Vol II. pag. 128.

Lisboa, [1] convento onde foi depositada no anno de 1463 n'uma sepultura.

Esta foi aberta na presença de testemunhas a 17 de dezembro de 1695, com o fim de examinarem o que dentro se achava, e então encontraram: «uma caveira humana, com uma ossada, tambem de corpo humano, que mostrava haver sido mettida n'aquella sepultura já depois de consumida a carne d'aquelle corpo, e com ella um panno que mostrava haver sido de côr azul, corrupto, e quasi todo desfeito pela antiguidade do tempo.

Nas obras que em dezembro de 1883 se estavam fazendo no resto do convento dos Loyos em Lisboa para augmento do quartel da Guarda Municipal, encontrou-se o tumulo d'esta infanta, tumulo que estava na capella da Assumpção, mas aberto, e com uma pequena falha na pedra, no sitio em que introduziram o ferro para levantar a campa, talvez quando d'ali em 1787, removeram os ossos da infanta para o vão da capella mór do Beato.

O epitaphio d'este tumulo combina, exceptuadas algumas insignificantes discrepancias orthographicas com o que vem no livro de Thomaz José d'Aquino, a pag. 9 da obra mencionada. E é do theor seguinte: Aqui jaz a infanta D. Catharina, filha de El-Rey D. João I. Irmãa del rey D. Affonso V. tia de el-rey D. João II, a qual estando esposada com Carlos, Principe de Navarra e Aragão, e com Duarte IV Rey de Inglaterra, sem se effeituar alguns dos casamentos, falleceu de 27 annos, sexta feira 17 de junho de 1463».

---

[1] Thomaz Joseph de Aquino: Prologo á reimpressão da Perfeição da Vida Monastica, traduzida pela infanta D. Catharina. Lisboa, 1791. pag. 8.

Diz Thomaz José de Aquino que fôra o P. Jorge de S. Paulo, loyo, quem por mandado dos prelados lhe poz este epitaphio: «ha poucos annos.» Effectivamente a letra é muito moderna.

Ficando a egreja dos Loyos em Lisboa arruinadissima por causa do mencionado terremoto, trataram de trasladar os restos da infanta para a egreja do Beato.

Pediu-se licença á rainha D. Maria I, foi concedida, e a trasladação se fez no dia 17 de janeiro de 1787, e foram os ossos collocados na parede do fundo do vão da capella mór, n'uma abertura que de proposito praticaram para tal fim.

Isto é, ficou a sepultura olhando para a porta principal do templo, e então lhe poseram o seguinte epitaphio: Catharina Lusitaniae Infans, Eduardi et Eleonorae Regum filia: obiit Olisipone XV Kal. Julii. A. D. M. CCCC 4XII. translata VII Kal. Februari, A. D. M. DCC. 4XXXVII.

Decorreram annos e as ordens monasticas foram, como todos sabem, extinctas em Portugal. O comprador do edificio dos Loyos ao Beato transformou-o n'uma grande fabrica.

Requereu ao governo para remover d'aquelle sitio para logar decente os restos mortaes da illustre filha de D. Duarte.

O governo nunca deu resposta. Pediu, rogou, instou com os descendentes dos fidalgos que n'aquelle recinto tinham jazigos, a que removessem d'aquelle tumulo as ossadas ou os tumulos de seus illustres avoengos. Alguns responderam que não queriam saber d'aquillo para nada. E á vista do exposto praticou o que muitos outros tambem praticariam.

E' porém mister dizer mais algumas palavras ácerca do convento de Nossa Senhora da Conceição de Mar-

villa [1] que é aquelle que o leitor vae agora encontrar no seu passeio. E por signal que lhe fica á esquerda, e muito perto d'uma estação do caminho de ferro.

As fundadoras d'este convento vieram do Real Mosteiro de Sion, no sitio de Mocambo em Lisboa, para onde se tinham abrigado algumas freiras inglezas perseguidas pelos lutheranos, e mandadas sahir d'aquelle paiz.

Aportaram á barra de Lisboa em 20 de março de 1594, e mandando informações ácerca de quem eram, foram no dia immediato buscal-as as pessoas de maior distincção que tinha a Côrte, e as levaram para o real convento da Esperança. [2]

E, passados alguns dias as levaram para umas casas no sitio de Mocambo, casas que poucos dias antes haviam sido confiscadas.

E el-rei D. Filippe II lhes mandou dar uma larga esmolla, e lhes consignou uma congrua para seu sustento. E, n'uma palavra, toda a nobreza de Portugal as honrou e favoreceu.

Houve então uma pessoa devota que offereceu doze mil cruzados para fundação d um novo convento, e outra pessoa tambem offereceu uma esmolla bastante avultada.

E resolveram então fundar o novo convento n'uma quinta d'um arcediago da Sé de Lisboa.

Mandou então a madre Brizida, freira virtuosa e mui conhecida n'aquelle tempo, chamar o arcediago, e á queima roupa lhe dirige as seguintes palavras:

---

[1] Soror Maria Magdalena de S. Pedro: Noticias fielmente relatadas dos custosos meios por onde veiu a este reino a religião Brigitana, etc., Lisboa, 1745.

[2] As freiras inglezas que vieram para Portugal eram 23.

«Senhor, quando eu estava no mundo, me disse o veneravel padre Antonio da Conceição que eu havia de fundar um convento para aquella parte de S. Bento de Xabregas, no qual sitio me dizem tem V. Senhoria uma quinta.

Se m'a quizer vender, buscarei dinheiro para lh'a pagar.

E se m'a quizer dar, pagar-lh'a-ha Deus Nosso Senhor e o meu santo.

Respondeu o arcediago: Senhora, tres quintas tenho eu em Marvilla: se é vontade de Deus, todas as dou a vossa mercê.

Levantou então a madre os olhos e as mãos ao Ceu proferindo ao mesmo tempo estas palavras:

Que veja eu, Senhor, cumpridas as profecias de vosso servo! Bemdito sejaes, e louvado eternamente! [1]

Occorreram, porém, alguns contratempos, porquanto el-rei D. João IV mostrava repugnancia na fundação de novos conventos [2], nem mesmo annuindo aos pedidos da fidalguia.

A madre Brizida, porem, animosa empunha a penna, e escreve a seguinte carta ao monarcha:

JESUS MARIA JOSÉ

Meu rei e senhor, antes que entrasse na religião, que ha mais de cincoenta e tres annos, me disse o veneravel padre Antonio da Conceição de um mosteiro que eu havia de ter: agora m'o dá Deus.

Por amor de Nosso Senhor e de Nossa Senhora da

---

[1] A madre Brizida por sua morte deixou oitenta mil cruzados a este mosteiro.

[2] Id., id., pag. 30.

Conceição, que ha de ser o orago do convento e do meu Santo Padre, me faça V. M. mercê de me dar licença para o dito mosteiro: e da grandeza e grande piedade de V. M. espero me faça este favor, despachando-o V. Magestade só por si, para que tenha mais brevidade.

Nosso Senhor accrescente a vida e estado de V. Magestade por muitos annos. Amen, amen.

Serva e oradora de V. Magestade.

Soror Brizida de Santo Antonio.

Todos esperavam que escrevendo ella a el-rei, estivesse o negocio feito. Mas não succedeu assim.

Foram as pessoas reaes para Salvaterra, e alli foi el-rei accommettido d'um terrivel accidente.

Foram muitos os remedios que se lhe applicaram, mas muitos mais os cuidados da rainha.

E assustada mandou logo pedir á madre Brizida lhe valesse com suas orações.

Ao que esta respondeu:

Que se S. M, desse licença para se fundar o seu convento, melhoraria.

Foi então a rainha ter com o rei, e este assignou a licença, e immediatamente começou a melhorar. E foi tão veloz a melhoria, que em a noite d'aquelle mesmo dia foi o rei assistir ás matinas.

Veiu logo o marquez de Gouvea, com grande alvoroço dar a noticia á madre Brizida das melhoras do monarcha, e de se ter alcançado a licença para se poder fundar o mosteiro, e a madre lhe disse;

Ha muito tempo, que eu tinha assegurado a V. Excellencia que este meu despacho havia de vir por cima da agua.

A madre Brizida, porém, morreu inesperadamente, e logo começaram as contradicções.

Pois as freiras entraram a pôr pés á parede, e a não quererem ir para aquelle convento. sem que previamente possuisse rendas certas. [1]

E as madres nos tribunaes chegaram a obter sentença favoravel.

E, chegado de Roma o breve, se tratou de entrarem na clausura.

E o dia destinado foi o da vespera de S. José.

Foram, porém, primeiramente as freiras ao paço, e d'aqui, acompanhadas de toda a nobreza, se encaminharam para a clausura.

Sahiram do real mosteiro de Mocambo as madres soror Thereza de Jesus, soror Ignez de S. Sebastião e soror Aleixa de Santa Brizida, cobertos os rostos com veus mui tapados, e as acompanhavam tres senhoras como madrinhas: as duas marquezas de Gouvêa, e a condessa de Faro.

E, levando-as ao Paço, as introduziram a beijar a mão á rainha, e esta lhes prometteu sua real protecção, e a mesma lhes prometteu o rei.

E reconduzidas ao coche, partiram por entre um innumeravel acompanhamento para Marvilla.

Chegadas ao pateo do convento as estavam esperando as duas communidades, ambas com a cruz alçada, a dos conegos de S. João Evangelista, e a dos frades de S. Francisco de Xabregas.

E acompanhando-as toda a Côrte as esperava na portaria o cabido.

E depois deram ao novo convento o titulo de—Nossa Senhora da Conceição de Marvilla, fondado a 18 de março de 1660.

---

[1] Id., id., pag. 35,

E nomearam abbadessa—soror Thereza de Jesus: prioreza e mestra da Ordem a madre soror Ignez de S. Sebastião, e porteira a madre soror Aleixa de Santa Brizida. [2]

O fundador, a quem mais tocava o gosto d'este tão celebre dia, e seu irmão o reverendo fr. Pedro de Santo Agostinho, com aquella boa disposição que costumam ter os religiosos, tinham disposto tudo com aceio e grandeza para as pessoas de respeito que as acompanharam, e eram de mais confiança; e de tarde levaram as madres fundadoras a ver a horta e o mar; e depois de lhes permittirem este allivio, se lhes fechou a clausura. Foi nomeada abbadessa soror Thereza de Jesus; prioreza e mestra da ordem soror Ignez de S. Sebastião; e porteira soror Aleixa de Santa Brizida. As religiosas eram tão desapegadas dos bens do mundo, que n'esta limitação viviam mui satisfeitas. Nunca pegavam em dinheiro, sómente a que tinha a seu cargo prover e administrar a casa: se acaso era preciso pegar-lhe, o faziam com a manga do habito, e por maiores apertos que tivessem, sempre confiavam firmemente que Deus lhes havia de acudir, e que as promessas da madre Brizida não haviam de faltar.

O arcediago fundador resolveu mais tarde fundar tambem uma nova egreja no sitio em que se acha actualmente: morreu porém, deixando ainda novos legados, a este convento, e seus ossos foram passados para o novo templo.

Porém o ultimo estado grandioso do convento foi devido em 1680 a D. Isabel Henriques, e a uma sua fi-

[2] Além da designação de freiras, havia tambem a de escravas do convento. Id., id.. pag. 47.

lha, e as quaes no anno seguinte de 1681 se recolheram a este convento. [1]

Levantaram dormitorios, claustro e officina. A egreja foi por fim acabada pelo bispo de Constancia. O portico da egreja mandou fazer João Vicente dos Santos em 1725.

O marquez de Marialva D. Antonio de Menezes costumava levar a este mosteiro as bandeiras que arrancava aos inimigos. Houve tempo em que as noviças ali admittidas tinham de pagar dois mil cruzados (pag. 154). Deu D. Isabel Henriques para a egreja uma alampada de prata que importou em 500$000 réis. D. Juliana Maria de Santo Antonio deixou ao convento um rendimento de cem mil réis annuaes, e cincoenta para festividades. D. Helena de Tavora, recolhida n'este convento, alargou a capella do Senhor dos Passos, e mandou fazer tudo quan o n'ella se vê de entalhe, dourados, azulejos, pintura e todos os mais adornos.

Depois do fallecimento da ultima freira fizeram-se obras n'este Convento com o fim de n'elle se recolherem as asyladas do asylo de D. Luiz. A egreja tem alguns quadros, é vasta e espaçosa. Os azulejos representam payzagens. Tem só 3 capellas.

Cumpre, porém, dizer mais algumas palavras acerca do convento agustiniano das freiras grillas.

O convento das Grillas era um dos mais apertados de Portugal.

O que se prova com a leitura do capitulo VI dos Estatutos d'este mosteiro.

---

[1] Id. id. pag. 36.

Da Mortificação

«Todos os passos da vida religiosa cabem na esfera d'esta virtude, porque como todos se dão pelo caminho da cruz, em todos elles se encontra sempre a mortificação da carne. Não é menos necessario o uso d'esta virtude aos que se querem aproveitar na vida espiritual, que aos pilotos o leme para o governo da nau, porque assim como estes ainda que queiram não podem sem leme encaminhar a embarcação na tempestade, assim tambem ainda que a alma queira navegar para Deus, se os sentidos estiverem senhores, se a mortificação os não tiver sujeitos, será impossivel mettel-os em caminho.

São mui dilatados os extremos de mortificação, porque para ser perfeita, ha de ser universal, não só nos havemos de mortificar em um sentido ou potencia, mas em todas, porque sendo estas as portas da alma, por todas nos commettem os vicios. E sem duvida entram, se a mortificação as não guarda a todas. Esta é a importancia do exercicio d'esta virtude, o qual encommendamos muito ás nossas religiosas, pondo-lhe diante dos olhos, que nunca poderão ser perfeitas, se não forem perfeitamente mortificadas. Por isso devem procurar muito as mortificações e pedil-as ás preladas, publicas ou secretas, conforme julgar convenientes, e quando alguma religiosa por seus achaques não poder rezar as mortificações, não se desconsole, porque, se quizer nos seus achaques pode ter o merecimento da maior mortificação, padecendo-os com alegria, e dando por elles a Deus muitas graças.

E ainda que fiamos muito que as nossas religiosas, obrigadas do amor divino, seguirão esta doutrina conhecendo por outra parte a muita difficuldade com que a

nossa natureza se abraça com o penoso da mortificação e attentando tambem ao grande merecimento que resulta das acções que a obediencia manda, ordenamos á madre prioreza que a todas as religiosas mande fazer uma mortificação publica pelo decurso da semana, porque com esta continuação as estranhará menos o natural, e ficará a todas mais suave o exercicio á vista do exemplo; e aquellas a quem se der a mortificação a devem acceitar como favor especial da mão de Deus. Pois é certo que mais castigo dá aos que mais ama, e tanto será maior o merecimento quanto na execução sentirem maior difficuldade, que ás vezes não será pequena na existencia do amor proprio, querendo conter em veneno o que se dá para remedio.

Não trabalharão nunca por dinheiao as religiosas [1], porque ainda que pareça conforme á pobreza, não deixará isto de lhe perturbar a quitação do espirito que é a maior riqueza do mosteiro, não haverá casa de lavor em commum, porque estando juntas ou perigará o silencio, ou divertidas com a companhia se poderão esquecer do Senhor que as está vendo.

Poderão comtudo nas horas de recreação occupar-se em alguma cousa, estando todas em fórma de communidade, terão no meio uma imagem do Menino Jesus assim para que estejam com aquella modestia que se deve a tal presença, como tambem para que encontrando-se muitas vezes com os olhos, lhe entreguem outras tantas o coração.

Pela medida das forças quer nosso Padre que regulem as penitencias, encommendando que cada um faça as que pode, julgando por tão necessario o exercicio

[1] A egreja do convento das Grillas é rica, ou antes riquissima em cantarias, de côres variadas.

d'ellas que não lhe apontou outro termo mais que a impossibilidade da saude.

Comtudo como as communidades se compõem de varias naturezas, e umas pedem mais e outras menos, é necessario e forçoso apontar algum meio ás penitencias, a que não possam chegar todas, pois d'outro modo a singularidade causará confusão, e a ordem perderá a formosura que lhe resulta da conformidade das acções.

O jejum do advento começará da cruz de setembro por diante até ao Natal.

O da quaresma na segunda feira depois da septuagessima, e pelo decurso do anno se jejuará nas quartas, sextas e sabbados.

E se fóra da quarta feira cahir algum dia de jejum, este ficará em seu logar.

Na quarta feira poderão comer carne, de sorte que só queremos que na semana haja tres dias de jejum.

Nos taes dias entrarão para a meza ás onze; e no mais tempo immediatamente que acabarem de rezar no coro, se fará signal e exame, e, acabado elle, sahirá a communidade para o refeitorio.

A disciplina se tomará sempre ás segundas, quartas e sextas. E se nos taes dias cahirem as festas do Natal—dia de Janeiro, Reis, S. João Baptista, Nossa Senhora da Assumpção, nosso padre Santo Agostinho, se tomará na vespera das taes solemnidades, e se a devoção de alguma se não contentar com estas, recorrerá á prelada, que, parecendo-lhe acertado, lhe dará licença para mais, e lhe advertimos não seja muito facil em se accommodar ao fervor da devoção, porque o inimigo muitas vezes temendo os progressos futuros do espirito e oração, trata de os impedir com penitencias indirectas e destruidoras da saude, por isso é mais seguro e proveitoso uzar de mortificações interiores,

porque, sendo maior merecimento, tambem são de menos nota, na qual succede perigarem as flores da virtude.

Nos dias de communhão, que serão tres cada semana, domingos, quartas e sextas, advertindo que havendo solemnidade nos outros dias, a communhão se mudará, de sorte que queremos que na semana haja sempre tres dias de communhão, e n'estes parece justo que para melhor disposição não só cheguem a esta divina meza com fervorosos affectos d'amor, mas tambem com alguns exteriores de penitencia, que são os affectos em que sempre um coração verdadeiramente arrependido se apresenta, estes serão um celicio ou cadeia, a qual porão algumas horas antes de commungarem, e a tirarão depois que o fizerem. Isto se não entende com as indispostas.

«Logo que as noviças entrarem para o convento, procure a mestra que ellas se confessem geralmente, e depois da confissão feita, avise-as a que se esqueçam do passado, porque o inimigo com pretexto de ser bom chorar as culpas, faz por introduzir a lembrança d'ellas, e aqui, se a alma se não prende sempre, se diverte em tratar a Deus com grande confiança, e em andar sempre em sua presença, que esta serve de muro á nossa alma.

Disvele-se muito para que as noviças se empreguem n'este exercicio, e que tudo façam considerando a Deus presente, obrando tudo só por lhe dar gosto, que per este caminho brevemente hão de chegar á perfeição, e por isto lhe perguntará particularmente no exame.»

Mas não permittindo as dimensões d'esta obra noticia de mais pormenores, basta dizer que o mosteiro das

Grillas era um dos mais apertados e rigorosos de Portugal, e comparavel com o do Conventinho em Lisboa.

Quando a rainha D. Luiza de Gusmão entregou o governo a seu filho D. Affonso VI, entrou logo a pensar na fundação d'um mosteiro, onde, despedindo-se das pompas mundanas, n'elle acabasse seus dias, e n'elle suas cinzas tivessem um jazigo.

E para um tal fim acceitou a rainha a offerta que lhe fez o conde da Ponte, d'uma quinta situada sobre o Tejo, no sitio do Grillo. Começou-se a fundação do convento com a maior diligencia e brevidade que foi possivel, mas como as obras se demoravam mais do que a rainha desejava, foi esta viver nos Paços de Xabregas, em que vivia a condessa d'Unhão, unidos ao convento da Madre de Deus, resolvida a abrir porta interior para se communicar com aquellas religiosas, [1] as quaes no dizer do conde da Ericeira, viviam em angelicos exercicios.

Porém foi negada á rainha a licença para isto. E eis porque, além d'outras causas, se resolveu retirar-se para o mosteiro que tinha mandado fazer, embora as obras ainda não estivessem completas.

Retirou-se pois para o convento das Grillas. Toda a nobreza lhe beijou a mão, e a rainha despediu-se do mundo em 1663.

A rainha se recolheu ao seu aposento sem mais companhia de pessoa principal que a de D. Isabel de Castro, que levou do mosteiro da Encarnação.

Os restos d'esta princeza, que com seus conselhos e admoestações animou seu marido a tomar parte na resolução que pretendia subtrahir Portugal ao dominio

---

[1] Id. id. pag. 59.

hespanhol, jazem, como já se disse n'outra parte, no vão da capella mór, tendo uma nojenta corôa do latão por cima do ataúde.

Este convento era tambem mui frequentado pela nobreza de Portugal, e em fevereiro de 1725 alli foi a rainha visitar aquellas freiras.

Seu principio data do dia 2 de abril de 1663, sendo a primeira fundadora a veneravel madre soror Maria da Presentação, que veio com outras cinco religiosas do mosteiro de Santa Monica de Lisboa. [2]

O local destinado para uma tal fundação foi a quinta da qual o conde da Ponte fez offerta á rainha. [3]

No dia 17 de março de 1665 a rainha resolvida a deixar inteiramente os negocios publicos se recolheu a este convento, que ainda não estava acabado, e aqui morreu em fevereiro de 1666.

Seu corpo foi depositado na egreja de Corpus Christi de Carmelitas, descalços, em Lisboa, em quanto se não acabava a egreja do Beato.

Terminada esta, seu neto el-rei D. João II o trasladou em 17 de junho de 1717 para a egreja do convento fundado por D. Luiza de Gusmão.

Jaz pois o corpo d'esta rainha n'uma cavidade aberta na parede por detraz do altar mór na egreja das religiosas Grillas. O caixão está coberto com uma sarapilheira, e por cima uma corôa de latão!

A descalcez de Santo Agostinho em Portugal foi pois

---

[2] P. João Baptista de Castro: Mappa de Portugal antigo e moderno. Lisboa, 1863 vol. III. pag. 481. D'esta apreciadissima obra ha já 3 edições.

[3] Fr. Claudio da Conceição: Gabinete Historico, tomo IV. pag. 248. Lisboa. 1819.

devida á rainha D. Luiza de Gusmão, a essa, a quem a independencia de Portugal tambem deve bastante.

Fundou pois, dois conventos, um para frades, e outro para freiras.

Os primeiros frades para o convento do Monte Olivete sahiram da Graça de Lisboa, e foram seus nomes: fr. Manoel da Conceição, fr. Bartholomeu de Santa Maria, fr. Ignacio dos Anjos, fr. Domingos da Madre de Deus, e tambem um leigo por nome fr. Domingos da Madre de Deus.

Para o Convento das Grillas a principal foi a madre soror Maria da Presentação, como já ficou dito, e mais quatro religiosas. Sahiram estas do convento das Grillas, de Lisboa, acompanhadas de cinco fidalgas, dirigindo-se tambem os frades como as freiras para a ermida de D. Gastão, d'onde sahiu uma rica procissão para as Grillas.

Houve festa pomposa na egreja d'este convento, na qual prégou o P. fr. Manoel da Conceição, assistindo tudo quanto de mais luzido havia na côrte. Depois os religiosos seguiram para o seu novo convento.

A egreja foi dedicada á Senhora da Conceição, e a imagem foi feita de barro por um religioso loyo do Beato, por nome Agostinho dos Anjos, insigne esculptor em barro, e natural de Braga, cujas obras eram de muita estimação.

Esta egreja, porém, não foi de longa duração, pois á uma hora da noite de 23 d'outubro de 1683, por occasião do lausperenne, uma vela accesa cahida do throno causou grandes ruinas, mas das quaes a imagem da Senhora foi salva.

O sacramento foi levado no dia seguinte para os Grillos, onde o P. fr. José dos Martyres fez um eloquente discurso relativo aquelle desastre, calamidade

que o auctor do Sanctuario Marianno attribue á ira de Deus, por terem os portuguezes entregado Tanger aos herejes inglezes, e asseverando que por essa occasião varios outros signaes se viram da ira de Deus.[1] A imagem de Nossa Senhora dos Anjos com o titulo de Copacavana, copiada d'uma muito celebre no Pegu com esta invocação, foi collocada n'aquella egreja no dia 1 de novembro de 1706.

Tinha ido primeiramente para a egreja das Grillas, levada pela condessa de Santa Cruz D. Thereza de Moscoso Sandoval Espinola Gusmão e Roxas, e d'este convento foi processionalmente levada para a do Monte Olivete, onde a festejaram no dia immediato. Sua festa ficou sendo no dia 2 de fevereiro.[2]

N'outro tempo tambem o diabo andou muito á redea solta por Madrid.

Certo dia, vestido de comprido, veiu procurar a madre Ignez.

Ella foi á grade, e em o vendo exclamou:

Que homem será este que parece exasperado?

Vinha elle disfarçado com uma volta e uns punhos, mui ridiculos, e uns cravinhos na bocca, fazendo com elles muitas visagens.

E perguntando á madre Ignez se o conhecia, respondeu que não.

Mas elle replicou:

Pois eu me chamo fulano Cabrão.

Todos me conhecem, só vossa mercê não.

Desgraçado homem! Desgraçado homem!

---

[1] Fr. Agostinho de Santa Maria: *Santuario Marianno*, vol. VI.
[2] Id. id. vol. I. pag. 478.

E que faz alli aquella velha (apontando para a madre Brizida, que a tudo se calava).

E eu sou mui conhecido de seus sobrinhos, particularmente de Francisco; e tempo virá que Vossa Mercê me conheça.

E voltando as costas para se ir, se lhe quiz dar a conhecer, mostrando os pés de cabra.

Certa prelada mandou que todas as freiras se comprimentassem umas ás outras por estas palavras:

Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento.

E as outras freiras tinham de responder:

E sua Mãe Santissima para sempre.

Todavia os diabos n'aquelle convento faziam um barulho infernal.

Imaginemos, pois, que o leitor quer do Beato ir a Chellas; encontra o seguinte na jornada:

Deve enfiar pela calçada do Duque de Lafões, atravessar a estrada de Marvilla, onde encontra duas propriedades de maior nomeada, sendo a mais antiga o palacio do referido duque, que termina por aquelle lado, tendo a frente para o Beato, e a outra a dos herdeiros de João de Brito, sendo n'este sitio que se inaugurou o Caminho de Ferro de Norte e Leste.

Segue-se depois a azinhaga da Cruz da Veiga, d'onde vae até á antiga quinta dos Alfinetes, onde se reunia o nosso abbade Correa da Serra com o sabio Broussonet e varios outros, que se occultavam em Portugal á perseguição dos Jacobinos.

D'aqui, tomando á esquerda, pode, por differentes azinhagas, chegar ao largo de Chellas, onde vê logo o vastissimo mosteiro, onde esteve encerrada a nossa notabilissima poetiza, a marqueza d'Alorna.

Qualquer pessoa sabe hoje que a palavra Chellas vem de Chel ou Schœll, concha de marisco; mas n'outros tem-

pos, em que todas as povoações, tanto em Portugal como nos outros paizes, pretendiam blasonar de remotissima antiguidade, asseveravam, e com toda a seriedade que a palavra Chellas se derivava de Achilles. Porém o nosso maviosissimo escriptor fr. Luiz de Souza n'esta parte não se mostra tão credulo como n'outras occasiões, e nos diz o seguinte (vol. I. fol. 52, edição de Bemfica :

«Junto á cidade de Lisboa, ao norte d'ella, em distancia de quasi uma legua, ha um valle por copia de quintas e frescura de hortas e pomares assaz deleitoso; que chamam Valle de Chellas.

«Havia n'elle pelos annos, em que vamos, de 1223, uma egreja tão antiga na primeira fundação, que sem haver quem d'isso duvidasse, se referia ao tempo em que a primitiva Igreja florecia com favores do Ceo e perseguições da terra.

Porque sendo regada com rios de sangue de infinitos martyres, que cada hora padeciam, tomava forças do mesmo ferro e fogo, com que era perseguida e ía crescendo, e pullando, e tomando posse do mundo. Assim é cousa certa que deram occasião a se fundar esta Igreja aos gloriosos martyres S. Felix e Adriano.

Porque padecendo ambos em tempo de Diocleciano, emperador animosa e santamente pela Fé, Felix em Girona de Catalunha, aonde veio buscar o martyrio, fugindo da cidade Scilitana, em que nascera, e da de Cesarea em Africa, onde seus paes o creavam no estudo: e Adriano, sendo martyrisado em Nicomedia de Bithinia: por varios casos e em differentes tempos vieram as santas reliquias de ambos, com muitas de outros companheiros do martyrio aportar n'este valle, e no lugar da egreja, aonde n'aquelle tempo chegava o

mar, que agora lhe fica longe quasi meia legua. [1] Foram os martyres conhecidos pela relação de quem os acompanhava, mas logo reconhecidos e reverenciados por meio de esclarecidos milagres que obraram.

Edificou-lhes Igreja a devoção de Lisboa, e foram honrados n'ella debaixo do nome de S. Felix, ou porque padeceu em terras de Hespanha, ou porque foi primeiro em chegar ao Valle: e em testemunho da grande antiguidade ficou com o nome quasi trocado no povo, chamando-se S. Pero Fins de Achellas.

Na entrada dos mouros, que depois succedeu, de crer é que o medo e a confusão que por castigo do Ceo opprimia os animos, usaria do remedio mais facil para salvar as santas reliquias, que era enterral-as no mesmo logar, e encommendal-as aos mesmos Santos.

E este thesouro se devia descobrir depois no dia, em que as lendas do mosteiro celebram sua trasladação que é aos 14 de janeiro.

E então se poseram em duas grandes caixas de pedra os corpos de S. Felix e Santo Adrianno, que traziam nome sabido. Os mais, que eram 24 com o de Santa Natalia, ficaram em confuso, sem se poder averiguar qual era o da Santa.

N'este estado fez d'elles ultima e solemnissima trasladação o arcebispo D. Miguel de Castro, passando-os do sitio, em que estavam, para a Igreja.

E n'ella se veem agora em meios corpos de obra curiosa e custosa, S. Felix com 12 companheiros no altar collateral da parte do Evangelho. Santo Adriano

---

[1] Apezar d'isso ainda uma grande parte da estrada de Chellas, segundo me asseveram varias pessoas, no principio d'este seculo ficava coberta d'agua em varias occasiões.

no da Epistola com a santa consorte, e com mais 11 companheiros. Dos seus milagres antigos nos dão muita noticia uns devotos officios, que na casa se rezaram por mais de trezentos annos, em quanto n'ella se conservou a reza dominicana, que vieram a nossa mão, e conta por elles que se fazia festa a S. Felix em primeiro dia d'agosto, e a Santo Adriano em 9 de setembro. Dos modernos temos bastante testemunho na grande multidão de povo que acode a esta casa todas as sextas feiras do anno, sem nunca haver falta, e chamam-lhe a romagem de S. Pero Fins.

Lançados os Mouros de Lisboa pelo braço e valor d'el-rei D. Affonso Henriques; purificadas as egrejas, que ainda havia em pé, e reedificadas pouco a pouco as que estavam em ruina, foi povoada esta de frades, o que se vê de provisões e outros instrumentos authenticos do cartorio d'ella, que particularmente vimos e notamos. [1]

---

[1] Fr. L. de Sousa apresenta a seguinte doação, fol. 52 v. «In Dei nomine. Haec est charta donationis et perpetuae firmitudinis quam ego Sancius Dei gratia Portugalliae R x una cum uxore mea Regina Domna Dulcia et filiis et filiabus meis facio Fratribus Sancti Felicis de Achellis tam praesentibus quam futuris, de quadam vinea quam vobis damus et monasterio vestro, ut ibi semper sit pro haereditate in perpetuum. Et hoc quid m facimus pro amore Dei et gloriosae semper Virginis Mariae, et ut in orationibus et beneficiis vestris valeamus semper esse participes. Hujus vineae isti sunt termini. A parte Aquilonis vinea filiorum de Suario Barrina: ab omnibus aliis partibus viae publicae. Damus vobis hanc vineam tali pacto, ut semper sit haereditas Monasterii de Achellis. Et nulli sit licitum eam vendere, aut aliquo modo ab eodem Monasterio alienare, sed monasterium ipsum possideat jure haereditario in perpetuum. Quicunque igitur hoc factum vobis integrum observaverit, sit benedictus a Deo, amen.

Facta charta donationis et perpetuae firmitudinis apud Ulissi-

Como se vê a folh. 55 da Historia de S. Domingos, Fr. Luiz de Sousa não acreditava na existencia de vestaes fóra da Italia, e esta doutrina ainda hoje é considerada por verdadeira pelos mais celebres antiquarios.

---

bonam in AERA. CC. XXX. mense Augusto (anno de Christo 1192). Nos supra nominati reges, qui hanc chartam facere jussimus, eam coram testibus roboramus et haec signa facimus. Qui affuerunt: Domnus Suerius Vlysbon. Episc. Conf.- Domnus Joan Maiordomus Curie Cõf. — Rodericus Ferd. Praet. Vlisbon. Conf. Fernandus Petri test Gust. Nunis test. Giraldus Pelagii test. Julianus Notarius Curiae scripsit.

Ao pé d'esta provisão está uma postilla pola qual el rey D. Afonso seu filho confirma a doação e mercé que n'ella se contém, e são as palavras: Hanc chartam suprascriptam, quam pater meus Rex Donus Sancius fecit, et concessit Fratribus Sancti Felicis de Achellis de quadam vinea concedo ego Fratribus ejusdem Monasterii et Apud Ulisbonam Mense Madio Ae. M. CC. LVII. (Anno de Christo 1219).

Esta provisão e postilla de confirmação testemunham ser esta Casa em sua primeira restauração depois dos mouros, dada a frades, e por elles ser possuida em vida d'estes dois reys até o anno de 1219.

Os frades que em Chellas tinham convento eram cavalleiros da Ordem de S. João do Hospital de Jerusalem, que viviam então em communidade, e consta por outros instrumentos de compras e vendas, que permanecem hoje no cartorio do convento.

Mas qual foi o anno em que os frades começaram a largar esta casa e começou a ser povoada de freiras, e quem foi o meyo e instrumento de as juntar e trazer a ella, isto ficou tão cego e apagado ou com o longo discurso dos annos, que tudo escurecem: ou com a rudeza dos homens, que nada escreviam, senão o que precisamente era forçado para o que traziam entre mãos, que totalmente o não podemos descobrir.

Sómente alcançamos de pergaminhos velhos do cartorio com bastante clareza, que no espaço de dez annos que houve entre o da doação e confirmação dos Reys atrás escripta e o de mil duzentos e vinte e nove se fez a mudança de frades para freiras: de frades de S. João Bautista para freiras de S. Domingos. Entre

No emtanto é mui grande o numero de individuos que sustentaram ter havido n'aquelle sitio de Chellas um templo de virgens vestaes.

E estes fallavam pouco mais ou menos do seguinte

---

muitos que a mostram é uma doação em sua narrativa bem notavel:

In nomine Domini, Amen. Noverint universi praesentem chartam inspecturi, quod ego Dominica Roderici quondam vicina Sanctaren in vita mea et integro sensu meo, considerans statum mundi, et meum, et praecavens in futurum ad honorem Dei et Ordinis Sancti Dominici do et concedo, et roboro corpus meum et animam in Monasterio Dominarum de Achellis in earundem Ordine, sumpto ejusdem Ordinis habitu, in vita et in morte in perpetuum permansuram.

Do etiam et concedo Priorissae et Conventui ejusdem Monasterii de Achellis omnia bona mea temporalia et immobilia, et semoventia, quorum loca et termini, in quibus possessiones sitae sunt, inferius sunt scripta, &c. Actum apud Vlisbonam, mense Martii AERA. MCC. LXVII. Qui praesentes fuerunt Frater Pelagius Braccaren. Frater Petrus Suerii Ulisbonen. Frater Dominicus Martini Vlisbonen. Joannes Joannis de Riparia quondam procurator Dominarum.

A linguagem é:

Em nome de Deos Amen. Saibam quantos esta escritura virem, como eu Domingas Rodrigues, moradora que fui em Santarem, estando viuva e sã, e em meu perfeito juizo, considerando as cousas do mundo, e seu estado e meu, e acautelando me para o diante: á honra de Deus e da Ordem de S. Domingos dou e outorgo e com firmeza offereço minha alma e corpo ao mosteiro das donas de Chellas, para ficar com ellas em sua Ordem e com seu habito em vida e morte e para sempre.

Tambem dou e outhorgo á prioreza e communidade do mesmo mosteiro de Chellas toda minha fazenda e bens, assim como de raiz e os que por si se movem: e os logares, sitios e confrontações das propriedades vão abaixo declaradas, etc. Fez-se em Lisboa no mez de março era de M. CC. LXVII. Responde ao anno de Christo 1229. Foram presentes fr. Payo de Braga, fr. Pedro Soares de Lisboa, fr. Domingos Martins do Lisboa, Joanyanes de

modo: Que durante o dominio romano, havia n'aquelle sitio, em que se ergue actualmente o mosteiro, um templo dedicado a Vesta, onde residiam as virgens que tinham a seu cargo o culto da deusa, cujo templo era

---

Ribeyra, procurador que foi das mesmas Donas em tempo atraz.

Do theor d'esta escriptura fica bem entendido e sem logar de duvida, que já no anno de 1229 em que passou, estava o mosteiro em poder de freiras assentado e corrente, e que as freiras eram da Ordem e habito de S. Domingos, e como aquelle *quondam* faz indicação de tempo passado, e não pouco, se dérmos o principio do mosteiro em cinco annos atraz, achado fica que foi no de 1224, e que o recolhimento das freiras passou por mão do provincial D. fr. Sueyro logo no anno seguinte depois da morte d'el-rei D. Affonso e da concordia do arcebispo com el-rei D. Sancho.

Mas não duvido que para cousa tão nova em Portugal interviria braço de pessoa real e mui poderosa, pois precedeo tirar-se a casa aos frades, que de força havia de ser negocio custoso. E o reino de Portugal está devendo ao Provincial ser este o primeiro mosteiro que das Ordens mendicantes se formou em Portugal.

Porque sendo assim que o primeiro que cá houve de freiras de Santa Clara, foi um que se edificou no anno de 1258 ribeiras do rio Douro, onde chamam. Entre ambos os rios, que é o mesmo, que depois no anno de 1354 foi passado para dentro da cidade do Porto, fica-lhe o de Chellas superior em ansianidade por mais de trinta annos.

Esmerou-se o provincial em fazer este mosteiro de S. Felix de Lisboa um retrato de S. Sixto de Roma, prantando n'elle o mesmo rigor e observancia, com as mesmas leis e austeridade: e como era já jardim de sua mão, cultivado com sua doutrina e exemplos frescos e quasi vivos do P. S. Domingos, e acompanhado quando elle faltava, de mestres muito espirituaes e santos, começou a ter cheiro de um Paraiso na terra, e corriam a ellas muitas donzellas do melhor po reino. Porém foi faltando com os annos aquelle primeiro fervor.

Era gente nobre e mimosa, fazia-se-lhe de mal tanta continuação de asperezas.

banhado pelas aguas do Tejo, que até ali chegavam desafrontadamente.

Que pela invasão dos povos do norte ficára em ruinas a casa das vestaes, e em tal estado se achava, quan-

---

Deviam ajudar paes e parentes indiscretamente piedosos. Começaram a levar a mal o rigor da regra, havendo-a por intoleravel, não só pesada na parte que com mais rasão lhe houvera de ser suave, que é a clausura, pois esta é a chave e sello de toda a Religião, e sem ella é impossivel conservar-se.

Fazia damno o exemplo que sempre tem grande poder para mal. Havia no reino outros mosteiros que viviam na simplicidade antiga de sairem as freiras em communidade, hora a suas herdades, hora a acompanhar procissões: e em particular visitavam suas mães e irmãs: tinha-se por cousa santa não só sem damno. Diziam que entrando para servirem a Deus com alegria, viviam em uma perpetua melancholia e em uma roda viva de trabalhos sem hora de allivio, como tinham as mais religiosas do Reyno: que d'aqui nasciam doenças novas e sem remedio, que já havia entre ellas, ajudando o assombramento da reclusão ou destemperanças e malignidades do ar.

Que a vida que tinham não era só de encerradas, mas peior que de emparedadas: porque estas, como cada uma era prelada de si mesma, tinham em sua mão o trabalho e descanço, dispunham do dia e da noite á sua vontade: mas ellas com a vontade e entendimento sujeito ao arbitrio d'outrem, não tinham momento que podessem chamar seu: freiras no nome, nos effeitos encarceradas.

Que tudo se podera levar, se uma vez no anno poderão visitar a mãe velha e o pae enfermo, ver a casa em que nasceram, em fim respirar um dia em outro ar, e estar uma hora sem ouvir sinos, e sem viver por regra.

Que era forte cousa fiarem menos d'ellas os prelados dominicos do que fiavam das suas os outros prelados, sendo todas portuguezas, todas bem creadas, todas bem nascidas.

Que para mulheres honradas e de bom entendimento não havia cerca mais alta, nem muro mais forte, que o ponto de honra e o medo da infamia. Quanto mais que sendo esta pequena liberdade alivio para a vida e remedio grande para a saude, corria já

do ali apportaram as reliquias de S. Felix, e seus companheiros martyres, no anno 664 da era christã, reinando na Lusitania Receswindo, rei godo.

S. Felix diacono com seus 12 companheiros padece-

no reino por genero de affronta faltar-lhe a ellas, que não eram melhores em nada.

Assim se queixavam, e assim instavam. Acudiam os prelados com os meios que a prudencia ensina para as quietar.

Quando viram que não bastavam, houveram por menos mal perder o mosteiro, que descer um ponto do primeiro instituto. Recorreram à Sé Apostolica, pediram absolvição do cargo e da administração d'elle: e em fim a vieram a largar no anno de 1293, depois de o governarem mais de sessenta annos, e ficou na jurisdicção do Ordinario de Lisboa, conservando todavia até nossa edade o habito, reza e as ceremonias de S. Domingos.

Mas porque n'esta idade houve quem quiz escurecer estas verdades, e é razão acudirmos por ellas, será necessario fazermos ainda um par de capitulos n'este argumento.

N'esta nossa idade fertil de monstruosas novidades, poucos annos antes de 1608 que foi o mesmo, em que as religiosas do mosteiro de Chellas deixaram a reza do Breviario Dominicano, appareceu uma pedra posta em logar alto e publico da sua egreja, e entalhado n'ella o letreiro seguinte:

Este Convento he de Conegas regrantes de S. Agostinho por escrituras antiquissimas: e foy casa das Vestays antes da vinda de Christo Nosso Senhor, como se vê polos vestigios de pedras que estão na Crusta velha, e polo cipo de Julia Fluminia, e ara das Vestays com o buraco da urna do igne perpetuo. Assi que se acha ser reedificada esta Capella quatro vezes, *hua em tempo das Vestays, outra na primitiva Igreja de Espanha, e duas despois.*

Sem escrupulo, podemos affirmar que a tenção d'esta letra, e collocação da pedra, não foi outra senão que como pedras são de mais dura que pergaminhos: e é cousa sabida estarem vivos e sãos muitos que a encontram, alcançaria um tal meio victoria d'elles se não fosse de presente, ao menos d'aqui a longos annos, quando em falta de tudo se venha a estar pelo que disserem pedras (desmesurada providencia! em descredito de todas as me-

ram martyrio na cidade de Girona, na Catalunha, no dia 1 de agosto do anno 301, imperando Diocleciano.

Dizem tãmbem que o povo de Lisboa, havendo já abraçado o christianismo, edificara uma egreja para re-

---

morias antigas das pedras Romanas, que sempre foram de estima e gosto).

Mas graças a este papel, que sendo em si cousa fraquissima, se fará não só forte, mas immortal em virtude da impressão: e n'elle ficará para sempre viva e notada a sem justiça da pedra e da letra, e de quem a notou: e permaneceraõ egualmente as razões que temos de a condemnar na parte que toca á religião de S. Domingos, que só n'isso me move. E deixando de parte a vaidade das Vestais, do buraco, da urna, do igne perpetuo, em que nos não toca fallar, nem diremos palavra, visto como em nenhuma parte do mundo, fóra de Roma, houve nunca casa de Virgens Vestaes, por ser contra as leis e ritos d'ellas, receber-se em tal companhia nenhuma donzella que tivesse seu domicilio fóra de Italia: e nas que se recebiam, precedia exame de suas partes e calidades, feito pelo Pontifice Maximo: que em Roma residia: e elle era o que por sua mão as mettia no recolhimento do templo, guardando certas ceremonias de obra e palavra: elle que as vigiava, reprehendia e castigava, quando havia descuidos: e a casa era na parte mais povoada e mais segura de insultos, que havia na cidade.

Pelas quaes razões todas em nenhum dos escriptores antigos se acha que houvesse Vestais por outras provincias, mais que em Roma.

E assim não perdendo indignamente o tempo, trataremos só da primeira parte do letreiro, que pretende tirar aos frades de S. Domingos o titulo de fundadores do mosteiro, dizendo que por escripturas antiquissimas é de conegas regrantes.

Dura e nova contenda é em uma opinião assim absolutamente affirmada, havermos de litigar, sem ver auctor, nem respondente. Porque se a queremos accusar (como de feito accusamos) de errada e injusta, em quanto não vemos quem sustente, é um esgrimir no ar, e dar golpes em vão, e em fim fallar com um penedo. Se lhe apparecera dono, forravamos grande trabalho. Porque como quem se dá por auctor de qualquer novidade, logo se obriga

colher as reliquias dos martyres; no local onde tinham aportado.

Reconstruira então o derribado templo de Vesta, ou fabricara outro de novo sobre as ruinas d'este, servin-

---

á prova d'ella: e eu estou certo que em favor d'esta não ha nem póde haver escripturas antigas, nem modernas: se o tiveramos em praça, certos ficariamos da victoria, e livre de mais contenda. Mas em caso que o havemos com pedra, e pedra demasiado palreira em affirmar cousas sem fundamento, surda para se vencer da boa razão, muda para se confessar culpa, insensivel para levar pena, ficamos obrigados ao trabalho de negar como reus, e juntamente provar como auctores: quando nenhuma lei, nem direito manda que se provem negativas.

Primeiramente negamos a este mosteiro o titulo de Conegas Regrantes, assim absoluto, que o letreiro lhe dá; e provamol o pelo estormento do capitulo precedente, tirado do seu mesmo cartorio, que as chama expressamente freiras da Ordem de S. Domingos, e está por frades d'ella assignado.

Segundariamente negamos haver debaixo do Sol as escripturas que chama, e diz antiquissimas, para prova de serem conegas regrantes, sem sujeição da Ordem e constituições de S. Domingos: e mostro-o assim.

Ou estas escripturas são antes da entrada dos mouros em Hespanha: ou depois de lançados de Lisboa. Serem d'antes não póde ser por que se o fossem, era necessario estarem celebradas do anno de Christo de setecentos e quatorze para traz, em que reinavam os godos, e os mouros conquistaram Hespanha, do qual não ha estormento, nem memoria particular n'este reino, que faça menção de outras freiras mais que da Ordem de S Bento.

Serem depois de lançados de Lisboa os mouros tambem não póde ser.

Porque Lisboa foi ganhada por el-rei D. Affonso Henriques no anno de 1147, e a provisão de seu filho el-rei D. Sancho, que lançamos no capitulo atraz, é feita poucos annos depois no de 1192, e esta com outras escripturas que ha do mesmo tempo fazem o mosteiro morada de frades até o de 1219, e logo no de 1229 sem haver em meio mais que por estormento authentico, cujo treslado fica no mesmo capitulo.

do-se para isso dos antigos materiaes, e dando-lhes a invocação de S. Felix.

E junto da egreja fôra ao mesmo tempo fundado um mosteiro *duplex*, isto é, onde viviam frades e freiras.

Logo: se antes dos mouros se não deu o mosteiro a conegas regrantes; nem depois dos mouros se lhe podia dar, porque n'esse tempo se entregou a frades, e se entre os taes frades e as freiras de S. Domingos não houve espaço intermedio para n'elle poderem entrar estas conegas regrantes: segue-se com evidencia indubitavel não ha, nem póde haver aquellas antiquissimas escripturas que o letreiro publica: visto como não fica tempo, em que se podessem fazer, nem dar o mosteiro a conegas regrantes, e por conseguinte é o titulo phantastico, ficticio e imaginario, e fica bem provado não poder ninguem dizer que houve tempo algum em que esta casa fosse possuida d'outras freiras, se não dominicas.

Mas porque acabemos de convencer o artificio de quem fez fallar um marmore, para furtar o corpo a dar razão dos absurdos que lhe lançou ás costas, confirmaremos de novo nosso intento, não já com doações de reis nem de vassallos, por muito authenticas que sejam, mas com letras apostolicas, que se bem se podem por cá perder ou supprimir, tem seus registos na Curia Romana, onde sempre estão vivas como em sua fonte.

E ainda que poderamos trazer a bula primeira de Gregorio IX, pela qual confirma este mosteiro em freiras de S. Domingos, tomando as debaixo de seu emparo, e dando-lhes licença para possuirem bens temporaes, receber noviças e eleger prioreza, e começa.

Prudentibus Virginibus, quae sub habitu Religionis, etc. passada no anno de 1234, alguns annos depois de estarem em posse da casa.

E ainda que poderamos ajuntar outras muitas bulas expedidas em Roma para negocios particulares do mosteiro depois que entrou na jurisdicção do Ordinario, nas quaes todas usam os pontifices dos antigos e originarios titulos d'elle, dizendo assim:

Dilectae filiae Priorissae Sancti Felicis de Achelis per Priorissam soliti gubernari sub regula, et secundum Institutum Fratum Praedicatorum etc. E não lhes chamando nunca — Conegas Regrantes.

Dizem tambem que taes fundações datam do anno de 665.

Passados perto de 50 annos vieram os mouros. Dizem que por esta occasião o mosteiro fôra destruido, e

---

Com tudo, deixadas todas, juntaremos sómente uma que foi despachada trinta e dois annos adiante pelo papa Clemente IV a instancia do mestre geral da Ordem e dos frades de Portugal, quando começaram a de desobrigar d'este mosteiro: a qual como em tempos já afastados da fundação e mais chegados a nós, com relação do passado e decretos para o futuro declara largamente o que cumpre para inteira averiguacão da materia presente e do que apontamos no fim do capitulo passado.

Por ser tal para que seja de todos entendida, e não occupemos muito papel, vae logo traduzida em vulgar.

«Clemente Bispo servo dos servos de Deus aos amados filhos o abbade d'Alcobaça e os guardiães dos conventos de Lisboa e Santarem da Ordem dos frades menores do bispado de Lisboa a saude e benção Apostolica.

De boa vontade tiramos toda a materia e occasião de poderem cahir os religiosos, para que se não abra algum caminho que os desvie da sua obrigação: e de muito melhor lhe desejamos graça de salvação.

Cousa certa é, segundo somos informados, que as amadas filhas em Christo as freiras ou sorores de Chellas, da ordem de S. Agostinho, ha mais de trinta annos, que vivem segundo os estatutos e debaixo do governo dos amados filhos, os frades da Ordem dos prégadores: de tal modo que os priores provinciaes da mesma Ordem, que pelo tempo foram n'aquellas partes, por si, ou pelos frades de sua obediencia, não sómente fizeram priorezas no mesmo mosteiro e as tiraram: mas tambem exercitaram d'elle os officios de visitação, correição e reformação, segundo lhes parecia ser necessario: e assim faziam todas as mais cousas concernentes ao bem d'elle, que todos os mais provinciaes, priores e frades da mesma Ordem dos prégadores, costumam executar nos mosteiros de freiras da dita Ordem de Santo Agostinho, que estão sugeitos ao seu governo.

O que tudo affirmavam fazerem em conformidade de muitas licenças que tinham de diversos pontifices nossos predecessores.

os frades tiveram d'occultar as reliquias, talvez enterrando-as. Affirmam tambem que passado algum tempo conseguiram os frades a conservação do seu mosteiro pagando um feudo.

E ora estavam as cousas da dita casa em termos, que ainda que o amado filho prior provincial, a quem pertence, solicito da salvação das freiras, as tenha efficazmente admoestado por meio de seus frades, obrigando-as com mandados e com preceitos e com rogos, que por honra sua e d'elles guardassem clausura, assim como se guarda no mosteiro de S. Sixto na cidade de Roma, ellas com tudo ou a maior parte d'ellas mettendo-se voluntariamente em perigo o não queriam fazer, e appellavam d'elle provincial, e de seus frades para nosso veneravel irmão bispo de Lisboa.

Pela qual razão nos foi humildemente pedido por parte de nossos amados filhos o mestre geral da Ordem dos prégadores e do provincial, e dos mesmos frades que os quizessemos absolver do cargo e cuidado d'ellas, e do seu mosteiro, para que se não siga a elles e á dita Ordem dos prégadores, alguma nota de murmuração, vivendo as freiras com licença de liberdade nociva. Por onde querendo nós pela obrigação de nosso officio proceder no caso com a diligencia que convém, e prover n'elle acertadamente, a vossa descripção e bom juizo estreitamente commettemos e encommendamos em virtude de santa obediencia que vádes pessoalmente ao dito mosteiro e com cuidado vos informeis das mesmas freiras e de outras pessoas fidedignas sobre estas cousas, dando-lhes primeiro juramento pelo qual declarem se as ditas freiras pelo espaço dos ditos annos viveram debaixo de obediencia e cargo: e segundo os estatutos dos ditos frades: e se os ditos frades poseram e tiraram priorezas, e exercitaram no dito mosteiro o officio que acima fica declarado: e tambem se esses frades, ou outros do seu mandado e licença lhe administraram os sacramentos ecclesiasticos, e juntamente se as freiras fizeram profissão em mão dos mesmos frades (ou por ordem d'elles em mãos da prioreza que pelo tempo foi) promettendo a elles perpetua obediencia, e recebendo o habito da sua mão, ou por ordem sua.

Por maneira que haja clareza, se todas as cousas succederam

O que porém, se sabe é que nos fins do seculo IX, havendo a cidade de Lisboa sido tomada por D. Affonso III cognominado o *Magno*, rei de Leão e das Asturias, estava habitado o mosteiro de Chellas.

---

e tiveram effeito sem contradicção dos bispos d'esse logar, excepto do que agora é: e se é fama publica que estas freiras erão commummente nomeadas por freiras da dita Ordem dos prégadores.

E constando por esta tal inquirição serem verdadeiras e certas as cousas acima ditas, em tal caso determinadamente e com nossa auctoridade mandareis as ditas freiras que com effeito obedeçam ao dito provincial e frade, em tudo o que lhes ordenarem ácerca das cousas acima ditas: e sobre tudo sem dilação nem rèplica se determinem viver em clausura como se vive no mosteiro de S. Sixto. *E mais abaixo.*

Mas se por ventura não achardes que as ditas freiras ou sorores foram entregues por letras apostolicas à obediencia dos ditos mestre e provincial: ou não constar d'estas cousas: comtudo porque muitas cousas são verdadeiras que se não podem provar, absolvereis à cautella ao dito mestre e provincial e frades de terem mais cuidado n'estas freiras e do dito mosteiro. E a ellas obrigareis pela mesma censura e sem appellação sendo primeiro admoestadas que deixem o habito da dita Ordem dos prégadores. Dada em Perosa aos 21 de fevereiro anno segundo do nosso pontificado.

Este anno segundo de Clemente IV responde ao justo aos annos de Senhor de 1296.

E como havia mais de trinta annos, segundo o breve relata que o mosteiro era de obediencia de S. Domingos, juntos estes trinta e tantos aos da bula de confirmação de Gregorio IX que foi expedida no de 1234, vem justamente a compôr o numero de 1266 que foi o mesmo em que o papa Clemente despachou este breve. E por conseguinte não dá tempo nem logar em que o podessem ter estas religiosas para deixarem de ser dominicas e terem um só dia de Conegas Regrantes.

E não é duvida para entre gente curial serem nomeadas por freiras e ainda conegas da Ordem de Santo Agostinho: porque este titulo com sua distincção, sustentarão sempre as nossas, res-

Dizem tambem que entrando em Lisboa o conde Servando de volta d'uma embaixada ao papa Leão III por mandado d'el-rei D. Affonso, depositara n'aquelle mosteiro varias reliquias que o papa lhe offerecera, e que

---

peito da primeira regra d'este Santo, que ellas e os frades seguimos.

Os commissarios, porém, como diz fr. Luiz de Sousa (fol. 57. v.) deixaram a causa indecisa, e só 29 annos mais tarde se poderam as freiras isentar, isto é: no de 1265, depois do fallecimento da prioreza Thereza Fagundes, e eleita em seu logar Maria Sebastião.

Em tempo do grande chronista dominicano existia no mosteiro de S. Domingos das donas em Santarem uma doação pela qual constava que por ordem dos prelados dominicanos mandou duas freiras de Chellas fundarem n'aquelle de Santarem a religião dominicana que umas e outras seguiam; e no mesmo de Chellas andava uma procuração authentica, que confirmava a sugeição em que vivia da Ordem, como se vê do traslado:

Nós Tareza Fagundyis Prioressa do mosteiro de Achellas, etc. mais Convento ordenamos, estabelecemos, e confirmamos por nosso lidimo procurador Frey Fernando Fruituoso, portador d'esta nossa procuração, para arrecadar aquelle erdamento, que nos tem forçado dom Ruy Fernandes Alcayde da Azambuja: e para receber o pão e tomar posse e arrecadar etc. *E abaixo depois de algumas clausulas.* Rogamos dom Frey Gil Prior dos Frades Prégadores de Lisboa, de cuja Ordem nos somos sujeitas, que nos outorguedes e dedes licença ao dito Frey Fernando Fruituoso de receber esta procuração.

Eu dito prior rogado da dita prioresa outorgo licença e concenso na dita procuração e para isto não vir pois em duvida, faço esta carta segelhar do segelho de meu officio do davandito Priorado, e nos de suso ditas Prioressa, e Convento posemos aqui os nossos segelhos.

E por esta procuração ser firme e estavel por todo sempre, os que foram presentes Fr. Domingos dito bom, Estevão João, Vasco Vicente.

Feita a procuração em Achellas oito dias andados do mez de julho; Era M.CCC.XXX. annos (que corresponde ao anno de Christo 1293).

levava para Leão. As reliquias offerecidas a Chellas foram de Santo Adrião, de sua mulher Santa Natalia, e de mais 11 companheiros que tinham recebido o martyrio em Nicomedia, no reinado do imperador Maximiniano.

Mas porque é rasão que não falte alguma prova moderna entre tantas antigas, encerraremos este capitulo com uma bem notavel acompanhada de um gracioso caso succedido de fresco em desgraça e reprovação total d'esta pedra.

Tinham-na collocada e publicada os edificantes, quando cahiram na conta que lhe ficava das portas a dentro vivo e em pé um testemunho que desbaratava o artificio e condemnava o edificio: e era estarem no mesmo tempo toda aquella communidade rezando o Breviario Dominicano, e usando do nosso Ordinario e cerimonias d'elle.

Fizeram então instancia por introduzir o Romano.

Mas, como são maus de arrancar costumes velhos, foi necessario violencia. Esta por ser de muita força, desterrou o Dominicano no anno de 1608.

E assim podemos dizer que teve mais poder com estas religiosas o estimulo ou respeito de conservarem a opinião do seu marmore, do que teve no tempo passado o mandato de um Pontifice Romano, que foi Pio V. e o decreto de um Concilio universal, que foi o Tridentino: contra o qual allegaram (e lhes valeu) que o mandato Pontifical exceituava as Communidades que de duzentos annos atraz usassem particular Breviario: e a sua não tinha menos annos de uso do dominicano, dos que contava da fundação, e quasi tantos como a mesma Ordem Dominicana, que passavam então de tresentos e cincoenta.

N'este caso não fica que dizer senão, que ou haja quem faça a esta pedra o que Affonso de Albuquerque fez a outra na India por se livrar de contradições, que foi virar-lhe para dentro da parede a face escripta e mandar esculpir na contraria aquella sabida letra:

Lapidem quem reprobaverunt aedificantes.

Ou que nos acuda o juizo do piedoso hermitão Jacobo, que sendo presente a uma maliciosa sentença de um juiz Persiano, mandou a um grande marmore que lhe servia de tribunal, que

Com a chegada de taes reliquias passou o mosteiro a intitular-se de S. Felix e de Santo Adrião.

Parece que os mouros reconquistando Lisboa aos leonezes, expulsaram de Chellas seus habitantes, e con-

---

mostrasse em si a pena que merecia quem n'elle se assentava, e assim sentenciava.

E no mesmo ponto estalou por toda a parte o seixo ferrenho e mocisso e se desfez em pó, fol. 58.

Estes queixumes do grande chronista dominicano não callaram no espirito, e um escriptor mui notavel D. Rodrigo da Cunha, na sua Historia dos Arcebispos de Lisboa, impressa em 1642, falla do modo seguinte ácerca d'este mosteiro, convento hoje de Religiosas Agostinhas dos Conegos Regrantes, sujeitas á nossa jurisdicção: (Parte II. cap. 38).

Em varios lugares d'esta historia nos temos penhorado para a fundação do mosteiro de Chellas, assi pela duvida que ha de seus principios, como pela novidade com que d'elles fallaram nossos historiadores, approvando uns, reprovando outros o que em uma pedra ali se mandou entalhar perto dos annos de 1608, sendo arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro, e correndo grandes duvidas entre os padres pregadores, e as religiosas do mosteiro pretendendo estas não serem nunca da sua ordem, antes serem de sua origem e primeira fundação, conegas regrantes, aquellas que debaixo da sua regra e sujeição começaram, se foram continuando por muitos annos, assim e da maneira que quaesquer outras de sua familia.

As letras da pedra pois nos hão de servir como de guia do que n'este argumento havemos de dizer.

Contem o seguinte:

Este convento é de conegas regrantes.......

Se respeitamos ao anno, em que a pedra se poz, poucas escripturas eram necessarias para se provar, que o convento de Chellas é de conegas regrantes, pois o nome, e regra, o habito, a sujeição ao Ordinario e tudo o mais o estavam mostrando aos olhos dos que n'aquelle anno viviam: o qual os auctores d'ella ali não quiseram especificar, por ventura, para que se cuidasse que a escriptura era de mais tempo e quasi dos mesmos da fundação, mas então convinha tirar as palavras *por escripturas antiquissi-*

verteram a egreja em mesquita, porquanto el-rei D. Affonso Henriques, tratando de purificar e restituir ao culto divino varios templos, que os infieis tinham profanado, fora um d'elles o de Chellas, sendo celebrante

---

mas, pois por ellas se deixava ver com evidencia serem uns os annos da fundação do mosteiro, outros os da collocação da pedra, e tão affastados entre si, que de uns aos outros haviam tantos seculos, quantos *antiquissimas escripturas* estão acenando.

Toda a duvida estava, se assim como ao pôr da pedra o mosteiro era de conegas regrantes, o foi logo que começou a ser habitado de religiosas, e não da ordem dos pregadores, como elles pretendiam, ou de qualquer outra das que poderia haver em Portugal, quando elle se povoou, em que até agora não vemos tivesse alguma d'ellas pretensão.

Dissemos—*logo que foi habitado de religiosas*, porque com certeza nos consta haver pelos annos de 1192 no valle de Chellas mosteiro de religiosos, com invocação e orago de S. Felix, e a quem D. Sancho I do nome entre os reis d'este reino, doou certa vinha no agosto da Era do Cesar MCCXXX estando aqui em Lisboa, que vem a ser no anno de Christo, que acabamos de dizer, 1192.

Assignam n'esta carta o mesmo rei D. Sancho, e a rainha D. Aldonça, sua mulher, seus filhos, e filhas, e o bispo de Lisboa D. Soeiro, que é sem duvida o primeiro d'este nome, e se chama Soeiro Anes.

Anda ao pé d'esta escriptura a confirmação d'ella por el-rei D. Affonso o 2.º assim mesmo em Lisboa, em maio, era MCCLVII. annos de Christo 1219.

Já n'este particular falta a verdade da pedra, pois primeiro achamos no mosteiro de Chellas frades, do que religiosas conegas regrantes; salvo se quem a mandou pôr, nos quiz dizer, que o mosteiro era egualmente de religiosos, que de religiosas, a que chamavam dobrados, e de que houve muitos em Portugal, mas então necessariamente havia a doação de falar de uns e outras, como se costumava a fazer, o que n'esta não ha, fallando só com os religiosos, argumento claro, que não havia ali religiosas, nem ao tempo da primeira doação por el rei D. Sancho, nem as da confirmação por el-rei D. Affonso.

o bispo de Lisboa D. João Peculiar, e assistindo o soberano á cerimonia da purificação, e ao descobrimento e trasladação das reliquias que estavam em duas caixas de marmore, as quaes foram collocadas na capella-mór,

---

Que frades fossem estes, ou a que religião pertencessem, não é facil de averiguar.

Nós suspeitamos na Primeira Parte se seriam os cavalleiros de S. Thiago, que ali primeiro fundariam, e depois se passariam para o sitio de Santos o velho, ainda que d'isto nenhuma noticia tinhamos.

O P. fr. Luiz de Sousa chama a estes religiosos da ordem militar de S. João, sem dizer fundamento algum, que a isso o movesse.

O P. Fr. Antonio Brandão se não sabe resolver quaes fossem, no particular de serem cavalleiros ou de S. Thiago ou de Malta, nos descontenta muito não fallar a doação que referimos, em mestre ou commendador algum da Ordem, como outras vezes o faziam de ordinario os reis.

Para cuidarmos seriam ou de S. Bento ou de Cister, não temos outros argumentos mais forçosos que serem de muitos annos fundadas estas duas sagradas familias n'este reino, senão que em seus chronistas nos catalogos de seus mosteiros nenhuns vestigios andam do de S. Felix de Chellas.

Nem parece o quererá para os seus Eremitas o auctor da chronica, que este anno de 1642 se imprimiu aqui em Lisboa, se bem foi com tão leves conjecturas que não seria muito contarse entre elles.

Fossem quaes fossem os religiosos de Chellas, o certo é, que já no anno de 1029 tinham despejado o mosteiro e viviam n'elle religiosas, como de escripturas authenti as se mostra com evidencia.

Em uma provisão sua de 24 de março de 1291, como em sua vida veremos, affirma o bispo D. Domingos Jardo, que o mosteiro de Chellas fôra fundado pelo bispo D. Sueiro, e d'aqui toma argumento para arguir de contumacia as religiosas que pretendiam isentar-se de sua obediencia, como se a fundação as obrigasse a não mudarem de prelado.

Assim que no governo do bispo D. Soeiro Viegas vierão para Chellas os Religiosos, e porque elle os devia trazer e dar-se por

de modo que ficaram servindo de altares de S. Felix e de Santo Adrião.

Foi o mosteiro restaurado, e novamente povoado, mas variam as opiniões ácerca de quem foram os povoadores.

---

fundador seu, applicando-lhe rendas, e restaurando-lhe a casa, lhe chamou o bispo D. Domingos, fundador de Chellas.

Cuida o P. Fr. Luiz de Sousa, movido de não vulgares fundamentos que logo de sua primeira fundação foram estas religiosas dominicas: outra cousa se prova dos breves authenticos, que n'aquelle cartorio se conservam, e nós vimos muito de vagar e examinamos, porque em todos elles lhe chamam os summos pontifices-conegos da Ordem de Santo Agostinho, se bem ao receberem os padres pregadores debaixo de sua protecção, acceitarem seu governo, darem lhe seus estatutos, breviario e cerimonias, as fazia parecer e nomear de gente, que podia entender menos d'estas materias, por religiosas de S. Domingos, o que nunca, nem os summos pontifices, nem os que mais sabiam da distincção das religiões entre si fizeram, fallando sempre com cautella nomeando-as, não da religião, mas da obediencia, e sujeição dos pregadores: e vae muito de uma a outra coisa; porque ser um mosteiro de sujeição de qualquer familia religiosa, acceitar seus ritos, governar-se por suas leis, rezar seu breviario, não é o mesmo que ser de seu habito, de sua regra e de sua profissão, como nos mosteiros de Semide, e Santa Maria da Purificação de Moimenta da Beira, o prova em evidencia o P. chronista Fr. Antonio Brandão *Mosteiro de freiras de S. Vicente de Fóra* lhe chama em seu testamento o bispo Dom Domingos Jardo, querendo-as chamar *Conegas Regrantes*.

Vieram, quanto se pode conjeiturar, as primeiras fundadoras d'este mosteiro d'aquelle de conegas regrantes, que viviam junto ao real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, se já não queremos dizer, seriam das que habitavam o mosteiro de Sant'Anna, junto á ponte de Coimbra, pela banda de cima, quasi junto aonde agora pega a ponte nova com a velha, de que ainda havia grandes vestigios no tempo em que entramos a estudar naquella universidade.

Foi-lhe o Mondego tão mau visinho, que as obrigou a mudarem de sitio, e não sabemos, se logo para o logar de S. Martinho,

Prova-se com documentos que ainda continuou a ser duplex, mas em quanto á ordem que o povoou, parece provavel que fossem os conegos regrantes de Santo Agostinho, então muito preponderantes no paiz, e aos

---

d'onde o bispo D. Affonso de Castelbranco as mudou para o mosteiro, que lhe mandou lavrar, e se chama tambem de S. Anna, deixando n'esta occasião as religiosas o habito de conegas regrantes e passando-se ao dos Eremitas de S. Agostinho, que chamam da Correa...

Muito tempo antes do mosteiro de Chellas ser povoado de religiosas, foram trazidas a Lisboa as reliquias de S. Felix, S. Adriano, S. Natalia, e outros seus companheiros martyres e depositadas no mesmo mosteiro ou Igreja, que ainda então era parochia secular.

A invocação, que S. Felix deu á Igreja e mosteiro, mostra claramente que antecedeu no tempo da vinda a santo Adrião, d'outra maneira alguma parte do orago lhe houvera de caber; que não é novo, nem o foi nunca na Igreja Catholica, dedicar-se a mesma Igreja a muitos Santos, ainda que differentes na profissão, vida, martyrio, e em outras particularidades de tempo, nação, sexo, etc. só porque no tal templo são veneradas suas preciosas reliquias, ou por outros fins proprios de quem os edificava.

Da pedra que em Chellas se vê e tem o nome de S. Felix, com os 13 de dezembro e era de Cesar 704, que são os annos de Christo 666 conjecturamos foram ali tresladadas as reliquias d'este Santo, reinando em Hespanha Recevinto, principe catholico, e sendo summo pontifice Vitaliano.

Quem as trouxe, d'onde, e porque occasião, declaravam os pergaminhos, que no logar onde eram veneradas, estavam penduradas, e se conservaram por muito tempo, senão d'ali desppareceram, perdendo-se com ellas toda a noticia d'esta trasladação, e ficando-nos só as conjecturas da pedra, no tocante a S. Felix, que então serviram tambem para as de S. Adrião, e S.ª Natalia, quando nos constava vieram todas juntas: porem temos por mais certo, trouxe estas segundas o conde Servando, senhor das montanhas de Bonhal, recolhendo-se da embaixada, a que fôra mandado por el rei D. Affonso o Magno ao mesmo pontifice Leão III, e havendo d'elle na despedida para seu Rei, boa parte dos cor-

quaes el-rei D. Affonso Henriques era muito affeiçoado. Depois deixou o mosteiro de ser duplex, e n'elle só ficaram religiosas: não consta, porém, o anno em que isto succedeu.

---

pos dos dois santos cavados e de outros varios martyres, fez o conde sua viagem por mar e veio ter a Lisboa, e aqui na egreja de Chellas deixou boa parte d'este precioso thesouro.

São conjecturas provaveis, porque não ha duvida, que por via do conde embaixador servio el-rei D. Affonso o magno as reliquias de que imos fallando, a quem na villa de Tunho, pelos annos de 701, lavrou mosteiro, com titulo de Santo Adrião e S. Natalia, segundo o que escreve Morales, fallando do mosteiro de S. Pedro d'Estonça.

As reliquias de todos estes santos que ficarão em Chellas, estiveram muitos annos mettidas em dois caixões de pedra, que serviam de altar, e de sua mesma invocação, n'um d'elles estava Santo Adrião e S. Natalia sua mulher, com seus companheiros, e no outro S. Felix com mais 12 companheiros.

Depois se collocaram na forma que hoje as vemos fóra da capella-mór, nos dois altares collateraes, ficando o da epistola a Santo Adrião e S. Natalia, o do evangelho a S. Felix, com seus letreiros abertos em taboas de pedra marmore.

O de S. Felix diz — Beatissimo Christi Domini martyri Felici Diacono, aliisque XII martyribus, qui impiorum gladio sub Diocleciano occubuerunt, quorum corpora hic jacent ante Alfonsum primum regem: hoc altare dicatum.

O de Santo Adrião e Santa Natalia.

Fidelissimo, atque invictissimo Christi Domini martyri Adriano e Nataliae uxori ejus, aliisque XI sociis, qui sub Maximiano, aliisque vario tormentorum genere occubuere, quorum corpora ante Alfonsum I Portugalliae Regem, hic requierunt: hoc altare dicatum est.

Fr. Antonio Brandão falla do seguinte modo no cap. 26 do liv. X da Monarchia Lusitana, Lisboa 1632.....

«Não é cousa nova que as freiras de uma ordem se sujeitem a outra, maiormente quando em ambas se guarda a mesma Regra, como nos fizeram as freiras de Semide, as quaes, sendo de habito negro do patriarcha S. Bento, guardaram os estatutos e

A seu turno largaram os religiosos o convento para este ser habitação unicamente de freiras.

Tambem se não sabe ao certo a era d'esta mudança, mas sim que no anno de 1219, em que era bispo de

---

reza de Cister até nossos tempos (como fazem ainda as da Moimenta da Beira) e foram governadas por monges d'Alcobaça.

Assim parece que fizeram as freiras de Chellas, as quaes por maior perfeição guardaram algum tempo os estatutos de S. Domingos e se sujeitaram á sua ordem, sendo conegas regulares.

E posto que o auctor da Chronica de S. Domingos se persuade que foram as freiras de Chellas algum tempo de sua Ordem, fundado em os breves referidos e em outro de Clemente IV, em que diz serem da Ordem de Santo Agostinho e guardarem os estatutos e estarem debaixo do governo dos frades pregadores.

E em dizer em certa escriptura uma prioresa de Chellas, tratando da Ordem dos Pregadores—*De cuja ordem nós somos sugeitas*, e finalmente não serem estas freiras chamadas Conegas Regrantes, senão Conegas de Santo Agostinho.

Com tudo mais nos parece que foram sempre Conegas Regrantes, porque para serem primeiro de uma Ordem e depois de outra, havia de preceder licença do Summo Pontifice, ou de quem tivesse suas vezes e esta nem se allega, nem cuido que a pode haver, porque senão costuma dar ainda a particulares pessoas, senão a fim de maior perfeição.

E ou ella se concedeu em o tempo antigo, quando diz, que os religiosos de São Domingos pediram absolvição do governo d'aquella casa, ou em os tempos proximos, quando as freiras deixaram de todo a reza e ceremonias dos padres pregadores.

Não em o primeiro, porque o mesmo auctor diz se pediu aquella absolvição, por as Religiosas não quererem guardar a clausura e mais rigores a que as obrigavam e assim não tratavam então de se melhorar: menos em nossos tempos, em que se faz tanto por qualquer proeminencia: e obrigação tinham os padres de S. Domingos de impedir a tal mudança por não confessar tacitamente maior perfeição na Ordem para a qual se fazia, o que não é de crer de gente tão sabia e attentada.

Nem os fundamentos contrarios tem força, porque nos breves allegados distinctamente se nomea a Ordem de que eram as freiras de Chellas, que era a de Santo Agostinho, e a dependencia

Lisboa D. Soeiro Viegas, ainda alli viviam os religiosos, e que foi este mesmo prelado quem estabeleceu no dito mosteiro as conegas regrantes de Santo Agostinho. reedificando por essa occasião a egreja e o convento).

---

que tinham dos frades pregadores, que era só na administração, e em guardarem seus estatutos, como das freiras de Semide temos dito que sendo de uma ordem, as governavam religiosas de outra, cujos estatutos guardavam.

O logar referido da Prioresa prova o contrario do que o auctor pretende, porque se estas freiras foram de S. Domingos, houvera de dizer sômente—*de cuja Ordem nós sômos*, mas accrescentando—*sugeitas*—mostra claramente diversidade das Ordens e conveniencias só na sugeição e dependencia do governo.

A palavra *regrantes*, não importa que se especifique quando se trata das freiras, porque esta se costuma ajuntar aos Religiosos por distincção dos Conegos seculares.

Por este modo se tira a confusão, se dá melhor expedição aos breves e escripturas de Chellas e se conciliam os lugares d'ellas que parecem encontrados.

Porem o ponto não he de importancia, e ou se siga n'elle uma ou outra opinião, sempre fica certo que em tempo del Rey D. Affonso Henriques e depois da tomada de Lisboa se renovou a Igreja de Chellas, se deputou a gente Religiosa, e se descobriram os preciosos thesouros das reliquias de S. Felix, Adriano e seus companheiros.

Em nossos tempos se aperfeiçoou muito esta Igreja e Mosteiro e em dois altares se depositaram as reliquias dos Santos Martyres Felix e Adriano, cada um com seus companheiros em um altar.»

«Muito se cansa o P. Frey Luiz Chronista da Sagrada Ordem dos Pregadores no livro I da Historia de S. Domingos, nos Capitulos 23, 24 e 25 em querer persuadir ao mundo que o nosso mosteiro de Chellas não foi ao principio de Conegas Regrantes, mas de freiras da sua Ordem, porem por mais que se cansou, o não poude persuadir aos homens doutos e vistos nas historias, os quaes com boas razões e fundamentos reprovam esta sua nova opinião e mostram com evidencia o contrario.

Appareceram, porém, n'esta reforma as religiosas de Chellas sugeitas á Ordem dominicana, o que deu fundamento para fr. Luiz de Souza, na Historia de S. Domingos, dizer e sustentar que essas religiosas eram freiras dominicas e não conegas regrantes.

E que o mosteiro de Chellas teve por fundadores conegas regrantes de um dos mosteiros de Coimbra é opinião que segue o douto e curioso antiquario Jorge Cardoso no seu Agiologio Lusitano, como se pode ver em varios logares do tomo I impresso em Lisboa no anno de 1652, onde traz as Religiosas de Chellas mais insignes em virtude, chamando-as sempre: *Conegas Regrantes.*

E é tradição constante que em esta sua primeira fundação foi a Igreja de S. Felix de Chellas sagrada por Anjos deixando pelas paredes certas cruzes, como usa a igreja Romana n'esta ceremonia da sagração das Igrejas as quaes Cruzes ainda hoje duram; posto que cobertas de azulejos, de que se ornaram as paredes da Igreja no anno de 1612, e se acertavam ser cubertas de cal, como algumas vezes aconteceu, appareciam ao outro dia limpas e sem signal algum d'ella, não intervindo n'isso diligencia humana

Junto da mesma Igreja estava uma claustra, em tempo de Affonso Henriques, que tinha pelas paredes as mesmas cruzes que estavam tambem pelas paredes da Igreja, que ainda agora se vêem, as quaes sendo caiadas algumas vezes apparecem outra vez descobertas sem diligencia humana.

Por estas cruzes da Claustra antiga e pelas casas e officinas que de redor da mesma Claustra estavam, ainda que com parte arruinadas, entendeu e arcebispo de Braga que n'aquelle logar houvera antigamente mosteiro, e que era bem se reedificasse e povoasse outra vez de pessoas religiosas e communicando isto com el-rei D. Affonso e com o novo bispo de Lisboa D. Gilberto assentaram se restaurasse o mosteiro á honra de Deus e dos Santos martyres, que segundo a tradição antiga de alguns Christãos, ali estavam sepultados desde o tempo d'el-rei D. Affonso Magno, que tomou Lisboa aos mouros pelos annos de Christo 840...

Restaurado e reedificado o antigo mosteiro de Chellas em fórma que podessem n'elle morar religiosos e religiosas ao modo

O arcebispo, porém, de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, o antiguario Jorge Cardoso, e o chronista dos conegos regrantes provaram que o grande historiador dominicano estava enganado, e fr. Lucas de Santa Catharina,

---

antigo dos mosteiros, que chamavam dobrados, se foi o nosso arcebispo de Braga D. João Peculiar por ordem d'el-rei D. Affonso á cidade de Coimbra e com licença do padre S. Theotonio, primeiro prior do mosteiro de Santa Cruz, trouxe do mosteiro de S. João das Donas tres religiosas conegas para o mosteiro de Chellas e para primeira prioresa a sua irmã Justa Rabaldes tambem conega do dito mosteiro das Donas, por ser religiosa de grande virtude, santa e justa, não só no nome, mas nas obras. Acompanhatam estas quatro religiosas, por ordem do padre S. Theotonio, outros quatro conegos do mosteiro de Santa Cruz, para ficarem com ellas no mesmo mosteiro de Chellas, governando-as e administrando-lhes os Sacramentos, como achamos escripto em umas memorias manuscriptas que deixou o P. D. Theotonio de Mello, prior de S. Vicente de Fóra de Lisboa, que intentou escrever a Chronica dos nossos Conegos de Portugal, e para isto viu todos os cartorios dos nossos mosteiros, e particularmente o do mosteiro de Chellas, d'onde tirou algumas memorias antigas.

Primeiramente se mostra de um Breve Apostolico do papa Gregorio IX passado no anno 8.º de seu pontificado e no de Christo de 1234, em que confirma o mosteiro de S. Felix de Chellas da Diocese de Lisboa em Religiosas Conegas, que em romance diz: Determinamos e ordenamos (pag. 557 vol. II) que a Ordem Canonica, a qual para serviço de Deus e segundo a regra de Santo Agostinho se instituiu no mesmo logar (vae fallando o Summo Pontifice no mosteiro de Chellas) como é notorio se conserve e estabeleça para sempre, sem quebra ou diminuição no dito logar, etc.

Vae logo o mesmo Summo Pontifice confirmando no mesmo breve, todas as graças e privilegios, que os Romanos Pontifices seus predecessores e Reys e Senhores tinham concedido ao dito mosteiro.

D'este Breve ou Bulla Apostolica faz menção o P. Fr. Luiz de Sousa na primeira parte da Historia de S. Domingos, liv. I. cap. 25 por estas palavras:

continuador da Chronica Dominiana já não falla das freiras de Chellas.

E' pois este convento de Chellas um dos mais antigos e memoraveis das immediações de Lisboa.

E ainda que puderam trazer a Bulla primeira etc. Do que se vê conforme ao anno em que se passou o breve e as palavras com que começa *Prudentibus virginique*: é sem duvida o mesmo breve que acima allegamos.

O que supposto, folgaremos de perguntar ao padre chronista Fr. Luiz de Sousa, como confirma o dito Summo Pontifice Gregorio IV as religiosas de Chellas em freiras de S. Domingos, se determina, que a Ordem Cannonica alli fundada se conserve no mesmo logar para sempre? como consta das palavras do mesmo breve assim allegadas:

Statuemus ut Ordo Canonicus, e ou como se póde entender por Ordem Canonica instituida segundo a Regra de Santo Agostinho a Ordem de S. Domingos?

A verdade é, que deixou o padre Chronista d'allegar as sobreditas palavras do Breve, por serem contra o que pretendia provar, por não soffrerem a sua interpretação.

Porém para de todo convencermos o erro do Padre Chronista Fr. Luiz de Sousa, daremos aqui a copia de duas escripturas authenticas do mosteiro de Chellas, que não soffrem sinistra interpretação pela clareza com que fallam em ser o dito mosteiro dobrado de conegos e conegas.

E' a primeira feita em o mez de março da era de 1229 que responde ao anno de Christo de 1191 e diz assim:

In Christi nomine. Haec est charta Donationis et firmitudinis, quam jussi facere Ego Gonçalvus Joanis... (pag. 556).

A qual escriptura traduzida do latim em nosso vulgar vem a dizer:

Esta é a carta de doação e firmeza que eu Gançalo João mandei fazer a vós Dom prior e aos mais religiosos de Chellas.

Apraz-me por bem da minha alma de vos fazer doação de toda a minha herdade, que me ficou de meu pae João Esmoriges e de minha mãe D. Ausenda que está no logar a que chamam Aroit, com casas, com agoa, com suas entradas e saidas, e com quanto em si tem.

Da qual herdade vos faço doação para ajuda da sustentação

A porta principal d'entrada para a egreja é n'um lindo gosto manoelino.

O convento é muito vasto, mas no genero casarão, nada possuindo exteriormente digno de notar-se.

---

das Donas, que no mesmo mosteiro servem a Deus para que roguem por mim ao Senhor, assim como em minha vida, como depois de minha morte.

Por tanto estou contente que tenhaes a dita herdade por vossa para todo sempre.

Foi feita esta carta em presença de pessoas idoneas em o mez de março da era de 1229.

Os que foram presentes e assignados foram João Pirez, Payo Sorriano e Fernão Pirez.

Sueiro Pirez a escreveu.

D'esta carta de doação se colhe que no mosteiro de Chellas viviam religiosos e religiosas, e estas eram conegas que eram sempre chamadas com o nome de Donas, como se chamavam as conegas de S. João junto a Santa Cruz de Coimbra, d'onde vieram as primeiras fundadoras para Chellas, e mais se colhe que a sustentação d'estas conegas corria por conta do prior D. Pedro e mais religiosos conegos, que lhe corriam com a fazenda do mosteiro, como hoje no mosteiro de Odivellas junto a Lisboa fazem o prior e mais religiosos de S. Bernardo, que alli vivem no mesmo mosteiro.

E que aquelle prior e religiosos fossem conegos nossos, o declara a mesma escriptura trasladada fielmente do original, que se guarda no cartorio de Chellas, que diz assim:

Saibam todos que esta nossa carta de outhorgamento virem, que nós D. Domingas Anez Prioressa de Achellas em sombra com o convento das nossas Donas, entendendo e considerando a prol e perfeitamente do dito mosteiro, outhorgamos, queremos, e mandamos, que vós Eyria Anez Roberta filha em outro tempo de Joanna Robertis Dona do nosso mosteiro, possades por vós, ou por vosso procurador, pedir e demandar, receber, haver, e lograr em todos os dias da vida em vosso nome, e em nome de Mariannes, vossa irmã já passada, que foi dona do nosso mosteiro. todo o direito que a dita vossa irmã havia nas casas que estão em Lisboa a par da fonte dos cavallos, com condicção que vos não devedes arrendar, nem apenhorar, nem obrigar, nem

O côro, porém, quando o visitei em setembro de 1883, ainda se podia considerar como um pequeno Museo, onde se encontravam varias obras artisticas, taes como quadros, jarras de merecimento, imagens de pra-

---

vender, nem dar, nem alhear, nem escambar; mas em tal guiza que sómente em vossa vida as hajaes e logreis e á vossa morte fiquem livres e quites com toda a bemfeitoria ao dito Mosteiro sem contenda nenhuma.

Foi feita esta Carta a sinco dias de outubro da era de 1348 a rogo e outorgamento da dita Prioresa e Convento.

Estando a esta presentes e dando sua auctoridade e licença o virtuoso prior Dom João Anez e Dom Estevão Pires Toálha, conegos de S. Vicente de fóra e D. Fernão Matheus conego de Santa Cruz de Coimbra e Dom Domingos Paes Procurador do mosteiro tambem conego de Santa Cruz.

E eu Egas Pirez publico tabellião que o escrevi e meu signal publico o puz que tal é +

D'esta escriptura feita no anno de 1310 consta claramente que depois que os padres da Ordem dos Pregadores largaram o governo do mosteiro de Chellas por ordem do Summo Pontifice, á petição das conegas do mesmo mosteiro, tornarão os nossos conegos a ter cuidado d'ellas, e tornou o mosteiro como de principio a ter conegos e conegas, pois confirma a Escriptura D. João chamando-se n'ella prior sem dizer d'onde, porque e era do mesmo mosteiro de Chellas e autorizam mais a dita escriptura tres Conegos dos Mosteiros de S. Vicente, e de Santa Cruz, aonde recorrerão as ditas Religiosas a pedir conegos, que as governassem no espiritual e temporal, pois vemos que um d'estes conegos se nomeia por procurador de Chellas.

Confirma-se isto com acharmos no livro antigo dos Oitavos, do mosteiro de S. Vicente alguns religiosos do mesmo mosteiro, que morrerão governando o de Chellas: trarei aqui só dois por exemplo.

A 18 de julho se faz menção no dito livro do padre dom Agostinho Soares, conego de S. Vicente; que falleceu sendo prior de Chellas, por estas palavras:

Decimo quinto Kalendas Augusti obiit Dõnus Augustinus Suerii Prior de Achellis Canonicus Sancti Vicentii.

E a tres de novembro se faz menção no mesmo livro de outro

ta, dentro das quaes estavam encerradas reliquias, e louça do Japão. A livraria das freiras era pequena, e compunha se de grande numero de livros mysticos e sermonarios em portuguez, francez e latim: obras de

---

religioso leigo do mosteiro de S. Vicente, que falleceu sendo procuradôr de Chellas, e diz o obito:

Obiit Frater Petrus Conversus Sancti Vicentii Procurator de Achellis. Andam tambem no mesmo livro dos obitos muitas prioresas e religiosas do mosteiro de Chellas sempre com titulo de conegas de Chellas e por freiras da Ordem Canonica e irmãs de habito e regra se punham no dito livro.»

D. Nicolau de Santa Maria: Chronica dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho. Lisboa. pag. 559. vol. ii.

Primeiro que digamos como as religiosas de Chellas conservaram sempre o seu habito de Conegas, ainda estando sujeitas á Ordem de S. Domingos, nos pareceu necessario dizer, que origem e principio teve o sugeitarem-se os mais dos mosteiros das nossas conegas ao governo e obediencia dos religiosos de S. Domingos, não sendo da mesma Ordem.

E' pois de saber, que quando o padre S. Domingos instituiu a sua Ordem dos Prégadores, era ainda conego de Santo Agostinho, e debaixo do mesmo habito dos Conegos Agostinhos, que trazie, e debaixo da mesma regra Augustiniana, que professava, instituiu e confirmou pela Sé Apostolica a dita sua Ordem dos Prégadores. aos quaes vestio ao principio de murças e sobrepelizes. como escreve o chronista da mesma Ordem e ordenada, e composta a casa de S. Romão de Tolosa em perfeição de mosteiro se tornou o padre S. Domingos a Roma no fim de outubro de 1217, e foi recebido n'aquella curia com grande amor e applauso geral de todos pela fama de sua santidade e milagres que fazia, e cresceu tanto a devoção do povo que muitos se chegavam ao santo a lhe cortar da sobrepeliz e murça sem elle se poder defender; fazendo conta os devotos do Santo, que levavam para casa n'aquelles retalhos de seu habito antidoto contra todos os males, como diz o chronista Sousa.

N'este tempo desejava o summo pontifice Honorio III reduzira clausura as freiras de Roma, e particularmente as do mosteiro de Santa Maria; que chamavam de Trans-Tiberim, que era de conegas regrantes, das quaes até aquelle tempo tiveram cuidado

Fr. Luiz de Granada impressas no estrangeiro, um volume da Chronica dos Carmelitas, Vidas de Santos, Tractado da Paixão de Christo por fr. Nicolau Dias, livros de cantochão, e pouca mais variedade.

---

os nossos conegos Lateranenses, que n'elle habitavam, como certifica Anastasio, bibliothecario apostolico na vida do papa Gregorio IV.

E pelas não poder reduzir a clausura, abrirão mão d'ellas e as deixaram, e largaram ao Ordinario.

Communicou o Summo Pontifice este seu desejo ao P. S. Domingos, e entregou-lhe este negocio nas mãos.

Havia por este tempo no dito mosteiro quarenta e quatro religiosas, todas mulheres nobres e ricas: visitou-as o Santo, prégou-lhes com grande espirito, fallou Deus por elle, e no dizer do P. Souza não só ficaram persuadidas á clausura, mas tambem acceitaram o passar-se do logar, em que estavam, que era pouco decente, para a Igreja de S. Sixto de Roma.

Do que se deu o papa Honorio por pago e satisfeito, que entregou ao P. S. Domingos o cuidado de todos os mosteiros de nossas conegas, pelo Santo ser tambem conego regrante.

E succedeu que, mudando depois o P. S. Domingos, por revelação do Ceo, o habito de linho e murça de conego em um escapulario branco, o trocaram tambem as nossas conegas de Sixto e de outros mosteiros por devoção da Virgem, que deu aquella fórma de habito a S. Reginaldo e a seu padre S. Domingos, dando-lhes para isso licença o mesmo Summo Pontifice Honorio III.

Esta foi a origem e principio dos religiosos de S. Domingos tomarem á sua conta o ter cuidado dos mosteiros de nossas freiras, das quaes converterão alguns a sua Ordem como diremos, a exemplo dos de Roma, e como queriam fazer ao mosteiro de Chellas, se as religiosas d'este antigo e insigne mosteiro não resistirão com tanto amor e zelo do seu primeiro habito e instituição, que reccorrerão a Roma ao summo pontifice Bonifacio VIII para que as livrasse da sugeição dos padres prégadores, como fez por sua bulla, que passou a instancia da prioressa Dona Maria e de suas conegas no anno de Christo de 1295, e no segundo do seu pontificado, e foi juiz executor d'esta bulla, nomeado pelo mesmo summo pontifice, o bispo de Lisboa D. João Martins, prelado illustre

Havia, porém, abundancia de paramentos d'egreja, capas, fatos d'imagens, sendo alguns bordados no Porto com muita originalidade e riqueza, entre os quaes são dignos d'especial menção a vestimenta da imagem,

---

e zeloso, a quem veio dirigida, o qual isentou as conegas e seu mosteiro de Chellas, da sugeição da Ordem dos prégadores, pelas quererem obrigar a mudar de habito de conegas, em o das freiras dominicas, como se vê no Relatorio da supplica, que anda no principio da dita bulla de Bonifacio VIII, que tirada do latim em o nosso vulgar é o seguinte:

Cousa é certa, segundo somos informados, e se contém da supplica que nos foi feita por parte das amadas filhas em Christo, a prioressa e mais conegas de Santo Agostinho do mosteiro de S. Felix de Chellas d'esse bispado de Lisboa, que ha mais de sessenta annos, que os amados filhos e frades da Ordem dos prégadores governam e teem cuidado do dito mosteiro, ordenando todas as cousas concernentes ao bem d'elle, estando-lhes sujeitas as ditas conegas no espiritual e temporal, vivendo debaixo de sua obediencia, e disciplina e segundo seus Estatutos.

E por quanto ora estavam as cousas do dito mosteiro em termos, que os ditos religiosos como seus superiores e prelados as queriam obrigar a mudar o habito de conegas, em o habito das freiras de S. Domingos, e a deixar seu primeiro Instituto de conegas; nos pediam e rogavam humildemente prostradas diante de nós, houvessemos por bem de as mandar conservar em seu antigo habito e Instituto de Conegas de Santo Agostinho e livrar da sujeição e obediencia dos ditos religiosos de S. Domingos.

Por onde querendo nós pela obrigação do nosso officio pastoral proceder n'este caso com a diligencia que convém e promover n'elle com todo o acerto, vos encommendamos e mandamos (*vae fallando o summo pontifice com o bispo de Lisboa D. João Martins*), que vades pessoalmente ao dito mosteiro e vos informeis inteiramente do conteudo n'esta supplica e constando-vos ser feita na verdade; absolvereis ao Prior Provincial de S. Domingos e a seus frades de terem cuidado d'estas conegas e do dito seu mosteiro e a ella conservareis em seu mosteiro e Instituto de conegas de Santo Agostinho, obrigando-as a ficarem sugeitas á vossa obediencia e dos bispos vossos successores.»

Quem quizer considerar sem paixão a narração d'este breve e

da Senhora da Boa Hora, da do Senhor dos Passos, d'um veu d'hombros, os Solideos do Altar do Santissimo. Tambem ali se guardavam uns livros do Côro, dignos de serem vistos.

---

o que resultou d'elle, que foi absolverem os religiosos de terem cuidado das ditas conegas de Chellas, verá claramente, que a verdadeira causa d'isto foi o quererem obrigar aquellas religiosas a ser da Ordem de S. Domingos e a deixar o seu primeiro e originario habito de conegas que sempre conservaram, e não a que aponta o P. Chronista fr. Luiz de Sousa, dizendo que a tal absolvição pediram pelos religiosos as obrigarem a guardar clausura e outros rigores; e que n'este tempo largaram o habito de S. Domingos e vestiram o de conegas de Santo Agostinho; porque, como bem advertio o dr. fr. Antonio Brandão no livro X da terceira parte da Monarchia Lusitana, capitulo XXXVI para estas religiosas de Chellas serem primeiro da Ordem de S. Domingos e depois da Ordem das Conegas de Santo Agostinho, havia de preceder licença do Summo Pontifice, e esta não se allega, nem se costuma dar (ainda a particulares pessoas) senão a fim de maior perfeição, que ellas não pretendiam, pois não queriam os rigores da clausura e obrigação tinham os padres de S. Domingos de impedir a tal mudança, por não confessar maior perfeição na Ordem das Conegas, para onde se mudaram, segundo elles dizem, pelo que lhe convém confessar, que sempre as ditas religiosas de Chellas foram conegas, e sómente sugeitas á sua Ordem.

O anno pontualmente em que estas nossas conegas se sugeitaram á Ordem de S. Domingos, não consta ao certo, mas temos por sem duvida que seria depois do anno de 1224, em que a fama da santidade do Padre D. Sueiro Gomez, primeiro prior provincial da Ordem dos Prégadores em Hespanha, se estendia já por todo este reino de Portugal, e depois do mosteiro de Chellas, ser reedificado e accrescentado em edificios pelo bispo de Lisboa D. Sueiro Viegas, o qual estando em Roma, teve grande conhecimento com o padre S. Domingos e com seus santos e primeiros companheiros, dos quaes era um o padre D. Sueiro Gomez, que veio a Portugal. A este pois devia o bispo de entregar o mosteiro de Chellas, assim por ser discipulo do padre S. Domingos, como por ser conego regrante de Santo Agostinho.

Na casa chamada dos mortos ha uma sepultura com o seguinte epitaphio:

S.ª da muito exemplar religiosa a M.ª (*sic*) do Lado que sendo de 81 annos de edade e a mais antiga d'este

---

E d'este tempo começaram os religiosos de S. Domingos a ter cuidado do mosteiro de nossas conegas á imitação do que o Summo Pontifice Honorio III fez nos mosteiros de Roma entregando-os ao padre S. Domingos.

D'onde teve origem o modo de confirmação com que são confirmados os priores geraes e provinciaes da Ordem de S. Domingos, que é na fórma seguinte:

Confirmo-te in Generalem totius Ordinis Praedicatorum et trado tibi curam Monalium Ordinis Sancti Augustini.

Por freiras e ainda por conegas de Santo Agostinho quer o padre chronista fr. Luiz de Sousa se entendam as freiras de S. Domingos, como o escreve no livro I da Historia de S. Domingos, capitulo XXV... No que totalmente se engana o dito chronista, porque antes entre gente curial e estylo da Camara Apostolica por Ordem de Santo Agostinho absolutamente nomeada se entende sómente a Ordem dos conegos regrantes.

E se só por guardarem as freiras domininicas a regra de S. Agostinho lhe póde convir o nome de conegas de Santo Agostinho, o mesmo se dirá de todas as mais religiosas de diversas Ordens que guardam a mesma regra Augustiniana, como são n'este reino as freiras de Santa Monica da correa, as freiras de S. Jeronymo, e as freiras de S. João de Matta e outras, o que será grande absurdo dizer se.

Nem os exemplos que o mesmo chronista dominicano traz em confirmação d'esta sua nova opinião tem força alguma, antes provam o contrario do que elle pretende; porque o mosteiro das donas de Santarem e o das freiras de Corpus Christi de Villa Nova do Porto foram em seus principios de conegas de Santo Agostinho, aquelle prelado por duas religiosas conegas de Chellas; e este por uma senhora illustre por nome D. Maria Mendes Petita, tambem para conegas de Santo Agostinho.»

O caso é que os dominicos nenhum caso fizeram posteriormente do convento de Chellas, pois fr. Lucas de Santa Catharida na quarte parte da Historia de S. Domingos, impressa em Lisboa no anno de 1733, passa em claro um tal mosteiro.

convento falleceu em 17 de fevereiro de 1670 huma segunda feira das nove para as dez horas da noite hum dia 5 horas antes da hora em que nasceu.

Perto d'este sitio veem lindos quadros de azulejo representando a Paixão de Christo e as luctas do Anjo S. Miguel.

Na Crasta velha lêmos:

Esta obra e dormitorio mandou fazer a madre D. Marianna de Castro, sendo prioreza d'este mosteiro. Começou-se a 9 de junho de 1664 e acabou a 19 de setembro de 1665 e n'este dia se passaram para elle as creadas d'este mosteiro 11 annos completos no mesmo dia que se havia queimado tudo o que se refere n'este letreiro para maior gloria de Deus e memoria das religiosas que adiante forem d'ella saberão as verdades. Soli Deo Honor et Gloria.

Algumas janellas, que por aqui se encontram revelam remotissima antigüidade.

N'uma lapide lemos: Era de 300 tresentos em que este convento teve principio das Virgens Vestaes CCC.

Sobre uma sepultura com brazão lemos:

Aqui jaz dona Maria Dalencastro, prioreza que foi d'este mosteiro de Chelas faleceo na Era de mil e quinhentos e quarenta e tres.

N'outra: Aqui jaz dona Beatriz Dias — falleceo na era de mil quinhentos e vinte hum.

N'outra: aqui jaz dona Maria Pereira prioreza que foy d'este mosteyro de Chelas e faleceo na era de 1539.

N'esta mesma claustra está outra campa muito antiga com uma figura de freira já muitissimo gasta, e um epitaphio do qual quasi nada se pode ler.

No Côro debaixo da egreja ha tambem as seguintes sepulturas:

N'esta sepultura está D. Filippa de Ataide que fale-

ceo prioreza d'este convento de Chelas na era de 1651 a 22 d'abril.

N'esta sepultura está o corpo de D. Maria da Silva que reformou este mosteiro e foi prioreza n'elle quarenta e dois annos. Faleceo a 21 de janeiro de 1859. Pede por amor de Deus huma Ave Maria.

N'esta sepultura está o corpo da madre Isabel dos Anjos. Faleceo a 18 dias do mez de maio da era de 1638.

Aqui jaz a madre Filippa do Espirito Santo. Faleceu a 16 de janeiro de 1611.

N'esta sepultura está o corpo de D. Juliana de Noronha que governou este mosteiro dez annos e tres vezes que foi prioreza d'elle. Faleceo a 18 de maio na era de 1638 annos.

A egreja é revestida de bons azulejos representando santos da Ordem dos Conegos Regrantes.

N'um ladrilho das Cosinhas velhas vê-se um tijolo com a data de 1790.

É grande o numero das cosinhas, pois as freiras n'ella faziam doces, em que negociavam.

No topo da sala, que serve para aula de Instrucção Primaria acha-se um painel com o retrato d'el-rei D. João V.

Á entrada da porta principal por debaixo do alpendre, veem-se estas letras:

A D M. (No anno millessimo do Senhor).

Por detraz do altar na capella mór lê-se o seguinte:

Ao S.^{mo} Sacramento huma escrava sua dedica esta obra em o fim do anno de 1690.

Na sachristia ha tambem um letreiro em latim bastante gasto.

Na Cerca encontra-se a seguinte legenda em azulejo:

Louvado seja o Santissimo Sacramento. Gloria in ex-

celsis Deo. N'este logar esteve o Santissimo Sacramento em Sacrario quando por occasião do grande terremoto do primeiro de novembro de 1755 veio a Communidade para a cerca onde esteve dois annos e 28 dias e no mesmo logar se dizia Missa, se administravam sacramentos, professaram duas religiosas, e se resavam os officios divinos, e se conservou n'elle o S. Sacramento até 15 de julho de 1756 em que foi para a egreja já reparada da ruina, onde tornaram a ir officiar pelo tempo que ainda se conservarão na cerca, e para gloria do mesmo Senhor, e que em todo o tempo seja louvado em o mez de 1765.»

Por cima d'esta memoria está nos azulejos representada a adoração dos pastores ao Menino Jesus.

Na mesma Cerca, no cimo, junto do bosque: Quem mandou metter esta vinha foi a Senhora D. Antonia Joaquina, sendo cerqueira, no anno de 1798.

Tambem n'esta cerca se vê um muro revestido d'azulejos representando passagens da vida de Santa Maria Magdalena, de Santo Agostinho e da Paixão de Christo.

A egreja tinha 6 capellas, mas ha pouco fizeram (creio que não mui sensatamente) uma outra para o Senhor dos Passos.

No quintal da Sachristia estão os tão famosos gryphos de que logo fallaremos. Fr. Luiz de Sousa, talvez por ser este o primeiro convento portuguez de que tracta na sua bellissima Chronica Dominicana, não perde ensejo para exaltar as virtudes de suas habitadoras.

Diz que: «sua doutrina foi sempre correndo de mão em mão com notavel aproveitamento; e lançando por todas as idades um cheiro de virtudes excellentes, como mistura de materiaes aromaticos confecionada de boa mão, que por muito antiga não póde perder a viveza da primeira fragrancia; perseverou e chegou até o presen-

te em grande numero de Religiosas[1]. E ainda que nos escondeu e apagou a memoria de quasi todas quem tudo acaba e desbarata, que é o curso dos annos, temos com tudo indicios mui certos de seu grande valor, no de algumas que em nossa idade e de nossos pais alcançamos.

Ardendo Lisboa em peste, nunca jamais n'aquelles claustros se experimentou nem sentiu ar contaminado. Assim não ha lembrança que as freiras em tempo algum desamparassem a santa clausura.

Entrando o duque d'Alba em Lisboa no anno de 1580 acompanhado de um luzido exercito por terra e grossa armada por mar, sem mais repugnancia que um leve recontro que teve nos muros d'ella com poucos homens, faltos de força e armas e muito mais de conselho, não duvidou contra toda a lei de boa guerra entregar á cubiça e furia dos soldados, que quasi não tinham arrancado espada, tudo o que havia fóra dos muros a tres legoas á roda da cidade.

Havia muitas casas de Religião. Como entre catholicos, mandou todavia acudir com guarda ás mais notaveis. Ficou a nossa Chellas ou por distante, ou por menos conhecida sem nenhuma. Encheu a egreja a gente das quintas visinhas: e os claustros e officinas o que cada um tinha de mais preço. Entrando a primeira noite e crecendo com ella o terror do que se esperava, tomaram as religiosas a cargo passal-a em vigia por não serem colhidas de improviso.

Eis que entre as onze e a meia noite sentem que se picava o muro da cerca. Esperta-se toda a communidade, acodem á parte, d'onde soava a obra. Havia já

---

[1] Historia de S. Domingos, liv. I, cap. 26.

um agulheiro feito, que se via por elle a claridade da Lua da outra parte. Dão-se por perdidas, correm á portaria e ao coro pedir favor a Deos e aos homens que havia. Sairam logo alguns fora, mais para atalayar ou escutar o que se fazia, que pera remedeadores do damno que se tinha por certo em tal tempo.

Mas tornaram logo cheios de novo medo, referindo por maior mal, que vinham cercando o mosteiro uma grossa esquadra de cavallos.

Não faltaram outros atrevidos, que quizeram dar fé do que estes affirmavam, e contavam vinte cinco lanças, que todos, sem faltar um, cavalgavam cavallos brancos, e vestiam sobre as armas marlotes brancas. E o que mais espantou, notaram que sem parar foram dando voltas ao mosteiro e com tanto silencio, que nunca se sentio, nem poude colher palavra de entre elles: e durou o passeio sem outro effeito atê ás tres despois da meia noite.

O mal que se temeu de tanta gente junta, como maior, fez esquecer o menor dos que aportilhavam a cerca. Mas succedeu, sem se saber como, que cessou o rumor dos instrumentos que á batião.

Amanheceu o dia seguinte, foi dando com a luz tregoas ao medo da noite, e lugar a se fazerem discursos do que n'ella se vira.

Assentavam todos que a cavallaria era do exercito, e viera mandada para guarda do convento, pois d'ella não resultara damno, mas antes fugiram os que rompiam o muro.

N'este ponto chegou recado em nome do duque, com desculpas de não ter mandado acudir áquella casa, offerecendo fazel-o logo, como de feito mandou.

Foi a resposta das madres cheia de agradecimentos da offerta presente, mas maiores da obra da noite pas-

sada; a qual sendo contada aos mensageiros, e depois no exercito: foi ouvida com maravilha.

Porque em todo o campo, segundo affirmavam, não havia 25 cavallos brancos repartidamente: quanto mais juntos em uma só companhia.

D'onde nasceu darem por certo, assim as Religiosas, como os visinhos, que foram presentes, que os 25 cavalleiros eram os seus martyres, que tiveram cuidado de as vir defender e guardar: e fundavam a verdade no numero, nas cores, e no effeito.

No numero, porque faltava n'elle um só para 26, o qual não era razão apparecer em tal habito (isto diziam por Santa Natalia).

Nas cores, porque taes são as com que assistem os martyres diante do throno divino, depois que lavavam suas roupas no sangue do Cordeiro.

A madre D. Maria da Silva, que governou esta casa 42 annos, que foi todo o tempo que viveu depois de uma vez eleita. Tal era a sua vida que dizia por ella el-rei D. João III, que se fôra possivel repartir D. Maria por muitos mosteiros, só com isso os dera todos por mui reformados. [1]

A madre soror Brites da Paixão, tinha vivido muitos annos com grande opinião de santidade, e acabada sua carreira com fim semelhante no anno de 603. Sabia-se que até a ultima doença de que acabou, fôra sua cama uma cortiça acompanhada de pobres mantas, e por cabeçeira um madeiro secco, que depois de longos dias, trocou em uma almofada de lã, mas tão embutida e dura que quasi não ficava menos penosa para a cabeça. [2]

---

[1] Id. id. Bemfica, 1623, fol. 60, v.
[2] Id. id. id. fol. 61. v.

Jejuava a pão e agua todas as sextas feiras do anno, e na quaresma ajuntava as quartas feiras; e todo o mais tempo de quaresmas e adventos, passava com legumes sem outro mantimento. Sendo muito caritativa e piedosa com todas, seguia um aperto estranho de pobreza comsigo; porque possuindo com licença uma terça grossa, toda dispendía em esmollas, nada em commodidade ou alivio seu. Assim quando veio a fallecer, não se lhe achou na cella, mais que uma pobre cruz de pau. O vestido que tinha, era sómente quanto pedia a necessidade para se mudar e lavar, sem peça de guarda ou de sobejo. Conformando-se com seu nome era devotissima da paixão: e foi o Senhor servido pagar-lhe a devoção com a levar para si no dia da exaltação da santa Cruz, e como lhe dar a sentir nos ultimos dias da vida, em pés, e mãos, e coração umas gravissimas dôres, que sendo recebidas por ella com grande paciencia, affirmava que sem auxilio divino era impossivel atural-as. Veio a abrir-se a cova em que fôra sepultada para outro enterro, alguns mezes depois.

Eram passados ao justo dezenove annos do enterro da madre D. Maria da Silva, e não havendo mais que cinza de todo o despojo mortal, achou-se o veo preto, salvo da corrupção, e como cosido com a caveira.

Fr. Luiz de Sousa, falla-nos ainda da madre sor Filippa do Espirito Santo, que falleceu com 85 annos de idade em 1617, havendo-se entregado a todas as penalidades e rigores voluntarios. Por longos annos sua cama foi uma cortiça com duas mantas grossas, e a almofada um madeiro roliço envolto n'uma toalha. No serviço da Communidade não havia religiosa que mais trabalhasse; incansavelmente fazia todos os officios, já sachristã, já escrivã, tangedora e cantora continua; já mestra de noviças, vigaria e porteira; para cada cousa d'es-

tas parecia que só nascera. Tal era seu talento em tudo. Aconteceu louval-a uma religiosa em certa occasião e nomeal-a por santa. Assim se offendeu como pudera fazer outrem de uma grande affronta, e cheia de espirito não dilatou tomar a vingança em si do juizo alheio, dando com a sua propria mão duas bofetadas com tal força, que lhe ficaram os dedos assignalados nas faces, e pelo contrario, succedendo outro dia, tratarem-na mal de palavras (era em hora que rezava por um livro estando em pé) não sómente manteve silencio, ouvindo-se affrontar, mas poz os joelhos em terra, e foi continuando sua oração sem fazer movimento, nem mostrar sentimento. Falleceu em 1616 com 84 annos de idade.

E termina o grande chronista dominicano a historia d'este mosteiro, por estas dulcissimas palavras: «Concluamos esta memoria com o que d'ella se fica collegindo, que são duas cousas. A primeira que faça o leitor juizo d'esta casa, segundo as regras dos bons descobridores de minas d'ouro, os quaes dão por certo signal de riqueza nas entranhas da terra, quando as mostras superficiaes são de metal fino. A segunda é que saibam as religiosas d'ella, que todos estes bens devem á doutrina e santidade d'aquelle grande espirito, que Deus foi servido dar-lhes por seu primeiro mestre e fundador, que foi nosso glorioso patriarcha S. Domingos.

Se porem o nome de freiras taes passaram á immortalidade, deveram-no aos escriptos de fr. Luiz de Sousa, mais duradouros de que tabuas de bronze. Uma mulher, porém, houve, que estando residindo em Chellas, não careceu do grande chronista dominicano para ter um nome immorredouro. Todos sabem que fallo da marqueza d'Alorna, e ninguem irá a Chellas, sem que vá visitar n'aquelle mosteiro a casa em que esteve encerrada a grande poetisa portugueza.

Aos 8 annos d'idade vio-se reclusa em Chellas na companhia da sua mãe e de sua irmã D. Maria d'Almeida. Seu pae, porém, tinha sido lançado no forte da Junqueira, por suspeitarem de que tivera conhecimento do attentado da noite de 3 de setembro de 1758. [1]

Onze annos ainda ella contava, quando sua mãe muito doente com um ataque de nervos, que lhe tomava os movimentos, e precisando escrever a seu marido encarcerado, notou em sua filha qualidades que, apesar dos poucos annos, lhe inspiravam confiança, e a chamou ao pé do leito em que se achava. E mostrando-lhe umas tiras de papel, todas escriptas de encarnado, lhe disse:

—Minha filha, conhece esta letra?

—Parece-me a letra de meu pae.

—Com que é escripta?

—Parece-me que é com sangue.

—Pois bem, é sangue de meu pae. E se minha filha revelar, que vio estes papeis, este sangue, o meu, e o de minha filha correrá. Preciso escrever a seu pae, e só minha filha é que tenho para me ajudar.

Dahi em diante ficou a menina de onze annos encarregada de toda a correspondencia, sobre maneira interessante.

Quinze annos tinha ella apenas, quando succedeo perder-se uma das cartas de seo pai. O susto e affliçäo, em que ficou por esta perda suscitou-lhe a idea de que só tomando o *habito* de freira poderia reparar esta culpa involuntaria. Alcançou para isso os votos das religiosas, e para fortificar-se na resolução que assim tomara, fez os clamados *Exercicios Espirituaes* de Santo Ignacio, que, em logar de serem de dez dias, segundo

[1] Obras poeticas da marqueza d'Alorna. Lisboa 1844, vol. I, pag. XV.

a pratica de então, foram de vinte dias, por devoção da penitente. Mas ao fim delles, confessando-se ao P. Fr. Alexandre da Silva, que depois foi bispo de Malaca, bem longe de ajudal-a em seu proposito, este lhe aconselhou que ouvisse a marqueza sua mãe, e lhe beijasse a mão, porque em tão poucos annos não devia seguir somente sua vontade.

Perdido este pensamento da pouca edade, continuou seus estudos na edade de 16 a 18 annos, cultivando com elles seus talentos naturaes, e começaram a celebrar-se e a ser muito conhecidas algumas das suas composições mais elegantes.

Estavam naquelle tempo muito em moda os chamados *Outeiros*, pela Côrte, e particularmente nos conventos, e alem dos Socios da Arcadia, havia muitos poetas, entre os quaes se distinguia Francisco Manoel do Nascimento—o Filinto Elysio.

Este e os seus amigos começaram a encaminhar-se para Chellas, repetindo ahi os seus versos, e pedindo motes ás freiras, esperando nessas occasiões encontrar esta senhora, e ouvil-a nalguma *grade*.

Em effeito appareceo, brilhou e cunfundio alguns dos seus admiradores. Data dahi o nome de Alcippe, com que elles a celebraram, e com que ficou sendo conhecida entre os poetas portuguezes, assim como pelo de Daphne sua irmã D. Maria d'Almeida, depois condessa da Ribeira. E data desse tempo o que lhe aconteceo com o arcebispo de Lacedemonia, por ordem do qual esteve dois annos reclusa na sua cella, não podendo sahir senão por sua ordem e chamamento, para vir-lhe fallar á grade.

Era uso permittido e tolerado em todos os conventos, quando alguma senhora, freira ou secular se achava gravemente enferma, e a queria visitar um parente

sem suspeita, como pai, irmão ou filho, tomar este o logar de um dos creados do convento, e conduzir á cella da senhora enferma qualquer cousa que por outra pessôa não pudesse ser levada.

Achava-se a marqueza mãe muito doente, e vinha para falar-lhe seo filho depois marquez D. Pedro. Sua filha veio á portaria, e achando alli o aguadeiro com o barril, fez com que seo irmão o tirasse ás costas, e assim fosse dar essa consolação a sua mãe. Mas como esta senhora era uma *presa d'Estado*, fez isto grande impressão, e foi denunciado ao arcebispo e veio este fazer-lhe um grande sermão sobre o rompimento da clausura, obrigou-a a não sahir da sua cella, e determinou-lhe que cortasse os cabellos, e vestisse de côr honesta.

Como a cella d'Alcipe se communicava por dentro com a de sua mãe, obedeceo ella em quanto á sua reclusão: mas no mais duvidou obedecer, por isso mesmo que ninguem de fóra do convento apparecia. Passados poucos dias voltou o arcebispo a ver se era obedecido. Chamado Alcippe á grade, appareceo no seo costume antigo.—Não lhe disse eu que vestisse de côr honesta ? (lhe disse o arcebispo) Não lhe disse eu que cortasse os seus cabellos?—Como não sou religiosa (lhe respondeo Alcippe) só de meo pai ou de minha mãe posso receber uma tal ordem.—Deixe estar, que eu direi ao Senhor Marquez a sua desobediencia. — A meo pai?—Não me falle em seu pai; do senhor marquez de Pombal é que eu lhe fallo. Ao que Alcippe retorquio com todo valor que dá a consciencia da propria dignidade, repetindo-lhe dois versos que então muito a proposito lho occorreram duma tragedia de Coreille:

Le cœur d'Eléonore est trop noble et trop franc
Pour craindre ou respecter le bourreau de son sang.

E ainda que, o arcebispo não gostasse muito da lembrança, com tudo respondeo-lhe:

Está bem! Está bem! Como não ha de sahir desta clausura, tanto importa que ande vestida de preto, como vestida de encarnado. A edade de Alcippe, que então era de pouco mais de 18 annos, lhe foi desculpa nessa occasião. E é a este facto e ás suas procedencias que se refere a bella ode de Francisco Manoel do Nascimento:

Não esperes, formosa e meiga Daphne, dirigido á irmã de Alcippe.

Ainda se passaram alguns annos, que chegaram a dezoito e alguns mezes, de estudo, de saudade, e de tormentos ao pai e á filha, em Chellas e na torre de Belem.

Até que fallecendo el-rei D. José se abriram as portas dos carceres, e a tantos que se julgavam criminosos se deo a consolação de tornarem aos braços dos parentes e amigos. Num dia, que ficou sempre assignalado, chegou pela meia noite a Chellas o pai de Alcippe, já não como um gentil cavalheiro de 25 annos, que nessa edade tinha entrado para o forte da Junqueira, mas com um semblante macerado pelos padecimentos de uma prisão tão dilatada e rigorosa.

O marquez voltou então para Lisboa com sua mulher e filhas.

Foi grande o numero das poesías que Alcippe compoz no convento de Chellas, e entre ellas a seguinte:

Escuro Ceo, cravado de diamantes,
Onde o leite de Juno em soltas gotas
Reluz desde essas plagas tão remotas
Té aos olhos dos terreos habitantes:

Se o reflexo dos astros scintillantes
Tão longe, dividindo os ares, brotas,
Saidos das entrambas minhas rôtas
Cheguem la meus suspiros anhelantes.

Tu que reges o mundo auctor de tudo,
Ouve o asperrimo som d'esta cadêa,
Envergonha com elle o Fado rudo.

Manda cá abaixo alguma Semidéa,
Não Mercurio, nem Hercules membrudo;
Se quizeres soltar-me, manda Astréa.

Resta, apenas, dizer algumas palavras ácerca d'esses antigos vestigios que teem dito haverem pertencido a um mosteiro de Vestaes.

Grandes jorros de luz não podem apparecer ácerca d'um tal assumpto, mas é certo que o prussiano Hübner, authoridade competente, não argue de falsas as duas seguintes lapides, das quaes faz menção nas suas Inscripções Romanas de Portugal e Hespanha, impressas em Berlim.

A pag. 31 falla d'aquella que se encontrou no dia 18 de março de 1608, e que foi copiada da fórma seguinte:

GRAVIO CIGALO
REG ....
ADIL
ANN. XXVIIII.

Hubner, porém, não acceita esta interpretação, e manda que a lapide se leia do seguinte modo:

C. gAVIO. C. *f* CAL
REG*to*
AEDIL*i*
ANN. XXVIIII [1]

A pag. 33 falla-nos o mesmo celebre Hubner d'uma outra em Chellas no pateo da Quinta da Bella Vista, lapide que tinha os seguintes dizeres:

D. M.
IVLIAE. LABERNARIAE
ANN. XXXVII
C. IVLIVS. SILVANVS
IVLIA. GLAVCA
PARENTES
P. [2]

Nas Noticias Archeologicas de Portugal, pelo mesmo Hubner, e vertidas do allemão pelo sr. Tito Augusto de Carvalho, embora uma tal versão haja sido attribuida a Augusto Seromenho, e incorporadas no Tomo IV, Parte I, das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Letras [3], diz-nos que devem ser mencionadas as inscripções que foram applicadas na construcção do mosteiro de Chellas, e que em Chellas ainda se conserva a lapide de um tumulo christão do anno de 644.

Esta lapide foi do seguinte modo copiada no Archivo Pittoresco.

---

[1] Inscriptiones Romanae consilio et auctoritate Academiae Litterarum Regiae Borussicae, pag. 31.
[2] Nova série. Tomo IV, Parte I, pag. 47.
[3] Anno de 1854, pag. 376.

A R U
DEPOSITIO
BONE MEMORI-
MARTVRI D
FELICIS DECEM
IDIBVS ERA
DCCIII

E' uma pedra de fórma circular de marmore avermelhado, e acha-se quasi partida pelo meio. [1]

Ainda ha outra pedra, tambem de fórma redonda, embebida na parede tanto esta como a antecedente, mas d'esta segunda restando tão sómente a metade superior do seguinte modo:

DEP
SITIO BONE ME-
MORIA F CETIS

Era esta inscripção relativa vos martyres Santo Adrião e seus companheiros.

De modo que a egreja de Chellas pertence ao numero das rarissimas que em Portugal possuem recordações do tempo dos godos,

As reliquias dos martyres padroeiros do convento, foram tiradas das suas caixas de marmore em 1604 e sendo mettidas em 26 meios corpos de santos, obra de boa esculptura, que mandou fazer a prioreza D. Luiza de Noronha, trasladaram-se para dois altares collateraes da capella-mór, ficando cada um guarnecido com treze corpos.

[1] A vida de S. Felix acha-se na Historia Ecclesiastica da egreja de Lisboa por D. Rodrigo da Cunha, fol. 57, v.

Na do lado da epístola, dedicado a Santo Adrião, acham-se as reliquias d'este martyr, de Santa Nathalia, e de mais onze companheiros. Junto d'este altar veem-se duas lapides com as seguintes inscripções:

Este convento é de conegas regrantes de Santo Agostinho... (já se fallou amplamente ácerca d'esta inscripção).

A outra é do theor seguinte:

Fidelissimo ac invictissimo XRI DNI Martiri Adriano et Natalie, uxori ejus aliisque undecim sociis, qui sub Maximiano vario tormentorum genere occubuere, quorum corpora ante Alphonsum primum Portugaliae Regem hic quiescunt, hoc altare dicatum est.

No altar do lado do Evangelho, consagrado a S. Felix, estão as reliquias d'este Santo, e dos seus doze companheiros.

Acham-se junto d'elle duas lapides, com as seguintes inscripções.

Esta capella se reedificou em tempo do illustrissimo senhor D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, prelado d'esta casa, com cujo governo foi sempre administrada antes dos reis de Portugal, como se vê de um cippo feito na era do S. de mil, e das armas de el-rei Wamba, que repartiu os bispados em Hespanha, o que tudo se achou n'esta reedificação, com ruinas de um caes de enxelharia, onde desembarcaram estes santos martyres, por este valle ser vau.

Na outra lapide lê-se:

Beatissimo Xri Dni Martiri Felici Diacono, aliisque XII Martyribus qui impiorum gladio sub Diocleciano occubuerunt, quorum corpora hic jacent, ante Alphonsum I Portug. Regem, hoc altare est dicatum.

O leitor já farto de ver Chellas, e um pouco duvidoso ácerca da veracidade d'algumas lendas, trata de sair, e a poucos passos encontra o cruzeiro á sua direita, obra não digna d'especial menção tendo em duas bases do pedestal duas inscripções latinas não dignas d'especial memoria, mas cujos caracteres pertencem ao seculo XVII ou XVIII.

Seguem-se depois hortas d'um e d'outro lado, e em seguida uma azinhaga que vae direita á rua do Sol, bifurcando-se com outra que se dirige ao Cazal dos Ladrões, quinta dos Embrechados, e Alto do Pina.

Continuando pela mesma estrada de Chellas, d'este lado direito tem algumas hortas e um pequeno palacio, ha pouco renovado, que foi construido por um tal Cherisanto, que fica fronteiro e quasi debaixo d'uma montanha, quasi a prumo, que deita para umas terras e olivaes.

Continuando pelo mesmo lado segue-se a antiga fabrica de chitas, que foi de Joaquim Pedro Xavier, depois, servindo para o mesmo mister, de Francisco da Silva Pinto.

Passada a fabrica ha outra pequena azinhaga, que rodeia o terreno da dita fabrica, e vae entroncar com a estrada, de que se fez menção no caminho que bifurcava com a estrada dos Embrechados, e uma pequena povoa denominada rua do Sol, que vae tornear no Alto de S. João, junto ao caminho da Penha.

Seguindo outra vez a mencionada estrada de Chellas, á direita ha umas pequenas casas e um olival; e, em

seguida a quinta denominada da Raposeira, que depois lhe fica contigua, separada por um muro da quinta que foi de Carlos Chatillon, e hoje pertence a Joaquim de Oliveira.

E em continuação ha uma moradia de casas, até chegar a um pequeno quintal da antiga *Borda d'Agua*, nome popular d'uma mulher, que tinha logar na Praça da Figueira, e quintal que se perde no muro da circumvallação de Lisboa, que vae na direccão no Alto do Varejão.

Passada esta estrada segue-se o muro da quinta até ás portas da cidade, quinta chamada do Manique, hoje conde de S. Vicente.

Este sitio é bastante melancolico e tristonho.

Vindo de Chellas encontrámos á esquerda o seguinte:

1.º 3 ou 4 hortas a seguir, não possuindo ellas cousa alguma digna de especial menção.

2.º Uma azinhaga denominada — O Caminho de Chellas, com um pequeno bairro de moradores.

3 º Segue-se a quinta denominada da Macieira, que termina n'oútra azinhaga denominada de Santa Catharina.

4.º Apoz vemos uma pequena horta e casa de habitação.

5.º Em seguida a montanha, de que já se fez menção, defronte da casa chamada do Cherisanto.

6.º Horta e umas casas antigas, hoje renovadas, que pertenceram á Mizericordia de Lisboa, onde antigamente eixstiu uma fabrica de chitas de Antonio José de Brito, e hoje está montada uma fabrica de lãs.

7.º Segue-se um palacio muito antigo, em parte do qual está montada uma fabrica de tecidos de lã, pertencentes a Francisco Garcia, hespanhol.

Esta fabrica é vantajosamente conhecida, tem obtido varias premios e dá trabalho a cento e cincoenta empregados.

Tem esta fabrica 2 motores a vapor, e um lavadouro cylindridico authomatico, que importou em 16 contos de réis.

8.º Segue-se uma horta pertencente aos herdeiros do visconde da Arcada, e em continuação uma pequena moradia de casas, que terminam na azinhaga denominada da *Amorosa*.

9.º Para além d'essa azinhaga ha uma pequena casa apalaçada de dois andares n'um terreno, que pertenceu á marqueza de Niza.

Foi esta casa fundada por seu secretario Peppe, a quem a marqueza cedeu o terreno para ali estabelecer a sua morada, fóra do palacio, por causa das dissenções que teve com o joven marquez seu filho, que disparou um tiro de pistolla contra Peppe, tiro que não acertou.

Esta casa, onde residio Peppe, foi mais tarde residencia do grande Almeida Garrett, depois d'um bispo de Castello Branco, bispo que era muito visitado pelo duque d'Avila.

Mais tarde foi residencia de Carlos José Caldeira, iberico de força maior, a quem o povo em certa occasião quiz da ponte dos vapores ao Caes do Sodrè deitar ao rio.

A collina direita do valle de Chellas apresenta uma soberba perspectiva, e taes vistas que dizem alguns trazerem ellas á lembrança os cantões da Suissa.

Na collina direita do referido valle, por detraz d'uma propriedade urbana ali existente, junto a um monticulo, que descae para o poente, no fundo d'um olival, a um recanto da mesma propriedade, antigamente estava uma

porta, que dava servidão para o palacio do marquez de Olhão, e que foi mandada fechar pelo seu proprietario um fulano Anthero.

O referido recanto era de 1830 a 1832 o ponto de reunião onde, munidos da respectiva senha, se juntavam os portuguezes que pretendiam ir para o Porto, por occasião do cerco d'esta cidade.

Havia por aquelle tempo umas estreitas escadinhas de pedra junto ao caes denominado de D. Gastão, e ali os iam buscar os guias para os embarcarem, servindo de senha estas palavras: *Alto do Anthero.*

No principio do corrente seculo era muito afamada e concorrida a horta do Lavrador, na estrada de Chellas, cuja entrada ficava por debaixo das ruinas do palacio, de que já se fallou cognominado do Chorisante.

Era mui frequentada pelo grande poeta Bucage, que para ali se dirigia com grandes ranchadas d'amigalhotes. E dizem que ao ver marido e mulher comerem toda a sellada que estava dentro d'um grande alguidar fizera os seguintes versos:

Levou um livreiro a dentes
D'alfaces todo um canteiro
E comeu sendo livreiro
Desencadernadamente

Porém eu direi que mente
A quem n'isto reparar,
Pois trabalhou como um mouro:
Que o metter folhas em couro
Tambem é encadernar.

Além d'esta horta eram tambem mui frequentadas a Horta das Canas, e a do Borda d'Agua.

A Camara Municipal de Lisboa em julho de 1841 decidiu que se fizesse a estrada de Cheilas acceitando os donativos e auxilios fornecidos por alguns individuos para o dito fim, sem prejuizo das outras obras d'este genero que tinha determinado. [1]

Segue-se parte do muro das hortas do marquez de Niza, e d'ahi por diante o muro do Asylo de Maria Pia até ao largo da Cruz da Pedra, onde estão as portas pertencentes á circumvallação, as quaes nos introduzem em Lisboa.

E', porem, muito possivel que o leitor ainda ache cedo de mais para entrar na capital, e queira alargar seus passos até ao cemiterio do alto de S. João, para ali se recordar dos que já não existem, e tambem para philosophar um pouco ácerca das cousas da vida.

Observa, portanto, o seguinte:

1.º Enfiando pelo caminho chamado da Cruz da Pedra vê, poucos minutos depois a chaminé d'uma grande cervejaria, e caminhando por entre muros de quintas, de repente se lhe appresentam á vista os funebres cyprestes do cemiterio matizando as alvas paredes da capella do Alto de S. João e a cantaria dos tumulos.

Mas alguns passos antes de chegar á estrada d'este cemiterio vê á sua direita uma porta que revela muita antiguidade.

E se fôr curioso e observar bem, ha de ver que lá para os lados de Chellas ha vestigios d'outras duas portas, que parece terem alguma relação com esta que presentemente está vendo da estrada.

Pois ha duas tradições relativas a esta porta, a pri-

---

[1] Synopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa do anno de 1841. pag. 25.

meira que fazia ella parte d'um passadiço, pelo qual um rei de Portugal ia a occultas conversar com uma fidalga por nome D. Bernarda, e que d'estes amores provieram os ascendentes do visconde de Fonte Arcada, ao qual pertencia um tal palacio na estrada de Chellas, palacio que revela muita antiguidade, e onde mora actualmente o filho do proprietario da fabrica de tecidos de lã, por nome Garcia.

O que é certo é que d'aquelles sitios tem sido removida uma grande quantidade de cantaria.

São ainda hoje muito fallados os azulejos que revestem as salas d'este palacio. Nada porém se póde affirmar de positivo ácerca de taes amores:

2.° Porque tambem ha quem diga que taes arcos e cantaria pertenciam a um aqueducto.

3.° Porque os livros de genealogias pelo menos os que por mim foram consultados, nada dizem a tal respeito.

4.° Porque ácerca d'el-rei D. João II diz a Chronica de Garcia de Rezende:

Sendo em principe muito amigo de mulheres, depois que foi rei, foi n'isso tão temperado e casto, que se affirma nunca mais conhecer outra mulher senão a sua. Chronica. Lisboa, 1622.

E a respeito d'el-rei D. Manoel diz-nos Damião de Goes:

«Foi el-rei mui casto e continente, nem se soube depois de ser casado que tivesse conversação senão com as rainhas suas mulheres: e em quanto foi viuvo da rainha D. Maria, para confirmação d'isto dormiram sempre em sua camara o principe e o infante D. Luiz, seus filhos aos pés do seu leito.» Chronica: Lisboa. 1619, cap. 84.

No emtanto é a este rei D. Manoel que o povo attri-

bue com mais insistencia taes amores. Seja, porém, como fôr, o que é certo é que póde isto, ser um assumpto interessante para os estudos dos nossos antiquarios.

Tambem ha quem diga que a amante do rei ou era freira de Chellas ou d'Odivellas·

O padre Chaves, loyo do Beato, contando mais de setenta annos de edade, era um dos mais notaveis caçadores do paiz.

N'este convento eram deslumbrantes as festas á Senhora das Barraquinhas.

E por essa occasião havia no largo feira e arraial.

Os frades de Xabregas pelas janellas (das quaes ainda existem algumas) içavam mulheres mettidas em cestos, as quaes levavam para as cellas.

N'este mesmo convento era ultimamente muito fallado fr. Antonio das Modinhas, frequentador de bailaricos, nos quaes se distinguia.

As pessoas que o conheceram asseveram que tinha uma graça extraordinaria.

Era tambem um dos mais conspicuos frequentadores das hortas.

N'este convento a festa mais sumptuosa era a de S. S. Francisco.

Por occasião da extincção dos conventos os frades de Xabregas mandaram esconder muitos objectos de prata em diversas cavidades abertas nas paredes da sachristia da egreja da Madre de Deus.

Esta prata foi descoberta ha alguns annos.

A procissão dos Santos de Chellas era uma das mais falladas das cercanias da nossa capital.

Agora o leitor escolha: ou entrar na cidade pela primeira porta que encontrar, ou seguir-me como cicerone até Alcantara.

Creio que acceita esta ultima proposta, e eis porque o vou acompanhar a um local que nos traz á memoria o duque d'Alba e tantas calamidades para o paiz.

Siga-me até ao já tão fallado mosteiro de Santos, e enfie commigo pela calçada das Lages, que fica ao lado d'este convento, podendo d'ella contemplar vasta extensão do Tejo.

A' esquerda erguem-se alguns predios, e á direita fica a quinta do conde de S. Vicente.

Encontra depois á sua esquerda a grande cervejaria, e logo as portas da Calçada das Lages, jazendo á esquerda d'estas a quinta dos Apostolos, e á direita a do Francisquinho, aquelle que já muito perto do cemiterio do Alto de S. João se disse ter uma porta muito antiga, em symetria com outras lá em Chellas. Dentro d'esta quinta ha uma pedreira.

Vemos logo a entrada para o cemiterio do Alto de S. João, e quasi defronte a porta fiscal n.º 3.

Olhando d'aqui para Lisboa, pouco mais vemos do que os campos e quintas que por ali ha, e que explica a tão pequena, relativamente, população de Lisboa.

Seguem-se depois outras duas portas — a 1.ª a do Caminho da Penha e a 2.ª a do Poço dos Mouros, defronte da qual se vê com effeito na circumvallação um poço que patenteia antiguidade.

Segue-se a porta do Caracol da Penha, ficando poucos passos á direita uma fabrica de cera.

Seguem-se depois as Portas da Estrada de Sacavem, e a pouca distancia o convento d'Arroyos, mandado construir pela rainha D. Catharina, filha d'el-rei D. João IV, e casada com o rei d'Inglaterra, para n'elle se educarem missionarios para a India. Estiveram de posse d'este edificio os jesuitas, e depois estabeleceram-se n'elle as freiras franciscanas.

Vejamos agora umo poesia d'uma freirinha de Marvilla.

Havia pastoras, ponderando o grande amor que a Zagala sua companheira mostrara ao objecto de seu festivo applauso.

SONETO

Fisb Que te parece, Aonia, esta pastora?
Aon Perguntar-te, Fisberta, isso queria.
No explicar o seu amor, viste a energia?
Aon Explicallo melhor, não vi atégora.
Fisb Bem mostrou ter no peito o Bem, que adora.
Aon E' que outro amor já lá lhe não cabia.
Fisb Os olhos lhe bailavão de alegria.
Aon N'elles a Alma vem ver a quem enamora.
Fisr Nada d'isso me assombra, nem me admira.
Mas sim ver que antes tão vergonhosa era,
E hoje em publico amante se declara.
Aon Pouco sabes de amor: quanto respira
Amor, he fogo, e em os olhos reverbera.
A alma, a que incende, grita, e não repara.

Pastora, que lança mão d'um adufe, canta:

A Dios, Amor mio,
Yo voy de partida,
Allà queda el alma,
Y acá vas, mi vida.
Partido assiquedo,
Porque voy camina.
Antes mas me quedo
En tua cabanita:
Vivisse onde se ama,
Mas que onde se anima.

Bolveré á verte
Presto, vida mia,
Pues la ausencia al alma,
Mucho martyrisa
Voyme a mis Aldeas
Hecha Siganica,
Por dezirte a todos
Su tan buena dicha.

E agora, leitor amigo, deixemos o historico e antiquissimo mosteiro de Chellas, e voltando outra vez para mais perto da borda do Tejo, meditabundos recordemo-nos do que temos lido ácerca da casa conventual de S. Cornelio, nos Olivaes [1] casa devida a João Borges de Moraes, sargento mór e commendador da Ordem de Christo. Para a referida casa tambem muito contribuiu sua mulher D. Maria da Silva. Esta fez chegar á noticia do Provincial que tinham tanto ella como seu marido vontade e gosto em fazerem uma convalescença para os frades Arrabidos na quinta dos doadores aos Olivaes, dotando-a de tudo quanto fosse necessario para sustentação dos frades que n'ella assistissem, de que se haviam de constituir padroeiros, e queriam ter a consolação de que seus ossos ficassem sepultados entre os frades d'esta provincia.

Destinou-se depois um dia para a escriptura, e na presença do Provincial e syndico da Provincia, em casa de João Borges de Moraes em Lisboa, presente sua mulher e filho Antonio Borges de Moraes, herdeiro e successor do casa, em 29 de setembro de 1664 foi lavrada no theor seguinte:

«Que elle padroeiro se offerecia a fazer uma convalescença aos frades na sua quinta, que tinha na freguezia dos Olivaes, termo da cidade de Lisboa, que algum

tempo se chamou a Lagrimosa, e hoje se chama Nossa Senhora da Estrella e S. João Baptista nome que lhe dá uma ermida, que tem esta invocacão, a qual tinha toda a capacidade para servir de egreja á dita Convalescença, e que as condições com que a dava e fazia, eram asseguintes:

Primeiramente que elles e seus successores da dita convalescença, e para isso se obrigavam a dar para seis religiosos, que haviam de ser ministros dos frades convalescentes, em cada um dia quinze pães de ração, cada semana trinta arrateis de vacca, ou carneiro, e um cruzado para o peixe de sexta feira, e do sabbado; e a importancia da vacca para peixe das quaresmas da egreja e advento. Para as ceias vinte mil réis; dezeseis cantaros de azeite, pipa e meia de vinho, e um quarto de vinagre; quarenta varas de panno de linho; trinta e seis varas de burel para o seu vestuario; uma arroba de cera lavrada, e toda a fabrica necessaria para a egreja de frontaes, vestimentas etc. e dez tostões para a lavandeira. E em religiosa correspondencia d'estas esmolas, dos seus frades que fossem sacerdotes, seriam obrigados, quando dissessem missa, depois de satisfazerem ás que tem por obrigação das suas leis, a applicarem-n'as por tenção d'elles padroeiros; porque se os estatutos as mandam applicar pelos bemfeitores, vivos e defuntos, elles o eram com muita especialidade. Além d'isto cada sacerdote convalescente lhes diria uma missa, cada corista um officio de defuntos, e cada leigo uma vez a reza do seu Officio divino; e por seu falecimento lhes fariam os suffragios, que por lei forem dos padroeiros dos seus conventos.

Acceites reciprocamente estas condições, e feita a escriptura em o seguinte dia 30 de setembro do mesmo anno, tomou posse na fórma que permittia a profissão dos arrabidos, o syndico padre Joseph da Silva.

Constava a terra doada aos frades de um pomar, casa e ermida.

E logo para alli foram assistir alguns religiosos.

Em 1666, havendo já falecido a padroeira D. Maria da Silva, e advertindo o padroeiro João Borges de Moraes no mal que estavam accommodados os frades, por ser muito limitada a porção de terra que lhes havia dado com generoso e caritativo animo no dizer do chronista, lhe largou outra casa com bastante parreiral e um poço de agua singular, murando tudo para que ficassem em perfeita clausura.

E na carta de doação diz o doador:

«Para fazer a casa da Convalescença com o seu mantimento e vestuario, por me achar ao presente falta de cobedaes, como por ver que os padres ficavam apertados, e sem largueza, depois de Deus ter levado a minha mulher D. Maria me resolvi a largar as minhas casas, em que vivia, e as mais em que accommodava a minha fazenda, e o que tinha de regalo como era pomar, e poço com a nora, olival, e grandes parreiraes, adega de vinho e lagares, pondo os olhos no Ceo, lhe dei tudo pelo amor de Deus, fazendo-lhes muro e clausura, pezando-me, porque não era de muito maior estimação para com maior vontade lhe dar, como dei a Deus Nosso Senhor, e ao Padre S. Francisco, ficandome na rua, até que Deus me desse onde podesse fazer um buraco, em que me metter, e que a minha alma ficou muito bem consolada por fazer tão boa obra aos frades arrabidos.

E assim mando aos meus herdeiros lhes deixem gozar tudo livremente; e sendo caso que elles em algum tempo queiram pôr alguma demanda, o que não creio. se saibam defender, e sempre esteja claro lho dei de meu motu proprio, e sem obrigação alguma.

E por esta maneira hei acabado este meu testamento feito em 14 de outubro de 1677,

E com elle acabou João Borges de Moraes esta vida caduca,

No dia de S. João de 1675, foi o provincial com os padres mais graves da provincia cantar missa á ermida, tendo-se disposto a casa em fórma de habitação religiosa.

Houve sermão com a assistencia de todos os moradores d'aquella freguezia, que com gosto celebravam a fortuna de terem tão visinho o remedio das suas espirituaes necessidades.

E com effeito (assim diz a chronica) era continua a assistencia dos confessores nos confessionarios.

Porém, não obstante ser manifesta a utilidade que o povo recebia da assistencia dos frades, se lhes oppoz o vigario da freguezia, tomando o pretexto de o prejudicarem os frades nos direitos parochiaes.

Fizeram então os frades petição ao arcebispo que era D. Luiz de Sousa para poderem fundar convento sem o predicto prejuizo.

E resolveu o arcebispo por uma provisão sua, que podessem os padres fundar e ter ermida: fechando-lhe a porta que a fazia publica e sem o prejuizo mencionado. E foi passada a provisão a 25 de fevereiro de 1677.

Obedeceram os frades, mas serviu de grande desconsolação ao padroeiro e moradores da freguezia o verem a ermida fechada, aquelle pela regalia, e estes pela carencia do bem espiritual que n'ella achavam.

Buscaram meio de se ajustarem o padroeiro com o vigario sobre os direitos, em que podia ser defraudado, e recorrendo ao arcebispo lhe representou a sua desconsolação e a do povo, e o ajuste que tinha feito com o parocho da freguezia, para que fosse servido or-

denar estivessem as portas da ermida patentes como d'antes.

Mandou consultar a sua relação, e, ouvindo esta o parocho, se resolveu abrissem as portas, e assim o mandou o arcebispo por uma provisão passada em 27 de julho de 1678.

Com estas resoluções cessaram as contendas e oppòsições do vigario.

Collocou-se o sacrario na egreja solemnemente, e a provincia instituio aquella pendencia em voto de vigararia.

Mortos os padroeiros, arrependeu-se Antonio Borges de Moraes, seu filho, do que havia feito em ter assignado a escriptura com seus paes, e no anno de 1680 cuidou em a reclamar.

Não foram attendiveis suas razões allegadas, como tambem as de outros parentes, que lhe succederam, pòr fallecer Antonio Borges sem successão.

E diz o chronista, que todos impugnavam a residencia dos frades, para se verem senhores dos rendimentos, que unicamente pretendiam, sem que lhes fizesse escrupulo alterar a vontade dos padroeiros.

Houve depois renhidos pleitos sobre qual era o parente mais chegado.

Mais tarde para annullarem a escriptura do contracto allegaram que parte da cerca e as casas em que se fundou o convento, eram foreiras ás religiosos de Santa Clara de Lisboa, induzindo-as um Paschoal de Moraes, que tambem, por parente, era oppositor á herança, a que movessem pleito aos frades.

E com effeito o moveram para os expulsarem. Nada porém conseguiram, pois se declarava no testamento de João Borges que lhe havia traspassado o fôro a outra fazenda propria com escriptura feita pelo tabellião Antonio Barreto Lima.

Todas as opposições se venceram, e da esmola ordinaria, que ia correndo, applicada para os convalescentes, se foi fazendo o convento.

Havia na ermida (diz o chronista) uma imagem do glorioso pontifice S. Cornelio, por cuja invocação obrava Deus muitos prodigios, manifestando-se com muita especialidade advogado contra o mal das sazões, por cujo respeito era grande o concurso de gente, que acudia todos os dias á egreja, uns a valer-se do reu patrocinio, outros a dar-lhe graças pelos beneficios recebidos.

E em agradecimento lhe traziam muitas pontas d'animaes, por outro nome cornichos, que dependuravam das paredes da egreja.

Os frades tambem faziam artificiosamente umas pontas pequeninas, tocadas em um pedaço de osso do Santo, que clausurado em uma custodia de prata se guardava no convento; e as repartiam pelos seus devotos. E acreditava que tambem era especifico contra as sezões.

Chegando, porém. em visita ao convento um fr. João Baptista, sendo provincial, em 1689, e vendo na egreja duas pontas de boi, disformes na grandeza, com algum enfado ordenou ao sachristão que não só aquellas, mas todas as mais que com ellas estavam, tirasse logo, pois entendia serviriam de escandalo aos que n'aquelle sitio as vissem.

Obedeceo o sachristão, e logo no mesmo dia padeceu o provincial uma terrivel sezão.

Advertiram-lhe que poderia ser castigo do santo, e mandou que tornassem a repôr as pontas no mesmo logar em que estavam, e a sezão não se tornou a repetir.

Esta devoção a S. Cornelio era geralmente conhecida dos estrangeiros, e o padre Feijoo falla extensamente acerca d'ella no seu conhecido Theatro Critico.

Era, porém, na realidade mui acanhada aquella residencia de S. Cornelio, e os frades andavam á cata de ensejo para mudança.

Mandaram erigir uma nova egreja distante uns cem palmos do antigo templo, fizeram outro dormitorio, e desde 1817 se começou a rezar o côro tanto de dia como de noite.

E d'ahi a um anno teve o convento as honras de guardiania.

Todavia o chronista arrabido parece mais amigo de dinheiro que de honras, pois a pag. 515 estampou as seguintes palavras:

«Sahiu eleito em provincial com beneplacito de todos os vogaes fr. Bernardo da Visitação, e em custodio fr. João de Santa Maria prégador.

Menos acceite foi a sua eleição por ser promovido a esta honra por um breve do senhor papa Clemente X, pois, supposto assente em um sugeito digno d'ella, e o summo pontifice conceda este favor de graça, os romanos lhe tiram esta graciosidade, vendendo por alto preço o papel, em que o escrevem, deixando bem mal paga a santa pobreza com similhantes dispendios.[1]

E hoje que mais poderemos dizer ácerca dos Olivaes do que citar algum trecho das lamentações de Jeremias?

Quomodo sedet sola civitas plena populo!

Facta est quasi vidua domina gentium!

Omnes amici ejus spreverunt eam et facti sunt ei inimici!...

Mas, amigo leitor, vamos a Sacavem, vamos alli ver o convento fundado por Miguel de Moura[2], varão tão

---

[1] Chronica, vol. II. pag. 515.

[2] Chronica do cardeal D. Henrique, Lisboa, 1840.

fallado na Historia de Portugal, vamos ver o convento de Nossa Senhora dos Martyres, da primeira regra de Santa Clara, fundado em 1577 [1].

Em dezembro de 1576 ateou-se subitamente um horroroso incendio nos armazens de deposito na Pampulha em Lisboa, pegando o fogo em 146 barris de polvora que alli estavam depositados. A explosão foi terrivel: o estampido medonho. Nas casas pertencentes a Luiz Cezar, provedor dos armazens, que occupavam logar eminente e sobranceiro ao Tejo, residia então Brites da Costa, mulher de Miguel de Moura. Aos primeiros echos annunciadores da calamidade prostrou-se esta dama de joelhos com sua familia ante um oratorio, onde venerava uma imagem da Senhora da Conceição.

Mas foi o edificio da sua morada um dos que mais padeceram [2]. Converteu-se n'um montão de ruinas, e debaixo d'ellas ficou entulhada Brites da Costa, sempre abraçada com a imagem.

D'alli foi aquella dama tirada com muito custo, e tambem duas creadas gravemente feridas, e outra já sem vida.

Logo que Miguel de Moura teve noticias d'este desastre, quiz retroceder no caminho d'uma commissão a que era enviado, mas El-Rei lhe não concedeu licença. Porém, quando recolheu á patria, fez voto de erigir um templo e mosteiro de religiosas da invocação da Mãe de Deus, para commemoração do milagroso livramento de sua mulher, e em testemunho de gratidão aos beneficios que da bondade divina recebera. Tal foi a causa da fundação do elegantissimo convento de Sacavem.

---

[1] Fr. Apolinario da Conceição. Claustro Franciscano, pag. 142.

[2] Esta catastrophe vem muito por miudo explicada nas Memorias d'El Rei D. Sebastião, por Barbosa Machado.

As primeiras fundadoras foram do mosteiro da Madre de Deus, e casa de Sacavem ficou sob a invocação de Nossa Senhora dos Martyres e Conceição.

Era no fim de junho, e havia na cidade gravissimos calores.

Um dia de grande sol, estava o rei (D. Manuel) em uma janella que ficava defronte do convento de S. Domingos, vendo por detraz da vidraça o que se passava na rua.

Deu o relogio do convento uma hora depois do meio dia, e o sachristão tangeo o sino do côro para os religiosos irem a elle dizer Noa, como era costume.

No mesmo tempo se abriu a portaria, e sahiram por ella dois religiosos com passos apressados, e caminharam para a porta de Santo Antão. Vendo-os el-Rei com tal pressa e tal hora, tocou uma campainha a que acudiu logo um dos creados que assistiam na sala. El-Rei lhe disse, que fosse depressa e lhe lhe fizesse alli vir dois religiosos de S. Domingos, que tinham n'aquelle tempo sahido do convento e caminhavam para as Portas de Santo Antão.

Foi o creado com cuidado, alcançou os religiosos, e disse-lhes que El-Rei os chamava, e que viessem logo com elle. Chegados os religiosos á presença do dito Rei, lhes perguntou onde iam a tal hora, e com tal pressa?

Respondeu um d'elles: Senhor, imos procurar o remedio de uma grande necessidade; porque por descuido do celeireiro, soube o prior a esta hora que não tinhamos pão para comer amanhã, e manda-nos com esta pressa, a pedir á prioreza da Annunciada que lhe queira emprestar algum trigo, até que nos possâmos prover do terreiro. Ouvindo isto, disse El-Rei: Pois valha-me Deus, não moro eu mais perto, e não tenho mais trigo, que a prioreza da Annunciada, para que lh'o vades pedir a ella, e não mo peçais a mim?

E dizendo isto, tomou uma folha de papel, e n'ella escreveu de sua propria mão: Aos frades de S. Domingos d'esta cidade dareis doze moios de trigo do melhor que houver nos meus celeiros, *Rey*. E dando este papel aos frades, lhes disse: Dae este papel ao vosso prior, e dizei-lhe, que digo eu, que moro mais perto que a prioreza da Annunciada, e que tenho mais trigo que ella, e ainda que não sou frade da Ordem, que sou bom visinho.

Foram os frades para o convento, estando ainda a Communidade no côro. O prior, como os viu vir tão cedo, lhes perguntou: como não foram onde os mandava? Contaram então o que lhes tinha succedido com El-Rei, dando-lhe o papel e o recado. Contou o prior logo o referido a toda a commudidade, dizendo-lhe juntamente a rasão e obrigação que tinham de encommendar muito a Deus a vida e saude de tão bom Rei e de tão honrado visinho. E d'alli sahiu logo a beijar-lhe a mão.[1]

Mas como já vejo o amigo leitor com saudades da narração d'alguma bulha fradesca ahi vae esta para o consolar.

Em 1729 quizeram os frades franciscanos observantes do convento de Nossa Senhora da Encarnação de Villa do Conde obstar a que os frades da Provincia da Soledade da mesma villa, fornecessem habitos para mortalhas de defuntos, na villa da Povoa de Varzim, e no logar de Cadilhe. Aquelles demandaram a estes frades, mas estes ficaram bem.

Ficaram, porém, estes vencedores, e contentes: e aquelles furiosos e furibundos. Os observantes, porem, agastados, entraram a publicar que os habitos dos fra-

---

[1] Fr. Pedro Monteiro. Claustro Dominicano, Lanço Primeiro, pag. 279.

des da Soledade não tinham indulgencia de qualidade alguma.

Entraram os povos a estar mui confusos.

E os da Soledade tiveram immediatamente de recorrer a Braga para tirarem uma ordem para que os parochos das freguezias admoestassem na estação da Missa a seus freguezes que as mortalhas dos da Provincia da Soledade tinham as mesmas indulgencias, que as dos padres observantes, segundo os breves apostolicos, e especialmente segundo a declaração e concessão, que para a Provincia da Soledade, fez a Santidade de Clemente 10 em 22 de janeiro de 1675 depois que ella se dividiu da provinca da Piedade do Alemtejo, e se constituiu Provincia áparte, a qual concessão por tirar toda a duvida, que se podesse mover, obteve o padre geral da Soledade Fr. Francisco Maria de Bononia, e se guardava o transumpto nos archivos dos conventos.

Tomaram os ditos padres fundamento para dizerem que: «as mortalhas dos franciscanos da Soledade não tinham indulgencia, e isto em harmonia com o que leram n'um livrinho composto por um seu religioso, intitulado *Ramilhete Serafico*, onde § 13 diz: «Os guardiães da Regular Observancia assim como só teem auctoridade para dar habitos aos terceiros pelos commissarios delegados do P. Provincial, assim a elles toca o dar habitos para mortalhas dos fieis defuntos por concessão particular de Sixto IV in Bulla Aurea, e só aos defuntos que forem a sepultar-se em similhantes mortalhas, lhes são concedidas as graças e indulgencias; e em tal que nenhum guardião pode, nem deve dar habitos para mortalhas fóra do districto da sua guardiania, nem os reverendos padres capuchos as podem dar no districto e povo, e onde houver convento de observan-

tes, e os que o fazem, vão contra os breves apostolicos e seus mesmos estatutos.»

O chronista da Provincia da Soledade exclama agora:

«Desejamos saber quaes sejam os breves apostolicos que prohibem aos padres capuchos que possam dar mortalhas dos seus habitos no povo e districto onde houver conventos dos reverendos observantes, havendo no mesmo povo e districto, tambem convento dos padres capuchos, porque os não achamos em Bullario algum nem em auctor que trate de breves apostolicos, nem temos encontrado algum em parte alguma, nem nos consta que tal haja em todo o Orbe Catholico.

Sete summos pontifices tinham concedido muitas e varias indulgencias não plenarias aos que se enterrassem no habito dos frades menores, quando Sixto IV na Bulla Aurea, que começa Sacri Praedicatorum et Minorum &, passada em 31 de julho de 1479 concedeu que no habito dos frades menores, e no da sagrada Religião dos Pregadores se podessem sepultar os fieis, que por sua devoção quizessem; mas com a condição que o tal habito ha de ser dado pelo prelado do convento do districto em que morresse o que n'elle se quizesse enterrar, ou por quem o dito prelado tiver dado sua auctoridade, e não por outro algum. Outra condição põe, e essa foi revogada por Leão X na bulla que começa *Dum intra mentis* de 19 de nezembro de 1516.

O mesmo Leão X foi o que concedeu indulgencia plenaria aos fieis, que se quizessem sepultar no habito de frades menores, que viviam na obediencia da Ordem Serafica, e declarou que bastava que pedissem o dito habito antes de morrer, ainda que o não vistam e que bastava tel-o sobre si na cama. E segundo o Curso Salmaticense Moral basta quz os herdeiros do defunto o pe-

çam, porque fazem com elle uma mesma pessoa, e é como se o mesmo defunto o pedisse.

Já no tempo de Leão X existia a nossa Santa Reforma, e nem d'este pontifice, nem dos que lhe succederam até o presente consta fizesse algum a distincção e declaração que o reverendo auctor do Ramilhete Serafico: Que os reverendos padres capuchos dando as mortalhas nos povos, onde ha conventos dos reverendos padres observantes, vão contra os seus estatutos.

Nas nossas duas Provincias da Piedade e da Soledade nunca houve nem ha tal estatuto.»

Todavia tambem havia quem n'aquelle tempo pensasse de modo avesso á maioria.

Certo erudito conhecendo fundamentalmente as maximas das beatas, pela continua convivencia com algumas, assevera que em todas encontrara a mesma doutrina, e assim classificou os votos mais essenciaes da profissão do beaterio:

1.° Perguiça inteira.
2.° Mentira opportuna.
3.° Murmuração perpetua.
4.° Hypocrisia absoluta.
5.° Vangloria sem limite.
6.° Goloseima disfarçada.
7.° Odio mascarado.
8.° Vingança com excesso.
9.° Intriga delicada.
10.° Total abjuração do soffrimento
11.° Apologia dos crimes proprios
12.° Calumnia da virtude alheia.

Mas amigo leitor vamos mais uma vez ver o convento de N. Senhora dos Martyres, fundado por Miguel de Moura, e vamos ver a linda egreja d'aquelle mosteiro.

Ah! Ella é tão bonita!

Mas, como nossos antepassados tinham um proverbio de que muito usavam, usemos nós tambem d'elle, isto, matemos dois cães n'uma cacheirada, pois ao passo que vamos contemplar a linda egreja de Sacavem, enfiemos nas portas de Arroyos pela estrada d'esta povoação, e vamos analysando o que formos contemplando que é nada menos que o viver dos portuguezes de ha dois seculos.

Olhae bem para a direita e para a esquerda, e vereis que o conjuncto de tudo que observardes é um resumo da vida de nossos maiores, d'esse viver tão outro do que é na actualidade. Olhae mesmo para as oliveiras que se erguem n'um chão bastantemente avermelhado ou pardacento. Não vos segredam ellas nada? A mim segredam-me qne são ellas o symbolo da melancholia de nossos maiores ao verem que Portugal ia á vella. E á vella foi na realidade! E o futuro, talvez não muito remoto, corroborará infelizmente esta asserção. Vêde tambem as cruzes erguidas por toda a parte.

Declaram bem alto que nossos antepassados eram crentes, e cegamente crentes, pois eram repletos de vicios, ao mesmo tempo que traziam o rosario ao pescoço, ao lado dos bentinhos. Mas nem por isso deixavam de ser descaradamente maus. Em summa pretenderam sempre alliar o sagrado com o prophano!

Vêde agora, leitor, as almas do purgatorio nos azulejos.

Nossos maiores acreditavam que taes almas estavam penando horrivelmente até se purificarem das manchas commettidas em quanto cá no mundo estiveram revestidas com o involucro mortal. As caixas para esmolas, para missas, as cruzes, e os enfeites, mostravam que os portuguezes d'outrora, d'esses portuguezes d'antes quebrar que torcer, criam que aquellas almas necessita-

vam de suffragios, mas os portuguezes de ha dois seculos iam seguindo seu caminho de luxuria e voluptuosidade, como se nenhumas crenças tivessem. E, todavia eram crentes, e cegamente crentes!

Quem poderá explicar um tal proceder!

E isto se comprova nos factos representados nos azulejos, azulejos que mais por aqui, mais por acolá, se encontram ainda representando muitas vezes as torturas padecidas no purgatorio.

Mas os azulejos não representavam sómente taes scenas. Chegavam a representar a vida inteira d'um individuo!

Ah! como um passeio pela estrada de Sacavem n'um dia em que o toldo celeste nos não fira com seus raios de fogo, mas antes ennublado, introduza no coração portuguez aquella melancholia tão propria do portuguez scismador, deve trazer á lembrança tantos e tantos factos gloriosos de nossos antepassados, que tanto e tanto contrastam com o que estamos observando na estrada de Sacavem, quasi deserta, mas que nos traz á lembrança tantos dias de gloria, grangeada por nossos antepassados, mas da qual ainda nos ufanamos!

Poucas são tambem as flores que se enxergam, mas a vista pode observar abundantes cactus, caniços, muros derribados, casas destelhadas, cruzes partidas talvez de proposito, as ruinas d'um edificio a que dão o nome de convento da Portella, brazões nas fachadas de muitos predios de mais ou menos vastas dimensões.

Vê-se, pois, que Sacavem era um logar de predilecção para os nossos heroes d'outros tempos. Consummiam sua vida nas regiões mais remotas, e vinham a Sacavem á sombra da cruz descançar para todo o sempre, quero dizer antes, até ao dia que o anjo echoando sua trombeta viesse no dia do juizo final introduzir ou-

tra vez as almas nos corpos. Seus successores, porém, consummiram as riquezas grangeadas por nossos heroes, depois foram vendendo o que havia, deixaram cahir por terra as casas em que tinham visto a luz da vida, e depois a derrocada foi geral, e Sacavem é um exemplo vivo da decadencia de Portugal.

Ruinas e ruinas por toda a parte!

Sacavem era uma das povoações de Portugal, que relativamente para com a sua pequenez, estava mais abarrotada de templos. Por toda a parte egrejas! E hoje se quiz ter egreja parochial decente, teve de lançar mão do templo, fundado por Miguel de Moura vae para quatro seculos!

Quasi todos os mais estão em ruinas. Da ermida de S. Roque apenas existem paredes.

Mas é linda na realidade aquella egreja, cujas paredes estão revestidas d'azulejos lindissimos, representando a historia de José do Egypto.

Os quadros pelas paredes tambem são numerosos.

E quando houve tanto que dar que fazer aos artistas como foi no tempo dos frades! Mas os portuguezes não se limitavam a mandar construir templos no solo nacional, tambem os mandavam erigir nos paizes estrangeiros.

O padre Bazilio Varen de Solo, continuador do padre Mariana falla-nos d'uma baroneza, natural do nosso paiz, que enviuvando e ficando muito rica, de seu marido que foi um dos maiores assentistas d'aquelle tempo, fundou um convento de religiosas carmelitas, que competia com os mais explendidos de Madrid. E ás freiras chamavam as freiras da Baroneza. E a procissão que houve por essa occasião, tão explendida, que diz ter o auctor, haver competido com a de Corpus Christi. (Pag. 456).

Todavia, se bem procurarem, ainda hão d'encontrar em Madrid mais templos erigidos por mãos portuguezas.

E agora o amigo leitor visto achar-me em Sacavem, não levaria a mal que eu alongasse meus passos, e fosse até Vialonga para lhe dar noticia d'um mosteiro que tambem ali houve. Pois é, mais sensato vermos antes o que nos fica mais longe, quando ha ensejo para o fazermos, pois mais facil é ver depois o que está mais perto.

Vamos pois a Vialonga... Mas não! Agora me lembro que do mosteiro de Vialongo nada existe em pé,.. Que horror! O' meu Portugal, se alguem te chamasse hoje o paiz das ruinas e dos entulhos, não acertaria com o epitheto que te convem! As ruinas do Carmo! As do Desterro! As do cimo da Cotovia! as de Santo Antão! O palacio da Ajuda! As da antiga Sé! As da Luz! As de Tilbeiras! As de Santa Engracia? As de S. Cornelio! As do alto da Graça!...

Porem vamos antes fallar com o leitor ácerca dos conventos da cidade d'Aveiro, onde o da princeza Santa Joanna tanto sobresae.

Mas antes d'isso cumpre-me pedir ao leitor que não dê credito ao que muitos livros dizem dos antigos frades.

Diz-nos o auctor da *Chronica dos Loyos*:

«No reinado d'el-rei D. Fernando I, geralmente cada clerigo era um vivo escandalo dos seculares: era lastimosa em quasi todos a ignorancia, sem reparo a devassidão, e sem freio a soltura da vida.» (Pag. 210).

As egrejas careciam de reparo ou os prelados trocando o bago em espada, andavam baralhados na campanha. D'estas causas nasceram os monstruosos effeitos de se ver misturado o sagrado com o prophano, a lei

sem obediencia, a liberdade sem temor, a culpa sem castigo, e a bondade sem premio. E a vida dos clerigos era licensiosa. Foi então que um Lourenço Annes e um mestre José, medico, Martins Lourenço e D. Affonso de Nogueira resolveram reformar o clero com uma nova congregação. (Pag. 211).

Puzeram-se então os dois sacerdotes nas mãos do mestre João e se dirigiram para a egreja e vivenda parochial do prior dos Olivaes, que por este lhes tinha sido offerecida, Loyos.

Os tres primeiros que ali se ajuntaram, foram mestre João, Martins Lourenço, D. Affonso Nogueira. A estes se seguiram os dois irmãos Lourenço Annes e Joanne Annes, e logo João Rodrigues, e pouco depois Rodrigo Amado, Affonso Pedro, Martins João, tados sacerdotes e desejosos de servir a Deus nos exercicios da virtude. (Pag. 213).

Pediam esmola pelas portas e d'ellas se sustentavam, e resavam entoado na egreja divina repartidos por suas horas e desuniam pelas aldeias, prégando e convertendo almas. As cousas por algum tempo correram mui bem, porém o prior dos Olivaes enfadou-se com elles não sei porque, e deu-lhes a entender que lhe eram pesados. (Pag. 215), e claramente mandou que saissem da egreja e da casa. Alguns procuraram outros destinos, e só se conservaram fieis ao seu theor de vida quatro: Martins Lourenço, D. Affonso Nogueira, João Rodrigues e o veneravel mestre João, guia e director de todos. (Pag. 215,)

Dirigiram-se então para o Porto, onde o bispo D. Vasco lhes deu a protecção, e os mandou para a egreja de Santa Maria de Campanhã. E d'aqui iam prégar, viviam em commum, pediam esmolas, confessavam. O bispo, porém, foi promovido para a Sé Evora, e o ab-

bade mandou logo pôr os quatro padres na rua. (Pag. 216).

Separaram-se então os quatro para Braga, onde foram mui bem recebidos do arcebispo, que lhes deu para residencia a egreja de S. Salvador de Villar de Frades, que pertencera a um mosteiro de frades bentos, edificio que estava ao desamparo, e n'esta egreja os collocou arcebispo. (Pag. 213).

D'aqui partiu João Rodrigues para Lisboa, com o fim de buscar seus antigos companheiros, e com effeito seguiram-no para a nova residencia, com gosto e alvoroço D. Affonso Nogueira, Lourenço Annes, Rodrigo Amado, Affonso Pedro e Martins João. Foram para Villar e aqui, segundo diz o chronista, todos lhes chamavam os bons homens de Villar de Frades. Continuavam nas confissões e prégações, e a elles se associaram Vasco Rodrigues, chantre da Sé de Braga, Gonçalo Dias de Barros, abbade de Calvello, João Affonso, abbade de Paio de Midões. (Pag. 219).

Diogo Affonso, abbade de Santa Maria de Goes, e varios outros. E d'elles era prelado mestre João, o qual fez leis e estatutos para seu governo.

Todos vestiam de pardo, pobre e grosseiro, tudo era em commum, e ninguem tinha casa propria. «A castidade porém era guardada como flôr.» (Pag. 219).

E a fama d'elles entrou a vogar de modo que el-rei D. João I mandou ir á sua presença os dois primeiros fundadores, ao que ambos obedeceram promptamente. Foram recebidos com estimação d'el-rei e dos infantes. Por este tempo foi pedida em casamento a infanta D. Isabel, filha d'el-rei D. João I de Portugal, pelo duque de Borgonha, Filippe o Bom, (Pag. 220).

E o rei mandou tambem que os dois padres de Villar, mestre João e dr. Martins Lourenço acompanhas-

sem a filha. D'aqui foram a Roma, de lá trouxeram as constituições e habito, dadas pelo Papa Eugenio IV, e o habito era o mesmo dos conegos da congregação de S. Jorge em Alga, em Veneza. E tratou então de que esta congregação dos padres de Villar em Portugal, fosse confirmada pelo Papa, o que foi concedido pelo pontifice, e lhes deu habito azul, como trajavam os de Veneza. Mestre João foi então nomeado bispo de Lamego, e Geral perpetuo da mesma congregação em poderes de Nuncio Apostolico. Chegando a Villar vestio a todos os empregados de azul e branco, e mandou que elegessem prelado. E estes empregados pela devoção que a mulher d'el-rei D. Affonso V, teve ao Evangelista, pedio ao Papa que se ficassem chamando Congregação dos Conegos Seculares de S. João Evangelista. (Pag. 235).

E por abuso era chamado de Santo Eloy, por causa do convento de Santo Eloy que tinham em Lisboa.

Alguns tambem chamavam a estes, padres conegos azues.

Os loyos podiam sair e deixar de pertencer á congregação quando quizessem.

Estes frades foram dos primeiros que andaram a prégar pelas regiões ultramarinas, e fizeram bastantes conversões no Congo, d'onde trouxeram alguns pretos para serem imbuidos nos principios da nossa religião. E alguns d'elles foram baptisados com grande pompa.

Partiram a 19 de dezembro de 1490.

Foram mui bem recebidos do tio d'um rei da sua grande povoação, ao qual chamavam Mariano. Este foi baptisado a 3 d'abril de 1491 foi baptisado Manisoco e um seu filho pequeno. A'quelle davam nome de Manuel, e ao filho Antonio. (Pag. 261).

Ruy de Sousa e os padres dirigiram-se para a Côrte, que ficava d'ahi a 90 leguas, onde foram recebidos com

festas e danças, e d'ahi a poucos dias tambem recebeu o baptismo, e no dia 6 de maio se lançou a primeira pedra para uma egreja, na qual começaram a trabalhar mais de mil negros. (Pag. 262).

Mas do grandioso templo que estes padres tiveram em Lisboa, quasi não ha vestigios.

No tempo do bispo D. Thomaz d'Almeida tambem as freiras de Monchique se revoltaram, e sahiram do convento com cruz alçada. Houve então grandes bulhas por causa dos toques e repiques dos sinos. Fr. Manuel da Esperança falla-nos de grandes desordens que houve por causa d'um cepo. [1] E este mesmo nos diz (vol. II pag. 585) que na capella dos Santos Reis, na egreja conventual das Virtudes havia uma balança, onde os romeiros se costumavam pesar a trigo, pão cozido, ou cêra. E tambem nos falla das offertas notaveis que alli estavam.

Por uma passagem da *Chronica dos Loyos*, vemos ter sido mui vulgar os frades andarem a pedir passagem d'uns conventos para os outros. (Pag. 249.)

Na leitura das cartas do cardeal Ossat (vol. I. pag. 161) vemos que em Roma houve tempo em que os capuchinhos não queriam de modo algum, nem confessar nem governar freiras: e alguns chegaram a desobedecer quando superiormente foram mandados prestar serviços taes. [2]

Dizem que o jesuita Thomaz Soto andava tão incessantemente embebido nas cousas de Deus, que em certa

---

[1] Historia Serafica, vol. II, pag. 581.

[2] Lettres du Cardinal Ossat, avec des notes historiques et politiques. Amsterdam, 1708. vol. I pag. 161. Estas cartas, em cinco volumes, são muito hostis aos jesuitas.

occasião começara a missa com o barrete posto na cabeça, nem sequer dando o acolytho fé de tal cousa.

Assim continuou até o Evangelho. Porem ao começal-o ouviu uma voz que lhe disse: Olha que tens o barrete posto.

Só então cahiu em si. Mas ficou pensando que fôra o anjo Custodio que lhe viera notar uma tal advertencia.

O convento de Brancanes em Setubal, não dos mais antigos com certeza, podia rivalisar em belleza com os mais bellos d'aquella cidade.

Certa mulher, porém, embebida talvez das bellezas d'aquelle mosteiro, esquecendo-se do marido que era maritimo, passava quasi todo o tempo na egreja.

E o marido aborrecido, certa occasião, fez do fato d'ella uma trouxa, e a remetteu para a egreja, mandando-lhe o seguinte recado: que, visto só querer saber das cousas da egreja, que se deixasse por lá estar, pois estava elle resolvido a procurar quem se importasse d'elle, e não da egreja.

Não gosavam, porem, da melhor fama as freiras dominicanas da referida cidade de Setubal. E o convento de S. João com certeza em virtude nunca foi modelo. E por isso tiveram as freiras franciscanas de Jesus grandissimo desgosto, quando o governo mandou fechar este mosteiro, e remetter as freiras que ainda aqui existiam para o de Jesus.

Na Historia dos milagres do Rosario pelo padre João Rebello, vemos que mesmo no seculo decimo septimo havia pessoas que estavam dez e mais annos sem se confessarem, e da egreja para nada queriam saber.

Mas, ainda outra vez o repito, nos outros paizes estavam as cousas pouco mais ou menos como se achavam em Portugal.

O viajante francez Laporte, falla-nos d'uma questão

travada por causa de S. João Evangelista e S. João Evangelista. [1]

Accudiam, porem, os frades em Portugal tambem aos incendios, acarretando barris com agua. E até mesmo os jesuitas os acarretavam. O que se viu bem claramente em Lisboa no dia primeiro de fevereiro de 1717 por occasião do incendio do palacio de Tristão de Mendonça Furtado, perdendo-se por essa occasião, alem do palacio, muitos mil cruzados.

Os conegos regrantes de Santo Agostinho, á erysipela davam o nome de — Fogo de Santo Antão.»

A chronica d'estes Conegos Regrantes nos conta o seguinte caso:

D. Francisco do Soveral, conego regrante de Santo Agostinho foi nomeado bispo d'Angola e Congo.

E succedeu que, pregando uma vez na côrte d'el-rei do Congo, contra o erro dos que negavam haver excommunhão, se accendeu tanto em espirito e zelo da fé que virado para uma formosa palmeira, que estava á porta da egreja disse: Para que vejais fieis christãos, os effeito e o mal que causa em uma alma, a excomunhão posta pelos bispos, successores dos apostolos, quero excommungar aquella palmeira, que inda que é insensivel, ha de sentir a força que tem a excommunhão, e se hade de logo seccar.

E ditas estas palavras, leu uma excommunhão que trazia feita contra a palmeira, a qual logo se seccou, e causando a admiração de todos os presentes que d'aquelle dia em deante tremiam em ouvindo fallar em excommunhão.

Chronica dos Conegos Regrantes, vol. 2.º pag. 492.

---

[1] Le Voygeur, pag. 286.

Adão e Eva tinham relações de vez em quando, mas só quando por meio de revelação lhes era indicada a vontade divina, e nunca fóra d'esta occasião. Assim o diz João Rodrigues Chaves.

Houve opinião de que nos tempos proximos á creação do mundo os animaes fallavam a lingua hebrea.

Assim diz a Historia Ecclesiastica e Chronologica.

Mas que direi eu ao amigo leitor acerca das grandiosas festas celebradas no convento das freiras dominicas em Lisboa, fundação que nos recorda Aljubarrotta, a valente ala dos namorados, a da Madre Silva, a padeira, os caldeirões, a biblia do Rei de Castella, a Batalha, João das Regras e o seu tumulo em S. Domingos de Bemfica, o Carmo em Lisboa, Guimarães, S. Domingos de Villa Nova de Gaia, o principio das conquistas ultramarinas dos portuguezes, o Missal da Bibliotheca publica de Lisboa, numa palavra um mundo de recordações relativas aos homericos tempos de D. João I e de sua santa e varonil esposa, e as freiras daquelles homericos tempos, em honra do Menino Jesus que crescia? [1]

(*Sai a infermidade humilde*:)

INF. Que queres?

FAV. Que da maneira, que estás
Extincto daqui te vás,
Para nunca appareceres.

---

[1] *Silverio Alexandrino:* Triumpho da devoção com que o mais fervoroso affecto reverente e plausivel, festeja a prodigiosa imagem do Menino Jesus que se venera com o continuado milagre de crescer, no claustro do Mosteiro do Salvador de Lisboa. Lisboa, 1753. Este Auto é rarissimo.

MAL. *(Sai o mal, humilde)*

MAL. Aqui estou, para veres,
Como prompto me sujeito.

FAV. Pois á voz de meu preceito
Ficai, sem que mais exista,
Tu, para nunca mais vista (a ella)
tu, para sempre desfeita (a elle)
Bem.

(Sai o bem)

BEM. Já sei que consegui,
meu maior contentamento.
FAV. Alegria.

(sai a Alegria)

ALEG. O meu augmento,
não pode passar daqui.

FAV. Pois celebrai, applaudi,
este triumpho sublime:
e para que mais se estime,
saiba o Mundo excellencia.
Mundo.

(Sai o Mundo)

MUNDO. A minha obediencia,
do que ordenas, não se exime.
FAV. Pois divulga, na espaçosa
maquina tua, estendida
o triumpho de uma Vida
no deliquio de uma Rosa.
Publica sempre, a gloriosa

Victoria, auxilio e poder,
daquelle sol, que ao nascer,
tanta luz continuou,
que ainda não acabou,
o prodigio de crescer.

BEM. Certo, como sou, serei.

ALEG. Mais no prazer me alvoróço.

MAL. Já perseverar não posso.

ENFERM. Eu extincta ficarei.

MUNDO. Suspenso, o publicarei.

VIDA. Pois diga a recordação
de tão sacra protecção;
foi minha felicidade.

TODOS. Nos progressos da piedade,
Triumpho da devoção.
Falla da Vida com o Mundo
Eu lhe respondo, Alegria,
Não tomes essa molestia.
Infiel, tyranno,
Cavilloso, vario,
Monstro tão falsario,
Como o teu engano.
Vibora voraz,
Que mortal desdouro,
Sempre em vaso de ouro,
O veneno dás.

Muito mais fugira
Dessa vil trapaça,
Se tua negaça
Noutra parte ouvira
Como te hei de crer
Lisonjas communas,
Se por serem tuas,
Hão de falsas ser.
Promettes bonança,
Das borrascas logo,
E no damno fogo,
Fumo na esperança.
Luz que em sombras arde,
Como gloria vãa:
Chamma na manhã,
E vapor na tarde.

Quando te supponho
N'esse enredo, tibio;
Se te dou alivio,
Sempre te acho sonho.

Vou-te assegurar,
O temor, responde,
Que não sabe aonde
Firme te ha de achar.

Não vê a vontade
Teus perigos, só,
Porque a cega o pó,
Que assopra a vaidade.

Finges, obras tantas,
Por tão loucas normas,
Que Castellos fórmas,
Machinas levantas.

Porém como se obre
Fabricas no ar,
Vem-se a despenhar
Na terra que as cobre.

Viste-me chorosa,
N'esse valle, triste,
Logo me fingiste,
Fazer-me ditosa.

Attenção te dou,
Fiei-me de ti,
Não te conheci;
Desculpada estou.

Sempre teus azares
Ignorei, supposto
Que te assiste o gosto,
Perto dos pesares.

Levas-me comtigo,
(inda agora tremo)
Ao maior extremo
Do maior perigo.

Piedade altivà,
De um valor me ampara,
Que se mais tardara
Não me achara viva.

Pelas ruas andavam varios grupos representando o dialogo pastoril do Menino Deus diante do seu proprio. Desta costumeira ainda ha vestigios ao norte de Portugal.[1]

---

[1] Typographia de Domingos Rodrigues 1753.

Interlocutores

Celio
Paschoal
Armindo
Festim
Lizardo
Gerarda
Um musico

(*Canta dentro o musico*)

Homem, como ainda dormis,
Se já no vosso arrebol
Nasceu dos braços da Aurora
Entre palhinhas o Sol?

Celio Que voz tão alegre é esta,
Que letra ou vilhancico
Tão attractivo e sonoro,
Que arrebata os sentidos?
Diz a voz que o Sol nasceo,
E entre palhas: oh prodigio!
Onde nasceu? Mas que vejo
Em um presepio um Menino!
Será este por ventura,
Que entre palhinhas diviso!
Creio que sim: mas se é Sol
Como aqui treme de frio!
Esperae, que tambem chora
Com modo tão galantinho,
Que mistura com os prantos
Uns engraçados sorrisos.
Ai! que entre brutos o vejo!
Mas tão serio e respectivo,
Que parece que lhe infunde
Um tal ou qual raciocinio.
Despido está, mas tão bello,

Tão engraçado, tão lindo!
Que me parece entre as palhas,
Como entre espinhos o lyrio.
Não vejo no Ceo estrella,
Nem flor no campo diviso,
A que possa comparar-se
A graça do seu rostinho:
Os olhos são de esmeralda,
A boca um rubim partido,
As faces são duas rozas,
Os cabellos de ouro fino:
O gesto é de magestade,
Mas tão cheio de carinho,
Que agasalha a quem o busca
Sem deslustre ao respectivo.
Sol é, não posso negal-o,
Porém Sol tão peregrino,
Que fórma dos prantos raios,
E resplendor dos suspiros.
Sol é; pois ainda que a nuvem
Do corpo o deixe escondido,
As luzes da Divindade
No semblante estão luzindo.
E se sois o Sol, que ha pouco
Annunciou um paranympho,
Que nascia para nós
Com influxos mais benignos,
Prostrado, Senhor, vos rogo
Sequer por fugir ao frio [1],
Troqueis pelos nossos peitos
Esse throno desabrido.

---

[1] Ajoelha.

Vinde a meus braços, Senhor,
Vinde, pois não é devido
A' vossa grandeza alvergue,
Que é dos brutos domicilio
Vinde Senhor. Mas que fallo?
Não venhaes; pois n'este sitio
Tendes o melhor palacio,
Tendes o throno mais rico.
Os peitos da Mãe são throno
Do marfim mais bem polido,
Os braços do Pae, palacio
Do mais precioso jacintho
Não venhaes pois quem é Sol,
E Sol como vos diviso,
Só tem nos braços da Aurora
Reclinatorio devido
E assim o que só vos peço
Já que hoje estais tão benigno,
Que permittais que os pastores
Venham com cantos festivos,
Com danças, com entremezes,
E com seus rusticos mimos,
Dar alegres parabens
De estar no mundo nascido,
Não a vós, pois vós nasceis
(Se é certo o que tenho ouvido)
Para soffrer u'uma cruz
O mais tyranno martyrio;
Mas sim a nós, e tambem
A essa Mãe, que ahi diviso,
A esse arminho, a essa rosa,
A esse encanto, a esse prodigio,
A' Mãe: pois ficando Virgem
Depois de parir tal Filho,

Subiu a ser Mãe dos Homens
E Rainha d'esse Empyreo.
Aos homens; porque já tem
N'este engraçado menino
Quem rompa as duras cadeias,
Em que gemiam captivos.
Mas já, se me não engano,
Me esta soando aos ouvidos
O festim com que os pastores
Baixam do monte a applaudir-vos.

FEST. Quem me chama? Aqui estou eu
Com pandeiro e assobio
Com gaita, com castanhetas,
Com adufe, e com machinho.

CEL. Quem és tu, bello Zagal,
Que entre os rusticos vestidos
Infundes no coração,
De quem te vê, regosijo?

FEST. Quem sou eu? Não está ma essa;
Pois vossê com seu bistincto
Não pode tirar quem sou
Por este rico feitio?
Esta perna, esta postura,
Este garbo, este focinho
Não me tem feito nos montes
Até agora conhecido?

CEL. Não, *Zagal*, porque eu não sou
Morador d'este districto:
E assim dize-me quem és,
E se é Belem este sitio.

FEST. Vossê já pergunta muito,
Para quem não é meu visinho.
Ora eu lhe digo quem sou,
E por soifa vá ouvindo.

(*Salta, baila e canta*)

Eu sou, meu velho gaiteiro,
O gaiteiro de mais brio,
Pois não falto com a gaita,
Nos dias de regosijo.

Ai la li la ló
Ai la lo sim, sim:
Onde apparece présepio
Por força ha de haver festim.

CEL. Este pástor, ou é doudo,
Ou se faz doudo commigo.

FEST. Doudo sou, mas endoudeço
Por esse recemnascido.

(*Salta, baila, e canta outra vez*)

Doudo estou, não vol-o nego,
Por esse infante tão lindo;
Pois sendo lá no Ceu grande,
Aqui está tão pequirrichino.

Ay la li la lo,
Ay la lo truz, truz.
Se vós sois Jesus nascido
Lá vae outra com Jesus.

E como no sermão pregado na Madre de Deus em 9 de setembro de 1741 o orador Fr. Domingos da Estrella falla com orgulho dos mosteiros pertencentes só á provincia dos Algarves!

«Parece-me, ó Maria, sempre clemente e piedosa, que não deveis faltar a esta provincia: porque estando todos os conventos d'ella dedicados a Christo, a Vós, e aos Santos, o numero maior é dedicado a vós. D'estes cincoenta conventos são de Christo 4: um de religiosos — o convento do Bom Jesus de Peniche, e tres de religiosas: o Real Mosteiro de Jesus de Setubal: o mosteiro do Bom Jesus de Monforte: o real mosteiro das Chagas de Christo de Villa Viçosa. Do nosso padre S. Francisco são nove, todos de religiosos — o real convento de S. Francisco d'Evora: o real convento de S. Francisco de Beja: o real convento de S. Francisco de Portalegre: o real convento de S: Francisco d'Estremoz: o real convento de S. Francisco de Tavira: o convento de S. Francisco de Setubal: o convento de S. Francisco de Montemór: o convento de S. Francisco d'Oliveira: e o convento de S. Francisco de Moura. Do meu Santo Antonio são onze, todos de religiosos — o convento de Santo Antonio de Campo Mayor: o real convento dé Santo Antonio de Serpa: o convento de Santo Antonio de Sines: o convento de Santo Antonio de Alcacer: o convento de Santo Antonio de Faro: o convento de Santo Antonio de Cascaes: o convento de Santo Antonio de Odemira: o convento de Santo Antonio da Lourinhã: o convento de Santo Antonio do Crato: o convento de Santo Antonio do Torrão: o de Santo Antonio de Estombar. De religiosos mais dois, e de dois grandes Santos Nossos — o convento de S. Bernardino d'Athouguia, e o real collegio de S. Boaventura da Universidade de Coimbra. Da nossa madre Santa

Clara, cinco, todos de religiosas: o real mosteiro de Santa Clara de Beja: o real mosteiro de Santa Clara de Portalegre: o mosteiro de Santa Clara d'Evora: o mosteiro de Santa Clara d'Elvas: e o mosteiro de Santa Clara de Moura. Mais dois de religiosas, um de um Santo e outro de uma Santa: o real mosteiro de S. João da Penitencia, de Extremoz: e o real mosteiro de Santa Helena do Calvario de Evora. Porem vossos, Virgem Santissima, são de religiosos nove — o Real convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas, cabeça da provincia, que não pode deixar de ser vossa a cabeça: o convento de Nossa Senhora da Estrella, de Marvão: o convento de Nossa Senhora do Loreto: o convento de Nossa Senhora dos Martyres de Alvito: o convento de Nossa Senhora da Visitação de Villa Verde: o de Nossa Senhora da Piedade de Messejana: o de Nossa Senhora do Soccorro, de Alcochete: o de Nossa Senhora da Conceição de Castello de Vide: o da Assumpção, de Mertola: os vossos, porém, Senhora, de religiosas são oito — o real mosteiro da Conceição de Beja: este vossa real e veneravel mosteiro chamado a Madre de Deus de Lisboa: o mosteiro da Esperança de Villa Viçosa: o real mosteiro da Assumpção de Faro, o real mosteiro de Nossa Senhora da Quietação de Alcantara: o mosteiro de Nossa Senhora de Ara Cœli, de Alcacer: o mosteiro de Nossa Senhora dos Martyres, de Sacavem: e o mosteiro de Nossa Senhora das Servas, de Borba. Estes oito com aquelles nove fazem dezesete: com mais tres, que de suas fundações sempre foram vossos, ainda que depois lhes mudaram os nomes — Nossa Senhora da Graça de Montemor: Nossa Senhora da Conceição d'Elvas: e nossa Senhora da Penha de França de Estombar, completam o numero de vinte. Pois, Senhora, se de cincoenta conventos, trinta hão de

ter tantas repartições entre Christo, entre Santos, entre Santas, e vinte porque são vossos, não tem repartição, é logo sem duvida que a maior parte d'esta provincia é vosssa; porque tendes d'ella vinte conventos, sem repartição alguma.

Prégava na função da Missa nova dum congregado certo jesuita, reputado por muito sabio e chalaceador. O prégador, quando lhe pareceo, exclamou: Para se formar uma perfeita idéa da pureza d'espirito do nosso Missae cantante, até concorre a esterioridade do habito e murça. Sua côr e azul: de côr de azul é o céo: quem se equivoca com o céo, é Celeste: quem é celeste, é puro. E quem é puro, é creador do mesmo céo!

Outro prégador, a quem por gritar muito, poseram a alcunha de *o espanta raposas*, aconselhado por um seu amigo a que gritasse menos, pois que o pulpito não era para tão grande estrondo, respondeo: És um pateta! Quantas vezes não tenho ouvido gritar a essa gente bravia. Ora isto é que é prégar! E assim chovem quartinhos cá para as minhas algibeiras.

Já por aqui se vê que no principio d'este seculo pagavam nas aldeias da Beira mil e duzentos réis por um sermão.

Certo padre prégador, muito pesquizador de palavrões e de termos grandiloquos e altisonantes, escreveo a certa senhora uma carta redigida nos seguintes termos:

Illustrissíma Senhora! Vão as minhas lettras avidamente por entre os entrebridos transportes de doçuras da sua conveniencia, onde se achavão quebras mimoseadas pelo debuxo do pincel do seo cantor. Posso pedir a V. S.ª queira cimentar-me as suas noticias, para eu as apresentar ao sr. F. afim de que proteja o indigente F. a quem denunciaram os assombrosos aruspi-

ces. Não vou mesmo aos pés de V. S.ª por me achar deitado entre diafanos lençoes, a effeitos dos desconhecidos titulos d'um exaltado humor.

Sou de V. S.ª obedientissimo, amicissimo acatadissimo. O seu cantor F.

Um clerigo doutor canonista, que acabava do exame provado em Coimbra, vinha fazendo uma grande bulha, e por mais que o quizessem cumprimentar, e darlhe os parabens, a nada attendia. Com as mãos apertadas na cabeça, esbravejava e gritava como um energumeno. Deixem-me velho tonto, venho com os miolos feitos em agua. Perguntaram-me cousas, que nunca li, nem vi, Toletano, Toletano, Emeritano, Illiberitano, Metropolitano, Constantinopolitano, Hierosolomitano.

Passava então certo advogado, com quasi vinte lustros no espinhaço, muito alto, magro, arrastando os pés, e de capa e volta, para a audiencia da Conservatoria da Misericordia. Chegando pela porta da Real Capella, e achando-se alli dois dos acolythos, chamados moços da Real Capella, quando viram passar o tal advogado, disseram um para o outro:

Que figurão para Imperador d'Eyras!

O advogado ouvindo palavras taes exclama: Imperador d'Eyras, não: um jurisconsulto mui acreditado, isso sim.

Venhão para fóra, se são capazes.

A isto accrescenta o author, ao qual vamos seguindo.

Delicioso tempo, em que pelo Espirito Santo iamos esperar aquella comitiva em Santo Antonio dos Olivaes, perto de Coimbra, e presenceavamos a funcção na egreja das religiosas de S. Bernardo de Celas, onde o inaugurado premiava as freiras com a mercê de sessenta moios de trigo, medido no areal do rio Mondego.

As religiosas disforravam-se com outra galantaria.

Mandavam-lhe uma famosa bandeja de prata, com grangêa doce, para se desjejuar, e um trinchador bidente, muito grande, para com elle se servir. Entretanto o bom homem partia com sua comitiva para a villa d'Eyras, e se repartia muita esmola pelos pobres, e se dava gratuitamente de comer á immensa gente que concorria.

O padre mestre dominicano fr. Theotonio de Beça, prégou em certa freguezia da diocese de Coimbra, e o auditorio ficou tão satisfeito que disse *ficara o pulpito ensilveirado*.

E com effeito o auditorio ficou satisfeitissimo.

Acabado o sermão da Resurreição, foram acompanhal-o á casa da residencia do Parocho. Entre os cortejantes estavam tres doutores, e outros tantos ou mais clerigos e cada um d'elles teceo o elogio como poude. Um dos taes doutores, que ainda não tinha fallado, exclamou: Com que estão, senhores, cumprimentos para cá, elogios para lá, aplausos d'aqui, vivas d'acolá. Mais breve, mais breve, o senhor padre mestre é pao para toda colhér!

Uma noite veio um marido para casa. Acabou de cear, levantou-se da meza, pegou num pau, e deo algumas pancadas em sua mulher. [1] Gritou esta. Acudio a visinhança, e perguntando-se ao marido a causa dum tratamento tal, respondeo que sua mulher, em qualquer occasião lhe punha em praça todos os seus peccados, não só os commettidos, mas os sonhados: pensamentos, palavras e obras. Que elle determinava confessar-se no dia seguinte, e para supprir o exame, e se bem lembrar de tudo que devia confessar-se, dera as taes pancadas em sua mulher, e que se ella cuidara só nas pro-

---

[1] Fr. *Manoel Guilherme*, frade de S. Domingos, Conselheiro fiel. vol. III. Lisboa, 1728. pag. 47.

prias culpas, e não se presara de tão fiel relatora das alheias, não levara esta carregação.

Outra mulher confessando-se, gastou muito poucas palavras no que tocava á sua consciencia, e disse muitos e muitos defeitos de seo marido.

Ouvia o confessor, e lhe impoz por penitencia de suas culpas tres Ave Marias e pelas culpas de seo marido tres dias a pão e agua.

O leigo carmelita fr. Francisco do Menino Jesus, era muito amigo de figos. Passou por uma tenda delles, e o demonio avivou a tentação, aconselhando-o a que os comprasse, e corresse para dar graças a Deus por ter creado fructa tão saborosa. Mas o frade, notando a tentação, disse ao tentador: Maldito tinhoso! Quem te deo commissão para cuidares nos louvores de Deus?

O carmelita descalço fr. Christovão de Jesus, varrendo certa occasião uma casa, perguntou aonde havia de deitar o lixo. Responderam-lhe que o deitasse no logar mais immundo. Lançou então o lixo sobre si, pois se julgava, na sua humildade, o mais immundo de todos os homens. [1]

Em 1531 imprimiram no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a traducção da obra intitulada Perfeição da Vida Monastica, e dois tractados compostos por S. Lourenço Justiniano, e vertidos em linguagem pela infanta D. Catharina, filha del-Rei D. Duarte, o eloquente.

A jornada do Arcebispo de Goa, por Antonio de Gouvea, é citada na Historia dos Tartaros por Lourenço Masben, Helmstadt, 1741, pag. 5. E a Recreação Philosophica do nosso padre Theodoro d'Almeida foi vertida para hespanhol, e estampada em Madrid, no anno de 1807, em nove tomos.

---

[1] Fr. *Manoel Guilherme*, Conselheiro fiel, vol. III, pag. 49.

É possivel porém que o leitor esteja com bastantes desejos d'ouvir mais alguma cousa ácerca da famosa procissão de Corpus Christi, da qual, ha muito que não digo palavra.

As constituições do Bispado do Porto, estampadas em Coimbra no anno de 1735, mandam que fosse ella feita do modo seguinte:

A principal[1] de todas as procissões é a grande e festival Procissão de Corpo de Deus, que em cada um anno se faz na quinta feira depois do Domingo da Trindade, tão encommendada pelos sagrados Canones, Concilio Tridentino, e ainda pelas Leis do Reino. Foi ordenada pela Igreja, para exaltação do Divino Sacramento, e delectavel manjar, em que se gosta a mesma doçura de Christo, para honra de Deus, gloria dos Catholicos, confusão e detestação da heretica perfidia, e para que os fieis, lembrados deste immenso beneficio, com fervoroso affecto se excitem a render o obsequio devido a tão Divina Magestade, e a dar graças a Christo, tão liberalissimo bemfeitor, que se nos dá a si mesmo em eguaria da vida espiritual.

Pelo que mandamos, que, com todo o ornato, magestade e pompa possivel, se faça esta solemne procissão na quinta feira de Corpus Christi pela manhã, acabada a celebridade da Missa nesta Cidade, na forma que dispõe o ceremonial dos bispos, e nas mais egrejas do Bispado, onde houver costume, e commoda e decentemente se poder fazer na fórma que ordena o Ritual Romano. E nesta cidade se fará com o mesmo acompanhamento e solemnidade, que até presente se costumou fazer, e sahirá da nossa Sé, e nos nossos suc-

[1] Pag. 252.

cessores levaremos a custodia de SS. Sacramento, e tendo legitimo impedimento, a levará o deão do nosso Cabido, ou dignidade, a quem pertencer.

E mandamos, sob pena d'excommunhão maior, *ipso facto incorrenda*, e de tresentos réis a todos e quaesquer clerigos seculares de ordens sacras, ou beneficiados e pensionarios, ainda de menores, de qualquer qualidade e condição que sejam, que se acharem nesta cidade, ou qualquer das villas ou logares, em que se fizer a procissão no dito dia de Corpus Christi, a acompanhem da egreja donde sahio até se recolher, e irão com vestido clerical decente, com sobrepeliz lavada, corôa e barbas feitas.

E sob a mesma pena d'excommunhão, que n'este caso pomos, como delegado da Sé apostolica, mandamos todos os religiosos de quaesquer religiões, que tiverem conventos, ou collegios nesta cidade, villas e logares de nosso Bispado, onde esta Procissão se faz (excepto aquelles que vivem na mais estreita clausura) a acompanhem no dito dia em corpo de communidade com a cruz adiante, das egrejas donde sahir, até se recolher, e irá cada convento ou collegio, no logar de sua antiguidade, ou de que estiver de posse.

E sob a mesma penna d'excommunhão maior, *ipso facto* e de dinheiro, mandamos a todos, e a cada um dos parachos desta cidade, e mais freguezias d'este bispado, aonde se fizer a procissão, e de uma legua ao redor, a venham acompanhar com suas cruzes que serão levadas pelos sanchristães, ou Juizes das Egrejas por si, ou por outrem, com sobrepelizes e a todos os mais clerigos das Ordens Sacras, e beneficiados ou pensionarios, ainda que sejam de menores, que viverem, e se acharem dentro da dita legua, a venham acompanhar na dita fórma.

E o nosso provisor nesta cidade mandará dois dias antes fixar um edito nas portas da Santa Sé, porque mande ás pessoas que a isso são obrigadas, se achem na tal procissão, declarando-lhes que se assim o não cumprirem, encorrem nas ditas penas d'excommunhão e dinheiro.

E mandamos outro si a todos os nossos subditos, que no dia em que se fizer esta solemne procissão tenham as ruas, e logares, por onde houver de passar, limpos e ornados com ramos e flores, e as janellas e paredes ornadas e concertadas com sedas, panos, alcatifas, quadros, imagens de Santos, e outras pinturas honestas, quanto lhes foi possivel.

Outro si mandamos que nenhum homem (não tendo legitima causa) emquanto a procissão passar pelas ruas em que estiver, esteja ás janellas, nem assentado nas cadeiras, de espaldas, com a cabeça coberta. E tanto que avistarem o Senhor, estejam de joelhos, sob pena d'excommunhão maior.

E para que os fieis com mais fervor e pio affecto celebrassem e assistissem á solemnissima festa do Corpo de Deus, concederam os summos pontifices muitas indulgencias a todos aquelles, que no dia da dita festa, e nos do seo oitavario assistirem nas egrejas aos officios divinos e horas canonicas. Por tanto mandamos a todos os parochos do nosso Bispado, as declarem a seus freguezes na estação da dominga precedente á dita festa, e juntamente, as que nos concedemos aos, que acompanharem a procissão, admoestando-os, exhortando-os em primeiro logar a que se confessem e communguem, e façam as obras pias que poderem, dispondo-se para alcançar tão grandes graças e indulgencias. As quaes são para os que assistirem confessados e commungados ás Matinas e Missa solemne no dia do Corpo de Deus, e

ás primeiras e segundas vesperas. E ganham cem annos de indulgencia, e os mesmos ganham, os que jejuarem á vespera, e nos sette dias do oitavario ganham os mesmos cem annos de indulgencia, assistindo ás Vesperas, ás Matinas, ou á Missa, e a todas as pessoas que á ida ou á vinda acompanharem a procissão, concedemos-lhes quarenta dias de verdadeira indulgencia.

E que já por aquelles tempos mettiam a ridiculo os frades e padres o mostra a seguinte passagem:

«E por sermos informados que algumas pessoas seculares com pouco temor de Deus em odio e velipendio dos Ecclesiasticos, fazem autos e representações, em que os contrafazem, e dizem contra elles palavras injuriosas e torpes, o que causa escandalo, querendo nos prover n'isso, mandamos a todas as pessoas seculares, de qualquer qualidade e condição que sejam, sob pena d'excommunhão e de pagarem um marco de prata, não representem, nem contrafaçam ecclesiastico nem religioso algum por nenhuma via em autos nem fóra d'elles, nem digam d'elles palavras difamatorias, nem injuriosas, nem andem em seus habitos.»

E para que todos saibam a procissão, que ha de haver, e a obrigação que tem de a acompanhar, mandamos a todos os parochos, que assim o denunciem a seus freguezes no domingo precedente a ella, declarando-lhes as penas d'estas Constituições, que encorrem, os que a não acompanharem, e fizerem o que n'ellas se prohibe.

Porém, quem tal diria?

O primeiro rasgão que teve a procissão de Corpus Christi foi no Synodo Diocesano celebrado em Elvas no segundo dia de maio de 1633!

N'elle se lê o seguinte:

«A procissão que em cada um anno se faz por dia

de Corpus Christi, tão encommendada pelos sagrados canones,[1] Concilio Tridentino e Leys seculares, e tão recebida por costume geral da Egreja, foi instituida e ordenada para exaltação d'este Divino Sacramento, e honra e gloria de Deus, consolação dos fieis e confusão dos hereges: e por isso deve ser mais acompanhada de cantos e hymnos espirituaes que provoquem a devoção, que de festas profanas e lascivas, que movam o riso.»

Quando se fundavam egrejas, havia quasi sempre grandes funcções.

Quando el-rei D. José resolveu mandar fazer a egreja da Memoria, querendo assim mostrar-se agradecido á Divindade por lhe ter salvado a vida, mandou fazer de madeira uma grande sala com porta e escada para o campo, pela qual se serviu, quando veiu para as duas funcções.

A esta sala seguia outra, que serviu para camara de paramentos do patriarcha, com seu camarim chamado da Falda.

Logo se seguiam dezoito camarins para os principaes: outra sala para os monsenhores, e outra para os mais ministros.

Mas todas tinham suas entradas em um corredor, no qual havia em correspondencia outras tantas portas para o campo.

E todos estes apartamentos se cobriram com riquissimas tapeçarias de panos de Arraz, damascos e outros ornatos preciosos.

Porém um escriptor antigo já declama contra a existencia de frades, dizendo:

---

[1] Fr. Claudio da Conceição. Gabinete Historico, vol. xiv, pag. 47.

Inventaram meios de augmentar as privações dos moradores dos conventos como se o curso commum das paixões e tribulações humanas não fizessem o calix, de que todos devem beber, sufficientemente amargo, sem preverter os mais simples dictames do senso commum para o tornarem ainda mais intragavel.

Santa Thereza de Jesus, porém, era amicissima dos portuguezes, e a causa de tanta affeição foi uma revelação de Deus, na qual o Senhor lhe declarou que todos os soldados portuguezes que morreram na batalha de Alcacer Quibir, foram para o Ceu. Nem a alma de um só se perdeu.

«Fiquei, diz a Santa [1] com tão grande estimação d'aquella nação, na qual, até os soldados estragados nas outras, estavam tão bem dispostos, que me sobrevieram grandes desejos d'ir fundar algumas casas do nosso Carmelo reformado n'aquelle reino, parecendo me que resultaria d'isso grande gloria de Deus e augmento da religião, com os sugeitos portuguezes, que se me representavam tão bons e inclinados á virtude.

Pedi a sua Divina Magestade, com a maior instancia que pude, que me fizesse esta mercê: e dia d'Assumpção da Rainha dos Anjos me disse o Senhor: Tu, filha, não irás a Portugal fundar casas de tua reforma, mas irão tuas filhas e teus filhos, por que quero augmentando o numero de bons religiosos que ha n'aquelle reino, com os teus, que cresça o motivo de eu suspender o castigo que lhe dei, e usar de misericordia com elle.

Tão bem será levada a elle tua mão esquerda, que lhe quero dar a mão de tão amada esposa, para o le-

---

[1] Fr. Bellchior de Sant'Anna; Chronica de Carmelitas descalços, vol. I, pag. 66.

vantar da miseria em que estará cabido, e restituil-o ás felicidades antigas, e dar-lhe um penhor d'outras avantajadas.

Thereza de Jesus Carmelita

Segundo rezam os estatutos da Universidade de Coimbra, edição de 1654, na vespera da Procissão de Corpus Christi, não havia lições na Universidade.

Vemos tambem a pag. 52 do segundo volume das Viagens de Pouqueville na Grecia, que os toques de sinos eram completamente prohibidos na Turquia. [1]

Ora imagine o leitor, todos os turcos andando com chinellas calçadas, para não fazerem barulho, e diga-me se a Constantinopla parecerá ou não uma cidade de mortos.

Contam os authores que escrevem ácerca dos milagres do Rosario [2] que um conde de França tinha muitos filhos, e para os deixar ricos, metteu uma filha que tinha em um mosteiro de freiras, no qual se guardava pouca religião, porque não tinha clausura, e as noviças que entravam, aprendiam das antigas, não devoções, senão mui grandes distracções e muito pouca honestidade.

Vendo seu confessor como esta moça levava o caminho da perdição, desejou muito de a encaminhar bem.

Perguntou-lhe: Sabeis vós filha rezar bem o Rosario de Nossa Senhora?

Não sei fazer mais, disse ella, que o que fazem as

---

[1] Vol. II, pag. 52.

[2] João Rebello; Historia dos Milagres do Rosario, fol. 63, v. E' obra do seculo XVII.

outras freiras, que é rezar pouco, fallar muito, comer bem, levar boa vida, e praticar com os que veem ao mosteiro.

O confessor estranhou-lhe aquellas cousas, tratando-lhe dos grandes proveitos da devoção do Rosario.

Depois entregou-se á vida mistica, e fazendo profissão, acudiram logo muitos ociosos, para a visitar; mas ella não queria abaixar a lhe fallar.

Mandavam-lhe muitos presentes, nenhum queria tomar, escreveram-lhe muitas cartas, todas as rasgava.

As outras freiras, quando isto viam, zombavam d'ella, chamando-lhe hypocrita, e fazendo-lhe maus tratamentos.

Andava então a freira mui desconsolada, e recorreu á Virgem.

Esta então lhe deitou uma carta, em que lhe dizia, fosse adiante na devoção do seu rosario, que tinha começado, que fugisse da conversação dos homens, que não estivesse ociosa; tirasse de si toda a malicia de vestidos e de regalos, que na sua cella pozesse imagens de Christo e dos Santos para que a movessem a ter devoção, e a imital-os, e que fazendo isto, como ella lhe mandava, alcançaria a graça de Christo, e nunca a desampararia.

Aconteceu que um abbade quiz visitar aquelle mosteiro, como tinha de preceito, mas os que tratavam n'elle, não lh'o consentiram, antes o trataram mal, e despediram com affronta.

Passado um anno tornou o abbade áquelle mosteiro, não como visitador, senão para vêr aquellas religiosas, e d'esta maneira foi bem recebido.

Estando uma vez posto em oração, viu uma visão espantosa, mas muito alegre, porque sobre a cella d'aquella religiosa, que se chamava Joanna, enxergou uma

grandissima luz, e a Virgem acompanhada de muitos Santos e Santas, e a religiosa que estava orando no meio d'elles.

Viu tambem que estavam muitos demonios ao redor da cella de Joanna, e que sendo deitados d'ali por virtude de Nossa Senhora se foram ás cellas das outras freiras, e uns em figura de borboletas, outros de mosquitos, outros de serpentes, entravam pelas boccas das freiras, do que ficou como morto, com compaixão de tão grande mal.

Tornando sobre si perguntou á religiosa que oração fazia.

Ella lhe disse que a do Rosario, e então entendeu que por sua grande virtude a tinha Deus livre dos demonios.

O abbade então, com desejo de reformação d'aquelle mosteiro, comprou muitos rosarios, mui formosos, e a cada uma deu o seu, sob condição, que cada dia o haviam de rezar uma vez.

O que acceitaram de boa vontade, e compriram.

E foi cousa maravilhosa que dentro de pouco tempo que rezaram o rosario, as que d'antes estavam obstinadas, que não havia remedio para quererem ser reformadas, ellas mesmas mandaram chamar ao abbade que as visitasse e reformasse, e de tal maneira mudaram a vida que viveram depois mui religiosamente.

O povo chamava vulgarmente Apostolos aos Jesuitas, por isso que estes taes se diziam da Companhia de Jesus.

Segundo nos diz o author da Benedictina Lusitana, o suave e meigo toque das Ave Marias, quando o dia se vae sumindo no pelago dos tempos, foi instituição do papa Innocencio III.

Ao sermão da Resurreição davam antigamente em geral o nome de Sermão das Graças.

O padre prégador, porém, do pulpito era obrigado a dar as boas festas a todas as pessoas da parochia que ali se encontrassem, e tambem a contar historias chistosas e a dizer graças com o fim de que o auditorio estivesse em incessante hilaridade, para assim se indemnisarem dos jejums e penitencia. E esta asserção é confirmada por Mr. Dellon na sua Historia da Inquisição de Goa.

E o prégador que tal não conseguisse, passava por mau prégador.

No sermão prégado pelo P. Manuel de Escovar, Jesuita na capella de Lisboa, a 21 de dezembro de 1637, em dia do apostolo S. Thomé, este prégador grita contra o dominio hespanhol.

... Sendo S. Thomé o padroeiro das nossas conquistas no Oriente, é de ver como o frade se inflamma na recordação dos feitos gloriosos dos portuguezes nos climas descobertos por Vasco da Gama e Affonso d'Albuquerque.

Depois de nos pintar o estado de effeminação a que tinham chegado os costumes guerreiros d'outr'ora, vae o prégador comparando os seus compatriotas com os romanos que deixavam ir perdendo-se o nosso imperio asiatico, e depois pergunta:

Mas que é dos portuguezes?

A esta pergunta responde do modo seguinte o padre:

«Se hoje, outro assim curioso, quizesse conhecer de vista aos portuguezes, de quem suas historias contam feitos de tão alta ventura, muito me posso temer que não descobriria nenhum, porque na verdade já não somos os que ser sabiamos: *cum ipsi Romanorum nihil habeant*.

E se o somos, que foi d'aquellas cabelleiras militares, horror dos inimigos? que foi d'aquellas barbas venera-

das, que se estendiam até os peitos? barbas que por juizo dos proprios barbaros só podiam trazer os portuguezes, porque só elles as podiam tirar da vergonha?

Que foi d'aquelles rostos queimados do sol, crestados do frio?

Que foi d'aquellas mãos calejadas da lança e da espada? d'aquelle gesto severo? d'aquelle andar varonil? d'aquelle rescender a ferro e polvora?

Que foi de tantos exercicios militares, quantos tu vias cada dia, ó Lisboa, de canas, de justas, de torneos?

Que foi (para que digamos tudo) d'aquellas matronas que só pariam homens?

Pois entrae por essas casas, e vereis quão dissimilhantes são d'aquelles em que viveram e couberam aquelles generosos espiritos, para cuja fama foi estreito e pequeno todo o mundo.

Agora tudo galerias, tapeçarias, quadros, bufetes e espelhos.

O' casas tão mal habitadas e tão mal empregadas! Tempo sei eu, em que a tapeçaria de vossas paredes eram lanças, arremessões, partasanas, fachas, espadas, montantes, rodelas, adargas, arnezes, couraças.

Tempo sei eu em que as vossas galerias eram estrebarias cheias de formosos e briosos ginetes, unico cuidado de quem já em vós morou: outra vez me compadeço de vós e vos choro por mal habitadas e mal empregadas.

Haec domus antiqua quam dispari Domino!...

Perseverae, principe glorioso, em assim honrar, em assim enriquecer aos vossos portuguezes com mãos tão rasgadas, com peito tão aberto, que assim como S. Thomé deu a seu Mestre o titulo de Deus, assim elles pelejando por vosso nome, por vossa gloria, em tantos e tão dilatados reinos,

E então direi ao Samori, que venha sobre Cochim, sobre Calecut, sobre Chalé, que logo achareis Pachecos, logo Almeidas, logo Castros que o destruam.

Venha sobre Goa o Sabaio, e ajude-se para recuperação sua, de todos os principes confinantes, que logo haverá Pereiras, Vasconcellos e Athaydes, que gloriosamente o defendam.

Venham sobre o Diu mamelucos, turcos, janizaros que logo para assolação de seus exercitos, para ruina de suas armadas, vereis cobertos seus muros!

Silveiras e Mascarenhas e Noronhas, outros tantos Martes Lusitanos...

Comtudo n'alguns conventos havia grande desleixo, pois o proprio fr. Monteiro nos diz no seu Claustro Dominicano que do convento de S. Domingos de Lisboa tinham roubado alguns manuscriptos.

No estrangeiro, porem, as cousas tambem não corriam melhor.

«No meu regresso de Paris, diz o bispo Golbert, achei tambem grandes intrigas nos conventos d'aquella cidade, e soube, passado não muito tempo que a occasião do mal não provinha do interior dos conventos, mas sim dos ruins discursos que todo e qualquer «canalha molinista» proferia nos parlatorios, e principalmente os ecclesiasticos e jesuitas que levavam ás pobres freiras todas as sortes de libellos, e que não as podendo confessar, faziam com que ellas os lessem.

Era enão muito fallada a procissão da Misericordia em Lisboa em a noite de quinta feira Santa para visitarem as egrejas.

Partiam da egreja os irmãos em anoitecendo, e iam pela rua nova ter a S. Francisco, e d'ali passavam á Trindade e desciam ao Carmo, e d'ali vão a S. Domingos, e tornam pelo Rocio, pela Praça da Palha, rua das Ar-

cas, Corriaria até a Sé, e da Sé tornavam á Misericordia, gastando n'isto até á meia noite, e ás vezes até á uma hora.

Os irmãos eram sempre duzentos e cincoenta, até trezentos, e todos iam vestidos com suas vestimentas pretas, e postos em ordem de Procissão com suas velas nas mãos.[1]

Diante d'elles iam oitocentos, novecentos e até mil homens e mulheres disciplinando-se, os quaes todos iam vestidos de vestimentas pretas, e assim homens, como mulheres, se feriam com as disciplinas, de que tiravam muito sangue.

E esta procissão ia repartida em tres ou quatro estancias, e entre uma e outra um retabulo ou Christo posto na Cruz, e no meio iam dez ou doze irmãos com suas varas regendo-os, e mettendo-os em ordem.

Entre estes disciplinantes iam muitos homens com varas de ferro, e cruzes de pau grandes, e pedras ás costas: e para claridade da gente levavam cincoenta faroes de fogo, em que se gastavam dois mil novellos de fiado, de tomentos engraxados em borras de azeite e cebo para darem bom lume, os quaes faroes iam postos em basteas muito compridas e altas: e levavam trinta lanternas muito grandes mettidas tambem em basteas com vellas dentro accesas: e os irmãos que regiam, trazem nas mãos quantidade de velas para, tanto que faltarem, proverem de outras: levavam mais trinta homens com bacias nas mãos cheias de vinho cozido, e os disciplinantes molhavam e lavavam n'elle as disciplinas, porque lhe apertam as carnes. Á tal procissão davam o nome de Procissão dos fogareos.

---

[1] P. João Baptista de Castro; Mappa de Portugal, vol. III, edição de 1763.

Da mesma maneira iam dez ou doze homens com caixas de marmelada feita em fatias as quaes mandam muitas pessoas fidalgas e devotas, que dão aos penitentes: e levam outras de confeitado, e de cidrão para os que enfraquecem soccorrem-ihe com um bocado: e vão outros tantos homens com quartas de agua e pucaros nas mãos dando agua aos que d'ella teem necessidade.

E, tanto que chegam á casa da Misericordia estão fysicos que expremem as chagas dos penitentes, e lh'as lavam com vinho, para isso confeicionado, e os apertam e vestem, e se vão curados para sua casa.

Era tambem por aquelles antigos tempos muito appetecido aquillo a que chamavam o dom das lagrimas.

O homem ou mulher que tivesse grande facilidade em chorar, estava já no caminho da predestinação.

E era este dom um d'aquelles que mais eram appetecidos, pelas pessoas, quer homens, quer mulheres, que se entregavam á vida mystica.

E ácerca d'um tal dom até o cardeal Belarmino escreveu um livro, ao qual deu o seguinte titulo: *De gemitu columbae.*

No principio do seculo passado andavam a vender imagens de Santos pelas ruas, ou paineis, aos quaes davam o nome de *Ricos Feitios.* [1]

Certo prégador acceitou o sermão da Assumpção de Nossa Senhora na festa do convento das Flamengas. E sabendo que o celebrante era um padre a quem tinham posto a alcunha do *Colherão*, e, ao qual o padre prégador tinha muita raiva, aproveitou-se do ensejo para incluir no sermão as seguintes palavras, as quaes recitou:

1 Constituições do Bispado do Porto, pag. 378.

«Que julgaes vós, meus amados ouvintes, que farão os Anjos n'este momento?

Colherão cravos?

Colherão rosas?

Colherão jasmins?

Finalmente colherão todas as mais mimosas e odoriferas flôres?

Não.

Estão em adoração ante o throno do Altissimo, festejando este sagrado mysterio.

E qual será o fructo de sua oração?

Colherão o que em vossas supplicas religiosas pedis.

Colherão bom premio para as pessoas, que por sua piedade tanto se desvelam em fazer tão pomposa festa, e tão solemne festividade.

Espero tambem que minhas expressões colherão de vós desculpa, pois para tão alto assumpto, meu incansavel estudo, as não acha dignas d'elle: segundo, colherão desculpa, pois sendo convidado a concorrer com a vossa piedade para o celebrar, chego a desanimar, pois me não vejo com sufficientes forças para o desempenhar: a final colherão desculpa... mas que digo! desculpando a mãe de Deus como espero de sua infinita misericordia, não me importa o que ellas colherão dos sabios e pios sacerdotes que hoje officiam n'este sagrado templo: nem o que ellas colherão do respeitavel sabio, e religioso auditorio.

A isto o celebrante que estava uma polvora, disse para o diacono e subdiacono:

Tanto colherão! Tanto colherão! Colherão um diabo que o leve!

O P. Fr. Diogo de Mello e Menezes na 2.ª edição da sua Grammatica Latina, Lisboa 1835, além d'um esti-

rado elogio tinha posto no rosto da obra: His scriptis vives tempus in omne meis—elogio dirigido a D. Pedro.[1]

Porèm na edição de 1823 tinha chamado a D. Miguel —Gloria e Salvação da Patria.

Te praesens laudat, laudabit serior aetas
Ultra que concilium, facta, animamque...

Era um padre bem prudente.

Aveiro é uma cidade pequena e não muito historica, mas onde o numero de conventos e templos, relativamente, nada tinha de pequeno.

O Convento de Sa dava logo nas vistas ao passageiro que vinha do comboio.

Foi fundado por tres irmãs chamadas Garcia Gorôa, Anna da Conceição e Branca da Assumpção.

Depois de obtidas as licenças necessarias, a maioria das religiosas do convento do Loreto abandonou Almeida, e vieram para esta cidade, onde, chegando em 22 de junho de 1644, se hospedaram no palacio de D. Beatriz de Lara, e ahi estiveram em quanto se procedia á edificação dum convento nas casas e pomares, que para este fim lhes havia doado D. Maria Ferreira, viuva de Manoel Bento Sarnich, fidalgo da casa real. No dia 2 de agosto daquelle anno fizeram as religiosas a sua entrada solemne no seu novo convento, a que se seguio uma luzida festividade.

A fundadora do convento, fallecendo, legou-lhe tudo quanto possuia, por testamento approvado pelo tabellião da villa d'Ilhavo, Manoel Soeiro, em 25 d'agosto de 1646.

A egreja, que era de apparencia agradavel, e estava ornada com todo o esmero, foi construida em 1671.

---

[1] Edição de Paris, 1864.

Convento de N. Senhora do Carmo. Passando em Aveiro, no anno de 1613, com direcção ao Porto, alguns carmelitas descalços, foram hospedar-se no paço dos Tavares. Por esta occasião um dos membros desta illustre familia fez-lhes ver a grande utilidade que podiam alcançar, se fundassem aqui um convento de sua ordem.

Sendo eleito provincial fr. Antonio do Santissimo Sacramento, que tinha sido um daquelles, a quem lembrou a fundação o fidalgo Tavares, mandou a Aveiro fr. Thomaz de S. Cirillo, prior do collegio de Coimbra, para escolher o local, em que devia edificar o convento e bem assim para alcançar licença da camara. Esta licença foi concedida no dia 22 de julho de 1613, para o que se reuniram nos paços do concelho, alem da camara, todos os nobres e homens bons da villa. O auto, em que se concede auctorisação para os carmelitas fundarem o seu convento, foi lavrado pelo escrivão da camara, Sebastião da Rocha Pimenta, e assignado pelo juiz de fóra, Gaspar Corado, e por os cidadãos Miguel Affonso Migalhas, José Coelho, Antonio de Almeida da Costa, Diogo Vieira Guedes, Thomaz da Costa Corte Real, Jeronymo Cardoso, José Barreto, Antonio Coelho, Braz Pereira, Andrade Lançarote, Pedro d'Araujo, e Miguel da Veiga.

O bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, assim como D. Alvaro de Lencastre, 3.° duque de Aveiro, deram a licença para a edificação em 12 d'outubro do mesmo anno de 1613.

As obras não se fizeram esperar muito, e o convento principiou a construir-se em umas casas junto da capella de S. Gonçalo, que haviam pertencido a Gil Homem da Costa. Eram acanhadissimas as proporções do novo convento, não obstante ser pequeno o numero de frades que nelle habitavam.

Passado um anno depois da fundação, o convento foi julgado extincto por a Mesa do Desembargo do Paço, em vista dos frades não terem alcançado auctorisação regia.

Logo que houve noticia desta ordem, a camara, e bem assim a nobreza da villa representaram a Filippe III para que este confirmasse a fundação do convento.

A representação que foi apresentada ao monarcha hespanhol por o conselheiro d'estado D. Henrique de Sousa, 1.° conde de Miranda teve feliz exito, pois por provisão de 16 de julho de 1615 se ordenou que ficasse sendo valida a fundação do convento dos carmelitas descalços.

Foi pessima a construcção do primitivo convento; os frades vendo-o ameaçar ruina, tractaram logo de edificar um outro, porem num local mais appropriado do que aquelle era. Para este fim comprou o prior fr. José de Jesus Maria uma porção de terreno na rua de S. Paulo, onde o seu successor fr. Domingos de Santo Angelo mandou construir o convento. Como as obras se fizessem vagamente, foram os frades transferidos para o palacio de D. Beatriz de Lara, e ahi permaneceram até ellas se concluirem: o que teve logar em 15 de março de 1620.

D. Beatriz de Lara prodigalisou os maiores favores aos carmelitas, para elles poderem levar afinal a edificação do seu convento. Os frades deram a D. Beatriz de Lara o padroado da capella mór, por escriptura feita em 25 d'agosto de 1626. Havendo declarado esta senhora que por sua morte o padreado passava para o representante da casa de Villa Real, fez nova escriptura em fevereiro de 1648, em que declarou que tendo-se extinguido aquella casa, o padroado não passasse a nenhum outro parente.

O convento era um edificio assaz amplo, porem muito pouco regular, e delle poucos vestigios restam, a não ser parte do claustro mandado construir pelo prior fr. Manoel de Santa Maria em 1653; pois foi demolido até aos alicerces, e no local, que occupava mandou edificar Sebastião de Carvalho e Lima um palacete em 1858.

A egreja, que tem a fórma de cruz é espaçosa: lançou-lhe a primeira pedra D. Miguel da Madre de Deus no dia 15 de outubro de 1628. Concluiu-se em 1643.

Na capella mór, do lado do evangelho, está um sumptuoso tumulo de marmore, em que repousam as cinzas da padroeira da mesma capella.

D. Beatriz de Lara era primogenita de D. Manoel de Menezes, 3.ª marqueza e 1.º duque de Villa Real, por mercê de Filippe III e de D. Marta da Silva, filha de Alvaro Coutinho, commendador d'Almourol. Casou com D. Pedro de Medicis, 3.º filho do gran duque de Toscana, Cosme de Médicis; tendo-se devorciado do marido viveu algum tempo em Madrid, mas logo que elle morreo naquella cidade, veio para o convento de Jesus d'Aveiro, onde falleceu a 4 de junho de 1648.

Na sachristia que foi mandada fazer por fr. Luiz de Jesus em 1649 estão alguns bustos de santos, que outrora contiveram reliquias, que teem sido subtrahidas, tambem ainda alli se conservam duas miniaturas que teem merecido os encomios dos intendedores, e são — um retrato de Jesus Christo offerecido pelo papa Innocencio VIII a D. Beatriz de Lara, e por esta ao convento, e outra representando Jesus Christo a orar no Horto de Gethsemani.

O orgão que tinha sido comprado pela communidade em 1680 foi levado por ordem do governo, depois da extinção das ordens religiosas, para a egreja do Pinheiro da Bemposta.

Foi deste convento que sahiram no dia 29 de junho de 1628 fr. Thomaz de S. Cyrillo e Alberto da Virgem para procederem á fundação do Bussaco.

Tem a cidade d'Aveiro tambem o recolhimento dos terceiros de S. Francisco, fundado pelo prior de S. Miguel, Sebastião Corrilho e Oliveira em 1680, para cujo fim comprou por 80$000 réis duas moradas de casas com os seus respectivos quintaes, sitas na rua do Loureiro, ao licenciado Pedro Ribeiro de Oliveira e sua mulher D. Luiza da Gama, por escriptura feita pelo tabellião Manoel Pereira Botelho, a 21 de março d'aquelle mesmo annos.

A entrada das primeiras irmãs terceiras teve logar em 2 d'abril de 1670, e eram estas Maria da Resurreição, Thereza de Jesus, Sebastiana da Cruz, Maria da Conceição e Anna de Jesus.

O bispo conde D. João de Mello tomou o recolhimento sob sua immediata protecção.

Tratou-se de converter o recolhimento em convento, mas nunca se chegou a canseguir: pois, quando em 1822 foi declarado extincto, ainda era recolhimento.

A regra porque se governavam as recolhidas era a das religiosas Conceicionistas, pelo que viviam em clausura, como se fossem reclusas, não obstante não terem veo.

A egreja que hoje existe não é a primitiva. Essa, que havia sido edificada em 1648, e benzida por D. Pedro de Sousa, dom prior de Guimarães, foi mandada demolir em 1734.

Na actual que presentemente serve de Sé, lançou-se a primeira pedra no dia 21 de setembro de 1735, e tendo-se concluido as obras, foi benzida no 1.º de dezembro de 1743.

A 24 de dezembro de 1734 tomou o habito de ter-

ceira n'este recolhimento D. Josepha Maria de Castro, filha de Antonio de Sá Mourão e de D. Maria Cabral.

São notaveis as causas d'aquella resolução.

O dobre do sino na torre do recolhimento, segundo diz o auctor das Memorias d'Aveiro, casava-se com a expressão sentida d'um ungido do Senhor, que nas abobodas do sanctuario fazia resoar a palavra inspirada que lhe affluia aos labios lividos, entre lagrimas e soluços, porque ainda ha pouco vendo desenrolarem-se diante de si os horisontes illimitados da felicidade domestica, vinha n'este dia, cingindo já tambem o borel da ordem franciscana, assistir e ao mesmo tempo commemorar, como ecclesiastico e frade, a profissão de uma sua irmã, que tambem havia sido sua esposa.

Este frade, que perante os designios da providencia curvava a cabeça alva como a neve, não pela edade, mas sim pelo soffrimento, era Braz Luiz de Abreu, auctor do *Portugal Medico*, e filho de Antonio de Sá Mourão e de D. Maria Cabral[1]

O pae de Braz Luiz d'Abreu, oriundo d'uma familia israelita, foi desde os seus primeiros annos alvo da mais cruel e injusta perseguição por parte do *Santo Officio*, embora tivesse frequentado a Universidade; porém o horror que sempre lhe causou a *carocha* e o *sambenito*, fez que abandonasse Coimbra, e fosse viver para Bragança, sendo n'esta ultima cidade que elle deparou com a mulher que, amando-o, foi o *santelmo* que lhe annunciou a bonança no meio do mar tormentoso da sua vida errante.

Porem esta mulher era nobre; corria-lhe nas veias o

---

[1] Memorias d'Aveiro, pag. 137.

sangue azul, pois era filha de Fernão Cabral, morgado de Carragedo, e elle o proscripto, era judeu, relapso e christão novo; por isso jámais devia levantar os olhos para uma mulher cujas genealogias se perdiam... quem sabe? talvez na mais remota antiguidade da nação goda.

D. Maria Cabral calcou com desdem os pergaminhos nobiliarios, e levada pelo amor, desposou Antonio de Sá Mourão, segundo o rito judaico.

D'este casamento houveram dois filhos: um d'elles foi Braz Luiz d'Abreu, que seus paes entregaram aos cuidados de Francisco d'Abreu, logo em seguida ao seu nascimento, para melhor poderem fugir para Hollanda, onde foram encontrar seguro azylo contra as perseguições dos familiares do Santo Officio, que, intrigados pelo fidalgo de Bragança, se esforçaram por dar hospedagem a Antonio de Sá dentro dos sinistros muros da Inquisição, porque a vergontea austrogada julgava que a nodoa cahida no seu brazão, só podia ser lavada indo em pessoa resinar os paus da fogueira que no auto de fé havia de carbonisar o corpo do genro. [1]

Braz Luiz d'Abreu, foi, passados alguns annos, entregue pelo amigo de seu pae a Francisco Moraes Taveira, que o mandou para Coimbra em companhia de seu filho Heitor Dias da Paz, e que, desde logo, principiou a frequentar humanidades no collegio de S. Paulo da mesma cidade, onde deu não poucas provas do seu grande talento, e, em 1714 tinha já o grau de licenciado na faculdade de medicina.

Em 1726 publicou Braz Luiz d'Abreu o seu *Portugal Medico*, que dedicou ao principe do Brazil, D. José

[1] *Id. id.* pag. 138.

Francisco, sendo n'esta epoca já casado com D. Josepha Maria de Castro.

Braz Luiz d'Abreu ignorava quem fossem seus paes. Sua mãe, voltando a Portugal, já viuva, em companhia de sua filha D. Josepha Maria de Castro (que tendo nascido em Amsterdam, tomou o nome de D. Antonia da Piedade, para assim evitar de ser conhecida) em vão se esforçou por encontrar seu filho; com todo, morreu, abençoando-o; porem, como genro.

Do casamento de Braz Luiz d'Abreu com D. Josepha Maria de Castro nasceram sete filhos. O sol de felicidade reflectiu explendido sobre esta familia até 24 de março de 1732, mas n'este dia as explicações dadas a Braz Luiz d'Abreu, pelo seu primeiro portector, desvendaram o segredo d'aquelle parentesco, e abriram um vacuo immenso entre aquelles dois corações que se amavam, não como irmãos, mas sim como esposos, e a quem o recolhimento de S. Bernardino separaram eternamente.

Braz Luiz d'Abreu, depois de haver prestado os ultimos soccorros da religião e da sciencia, cerrou as palpebras a soror Josepha da Cruz, sua irmã, e que tambem fôra sua esposa, em junho de 1735.

A 18 d'agosto de 1756 os frades do convento de Santo Antonio d'esta cidade escondiam debaixo d'algumas pazadas de terra regada com lagrimas de saudade o corpo de seu irmão fr. Braz Luiz d'Abreu.

Convento de S. João Evangelista. Este convento (da ordem de S. Thereza) occupa o antigo palacio dos duques d'Aveiro, e a egreja é a capella do mesmo palacio consideravelmente ampliada nos meiados do seculo passado: foi fundado por D. Raymundo de Lencastre em 1668.

D. Raymundo fundou este convento em virtude de

certas disposições testamentarias de sua tia D. Brites de Lara; e as suas primeiras habitadoras foram oito freiras, que vieram dos conventos de Santo Alberto e Santa Thereza de Carnide, chegando a Aveiro em 13 de junho de 1668.

A 16 do mesmo mez e anno fizeram as religiosas a sua entrada solemne no convento.

Foi apparatoso este acto, a que assistiu todo o clero nobreza e povo; as ruas da villa estavam ornadas com arcos triumphaes, e á noite todas as casas se illuminaram, pois o contentamento era geral, e o regosijo espontaneo.

Pelas duas horas da tarde d'aquelle dia o prior do convento do Carmo fr. Antonio do Espirito Santo, fez a entrega das chaves do convento ás religiosas, no meio dos brados de alegria soltados pela multidão ebria de enthusiasmo e das descargas dadas por as quatro companhias da ordenança.

O convento, que ainda em parte conserva a fórma do antigo paço ducal, possue amplos dormitorios: mas os primores d'arte não tem ali guarida, porque dentro de seus muros tudo respira humildade.

No côro, que é assaz vasto, venera-se uma imagem de Jesus Christo flagellado, de grande merecimento artistico.

A egreja é toda forrada de magnifica tálha dourada, e conserva-se sempre com toda a decencia.

No local onde estanceia o jardim publico que pertenceu á commenda de S. Miguel da Ordam d'Aviz, e que foi comprado pelos frades do convento de Santo Antonio ao commendador Topete por 60$000 réis estava uma frondosa alameda, que havendo sido plantada em 1672, por fr. Antonio das Chagas, foi destruida em 1862, sem se deixar um unico vestigio d'aquella vegetação secular.

Ordem Terceira: No anno de 1670, lançaram-se os fundamentos á Ordem Terceira, na capella do Corpo Santo, sendo escolhido para padre commissario, fr. Luiz de S. Francisco (que n'aquella epoca aqui estava em missão) cargo que desempenhou com todo o zelo apostolico por espaço de seis annos, ao fim dos quaes deu a sua demissão que lhe foi acceite em 8 de fevereiro de 1676.

Em virtude das instrucções recebidas do seu primeiro commissario os irmãos terceiros, recorreram á mesa definitoria dos frades menores, que por bulla passada por Nicolau IV em 1290, eram os visitadores das Ordens Terceiras, para que lhes fosse dado novo commissario, ao que o padre provincial fr. Thomé de Villa Real, accedeu, nomeando fr. Sebastião de Monsanto em 10 de janeiro d'aquelle mesmo anno [1]

O novo commissario conhecendo os inconvenientes que provinham á ordem em estar na capella do Corpo Santo, fez com que se transferisse para a egreja do convento de Santo Antonio a 13 de março de 1678, onde se conservou até 1679. em que foi novamente transferida para a capella, onde hoje está.

Tendo o bispo conde D. Alvaro de S. Boaventura dado licença para se construir a capella, que devia servir de séde á Ordem Terceira, lançou-lhe a primeira pedra em 16 de janeiro de 1677, e passados dois annos estavam as obras de todo concluidas.

A capella, ou egreja, é espaçosa, e está ornada com boas imagens e alguns quadros a oleo.

A Ordem, apesar de pobre, celebra as suas solemnidades, senão com grandeza, ao menos com decencia. A

---

[1] Id. id. pag. 147.

procissão de Penitencia, que tem logar em quarta feira de Cinza, torna-se imponente não só pelo merecimento artistico da maior parte das imagens que n'ella vão, como pela compostura com que se apresentam todos os irmãos.

A sala do despacho, que teve principio em 1680, para o que obteve licença do padre provincial fr. Leonardo Chaves, é de architectura singela, e foi mandada ampliar em 1872 pela mesa que tambem reformou a sachristia, obras que foram custeadas a expensas de esmolas.

Convento de Santo Antonio: Tendo Aveiro sido assolada por uma grande epidemia no anno de 1524, fizeram os seus habitantes um solemne voto de edificarem um convento para frades menores dedicado ao Portuguez Santo Antonio; e d'isto deram parte ao provincial da Ordem fr. Bartholomeu d'Albuquerque, que gostosamente acceitou a valiosa offerta dos filhos d'esta terra.

O terreno para o convento foi dado por João Nunes Cardoso, senhor dos coutos de Freiriz e de Pennagate da Torre, do que se lavrou uma escriptura a 17 de março do mesmo anno de 1524. A obra foi custeada com esmolas, e o mesmo succedeu com a reedificação do mesmo convento, que teve logar em 1658.

A cerca, que era muito aprazivel pelas fontes e arvores seculares que a embellezavam, pertencia á commenda de S. Miguel, que era uma das 49 commendas que formavam o patrimonio da Ordem de Aviz, e que se houve por troca, para a qual se alcançou em 1611 licença d'el-rei, como mestre da dita Ordem, e do commendador, que então a possuia, Daniel Topete.

O claustro, que ainda hoje conserva a sua primitiva fabrica, foi construido em 1753, e a casa da livraria,

que continha um grande numero de obras de merecimento, em 1720, sendo guardião fr. Manoel de Barcellos.

Tambem alli ha uma varanda abobadada de tijolo e cantaria, d'onde se gosa um bello panorama. Foi construida em 1749.

Nos baixos d'esta varanda é que antigamente estava a unica aula publica de instrucção primaria, que havia em Aveiro, regido por um frade do convento, que recebia annualmente 40$000 réis, pagos pela Camara. Esta aula foi extincta em 1834, sendo seu ultimo professor fr. Joaquim de Santa Rita.

A egreja é de aspecto humilde, mas agradavel: alli tudo respira pobreza. Os frades deram o padroado da capella-mór a Jorge Moniz, senhor da casa d'Angeja, por escriptura feita em 30 de dezembro de 1583, com a condição de dar annualmente ao convento 20$000 rs. uma pipa de vinho e outra d'azeite, e todas as lampreias que fossem apanhadas á segunda feira na pesqueira que aquella mesma casa possuia junto á villa que lhe deu o titulo, na ribeira chamada do Paço.

Alguns mezes depois, tendo fallecido o ultimo possuidor d'aquella casa, passou para a corôa, e D. João IV, por provisão de 30 de setembro de 1644, ordenou que se continuasse a pagar aos frades tudo a que se havia obrigado Jorge Moniz, porem as lampreias não se acham mencionadas na provisão.

A tribuna do altar-mór, que é toda de talha dourada, foi mandada construir em 1740.

A egreja tem dous altares lateraes, sendo um do Menino de Deus, ao lado do qual se acha sepultada D. Izabel da Cruz Figueiredo, fallecida em 22 d'abril de 1761, que tendo legado grande parte dos seus haveres ao convento, deixou dito em testamento que queria alli ser se-

pultada, e o outro de S. Benedicto, previligiado perpetuo por concessão do papa Innocencio XIV.

Tem a egreja mais dois altares, ou capellas, n'um dos quaes se venera uma devota imagem da Virgem das Dores, dada ao convento em 1628 pelo conde de Miranda, e na outra os cinco santos martyres de Marrocos.

A sachristia é a melhor d'esta cidade; é toda forrada de pinturas a oleo com bellas molduras de talha dourada. Antes d'esta já houve outra, que foi devorada pelas chammas em 1712; a actual foi feita á custa do bispo conde D. Antonio de Castello Melhor em 1713, que não consentiu que sobre a porta fossem postas as suas armas, como os frades desejavam.

Conta-se que indo alguem participar ao bispo, que esteve a maior parte do anno de 1712 habitando no paço dos Tavares, que a sachristia tinha ardido, elle dissera que o que ardera era a sua bolsa; dito este que cabalmente confirmou mandando canstruir uma obra de tanto merecimento.

Os frades viviam de esmolas que pediam na cidade e circumvisinhanças; a camara era obrigada a dar-lhes annualmente 40$000 réis, com a obrigação d'elles prégarem vinte e quatro sermões na (arrasada) egreja matriz de S. Miguel, e isto por provisão de D. João IV passada em 16 de janeiro de 1742, que se acha transcripta a pag. 76 do Livro do Registro da mesma Camara.

A casa dos Tavares concedeu ao convento a renda que possuia dos navios que, carregados de bacalhao, entrassem pela barra, que era uma arroba por cada um; passando esta casa, tambem por falta de successores, para a das rainhas, continuou o convento a receber a mesma renda por as provisões de D. Luiza Francisca de Gusmão, mulher de D. João IV e de D. Maria Francisca Izabel de Saboya, mulher de D. Affonso VI, pas-

sadas em Lisboa a 27 d'abril de 1647, e 13 de janeiro de 1667.

Todas as esmolas que os frades recebiam eram entregues a um syndico nomeado pelos prelados superiores, em conformidade com uma bulla do papa Innocencio IV, onde se lê a seguinte: Seja-lhes licito (aos prelados superiores) o nomearem alguns varões idoneos e tementes a Deus, os quaes, segundo a necessidade de cada um convento, possam com a nossa auctoridade livremente vender, commutar, expender e aplicar todas as cousas que os fieis tenham dado, ou derem, para as necessidades dos frades.

Esta disposição foi confirmada por Clemente IV, Martinho V e Bonifacio IX.

O ultimo syndico que teve o convento de Santo Antonio foi Francisco Thomé Marques Gomes, a quem os frades, agradecidos, sepultaram em 27 de dezembro de 1831, sob campa rasa á entrada da sacristia junto d'outros bemfeitores do convento, que tambem alli dormem o somno da eternidade.

O convento tem tido diversas applicações: foi hospital militar, de colericos, lyceu, e quartel de reformados; actualmente é onde se aloja o destacamento que faz a guarnição da cidade

A egreja foi concedida á mesa da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco que a conserva com toda a decencia.

Porem o convento mais notavel d'Aveiro, e ao qual teem concorrido innumeras pessoas de longes terras, para as quaes o iman, são os restos da princeza Santa Joanna, é o de Jesus. Foram taes [1] as virtudes obra-

---

[1] «Assim como o fundador deu sitio, quinta e renda para a sua casa: do mesme maneira entra a fundadora de Aveiro, dando terra, fazenda e bons rendimentos.

das pela Princesa Santa Joanna que em 1687 se tratou de alcançar de Roma a sua beatificação; sendo encarregado deste negocio fr. Francisco Mascarenhas, que obteve o ordenar o papa Innocencio XI ao bispo conde

---

Assim veremos na villa uma nobre matrona não perdoar á nenhum trabalho de suas proprias mãos por levantar a casa de Deus.

Lá tomou o fundador o habito com dois filhos, cá veremos recolher-se, e professar a fundadora e duas filhas juntamente com ella.

Mas será acertado para fundamento da Historia tomarmos-lhe os principios um pouco atraz.

Governando estes reinos na menor edade d'el-rei D. Affonso V, o infante D. Pedro seu tio, criava-se em casa da infanta D. Isabel sua mulher uma menina muito nobre por nome Brites Leytoa (não nos deixaram os antigos mais noticias de suas cousas) que n'aquelles annos tenros tinha um geito tão grave e assentado, que a todos os que a viam promettia muito de si para diante: e aos Infantes a lhe quererem mais, sobre o que por seu sangue e por servir ao seu bafo merecia.

Servia no mesmo tempo ao Infante um fidalgo mancebo (chamava-se Diogo de Atayde, sobrinho do conde de Athouguia e do prior do Crato D. João Gonçalves de Atayde) era-lhe elle muito acceito, porque além de ter dado mostras de valente na guerra e sisudo na paz, sabia das lettras humanas, e das linguas latina, italiana e franceza quanto bastava para dar lustre a um sugeito muito nobre.

Havia o infante, que tinha n'elle para Brites Leitoa consorte e parelha egual: quando lhe pareceu tempo, tratou da materia, despachou-o com el-rei: e ainda que ella não tinha edade bastante para tomar sua casa, fez o casamento, ficando ambos, como d'antes no serviço e casa do Infante.

N'este estado, eis que succede um dia faltar no Paço Diogo de Atayde: ouve-se por novidade.

Mandado buscar em casa não foi achado; nem por casa de parentes e amigos havia quem d'elle desse nova.

Causou sua ausencia espanto em todos que o conheciam, desgosto em seus tios, cuidado no Infante.

Até que um dia se soube, cousa, que mais admirou, e foi: que

D. João de Mello, que viesse a Aveiro examinar o corpo e milagres da Santa Princeza.

Em 29 de junho de 1689 foi desenterrado o caixão em que se guardavam as suas cinzas, o qual estava de-

---

estava no convento de Bemfica com o habito de S. Domingos vestido, e tão contente do estado, que parecia, não haveria força, que lh'o fizesse trocar.

Accudiram os tios, vieram amigos, fizeram-lhe praticas, não aproveitava nada.

Emfim valeram-se da força do Infante que mandava tudo. Notificou-se logo aos frades em nome d'el-rei, que lhe despissem logo o habito, e o lançassem do mosteiro, visto ser casado. Respostas havia, e boa defeza em direito para o caso, como este era de matrimonio não consummado.

Mas contra mandado real, e força de validos, não basta razão, nem as leis tem auctoridade, com magua da Communidade, e dôr do noviço, que fazia extremos de sentimento, despedindo se com muitas lagrimas do habito beijando-o muitas vezes, e pondo-o sobre os olhos e coração: emfim se tornou aos seus. Não tardaram elles em o prender logo com lhe darem casa, e lhe entregarem a mulher: e o Infante pelo mais obrigar deu-lhe cargo de guarda-mór da Infante, com que ficaram vivendo em largueza e com auctoridade.

Passaram annos: tiveram duas filhas, e depois dois filhos.

Acabou o Infante desastradamente, perseguido d'el rei moço, e dos que andavam junto d'elle feitos senhores de sua vontade, e conselhos. Durou pouco ao Infante sua mulher, consumida de desgostos, pagas que o mundo dá a quem melhor o serve. Convidava el-rei a Diogo de Atayde para seu serviço, como sabia de suas partes: mas elle desenganado das miserias da vida em successos alheios tão tristes e tragicos como foram os d'este Principe, determinou fugir da Corte, e entregar-se todo a um só cuidado, de crear seus filhos, e salvar sua alma em vida solitaria. Ajudava-o muito achar em sua mulher Brites Leytoa animo, companhia e conselho de annos maduros e grande conformidade com elle em tudo. Era senhor de uma boa fazenda a duas leguas de Aveiro: chamam lhe Oucca. Aqui escondidos, ou antes enterrados, começaram a fazer vida heremitica, cultivando as almas com orações e jejuns, a que juntavam uma continua hospedagem de pobres e peregrinos, o que faziam com gosto; como outro Abrahão e Sara.

baixo do côro junto ao commungatorio, e em seguida examinado pelo bispo D. João de Mello, que lavrou um auto de tudo que encontrou, o qual foi enviado para Roma e bem assim um summario sobre as suas virtudes e milagres.

Elle grangeava a quinta por suas proprias mãos, dando-se a plantar vinhas e olivaes por fugir á ociosidade.

Ella trabalhava de suas portas a dentro governando a familia com grande cuidado, No meio d'esta vida santa, e de verdadeira Religião ainda que sem habito, nem regra monachal, chamou Deus para si a Diogo de Atayde.

Era pelos annos de 1453 quando falleceu. Está enterrado em Leiria no mosteiro de S. Francisco: ficou Brites Leytoa com quatro filhos, mas tão moça, que não tinha mais que vinte e sete annos: como era havida como rica de fazenda, e muito mais de virtude, o primeiro trabalho em que se viu, antes de enxutas as lagrimas, que devia a um marido santo, foi ser importunada por acceitar outro.

Até a rainha, que d'ella sabia mais, tratava do mesmo, e lhe tomou logo a filha mais velha para dama, com ser muito menina, para que mais desembaraçadamente podesse entrar em novo estado.

Mas eram mui differentes os cuidados da viuva; entregue toda á boa memoria do defunto, e a não tratar mais que de Deus: cerrou constantemente as orelhas a toda pratica de casamento e de mais mundo: e encerrada entre as paredes da sua quinta de Oucca; entendia com efficacia em cumprir o testamento do marido, e nas obras santas, que ambos costumavam, juntamente pedia a Deus com affectuosas orações, lagrimas e penitencias, lhe desse luz n'alma, para escolher um tal genero de vida, na determinação em que estava de só a elle servir, que mais certo e seguro fosse para salvação da sua alma.

Para este effeito invocava por advogada e intercessora e mestra sua, a Sagrada Virgem Mãe.

Erão os desejos da alma, a petição um perpetuo emprego, de dias, e noites; e parecendo-lhe, que por seus demeritos nem seria ouvida, buscava pessoas devotas, religiosos e religiosas, por fama de virtude conhecidas, fazia-lhes largas esmollas de seus bens para merecer, que lh'as fizessem elles de suas orações.

Foi beatificada pelo mesmo papa, Innocencio XI, em 4 de abril de 1693, designando o dia 12 de maio para a sua festividade.

Quando chegou o breve da beatificação era prioreza

Nem costuma o Senhor, como a todos nos quer salvos, engeitar requerimentos santos.

Corria por quatro annos, que Brites Leitoa aturava esta vida.

Era entrado o de 1457.

Determinou esmerar-se esta quaresma nos santos exercicios: e para o fazer com mais fundamento, quiz haver pratica de um religioso, por fama de virtudes, letras e pulpito, mui conhecido n'aquellas partes, e que no mesmo tempo era prior do convento de S. Domingos de Aveiro: seu nome Frei João de Guimarães, que os pergaminhos em que esta Historia achamos escripta, chamam com palavras formaes angelico Padre.

Mandou-lhe pedir, que a visse: veiu, confessou se com elle, deu-lhe larga conta de sua alma e de seus pensamentos e determinações.

Admirou se o frade, ainda que tinha ouvido muito d'ella de quanto mais achava de valor e espirito, do que a fama publicava; e parecendo-lhe, que tinha Deus alli depositado um thesouro de suas grandezas, para bem de muitos: pois com annos floridos e sangue illustre, entre liberdade, e muita riqueza sabia juntar aborrecimento do mundo, e verdadeiro amor do Ceu: tomou á sua conta ajudar a quem por si corria com orações, e bons conselhos: e propôz-lhe logo o que para subir á perfeição de vida, que desejava, não era morada conveniente a do campo, longe dos Officios Divinos, que adoçam e enlevam o espirito, longe das pregações, que são doutrina perpetua do santo Evangelho; que pois tinha tomado por padroeira, e mestra de suas determinações a Virgem Sagrada, o certo seria avisinhar com ella, passando-se á villa, e junto da casa onde se mandara honrar, e era servida com nome de Senhora da Misericordia: proseguiu com boas razões, fundadas na doutrina e exemplo dos santos.

Era Brites Leitoa dotada de bom entendimento, que as virtudes que seguia faziam melhor e mais claro.

Sentiu se penetrar d'ellas, como de vozes do Ceu: mas não e

deste convento a madre Anna de Belem, que fez celebrar um solemne triduo, fazendo pontifical o bispo conde D. José de Mello.

Pouco depois da beatificação, fr. Pedro Monteiro,

---

dando por convencida, sem mais deliberação, pediu ao Prior, que com muito cuidado, até se tornarem a ver outra vez, encommendasse o negocio a Deus, para que o encaminhasse a seu maior serviço: e ella entre tanto faria o mesmo.

Passados poucos dias resolveu-se, em acceitar o conselho do Prior, e chamando-o de novo, pedio lhe que tomasse á sua conta o trabalho de lhe escolher e comprar sitio accommodado junto do convento, para edificar uma pobre casa.

Obedeceu o prior com a singeleza d'aquelles tempos, e de homem santo, levou dinheiro, e fez logo compra de um pedaço de chão, que é o mesmo em que hoje vemos o mosteiro de Jesus: tão pegado ao nosso convento dos frades, que entre elle e a nossa egreja, não fica mais distancia que a largura de uma rua, que corre em meio: era o lugar baixo, corriam a elle muitas aguas de inverno da parte da villa, que o faziam humido.

Pareceu inconveniente de consideração; mas o Prior não desistiu da compra, fazendo conta com bom juizo, que o lugar levantaria com a terra, que sahisse dos alicerses; e com a obra de pedra e cal enxugaria qualquer humidade natural; e assim aconteceu.

Começou logo o fabrico, e não tardou em se acabar.

Casa pequena, sobejando diligencia, e não faltando dinheiro, brevemente se pôz em estado de agasalhar seu dono.

Parece, que revelava o espirito ao prelado e subditos quanto edificavam para a sua Ordem, e não para outrem: porque com o mesmo gosto ajudavam a obra, já cosinhando no convento a comida dos officiaes, já trazendo-lh'a por suas mãos: e outras vezes crescendo tanto a caridade que não se contentavam com menos, que acarretar pedra e cal: esteve a casa em sua perfeição no anno seguinte de 1458.

Como a Divina Providencia ordenava esta Casa, para n'ella ser vida de grandes e valorosos espiritos; logo dispoz que fosse a fabrica por tal arte traçada, que quando esteve acabada, parecia a quantos a viam, e consideravam, um bem entendido mosteiro:

prior do Convento de N. S.ª da Misericordia, representou a el-rei D. Pedro II a necessidade que havia das cinzas da Santa Princeza repousarem em um tumulo mais sumptuoso de que até alli; el-rei immediatamente

mas humilde em architectura, e capacidade de aposentos, e mui proprio para agasalhar gente amadora de pobreza e santidade: e que ia já em vida buscando sepultura. E comtudo n'esta estreiteza não faltava officina nenhuma de quantas se requerem em qualquer grande mosteiro. Assim admirava, e fazia devoção juntamente a quem ignorava o fim, que Deus n'ella tinha traçado.

Aqui se passou Brites Leytoa em 24 de novembro de 1458 com suas filhas D. Catharina e D. Maria, e com uma Dona velha, e virtuosa, despedindo e pagando primeiro todos os mais criados, e criadas; porque a vida que determinava fazer, queria que fosse desembaraçada, livre de todo o cuidado, e ruido de gente de serviço.

Mas é de notar a vida, que fazia depois, que assim se encerrou: não era menos, que de uma emparedada das mais austeras.

No anno seguinte de 1459 recolheu Brites Leytoa comsigo uma moça nobre da villa, em logar da velha, que, ou fosse não poder aturar a aspereza de vida, que ali via, ou faltarem-lhe as forças na idade crescida: pedio licença e deixou a companhia. No mesmo tempo recolheu tambem uma menina de nove annos por conselho do padre Frei João de Guimarães: chamavam-se Garcia Alvares, a moça; Isabel Luiz, a menina: ambas deram depois pessoas de muita conta.

Corria o tempo e a fama da clausura, governo, e santidade de Brites Leytoa, era celebre, e voava por todo o reino, o que era occasião de lhe chegarem cada hora recados de mulheres muito nobres, e outros de differentes estados, que lhe pediam lugar para em sua companhia servirem a Deus. Escusava-se nos principios, lembrando-lhe, que o fim d'aquelle recolhimento fôra particular, para salvação sua e de suas filhas: e que n'este caso não cumpria accrescentar companheiras; visto como toda a multidão confunde e causa desordem; comtudo passados mais dias, ou fosse, que lhe inspirava já Deus tratar de mosteiro; ou que a obrigasse a qualidade da pessoa, deixou-se vencer de D. Mecia

approvou o alvitre, e encarregou o mesmo fr. Pedro Monteiro da obra, dizendo-lhe que se não importasse com as despezas. Este, seguindo as determinações d'el-rei, encarregou da construcção do magnifico tumulo,

---

Pereira, viuva tambem, e moça como ella, e irmã do conde da Feira.

Então esta senhora, por maio do anno de 1460, com duas companheiras, ambas de muito respeito, ainda que em idades differentes, uma entrada em dias, outra moça, e porque era rica e o numero de oito pessoas, que já eram, requeria mais largueza da casa, poz em mão de Brites Leytoa copia de dinheiro, com que comprou umas casas visinhas, cercadas de hortas e pomares.

Crescendo a companhia, não affrouxou em nada o rigor começado; antes cresceu, ao mesmo passo em todas as cousas; porque como se fora ja uma communidade concertada e mosteiro muito observante, assim na hora, que no nosso convento soava o sino da meia noite a matinas; era para ellas espertador para se levantarem todas, e até as meninas, a resar e tomar suas disciplinas.

Dadas a Deus as horas, que parecia, entendiam logo no serviço da casa, sem tornar aos leitos até amanhecer. Amanhecendo caminhavam juntas em communidade a ouvir missa no nosso convento cada dia, com o mesmo concerto e silencio, que atraz temos dito. Aos domingos e dias santos em que havia prégação, assistiam tambem a ella. Vestiam todas as côres de S. Domingos, saias brancas e mantos pretos, tudo pano vil e grosseiro, sem differença umas das outras. E n'aquelles primeiros tempos, conta-se que os mantos, que cobriam, eram umas mantilhas curtas, trajo e costume de gente pobre e humilde, tornando para casa entendiam cada uma em sua costura, ou outro trabalho de mãos até horas do meio dia, porque de ordinario nunca comiam mais cedo.

Mas ia-lhes mostrando o tempo, que dizia mal com o aperto, que guardavam portas a dentro, a liberdade e distrahimento de sairem duas vezes fora de casa cada dia, ainda que fosse tão breve jornada, como a largura de uma rua.

E foram cuidando, que com facilidade podiam evitar as sahidas, ordenando uma capella dentro de casa, em que os frades

que hoje se admira no côro debaixo deste convento, o architecto João Antunes.

Era opinião geral em Aveiro que esta preciosidade artistica fôra obra dos genovezes, porem pelo manuscri-

lhes fossem quotidianamente dizer Missa, recebendo por isso uma esmolla conveniente.

No que ficavam ganhando accrescentamento de renda com pouco trabalho, vista a visinhança: e ellas quietação e grande commodidade.

Era todavia Prior do convento o padre Fr. João de Guimarães: deram-lhe conta do pensamento, levantou elle os olhos e mãos ao Ceu, dando a Deus graças, e a ellas louvores, porque via ir nascendo por si, sem nenhum feitio humano, uma casa mais de Deus, em que tinha por certo havia de ser mui servido.

Depois de lhes louvar a traça, foi lhes mostrando, como aquelle termo de vida, que seguiam, inda que bom, e virtuoso, não era bem seguro para as almas: porque onde não havia vinculo de Religião, ficava sendo aquelle ajuntamento um genero (foi palavra sua) de biguinaria, sugeito a perigos, já de infamia, já de erros

Por onde o que cumpria, era não só ter capella dentro, como acertadamente pediam: mas juntar a ella obrigação de Mosteiro e Religião formada, e consagrarem a Deus corpos e almas com solemnes votos.

Foi o conselho ouvido de todas com alegria, e como vindo do Ceu, acceitado: e propozeram logo dar-lhe execução com toda a brevidade possivel. Porem é permissão divina, que quasi nunca falta, terem as cousas boas, encontro e contradicções n'este mundo, para merecimento e prova de constancia de quem as procura.

Contradizia o bispo de Coimbra, a quem pertence Aveiro, parecia-lhe lugar pequeno para sustentar mosteiro de freiras, alem do que já tinha de frades.

Os ministros reaes diziam, que era apetite de mulheres, sem fundamento, e que não iria adiante.

Os clerigos da villa faziam mais força, temerosos de lhes encurtarem seus benesses de enterros, suffragios e offertas.

Convinha requerer em Roma ao Summo Pontifice para dar licença, e ao nosso Geral e Capitulos geraes, para ser recebido á Ordem.

pio n.° 827, existente no cartorio do convento, se vê que o auctor de tão delicada obra foi um portuguez.

Logo que principiaram os trabalhos para a collocação ou novo mausoleu, foram as cinzas da Santa Princeza

---

Tudo difficuldades e dilações, que as boas Matronas venciam com soffrimento, e principalmente com orações e devoções, que faziam continuas.

Conta se de ambas, que jejuavam a pão e agua, quartas-feiras, sextas e sabbados: e de Brites Leitoa um acto de muita edificação, que era jejuar com o mesmo rigor todos os dias, que commungava: e commungava a miudo, santo, cortez e generoso acto.

Entre tanto dava cuidado, e não pequeno, em que parte da villa edificariam; porque fallar em mosteiro demandava campo e largueza.

Se se alongavam dos frades, difficultavam o serviço, que haviam mister d'elles; se ficavam onde estavam, era o sitio apertado. Emfim, tendo novas que em Roma era concedida licença, e despachado o Breve d'ella, resolveram-se em não desamparar a primeira morada, alargarem só algumas officinas e levantarem egreja.

Foi expedido o Breve pelo Pontifice Pio Segundo.

Em 16 de Mayo de 1461 deu juntamente sua licença o Reverendissimo Marcial Auribelli, Mestre da Ordem, para serem recebidas á obediencia da Ordem, e lhe damos a este mosteiro o principio de sua antiguidade.

Não ficava que fazer mais, que levantar a egreja: foram juntando materiaes para começar a obra com o anno novo. N'esta conjuncção quiz o Senhor honrar suas servas e a casa que havia de gosar o nome do Bemdito Jesus seu filho.

Era por janeiro do anno de 1462, estava el-rei D. Affonso V em Coimbra: alli soube da fabrica que queriam começar; parece que foi instincto do Ceu.

Determinou vel-a, e vel-as: julgando que o mereciam por seu sangue e virtude; e pelo valor com que de novo se dispunham a maior rigor.

Achou-se el-rei em Aveiro aos 12 do mez: visitou-as com real affabilidade: offereceu-lhes novas mercês, e favores em geral, e um mais particular, que era querer honrar o edificio com lhe lançar por sua mão a primeira pedra.

transladadas para a capella de Nossa Senhora da Conceição, onde se conservaram pelo espaço de 12 annos.

Em 28 d'agosto de 1711 ordenou el-rei D. João V ao bispo conde D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, que

---

E succedeu vir-se a fazer a cerimonia em 15 do mez; dia que toda a côrte festejava, por ser o em que el-rei fazia seus annos.

Assistiu o bispo de Coimbra D. João Galvão, que disse a missa em pontifical: a qual acabada, estava prestes uma formosa e bem lavrada pedra, e pondo-lhe el-rei a mão por uma parte e o bispo pela outra, foi assentada no alicerse: em que el-rei antes de se assentar, lançou a maior moeda que então corria no reino, que era uma dobra de ouro.

Ficou em memoria, que ao tempo que el-rei acabou a cerimonia, ou por mostras de satisfação do que tinha feito, ou por ventura, querendo desculpar um acto, que alguns julgariam pouco real, disse para os que o acompanhavam: Possivel será, que ainda este mosteiro venha a ter coisa minha; dito tão prophetico, que dentro de dez annos o viram cumprido a maior parte dos que foram presentes, vendo recolhida n'elle a Infanta D. Joanna, sua filha, a que ordinariamente chamam os escriptores princeza.

*
* *

Tanto era o gosto, e cuidado com que se occupavam em fazer correr a obra, que voava, e não corria.

E achamos nas memorias antigas, que os mesmos officiaes quando ao amanhecer do dia tornavam a ella, se admiravam, e affirmavam, acharem-n'a muito mais crescida, do que a tinham deixado na tarde atraz.

E como as auctoras eram havidas por santas, saira uma voz pela terra, que elles trabalhavam de dia, e os Anjos trabalhavam de noite.

Grande, e soberana honra d'esta Casa! Mas porque se dissesse com verdade, as duas matronas faziam apertadas diligencias: e não perdoavam ao trabalho de suas proprias mãos, e pessoas, repartindo entre si os cuidados e o merecimento.

Dona Mecia depois de ouvir misse, ante manhã, acompanhada de uma filha de Brites Leytoa, já visitava os que arrancavam pe-

viesse fazer a transladação das cinzas da Princeza; este logo que recebeu a ordem determinou o dia 21 de outubro para ella ter logar para o que convidou os abbades de Santo Thyrso, de S. Bento de Coimbra, e de S. Bernardo, e do Collegio da mesma cidade.

---

dra nas pedreiras, ja acudia aos que a lavravam, e o resto do dia continuava com os officiaes da Alvenaria, como sobrestante; e tão solicita, que lhe não lembrava comer, nem se fazia sol, ou vento, ou chuva.

Brites Leytoa foi assistir com outra companheira á quinta de Oucca com os que faziam telha e ladrilho.

E affirma-se d'ella, que se não contentava com menos, que fazer serviço de jornaleiro, ajudando a estender a telha, e o tijolo ao sahir das formas: e depois de enxuto a enfornal-o, e cozel-o. E sobretudo ella era a que negociava provizão de pão, e vinho, e comida para os officiaes, mestres e servidores: e com tantos cuidados, e trabalhos juntos, nem ella, nem Dona Mecia allivia-vam o trato de suas pessoas, ou afrouxavam um ponto de suas penitencias.

Assim crescia o edificio material, não se perdendo o espiritual: mas abrasava-se em ira lá nas covas infernaes o inimigo Lucifer contra a obra, e contra as sobrestantes, certo signal de que se agradava d'ella e d'ellas, o Senhor dos Ceos.

Particularmente perseguia a Brites Leytoa, continuando as tentações de medo, e fantasmas, que atraz dissemos: mas depois, que se viu despresado, chegou a mostrar-lhe visivelmente toda sua fealdade, ameaçando-a senão desistia, com uma terrivel representação do Inferno.

Grande consolação para todas as que hoje são moradoras d'este mosteiro, e o forem d'aqui até o fim do mundo: e para todos os espiritos, que a semelhantes emprezas para mais honra e veneração do Senhor se applicarem; por mais que as encontrarem discursos humanos, sempre rasteiros, sempre enganadores.

Não se póde duvidar, que antevia o maldito, como sabe muito, por velhice e por discurso, que se haviam de povoar d'aqui por santidade, muitas d'aquellas cadeiras, que elle e seus companheiros, por soberba e maldade tinham perdido no Ceo.

Como não tirou proveito dos assombramentos, passou a novas traças; persuadiu a um Senhor poderoso e rico do reino, que

No dia 10 do mesmo mez fez o bispo a sua entrada no convento, onde foi recebido pelo padre provincial, fr. Manoel da Encarnação, e pela princeza D. Isabel da Visitação, e dirigindo-se ao local, em que tinha sido

---

pedisse a quinta de Oucca por demanda; e foi o requerimento tão fundado em boas apparencias de direito, que mandou a justiça apparecer na Corte para responder a elle, a possuidora Brites Leytoa.

Não se podera em tal conjuncção imaginar maior estorvo para tudo, e fez muito damno; mas a boa matrona armada de paciencia e confiança em Deus, poz-se a caminho a pé, e sem mudar nada dos trajos, que usava, acompanhada de um criado velho, que fôra de sua casa, e de uma das donzellas, que comsigo tinha de mais edade.

Abalou a Corte, e a cidade toda uma mulher, que n'outro tempo conhecera rica de estado, renda e logar, e gentil presença, pobre agora, e humilde por amor de Deus, e coberta de pannos vis; espantava o rosto pallido, descarnado e secco; os olhos sumidos, e lagrimaes pisados; testemunhando tudo o que a fama publica, a pregoava de suas penitencias.

As Damas de Palacio alvoroçadas com sua vista, pediram a el-rei (era morta a rainha de tempo atraz) lh'a deixasse agasalhar comsigo; e não se fartavam de considerar, e pasmar no valor e fortaleza do espirito, que n'aquella notomia de ossos resplandecia: mas foi Deus servido, que não tardou em se mostrar de sua parte a justiça da causa, ainda que á custa de uma grave e comprida doença; da qual tanto que se viu melhorada, sem ter respeito á muita fraqueza que o mal lhe deixou, fez volta para sua companhia, dando-lhe azas o desejo de a ver.

Era entrada a quaresma de 1464, quando chegou ao seu mosteiro, achou acabada a egreja, e outras obras, que deixára começadas.

Faltava só guarnecer, e aperfeiçoar; determinou então á instancia de Dona Mecia receber mais companheiras, e tomou seis, que foram D. Thereza Pereira, irmã de Dona Mecia, Violante Nunes, Guiomar Velha, com Brites Velha sua filha, Isabel Pires, e Catharina Rodrigues, e ficaram por todas quatorze.

Faziam-se em vesporas de mosteiro perfeito, quando se viu de nova tribulação cercada Brites Leytoa com o fallecimento de sua

collocado o caixão com as reliquias da Santa Princeza, ahi o abriu, e transladou-as para um novo caixão forrado de velludo carmezim e agaloado de prata o qual foi fechado, e alli ficou até ao dia 19 em que o mesmo

---

grande amiga e companheira Dona Mecia, perda para todas, mas para ella occasião de gravissimo sentimento.

Era Dona Mecia mulher delicada, fez-lhe muita impressão a mudança da vida: foi cahindo em grandes enfermidades, que lhe renderam o bem da profissão, que fez antecipadamente com licença do vigario geral frei Antão de Santa Maria; assim foi a primeira, que d'esta bemdita companhia alcançou escrever seu nome no livro da vida, professando, e morrendo quasi tudo junto.

Trabalhava-se com cuidado no que estava por aperfeiçoar, desejando a fundadora, que no primeiro dia do anno seguinte, que era o de 1465, recebessem todas o santo habito, e com clausura perpetua começassem seu anno de provação, para effeito de poderem professar em dia do nome de Jesu, anno adiante, porque d'elle tinham assentado entre si ella, e Dona Mecia, que havia de ter a Casa sua vocação; porém foi conselho do padre frei João de Guimarães, que se repartisse a cerimonia, fazendo-se a do habito no dia solemnissimo do Nascimento do Salvador a 25 de dezembro do anno, que corria de 1464.

E a da clausura no dia do nome de Jesu, dia primeiro do Anno que entrava.

Conformaram-se todas com o padre frei João: e elle amanheceu no mosteiro no dia de Natal; disse-lhes a Missa da Alva no Capitulo, e commungou de sua mão a todas as que haviam de receber o habito; dia que por devoção jajuaram todas a pão e agua, como era costume da fundadora todas as vezes, que á sagrada Mesa chegava.

Foi Brites Leytoa a primeira, que vestiu o habito, seguiram suas filhas, e todas as mais que tinham idade; quando veio o ultimo de dezembro estava levantado na egreja dos frades um devotissimo Crucifixo, que a hora de Vesporas levaram os frades em procissão a egreja de S. Miguel, Matriz da Villa.

No dia seguinte, primeiro de janeiro de 1465 se juntou n'ella solemne concurso de toda a clerezia, e cruzes da Villa, e termo; e tanto povo, que se affirma acudiu muito, não só da Camara;

bispo tornando acompanhado pelo cabido da sua sé, juiz de fóra d'Aveiro, D. fr. Rodrigo de Lencastre, representando a Inquisição de Coimbra, e por grande numero de nobres, abriu o caixão, e em seguida, tendo

---

mas até das cidades, do Porto e Coimbra; e ordenados de novo com os frades em devota e alegre procissão, que cerravam os ministros revestidos, e acompanhados de muitos cantores, n'esta ordem caminharam para o mosteiro, e assim entraram por elle cantando; *Te Deum* etc. foram visitando, e benzendo todas as officinas sem deixar nenhuma; e até horta, e pomares.

Ultimamente pararam nas Crastas; onde por razão da muita gente, que tudo enchia, se cantou a missa ficando o sacerdote, e ministros a uma parte das varandas, e as religiosas a outra.

O pulpito se poz nas Crastas, e prégou, e com a sua eloquencia, que então não havia maior, o bacharel frei Pedro Dias, que as memories chamam frei Pedro Dias de Evora.

Festejaram as religiosas este dia com banquete de pobres; estendendo mesa franca a todos os que a quizeram.

A cerimonia da clausura não teve fim, senão a hora de Vesperas.

Veio cantal-as ao Capitulo o prior com todos os nossos frades, com solemnidada de musica e orgãos; e acabadas com a completa e salve, que tambem cantaram, mandou que se fechassem todas as portas, e lhe tornassem as chaves, as quaes de sua mão entregou á madre Brites Leytoa, e d'este dia começou a clausura e encerramento perpetuo.

E podemos, tambem dizer que teve principio o mosteiro no dia assignalado do nome de Jesu, cujo titulo tomou dia primeiro de janeiro do Anno de 1465, sendo Vigario geral da Observancia, em que foi fundado o padre mestre frei Antão de Santa Maria de Neiva, e provincial o padre mestre frei Diogo do Porto.

«No dia seguinte tornou ao mosteiro pela manhã cedo o padre Fr. João de Guimarães, e depois de cantar uma missa da Cruz, que as religiosas officiavam, fez lhes capitulo e nomeou por regente a madre Brites Leytoa. Logo foi repartindo officios para administração das officinas de portas a dentro.

Nomearemos alguns com as proprias palavras, que achamos nos papeis antigos do cartorio, para exemplo da humildade,

mostrado as reliquias ás pessoas presentes, mandou lavrar um auto, que depois de assignado por todos, foi encerrado no caixão, e cuja copia mandou guardar no cartorio do convento.

---

trabalho e sujeição com que n'aquelle bom tempo se dispunham as religiosas a servir suas communidades, são as palavras.

Fez procuradeira a madre Gracia Alvares, para ella mandar limpar o trigo, amassar e cozer. O que ella por sua virtude fazia, sendo d'outra ajudada.

Fez sachristã a Sor Ignez Alvares, criada que foi de D. Maria Pereira, e encommendou lhe, que tivesse cuidado da horta e do linho. A Isabel Pires fez enfermeira e tecedeira.

Passado o anno de provação, e chegado o dia esperado do nome de Jesus, dia primeiro do anno de 1466 acudio ao mosteiro, acompanhado de todos os frades de mais conta, o padre prior Fr. João de Guimarães, e fazendo profissão a regente e outras duas, não tratou este dia de mais, para que as outras irmãs pudessem professar nas mãos da regente, que já agora ficava com titulo de vigaria.

Achava-se el rei acaso por este tempo na cidade do Porto. Não faltou quem lhe desse novas do estado em que estava o mosteiro, que poucos annos antes honrara com sua presença no edificio da egreja.

Encheu-se o bom principe de devação, desejou auctorisar tambem este acto de tantas professas juntas, e mandou escrever á vigaria, que sobre estivessem até elle poder ser presente, e teve tão bom cuidado, que se achou na villa na vespera da primeira dominga depois da Epiphania; e para maior solemnidade, como tudo estava prestes para o domingo, mandou que houvesse pontifical e prégação.

Sendo tudo acabado, levantou-se do seu logar, para ver a ceremonia de mais perto, e não se contentou com menos, que estar em pé arrimado ás grades. Appareceu de dentro a vigaria com as duas professas novas, lançados seus veos sobre os rostos, e cyrios nas mãos; e posta em seu logar, mandou a uma d'ellas, que trouxesse as noviças, das quaes as duas eram suas filhas.

Chegadas diante da prelada fizeram sua profissão tão devotamente, e com tanta gravidade, que não houve coração, que dei-

Depois d'apparatoso triduo teve logar a transladação no dia 23, em que o bispo sahindo da egreja de cruz alçada, se dirigiu ao convento, e ahi pegaram no caixão os quatro abbades mitrados, e levando-o debaixo

---

xasse de mandar aos olhos, testemunhos claros de piedade christã, devação e compunção.

El-rei contente do que tinha visto, fallou á vigaria, e honrando-a com muitas palavras e affabilidade, prometteu fazer-lhe mercê; e nos dias, que aqui se deteve, lhe fez algumas; como foram licença para as freiras herdarem, e possuirem bens de raiz; e poderem comprar outros, a que juntou alguns privilegios para a casa, que então eram de estimar.

D'este dia em diante começou a florescer este mosteiro em todas as boas leis e governo de perfeita observancia. A prelada prudentissima, as subditas humildes e sujeitas; harmonia e concerto do ceu. Era de ver o zelo da prelada em ensinar e mandar, o cuidado das subditas em aprender e obedecer.

Mas não cuide ninguem que ha de escapar de tentação e cruz, por muito perfeito que seja: aperceber para ella amoesta o sabio a quem entra pelo caminho da virtude. Trabalho ha de haver, ou para prova, ou para merecimento, ou para tudo junto. No meio de tão santo e tão religioso trato, foi o Senhor servido, que vindo peste sobre o reino, désse logo em Aveiro, e não perdoasse ao mosteiro. Ardia a villa em fogo de contagião e mortes. Acudiram as freiras á vigaria, lembraram-lhe que tratasse de conservar sua vida e saude, saindo só para melhores ares, pois havia quintas proprias; allegavam, que aquelle seu rebanho era tudo gente moça, se ella faltasse ficaria sem cabeça e em desamparo certo.

Mas não ouve cousa, que a dobrasse, nem ainda a tratar de si com mais resguardo.

Era por julho d'este mesmo anno de 1466, amanheceram um di aferidas do mesmo mal duas madres, que foram as que professaram primeiro, que todas em companhia da vigaria. Chamava-se uma Sor Ignez Alvares, e a outra Sor Isabel Rodrigues. Naturezas gastas de penitencias e trabalho desacostumado. Teve pouco que fazer com ellas a doença.

Foi a morte abreviada, mas gloriosa, porque sendo o apparelho, que tinham feito em toda a vida só para ganhar esta hora,

do pallio, a cujas varas pegavam 6 cavalleiros da ordem de Christo; dirigiram-se em procissão, que era formada pelas communidades de 3 conventos de frades, que aqui havia, e mais de 300 clerigos, que para este

---

nem espantou a nova da morte, nem entristeceu o desengano. Recebidos os Sacramentos com devoção de quem para premio certo caminhava, deram as almas a seu Creador. Adoeceram logo duas noviças, que por falta de idade não professaram com as mais e outra menina, que se criava para freira.

As noviças passado muito trabalho convaleceram, a menina foi-se para o ceu.

Aqui resplandeceu muito a caridade e o valor da madre Brites Leytoa. A todas acudia sem nenhum cuidado de si, nem lembrança, se havia peste. As mortes sentiam-na de sorte que podemos dizer, que cada uma era martyr. Mas ainda o Senhor queria provar a fineza d'aquelle ouro, como nova tribulação no mais intimo da alma.

Entrando o mez de agosto deu o mal em Sor Catharina de Athaide sua filha mais velha, arrebatou lha como tiro de bombarda. Não faz menos a violencia, nem menos acelerada a morte. São os filhos pedaços d'alma; assim é custosa a divisão.

Foi trago penosissimo, respeito de sangue, da companhia e do merecimento da defunta; porém de nenhuma matrona antiga, das que mais celebra a fama, sabemos, que mais varonilmente suportasse em semelhante occasião; com olhos enxutos e animo inteiro a deu á terra, sendo a cousa, que n'ella mais amava; mas applicava o misericordiosissimo Senhor estes mares de afflicção com extraordinarios favores de sua divina mão; umas vezes fazendo-lhe ouvir musicas de anjos, outras dando-lhe vista da gloria dos bemaventurados, com que as maiores penas se lhe trocavam em goso, e em desejos vivos de padecer muito mais por tão bom Deus.

Entretanto foi cessando a furia do mal, e ganhando grande nome o mosteiro. e quem o governava. De sorte que pareceu ao vigario geral da Reformação, que devia fazer eleição canonica da prioresa, e assistindo elle pessoalmente, foi eleita com grande uniformidade a madre Brites Leytoa, que era vigaria.

Era isto no anno de 1468, e desde então começou a fazer o officio da prioresa.

fim tinham sido convidados pelo bispo, á egreja de S. Miguel, e de lá ao convento de S. João Evangelista (carmelitas), indo em seguida recolher-se; o caixão foi levado para junto do novo tumulo, dentro do qual foi collocado pelos 4 abbades, sendo depois fechado com 3 chaves, que se remetteram, a primeira a el-rei, a segunda á prioreza do convento, e a terceira ao bispo conde.

Em 1694 desejando a communidade d'este convento promover a canonisação da Santa Prioreza, beatificada em 4 d'abril de 1693, representou a el-rei D, João V, para que alcançasse de Roma esta graça.

O monarcha magnanimo cedendo a tão justo pedido fez com que fossem expedidas pela commissão dos Ritos as ordens necessarias em 17 de dezembro de 1746. para que o bispo conde nomeasse uma commissão para proceder a um rigoroso inquerito sobre as virtudes da Santa Princeza nos logares em que vivera.

Como só este titulo faltava, para inteira perfeição do mosteiro, foi logo importunada de muita gente do melhor do reino, para lhe darem filhas e irmãs, e receber algumas, e entre outra uma sobrinha de sua grande amiga e companheira, D. Maria Pereira, e de seu mesmo nome, filha de sua irmã D. Brites Pereira, e duas madres mais, que as memorias do cartorio chamam Sor Maria Raphael e Sor Innocencia; e dizem que se vieram a este masteiro despedidas do Salvador de Lisboa; mas que eram taes pessoas, que logo fez vigaria do côro a Maria Raphael, e a outra mestra de noviças; grande credito da criação que traziam. Mais lançou o habito a D. Leonor de Menezes, filha do conde de Vianna D. Duarte de Menezes, o que foi no anno de 1471, e logo no seguinte de 1472 veio honrar esta casa a serenissima princeza D. Joanna, vivendo el-rei D. Affonso V em paz; e cumprindo-se, como se fora prophecia, o que o mesmo Senhor disse, quando lhe lançou a primeira pedra dez annos antes, e aqui residiu e acabou seus santos dias.»

Fr. *Luiz de Sousa*, Historia de S. Domingos, Parte II. Liv. IV.

O bispo conde nomeou para membros d'esta commissão o chantre da Sé de Coimbra, o dr. Antonio Vicente de Vasconcellos, deputado do santo officio, e Manoel Coimbra Soeiro de Almeida.

Tendo estes procedido ás averiguações que julgaram convenientes, trataram de obter licenços de el-rei para poderem examinar os restos mortaes da Santa Princeza, o que obtiveram por carta regia de 18 de maio de 1750.

No dia 1 de junho d'este mesmo anno foi aberto o tumulo pelo bispo conde em presença de todas as auctoridades e nobres aqui residentes; encontraram um caixão de pau santo e dentro d'elle outro da mesma madeira, forrado de velludo carmezim e chapeado de prata, onde se guardavam os ossos da Princeza.

Para commemorar tão religioso acto celebrou-se na egreja do convento um Te-Deum a que assistiu grande numero de pessoas para esse fim convidadas, e fez a guarda de honra um regimento de dragões, de que era commandante o coronel Antonio Carlos de Castro.

De tudo isto se remetteu um auto para Roma, e nos Sermões do Bispo de Patara vem noticias interessantes, e o leitor não deve deixar de ler o que nos diz fr. Luiz de Sousa na sua preciosissima Historia de S. Domingos.

Ainda hoje se guardam no convento algumas reliquias da Princeza Santa, sendo ellas uma parte do cabello que lhe cortaram, quando tomou o habito de noviça a 25 de janeiro de 1475, e parte da camisa que tinha vestida, quando falleceu em 12 de maio de 1490.

O convento, apesar de ser no exterior de uma architectura singela, e magestosa, e mesmo porque o que contempla apellas paredes, não é com o fim de admirar o merito artistico, que por acaso alli podia sobre-

sabir, mas sim para recordar as virtudes sublimes que sempre alli tiveram morada.

O real convento de Jesus teve o titulo de Jerusalem por uma bulla do papa Alexandre IV, e d'elle sahiram fundadoras para os da Santa Anna de Leiria, Annunciada de Lisboa, S. João de Setubal, Reformação das Donnas de Santarem, e Corpus Christi, do Porto.

O termo medio das religiosas era de 70 professas, não contando com perto de cem entre noviças e creadas; tinha o dominio de Onea. e apresentação das egrejas de Fermelãa, Valmaior e S. João de Loure, e mais quatro annexas.

Por ordem de al-rei D. Manoel foi passado em 7 de outubro de 1502 um *padrão* em que se concediam annualmente ao convento dez arrobas de assucar, pagas na cidade do Funchal, *padrão* que foi confirmado por um alvará de 21 de março de 1714.

Era tal o numero de religiosas que de diversas cidades e villas se pediam para procederem á fundação de varios conventos, que a prioreza de Jesus, soror Maria d'Athayde, alcançou um breve do Papa prohibindo que d'este convento podessem sahir mais religiosas para aquelle fim.

Em 1506 tomaram as religiosas do convento de Jesus para seu padroeiro o apostolo S. Simão, e a prioreza D. Izabel de Castella lhe fez edificar uma capella junta da portaria.

A egreja é toda forrada de bellissima talha dourada, e a capella-mór é dedicada, desde a fundação, ao Senhor Jesus; foi dada pelas religiosas aos Tavares Tavoras, alcaides mores de Portalegre, Alegrete e Assumar, por um padrão de 25$000 réis de juro, e n'ella jazem sepultados dois membros d'esta familia, do lado do Evangelho, campeando sobre a pedra tumular

o seu brazão, que são 5 estrellas em aspa tendo por timbre um elmo: as paredes são ornadas com algumas pinturas, com allusão a diversos factos da vida da Santa Princeza. A egreja, não obstante ser pequena, é elegante e possue boas imagens.

Junto do côro de baixo, está uma capella denominada de Santo Agostinho, onde se admira um elegante tumulo de pedra de Ançã, que tem como remate o escudo real com corôa ducal, e um tropheu formado por uma espada, e o emblema da morte. N'este tumulo que foi mandado construir pela prioreza D. Arcangela Maria Baptista com ordem do padre provincial fr. Manoel Coelho, está sepultado o setimo duque d'Aveiro D. Gabriel de Lencastre, filho da Duqueza do mesmo titulo, D. Maria de Guadalupe e de Manoel Ponce de Leão, duque de Arcos (Hespanha).

D. Gabriel tendo fallecido em Lisboa no mez de julho de 1745, encontrou-se em seu testamento a determinação de que desejava ser sepultado junto do tumulo de sua tia a princeza Santa Joanna. Este duque tinha presenteado o convento com quatro lampadarios de prata, admiraveis pelos seus delicados lavores, por doação feita em Lisboa a 3 de janeiro de 1734: porem esta precicsidade artistica foi levada pelos francezes.

E o ser aquelle tumulo para o referido duque comprova-se pelo seguinte documento:

Termo do dia em que chegou a esta villa o cadaver do ex.^mo^ duque nosso irmão, a quem acompanhou á sepultura toda a irmandade:

«Aos oito de julho de mil setecentos e quarenta e cinco annos, n'esta nobre e notavel villa d'Aveiro, e na egreja da Misericordia d'ella. se ajuntou a sua irmandade, que tinha sido convocada ao som da campa corrida: ahi pelo irmão José Barreto Ferraz, cavalleiro

professo da Ordem de Christo, e provedor d'esta Santa Casa, foi dito que o ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. D. Gabriel de Lencastre, duque d'Aveiro, que tinha sido irmão e provedor d'esta Santa Casa, fallecera em Lisboa, a 23 de junho, e deixára determinado o vir enterrar-se ao convento das religiosas de Jesus, junto do tumulo de sua tia Santa Joanna Princeza: e que, segundo o aviso, que lhe fizera D. Nicolau de Gusman, que fôra estribeiro do ex.^mo^ duque, e o acompanhara, queria que a Irmandade d'esta Santa Casa o acompanhasse e conduzisse seu caixão até a sepultura. O que ouvido que todos foram esperar o corpo do ex.^mo^ duque á rua de Jesus; e ahi pelos irmãos de maior e menor condição, que nomeou o irmão provedor, se tirou do coche em que vinha, foi levado á capella mór das ditrs religiosas, e acabado o officio e missa, conduzido á capella de Santo Agostinho, junto ao tumulo de Santa Joanna, onde fizeram o jazigo para o ex.^mo^ duque: assistindo a todos estes actos a nossa irmandade incorporada dentro da mesma egreja até ao fim de tudo. De que o irmão provedor mandou fazer este termo que assignou, e eu João Pedro da Silveira Mascarenhas.

No dia 2 de março de 1874 falleceu Maria Henriqueta dos Anjos Barbosa, que havia entrado em 29 de agosto de 1831; com a sua morte deviam ser fechadas as portas do real convento de Jesus, porque era esta a ultima religiosa professa; porem não succedeu assim: os aveirenses, sem distincção de classe, imploraram do Governo que fosse conservado este convento como casa d'educação e d'ensino: as suas supplicas foram ouvidas, pois que por uma ordem expedida em 22 de maio de aquelle anno por o Secretario dos negocios ecclesiasticos e da justiça o convento ficou permanecendo.

Convento de Nossa Senhora da Misericordia (vulgo S. Domingos). Diz [1] o chronista da Ordem fr. Luiz de Sousa que a fundação d'este convento se deve á milagrosa apparição da Virgem, sobre um dos bastiões da mura-

[1] No anno do Redemptor 1423 que foi principio do setimo do mestre frei Gonçalo, primeiro provincial de Portugal depois da separação: teve seu principio o primeiro convento de S. Domingos de Aveiro, pela maneira seguinte (pag. 121 v.)

Procedia a reformação dos padres de Bemfica com tanta pontualidade e concerto, que se fazia amar por todo o reino; e juntando-se uma graça particular, que a casa sobre outras, tem do Ceo, que é ser bem vista dos reis e principes: obrigava todos os filhos d'el-rei D. João a lhe mostrarem uma notavel affeição.

Mas avantajava-se o infante D. Pedro, que era o segundo com tanta inclinação a toda a Ordem, que quando fallava nos religiosos d'ella não se contentava com lhe chamar os seus frades, que assaz honra fora, mas usava de termo para principe, mais humilde, e para nós de mais favor: dizendo, os nossos frades. Confirmava com isto publicar grandes desejos, que a observancia de Bemfica se dilatasse, e crescesse em numero de casas, como havia crescido em ponto; e vindo á sua noticia que o prior d'ella frei Mendo de Sanctarem, que juntamente era vigario da reformação pelo padre geral, pretendia povoar uma casa nova; porque tinha bastante numero de sujeitos, como quem tira enxame de colmeia rica; declarou-lhe, que queria, que fosse em uma de suas terras.

Tinha-o feito el-rei seu pae duque de Coimbra, e senhor de muitas villas grandes, como Aveiro, e Montemór-o-Velho, e outras.

Determinado de dar uma d'ellas: não se resolvia em qual estaria melhor á Ordem, ou por divertido em muitos cuidados, como principe: ou por pouca agencia dos frades, cousa em que nenhuma idade nos tem melhorado.

Valem muito com Deus tenção e desejos firmes no bem, como eram taes os do Infante, assim os agasalhou, usando com elle um termo de misericordia grande: e quasi semelhante ao antigo, com que honrou a João Patricio Romano, pela vontade que tinha de empregar em seu serviço a fazenda que possuia.

Vivia na villa de Aveiro um Affonso Domingues, velho de an-

lha ao velho Affonso Domingos, em 5 de agosto de 1442.

Foi para commemorar aquelle facto, que o infante D. Pedro alcançou do papa Martinho V, em 17 de fevereiro

---

nos, e de perseguição de doenças, que de longos tempos o tinham tolhido de pés e mãos, e como com pregos, cravado em uma cama.

Homem conhecido na terra pelo mal, que padecia: e por bom christão, e devoto de Nosso Senhora, antes da doença.

Eis que um dia, era por agosto de 1422, amanhece são e salvo, e em pé à porta do Infante, que por acaso se achava então na villa.

Sóbe as escadas tão solto e tão senhor de si, como quando era de 25 annos: pasmando todos os que o conheciam, como se viram fantasma.

Pede audiencia, levão-n'o ao Infante, corre toda a casa atraz d'elle: posto em sua presença, foi contando, que na mesma noite se ouvira chamar por seu nome, e abrindo os olhos vira arder a pobre casa, em resplendores muito avantejados ao sol do meio dia, e no meio d'elles se lhe representara uma Senhora cercada de tamanha gloria e formosura, que não podera duvidar ser a Virgem Mãe de Deus, e adorando-a por tal, entre perturbação e alegria, ella lhe mandara que tomasse uma enxada e a seguisse.

Tal era a minha turvação, dizia o bom velho, que sem me lembrar a prisão de membros, que tantos annos ha não andava, nem eram meus, tive mãos para tomar a enxada, e pés para andar, sem saber o que fazia, nem como o fazia.

Fui-me traz a bemdita Mãe de Piedade, que encaminhou para a porta do Sol (é nome de uma das portas da villa) e chegando a ella, notei, que se sentou na escada que sóbe para o muro, e d'aqui me mandou que fosse sinelando com a enxada (como fiz) um bom pedaço d'aquelle descampado.

Isto feito, disse-me, que logo da sua parte vos avizasse, senhor Infante, que lavrasseis aqui um mosteiro da Ordem de S. Domingos, e que fosse do seu nome d'ella.

A este ponto, como se tudo fora sonho, que na verdade assim me parecia, não tinha eu reparado em nada: mas quando me vi feito embaixador, comecei a duvidar commigo, e dizia lhe

de 1423 um Breve por o qual lhe foi concedido poder para fundar na sua villa d'Aveiro um convento para frades dominicos, o que levou a effeito, lançando-lhe a primeira pedra a 23 de maio do mesmo anno.

---

que ninguem me daria credito, homemzinho e coitado, e em negocio tamanho: e a Senhora tornou, vae, não duvides: que bastará para seres crido, ver-te o Infante posto em pé e são, e valente, como estás, quando sabia que estavas entrevado: então parece, que acabei de entrar em mim, e cobrei luz para ver e entender, que tinha cobrado milagrosa saude, qual nunca esperei, nem mereci.

Foi o caso celebrado na villa por todos os naturaes com espiritual contentamento, e como grande mercê do Ceo, e por tal ficou nas memorias d'ella, e do Cartorio do Convento, para honra da terra e da Ordem: e é a cousa mais sabida de quantas se contam em Aveiro.

O Infante ficou cheio de consolação e alegria, dando graças sem fim á Virgem, por ver que lhe era grato um serviço, que até aquella hora não tinha passado de traça e desejos: mas para não haver mais tardança na execução, chamou por uma parte o Vigario da reformação, para assistir na obra da casa, que logo queria que começasse: e por outra foi procurando licença de Roma para ella, que impetrou por um Breve, passado pelo Papa Martinho V em 19 de fevereiro de 1423, e d'este tempo lhe contamos sua antiguidade.

Quando veio aos 23 de maio, tendo juntos grande copia de materiaes para a fabrica, lançou o Infante por suas mãos a primeira pedra, e fazendo logo levantar um altar no mesmo sitio, onde ora é o da capella mór, celebrou n'elle primeira missa o padre frei Mendo de Sanctarem, vigario dos conventos reformados.

Concedeu a villa de boa vontade todo o sitio, que por mandado da Virgem e mãos de Affonso Domingues se achou dezenhado: e o Infante comprou outro chão visinho para mais largueza, accudindo de suas rendas com todo o necessario: de sorte que brevemente houve agasalho para alguns frades, e começou na terra o edificio espiritual egualmente com o material: porque vieram religiosos de Bemfica, que ficaram logo prégando e confessando: e do que tocava á pedra e cal se entregou a superintendencia ao padre fr. Nicolau de S. Domingos.

A fabrica do convento era em tudo digna do seu illustre fundador; tinha bons dormitorios, e a casa do capitulo tambem era assaz espaçosa, e n'ella se venerava uma imagem de Jesus Christo, de tamanho natural, que presentemente está na capella do cemiterio.

Tratou-se da invocação da Casa, e como havia de ser da Senhora, escolheu o Infante a d'aquelle passo, em que mais dores e mais merecimento juntamente teve na bemdita Alma, que foi quando viu em seus braços ao pé da Cruz a fonte da vida, sem vida: e o auctor da luz coberto de sombras e escuridade moral.

Passo, em que o Infante tinha particular devoção, e ficou-se chamando com linguagem e consideração pia d'aquelle tempo Nossa Senhora do Pranto, que nós agora dizemos melhor, da Piedade..

A egreja de Roma teve varios nomes : já Basilica de Liberio, porque se levantou em seu pontificado; já Santa Maria do Presepio; e emfim Santa Maria Maior, que é o que hoje dura.

Assim aconteceu a este mosteiro: foi do Pranto o primeiro nome, segundo da Piedade, terceiro da Misericordia e este terceiro lhe ficou como em sorte.

Foi a occasião que el-rei D. Duarte, edificando poucos annos depois o Convento d'Azeitão, quiz que se chamasse da Piedade; e ficando na provincia dois de um mesmo titulo, mandou-se alguns annos adiante em um Capitulo Provincial: que para evitar confusão se lançassem sortes em qual das Casas havia de ficar com a vocação da Piedade, e cahiu a sorte sobre o Convento de Azeitão.

E os padres de Aveiro contentaram-se com o da Misericordia.

E porque a maior misericordia que a Senhora e o mundo receberam do Ceo, foi a vinda do filho de Deus à terra, é a festa mais solemne d'este mosteiro, sua Santissima Encarnação aos 25 de março, solemnisada sempre com notavel concurso dos logares visinhos, em memoria dos mysteriosos principios da dita Casa.

Soube el-rei D. Duarte da devoção, folgou de lhe dar augmento, com conceder á Villa uma feira franca e geral, que começa aos vinte do mez e dura oito dias.

A egreja, que em varias epochas tem sido reformada, é de solida construcção, e a melhor que Aveiro possue. A capella-mór pertencia aos marquezes de Arronches, e diz o padre Carvalho na sua Chorographia Portugue-

---

E o infante fundador, que sempre teve olho nos bens espirituaes do Convento, depois de lhe dar todos os temporaes, que póde, alcançou do papa Eugenio IV no anno de 1439 uma indulgencia plenaria para todos os religiosos, que n'elle acabassem seus dias.

O que era causa de nenhum velho soffrer ausencia da casa, tanto que acabava Priorado ou Vigairaria, ou qualquer serviço da Ordem em outra parte.

Assim estava sempre acompanhada de gente veneravel por cãs e virtude.

E na verdade criaram aquelles claustros abalisados Espiritos que por elles jazem sepultados, e podemos dizer que foi terra fertil de santidade e virtude da celestial benção de quem o mandou edificar.

Fr. Luiz de Sousa, Historia de S. Domingos, Parte II, livro III.

*
* *

«Corriam os annos de 1423 quando teve principio a Casa dos Religiosos de S. Domingos de Aveiro, sendo a primeira pedra sobre que começou a subir aquelle Santo edificio, um dos maiores prodigios, com que o Céo honrou fabricas consagradas a seu culto, sendo a venturosa Villa de Aveiro a que depois de Roma mereceu semelhante favor, egual no successo, unido, ainda que nas circumstancias avantajado.

«A fabrica do convento e Igreja assim era tosca e apoucada, como de homens pobres, que mais olhavam para o que edificava o povo no espiritual edificio. que no avultado das paredes, e ainda de Templo.

Assim se accomodaram muitos annos, mais contentes com a veneração do sitio destinado pelo Ceo, que com o cuidado nos artificios, com que os podia melhorar a terra, pensamento sem duvida, com que resolveu o Chronista, que lhe melhoráva a descripção da fabrica na narração da maravilha.

za, que um primogenito d'esta familia fôra aqui sepultado.

N'ella, do lado do Evangelho, em um modesto tumulo de granito sobre que campeia o brazão da Casa de Sousa, está sepultada D. Catharina d'Athayde.

Assim passou em silencio as mais circumstancias da casa, que augmentando-se e polindo-se (especialmente a Igreja) a industrias e despezas dos Religiosos d'ella, não será justo que a nossa omissão deixe queixoso o seu desvelo.

Grande e desembaraçada casa (antes grande salão) era a Igreja, quando eleito prior do convento o padre fr. Manoel de Magalhães (que chegára da India, tendo sido muitas vezes prelado na Congregação) quiz dar a conhecer a esta Provincia, que as grangearias com que se recolhem d'aquellas partes (sempre entre os nossos frades maiores na fama, que na experiencia) não se souberão desencaminhar por suas mãos, passando do Oriente a ser tributo na Casa de Deus.

A esta se applicaram as suas posses e cuidados, de sorte, que seguindo-se outros priores, como o mestre fr. Jorge de Castro, o presentado fr. Silvestre Pacheco, o presentado fr. Pedro Monteiro e o padre fr. João da Apresentação, ficou perfeita a obra, sem se perdoar a trabalho nem a dispendio.

«Vê-se da capella mór, que alterosa e desafogada fica (como é vulgar nas nossas Igrejas) á face do coro, um retabolo, a que os da architectura chamam composito; começa a crescer em quatro columnas, que dando nos meios logar a dois grandes nichos deixam o vão principal para o Sacrario, que da mesma obra sobe com ellas até o remate d'um friso, sobre que descançam as bases de outras quatro columnas com egual correspondencia de nichos.

No meio se abre a tribuna desafogada e magestosa, o vão espaçoso, o throno proporcionado, um e outro de entalhado moderno.

Cobre-a os dias, que não são de festividade, um quadro, em que se ve a Senhora da Misericordia como orago da Casa, assim fecha com o retabolo em feitio arqueado, frizando com a abobada.

Nos nichos inferiores se recolhem em avultada estatura as imagens de Nossos Patriarchas S. Francisco, e S. Domingos.

No tumulo lê-se o seguinte epithaphio: Aqui jaz D. Catharina de Taide, filha d'Alvaro de Sousa e de D. Filippa d'Athaide, neta de Diogo Lopes de Sousa e por ser devota d'esta casa lhe deixou vinte mil réis de juro.

Nos de cima as de Santo Thomaz e S. Pedro Mártyr.

Corre a abobada da Capella vistosa com um gracioso brutesco, que faz sahir toda a obra do Coro, que por cima das cadeiras d'elle continua em retabolo encostado (obra de talha bem dourada) repartido em molduras de quadros, em que se vem os Santos da Ordem com aquella valentia e propriedade com que o pincel Romano se costuma dar a conhecer por todo esse Mundo.

Não se vê menos fervoroso o corpo da Igreja, d'onde antigamente se viam mais que quatro capellas (antes Altares) ficando dois a face, que no logar dos presbyterios acompanhavam o arco da capella mór.

Aqui se levantaram os presbyterios de páo preto bronzeado, obra de que tambem é o pulpito.

No corpo da Igreja tomam todo o comprimento das paredes as seis capellas, continuando de uma e outra parte os arcos d'ellas com as das ultimas, que desembaraçando o vão em logar de Cruzeiro, escostam os dois retabolos, acompanhando o arco da capella mór.

Assim ficam fazendo face a toda a Igreja, e descobrindo-se de qualquer parte d'ella.

São ambas uma do Rosario, outra do Santo Christo, (buscado como milagroso, de notavel concurso) as mais perfeitas e avantajadas.

Tem uma das outras o nome, e a Imagem da que estava no Adro de Nossa Senhora da Esperança, que ali se recolheu para maior decencia.

*
* *

Assim fica toda a Igreja airosa e bem assombrada, dando-lhe alma a luz, que se lhe ganhou em porta e vidraças, derribando a antiga alpendrada, que assombrava o Adro, para cobrir o pulpito de que algum tempo se praticava ao povo, passando já n'este a ser velhaconto de ociosos, o que então era commodo para os doutrinados.

Tem por isso missa quotidiana e lhe deram a capella a ella e a seu pae e mais herdeiros descendentes. Falleceu a 28 de setembro de 1551. E a capella é esta em que jaz.

Não deixaremos em silencio outra obra, que sobre ser honroso desempenho da casa, ficou tambem servindo de adorno á Igreja, na parte que corresponde á porta das graças (que fica na capella do Rosario) e vem a ficar na do Santo Christo.

No vão, que foi para correspondencia da outra porta, se levantou e lavrou de boa pedra, sobre quatro leões (em honrado Mausoleu) uma polida e bem lavrada caixa, em que se recolheram os ossos de João de Albuquerque.

Estiveram em pequeno tumulo no meio da capella, depois servindo-lhe de arrimo a parede, finalmente passados a este nobre deposito, como cinzas de um grande bemfeitor do Convento.»

Fr. Lucas de Santa Catharina, quarte parte da historia de S. Domingos, livro I, cap. XXIX.

* * *

«Chegou finalmente o anno em que se começou a dar calor a maior culto da Santa, que foi em 1626, em que á instancia das religiosas (em que eram tão ardentes os desejos de ver occupados os altares com as ultimas venerações da Santa, como os corações o estavam para agradecer as piedades com que lhe assistia) mandou o bispo de Coimbra, que era então D. João Manoel, tirar inquirições de vida e milagres, a seu provisor Bernardo da Fonseca Saraiva, que formou de tudo um sufficiente processo, com que deu um glorioso principio a esta sagrada empreza attribuindo-se este á piedosa ancia, e espirituaes negociações das Religiosas, sabendo-se de uma, que por espaço de doze annos ajuntou á sua supplica todas as segundas e sextas feiras o jejum de pão e agua.

Entrou tambem a negociar a obrigação, em que a Santa poz a dois seculares nobres da villa, o doutor João de Mello, e Damião Pereira da Silva, que carecendo de filhos, a tomaram diante de Deus por medianeira, e fazendo particulares votos, se acharam

A semelhança d'este nome com o da mulher amada por Camões, fez com que differentes escriptores affirmassem que a Natercia do immortal cantor dos *Luziadas* estava sepultada no convento de Nossa Senhora da

---

com o que pertendiam, mostrando-se agradecidos; João de Mello offerecendo, e tributando á Santa uma grande alampada de prata, e Damião Pereira seiscentos mil réis, para ajuda dos grandes gastos, que fazem semelhantes obras.

Fez-se logo supplica ao Pontifice (para o que passou á Curia o presentado fr. Manoel de Mascarenhas que depois foi M. e Provincial d'esta Provincia) para que se podesse rezar e dar culto a uma princeza de Portugal, que acabando a vida no habito de S. Domingos, já de tempo immemorial devia ao seu reino, e ainda á veneração dos estranhos, a gloriosa anthonomazia de Princeza Santa.

Vieram decretos ao bispo de Coimbra D. João de Mello para que formasse o processo dos milagres, em que não foi o menor a sobrehumana fragrancia, que aberto o tumulo e caixão, exhalaram as Santas Reliquias, não ficando só nas vizinhanças, do convento e mosteiro, mas passando a Igreja, em que todos os que assistiam áquelle acto, o perceberam com suavidade e assombro.

Tudo se propoz na Curia em que já por morte de Innocencio se achava na Cadeira Pontificia Alexandre VII a que succedeu brevemente Innocencio XII que a instancias do senhor rei D. Pedro II e do mesmo bispo, do provincial de S. Domingos, de toda a Religião, e muitos Senhores do Reino, precedendo todos os sagrados ritos, beatificou solemnemente a Santa, no anno de 1693, como consta da Bulla, passada a 4 de abril do mesmo anno, que principia:

Sacrosancti Apostolatus Cura, etc., e logo no seguinte anno concedeu o mesmo Pontifice, que se rezasse da Santa em todo o reino de Portugal, e suas conquistas debaixo do rito Semiduplex, para o clero e regulares, que veio a ser duplex para a Religião Dominicana, o que consta do decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, passado a 9 de julho do mesmo anno.

Uma e outra concessão foram applaudidas com jubilos catholicos, e festivos apparatos, especialmente em Aveiro e na Corte de Lisboa, em que o convento de S. Domingos expoz um plausivel triduo, com assistencias regias e religiosas, elegantes pane-

Misericordia d'Aveiro. Mas se era esta com effeito, se uma outra D. Catharina d'Athaide, filha de D. Antonio de Lima e de D. Maria Boca Negra, é ponto que ainda não está bem averiguado. A que jaz em Aveiro, é filha de Alvaro de Sousa e de D. Filippa d'Athaide.

---

gyricos, concursos populosos, sendo tudo gloriosas resultancias do zelo, piedade, e generosa grandeza do esclarecido rei D. Pedro II.

Augusta rainha e devoto bispo conimbricense, que, sem perdoar a cuidado e dispendio, ornaram os Altares do Christianismo com mais uma Santa; accrescentaram á Corôa Portugueza mais uma pedra preciosa; e fizeram descobrir no Firmamento da Religião Dominicana mais uma Estrella.

Finalmente no anno de 1715, no dia 6 de abril concedeu e ordenou a Sagrada Congregação de Ritos Oração e Liçoens proprias para o Officio da Santa, gloria dos seus merecimentos, e consolação dos seus devotos.

Assim mostrou sempre, que o era o grande e pio monarcha D. Pedro II que foi o que venturosamente deu a primeira Casa (que na Christandade é a unica) a esta sua Princeza.

Mas outro monumento, (que ainda que por erigida na casa de Aveiro, nos offerecia n'ella logar para a memoria, aqui o fez mais proprio a liberalidade d'este portuguez Alexandre) nos convidou n'este logar para que se veja por junto o desempenho da sua devoção, e da sua grandeza com a Princeza Santa, no cuidado, no dispendio, no culto, na Casa e no tumulo.

N'este, que lavrou á Santa na Casa de Aveiro, com o dispendio de doze mil cruzados, se levantou um padrão, que exporá aos olhos e veneração da posteridade a sua pia e regia magnificencia, sem que as mudezes dos jaspes sejam improprias á expressão de noticiosas vozes.

É o tumulo ou mausoleu sagrado (que fica no logar do primeiro) quadrado e alteroso, lavrado de jaspes finissimos com variedade de embutidos primorosos e em cada remate um anjo; sobre o tumulo se veem as Quinas Portuguezas, e na face a corôa de espinhos, que a Santa escolheu por gloriosa empreza, e teve por estimavel e rica.

Toda a obra respira magestade, e move saudosas lembranças, como uma d'aquella racional Fenix da virtude, da regalia, e da

Seria, porém, mui para desejar que algum escriptor diligente estudasse a biographia d'estas duas damas, com o fim de ver se é possivel descobrir alguma cousa que tenha relação com o nosso poeta.

---

belleza, a que a penitencia foi arma, a caridade pyra, e é segunda vida a gloria.

E' o tumulo altar de votos reverentes, refugio de affligidos miseraveis, e manancial de sobrenaturaes favores.»

«Para elle se trasladaram as sagradas reliquias no anno de 1711, no felicissimo reinado d'el-rei D. João V, Magnifico Nosso Senhor; parece que dispondo a Divina Providencia em beneplacito da mesma princeza Santa, que se desse um throno Regio ás suas sagradas cinzas, quando subia ao seu um monarcha, que tendo o mesmo sangue, lhe herdava com a coroa o nome.» Fr. *Lucas de Santa Catharina*. Hist. de S. Domingos.

*

* *

«Emfim, que temos a princeza Santa na sua trasladação não só comparada com todas as prudentes para as exceder, mas tambem comparada comsigo mesma, para as exceder não só excedendo a todas na sua trasladação até a si mesma a fizeram superior.

Parece-me que estou ouvindo dizer á princeza Santa aquillo mesmo que Christo disse ao servo fiel na parabola dos talentos: *Quid in pauca fuisti fidelis, super multa te constituam*.

Porque na vida foste fiel tendo pouco, depois da morte, e na tua trasladação te hei de fazer senhor de muito.

Que Santa Joanna na sua trasladação se veja senhora de muito, não o duvido; porque assim m'o fazem conhecer a reverente sugeição, e os religiosos cultos, com que a respeitam, e com que a adoram por Santa e por Princeza, não só os fieis corações dos seus vassallos, mas a piedade do mesmo rei, como exemplo maravilhoso e despertador vivissimo da fidelidade d'estes corações dos seus vassallos, mas a piedade do mesmo rei, como exemplo maravilhoso e despertador vivissimo da fidelidade d'estes corações; mas que se diga, ou se possa dizer que na vida e até á morte tivesse pouco, ou fosse fiel em pouco: *In pauca*, não sei como possa ser.

Por mais de dois seculos se ouviram vozes bradando que as cartas da freira portugueza não passavam d'obra estrangeira. Mas os estudos do sr. Luciano Cordeiro vieram provar até á evidencia que são obra da freira de

Na vida e até á morte teve Santa Joanna tanto, que teve tudo, pois teve os cinco talentos, em que se incluiram todos os dons naturaes e sobrenaturaes, todos os privilegios, todas as excellencias e todas as soberanias.

Pois se teve tanto, como lhe diz Christo que teve pouco: *In pauca?*

Porque ainda que na vida comparada com as mais Santas tivesse muito; na sua trasladação comparada comsigo, mostra que tem tido pouco; emfim, que este pouco que era muito a respeito dos mais, vem a ser pouco e respeito de si: de tal sorte que se comparada com as mais em quanto viva, foi maior que todas pelo que teve, comparada comsigo na sua trasladação é maior do que ella mesma pelo que tem: *Super multa te constituam.*

Assim é, e assim devia ser: porque se antes da sua morte e até á morte já tinha excedido tudo o que havia que exceder, para exceder ainda mais, até se excede a si depois da morte...»

D. fr. José de Jesus Maria, bispo de Patara—Sermão na Solemne trasladação do corpo da Princeza Santa Joanna, prégado no mosteiro de Jesus de Aveiro, exposto o Santissimo. Anno de 1711.

* * *

Em 1729 representou a D. João V a communidade do convento de Jesus para que se obtivesse de Roma a devida canonisação.

O monarcha accedeu de prompto, e, além da representação que enviou á Santa Sé, mandou entregar ao procurador do convento fr. Ignacio do Amaral, 2:600$000 réis para custeamento das despezas que se houvessem de fazer.

N'esse mesmo anno expediu a commissão dos ritos ordens para se proceder ao inquerito rigoroso das virtudes da Santa.

Em 1 de junho de 1750 foi novamente aberto o tumulo pelo

Beja. Por meio d'estudos bem encaminhados é impossivel que mais tarde ou mais cedo senão venham a encontrar noticias desconhecidas ácerca do nosso poeta.

Na capella do Senhor Jesus estava um tumulo no

---

bispo de Coimbra, que remetteu para Roma o aucto do seu exame, bem como o processo, que por essa occasião instauraram por ordem do mesmo prelado os drs Antonio Vicente de Vasconcellos e Manoel Coimbra Soeiro d'Almeida.

A morte de D. João que n'este anno teve logar, foi causa de que até hoje se não alcançasse a promettida canonisação.»

Marques Gomes, D. Joanna de Portugal. Esboço Biographico, Aveiro, Imprensa Commercial. 1879. pag. 49.

Este interessante trabalho foi baseado n'um manuscripto do convento de Jesus, contemporaneo de Santa Joanna, e existente no archivo do extincto mosteiro de Jesus sob o n.º 872, e tem o seguinte titulo — Breve memorial da mui excellente Princeza e mui virtuosa senhora Infanta D. Joanna, Nossa Senhora, filha do mui catholico e christianissimo rei D. Affonso V e da rainha D. Isabel, sua mulher.

*
* *

O padre dominicano francez Labat nas suas Viagens á Italia assevera que foi um cosinheiro quem introduziu a devoção de Santa Joanna em Italia.

Nossa Senhora do Pranto

I

Vae alta a noite! Um luzeiro
Não se vê no ceu luzir,
E a nobre villa d'Aveiro
Tão socegada a dormir:
Não dorme toda, velava
O velho *Affonso*, e resava
A' Virgem mãe dos christãos;
E o velho jaz entrevado
Como com pregos cravado,
Tolhido de pés e mãos!

qual jazem as cinzas de João d'Albuquerque, senhor de Anjeja e Canellas, fidalgo de illustre prosapia. Depois de varias remoções, em que sempre o teem estragado, puzeram-no ultimamente n'um recanto da sachristia.

Pelo corpo da egreja e capellas encontram-se bastan-

Jaz entrevado, mas dores
Não podem matar-lhe a fé,
A Virgem é seus amores,
N'outros amores não crê;
E já de longe a piedade
Traz estreita esta amizade,
Que dos verdes annos vem;
Tão subida e tão fallada,
Por toda a villa espalhada,
Que não n'a ignora ninguem.
O velho Affonso resava,
Mas sem com os labios bulir,
Olhos do corpo cerrava,
Mas sem com elles dormir,
Era n'alma a prece ardente
N'alma sã, pura e contente,
Era lá todo o fervor...
Eis seu nome escuta... e logo
Abre os olhos, vê de fogo
Acceso um raro fulgor)
Não é mais clara e brilhante
Do sol a brilhante luz
Nem derretido diamante
Em rios manando a flux,
Nem d'archanjo brilhou aza,
Como d'Affonso na casa
Aquelle fogo a brilhar!
No meio da chamma pura
Que celeste formusura.
Que nova luz a raiar!
Dos Anjos era a Rainha,
Era a filha de Jacob;
Em mal ardente vinha
A rosa de Jerichó!

tes lapedas tumulares, debaixo das quaes repousam homens sem duvida illustres, segundo se deprehende dos brazões que n'ellas se acham gravadas, e que o andar dos tempos tem tornado quasi indecifraveis.

E o feliz velho tremia
Na turvação, na alegria,
Mas em seu goso a adorou;
Fallou-lhe a Virgem... não cabe
O pobre em si, mas quem sabe,
O que a Virgem lhe fallou?

II

Quem bate à porta do Infante,
Filho do Mestre d'Aviz?
— Um velho. — Que quer? — Não diz
— Inda o sol anda distante,
Mais logo se te abrirá.
— Abride que sou Affonso...
O pagem resa um responso
Como quem vê cousa má!
— *O entrevado!* mas d'onde,
Quem o remedio te deu?
Apontou-lhe para o céu,
E mais nada não responde,
Nem à turba que o seguiu,
Que em torno mirando pasma,
Como se fosse fantasma,
Que do sepulchro fugiu!
Do Infante quero audiencia,
Bom pagem, leva-me lá,
Que uma embaixada terá
Do reino da Omnipotencia!
E o pagem logo o levou
Ao Infante, que o que via
D'admirado o não cria,
Quando o entrevado fallou;
— Com meus olhos peccadores

D. José d'Almeida, bispo de Coimbra, sagrou a egreja a 20 de janeiro de 1664. Tambem esteve para ser presa do incendio, que reduzio a cinzas grande parte do convento no dia 19 de outubro de 1843. Deve-se a sua salvação aos incansaveis esforços do finado tenente general, visconde de Santo Antonio, n'esta epocha governador militar d'Aveiro.

Vi, Senhor, a Mãe de Deus,
Oh! que a vi, desceu dos ceus
Entre gloria e explendores;
E disse-me, — Affonso, vem,
Toma uma enxada, e meus passos
Vem seguindo... e achei meus braços,
Achei as pernas tambem!
Fui-me traz ella, e passada
A *Porta do Sol* quedou
Alli então se assentou,
Ao pé do muro, na escada;
Depois o seu servo quiz,
Que a enxada no descampado
Lá deixasse assignalado
Um bom pedaço, o que fiz.
Disse então — que o infante tome
Para um mosteiro este chão,
De São Domingos serão
Os frades, e meu o nome;
Vai e dize-lhe assim:
Dize, sou eu que te mando...
Mas eu respondi-lhe hesitando,
E a tal me mandais a mim?
Eu homemzinho, e coitado
Tamanha embaixada dar!
Oh! não me-ha de acreditar,
Nem ouvir o meu recado.
Vai, de novo me tornou,
Serás crido em te elle vendo
Posto em pé, e requerendo
Por quem te desentrevou!

A fachada da egreja, que é toda de pedra d'Ançã, foi construida em 1719, e a torre, que se lhe ergue ao lado, em 1760.

Nossos maiores, queridos leitores, de nada queriam saber senão d'egrejas, e os actuaes viventes pouco se importam da egreja, porem muito do theatro. Vede, vede, como a pequenina, e pobrinha Aveiro tambem tem o

---

III

Por villa d'Aveiro em fóra
Aonde vai o Infante agora
Com toda a gente melhor?
Tão galhardo e feiticeiro
Não viu a villa d'Aveiro
Nem Infante, nem Senhor!
A *Porta do Sol* passára...
Mas eil-o que logo pára,
E para tudo ao redor.
Foi-se a cumprir o mandado
Da Virgem, lá desenhado
Do entrevado pela mão;
E pelas ruas o Infante
Lança a pedra que ao diante,
Sustenta o templo Christão;
Depois n'um altar que erguia,
A primeira missa ouvia
Com piedosa oração,
Faltava o nome: qual deve
Dos passos que a Virgem teve
Ao mosteiro o nome dar?
Aquelle em que viu sentida
Sem vida a fronte da vida
Nos seus braços reclinar;
E do caso com espanto
Nossa Senhora do Pranto
Se começou a chamar.«

João de Lemos, Cancioneiro, vol. II, Lisboa, 1859.

seu theatro, que de prompto se ergueo, mas não teem tido ainda dinheiro para restaurar a egreja de Vera Cruz, que derribaram, com o fim, diziam, de fazer um templo novo.

Theatro Aveirense: Foi inaugurado em 5 de março de 1881 pela Companhia de Theatro de D. Maria II. O theatro fica situado na Praça Municipal junto ao Lyceu. O terreno, onde está, foi comprado pela Camara com o producto da venda de uma casa na Rua dos Mercadores, que o grande orador José Estevão alcançou do Estado para a construcção de um theatro em Aveiro. A Camara Municipal começara em tempo a edificar o theatro, segundo um projecto elaborado pelo fallecido engenheiro Julio Augusto Leiriar e por Brito Rebello, projecto que se perdeu em mão do fallecido morgado de Oliveirinha, presidente que era da referida Camara, lançando-se a primeira pedra do edificio, a que se deo o nome de Theatro de D. Pedro V, em 1857. A obra, porèm, não passou dos alicerces, ou antes, chegou apenas a dois metros acima do solo.

Durante o espaço de vinte annos, por difficuldades financeiras, ou por qualquer outro motivo, conservou-se a obra neste estado, até que em 1859 se organisou uma sociedade, que, comprando o terreno á camara, e a obra que estava feita, levou a cabo a edificação do theatro, contribuindo muito para isso a boa vontade e os intelligentes esforços dos srs. Gustavo Ferreira Pinto Basto e do sr. Araujo, lente do lyceu d'Aveiro. O capital social foi de dez contos de réis, pertencendo tres contos em acções á Camara. O custo do theatro foi de 10:500$000 réis. Tem 300 logares de platéa entre cadeiras, superior e geral, 19 camarotes de 1.ª ordem, 5 de 2.ª, podendo comportar ao todo 700 espectadores.

O palco tem todas as accommodações necessarias a um theatro, e a vastidão precisa para se poder dar qualquer peça de espectaculo.

O panno de bocca e o scenario foram desenhados e pintados pelos scenographos de Lisboa, Rocha e Barros. A decoração das salas no estylo raphaelesco foi executado pelos mesmos artistas segundo o desenho do engenheiro Araujo. [1]

Nesta mesma época a medida tomada com relação a algumas localidades, tornou-se geral por os decretos de 21 de setembro e 8 de outubro de 1835, e carta de lei de 27 de abril de 1837, que mandavam estabelecer cemiterios publicos em todas as localidades.

O cemiterio d'Aveiro principiou a construir-se em 1835, na cerca do extincto convento de Nossa Senhora da Misericordia. É cercado de altos muros e fechado por um portão de ferro. Pelo meio delle erguem-se bastantes sepulchros na apparencia elegante, que se abrigam á sombra dos cyprestes.

A capella, que foi construida em 1838, é espaçosa, e está ornada com toda a decencia e compostura devida ao logar.

Entre os diversos jazigos particulares que aqui ha, existe aquelle em que repousam as cinzas do grande orador parlamentar José Estevão, em cuja campa se lê o seguinte epitaphio:

José Estevam Coelho de Magalhães
Nasceo em 29 de Dezembro de 1807 e Falleceu
Em 1862.

---

[1] *O Occidente*, vol. IV, n.º 89.

Apostolo fervoroso e incansavel do progresso,
Consagrou-lhe toda a sua existencia;
Serviu a patria com exemplar desinteresse
Engrandecendo-a com os recursos do seu grande genio,
Foi modelo de Amor filial, bom esposo,
E bom amigo
A sua alma descance em paz
No seio de Deus.

No meio do cemiterio ergue-se uma columna de marmore, sobre que pousa uma urna funeraria, tambem de marmore.

Em uma das faces do pedestal lê-se:

Os ossos aqui tem, a alma no empyreo.
Seis illustres varões por quem frequente
A liberdade chora. Atroz delirio
N'elles punio o esforço independente,
E heroes os fez com as palmas do martyrio.
Nos nossos corações, na patria historica:
Poz aos seus restos, aos seus nomes gloria.

MENDES LEAL.

Na face opposta lê-se:

7 de maio de 1829
Francisco Manuel Gravito da Veiga e Lima.
Manuel Luiz Nogueira.
Clemente de Mello Soares de Freitas.
Francisco Siberio Magalhães Serrão.
9 de Outubro de 1829
Clemente de Moraes Sarmento.
João Henriques Ferreira.

O cemiterio está ligado com a rua da Corredoura por uma frondosa alameda plantada em 1860 no local outr'ora denominado Campo de S. Domingos, o qual, sendo propriedade publica, pessou em 1700 para o dominio dos frades dominicos em virtude d'um contracto feito com a camara, em que elles se obrigaram a crear uma cadeira de philosophia.

Á entrada desta alameda ha tambem um portão de ferro, coroado por uma cruz.

O haver em Aveiro um asylo para a infancia desvalida deve-se a José Estevam, que sempre incansavel ao beneficiar a terra, que lhe fôra berço, trabalhou até final para lhe grangear os melhoramentos, que a vastidão do seu genio tinha julgado necessario para o seu engrandecimento. [1] José Estevam, porém, não chegou a ver realisados os seus projectos com relação ao asylo, porque só dez annos depois do seu fallecimento é que pôde ter logar a inauguração deste estabelecimento humanitario.

Foram grandes os obstaculos que se encontraram para se estabelecer um asylo em Aveiro pela escassez de meios; mas, graças aos subsidios de algumas pessoas poz-se em pratica a projectada idéa de José Estevam.

O asylo está interinamente n'uma casa de acanhadas proporções, pertencente á Santa Casa da Misericordia, onde desde tempos remotos até 1855 se conservou o hospital da mesma Santa Casa, e onde tambem se estabeleceu o de colericos em julho de 1855. O asylo que se abriu a 6 de agosto de 1870, contendo apenas 12 asyladas, tem presentemente 24, e este numero mais se

---

[1] Marques Gomes: *Memorias de Aveiro*. Aveiro, 1875, pag. 168.

elevária, se não fosse a falta de meios em que lucta a commissão que dirige os destinos do estabelecimento.

O infante D. Pedro, quando mandou reedificar Aveiro, concebeu o plano de muralhas um de seus bairros, e taes esforços empregou, que conseguio ver realisado o seu emprehendimento.

Foi, porém, de pouca duração a obra d'aquelle heroe, porque D. Manoel enviou em 1506 á Camara desta Cidade, então villa, a quantia de dez mil réis, afim desta ordenar a reedificação das muralhas: tal era o mau estado em que se achavam.

Diz a tradicção que a quantia referida veio sob a guarda d'uma escolta de 80 soldados. O recinto muralhado era assaz pequeno, mas apesar disso continha septe portas que eram as da Villa, do Sol, do Côjo, da Ribeira. do Albor, de Babaet e de Vagos.

De tudo isto pouco ou nada existe hoje.

Em 1759 as muralhas de Aveiro ainda estavam em bom estado de conservação, porém em 1808 apenas existia de pé uma porta d'ellas, que foi apeiada, afim dos materiaes serem então empregados nas obras da barra.

Em 1852, no local onde presentemente está a praça da fructa, ainda se erguia impavida, como desafiando os seculos, o lanço da muralha, em que se encontrava a porta da Ribeira; mas hoje, ao rez d'este monumento venerando, erguem-se as rumas de couves e de alfaces.

Das muralhas d'Aveiro ainda se encontram alguns vestigios em diversas ruas da cidade, mas os que se tornam mais salientes são os restos da porta do Sol, proxima da egreja de S. Domingos.

Algumas pedras desconjuntadas e denegridas pelo tempo, é o que nos resta dos nossos antigos muros. [1]

---

[1] Marques Gomes, Memorias d'Aveiro, pag. 171.

*
* *

Aveiro é patria d'alguns varões celebres como Ayres Barbosa, fr. Pantaleão d'Aveiro e José Estevão de magalhães, mas quem mais gloria lhe dá é João Jacintho de Magalhães.

E' um dos portuguezes, diz Innocencio [1], que no seculo XVIII se tornaram conhecidos na Europa por suas producções scientificas.

Foi natural da cidade d'Aveiro [2].

Presava-se de ser oriundo da familia do celebre navegador Fernão de Magalhães, que havendo por mal recompensados seus serviços no reinado d'el-rei D. Manuel, se desnaturalisou solemnemente passando ao serviço de Castella.

Nasceu em 1722, e aos 11 annos d'edade entrou a 21 de junho de 1743 na congregação dos Conegos Regulares de Santo Agostinho, onde depois professou, tomando o nome de D. João de Nossa Senhora do Desterro.

Descontente, ao que parece, do estado qqe abraçara, solicitou e obteve da Curia Romana um breve de secularisação, e sahiu de Portugal para Inglaterra pelos annos de 1764, segundo se diz.

Ali se applicou com feliz resultado aos estudos da physica, para cujos progressos concorreu notavelmente.

Foi membro da Sociedade Real de Londres, Socio da

---

1 INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA; Diccionario Bibliographico, vol. III, pag. 385.

2 O proprio Magalhães o assevera, dizendo-se *Talabrica Lusitanus*, no rosto da obra An Essay towards a System of Meneralogy, London, 1788.

Academia das Sciencias de Paris, das de Madrid, S. Petersbourg, Bruxellas, Lisboa, Berlim, Sociedade Philosophica da Philadelphia, de Harlem e de Manchester.

Suas obras são as seguintes:

A Fé dos Catholicos: obra dirigida a instruir e confirmar na sua crença os catholicos, e mostrar aos que o não são que não teem razão alguma para os accusar de que vivem errados.

Escripta pelo abbade Platel (aliás fr. Norberto, capuchinho) e traduzida de francez. Lisboa, na Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, 8.º de XX — 223 paginas.

Sem o nome do traductor no principio; mas vem indicado em uma nota na advertencia previa do editor.

Novo epitome da Grammatica grega de Porto-Real, composto na lingua portugueza para uso das novas escholas. Paris, por F. Didot, 1760, 8.º de XVI — 382 pag.

Não tem nome de auctor no frontespicio, mas no fim da dedicatoria vem ella assignada com as lettras iniciaes que significam (em francez) Jean Hyacinthe de Majellan.

Apparecem, comtudo, muitos exemplares d'esta edição, nos quaes se cortou a dedicatoria e frontespicio, sendo este substituido por outro com os seguintes dizeres:

Novo epitome da Grammatica grega de Porto Real, accommodado na lingua portugueza para uso das novas escholas, por mandado de Sua Magestade Fidelissima El-Rei D. José I Nosso Senhor. Lisboa.

Com todas as Licenças necessarias, 1760. 8.º XVI 382 pag.

Outra edição ainda houve d'esta Grammatica com o seguinte titulo:

Novo epitome da Grammatica grega de Porto-Real, composto na lingua portugueza, para uso das novas escolas de Portugal e dedicado ao Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Pedro da Costa de Almeida Salema, Acolito da Santa Egreja Patriarchal de Lisboa, do Concelho de Sua Magestade Fidellissima, Fidalgo da Casa do mesmo Senhor, e seu Ministro na Corte de França, Coimbra. Na Real imprensa da Universidade. 1814, 8.º XV—280 pag.

Foi, porém, no estrangeiro que o nosso padre publicou suas obras mais importantes, isto é, as que versam sobre assumptos scientificos.

A perfeição com que elle fallava as linguas do meio dia da Europa, diz-nos a Nouvelle Biographie Générale, fez com que o escolhessem em diversas occasiões para acompanhar jovens senhores nas suas viagens.

Tinha o gosto da observação, e disposições pouco vulgares para a physica, sciencia, para cujos progressos contribuiu com suas proprias experiencias, com seus numerosos escriptos, e com a activa correspondencia que manteve com os sabios mais celebres. Mandou executar debaixo de suas proprias vistas, por excellentes artistas, diversos instrumentos, cujo aperfeiçoamento a elle é devido.

Suas obras publicadas nos paizes estrangeiros são as seguintes:

I Description des Octants et des Sectants anglois ou quarts de cercle à reflexion, avec la manière de s'en servir et de les construire, Paris, 1775. Un des ouvrages les plus complets sur cette matiére. [1]

---

[1] Ignoro porque motivo diz Innocencio que as lettras J. H. de Magalhães sejam um nome em francez: eu nada mais interpreto do que João Hyacinto de Magalhães.

II Description d'un appareil en verre pour composer des eaux mineraux artificielles (em inglez). Londres, 1777. in 8.º, traduzida para allemão, e reimpresso em com uma resposta ás observações criticas de Tib. Cavallo.

III Description et usages des nouveaux Baromètres pour mesurer la hauteur des montagnes et la profondeur des mines. Londres, 1779, in 4.º «Où l'on trouve beaucoup d'idées nouvelles et de réflexions curieuses; l'auteur avait reçu la commission de surveiller la fabrique de ces instruments exécutés à Londres pour la cour d'Espagne.»[1]

IV Collection de differents Traités sur des Instruments d'Astronomie et de Physique; Londres, 1784, in 4.º, traduzido em 1785 para inglez.[2]

V An Essay towards a System of Mineralogy, by Axel Frederic Cronstadt, Mine Master or Superintendant of Mines in Sweden.

Translated from the original swedish, with annotations, and an additional Treatise on the Blow-Pipe. By Gustav von Engestrom, Counsellor of the College of Mines in Sweden.

The second edition, greatly enlarged and improved, by the addition of the modern discoveries; and by a new arrangement of the articles, by John Hyacinth de Magellan, Talabrico Lusitanus, et Reg. Soc. Londin.

---

1 Vol. XXXII pag. 663. Paris, 1853. Cita como auctoridades—*Calande*—Bibliothèque Astronomique: Journal des Sçavants, nov. 1780: *Rose*, New Biographical Dictionary.

2 Nouvelle Biog. Univ. vol. 32.

Academiarum Imp. Scientiar. Petropolit, et Bruxell. Reg. Ullisipon. Madrit. et Berolin. Societ. Philos. Philadel. Harl. et Manchest. Socius; et Acad. Reg. Paris. Scientiar. Correspondens. London, Printed for Charles Dilly. 1778 8.° grande, 2 vol., 1.° LV—432 pag. 2.° De 432 até 1040.

VI Magalhães escreveu tambem varios artigos para o Journal de Physique do abbade Rosier, desde 1778 até 1783, entre outros—La Description d'une Pendule et d'un Baromètre portatif—de sua invenção. [1]

VII Foi o editor da obra—Voyages de Beniowski.

VIII Innocencio falla ainda dos seguintes trabalhos:

IX Description des nouveaux instruments circulaires à reflexion, pour observer avec plus de precision des distances angulaires. Londres, 1779, 4.°

X Description et usage des instruments d'astronomie te de physique, faits a Londres par ordre de la cour de Portugal en 1778. Adressée dans une lettre à Son Excellence M. Louis Pinto de Sousa Coutinho, envoyé extraordinaire à la Cour de Londres, etc. Londres, 1779, 4.°

XI Description et usages des nouveaux barométres pour mesurer la hauteur des montagnes et la profondeur des mines. Londres, 1779, 5.°

XII Essay sur la nouvelle theorie du feu clementaire

---

[1] Nouvelle Biographie Universelle, de Firmin Didot, vol. XXXII, pag. 663.

et de la chaleur des corps; avec la description des nouveau thermomètres. Londres, 1780.

Este celebre portuguez falleceu no dia 7 de fevereiro de 1790 em Ingliston, perto de Londres.

Este celebre portuguez, e sem duvida um dos que no estrangeiro mais honra nos dão, parece-me ter-se visto obrigado a fugir para o estrangeiro por causa de suas opiniões religiosas. Existe na Bibliotheca publica de Lisboa um livro, onde se vê ter sido um grande admirador de J. J. Rosseau.

Alguns objectos artisticos ainda existem em Aveiro, provenientes d'outras eras em que a referida cidade se entregava com ardor ás pescarias e ás navegações longiquas e ao mesmo tempo patenteavam suas crenças religiosas:

I Estandarte municipal. E' tido por um dos melhores de Portugal. De damasco carmezim, tem bordadas a ouro, de um lado as armas portuguezas, do outro as da cidade, que são: um escudo em pala.

O bordado que é magnifico foi executado em principios d'este seculo pelo bacharel José Antonio da Silva Leão, e para occorrer ao seu custeio, foi o municipio auctorisado por provisão do Desembargo do Paço de 26 de agosto de 1798.

II Calix gothico. Pertenceu á riquissima capella de Nossa Senhora d'Alegria, sendo hoje da Junta de Parochia da freguezia da Vera Cruz, na qualidade de administradora dos haveres da mesma capella.

A capella de Nossa Senhora d'Alegria foi séde d'um antiquissima corporação de pescadores e marinheiros, reunida em uma confraria com a invocação de Santa Maria da Sé.

Foram grandes os privilegios que lhe concederam alguns de nossos reis, especialmente D. Fernando e D.

João I, que D. Affonso confirmou por carta dada em Lisboa aos 20 de Julho de 1449.

A importancia da pesca em Aveiro é bem patente.

Como recordação de tamanha grandeza temos apenas hoje, além do testemunho da historia, aquelle calix gothico.

E' a unica alfaia de valor, que existe, das muitas que outr'ora possuia aquella confraria.

Existe um documento que prova a sua existencia na capella, a que nos referimos, muito antes de 1455, mas mesmo que outra prova não tivessemos da sua antiguidade, os esmaltes que o ornam, o estylo, e sobretudo as campainhas, lh'a denunciavam.

Um par de galhetas. Eram do extincto convento de Jesus, e são de christal roxo com engastes de prata lavrada e dourada.

A julgarmos pelo estylo, que é destituido d'aquella belleza e graça peculiar á epocha brilhante da ourivesaria portugueza, parece-nos poder affirmar ser obra do primeiro periodo do reinado de D. João V. O desenho ainda assim é bastante correcto e a execução primorosa.

Frontal do seculo xvi. São riquissimos todos os paramentos e vestes sagradas que pertenceram ao extincto convento de Jesus, e que por portaria do ministerio do reino de 26 de maio de 1878 foram concedidos á Real Irmandade de Santa Joanna Princeza erecta na egreja do mesmo convento.

Na sua mór parte datam quasi todos da epocha faustosa d'el-rei D. João V.

Foram comprados pela communidade do convento, ou por algumas religiosas d'elle, e não dadiva d'aquelle monarcha, como se tem affirmado.

Um frontal, bem como alguns outros, que alli ha, é de uma epocha muito mais remota, do seculo xvii, talvez.

De velludo carmezim e perola, é bordado em alto relevo a ouro e seda.

O trabalho é perfeitissimo, podendo-se apresentar como um modelo no seu genero.

Portico e capella do Senhor das Barrocas. Este templo é uma das mais modernas e mais bem acabadas construcções religiosas d'Aveiro.

Foi construido em 1730 sob a direcção de um architecto italiano, cujo nome hoje se ignora.

A sua fórma é octogona, e o seu todo respira aquelle magestade peculiar aos famosos baptisterios de Pisa e Florença, de que é perfeita imitação.

Aqui as partes mais importantes do templo, e que mais prendem a attenção do visitante são os pulpitos e o portico.

As quatro columnas do portico são de ordem jonica, e as figuras que as coroam, archanjos sustendo alguns dos emblemas da Paixão do Redemptor.

Os florões e rendados que ornam o arco que fórma a porta, são pura renascença.

A sua execução, do mesmo modo que a dos pulpitos, cujo estylo é o mesmo, é magnifica.

O portico acha-se em parte bastante damnificado, porque a pedra de que é construido, tendo a vantagem de se lavrar com grande facilidade, tem o inconveniente de se esboracar com o atricto dos temporaes.

Cruzeiro de S. Domingos. E' uma d'essas formosas cruzes de pedra outr'ora tão frequentes no nosso paiz, e a que com louvor se refere M. Ferdinand Denis no seu *Portugal*.

Fica fronteiro á egreja e convento, de que tomou o nome.

E' gothico bysantino, e sem duvida coevo da fundação d'aquelle convento, a qual teve logar em 1422. No

capitel da columna vê-se um baixo relevo, representando os principaes transes da Paixão de Jesus Christo.

A execução é bastante correcta, e o seu estado de conservação é bom.

Arouca, que tem por orago a S. Bartholomeu, é villa, cabeça de comarca, conc. e julg. no dist. d'Aveiro, donde dista 48 kil. a NE.

Em 1849 tinha 220 fogos e 728 habitantes. [1]

Tem esta villa os seguintes povos: Arouca, Cancello, Crasto, Cabreira, Manga, Palla, S. Pedro, Penso e Valle d'Asne.

Passa por esta villa d'Arouca o rio Arda que nasce na ribeira de Béco, na fralda do monte de Nossa Senhora da Mó d'esta freguezia.

O rio de villa Boã nasce na ribeira de Gondim, na fralda da Serra de Louza Alta, desce proximo do logar da Manga, e vai unir-se áquell'outro rio Arda no sitio da Ponte do Burgo, freguezia de Salvador.

O rio Arda tinha dentro d'esta freguezia tres pontes que o atravessavam:—a ponte da Rua d'Arca: a da Ribeira, e a da Aburrida; todas tres de pedra e estão em bom estado.

E o rio de Villa Boã tem apenas a ponte de Novellos, que é de páo.

As tres pontes de pedra terão cada uma 20 palmos de cumprimento, 10 de largura, e 10 de altura; a de madeira terá 25 palmos de comprido, e 5 de largura.

Esta freguezia está situada entre asperas montanhas, ao cimo do valle de Arouca, na maior parte plana, sendo tão sómente montuoza a parte do norte; é á par-

---

[1] Estatist. Offic. inedita. Era parocho Antonio Vieira de S. José.

te do sul, entre esta villa e o logar de Penso se acha a Matto do Mosteiro d'esta villa.

É fertil na producção de milho e vinho, e tambem produz azeite, trigo, feijão, e algumas castanhas, sendo pouca a producção de trigo, porque se semeiam poucas quantidades,

A principal industria dos habitantes é a cultura das terras.

Confina este Concelho d'Arouca pelo norte com o de Paiva e de Sanfins; do nascente com o de Castro Daire ao Sul com o de S. Pedro do Sul, e ao poente com o de Cambra e de Fermedo.[1]

Esta freguezia de S. Bartholomeu d'Arouca tem ao norte a serra da Louza Alta, por onde confronta com a de Santa Eulalia.

Pelo Norte confina com a freg, de Canellas. Pelo nascente confina com a freg. de Moldes. Pelo sudoeste

---

[1] «Existe n'um caminho junto á capella de Santo Antonio de Araga, proximo á villa d'Arouca, um pequeno monumento, vulgarmente chamado *Monumento da Rainha Santa*.

Reza a tradicção que determinando Santa Mafalda, por testamento, ser depositada no seu convento d'Arouca, se lhe erigiram varios arcos desde Toledo até este de que tratamos. Seja como fór, o que é certo é que o tal *movimento* é um arco de granito de uns 6 metros de alto por 4 de largo, pouco mais ou menos, todo ornado de arabescos e florões toscamente cinzelados. Desde o chão até á altura de dois metros, com pouca differença, é fechado; depois tem um vão para o deposito do caixão mortuario, e sobre esse vão uma pedra abaulada, como as tampas das sepulturas antigas.

Não tem data ou inscripção alguma pela qual se possa conhecer a sua antiguidade: acha-se, todavia, de tal sorte corroido pelo tempo (apezar da excessiva dureza de granito) que é incontestavel contar muitos seculos d'existencia.»

Almanak Castilho, para 1860, pag. 324.

e poente com a de Salvador, e pelo nordeste com a dita de Santa Eulalia.

O Censo de 1864 dá a esta freg. 331 fog, 436 varões, 541 fem. Tot. 977 pessoas. E o de 1878, 448 varões, 518 fem. Tot. 966 pessoas.[1]

*

* *

Pelos annos de 1208, pouco mais ou menos, floreceu a rainha D. Mafalda, filha d'el-rei D. Sancho o primeiro de Portugal, e irmãa das santas rainhas D. Thereza e D. Sancha, não menos no sangue e ventura, que na santidade da vida e habito religioso[2]. Criou-se esta princeza com muito mimo no paço d'el-rei seu pae, e como era tão extremada de sua graça, foi a mais mimosa da rainha D. Dulce sua mãe, que em menina a não apartou nunca dos braços, e depois de maior não sabia estar um momento sem ella, e basta para encarecer a sua ventura, saber que depois da morte el-rei D. Sancho seu pai, e ficar em poder d'el-rei D. Affonso, cruel perseguidor e inimigo de seus irmãos, só a esta princeza quiz bem, e a teve nos olhos, e para com ella foi tão liberal, como tinha sido miseravel e avarento para com todos os mais.

Era D. Mafalda mui senhoril em todo seu modo de proceder, e amiga de se servir com damas illustres, e formosas: na conversação era facil e mui alegre, com-

---

[1] A respeito d'Arouca pode tambem ver-se D. Joaquim d'Azevedo. Historia Ecclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego. Porto, 1877, pag. 300.

[2] *Fr. Bernardo de Brito.* Chronica de Cister, pag. 891. Edição de 1720.

passivel para como os pobres e inclinada á misericordia.

Sendo esta senhora de idade conveniente para casar se tratou por meio de D. Alvaro de Lara casamento entre ella e el-rei D. Henrique de Castella, que era ainda moço de pouca edade; e a causa de se tratar este casamento foi em razão de dois bandos, que havia em Castella de Castros e Laras, emulos da potencia e valia uns dos outros, cada qual dos quaes pretendia ter em seu poder a el-rei D. Henrique em quanto não tinha idade para governar o reino, e como os Laras fossem mais poderosos, quasi a força de força de braço houveram a el-rei em seu poder, e administração, á sombra do qual faziam algumas tyrannias, e sem justiças insofriveis, e chegou o conde D. Alvaro a estado que tirou a D. Beringeira, rainha que fôra de Leão, e irmã do proprio rei alguns logares de seu patrimonio, que el-rei D. Affonso, que venceu a batalha de Navas, seu pai, lhe deixou, de que o irmão, posto que pequeno, teve muita dor; e mostrou na melancolia do rosto quanta paixão lhe ficava dentro no coração.

Temeo-se D. Alvaro de Lara destas apparencias, e arreceando, que depois de sahir de tituria lhe pedisse estreita conta de tudo, determinou de lhe grangear a vontade, casando-o com alguma dama de tanta perfeição, que a formosura della lhe embebesse o sentido para não intender em nada, e o deixar a elle com o governo de tudo sobre seus hombros; e para este effeito se veio a Portugal pedir a el-rei D. Affonso lhe desse sua irmãa D. Mafalda para casar com el-rei Henrique, pois não havia na Christandade outro principe, que melhor a merecesse, nem de que resultasse mais proveito a Portugal, tendo-o unido assim por esta via, do que era el-rei de Castella, o tão bem soube pintar seus ne-

gocios, que el-rei D. Affonso deu consentimento para se effectuar, e celebrados os contratos com as clausulas convenientes, se poz em ordem a partida da rainha para Castella, onde a rainha D. Beringeira irmãa de el-rei foi avisada do que se passava, e para atalhar ante mão as desordens que haviam de succeder depois, mandou avisar ao papa como fazia o conde D. Alvaro de Lara casar sem dispensação a el-rei seo irmão com uma sua prima, filha del-rei D. Sancho de Portugal sem pedir dispensação, nem dar conta de nada aos Estados do reino, mas em quanto ella dava este aviso ao papa, chegou o conde D, Alvaro á cidade de Palencia, onde estava el-rei servido, ou para melhor dizer guardado dos senhores da casa de Lara, levando comsigo a rainha D. Mafalda com grande acompanhamento de senhores portuguezes, que el-rei seu irmão mandara em seu serviço, e de outros Castelhanos, que a sahiam a receber ao caminho, e o beijar-lhe a mão como a senhora natural

Fez-se-lhe em Palencia um recebimento solemnissimo e jurando-a el-rei alli se partirão para Medina del Campo, onde D. Berengeira mandou dizer ao conde D. Alvaro de Lara, que olhasse o que fazia, e não fosse causa de haver novas inquietações e desgostos em Hespanha, porque o summo pontifice não havia de consentir muito tempo este matrimonio feito sem dispensação sua, como não consentira o de D. Theresa com el-rei de Leão, e o seu proprio, e que a ninguem fazia maior dano, que a el-rei de Portugal, e á rainha D. Mafalda, pois a trazia a estes perigos por seu interesse proprio. Respondeu-lhe o conde menos comedidamente do que devera, e com isto lhe agravou o animo de modo que solicitou o negocio de Roma com mais vehemencia, e emquanto em Medina se celebravam as festas de rece-

bimento d'el-rei com a solemnidade e applauso real, despachou o Papa Innocencio terceiro um breve, por virtude do qual fez seus juizes apostolicos no caso a D. Mouinbo, bispo de Burgos, e a D. Tello de Palencia, os quaes em graves censuras fizeram logo apartar os reis um do outro, ainda que segundo fama commum, e o que testifica o letreiro da sepultura da rainha, el-rei D. Henrique não consumou matrimonio com ella, ou por sua pouca edade, ou por a rainha o não consentir, em quanto faltava dispensação de Roma.

Tratou-se o negocio entre os bispos, e achando não ser valido o casamento, derão sentença de divorcio, á qual por ordem do conde D. Alvaro, el-rei fez algum tempo resistencia; até que constrangido das excommunhões, e censuras se houve de apartar, e a rainha se tornou para Portugal tão triste como o caso o pedia, onde foi bem recebida d'el-rei seu irmão, e sabendo d'ella que queria imitar a vida de suas irmãs D. Theresa e D. Sancha, e recolher-se em algum mosteiro apartado do concurso da gente: el-rei lhe deu o de Arouca, que então era de freiras de habito negro da Ordem do P. S. Bento; e porque não fique esquecida a relação d'esta casa, tocaremos brevemente o exordio d'ella. Para o que é de saber que em tempos antigos foi este mosteiro fundado por dois homens chamados Loderigo e Vandiio para o darem a monges, que rogassem a Deos por suas almas, e mortos elles, seus descendentes o venderão a um cavalleiro chamado Ansur, que depois de o aperfeiçoar, elle e sua mulher Eleva o derão a um abbade da Ordem de S. Bento chamado Hermigildo, para viver n'elle com seus monges, e lhe dotarão a villa de Arouca, e outras muitas herdades para sustentação dos monges, como se póde ver na propria doação, cuja data é aos 12 de abril da era

de Cesar 999, e do anno de Christo 961. Houve, tambem junto a este mosteiro (cuja dedicação foi feita em nome dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, e dos martyres S. Cosmo e Damião) outro de Beatas, ou Religiosas da propria Ordem, instituido por Eleva, mulher de Ansur, depois que enviuvou, e como andando os tempos houvesse alguma relaxação na vida dos monges, e andasse entre elles pouco lembrada a obrigação do seu habito, conveio lançal-o fóra do mosteiro, e metter de posse as religiosas de S. Bento, que viveram em grande rigor e penitencia muitos annos, até que o discurso do tempo causou n'ellas o proprio descuido, que causara nos monges antigos, e estando n'este estado acontece o divorcio da rainha D. Mafalda, e dar-lhe el-rei este mosteiro de Arouca, para que o restaurasse e reduzisse ao rigor em que já estavão Lorvão e Cellas por industria de suas irmãas. Foi a rainha tomar posse d'elle, e achou tudo arruinado, as rendas alienadas e perdidas, a Egreja sem ornamentos, e as freiras vivendo pobremente, mais pelo trabalho de suas mãos, que pelos rendimentos da casa. Mandou a rainha chamar o bispo de Lamego, em cuja diocese está fundado o mosteiro, e tratando com elle da reformação virão ser impossivel reduzir as freiras antigas ao rigor devido, sem haver mudança no habito e estatutos; e para isto consultarão o abbade de Alcobaça e o de S. João de Tarouca: de cujos votos e parecer reduzirão o mosteiro á Ordem Cisterciense; e por quanto os bispos de Lamego tinhão jurisdicção n'aquella casa, e lhe pagavão certa pensão, concertou-se a rainha com elle, e lhe deo em satisfação d'este fôro, ou jurisdição tres casais de Paiva, o qual concerto foi levado ao capitolo geral de Cister pelo abbade de S. João, onde se approvou e se pedio ao papa Honorio III que o confirmasse, como com effei-

to confirmou por um breve seu dado em S. João de Latrão aos 4 de junho, no decimo anno do seu pontificado, o qual breve confirmou algum tempo depois Innocencio IV por outro dado em Leão a 8 de agosto, no terceiro anno do seu pontificado.

D'este modo ficou Arouca á Ordem de Cister por reformação, e não por nova fundação e dando o governo d'elle a D. Eldrada, que a rainha em seu testamento chama parenta, ella se começou a dar de todo o coração a Deus, renunciando tão de verdade ás pompas e riquezas do mundo, como quem tão brevemente experimentara as inconstancias de sua gloria, e deixando o fausto de princeza, vestido o habito de S. Bernardo, e de dia e de noite se occupava em oração, e em meditações das cousas do Céo; repartia suas rendas com os pobres e todo o seu cuidado era ver como poderia agradar a Deus.

O letreiro de sua sepultura é o seguinte:

Hic jacet illustris Regina Mafalda sepulta
Quam sua concedat: Bonitas e gratia multa
Regnat Castelæ: induatur more puelæ
Virgo manet munda: fugiens à morte secunda
Servivit Christo: mundo dum mansit in isto
Omnibus ista satis: exemplum dedit bonitatis
Prandia concenis: dispergens gratis egenis
Aedes dedit et vestes: cui sunt sua munera testes.
Hæc humilis, branda: devitans facta nefanda
Fulta bonis nituit: crimina nulla luit,
Cunctis discreta: factis verbisque faceta,
Vera, pudica, pia, docta, modesta, scia,
Grandis, magnifica: fuit et specialis amica
Patrum sanctorum: quos cantat gloria morum.
Haec loca ditavit: quibus hic summus reparavit,

Et monachas fixit, cum quas sine crimine vixit,
Est haec Regina cum sanctis absque ruina
Et jam laétatur, quia cœli sede locatur
Mile ducentorum nonaginta fuit era
Quando adjunctis cum transit foemina mera.

A era é de Cesar, e fica sendo a de Christo 1252.

Foi particular devoto desta santa rainha el-rei D. Affonso V, e mandou a D. João Manoel, bispo da Guarda, filho bastardo d'el-rei D. Duarte, que se informasse de sua vida, e milagres para tratar de sua veneração, como consta de uma carta sua que ha em Arouca, mas não achei a diligencia do bispo, nem pude saber se a fizera ou não.

No anno de 1617 foi aberto o sepulcro desta santa rainha, em presença do bispo de Lamego Martim Affonso Mexia, e se achou seo corpo inteiro e incorrupto, mui cheiroso, e o dito bispo das maravilhas que alli se virão, e de outras que andavão na tradição, formou o processo authentico para se tratar de sua beatificação, e ao presente se procura com grande calor e efficacia, e se espera que brevemente seja declarada por santa: as religiosas de seu mosteiro de Arouca fazem esta deligencia com todo o cuidado [1].

Por ordem deste bispo se mandou lavrar um regio mausoleu de pedra de jaspe na mesma egreja da parte da epistola, para o qual se trasladou o santo corpo em 7 d'agosto do dito anno, e na tampa se lhe esculpio a

[1] Fr. Bernardo de Britto.—Chronica de Cister, pag. 896 edição de 1720.
Neste mosteiro d'Arouca jaz uma religiosa que vulgarmente chamam Santa Espinela, cuja sepultura levantada está dentro da egreja de Arouca, detraz do côro baixo.

sua imagem ao natural, em que se vê a formusura e modestia de que foi dotada.

Mas houve descuido de se lhe esculpir nesta nova sepultura o epitafio da antiga, e assim está sem elle. [1]

Foi por fim canonizada a 10 de janeiro de 1734 pelo papa Pio VI.

O convento d'Arouca era dos mais notaveis do paiz.

Na ermida de Santo Antonio, proximo do convento de Rilhafolles, fazia se a trezena do Santo. E o pregador ao ver que o pulpito não tinha panno, nem sanefas, exclama: Nunca vi montar em besta sem albarda!

Estava um paulista a dizer a um arrabido — que era d'uma ordem tão fidalga, que até o sino grande quando ia ao ar dizia — fidalgo! fidalgo! fidalgo! Ao que o arrabido respondeu, indignado de ver tanta vaidade — O que vossa Reverendissima diz, é verdade: porém só tenho notado uma cousa, e vem a ser que a sineta d'esta ermida da Ascensão que fica proxima ao convento, quando tambem toca diz — E tambem desavergonhado! E tambem desavergonhado!

Era opinião quasi geral que os diabos podiam tornar corpos fantasticos, e podiam illusivamente ter ajuntamento carnal com as creaturas humanas.

Davam o nome d'Incubos aos diabos que em fórma de homem se ajuntavam com mulher: e o de Secubos dos que em fórma de mulher se ajuntavam com homem. E ácerca dos feitos de taes diabos contam-se milhares e milhares de casos, alguns mui recreativos.

Jacobo Rufo certifica haver em seu tempo uma mu-

[1] P. Joseph Pereira Bayam — Portugal glorioso e illustrado, pag 214.

lher publica, que teve ajuntamento com um espirito maligno sob a forma de homem, e depois d'isto lhe inchara o ventre e parára em uma enfermidade contagiosa, e tão maligna que lhe apodreceram as entranhas, e cahiram a pedaços sem haver remedio humano que lhe valer pudesse.

D. João VI costumava ir a Belem cantar no côro com os frades Jeronymos. [1]

Em Alcobaça havia um deposito de ossos de soldados de D. João I, mortos na batalha d'Aljubarrota.

A camara tirou as lages que os cobriam, para com ellas fazer passeios pelas ruas, e aquelles respeitaveis ossos ficaram expostos a todas as injuras que elles quizessem fazer.

Quem será tão barbaro, tão pouco devoto, e tão desprovido de sentimento, de imaginação de poesia, e do gosto dos prazeres singelos e ternos que não haja saudade dos outeiros de Odivellas, de Chellas, dos festejos ao S. João, ao Santo Antonio e ao S. Pedro. [2]

Certo sujeito muito amigo da pinga, no domingo de Ramos, levava a sua palma na procissão.

Outro, amigo seu, disse-lhe quando ia passando: Em casa tão conhecida, não ha necessidade de ramo á porta.

Na Hespanha e mormente na Gallisa os mosteiros duplices de frades e freiras eram muito vulgares. E eis porque o papa Paschoal II mandou um breve ao bispo de S. Thiago D. Diogo Gelmires, no qual dizia: Aquillo de todo ponto é indecente, que em vossa terra, segundo somos informados, morem juntamente monjes e monjas. O qual deve procurar de estorvar tua expe-

---

[1] A Peninsula: Porto, 1852, vol. I, pag. 577.
[2] Revista Universal Lisbonense, 1843, vol. I, pag. 447.

riencia, para que, os que ao presente estam juntos, sejam separados em moradas mui diversas.

Na Hespanha um padre da SS. Trindade cantava do seguinte modo:

> Jesus y Maria, mi luz y mi guia
> Maria y Jesus. mi guia y mi luz
> Jesus, Jesus, Jesus,
> Con tal guia y con tal luz
> Caminemos á la Cruz

Francisco de la Vego y Toraia. Chronica de lá Provincia de Castella, de la Ordem de la SS. Trindade, vol. 2.º pag. 451.

Vendo o reino inquieto e perturbado com as guerras de Hespanha e que lhe não vinham esmolas sufficientes para os resgates empenhou as peças ricas que tinha (fr. Gomes Martins, redemptor geral) ao convento de Santarem, mezas, custodia, calices, thuribalos, castiçaes e outras cousas de valor por grande somma de dinheiro aos conegos d'Alcobaça com que resgatou 360 captivos.

Hist. da SS. Trindade, vol. 1.º, pag. 271.

João Vanganipe, padroeiro da capella de N. Senhora dos Martyres em Lisboa deixou em seu testamento 5 dotes de cincoenta mil réis cada um para serem dados á sorte todos os annos, dois em dia de S. João, dois em dia de Santo Antonio, e um em dia de Santa Barbara, a moças donzellas, orphãs de paes, filhas ou moradoras da freguezia, honestas e recolhidas preferindo sempre as mais bem parecidas por correrem maior risco.

Para o que os irmãos da mesa faziam annualmente selecção dos pretensores, tendo precedido as devidas informações: e postos os seus nomes para cada um dos

mencionados dias, em cedulas cerradas e lacradas se mettiam em um cofre de prata, para isso especialmente deputado.

A extracção fazia-se do seguinte modo: Na capella indicada celebrava-se missa, a que assistia a meza, e o andador da irmandade que levava o cofre das sortes. Como acabasse a missa, presentava-o ao celebrante, na salva de prata, em que iam as petições das escolhidas: o sacerdote recebia-o, e depois revolvia-o muito bem, tirava as sortes, li-as e entregava-as ao escrivão, que publicava o nome das dotadas. [1]

Ainda em 1842 houve um processo de feitiçaria d'uma Anna, solteira, da freguezia de Milheirós, accusada porque para feitiços tinha cortado pedaços de mantilhas das suas visinhas á missa.

Revista Universal Lisbonense, 1842, pag. 534.

Certa marqueza por occasião da Paschoa disse a uma amiga: «A chegada da Paschoa me tem inspirado serias reflexões sobre a minha salvação: por este motivo, sem hesitar, vou fazer com que minha familia peque.»

Disse eu já que os conventos em Portugal eram como uns Museus de Bellas-Artes. E confirmo a minha asserção. E o leitor que veja o que d'obras artisticas existia na Madre de Deus, nas abas da nossa capital...» Começamos a observar os quadros que revestem as paredes, empenas e tecto da egreja, pintados pelos nossos artistas Bento Coelho da Silveira, que floresceu no seculo XVII, e seguiu a maneira de Rubens; e de André Gonçalves, que viveu no XVIII seculo. Tambem admirámos a obra de talha, que é primorosa, e julgamos ser feita por Braz de Mendonça, esculptor lisbo-

---

[1] Silva Tullio: Revista Universal Lisbonense, anno 1843, pag. 163.

nense, e os estuques em relevo, dourados, talvez obra de João Grossi, que veio a Portugal pelos annos de 1748. Depois passamos á sachristia, e alli observamos os quadros que adornam as paredes, e representam a vida de José do Egypto, obra do já referido André Gonçalves, e outros que estam na frente, sobre o bello gavetão dos paramentos que representam Santa Ignez, Santa Luzia, e Santa Eufemia, obra do tambem citado Bento Coelho da Silveira, egualmente admiramos os dois pequenos quadros aos lados do gavetão. O que está á direita pareceo-nos representar o acto da bençam do papa Clemente VII sobre el-rei D. João III, a rainha D. Catharina, e a rainha D. Leonor, viuva d'el-rei D. João II, e o da esquerda o acto das bençãos nupciaes de el-rei D. João III, e de sua mulher a rainha D. Catharina. Nò revesso de um e outro quadro, se observa a procissão que se fez no dia 12 de septembro de 1517, depois do desembarque, entrando para o mosteiro, o corpo da virgem e martyr Santa Auta, que da cidade de Colonia Agripina mandára o imperador Maximiliano.

E agora apresentarémos ao leitor a estatistica dos conventos que houve em Portugal: estatistica não completamente exacta, mas proxima da exacção.

Conventos que houve em Portugal:

Santo Agostinho, calçados, 18 de frades e 4 de freiras.
Idem, descalços, 15 frades e 1 freiras.
Bentos, 15 monges e 1 freiras.
Bernardos, 20 monges e 11 freiras.
Brunos, 2 frades.
Carmelitas, calçados, 12 frades e 4 freiras.
Carmelitas, descalços, 18 frades e 8 freiras.
Carmelitas allemães, 1 frades.

Freires da Ordem de Christo, 1 frades.
Dominicanos, 20 frades e 18 freiras.
Id. irlandezes, 1 frades.
Minimos (de S. Francisco de Paula), 2 frades.
Da Provincia da 3.ª ordem de S. Francisco, 19 frades e 2 freiras.
Da Provincia do Algarve, 31 frades e 16 freiras.
Da Provincia da Arrabida, 21 frades.
Da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, 15 frades.
Provincia da Conceição, 21 frades.
Provincia da Piedade, 20 frades.
Provincia de Portugal, 28 frades e 25 freiras.
Provincia da Soledade, 19 frades.
Missionarios apostolicos de Brancanes, 1 frades.
Missionarios de Vinhaes, 1 frades.
Varatojanos, 1 frades.
Mesão frio, 1 frades.
Capuchos francezes, 1 frades.
Jeronimos, 9 monges e 1 freiras.
Capuchos italianos ou barbadinhos, 1 frades.
De S. João de Deus, (vulgo os seringas), 15 frades.
De Jesus Nazareno, 1 frades.
De S. Paulo, eremita, descalços, 2 frades.
Monges de Santo Antão, abbade, 1 frades.
Da Conceição, suffragadores das almas, 1 frades.
Trinos, da redempção de captivos, 9 frades e 4 freiras.
Idem, descalços, 2 frades.
Conegos de Santo Agostinho, 5 frades.
Da Divina Providencia ou Caetanos, 7 frades.
Id. clerigos seculares de missão, 3 frades.
Camillos, 6 frades.
S. Filippe Nery, 7 congregados.

Da Congregação de Nossa Senhora da Oliveira, 1 frades.

Total: 379 conventos de frades e 95 conventos de freiras.

Os cartuxos eram uma amostra de antigos cenobitas. Clausura perpetua, abstinencia continua, larga assistencia no côro, meditação no retiro da sua cella, aonde por uma ministra recebiam ás horas o alimento, e por unica distracção tinham a cultura do seo jardim.

Em vez d'emparedadas tambem diziam encelladas.

Em 1850 ainda havia no paiz 119 conventos de freiras, e estas subiam ao numero de 1500, o rendimento annual d'estas casas andava por uns 200 contos, e havia 200 freiras que recebiam a pensão de 7:200 réis cada uma.

Revista Universal Lisbonense, anno 1852, pag. 528.

Um ladrão entrou em casa de certo vestimenteiro, na rua Chã, no Porto, disse ser de casa do bispo, e pedio para o palacio episcopal a melhor vestimenta que tivesse.

Accudiu o vestimenteiro dizendo que era preciso saber a medida.

Mas o ladrão acudio dizendo: Não é necessario. O senhor bispo é propriamente da altura de vossa mercê. Revista-se, e verei se está boa a vestimenta.

Assim o fez, e o ladrão mandando-lhe dar um passeio, pegou em uma boa caixa de prata, que vio, e desceo pela escada—pernas para que vos quero!

Por não perder tempo, logo o seguio o vestimenteiro, sem se despir, e gritando em altas vozes, ladrão! ladrão!

Mas o outro gritava: Doido! Doido!

E a este dava o povo mais credito, vendo um homem sem corôa, e revestido a gritar pela rua!

Concorreo gente immensa, pelo que o ladrão teve ensejo para se escapulir, deixando o vestimenteiro ou de bocca aberta, ou a dizer mal da sua vida.

Estando no convento dos Paulistas em Lisboa um frade, homem de juizo, proximo a morrer, foi o prelado, que era um nescio, levar-lhe os Sacramentos. O que vendo o frade, quando elle ia entrando, ajoelhou em cima da cama e exclamou: Louvado sejas, Senhor, que dais entrada na minha cella, como a deste em Jerusalem.

D. Gonçalo Mendes de Sousa, illustre cavalheiró portuguez, era casado com D. Theresa Soares, neta d'uma irmã d'el-rei D. Affonso Henriques.

Passados tempos entrou o marido a suspeitar que sua esposa lhe não era leal. Não havia, porém, testimunhas e foi mister submetter-se a mulher ao barbarissimo Juizo de Deus.

Consistia um tal Juizo de Deus, em pegar n'um ferro em braza, e leval-o d'um logar para outro, sem padecer lesão. E assim, naquelles tempos, ficava comprovada a innocencia da senhora, a quem tinham accusado de desleal aos deveres conjugaes.

D. Gonçalo, isto é, o marido estava pasmado, nenhum outro remedio tinha que não fosse o pedir perdão á dama, que de tal modo provava sua innocencia, e leval-a outra vez para casa. Ella, porém, de nenhum modo quiz voltar para o poder de seo marido; preferio a vida monacal, e lá foi viver para o convento d'Arouca.

Alpendurada e Matos é villa e couto extinctos no concelho de Marco de Canavezes. D. Adm. Porto.

Orago S. João Baptista e S. Miguel Archanjo.

O censo de 1864 dá-lhe 545 varões, 605 femeas. Total: 1150 habitantes.

E o de 1878, 318 fogos, 634 varões, 701 femeas. Total 1335 habitantes.

Ergue-se esta povoação n'um logar alto, sobranceiro á margem direita do Douro, d'onde se disfructa um lindo panorama.

Tinham n'este local os Benedictinos um antiquissimo convento, e cuja egreja serve actualmente de parochia.

Com rasão se chama este convento Mosteiro da Piedade, diz o auctor da Benedectina Lusitana [1] por que está edificado no lado de um monte alto chamado Monte de Arados, e para o rio vae uma descida tão ingreme que o mesmo mosteiro parece que fica como pendurado sobre o Douro.

Diz este auctor que o referido mosteiro fôra fundado em 1024 por um sacerdote chamado Avelino, e que tanto este como o abbade Enxameno fizeram padroeiro d'elle a D. Maria Viegas, em 1072.

Tanto que este se viu senhor ou padroeiro do mosteiro de Pendurada, logo tratou de o edificar em muito melhor fórma, da que estava, e a egreja de S. João Baptista, a quem attribuia o milagre de o ter livrado do poder dos mouros, em cujo poder tinha cabido, maior e mais capaz do que d'antes (posto que o sitio não dava muito de si) offerecendo-lhe grande parte da sua fazenda.

Começaram immediatamente a fazer grandes doações a este mosteiro, pela crença de que n'elle se guardava um dedo de S. João Baptista.

A primeira foi de *D. Egas* filho de *D. Monio*, o qual pela era 1111 (anno 1083) fez uma doação a 29 de novembro a uma sua irmã chamada D. Ermesenda de todas suas herdades e de tudo o mais, que possuia assim de movel, como de raiz, mandando que depois de

---

[1] Fr. Leão de Santo Thomaz. *Benedictina Lusitana*, tom. II, pag. 200, Coimbra 1651.

sua morte fosse a terça de tudo ao mosteiro de S. João de Pendurada.

Confirmam este testamento Exameno, abbade, Romano, Diogo, Pelagio e monges, que eram do dito mosteiro.

Mas *Dona Ermesenda* o compriu muito melhor, porque morrendo deixou a metade de tudo quanto tinha, assim de ouro, como de prata, assim do mais movel e de raiz, da creação de eguas, de cavallos e de tudo o mais ao dito mosteiro: e a outra metade deixou a uma sua tia e parenta, que creou e governou, mandando por morte d'ella fosse tudo ao mosteiro de S. João.

Assignou este testamento o bispo D. Cresconio. [1]

Outra doação se fez a *Exameno* abbade na era de 1126, que é anno de Christo 1085, notavel nos termos theologicos, pela qual consta que D. Egas Ermiges e sua mulher Dona Gontina deixam muitas e grandes herdades ao mosteiro de S. João.

A ultima doação que se acha feita ao abbade Exameno de certa herdade, é a que lhe fez Pedro Argimires com seu filho Gonçalo Pires pela era de 1130, anno de Christo 1092.

E no fim d'ella se diz que foi feita reinando el-rei D. Affonso, e sendo bispo D. Cresconio.

Confirmam Miguel, Sisnando e Theotonio, todos tres monges do dito mosteiro

Morto o abbade Exameno, os prelados que entraram no mosteiro de Pendurada por muitos annos se não nomeam senão por priores, ainda que algum se acha com o titulo de abbade.

Seria talvez então este mosteiro annexo ao de S. Pedro de Cluny em França.

---

[1] Benedectina Lusitana. vol. II, pag 255.

D. Diogo foi o primeiro que achámos, por prelado d'este mosteiro com o titulo de prior, pela era de 1135 anno de Christo de 1097, como consta de uma carta, de renda feita por Paulo Cresconio e por sua mulher Leogunda de certa herdade que vendeu ao prior de S. João Baptista, *Elogo*, e a seus monges, feita no mez de fevereiro da dita era.

Em tempo do dito prior achámos um devoto chamado *Pais Anseriquez*, e sua mulher Lupa, que deram quanta herdade tinham em *Soreto*, ao dito mosteiro de S. João.

D. Ledonio foi o 2.º prior do dito mosteiro pela era de 1145, anno de Chisto 1107, como consta de uma doação que aos vinte de abril do dito anno fez um soldado rico por nome Alvito com uma sua irmã chamada Guadili, pela qual deram ao mosteiro da Pendurada *Villacete*, a qual chamam Villacepta e accrescenta Alvito se quizer deixar a milicia do mundo, e viver no mosteiro que com caridade o recebam, e que a dita sua irmã ajudem com o necessario para comer e vestir.

Foi feita esta doação em tempo do conde D. Henrique e de S. Giraldo, arcebispo de Braga por mão de D. Cedonio, prior do dito mosteiro.

Na mesma era de 1145 fez D. Ermesenda, que foi filha de D. Trastamiro, e neta de D. Monio doação de muitos casaes, que nomeia, em uma carta ao mosteiro de Pendorada, e tinha um em particular dizendo que quer que fique ao prior do dito mosteiro Cedonio, chamando-lhe meu Senhor — *meo Domino Cedoni*. Dando-lhe este nome; porque no progresso da carta mostra como elle foi seu mestre, e que foi casada com D. Nuno.

Na era de 1147, que é o anno de Christo 1109, a 5 de fevereiro a mesma D. Ermesenda, ou outra parenta

sua dá ao mosteiro de Pendorada a villa de Ordonho com outras tantas herdades.

Dr Miguel com titulo de prior governava o mosteiro de Pendorada pelo anno de Christo 1116, e por outros mais adiante, em que um Affonso Pays e outras bemfeitores lhe fizeram doações de muitos casaes.

D. Pedro com o mesmo titulo de prior governou o mosteiro de Pendorada pelo anno de Christo 1123.

Por este tempo um Mendo Viegas deixa muitas terras ao mosteiro, e mostra ser rico, e ter muitos escravos, porque deixa mouros e mouras pedindo que forrem alguns.

N'este mesmo tempo que o prior D. Pedro governava o mosteiro lhe fez a rainha D. Tareja doação do couto, confirmando-a seu filho D. Affonso Henriques.

D. Sengemiro achamos com titulo de abbade pelo anno de 1150.

Consta isto de uma doação que no março do mesmo anno fez uma senhora chamada D. Venegas, filha de D. Egas Dias, em que dava ao mosteiro de Pendorada, terras e casaes, dizendo que em Alafões por firmeza de sua doação lhe deram cincoenta cruzados e um cavallo.

D. João abbade acha-se memoria d'elle pelo anno de Christo 1167.

D. Egas, acha-se memoria d'elle pelo anno de Christo 1198.

D. Pedro Luz era abbade de Pendorada no anno de 1232.

E em todos os prasos que então lhe faziam, punham-lhe por condição que pagassem o quarto.

Por esta mesma era de 1200 ha memoria de outros abbades que não sabemos mais que seus nomes, que foram, D. Fernando, D. Egas, D. Mendo Fernandes, D. Gonçalo e outros, que deixo por não cansar aos lei-

tores, ainda que a todos se foram fazendo doações particulares, porque ainda então florecia a devoção dos fieis para com o glorioso Baptista, e para com os monges, que em Pendorada o serviam.

Em tempo do abbade D. Fernando, correndo o anno de Christo 1250 se fez sob notaveis clausulas um praso da *quinta de Cerrazes*, pelo qual se mostra que tinha cazaes: fazenda que muito tempo antes deu ao mosteiro *D. Ermesinda Viegas*, descendente do primeiro padroeiro d'elle.

E ainda pela era de 1300, o abbade e convento do S. João apresentava in solidum na egreja do Salvador do mesmo *Cerrazes*.

A sepultura do dito abbade D. Fernando [1] se vê ainda na costa da Sachristia com estas letras — D. FERN ABB. H. S. E.

Tiveram os abbades de *Pendorada* grande amisade e correspondencia com os religiosos do mosteiro de Villa Boa do Bispo, e com outros conventos dos mesmos conegos regrantes; porque todos fizeram compromisso e carta d'irmandade, para que quando algum religioso morresse nos seus mosteiros, nos mais que entravam n'esta irmandade, lhe fizessem seu officio, e dissessem certo numero de missas pur sua alma.

D. Pedro se acha abbade de Pendorada pelo anno de Christo 1276, e por outros mais adiante.

Em seu tempo se mandou sepultar em S. João um João Moreira, deixando ao mosteiro muitas herdades, sem obrigação alguma, confiando que os religiosos d'elle se lembrassem de sua alma.

Em tempo do mesmo abbade, correndo a era de

---

[1] FR. LEÃO DE SANTO THOMAS, Benedictina Lusitana, tomo segundo, pag. 229 (Coimbra, 1651.)

1315, confirmou o bispo de Lamego a Pedro Durães na egreja de Laradi ou Anrradi por apresentação do abbade e convento de Pendorada.

D. Martim Pays foi abbade do dito mosteiro pelo anno de Christo 1293.

Em tempo d'este prelado, em 1348, um Egas Pais cavalleiro por nobre nome Porcalho, que morava em Nespreira, logar junto ao rio Paiva reconhece ter recebido muito bem do mosteiro de Pendorada, e morrendo lhe deixou quanto tinha em Lamego e em Nespreira a 18 de fevereiro da dita era.

D. Pedro Annes, abbade do mesmo mosteiro, achase memoria d'elle pelo anno de Christo 1320.

D. Domingo Domingos foi abbade pelo anno de Christo 1338.

Succedeu-lhe na prelasia D. Rodrigo Martins pelo anno de Christo 1346.

Em seu tempo uma dona viuva chamada *Margarida Martins* natural de Paredes diz em seu testamento que deixa ao abbade Roy Martins tudo o que tinha de seu herdamento, que devia ser muito e cousa de grande consideração, porque lhe põe por encargo que lhe digam para sempre duas missas officiadas cada semana, á segunda e quarta feira, e nas costas do pergaminho se diz que o faz pela quinta de Nespreira.

Estes dois prelados D. Domingos e D. Rodrigo são os que estão em tumulos levantados na claustra juntos á parede da egreja [1].

---

[1] Benedictina Lusitana. tom. II. pag. 230.

Pelo que se vê nas obras de João Pedro Ribeiro, e d'outros, Alpendurada era um dos mais ricos depositos de documentos relativos á historia de Portugal, tanto anteriores, como posteriores á fundação da monarchia.

D. Affonso Martins ha memoria d'elle pelo anno de Christo 1367 e por outros muito mais adiante.

Em tempo d'este abbade D. fr. Alvaro Gonçalves Canelo, prior do Hospital, deu á execução uma carta passada em Coimbra em abril da era 1423.

E porque n'este tempo havia desordens nos officiaes d'el-rei no lançamento de fintas e talhas, que prejudicavam aos caseiros de Pendurada, lançando-lhes mais do que deviam, e lançando tambem algumas contra o direito, o mesmo abbade D. Affonso Martins, como capellão d'el-rei lhe foi pedir remedio, e el-rei D. João lh'o deu, mandando por carta sua, que os caseiros do dito mosteiro não pagassem para fintas e talhas, senão as que fossem lançadas conforme o direito, e que ainda essas, quando fosse ao fazer das contas, não fossem valiosas sem se achar a ellas o D. abbade de Pendurada ou seu procurador.

Foi a carta passada na cidade do Porto a 15 de junho da era sobredita.

Este abbade, D. Affonso Martins mandou fazer a claustra do mosteiro tal qual é, pela era de mil quatrocentos e vinte.

«D. Estevão Martins acha-se memoria d'elle pela era de mil quatrocentos e quarenta e quatro.

Depois d'este abbade, que viveu alguns nove ou dez annos, parece que entraram os commandatarios no dito mosteiro de Pendurada, porque o primeiro que achamos foi o mestre *D. Lourenço, bispo de Malhorca*, pela era de mil quatrocentos e cincoenta e um, capellão-mór d'el-rei D. João II.

O segundo *D. Fr. Gil de Tavilla* pela era de mil quatrocentos e cincoenta e sete.

O terceiro *D. João de Castro*, commandatario não só de Pendurada, senão tambem do mosteiro de Villa Boa

do Bispo, pelos annos de Christo mil quatrocentos e sessenta e quatro.

O quarto commendatario foi *D. João de Azevedo*, bispo do Porto, correndo o anno de 1481.

O quinto foi *D. Antonio de Azevedo*, Prothonotorio da Sé Apostolica pelos annos de Christo 1500.

O sexto foi *D. Manuel de Azevedo* pelos annos de mil quinhentos e quarenta por diante.

Estes foram os abbades commendatarios, que a casa da Pendurada teve, e d'alguns d'elles não sei se lhe podemos com mais rasão chamar dissipadores, e não administradores do patrimonio de S. Bento, porque feitas as contas do que rendiam as quintas que deram a seus parentes, e outras propriedades particulares a suas obigações, acha-se que alienaram do mosteiro mais d'um conto de renda todos os annos.

Mas seja Deus bemdito que nos livrou d'esta liberdade, e abuso com a extincção de semilhantes commendas perpetuas e entrada da Reformação.

O primeiro prelade do mosteiro de Pendurada com titulo de prior trienal por ser ainda vivo o ultimo commendatario eleito no anno de 1750, foi *Fr. Paulo do Touro*, religioso observante, criado debaixo da disciplina do P. *Fr. Diogo de Murça*, sendo elle reitor da Universidade de Coimbra.[1]

E depois o elegeram por procurador da curia romana, aonde esteve desoito annos, procurando as ultimas bullas de nossa reformação, que alcançou do papa Sixto V. em melhor fórma, extinguindo de todo os commandatarios e abbades perpetuos.

Além d'isto com grande zelo e trabalho ajuntou todos os privilegios concedidos pelos summos pontifices á congregação Cassinense e a outras de que gozamos por indulto do mesmo Sixto V, e todos mandou impri-

mir em Roma em fórma authentica, e que fizessem fé em toda a parte, obra digna de muita estima, que dirigiu ao padre geral que então era o nosso reverendissimo *P. Fr. Balthazar de Braga*, e mais religiosos da Congregação pelos annos de Christo mil quinhentos e oitenta e nove, como mais largamente consta do que elle proprio escreve no principio dos sobreditos privilegios.

Fr. Gaspar de Penela foi eleito segundo prior no anno de quinhentos e oitenta e cinco, e por sua morte foi eleito presidente *Fr. Mauro, de Villa do Conde.*

Fr. Alvaro dos Reis, natural dos contornos de Braga, foi o primeiro abbade eleito no anno de mil quinhentos e oitenta.

Fr. Mauro, de Villa do Conde foi eleito em capitulo privado no anno de mil e quinhentos e oitenta e tres.

No de oitenta e quatro foi eleito o P. *Fr. Placido Ferreira*, natural de Dois Portos, que depois foi Geral.

Fr. Gregorio de Christo, natural de Coimbra, foi abbade no anno de mil e quinhentos e oitenta e sete.

No anno de mil quinhentos e noventa o P. *Fr. Alvaro dos Reis* a segunda vez.

No anno de noventa e tres *Fr. André de Campos*, natural das partes de Basto.

Fr. Leandro de Santiago, natural de Villa Nova do Porto, e bacharel formado pela Universidade de Coimbra, foi abbade eleito ns anno de 1576.

No anno de 1599 ordenou a Religião que as rendas de Pendurada se applicassem ao mosteiro de S. Bento do Porto, que se ia edificando, pela commodidade que havia, de se trazerem as cousas necessarias pelo Douro abaixo, e de Pendurada vieram sinos, orgãos, retabolos, e outras peças, que naquelle principio serviram na

casa do Porto. E para a de Pendorada se elegeram presidentes por quatro triennios. O primeiro foi Fr. *Gaspar Pinto*, natural de Entre ambos os rios, e eleito no dito anno de mil e quinhentos e noventa e nove. O segundo presidente no triennio seguinte foi Fr. *Xisto da Purificação*, natural de Villa Nova do Porto. O terceiro Fr. *Hieronimo Peixoto*, natural d'Entre Homem e Cavado. O quarto Fr. *Gaspar Pinto*, a segunda vèz.

Passados estes doze annos, e considerando os padres capitulares que um mosteiro feito por milagre não era bem se desamparasse, tomando melhor conselho lhe restituiram o titulo de abbadia, tirando certa quantia para o Porto. Quasi no anno de 1611, elegeram por abbade Fr. *Hieronymo Freire*, religioso antigo, e que esteve muitos annos na Provincia do Brasil, mas quis lhe Deos dar outro melhor lugar levando-o para si. Succedeu-lhe *Urbano de S. Paulo*, natural de Braga, no anno de seis centos e doze.

Fr. *Thomas do Salvador*, natural de Villa do Conde, religioso mui zeloso do bem da casa, assim no espiritual, como no temporal, foi eleito no anno de seis centos e quatorze.

Fr. *Calixto*, natural de Guimarães, eleito no anno de seiscentos e desesepte, foi depois para Portugal aonde teve cargos.

Fr. *Thomas do Salvador*, a segunda vez no anno de sais centos e vinte.

Fr. *Simão Borges*, natural de Ourem, no anno de 623.

Fr. *Thomé da Ressureição*, natural de Torres Vedras, eleito no anno de seis centos e vinte e seis. Em seu tempo succedeo um caso milagroso, em uma imagem do nosso glorioso Patriarcha, que estava no altar collateral da parte da epistola. Cahio uma manhãa o tecto

do corpo da Igreja, e imaginando todos que a imagem estaria feita em pedaços, tirando o entulho d'aquella ruina, viram a Imagem Santa posta sobre o pulpito (que fica sobre a grade da Igreja, affastada do altar bom bom espaço) sem, e salva sem lesão alguma, virada com o rosto para o altar-mór dando quasi graça ao Senhor pela mercê que lhe fizera.

Fr. *Simão Borges*, a segunda vez eleito no anno de 649. Elle foi o que deu principio a um dormitorio novo, que fica com a vista sobre o rio para a parte do meio dia, em que já os religiosos com mais commodidade vivem.

Fr. *Thomas do Salvador*, foi eleito terceira vez no anno de seis centos e trinta e dois. Seguio-se logo Fr. *Simão Borges* no anno de seis centos e trinta e cinco, Fr. *Vicente Rangel*, natural do Porto, eleito no anno de seiscentos e trinta e oito. Fr. *Bernardo de S. Thiago*, natural da Ponte de Cepeda, foi eleito no anno de seiscentos quarenta e um.

Estes são os abbades triennais, que até o dito anno se elegeram, e posto que todos procuravam augmentar a casa, o glorioso Bautista como Patrão d'ella a sustentou, estando tanto á dependura para se extinguir de todo, e com seu dedo sagrado teve mão n'ella, e a conservou, alimentando os religiosos, que n'ella vivem servindo-o como particulares capellães seus, e juntamente aos da casa do Porto. Finalmente com seu dedo precioso parece que benze, e sagra as aguas do rio Douro como se foram as do Jordão, para que nunca lhe falte peixe, e a terra vizinha faz fructifera dando todos os fructos de excellentissimo sabor, e tão franca a ribeira proxima, e que sua sombra chega, que lhe chamam o bom Jardim, como toca o disthico seguinte:

En Baptista domum pendentem tu indice fulcis
Tu Durium sacras proxima quaeque foves.

Eis o que nos diz o celebre chronista (alterada apenas a orthographia, que é barbara) a respeito do antiquissimo mosteiro d'Alpendurada, na Benedictina Lusitana.

Porém o P. Antonio Carvalho da Costa, que escreveo alguns annos mais tarde [1] nota-lhe logo um erro ao principiar a descripção do Couto d'Alpendurada... «Estando nestes termos lhe poz Velino por abbade a Exameno, monge de exemplar virtude, o qual foi tomando noviços, e povoando-a de Religiosos. Mas ou por Velino e Exameno não poderem conservar esta nova Casa, que em tam calamitosos tempos difficultosamente podia ser, ou por a haverem augmentado, fizerão doação d'este padroado no anno de 1072 a Dom Monego, ou Moninho Viegas, a quem o conde Dom Pedro chama Dom Moninho Hermigis o Gasco, bisneto do primeiro Dom Moninho Viegas, que está em Villa Boa, ao qual applica a Benedictina Lusitana esta doação, sem reparar, que este fàleceo na era de 1060, como diz Lavanha no tit. B, supposto que tambem he erro seu dizer *anno*, e ainda que quizeram encontrar o letreiro da sepultura, e que não fosse *era*, senão *anno* o de Lavanha, inda se estava vendo o erro, porque morrendo no de 60, não podia acceitar o Padroado no de 72, o que diremos he provavel, que he anno de 1022, e ainda não era fundado o mosteiro de Pendorada no de 1021, como aqui se vê, e para se fazer e povoar havia muito

---

[1] P. Antonio Carvalho da Costa. *Corographia Portugueza*, Tomo primeiro, pag. 400 (Lisboa, 1706)

tempo, no qual não era muito viver seu bisneto o segundo D. Moninho no anno da doação, que para o primeiro he impossibilidade clara.»

Mais algumas noticias ácerca d'Alpendurada nos dá a Corographia Portugueza. Por ella sabemos que os frades se sustentavam de tres mil cruzados, que rendiam os dizimos e sabidos, e o que accrescia ia para o Convento do Porto. Que no Couto do mosteiro o abbade fazia juiz ordinario no cível com o povo, escrivães os do concelho, e outro além do Douro, chamado Escamarão, em que obra o mesmo, e comem os dizimos d'esta egreja, apresentando-lhe vigario, que rende vinte e cinco mil réis, e para o mosteiro trinta mil réis, e na de Espiunça rende ao vigario quarenta mil réis, e para o mosteiro setenta mil réis.

Apresenta com reserva as abbadias de Souzello, que rende tresentos mil réis, a de Santa Leocadia de Travanca, duzentos mil réis: tem mezas em S. Martinho da Varzea, e em S. Miguel de Mattos, o mesmo na de Magrellos.

Perdeu a de S. Christovão de Espadanedo, que hoje é do Padroado Real, e as Magestades, quando apresentam, mandam ao apresentado pedir a Pendorada a auctoridade.

Tem no mosteiro cura secular com quarenta mil réis de renda: e consta esta freguezia de cento e cincoenta e seis vizinhos, com tres ermidas — N. Senhora, S. Sebastião e S. Amaro.

S. Martinho da Varzea do Douro, Abbadia dos mosteiros de Pendorada, e Villa Boa, com reserva, rende cento e oitenta mil réis, tem oitocentos mil réis, e uma ermida de S. Sebastião.

S. Clara do Torrão, a que vulgarmente chamamos de entre ambos os rios, por estar n'aquella parte, em

que o Tamega se mette no Douro, seis leguas acima do Porto, povo bem assentado, e fertil, pelo que propriamente lhe chamam o Torrão, mui fresco, aprasivel, e mimoso de terra e rio, e apertado de montes, que sendo ermo, como ainda hoje, nãs é mui povoada, e deu, e maior distancia, el-rei D. Sancho o primeiro no anno de 1211, á condeça D. Toda Palarim, mulher de D. Rui Vasques da familia dos Barbosas, só para que ella fizesse ali uma albergaria para amparo dos passageiros despovoado, como era.

Succedeu-lhe n'esta herança sua filha D. Tareja Rodrigues, mulher de D. Gomes Sorres da familia dos Pereiras, e esta povoou a rua, ou Burgo, que ali estão juntos, e lhe deu foral no anno de 1231, e 41.

Passou este senborio e bens a sua filha D. Chamoa Gomes, mulher de D. Rodrigo Frojás de terra de Leão, e por não terem filhos, fez com seu marido fundassem aqui um convento de freiras de Santa Clara, para n'elle servirem mulheres a Deus, e os homens terem refugio dos ladrões, salteadores, e bandoleiros, que n'este passo acommetiam, e matavam os caminhantes.

No anno de 1258, com anti-data de dois mezes e cinco dias, foram passadas as bullas pelo papa Alexandre IV para e convento de Lamego, que hoje é o de Santa Clara de Santarem, e para este de entre ambos os rios, presente é o de Santa Clara do Porto, e sendo aquelle o primeiro que se fundou, ou para melhor dizer, teve ordem para se fundar debaixo da regra de Santa Clara, é o nosso o segundo.

Para o primeiro, que esteve em Lamego, vieram as fundadoras de França desembarcar ao Porto, onde então estava el-rei D. Affonso o Terceiro, que de lá devia trazer-lhes affeição por seu bom modo de vida; e para este nosso, em que havia de haver cem freiras, man-

dou o Summo Pontifice á abbadessa de Samora lhe desse doze; ou fosse por se não achar tão soberana d'este cabedal, que podesse ficar provida, e partir tão largo, ou pelas razões, que para isso teria, não vieram mais de tres, a que se aggregaram algumas donzellas, nobres, e as seis ou sete beatas de grande opinião, que viviam em S. Vicente do Pinheiro no julgado de Penafiel de Sousa.

Muito trabalho teve D. Chamoa para fundar este convento no anno de 1264, pelos encontros, que lhe fez o bispo do Porto, mas ultimamente se vieram a ajuntar com lhe dar certas cousas ao bispo, e largar-lhe por sua morte o padroado de Tuyas, mosteiro de freiras de S. Bento do Porto, e logo uniu ao de Entre ambos os rios o commendador Gonçalo Paes a parochia do Salvador, que era da sua commenda, mas da Ordem que fosse não sabemos.

Tambem teve o de S. João da Foz que ha annos é dos frades bentos de S. Thirso.

Por sua morte dispoz esta senhora muitos legados, por que além de tudo que este convento tem com a sua herdade de Ribeira de Lima, para vestuario das Donas, encargo com que lh'a deixara sua prima D. Tareja Garcia, e uma grande reliquia do Santo Lenho; deixou muitas esmolas ao mosteiro de Tuyas, S. Tirso, e Paço, todos de S. Bento, e outras ao de Santa Clara de Cidade Rodrigo em Castella; e porque n'aquelles tempos os padroeiros dos conventos costumavam comel-os, ella não soube que cousa era ser mãe, e mostrou melhor o desamor aos parentes, dizendo na instituição:

E mando, que se algum ou alguma de minha linhagem quizer demandar herança em o mosteiro de Entre ambos os rios. que lhe dêem uma enxada com que cave,

e dêem á Dona uma peça de lã, que fie, e senhas reções de boroa, e de agua, quanto possa beber, só pelos desherdar.

Morta ella, entrou el-rei em muitas cousas, que dizia serem da Coroa, e depois lh'as restituiu umas, e outras seu filho el-rei D. Diniz: mas o peior foràm alguns parentes da fundadora, que por muito poderosos vieram a levar pelo concerto as tres partes do que deixara ao mosteiro, dizendo-lhes pertencia por herança antecedente.

Os nossos reis, que a estes succederam, o favoreceram muito particularmente el-rei D. Fernando, e el-rei D. João o primeiro, que sobre lhe confirmar estas mercês, lhes privilegiou dois creados, e oito caseiros de muitas cousas e de irem á guerra.

A rainha D. Filippa, mulher do dito rei D. João o primeiro, tratou mudal-as para o Porto, o que não teve effeito por Deus a levar antes de conseguil-o: o mesmo rei, seu marido, sendo abbadessa, e ultima em Entre ambos os rios Dona Mecia Alvares Cafanha, deixando ali cura, que apresenta o mosteiro de Santa Clara do Porto, para onde foram: rende-lhe sessenta mil réis, e para as freiras com cabides e foros sete centos mil réis: tem duzentos e trinta e um vizinhos, e estas ermidas, Santiago de Burgos, S. Pedro de Jugueiros e S. Sebastião.

Tem couto, em que apresentam juiz.

Alli sahem os barcos, que navegam o Douro, e parte do Tamega no inverno a pagar-lhe a portagem, que d'elles lhes toca. [1]

A Geographia historica, composta por D. Luiz Cae-

---

[1] Id. id. pag. 403.

tano de Lima em Lisbôa no anno de 1736 nada accrescenta ao já referido a respeito d'Alpendurada.

Egualmente nenhuma novidade nos apresenta o mappa de Portugal pelo P. João Baptista de Castro, Lisbôa, 1763.

Alguma novidade porém nos offerece a descripção inedita feita pelo abbade de S. João Baptista d'Alpendorada [1] no anno de 1847.

«Compõe-se esta freguezia dos seguintes logarejos: S. João, Santa Christina, Memorial e Granja.

E os logares mais notaveis de Mattos, freguezia annexa á Alpendurada, são Granja e Outeiro.

Os fogos pertencentes a Alpendurada são duzentos e oitenta e tres, e os habitantes mil e setenta e dois.

E os fogos pertencentes á annexa S. Miguel eram 46, e 166 habitantes.

A séde do bispado fica ao poente d'esta freguezia, e na distancia de sete leguas,

A cabeça do concelho fica ao nascente d'esta freguezia na distancia de uma legua.

As villas e cidades mais proximas d'esta freguezia são:

Canavezes, que fica ao norte, da distancia de duas leguas.

Amarante, que fica tambem ao norte, e na distancia de quatro leguas.

A cidade de Penafiel, que fica ao noroeste, e na distancia de tres leguas.

E' banhada esta freguezia ao Sul pelo rio Douro. O

---

[1] Estatistica Official mandada fazer pelo Governo Portuguez. M. S. inedito que pertenceu ao sr. Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, do Porto, e hoje pertence ao author d'esta obra.

rio Tamega banha a freguezia annexa de Mattos pelo noroeste.

N'esta freguezia não ha nem lagos, nem lagoas, nem pontes, nem salinas, nem fabricas, nem edificios ou estabelecimentos publicos.

Tem, porém, estradas reaes que veem de Canavezes para Vitetos e Entre os Rios.

O terreno é montuoso, aspero e não muito fertil.

A sua producção é de milhão, centeio, cevada, vinho verde, azeite e fructas.

A principal industria dos seus habitantes é a agricultura, e a navegação pelo rio Douro, na qual se empregam uns trinta ou quarenta homens.»

No anno de 1764 mandaram os frades pôr a seguinte inscripção á sahida da capella mór: Velino, Sacerdote e abbade.

Assistente em Santa Sa-
bina, pelas tres revelações
Que teve para edificar egreja
a S. João Baptista, n'este logar,
Que ignorava, onde appareciam
Luzes do Ceu; fundou no anno
de Christo 1055 e no de
1065 a sagrou Sisnando
2.º bispo do Porto, e lhe collocou
varias reliquias, uma das
Quaes é a que ainda hoje
Se venera n'este Mosteiro,
Do dedo index da mão es-
querda do Grande Baptista
E no mesmo anno de 1065
Elegeu Velino por Abbade,
Exameno e lhe fez doação, e

a 12 monges, do Mosteiro,
Com o titulo de S. João, e
Regra de S. Bento: e no an-
no de 1072, os ditos Velino
E exameno doaram o Pa-
droado do Mosteiro ao Ill.º
Munio Viegas, e no anno
De 1123 doou ao Mosteiro
O padroado e, o de Santa Sabina,
O Ill.º Payo Soares, genro de
Serrazim Viegas, Filho do
Padroeiro Munio; o qual
Serrazin, no anno de 1223,
Pelos serviços nas guerras
E o que largou á Coroa Con-
Seguiu para o Mosteiro da
Rainha D. Thereza e El-Rei
D. Affonso I, o Couto de Pen-
Durada; e no anno de 1133,
O de Villa-Mean, Ou Esca-
Marão: e outros muitos Pri-
Vilegios, Padroados d'Egrejas
E liberdade, que estes illustres
Padroeiros e seus parentes
Gratuitamente Doaram Ao
Mosteiro
Tem mais este mosteiro !A
Honra d'os dons abbades
Serem Capellães de S. M;
Mercê, Com outras Muitas,
E dos Mais Reis, concedida
Por El-Rei D. João I, Anno
1423
Estas Notas dos Pergaminhos

Originaes do Cartorio, Foram
Extrahidas, e aqui exaradas,
Pelo P. Rv.º Frei João Chrisostomo
De Santa Thereza, Anno 1764

Na Casa do Capitulo estavam os seguintes retratos:

Um de Munio Viegas, com a seguinte legenda:

Munio Viegas, 1.º Padroeiro
E grande bemfeitor d'este
Mosteiro. Viveu pelos Annos
1072

O segundo, do abbade D. Affonso Martins:

D. Affonso Martins, Penul-
Timo Abbade Perpetuo d'este
Mosteiro. Ha memoria delle
Desde o anno 1367 por diante
Assistiu as Cortes de Coimbra em
Que foi acclamado Rei o Snr.
D. João I, o qual lhe concedeu,
Para elle e seus successores
O privilegio de seu Capellão,
E concedeu outros muitos pri-
Vilegios ao Mosteiro.

Ambos estes retratos estavam pintados n'uma só tela.

N'uma outra achavam-se pintados dois retratos o de Velino e de Exameno, ambos de habitos talares, e o segundo com baculo. Tinha a seguinte legenda:

Velino, Abbade de
Santa Sabina. Fundou
Este Mosteiro pelos Annos
1059. Fez doação e
Entrega d'elle a Exameno
Monge e Abbade Benedectino,
Pelos annos de 1065.

Na tela, fronteira o retrato de Pio VII:

Pio VII, Summo Pontifice,
Chamado antes Gregorio
Barnabé Chiaramonte,
Monge Benedectino. Nasceu
Em Cesena, a 14 d'Agosto
De 1472. Foi eleito a 14
E coroado a 23 de Março De
1800.

Oh são poeticos aquelles sitios e como lindissimas são as paizagens que se contemplam d'Alpendurada, de Magrellos, de S. Lourenço do Douro, do lado opposto, de Souzello, de Espadanedo, de Lavadouros!

Como são poeticas aquellas alvejantes casinhas, brilhando na corôa, e na encosta das serras, ao escurecer lançando pelas chaminés columnas de fumo, que a prumo se erguem para o céu, e curvando-se ao mais leve sopro do vento.

Está-se preparando a ceia (o *caldo* acompanhado de um pedaço de *broa* e no entanto são felizes) para seus habitantes que d'ahi a pouco regressam do trabalho.

Sim, devemos consideral-os felizes, pois as mulheres vão entoando em côro as cantigas religiosas, que os pa-

dres lhes teem ensinado, monotonas sim, mas que não deixam de impressionar a alma.

Os homens tambem são felizes: suas crenças são inabalaveis, e vel-os-heis diariamente cantando em côro, erguidos, com o barrete ou chapeu na mão, amigos conjunctamente com os inimigos, ás ave-marias annunciadas pelo toque do sino, cujo cantico repercutido pelas quebradas da serra penetram a alma com sensações dulcíssimas.

Homem da cidade, ide ali ver o Douro, sereno no tempo de verão, escumante e furioso no inverno, quando soberbo com suas aguas, carrancudo, impaciente por não ter margens largas como o Tejo ou o Sado, vae pressuroso lançar suas aguas no Oceano, mas quasi sempre depois de ter feito victimas e grandes estragos.

Não vos fieis porém muito n'elle, nem sequer no estio, que elle é traiçoeiro: sua corrente póde-vos arrastar para algum pégo, e então ai de vós!

Mas como são encantadores aquelles vinhedos entrelaçados nas carvalheiras, sendo necessario recorrer a escadas para lhes colher os dourados fructos!

Aquellas mattas de medronheiros e de murtas que embalsamam os ares com seus dulcissimos aromas.

Aquelles barcos que em todas as direcções sulcam as aguas do Douro, e o arraiz, governando com uma das mãos a espadella, já para Bayão, já para Resende [1] e com a outra embocando uma buzina da qual se serve para chamar de longe as pessoas para as quaes traz mercadorias.

Alguns d'aquelles borcos não teem vento sufficiente

---

[1] Para a direita e para a esquerda. Termos usados pelos marinheiros do Douro.

para romperem contra a corrente, mas lá vão pela margem os bois n'uns sitios, n'outros os homens, alando-os por meio de cabos : mas que trabalho tão penoso!

Por ali não ha as terriveis sazões, mas a sarna é vulgarissima na gente pòbre.

Como são animadas as romarias, sempre annunciadas pelo Zé Pereira [1], como são elegantes e variados os trajos, e como por alli se encontram peregrinas bellezas.

Uma das mulheres mais lindas que tenho visto na minha vida foi em Villa Boa do Bispo.

Havia dois dias que tinha casado com um ferreiro.

E outra, sua rival em belleza, via-a vendendo loiça em Valadares. [2]

Encanta-me aquella egreja d'Alpendurada, fascina-me e deve fascinar a todos os amantes das lettras.

Alpendurada foi a arca de salvação, que no meio de tantos cataclysmos, trouxe até nossos dias tantos e tantos documentos historicos, uns já publicados, outros ainda ineditos, mas dos mais antigos e preciosos que se conhecem, mórmente para a historia dos usos e costumes d'este territorio, hoje chamado Portugal, em tempos ainda muito distantes da fundação da nossa monarchia.

Darei noticia d'alguns para corroborar a minha asserção.

1 Anno 870. Carta de doação dos bens de Cartemiro e de sua mulher Astrili á egreja de Santo André na villa de Sosonello. Vem publicada em RIBEIRO, *Dissertações Chronologicas*, I, e em PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA, *Diplomata*. I).

---

[1] Um bumbo e um tambor;

[2] Estação do caminho de ferro do Douro, em seguida á de Villa Nova de Gaia.

2 Anno 874. Doação dos filhos dos dois antecedentes, por nome Goton, Fofino, Astrilli, Arguiri, Vestrimiru, Quinilli e Aragunti, á mesma egreja de Santo André.

3 Anno 955? Ajuste de venda de bens moveis e immoveis na villa de Vemieiro junto ao Douro. M. H.

4 1:017. Ajuste de venda d'um couto na villa de Louredo. M. H.

5 1:021. Ajuste de venda de bens na villa de Sanguinhedo. M. H.

6 1:024. Ajuste de venda de uma herdade na villa de Adães. M. H.

7 1:024? Cede Tromosindo Romariquiz a seus filhos os bens que possuia entre os rios Paiva e Alarda. M. H.

8 1:044. Ajuste de venda de parte d'uma casa e de terras sitas no monte Cordova junto do rio Leça, ajuste feito por Moquina e sua filha Godregoda. M. H.

9 1045. Entrega dos bens de Rodosilo e de seu filho situados na villa de Sardoirinha, a Monio Viegas e sua mulher por estes terem livrado aquelles da pena d'um certo crime. M. H.

10 1:046. Uma certa mulher por nome Justa Meitinho faz doação de certos bens que possuia na villa de Alariz a um certo joven, e o adopta por filho, com a obrigação d'este a sustentar em quanto ella viver. M. H.

11 1:047. Composição espontanea dos litigantes ácerca da posse da egreja de Santa Maria e dos seus bens na villa de Banhos. M. H.

13 1:047. Doação de D. Ogenia a seu sobrinho de certos bens immoveis que possuia nas aldeias de Cabanellas e de Sozello. M. H.

13 1:048. Doação d'um certo pomar feito por um certo Trastemiro Monizi. M. H.

14 1:054. Matrona e Goda fazem commum entre ellas o dominio dos bens que possuiam na villa de Eandiães. M. H.

15 1:056. Permutação d'uma certa fazenda na villa Codes (?) por outra na villa de Sousella. M. H.

16 1:059. Viliulfi Miron vende ao abbade Velino, dois campos, e dá-lhe de presente um outro. M. H. Bellita tambem presenteia o mesmo abbade com outro. Antilli tambem o presenteia com uma terra. M. H.

17 1:059 Uma certa Eugenia faz doação de dois campos ao abbade Velino e á egreja de S. João d'Alpendurada. M. H.

18 1:060. Tendo um certo Pepi e sua mulher Fedegundia pago uma multa judicial por elle e livrado da prisão a Fromosindo Fernandiz, este, sua mulher Maria e filha Eilenna entregam certos bens a seus bemfeitores situados na villa de Bial e n'outros logares. M. H.

19 1:061 Doação do dominio de certas egrejas feita pelo presbytero Fromosindo ao presbytero Sindila.

20 1:062. Fromosindo Fromariguiz desherda um filho por causa de desobediencia, e reparte pelos outros os bens que possuia entre os rios Paiva e Alarda.

21 1065. Tello Gundisalviz institue a egreja de S. Salvador na villa de Joannes herdeira de todos os seus bens.

22 1:065. Venda d'uma casa feita pelo presbytero Selges e Justo e Bando e Sunila a Monio Benegas, sua mulher Uniscu Selies, e ao presbytero Vendino.

23 1:065. Carta de doação de certos bens feita por Velino ao presbytero Exemeno. M. H.

24 1.065. Inventario ou descripção dos bens immoveis que Sarracino e Sarraciniz e irmão e irmã tinham deixado em testamento a Alpendurada.

25 1:066. O nobre varão Garcia Monniniz e sua

mulher Gelvira doam os amplissimos bens que possuiam a D. Garcia, rei da Galliza, ficando comtudo com o uso fructo. Mon. Hist. e Rib. Dis. Chronologicas. I. N'este importantissimo documento encontram-se varias povoações ainda existentes: Bem viver, Outrambos Rivulos, Sandi, Baiam, Villa Cova, Penna Alba, etc.

26 1:067. Ajuste de venda da quinta parte da villa de Vimieiro.

27 1:067. Inventario de certos bens doados por varias pessoas e tempos á egreja de S. Martinho de Fornellos.

28 1:068. Um homem nobre por nome Monio Egeas e sua mulher Unino doam ao mosteiro de S. João d'Alpendurada algumas egrejas e parte de egrejas.

29 1:068. Como por causa de crimes o pretor ou juiz Monio Benegas tivesse mandado cegar a Didaço Arvaldiz, a mãe, irmãs e irmão do reu condemnado entregam ao mesmo Monio Benegas um predio *(prædium)* que possuiam na villa de Lodoeiro.

30 1:068. O rei Garcia doa ao seu fiel Munio Venegas alguns bens immoveis.

31 1:070. O rei Garcia faz uma amplissima doação de villas, predios, e mosteiro junto do rio Douro a Adefenso Ramiriz.

32 1:070 Ajuste de venda d'alguns bens immoveis na ilha de Fornellos.

33 1:071. Addaulfo Sesgustiz doa um certo espaço em volta da egreja de S. João d'Alpendurada e parte d'uma certa fazenda *(prædium)* na villa de Ordonho aos monges que viviam no mosteiro referido.

34 1073. Doação feita ao Mosteiro d'Alpendurada de certos bens que Gavino e sua mulher Ouneca possuiam nas villas de Molnes e Trapero.

35 1:074. Aurodonna e filhos doam a quarta parte da egreja do Sosello á de S. João d'Alpendurada.

36 1:076. Viliato e sua mãe Manili doam ao mosteiro de S. João d'Alpendurada parte do dominio das egrejas de S. Pelagio e de S. João de Sinfães, e varios bens immoveis nas villas de Ludacim e de Villar.

37 1:076. Ajuste de venda de bens immoveis na villa de Moimenta e no logar de S. Fins junto do rio Paiva.

38 1:076. Arias Marvaniz doa a Alpendurada metade dos bens adquiridos, e outros herdados na villa de Sinfães.

39 1:077. Ajuste da venda de alguns campos junto da egreja de S. Mamede de Ordoni.

40 1:078. Garcia Didaciz doa ao mosteiro d'Alpendurada a quinta parte dos bens que possuia na villa d'Alariz.

41 1:078. Maior Menendiz lega ao mosteiro de S. João d'Alpendurada todos os seus bens debaixo da condição de os monges lhe fornecerem o necessario para a vida, e de a interrarem depois de morta.

42. 1079. Eldonza Loveriquiz doa ao mosteiro de S. João d'Alpendurada a villa de PAÇOS.

43 1:079. Travada questão entre Exemeno, abbade do mosteiro de S. João d'Alpendurda, e Onegildo acerca de certos bens immoveis, que o presbytero Sendila havia legado em testamento áquelle mosteiro, e subindo a questão á presença do juiz, reconhece finalmente Onegildo ter andado mal, e faz cedencia dos bens.

44 1:079. Godo Muniz, mãe de Lucido Sarraciniz dôa ao filho seus bens moveis e immoveis. seculares e ecclesiasticos, retendo comtudo uma parte dos mesmos bens, em quanto ella viva fôr, accrescentando algumas condições onerosas ás doações. [1]

---

[1] N'uma obra do grande escriptor Camillo Castello Branco vemos que em Alpendurada havia alguns livros importantes.

45 1:080. Garcia Ramiriz e Ledegundia, sua mulher legam em testamento ao mosteiro de S. João d'Alpendurada a quinta parte dos bens, que possuiam, tanto moveis, como immoveis, seculares ou ecclesiasticos.

46 1:080. Leoderigo Leoderiguiz, presbytero, dôam aos filhos da irmã ou do irmão a sexta parte da villa de Loriz, a qual possuiam por direito hereditario.

47 1:080. Pacto de venda da quarta parte de certa fazenda na villa de Souto, feito por Lili prole de Pinnioliz o favor do abbade Eximino.

48 1:081. Egas Moneonir, depois de feito seu testamento, nomeia a sua irmã Ermesinda, administradora dos bens, e tutora dos filhos, que ella deixasse, quando fosse ferido pela morte, e accrescenta outras prescripções como codicillo á nomeação da tutora.

47 1:081. Pacto de venda de parte d'uma fazenda (*proedi*) feito por Monio Garcia e sua mulher Gelvira Venegas a Sarrarino Osoriri e a sua mulher D. Ermesinda, prole de Trastamirri.

50 1:082. O abbade Sando entrega por doação uma parte do dominio, que tinha na egreja de S. Martinho de Paçôo, ou por successão, ou por acquisição, a Muniz Venegas e sua mulher Unisco Trasterririz, debaixo da condição de fornecerem ao doador o que lhe fôr necessario, e de serem seus defensores.

51 1:082. Vivilli Sarraciniz lega ao mosteiro de S. João d'Alpendurada, fazendas (*proedia*) na villa de Figueiredo e de Pousada, que de seu pae lhe tinham tocado por direito hereditario, e uma parte da herdade (*fundi*) em Villa Maior, a qual tinha herdado de sua mãe.

52 1:083. Anserico, presbytero, lega metade dos bens tanto hereditarios, como adventicios, os quaes possuia nas villas de Cresconi, de Fiães, e de Ansemil, a

Didaco Cidiz, e sua mulher, e ao presbytero Ero, filho do doador, ficando comtudo salvo para si e uso fructo.

53 1:083. Pacto de venda de meia herdade na villa de Sinfães.

54 1:083. Pacto de venda de metade de certa herdade na villa de Ortigosa.

55 1:084. Pacto de venda feita por Ebrilli e Suillo de metade d'uma herdade em Villa Cova.

56 1:085. Onega Venegas lega a sexta parte d'uma herdade na villa de Pousada no mosteiro d'Alpendurada.

57 1:085. Pacto de venda d'uma muito grande herdade na villa de Sande, por Tequilo, prole de Froilaz a Pelagio Gundisalbir e sua mulher Gelvira Fernandir.

58 1:085? Pacto de venda d'uma herdade na villa de Paredes pelo bispo Sisnando e a Goysenda.

59 1:085. Permutação d'um pequeno campo por outro feita pelo presbytero Ramiro e presbytero Tederigu a D. Maiorina.

60 1:085. Fernando Adulfir lega ao mosteiro de S. João d'Alpendurada, todos os seus bens immoveis na villa chamada de Complentes, constituindo colonos dos monges os filhos ou irmãos, que n'aquelle sitio cultivarem a terra.

61 1:086. Egas Ermigir e sua mulher Gontina legam ao mosteiro de S. João d'Alpendurada uma parte de certa herdade (*fundi*) e outro predio rustico no logar chamado Lederir. Accrescentam parte d'uma fazenda (*praedie*) situado em Paredes, e casas na margem do Douro junto de S. João.

62 1:086. Maiorina Florencia lega em testamento ao mosteiro de S. João d'Alpendurada em certa villa, situada perto do rio dos Ladrões, todos os bens moveis, que possuia.

63 1:086. Onega dôa ou lega a Alpendurada varios bens immoveis, que possuia na villa de Cavalões.

65 1:087. Fernando Jerminas dôa ou lega ao mosteiro de S. João d'Alpendurada varios bens nas villas de Ortigosa e de Figueiredo, e uma parte do dominio da egreja de S. Jacob de Pi̇̃oes.

65 1:087. Pacto de venda d'uma herdade na villa de Christoval, feito por Didagu Oueitiliz e D. Ermesinda.

66 1:087. O monge romano dôa ao mosteiro de S. João d'Alpendurada a sexta parte que possuia das herdades (*fundorum*) nas villas de Celgana, Cannas e Quintanella.

67 1:087. Uma certa Birilli, por causa dos beneficios, que lhe fez, dôa, a Eldonza, os bens, que possuia na villa d'Alvarenga, e n'outros logares, adoptando-a como filha.

67 1:089. Alvito Petriz e seu neto Abdela Gatoniz deram ao mosteiro de S. João d'Alpendurada uma certa herdade n'um logar chamado Fornos.

68 1:089 Pacto de venda feito por Sisverta de varias partes de herdades situadas em differentes logares.

69 1:089 Testamento em que Menendo Froilaz lega ao mosteiro de S. João d'Alpendurada uma herdade, que por compra tinha adquirido no logar chamado Loureiro.

70 1:090. Onega Onega Ordoniz vende ao mesmo tempo a tres compradoras que parecem irmãos, varios bens immoveis, sitos em varios logares, e havidos por direito hereditario.

71 1:090. Testamento no qual Erus Stephaniz e sua mulher legam ao mosteiro d'Alpendurada parte de uma herdade.

72 1:090. Vivilli Sarrancinis institue por herdeiro ao mosteiro d'Alpendurada dos bens que não só tinha de seu marido recebido em arrhas, mas tambem houvera de sua mãe por direito hereditario, porem a uma parte d'elles deixa a um certo Sisnando, em quanto vivo fôr.

72 1:090 Pacto de venda de herdades nos logarés de Pousada, Nogueira e S. Fins, feito por um certo Argelo a Garcia Eitaz a Didago Eitaz e á mulher Ermezinda.

74 1:090. Ermezinda Mooiz e sua irmã offerecem ou legam ao mosteiro de S. João d'Alpendurada tres casinhas n'umas certas salinas situadas perto da Foz do rio Leça.

75 1:090 Pacto de venda d'uma certa herdade chamada Penellina, situada perto de Castro Mau, feito por um certo Pelaio Petriz.

76 1:090 Trastemiro Muniz lega ao mosteiro de S. João d'Alpendurada varias herdades nas villas de Vimeiro, de Pedorido e n'outros logares.

77 1:091 E'um só testamento dois irmãos legam ao mosteiro de S. João d'Alpendurada algumas partes de herdades em logares incertos.

78 1:091 Pacto de venda feito por Santola d'uma certa herdade junto da villa de Pousada.

79 1:091 Gelvira Pelairi lega em testamento ao mosteiro de S. João d'Alpendurada muitas herdades e todos os outros seus bens.

80 1:091 Pacto de venda feito por Gelvira d'uma herdade na villa de Cavallões.

81 1:091 Flamula Gomiz ou lega ou doa ao mosteiro de S. João d'Alpendurada uma herdade no logar de Todesindes, e metade d'uma fazenda junto da Foz do rio Feveros.

82 1:092 Pacto de venda feito por Piniolo Ovequici e sua mulher Gutina Viliulfici de parte de uma herdade na villa de Pindello.

Á vista do exposto vê-se quão grandes serviços prestaram ás lettras os monges d'Alpendurada conservando-nos aquelle tão grande numero de documentos publicados nos Monumentos Historicos. Muitos porem ainda jazem ineditos á espera que este trabalho tão importante, parada ha tantos annos, entre outra vez em via de publicação.

Encontramos porem muitos outros publicados nas Dissertações Chronologicas de João Pedro Ribeiro.

«Aos que attentamente reflectirem no estupendo e gigante phenomeno das grandiosas e quasi innumeraveis fundações religiosas dos primeiros seculos da monarchia, [1] e d'aquelle que precedeu a separação de Portugal, não póde deixar d'occorrer que causas mui poderosas, convicções profundas, d'estas que se apoderam do espirito, e movem o coração humano para um certo objecto, semearam no territorio, então ou mal, ou apenas povoado, d'este reino, tantos mosteiros, tantas egrejas, e outros sanctuarios, em um tempo que as grandes riquezas do commercio e industria eram desconhecidas, e o amor das artes pouco derramado.

Mas não era só o dispendio da fundação e construcção material das casas, templos e mais officinas. Eram os meios do sua conservação e duração, eram as dotações de propriedades, e outras rendas necessarias ao entretenimento do culto e dos monges e sacerdotes que o serviam.

---

[1] João da Cunha Neves Portugal: Das antigas fundações religiosas, e do espirito dos fundadores. Panorama de 1814, pag. 357.

Estas causas, estas convicções productoras d'aquellas fundações foram o principio religioso e o principio fidalguesco.

A mudança dos tempos e dos costumes teem alterado muito as cousas.

A lucta dos christãos que escaparam á destruição do imperio gothico nas Hespanhas, com seus oppressores os mouros d'Africa, começou com alguma apparencia de bom successo por meado do seculo VIII nos montes das Asturias e da Galliza, que a estes avisinhavam, sustentados pelos successos de Pelagio.

Este principe, primeira tige da restauração da Peninsula, se havia refugiado n'uma caverna com alguns de seus valentes e fieis companheiros.

Á roda d'elle se agruparam n'aquellas serras as reliquias dos christãoes expulsos de todas as outras provincias hispanicas.

E foi este punhado de briosos que se propozeram resistir ao imperio dos kalifas e ás maximas do alcorão.

A crença religiosa não menos que o amor da independencia influiu n'esta resolução, e logo ahi n'esse segundo berço da Peninsula catholica se fundou a egrejinha, e pequeno mosteiro de Cavadonga, consagrada á Virgem Mãe de Deus, na mesma gruta, que escondeu e asylou as reliquias dos godos.

Pouco depois foram alargando o circulo do seu novo dominio, ganho á ponta da lança.

Ora repellidos, ora avançados, chegaram em fim a reconquistar a Galliza com Portugal até o Douro em tempo de D. Affonso III, o Magno, pelo reino de Leão até ao Douro. E esta fronteira ficou sendo por um longo periodo de tempo o limite do imperio christão: e d'aqui vem que D. Fernando o Magno por meiado do seculo XI ainda chamava Estremadura ás quatro villas

que marcavam aquella divisão em Portugal, quando lhes deu foral, reformado depois por D. Affonso Henriques, conservada a mesma denominação até os tempos d'el-rei D. Affonso II, que o rectificou em 1218.

Estas bahias continuamente atacadas pelas invasões mussulmanas não foram rotas senão momentaneamente pelas victoriosas armas d'Almansor nos fins do seculo X, o qual atravessou a Beira e Minho, e chegou a S. Thiago de Compostella, mas ás avessas os reis de Leão, Ordonho, Ramiro, Affonso o Magno, Affonso V, e D. Fernando, seu filho atravessaram a Lusitania até o Mondego, e d'elles o ultimo, pela conquista de Coimbra assegurou a possessão das tres provincias do norte.

Os filhos d'este, successivamente, D. Garcia, D. Sancho e D. Affonso VI, confirmarnm a denominação, augmentaram as forças e guarnições de praças por este lado, trouxeram povoadores do Minho e Galliza para os estabelecer junto ao Mondego, e tudo pouco a pouco se foi melhorando, altivando e povoando.

Um dos poderosos elementos de cultura, povoação e policia, foram as fundações religiosas, coevas da conquista, porque o espirito dos reis e dos povos fortemente impreguado da crença catholica, ao mesmo passo que estabelecia a independencia e o senhorio nas terras restauradas, ahi assentava egualmente o culto religioso. E' este um facto conhecido e indubitavel. Ahi estão as historias todas, ecclesiastica e profana que o attestam. Mas a philosophia dos factos, a analyse reflectida sobre o espirito da epocha veem em auxilio d'esta affirmativa.

A vida social da epocha estava concentrada dentro de estreitos limites.

O amor da independencia, e a crença moral eram as duas molas da sociedade: da primeira nascia a pro-

fissão militar: todos os homens eram soldados, e d'estes os senhores do territorio eram os commandantes naturaes e os generaes.

O systema dominante fazia que o solo assim dividido em pequenos senhorios tivesse uma administração e uma pequena côrte do senhor. E este não faltava em cercar-se d'aquelles elementos de sua estabilidade e de esplendor que davam relevo e consideração a seus estados.

Assim que, a par d'um castello, ou casa forte, edificavam uma egreja, e um mosteiro, cujos habitadores eram os seus capellães, os seus notarios, os seus accessores na paz, e os que ficavam orando e pedindo a Deus o bom successo de suas emprezas nos tempos de guerra. Do mesmo principio religioso procedia tambem que algumas das fundações eram feitas ao modo de restituições, e de composições com a propria consciencia. Succedia que a licença da vida militar, a violencia de senhores e potentados, que tinham fraco freio nas leis, e na opinião, se demaziassem em depredações, damnos e extorsões do alheio, em mortes e outros maleficios causados em seculares ou ecclesiasticos, chegando as visinhanças da morte davam rebates a estes poderosos malfeitores os brados do remorso, indefectiveis em homens de crença moral: que fazerem num tal apuro?

Tratavam de remediar a seu modo d'intender os males causados, e applacar a justiça divina. Deixavam em seus testamentos legados pios, destinavam fundações religiosas, instituiam capellas e suffragios, e para sua permanencia e perpetuidade davam-lhes rendas.

N'um documento do antigo mosteiro de Pedroso leo o author do Elucidario uma d'estas disposições d'ultima vontade, em que um fidalgo da Beira constituia uma capella com certos rendimentos — em commemoração

dos homens (dizia a verba do testador, que matei, mandei matar, e ajudei a matar, para dizer missas de sobre o altar.

Á imitação dos grandas senhores os mesmos individuos particulares, os menos abastados se compraziam em dar a vida, ou legar para depois da morte, uma parte de seus bens às egrejas e mosteiros a fim de participarem de suas orações e indulgencias. E assim se foram fundando e dotando a maior parte d'ellas á custa do espirito religioso dos povos, e não por doações regias.

Os mosteiros antiquissimos de Cette, Bagauste, Soalhães, Pendurada, Castro d'Avellãas, Refoios, S. Jorge, Campanhã, Ansede, Maia, S. Salvador de Lavra, de Manzellos, de Fiães. de Longovares, Meinedo, Morceva, Santo Thyrso, Grijó, Varzea, Pombeiro, Montelongo, e innumeraveis outros, foram fundados por senhores portuguezes, accrescentados e augmentados por deixas e doações particulares, pela devoção dos povos. Se assim não fôra, não contariam os ultimos duzentas familias em o numero de seus padroeiros, como é certo tinham inscriptas nos seus annaes.

Os reis não podiam deixar de participar d'esta disposição geral dos espiritos. Elles eram os mais ricos e poderosos, os primeiros interessados nos beneficios e na influencia dos principios religiosos, e na extensão do culto e por isso não admira, antes era muito natural que se distinguissem n'estas fundações, que, alem dos beneficios religiosos, lhes traziam acquisição de força, poder e estabilidade. D'ahi muitas de nossas famosas cathedraes, alguns dos mosteiros e conventos, e grande parte das casas e rendimentos das tres ordens militares. A dynastia de Borgonha principalmente se avantajou n'estes monumentos de sua devoção, e aon-

de D. Henrique e sua consorte, D. Affonso Henriques, a rainha Santa Mafalda, e outros de seus filhos e netos, el-rei D. Diniz, a rainha Santa Isabel, D. João I, o fundador da dynastia d'Aviz, e ainda alguns outros das seguintes não pódem ser omittidos n'esta resenhas dos principes devotos.

Os dois livros mais antigos [1] que possuimos de historia patria, são o livro velho das Linhagens, e o Nobiliario do conde D. Pedro. E ambos elles nos fornecem prova irrecusavel de que as fundações religiosas dos primeiros tempos de Portugal, procedentes sem duvida do principio moral e da larga crença da epocha, tambem participavam do espirito cavalheiresco do tempo.

O livro velho das Linhagens assim começa: Por saberem os fidalgos de Portugal de que linhagem vem, e de quaes terras e de quaes coutos, honra e igrejas são naturaes, fazemos escrever este livro.»

E mais abaixo: «E porque muitos não sabem o linhagem, e são naturaes e padrões *(padroeiros)*, de muitos mosteiros e de muitas igrejas, e de muitos coutos, honras e terras e as perdem com mingua de saberem de qual linhagem vem. E outros se fazem naturaes de muitos logares, onde o não são, porque desdo tempo d'el-rei D. Affonso, o que ganhou Taledo, e ca foram feitos os mais dos mosteiros e das igrejas, dos coutos, e das honras: cá tempo d'este rei que reinou longamente foram muitos ricos homens e infanções que hora poremos por padrões, onde descendem os filhos d'algo.»

---

[1] Id. id. pag. 368.

O Nobiliario na introducção, enumerando da mesma sorte as rasões que determinaram o seu auctor a escrever o seu livro, aponta entre ellas a septima que diz—«por saberem de quaes mosteiros são naturaes e bemfeitores.» De modo que um e outro se accordam em referir os mosteiros e egrejas como um titulo de nobresa de seus fundadores, não menos do que um apanagio da fidalguia das familias illustres.

Dizemos apanagio, e sem impropriedade, porque as fundações não eram puramente graciosas. No principio, isto é, desde as emprezas mais consideraveis, feitas pelas potencias christãas sobre os mouros da Peninsula, ahi desde o seculo VIII até aos fins do X estas fundações recahiam no dominio laical: os chefes da egreja mesmo auctorisavam isto, porque todo o ponto consistia então em restabelecer o culto nas terras novamente restauradas do poder dos mouros, e a necessidade fazia que se alliciassem assim os homens poderosos unicos que eram asados para levantarem á sua custa os monumentos do culto.

D'aqui proveio que o fundador d'um mosteiro ou egreja, era como o proprietario d'ella, e a transmitia na sua herança a descendentes e herdeiros, era um dominio, como outro que se devolvia e partilhava, se doava, e vendia, etc., etc.

Esta disciplina durou, em quanto existio a causa que o permittio e tolerou. Em Portugal, pelos fins do seculo X o conde D. Sisnando, governador do territorio por el-rei D. Affonso VI, fez doações de muitas egrejas a Lorvão, e a outras corporações por quanto estavam no seo dominio. Logo depois d'elle o conde D. Raymundo e sua mulher D. Urraca doaram á Sé de Coimbra o celebre mosteiro de Vaccariça, e o conde D. Henrique com sua esposa a rainha D. Theresa, davam á mesma Sé o

proprio mosteiro de Lorvão, a mais ampla e pingue doação que jamais se fez a cathedral alguma.

Que taes seriam os abusos e inconvenientes d'este estado de cousas, facil é conjecturar mesmo pelo absurdo da instituição.

Era pôr o culto e os ministros d'elle ao arbitrio d'um homem, ordinariamente orgulhoso e desregredo, como eram os grandes senhores dos tempos feudaes.

Grande numero d'elles absorviam todo o rendimento destinado e indispensavel áquelles dois objectos, e faziam dos mosteiros theatro de seus passatempos, e de suas dissipações.

Os monges eram seus capellães e operarios, porque quasi só para elles trabalhavam.

E ainda isto era ás vezes momentaneo e incerto, porque devolviam a seu arbitrio o dominio do mosteiro, a outro senhor, talvez mais despota do que o antecedente.

Esta disciplina não podia durar sempre.

Em 1090, Affonso VI de Leão pediu á Santa Sé modificações d'este objecto, e os legados apostolicos com os bispos e mais prelados da Peninsula catholica estabeleceram que se observassem na Hespanha os canones da Egreja universal a tal respeito, cassada assim a faculdade que fizera n'estes paizes.

O costume, porém, estava arreigado, era difficil de extirpar.

O abuso continuava, pois, e em 1114, no concilio de Leão, em que assistiu a corte com a rainha D. Urraca, e seu filho Affonso VII ainda menino, os padres ali reunidos estabeleceram como primeiro canon: Que nenhum leigo ousasse violentar ou opprimir as egrejas consagradas ao culto, nem os ministros d'ellas: nem tão pouco a suas propriedades.

Antes, pelo contrario lhe fossem restituidas as herdades e serviçaes, que lhe tivessem sido tirados.

N'este tempo reinava já em Portugal a rainha. D. Thereza, e ella e seus successores tiveram grande cuidado na defensa da liberdade e immunidade das egrejas e suas terras.

A lucta foi longa e tenaz, porque ainda em tempo d'el-rei D. Fernando encontramos as queixas dos prelados da provincia d'Entre Douro, e Minho principalmente, clamando:

Que os fidalgos se introduziam nos mosteiros a titulo de seus naturaes (descendentes dos padroeiros, fundadores ou bemfeitores) invadiam as cellas dos ovençaes (padres da governança e administração da casa) a cosinha, a adega, o celleiro, e d'ahi tiravam por suas mãos o que lhes parecia, para elles, e para sua comitiva de homens e mulheres, para seus cavallos, aves e cães de caça. [1]

Era, porém, isto um abuso e extorsão porque as leis dos reinados anteriores haviam já prescripto as rações e reconhecenças devidas aos padroeiros, consistindo em certa quota annual de fructos, e em certos jantares na occasião em que ahi fossem pousar: alem de certas deferencias de honra e distincção, quando succedesse assistirem ás funcções religiosas da communidade.

Com o decurso do tempo se foram abolindo, esquecendo e perdendo estas prestações, e ficaram apenas substituindo as de honra e distincção.

O auctor da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza produz uma passagem d'um livro do Mosteiro

[1] Id. id. pag. 368.

do Grijó, e n'esta se nomeavam em primeiro logar — Os ricos homens: depois — os infanções.

A estes seguiam-se os cavalleiros, e por fim os escudeiros de sangue.

E acrescenta o auctor da Historia Genealogica:

Foram estas comedorias, ou rações muito estimadas dos fidalgos, padroeiros, e naturaes dos mosteiros.

De sorte que os grandes, ricos homens, e infanções que as não tinham, as procuravam por todos os meios, ás vezes á força, e com cartas dos reis, como foi D. Alvaro Peres de Castro, o velho, no mosteiro de Grijó, Vasco Martins de Sousa, D. Violante de Sousa etc. E estas taes comedorias se tinham como prerogativas de grandeza e distincção de sangue illustre, assim pelos padroeiros, como pelos descendentes d'aquelles, estendendo-se em vinculos e allianças, se multiplicaram em tão grande numero que os religiosos não podiam cumprir seus encargos e obrigações espirituaes.

O mosteiro do Paço de Sousa offerece uma prova curiosa do estado de relaxação a que os conventos tinham chegado no seculo XV. [1]

Mas os antigos documentos nos offerecem muitas mais: e nos historiadores as achamos tambem, da audacia e soberba que os monges ajuntavam aos seus vicios.

E podemos affoitamente affirmar que os frades de nossos tempos eram modelos de virtudes e de sciencia, comparados com seus rudes e dissolutos antecessores.

D. Fr. Alvares Paes, que floresceu do seculo XIV, e que tão celebre foi por seus extraordinarios taledtos; e

[1] O Panorama, vol. 2.º pag. 67.

pela severidade do seu procedimento, faz, no livro, que intitulou do Pranto da Egreja, uma triste descripção do estado de desordem e immoralidade, a que tinham chegado os regulares de ambos os sexos; e ainda que, como suspeita João Pedro Ribeiro, elle fallasse talvez dos outros paizes, comtudo, ha por outra parte, sobejas provas de que as suas palavras eram tambem applicaveis a Portugal.

Já no reinado de D. Affonso II a audacia monastica tinha subido a tal ponto que o prior dos dominicos fr. Sueiro Gomes publicava leis civis e criminaes, por sua conta, e sem consentimento d'el-rei, o qual se viu obrigado a impôr graves penas a quem quer que as executasse.

O cisterciense fr. Antonio Brandão diz que D. Affonso escureceu com isto o fim do seu reinado: como se fosse um crime espantoso o não consentir em que os frades legislassem em logar do monarcha e das côrtes, a quem isto incumbia, embora, como alguem pretende, estas leis se dirigissem contra os dissidentes da egreja catholica, ou contra os mouros e judeus.

Ainda que os documentos dos tempos antigos sejam mais escassos, com tudo ha um notavel do mosteiro de Pombeiro, que pertencia aos bentos, pelo qual consta que, sendo nomeado para abbade d'elle um frade bernardo, os monges o não quizeram reconhecer, porque, alem d'outros motivos, era um homem dissoluto e gastador.

O novo abbade concluiu summariamente a contenda, mandando enforcar um dos monges em frente do mosteiro.

Por fim os frades chegaram a um accordo com o abbade, sendo posto fóra o forneiro, que fôra quem servira de carrasco.

Passou-se este caso nos annos de 1215, n'aquelles bemditos tempos, dos quaes fr. Luiz de Sousa tanto nos falla, e aos quaes tanto encarece.

No reinado d'el-rei D. Diniz requeriam as freiras publicamente a el-rei lhes legitimasse os filhos, declarando em seus requerimentos quem era o pae, ainda no caso d'este ser casado.

Nas côrtes celebradas em Evora, segundo diz Viterbo, no anno de 1411, se fez uma pintura medonha do estado de dissolução, a que tinha chegado o clero tanto secular como regular, pedindo os povos a el-rei providenciasse no caso.

Ahi se mencionam os codventos ou associaçõss que havia, á maneira de mosteiros, mas sem pertencerem a ordem alguma, e que, só serviam de capa á corrupção e á immoralidade.

Qual era este estado se póde conhecer d'um facto occorrido em Recião, no seculo xv.

Era abbadessa d'este convento uma certa Clara Fernandes, havendo no mosteiro mais duas freiras. Ligou-se a abbadessa com uma d'ellas, e disfarçadas em trajos de homem mataram a outra.

Clara Fernandes passou a Santarem, onde casou: e matando d'ahi a pouco o marido, invocou o seu fôro ecclesiastico como abbadessa, e sendo remettida ao bispo de Lamego, em cuja diocese ficava Recião, foi absolvida e restituida ao seu cargo.

Ainda no tempo d'el-rei D. Manoel estas desordens do claustro proseguiam no mesmo estado. N'aquelles tempos ainda para as freiras não estava estabelecida a restricta clausura.

Extinguindo-se alguns conventos nos bispados do Porto e Lamego, foi exceptuado o de Vairão, porque ali se observava a clausura restrictamente, não podendo

sahir fóra nenhuma das freiras do mosteiro, salvo a abbadessa e procuradora.

Concedendo certo bispo licença a uma freira benedictina para viver onde lhe parecesse, em attenção á sua muita virtude e honestidade, lhe passou uma provisão, na qual se dão os seguintes motivos para a concessão da licença outhorgada: «porque temos sabido, e por experiencia visto, que sd algum mosteiro ha da dita ordem de bom viver, é tal, que ella não póde alcançar sua vivenda, ou por ser em outros reinos, ou por d'ella quererem receber o que ella não tem: pois que d'este bispado, e do arcebispado (era o de Braga) notorio é como vivem, e quão pouca religião n'elles ha, onde por honra ella tornaria atraz do seu bom viver e nome.»

O padre Antonio de Almeida Villa Nova, vulgo o padre dos Terços é um vulto digno de se pôr a par com o poeta de Xabregas [1]

Nasceu na rua das Cangostas, na cidade do Porto, no anno de 1671.

Era seu pai sapateiro, e abundante em cabedaes, assim como a mãe.

Diz o biographo que logo desde creança fôra assignalado com o indice da mão de Deus e da sua divina providencia; porque a primeira vez que sua mãe o tirou dos braços, e o poz no chão, para ver se se sustentava em pé, este com muito desembaraço e velocidade correra a lançar-se a um rosario de N. Senhora que estava distante pendurado em o braço de uma cadeira, e nelle pegou, sem que fosse possivel que ninguem lho tirasse, no que sua mãe logo fez muito reparo.

---

[1] P. Francisco Gomes de Sequeira: Vida do P. Antonio de Almeida Villa Nova, vulgo o Padre dos Terços. Lisboa, 1735, in 8.º.

Seu pai levava a mal, chamando loucura ao querer o rapazinho promover a devoção do rosario: sua mãe, porem, coadjuvava o futuro padre.

Ralhavam ás vezes com elle por vir tarde para casa, andando nos terços que naquelles tempos percorriam as ruas de Lisboa durante a noite, mas dava sempre a seguinte resposta: Ninguem tema que me aconteça perigo algum: e tomara eu que me acontecesse, para padecer alguma coisinha mais pela minha Senhora.

Alguem, porem, o notava de falta de senso, da mesma forma que fariam a mesma queixa do poeta de Xabregas, e lhe entraram a chamar o Antonio das Almas. porque obrigava seus companheiros de escola, a irem pela rua a resarem pelas almas em voz alta até chegarem á porta da escola.

E chegaram as coisas a ponto que nenhuma pessoa podia, depois das Ave Marias, andar pelas ruas catholicamente com chapéo na cabeça, porque se não passava por nenhuma rua, onde se não estivesse cantando e louvando a Deus por meio da devoção do terço.

Parecia que não tinha conhecimento algum da lascivia. E não lhe dava outro nome senão dizendo—*Aquellas cousas dos casados.*

A quem era mentiroso, chamava—*filho do diabo.*

Estudou grammatica no collegio dos padres da Companhia de Jesus, no Porto, e depois em 1699 seguio a vida ecclesiastica, e depois chamava-se a si mesmo tambor e clarim, para fazer com que os peccadores seguissem vida nova.

Fizeram-no depois sachristão na egreja parochial de S. Nicolau, no Porto, e eis porque ia á curaria da Sè, onde assistio um anno.

Passou para capellão da Misericordia, nunca esquecendo o terço da Senhora.

E por este tempo achando-se certo dia na sachristia da mesma Misericordia, para dizer a missa, depois de revestido, se chegou a elle o padre Manoel Teixeira, e lhe pedio que puzesse em certo papel o seu nome Antonio de Almeida Villa Nova.

A isto respondeu o padre: O meu nome já não é Antonio d'Almeida.

O sachristão admirado replicou: Então como lhe chamam?

Chamam-me Antonio tolo: Antonio doudo

Alguns dos padres que estavam presentes, começaram a rir, dizendo ser verdade o que o padre affirmava.

Outros, porem, disseram que tomaram elles ser como elle padre Almeida era.

Noutra occasião estava o padre Almeida no pateo da Misericordia, onde se estava fazendo um leilão, e entre outras alfaias, que alli estavam para se venderem, encontrava-se um Santo Christo de marfim, e ao qual o padre apenas o vio, lançou mão, e o apresentou a certa dignidade duma collegiada, pedindo-lhe que o comprasse, e exclamando: Este é o que nos hade salvar, que para isso morreu por vos; e não os estados de coches e carroagens, que tudo são soberbas e vaidades do mundo.

Mas o padre Almeida assim fallava, porque o tal padre vivia no luxo e na opulencia. [2]

O padre Antonio, porem, andava sempre entretido no cumprimento dos seus deveres, e apenas uma ou outra vez alongava seus passos para ir visitar a imagem do Senhor Jesus em Mathosinhos, não querendo

---

[2] Id id pag. 14.

sequer ir com seus pais e irmãos visitar outro irmão, que era abbade de S. Thiago de Priscos, perto de Braga.

Mettia-se, porem, na ermidinha do Salvador do Mundo, capellinha então existente na mesma rua das Cangostas, e nella se entregava a suas devoções.

Pouco depois convocou os moços da visinhança, comprou lampeões e cruz, e com aquelles moços, andava de noite visitando as estações todos os domingos, e os sete passos de Christo, depois das Ave Marias.

E ao mesmo tempo tractava dum sanctuario ou oratorio, que havia, mesmo defronte da casa de seus pais.

E o mesmo fazia quando estava em Lisboa, a qual quasi toda percorria numa noite, sendo ás vezes quasi manhã, quando se recolhia.

E chegaram mais tarde as cousas a ponto, que, ao toque dum sino, depois das Ave Marias, todos os meninos, moços e homens se juntavam para resarem o terço em côro.

E o mesmo veio a fazer mais tarde na capella de S. Chrispim [1], no hospital do Recolhimento de mulheres de Santa Clara, na rua dos Mercadores [2], e em varias outras partes. Os ecclesiasticos, porém, e alguns parentes, olhavam-no com má cara, pois ás vezes andava roto e menos asseiado.

Certa occasião vendo o irmão que o padre Almeida andava com uma batina rôta e menos asseiada, lhe deo uma nova; mas o padre foi immediatamente dal-a a um clerigo necessitado, e continuou a andar como d'antes.

Mas com o que mais embirrava, era com as casas de jogo.

---

[1] Ha uns vinte annos que já não existe esta egreja.
[2] Ainda existe: é uma das antiquissimas d'aquella cidade.

Entrava de supito nas casas onde estava gente a jogar, reprehendia a quem lá encontrava, e pegava nas cartas e atirava com ellas á rua. Gritava-lhes que não estivessem perdendo seu tempo a jogar, mas que fossem buscar os rosarios, e fossem rezar, pois era jogo em que nunca perdiam, e sempre ganhavam.

E elle mesmo dava o exemplo, pois sempre que do Porto ia a Mathosinhos, resava vinte rosarios na ida, e outros vinte na volta.

Todas as sextas feiras do anno, ia a Mathosinhos a pé, e sendo quaresma ia descalço. Os garotos esperavam-no pelo caminho para o escarnecerem, e mofarem d'elle. Mas o padre tratava-os muito bem, abraçava-os, abençoava-os e ria-se para elles, de modo que não tinham animo para zombarem do padre. [1]

Quando á noite via rapazes sem as contas e rozarios, perguntava por elles, e dava outras, se lhe diziam que os tinham perdido.

Estando já em Lisboa, contam seus amigos, quando chegava aonde elles estavam, vinha sempre ou rezando ou meditando n'estas jaculatorias: *Sagrada Paixão do meu Senhor*: *Meu Deus quem vos amara!*

Repetindo isto muitas vezes, então lhes dizia: *O' paesinho* dizei commigo: *Sagrada Paixão do meu Senhor*: *meu Deus quem vos amara!*

E começava então a soltar muitos colloquios com Deus e com Maria Santissima, de sorte que sabia de si.

Depois chorava, ou gritava, pois parecia não poder conter o fogo que se lhe accendia no peito com o sopro de taes jaculatorias.

---

[1] Diz o auctor que concorriam áquella romaria umas vinte e cinco mil pessoas.

Certo dia, porém, embarca n'uma caravella que do Porto ia navegar para Lisboa.

O pae, quando tal soube, pensou arrebentar de paixão, e olhando para a mãe com grandes alaridos, dizia que ella tinha creado um tolo, um doido e um mentecapto!

O pae mandou immediatamente um proprio a Lisboa para dar dinheiro ao filho, mas quando chegou á capital já o padre Almeida n'uma embarcação ia no caminho de Italia.

E depois, como peregrino, fôra pedindo esmola, chegara á Italia, e ali estivera alguns mezes.

Na Italia dizia a quantos encontrava, que rezassem. Era, porém, mui frequente responderem: Que o rezar não enchia barriga, e que rezasse elle.

Mas d'ahi a pouco levantou-se um temporal, no golpho de Leão, e muita gente caiu no mar.

E o padre ao narrar este caso dizia: *O' paesinho, elles já se não riam, antes rezavam, que se seccavam.*

Salvaram-se, porém, todos, o que fez com que desconfiassem de que o padre era um santo.

Trouxe de Roma dois breves com indulgencia de sete annos cada um. Eram destinados, um para a egreja do Salvador do mundo; e o outro para a de S. Chrispim, de quem tambem era devoto por ser da irmandade dos sapateiros, cousa de que o padre Antonio d'Almeida se ufanava, segundo diz o auctor da sua vida. [1] Mas não se esqueceu d'ir immediatamente á devoção do terço em Gaia e Massarellos. E a um rapaz nomeava zelador, com o fim de ter cuidado nos outros, e aos sabbados lhes dava veronicas em premio de terem trabalhado n'este mis-

---

[1] V. pag. 56.

ter durante a semana. E agora eil-o em caminho de peregrinação a S. Thiago de Galliza.

Certo dia indo por uma rua o padre Almeida entretido a rezar, chegou-se a elle um homem que não conheceu, mas que lhe foi fallando no seguinte theor: Padre Antonio d'Almeida, não vê o estado que tem? Assim é que estima esse caracter, a essa tão alta dignidade, ahi descalço?... Não tem vergonha do mundo, e ao menos de seus paes e parentes, que é gente honrada e de bem, que se envergonham de o verem ahi tão despresivel?

Ora não seja louco, estime-se, que isso não é santidade, antes escandalo.

O servo de Deus ouvindo isto ia muito calado; mas confessou depois que d'alguma sorte ia sentindo no seu interior uma tal frieza, que lhe parecia desistir do intento, apertando o mesmo sujeito cada vez mais com rasões mui cheias de zelo (ao que pareciam) quando este varão de Deus, já attribulado, no intimo do seu coração lembrando-se do que promettera, implorando o patrocinio de Maria Santissima que o ajudasse; no mesmo tempo olhando para o seu lado, onde ia o tal companheiro, o não viu; virando para traz o descobriu desapparecendo já muito longe, tão pequenino que mal se divisava; e tão negro como um tição (dizia o servo de Deus) olhando para traz, e dando com a cabeça, como que o ameaçava com muita raiva.

Tanto que o padre o viu assim, e o conheceu, começou a zombar d'elle. dizendo-lhe: Já te conheço, torna para cá com os teus conselhos, que eu te perguntarei: Hei d'ir assim, e assim hei de ir por amor de meu Senhor, que por amor de mim andou descalço, e tinha a dignidade de Filho de Deus. [1]

---

[1] *Id. id.* pag. 71.

Mas não só por este caso, mais ainda por outro que o leitor pode ver a pag. 72 da vida do padre Antonio d'Almeida, andava este furibundo contra os diabos, e exclamava:

Ó paisinhos, deixai-me pôr em campo com os meus terços e regimentos armados, que nos havemos dar uma batalha ao demonio, que ha de ficar destruido. Elle já anda confuso, já anda medroso; em eu acabando de completar estes regimentos, logo mando dar fogo á artilheria, e depois disso, fogo e mais fogo, que elle fugirá.

Olhai paisinhos: um rei em uma batalha, ou sitio, manda dar fogo ás peças: queima-se muita polvora; e a maior parte das balas e tiros se perdem, e vão pelo ar e mui poucas se empregam, e fazem effeito, mas cá no nosso batalhão contra o demonio todos os tiros se empregam, e nenhum se perde; não vedes que aquelles pequeninos, que rezam, são ouvidos os seus clamores diante de Deus? Deixae-me que eu o farei fugir.

E com effeito o padre mette-se n'uma caravella com destino a Lisboa; mas emquanto a vento, nada que com elle se pareça. E então o servo de Deus pega no rosario, e põe-o no mastro, e o vento logo a soprar, e o padre logo a dizer: Ó paisinho, nós a rezar, e o vento a assoprar: quanto mais rezar mais, assoprar. em fórma que já as vergas e mastros da embarcação estalavam, que pareciam quebrar.

E depois eis o padre na proa da embarcação a despedir-se da sua terra dizendo: Adeus terra, adeus parentes, que nenhumas saudades levo vossas: cá vou com o meu Senhor e a minha Senhora, nada mais quero de vós.

Desembarcou de noite, vespera do Natal do anno de 1711. Bateu a varias portas pedindo agasalho para

aquella noite: mas mandavam-no embora, tendo-o na conta de um ladrão ou vagabundo.

Resolveu-se então o padre ficar em pé dentro de uma escada.

Mas pouco depois appareceu um homem, e perguntou:

— Quem está ahi?

O padre respondeu: Que era um passageiro que tinha desembarcado d'aquella caravella, e que não achando quem lhe quizesse dar agasalho, ficava alli até pela manhã.

Ao que o homem respondeu: Venha cá, padre Antonio d'Almeida, cuida que o não conheço! Eu vim com vossa mercê na caravella: não deixará cá de ser doudo, que fica sua mãe morrendo de paixão e pena por seu respeito! Ora tenha dó d'ella, e de seus parentes, que todos sentem muito isso: não podia estar em casa de sua mãe muito regalado, pois tem cabedaes, dormindo em muito boa cama, e não aqui á chuva e ao frio sobre essas pedras? Ahi amanhecerá morto: ora acabe já de ser louco; não vê o que esta gente lhe diz: Como o despresam? Vá para a sua terra, que a caravella brevemente volta.

Dito isto com muita energia e compaixão (ao que parecia) desappareceu d'alli. E o servo de Deus confessava que n'estes termos o seu coração estava vacillante, e a sua devoção mui tibia. Comtudo olhando para si e para o que tinha passado com o Senhor de Mattosinhos, disse fallando comsigo: Antonio, não dizes tu que queres padecer martyrio pela Senhora? Pois como assim, affrouxas com tão pouco? Quaes são as tuas forças, com que vinhas? Que promessa fizeste ao senhor de Mattosinhos, quando te mandou para Lisboa? Oh! tu és tolo: pois não ha de ser assim, has de ficar aqui d'esta sorte.

E embrulhando-se outra vez na capa, se deitou sobre as pedras, e alli ficava, que depois contando isto a um seu grande amigo dizia: Ó paisinho, tu has de ir um dia lá, que te quero mostrar ainda as pedras sobre que eu estava deitado!

Começou logo [1] a pôr em execução a devoção dos terços por todas aquellas partes, onde estavam cruzes ou imagens em ermidas e oratorios, e casas particulares de cavalheiros e plebeus, que tudo logo se poz em ordem. Recusasse, quem recusasse, d'isso não fazia caso; porque para tudo vinha armado. E tanto que chegava, e dizia que diante d'aquella cruz ou nicho se havia de rezar o terço, por mais difficuldades que se lhe pozessem, tudo rompia, tudo compunha em fórma que todos abraçavam seus dictames.

E como no Porto houve quem lhe désse noticia de que a Padaria em Lisboa, era a parte em que assistiam os officiaes do mesmo officio, que seu pae tivera, de que se presava muito, tratou logo de procurar esta rua. E pedindo já por caridade um canto em que se recolhesse aquella noite, lh'o concedeu um sapateiro que permittiu que o padre dormisse em cima d'uns couros de solla.

Pelo decurso d'alguns dias, como o padre andava por fóra todo o dia e muita parte da noite para a empreza dos terços da Senhora, se recolhia muito tarde: os officiaes que trabalhavam na loja, o reprehenderam, e avizaram de que se tratasse de recolher a horas competentes: porque se queriam elles accommodar e fechar a sua porta, pois ficando-lhe aberta, esperando por elle, entraria dentro algum ladrão, estando elles dormindo,

[1] *Id. id.* pag. 93.

e lhe furtariam o que tinham protestando-lhe que se não fizesse isto assim, lhes havia pagar, o que na loja lhes faltasse. [1]

O servo de Deus os animou a que não temessem; porque nenhum caso de infortunio lhes havia de succeder.

Que rezassem elles o terço a Nossa Senhora, que tudo o mais correria por conta da mesma Senhora. Recebida a resposta com rizo, mui mal se accomodavam os moços com ella dizendo:

Que veriam como elle se haveria, se lhes furtassem alguma cousa: que não cuidasse o padre que estava lá fóra, onde ordinariamente não ha tantos ladrões.

Todavia o padre foi continuando com a diligencia dos seus terços, e o primeiro que poz foi n'aquella rua.

E d'ahi foi passando para outras partes, de sorte que dentro em um dia punha dez, doze e mais conforme os animos com que topava, que alguns a principio lhe deram muito trabalho.

A sua regra era que de dia buscava e escolhia o sitio e avizava que á noite havia de vir: e se ajustava com as pessoas que por ali achava para que depois das Ave Marias estivessem promptas: elegia logo um moço d'aquelles, que lhe parecia; e esta eleição tambem mostrava ser guiada por alguma luz superior, porque, olhando para aquelles meninos e moços, de repente pegava em um, e o escolhia para zelador d'aquella devoção na rua, ou cruz, onde era, e lhe encarregava as obrigações, que devia ter, que era, depois de Ave Marias convocar para aquelle exercicio aquelles meninos (e por estes principiava) e moços; e ter vigilancia e

---

[1] Id. id. pag. 96.

cuidado nos que faltavam para no dia seguinte lhes dizer, e delatar.

Vindo o padre á noite áquellas horas que tinha determinado, principiava a entoar com aquelles devotos, e ali estava até ao fim: para a noite seguinte não vinha, se via que estavam poucos, porque então tornava para afervorizar, e d'ahi passava a outra parte, onde fazia o mesmo; mas sempre vinha saber se se continuava com o mesmo favor; e, se algum faltava, por denunciação do zelador, ia logo ter com elle, admoestando-o, e pedindo-lhe viesse, e sem isso se não apartava d'elle: como via, que tudo se ia adiantando, não cabia em si de contente.

Foi tambem o inventor do terço do Santissimo Sacramento n'estas partes, porque dizem que nunca n'estas provincias se ouvira tal devoção em publico, como era costume na provincia d'Entre Douro e Minho, e outras visinhas.

Aos que cantavam sempre trazia suas veronicas, que para isso comprava com o dinheiro das esmollas da missa.

Certo dia santificado que o varão de Deus esteve n'esta rua, accommodado n'aquella loja, que foi no principio do anno de 1712 succedeu, que sahindo o servo de Deus pela manhã cedo para fóra, e cerrando a porta da mesma loja, onde seus companheiros ficavam dormindo, veiu um ladrão, e entrando subitamente pela porta, pegou em uma vestia nova, que um d'aquelles officiaes tinha tirado no dia antecedente de sua caixa, e a tinha pendurado para, pela manhã, a vestir e ir á missa.

E furtando-a tornou a sahir para fóra sem que ninguem o sentisse.

Levantando-se da cama o dono da vestia, e olhando

para onde a tinha pendurado, não a vendo, ficou logo sobresaltado, e rogando muitas pragas ao servo de Deus, e suppondo que elle viesse: como já a suppunha perdida, começou com muita paixão a indignar-se contra o padre dizendo: Lhe havia dar conta da sua vestia, ou lhe havia de pagar, que era nova, e lhe tinha custado tanto (dizendo o preço) e que ninguem lh'a furtára senão elle; que perdoasse Deus a seu mestre, que consentiu que elle ali ficasse, sem o conhecer, que devia ser algum ladrão simulado: e outros mais desatinos.

Ouvindo o servo de Deus estas affrontas, se não alterou nada, e só lhe disse com muita brandura: Paisinho, não te afflijas que eu vou dizer missa á egreja da Misericordia, e a Senhora Mãe de Deus te mandará a tua vestia: espera aqui: não desconfies, que a Senhora descobrirá a verdade.

O moço cada vez mais impaciente, porque não tinha que vestir para ir á missa: finalmente o servo de Deus o deixou, e se foi para a egreja da Misericordia a dizer sua missa.

Passado pouco tempo, chega á mesma loja um moço perguntando se tinha uns sapatos para lhe vender.

O official lhe mostrou alguns, e n'este ponto tendo vestido um calção irmão do panno da mesma vestia furtada, reparou o moço n'elle, e lhe disse:

Jurava eu que agora na praia andava um sugeito vendendo uma vestia irmã d'esse seu calção, e eu a tive na mão.

Começou o dono da vestia a inquirir com grande exacção onde estava aquelle moço, e quem seria: até que, sabido o caso, o mesmo denunciante se offereceu para ir com elle, e com outros visinhos, que sabiam do furto, que todos foram com muita pressa para aquella parte guiados do mesmo moço, que trouxe a noticia.

Chegando ao sitio, onde tinha ficado o ladrão, o conheceu logo assentado em uma pedra, embrulhado em um casacão e por baixo do casacão estava uma ponta da vestia apparecendo, que logo o dono a conheceu pela côr; e confirmado ser o mesmo, chegaram a elle, e sem mais demora lhe pegaram na vestia, gritando que era ladrão.

Este, tanto que se viu conhecido, cedeu logo da preza pedindo o não descobrissem, pois fizera aquillo obrigado pela necessidade.

Vieram para casa mui contentes, sentindo muito o que se tinha dito contra o padre.

Depois de terem chegado á loja, ouviram gritar o servo de Deus, do principio da rua, da parte de baixo, junto á egreja da Misericordia, dizendo: O' *Paesinho,* appareceu já a tua vestia?

Sabiu o dono da vestia e os mais que lá estavam celebrando aquella apparição, e lhe respondeu—*que sim.*

Replicou o padre: pois não te disse eu que a Senhora mãe de Deus havia descobrir quem a tinha?

Depois de postos os terços por todas aquellas visinhanças, resolveu mudar-se para outro sitio. Pois elle vivia com facilidade em qualquer parte, acostumado a pedir esmola e a entrar nas tabernas pedindo os sobejos que ficavam nos pratos (pag. 204).

E o que lhe dava cuidado era sómente a maneira como se rezavam os terços: porque, dizia elle muitas vezes, o diabo se morde por amor dos terços da Senhora. Demos-lhe esse pezar: que é nosso inimigo capital, e declarado, que nos deseja perder. Não lhe façamos o gosto. [1]

---

[1] *Id., id.,* pag. 105.

Este exercicio teve principio pelos meninos principiantes que aprendiam seus officios: depois por grandes e pequenos, dizendo a todos que viessem para baixo ás portas das suas lojas; e que as mulheres, que ficavam perto d'aquelles cruzes ou nichos, rezassem das janellas; e fóra este, que cada um rezasse em casa com a sua familia em voz alta. Quando se recolhia, que era vulgarmente á meia noite, ia sempre rezando, Ave-Maria, ou meditando em alguma jaculatoria: e passando por aquellas paragens, onde estava alguma cruz ou nicho, em que já havia posto o terço, tirava da sua campainha e tocava.

Logo alguns dos que estavam levantados lhe fallava.

Perguntava se se tinha rezado: respondendo que sim, ia por diante, e n'isto andava todo o dia e grande parte da noite, chuvendo muitas vezes de modo que ninguem podia andar pela rua, mas o servo de Deus de nada tinha medo.

Tendo estabelecido o servo de Deus por aquellas partes visinhas á Padaria, e por todo aquelle bairro a devoção do terço da Senhora apartou sua habitação d'aquelle sitio, foi discorrendo d'ali para a rua da Correaria, onde se deteve alguns dias occupado no seu costumado exercicio. D'ahi passou para a rua das Arcas, onde se dilatou algum tempo para o mesmo fim.

Chegando aqui viu o nicho, onde estava Santo Antonio, e disse logo, que á noite se havia rezar ali o terço a Nossa Senhora: que elle viria a horas de Ave-Marias.

A' noite veiu, como tinha de costume, e começou entoando.

Disse logo que buscassem quem lesse os mysterios para os mais dias: mas que a gente ainda era pouca,

que no dia seguinte tornaria, e que haviam de vir mais.

No outro dia, quando o servo de Deus veiu, eram tantos os devotos, que, não podendo todos estar nas lojas visinhas d'aquelle nicho, se pozeram taboas pelas ruas para poderem rezar de joelhos.

Quando viu aquillo ficou o varão de Deus muito contente, dizendo:

Teremos muito pão, muita paz e quietação.

E assim succedeu, conforme diz o biographo:

E d'ahi a pouco tempo, por não caber já a gente devota ao pé d'aquelle nicho, se foram pondo mais devoções e tambem cruzes para defronte d'ellas se rezar.

Depois passou o servo de Deus para os Arcos dos Cordoeiros, onde tambem viu uma cruz.

E junto a ella topou com um devoto, que logo começou a ser seu grande amigo e bemfeitor, e foi ter com elle, fallando-lhe com muita festa e alegria, dizendo-lhe: Sabes tu, paesinho, que quero eu aqui pôr um terço?

Como n'aquelle tempo havia muitas guerras n'este reino, e entendendo este amigo que seria querer aquartelar ali algum terço de soldados, lhe replicou dizendo:

Pois, padre, temos nova guerra?

Respondeu o servo de Deus: Sim, e eu sou o tambor d'esse terço.

O outro se começou a rir, até que elle lhe foi explicando o que queria dizer; que tão esquecida estava esta devoção!

Posto tudo em ordem e fórma de continuar passou para os Arcos dos Cordoeiros, onde tambem vio uma cruz. E junto a ella topou com um devoto, que logo começou a ser seu grande amigo e bemfeitor, fallando-lhe com muita festa e alegria, como sempre fazia a to-

dos dizendo-lhe: Sabes tu, paesinho, que quero eu aqui pôr um terço?

Respondeu o servo de Deus: Sim, e eu sou o tambor d'este terço.

O outro se começou a rir, até que o padre lhe explicou o que queria dizer.

Assentado, pois, que n'aquelle logar se rezaria o terço da Senhora, duvidou tanto este homem, como outros, que estavam presentes, e exclamaram: Padre, como se ha de conseguir isso? Se nos tendo em nossa casa servos e familia, não podemos acabar com elles a que rezem por umas contas em particular; quanto mais na rua e em voz alta.

Umas vezes escusam-se dizendo quo teem somno; outra, que estão cansados. E se rezam um dia, não rezam dois?

Respondeu então o padre: Pois tu duvidas, paesinho? Essas escusas que me dás são inventadas pelo demonio. Deixa-me tu vir á noite e tocar esta campainha (e a isto mostrou-a) que em eu a tocando, treme o inferno: e o diabo mette o rabo entre as pernas, e se vae safando, que o poder da mãe de Deus o faz retirar.

Logo depois de Ave Marias, que eram as horas que tinha combinado, appareceu debaixo dos arcos com uma tal alegria e alvoroço que parecia louco dizendo: O' paesinhos! Vamos ao terço da Senhora Mãe de Deus, que está aqui o seu tambor.

Este sujeito lhe respondeu: Eu, padre, aqui estou. Que è da gente para o rezar?

Tirou então o servo de Deus pela sua campainha, e meçou a tocal-a, e improvisamente appareceu n'aquelle sitio uma multidão de gente, que seriam mais de oitenta pessoas, entre homens, moços, meninos, e quantidade de mulheres pelas janellas, todos promptos para

rezarem e entoarem o terço da Senhora. O servo de Deus entoou as primeiras palavras, e todo aquelle povo o acompanhou.

No fim d'aquelle terço vendo toda a gente prompta para louvar a Mãe de Deus, não cabia em si de prazer, e dava pulos de contente, proferindo muitas vezes estas palavras: Victor! Victor! Senhora Mãe de Deus! Que já esta socegado o castigo do nosso reino; já temos muito pão barato! Já temos paz! Já temos grandes favores do ceo!

Alguns circumstantes incredulos lhe disseram então por mofa: Padre, diz que teremos pão barato? Valerá por ventura a cruzado?

Era este, diz o escriptor, o mais baixo preço que tivera todos aquelles annos passados de 1709, 1710 e 1711.

Respondeu então o padre, [1] muitas vezes: Mais barato, mais barato, que nem a doze vintens ha de custar o trigo, e por consequencia tudo o mais.

Replicaram elles: Padre, já lá vão essas eras; quem achara um alqueire por desoito vintens!

Replicava o servo de Deus: Sêde vos devotos da Senhora, rezae-lhe aqui o seu terço, que vos vereis se é certo o que eu digo.

O auctor da vida d'este padre assevera que se vio verificado tudo quanto o padre dissera; porque as guerras, que então opprimiam este reino, não só por causa dos inimigos, mas dos alliados, que n'este povo entraram, sendo muitos d'elles de outra religião, que não só faziam damno temporal e commum, mas ainda espiritual, como se experimentou, se compuzeram no anno

---

[1] Id id. pag. 114.

de 1713, e se concluíram nos principios de 1715, e as terras n'esta provincia e na do Alemtejo, durante ainda a guerra, produziram tantos fructos de todo o genero, que valeu menos do que o servo de Deus dizia, chegando a valer o alqueire de trigo no Alemtejo a 120 réis, custando antes doze tostões e mais, e o azeite que valeu a 4$000 réis o cantaro, veio a custar baratissimo.

Quem vio jámais (diz o auctor a pag. 118) dentro nas cadeias e enxovias d'aquelle Limoeiro, e na do tronco cantar entoando o terço de Nossa Senhora em todas ellas diante dos seus oratorios, cruzes ou imagens com suas luzes acesas depois das Ave Marias, como eu vi, e veriam todos os que n'esta terra assistiam, se passassem a estas horas por aquellas partes, que são casas, aonde assiste gente facinorosa e malfeitora? Quem viu jámais aquelle castello, e dentro em todos os seus quarteis soldados, que tambem geralmente é gente de vida solta, se cantasse o terço da Mãe de Deus todas as noites?

Pois tudo isto se viu, e em parte se continua ainda para gloria de Deus.

Recolhendo-se depois da meia noite em certa occasião, vindo pelos Arcos dos Cordoeiros, onde sempre fez a maior assistencia, á casa d'um seu grande amigo e bemfeitor, a tempo que a um seu vizinho que costumava alugar bestas, lhe vinham trazer uma, abrindo o homem a porta da estrebaria para a recolher, entrou juntamente pela porta o servo de Deus, que se queria alli recolher: que vinha dos seus terços mui cansado.

O homem, que ainda não tinha muito conhecimento do padre, lhe deu todavia licença. E o padre se indireitou logo para a mangedoura, e se deitou debaixo d'ella, e alli pernoitou, vestido e enlameado, como vinha.

No dia seguinte, tanto que pela manhã se abriu a porta, sahiu para o seu trabalho. E o dono da estrebaria logo chamou a este vizinho grande amigo do servo de Deus, e lhe contou tudo dizendo: Sabe que esta noite pelas duas horas depois da meia noite, vindo eu abrir a estrebaria para recolher uma besta, que me trouxeram de fóra, entrou por ella dentro o nosso padre dos terços, e foi deitar-se assim vestido e calçado debaixo de uma mangedoura, e ahi dormiu, molhado como vinha. Eu lhe offereci cama, e não quiz.

O biographo accrescenta que o vizinho, e os mais que isto ouviram, ficaram pasmados ao verem uma tão santa humildade do varão.

N'aquelle mesmo dia succedeu topar este amigo com o servo de Deus, e o reprehendeu dizendo-lhe: Como assim, padre, esta noite se recolheu n'aquella estrebaria com as bestas, um sacerdote! Olhe que hão de extranhar muito essas acções!...

E o padre a responder: Ó paisinho! O nosso Senhor com Maria Santissima e o senhor S. Joseph tambem se recolheram em uma estrebaria, vindo de fóra da terra, de noite, e dormiram entre bestas. Pois então, eu, ou tu, ou alguem é mais bem nascido, ou tem melhor dignidade, ou tem mais privilegio, que estas tres pessoas?

Grandes mercês me fez Deus e a Senhora Mãy em achar áquellas horas porta aberta onde me recolher: senão ficava debaixo d'essos arcos. Cala-te, paizinho, que não sabes o que dizes.

Succedeu por este tempo que vindo o servo de Deus da sua lida, uma noite por um sitio, a que chamavam *Mataporcos*, ouviu em uma casa gente, que estava a jogar, o que para o padre Almeida era a maior tentação.

Observou onde era, e tanto que percebeu, subiu pela escada, e achou a jogar uns meços caixeiros de alguns mercadores da rua nova, que se estavam divertindo.

Tanto que chegou a elles, lhe tomou as cartas com que jogavam, e os começou a reprehender d'aquelle vicio, dizendo: Paisinhos, porque estaes aqui perdendo o tempo? Porque não ides alli rezar o terço da Mãe de Deus?

Os taes moços começaram a desculpar-se, dizendo juntamente muitas palavras de zombaria e escarneo. O servo de Deus, porem, não se encommodava e exigia que haviam alli de rezar o terço.

Vendo-se os moços apertados convieram em lhe fazer a vontade, convidando-o cavilosamente e por mofa para que em a noite seguinte viesse áquellas horas, que estariam promptos para cantarem o terço á viola. Acceitou o padre muito depressa a condição, accrescentando que não faltaria.

Em a noite seguinte, porem, inventaram um estratagema diabolico para verem se podiam enganar o padre e deitar a perder o credito de que elle gosava. Resolveram entre si estes moços ornar um d'aquelles companheiros, que fosse mais conveniente, em trage vestido de mulher para tentar sem duvida o servo de Deus, que elles até então não conheciam por tal.

Vestido, e bem composto um d'estes mancebos em fórma e apparencia d'uma gentil dama, pelas horas que o padre ajustára com elles, esperavam todos com muita festa e alvoroço para verem o resultado. Tanto que o sentiram na rua, se poz este transformado em mulher n'aquella primeira casa, escondidos os mais em outra interior, espreitando e vigiando o que resultava d'aquella representação.

Subiu o servo de Deus pela escada, e batendo na

porta lh'a veiu abrir aquella disfarçada dama; e tanto que a viu, não tendo alli visto mulher em a noite antecedete, sabendo pelo contrario que alli moravam rapazes solteiros, se assustou algum tanto pensando ter-se enganado na escada.

Comtudo perguntou áquella figura: Que é d'uns paesinhos, que aqui estavam hontem a estas horas? Porque eu vinha para cantarmos o terço á viola, como ajustamos.

Respondeu a figura: Que era verdade que alli estavam no outro dia; mas que tinham ido para fóra. Que se assentasse e esperasse, porque logo viriam.

E n'este tempo lhe foi pegando na capa, dizendo-lhe algumas palavras amorosas, e que se fosse com ella para outra casa interior, pois tinha que lhe fallar.

Tanto que o servo de Deus conheceu, não o que aquillo era, mas a que se dirigia, immediatamente tirou d'umas disciplinas da algibeira, e lhe pega por um braço, começando-o a fustigar com toda a força, como quem dava no diabo, e dizendo: O' mãesinha, visto que fazes o officio do diabo, e eu ando aqui lidando contra elle com tanta fadiga, has de saber como elle defende a quem o serve.

Fustigou-o com tanta força assim pela cara, como pelo corpo, que foi muito preciso a fingida mulher gritar muito depressa que lhe acudissem seus companheiros. Mas já o não poderam livrar de que não fosse mui bem servido pela invenção; que muito tempo trouxe os vergões das disciplinas pelo rosto.

Indo n'uma occasião [1] João Simões, da rua das Ar-

---

[1] Id. id. pag. 132.

cas visitar ao servo de Deus, certo domingo, á sua casinha, este o convidou a que se assentasse.

Começou o amigo a perguntar ao padre por alguma cousa de novidade.

Elle como a nada d'isto attendia, nem lhe dava assenso algum, lhe disse:

Que não sabia nada de novo, e que só queria saber se se tinha resado o terço da Senhora na sua casa, ou se havia alguma falta.

Mui satisfeito ficou o padre d'esta rasão, como quem não tinha outra cousa em que cuidasse.

Foi o amigo conversando, e queixando-se que aquella semana tinha sido muito seca e esteril de peixe, porque na Ribeira se não achava senão algum peixe secco. Respondeu o servo de Deus;

Não houve esta semana peixe! Ora cala-te, paesinho: não hajas medo, que esta semana, que vem, te falte.

Replicou o amigo dizendo: Haverá padre, mas será para as communidades e conventos; porque é para elles; pois uma leva cinco, outra, seis mil réis de peixe, e são muitos: por isso digo, que por muito que haja, nada basta.

Tornou o servo de Deus a reformar mais a sua asseveração, dizendo: Tu não tens fé, paesinho, na bondade e providencia do nosso Deus? Pois por mais communidades e conventos que haja, ainda que venham quantas communidades ha em todo o reino, não temas que falte peixe. E com effeito foi tanto o peixe que appareceu, que muito d'elle apodreceu, por não haver quem o comprasse.

Em certa rua, onde este varão fez muita assistencia, morava um clerigo prezado de letrado e contrapontista, o qual, vendo a diligencia tão exacta que o varão de Deus fazia com a gente, para que rezasse o terço de

Nossa Senhora, se escandalisava muito d'esta acção indigna por ventura do caracter sacerdotal.

Bramava, quando o via, até que certa noite, estando a gente para aquelle santo exercicio junta, desceu pela escada abaixo embrulhado no seu roupão, e começou a gritar que aquelle clerigo era um idiota, que não sabia o que dizia. Que cada um rezasse em sua casa pelas suas contas, que era mais acceito do que estarem alli gritando nas ruas.

Nenhum dos que estavam presentes, se deu pelo que este padre dizia.

N'este tempo se enfurecia aquelle mais, até que, como vio, que aquillo se não podia levar só de palavras, intentou pegar em algum d'aquelles moços, e tiral-o d'alli por força, pelejando e dizendo: Que fossem para as suas lojas trabalhar.

Estando n'esta diligencia appareceu na rua o servo de Deus. Entenderam todos que haveria alli alguma grande contenda, por quanto o clerigo estava enfurecido.

Chegando o servo de Deus, segundo lhe chama seu biographo, alli dispoz tudo, e deu ordem a que o terço principiasse.

O clerigo deixou-se estar mui càlado, em pé, no meio da loja.

Reparou n'elle o servo de Deus, e lhe disse: Paesinho, estás aqui, e não vaes rezar?

Este lhe respondeu sómente, mas mui soberbo: Não estou agora para isso.

E deitou a subir a escada mui enfadado.

Porém elle, (commenta o biographo) não a tornou a descer, senão quando morto o trouxeram para a sepultura. [1]

---

[1] *Id.*, *id.*, pag. 183.

Estava-se preparando para ir á terra, mas antes d'isso uma doença mui grave atirou com elle para a sepultura.

Não soffreu o ardente coração do padre Almeida que, havendo introduzido em todos os templos, oratorios, tanto publicos como particulares, ruas e praças, o modo e louvavel costume de rezar o terço da Mãe de Deus em voz alta, deixasse de o plantar tambem no principalissimo oratorio do Nosso Reino, isto é o Paço.

Fôra com effeito o padre ao paço pedir licença ao monarcha para ali introduzir a devoção do rosario, ao que o rei annuira.

E immediatamente o padre mandara pôr ali todos de joelhos e todos obedeceram. [1]

E todos em voz alta rezaram o rosario, fazendo elrei tambem companhia.

E o padre tão repleto d'alegria ficou, que não poude deixar de exclamar — que o Paço era um verdadeiro céu aberto!

Mas depois indo ali para rezar o terço, certo fidalgo, acabada a reza, dissera para o padre:

Que elles fidalgos estavam com as gargantas seccas de rezar, e que não tinham nada com que as molhar.

Que fosse o padre ali a qualquer parte molhar a sua, se soubesse onde se vendia bom vinho.

A isto acudiu o padre: Paesinho, quereis uma pinguinha de vinho?

E a isto tirara a sua borrachinha que trazia no cinto, debaixo da capa, borrachinha em que deitava a ração de vinho, que se lhe dava no refeitorio do convento

---

[1] *Id.*, *id.*, pag. 193.

de S. Domingos em Lisboa, e lh'a offerecera mui contente.

E um dos fidalgos pega n'ella com muito riso e galhofa, e a levou na mão por aquellas casas interiores, e depois lh'a veiu restituir.

Um amigo, porém, ficou mui triste, e chegou-se ao padre dizendo:

Padre, vossa mercê está doido?

Que conceito fará el-rei e esses cavalheiros da sua capacidade?

Que hão de dizer?

Que foi tão atrevido um clerigo bebedo entrar dentro no Paço sagrado, onde só entram pessoas graves e sizudas?

Amanhã o deitam fóra, e não farão caso algum do que vossa mercê fez hontem, porque o hão de ter por um homem de vinho.

Vá-se embora, que não quero a sua amisade![1]

Porém d'esta acção tão ridicula não resultou ao padre aquillo que o amigo lhe prognosticara, mas sim o permittir el-rei ao padre Antonio d'Almeida entrada franca no Paço, e que a elle fosse todas as vezes que o padre quizesse.

E com effeito, segundo diz o biographo, lá foi varias vezes para tratar da devoção do terço.

E depois de estabelecido o terço da Senhora no quarto d'el-rei, se preparou tambem para o pôr no quarto da rainha, no que não achou difficuldade alguma; antes muito amparo e favor.

Achou, porém, o padre uma difficuldade, pois querendo dividir as senhoras que ali se achavam, em có-

[1] *Id.*, *id.*, pag. 193.

ros, como costumara, achara que algumas d'ellas tinham suas repugnancias, porque estando n'aquella communidade varias gerarchias de pessoas, umas mais subidas e outras mais inferiores, não queriam aquellas entoar com estas mutuamente.

Estabelecida a devoção do rosario em Lisboa inteira, entrou a pensar em a estabelecer nos suburbios, e para tal fim se encaminhou para Alcantara e procurou o capellão das Necessidades para ali estabelecer uma tal devoção, na qual pensava sempre, tanto de dia como de noite.

Certa fidalga mui beata pediu ao marido que lhe levasse a casa aquelle padre que tanto cheirava a santidade, e de quem tantas maravilhas se diziam.

O marido quiz fazer a vontade á esposa, e chegando á presença do padre lhe disse:

Padre, eu venho aqui de mandado de minha mulher, a senhora fulana, buscar a vossa mercê em esta carruagem, porque muito o queria ver e fallar-lhe, porque lhe dizem que é um santo.

O padre, porém, começou a escusar-se dizendo: Que elle nada d'aquillo era, e só era um tambor da Senhora Mãe de Deus.

O fidalgo, porém, instava e tornava a instar.

Mas n'este comenos apparece um moço de pe descalço, e á queima roupa diz ao padre:

«Senhor Padre, vossa mercê sabe que já se perdeu o terço dos Carapuceiros, que ha duas noites que se não reza? [1]

---

[1] Id. id. 209. Por este tempo um cruzado novo (480 réis) era a esmolla de quatro missas. Pag. 233.

Ao ouvir o padre Almeida taes palavras fica como doido.

Faz uma grande cortezia ao fidalgo, e sem lhe dizer mais palavra deita a correr como doido para a rua dos Carapuceiros, guiado pelo moço.

Era tambem muito inimigo do jogo. E como sabia quaes as casas onde os homens se entregavam a um tal passatempo, subía pela escada mui levemente, para não ser sentido, e chegando á meza pegava nas cartas dizendo:

Como estaes aqui paesinhos tão socegados no serviço do demonio?

E eis os baralhos deitados á rua.

Alguns diziam que jogar não era peccado, mas a isto respondia o padre:

Pois tomaes desenfado com o demonio, e no seu serviço?

Elle aqui está comvosco, e vos esta assistindo, sendo vosso inimigo: e vós, creaturas de Deus, não tratais de servir ao vosso creador, sendo racionaes, quando os irracionaes, e ainda os insensiveis estão continuamente servindo, como vemos, em um passarinho, e outros mais animalejos, que, sendo creados para cantar, lá estão cantando nos tempos, que se lhe determinou: e os outros da mesma sorte obram, segundo aquillo para que a natureza os destinou!

E vós, creados para louvar a Deus, não só o não fazeis, mas o estaes offendendo, devendo-lhe tantas finezas d'amor, que deu por nós a vida em uma cruz!

Estais loucos!

Não vêdes que os judeus, depois de feita e executada a morte de Christo, mal tão execrando, que até então se não tinha executado, nem se executará jámais, se pozeram a jogar, como diz a Escriptura?

Por este tempo eram os nichos e as cruzes, onde se rezava o terço, immensos por toda a cidade.

E na segunda noite que o terço sahiu da rua da Padaria, o acompanhamento, era formado por mais de quinhentas pessoas, entre moças e velhas.

O mesmo fez segundariamente na rua das Arcas. Estes iam em procissão para o Rocio, onde se mandaram pôr as cruzes por um religioso franciscano.

Outra na Cuteleria, que tambem ia ao mesmo sitio do campo do Curral: outra em Valverde, e ia a Santo Antonio dos Capuchos: outra no caminho da Madre de Deus, que o servo de Deus estabeleceu: na Rua Nova, outra: e outra na Confeitaria.

E, finalmente, muitas mais por esta cidade, topando-se varias vezes umas com outras, indo ou vindo da mesma parte.

E, quando o padre as viu ir chegando áquelle sitío, se regalava, dizendo para os que iam:

Victor, Senhora Mãe de Deus: cá vem mais um batalhão!

Fogo, fogo ao diabo.

E ao dizer taes palavras, entrava a gritar e a saltar como um doido. [1]

Passados tempos foi communicar a um amigo a tenção que tinha de fundar uma irmandade de Via Sacra.

A isto acode o amigo:

Padre, com que anda aqui?

Onde ha de fundar essa irmandade?

Que egreja tem para isso?

Calou-se o padre, e foi andando: mas d'ahi a pouco recua, dizendo:

---

[1] Id. id. pag. 256.

Paesinho? Sabes que já tenho egreja?

Graças a Deus, a sua Santissima Mãe, e á Senhora Santa Thereza.

Folgo muito, accode o amigo, aonde é?

A's portas de Santa Catharina, na egreja de Nossa Senhora do Alecrim, d'onde se retirou o Santissimo Sacramento.

Esta ha de ser a cabeça da Via Sacra n'esta cidade, que ha de permanecer.

Bastante tempo continuou a vir a este sitio do Bairro Alto, para esta diligencia, até que passando um dia pela porta d'esta ermida de N. Senhora do Alecrim fallou ali com um homem devoto chamado Antonio da Fonseca, que tinha cuidado d'aquella egreja, dizendo-lhe:

Paisinho, tens aqui defronte da tua porta esta cruz tão formosa sem custo algum?

Queres tu que principiemos aqui a Via Sacra, e d'aqui iremos por outras partes, onde virmos algumas cruzes?

Respondeu este homem:

Padre eu aqui estou. Se houver mais alguem que queira ir, falle-lhe vossa mercê, que eu folgarei.

Disse que sim, e que no sabbado seguinte vinha.

Veio, e trouxe quantidade de gente, que, juntos com elle, correram á Via Sacra, indo por aquellas partes, onde havia já cruzes postas, sem haver ainda medido o espaço d'ellas.

Como o padre Almeida viu que os animos estavam fixos, e permanentes na devoção, disse áquelles devotos que fallassem a alguma pessoa, que lesse os mysterios, por elle levar a cruz, e não poder.

E assim se conservou esta santa devoção por algum tempo, até que o padre fallou a Pedro de Sousa Castello Branco, padroeiro e administrador da ermida da Senhora do Alecrim, para que fosse servido dar-lhe li-

cença para que n'aquella sua egreja se recolhesse áquella cruz, e alguns lampeões para ali se fazer uma irmandade de Via Sacra, que pertendia erigir.

O fidalgo não poz duvida alguma e disse:

Que trataria d'aquelle negocio e convocasse o padre a gente que quizesse para aquelle contracto se ajustar.

No dia seguinte foi logo ter com este seu amigo que lhe punha as difficuldades dizendo:

Que já fallara com o pae fidalgo, dono da ermida de Nossa Senhora do Alecrim, que era um santinho, que o tratara com muito agrado, dizendo-lhe estimava muito a sua inclinação, que ali estava a dita egreja, que fallasse ás pessoas que quizessem ser irmãos, para virem um dia ajustar o contracto com as condições que fossem justas.

Logo para o domingo seguinte convocou o servo de Deus todas as pessoas que conheceu, e tanta foi a gente que concorreu, que o adro da egreja da Encarnação e toda aquella rua estavam cheias d'uma multidão de povo.

Foi preciso dizer Pedro de Sousa de Castelbranco, que d'aquelle povo se elegessem seis homens dos mais capazes, para com estes se tratar este negocio.

E logo no domingo seguinte se fez mesa com todos seus officiaes para se tratar do estabelecimento da nova irmandade.

Foi feita a primeira meza e conferencia d'esta nova irmandade de Nossa Senhora do Alecrim e Via Sacra no primeiro domingo de maio de 1613.

E estava esta ermida fundada em parte das casas de Pedro de Sousa Castello Branco, padroeiro d'ella, por ser fundação de D. Anna de Vilhena, mulher de Christovão Soares de Albergaria, vereador da Camara de Lisboa.

O diabo, porém, não queria que o templosinho se erigisse, e permittiu que viesse um escrivão intimar a fidalga para que a obra não continuasse.

Havia porém n'aquella casa uma gallinha branca muito domestica, a qual a referida fidalga sempre trazia comsigo; e saltou a gallinha tão impetuosamente na cara do escrivão, e arranhou-o de tal modo, e o mordeu com o bico, que elle se foi [1] sem fazer a diligencia, e se continuou a obra sem haver mais quem a embaraçasse.

Alcançou-se a licença do arcebispo de Lisboa D. Affonso Furtado de Mendonça em 4 de maio do anno 1628.

E celebrou-se a primeira missa no dia 10 de maio de 1642.

E a mesma fundadadora instituiu um morgado, de que eram administradores seus descendentes com missa quotidiana n'esta ermida, e para o culto d'ella mandava nomear um ermitão, e tal ermida servio duas vezes de freguezia, em quanto se não erigiu a egreja da Encarnação.

No dia seguinte appareceu o padre Almeida com um caderno de papel na mão e tinteiro, com alguns devotos, que para isso convidava para syndicos que cobravam as esmolas, que se davam; rogando a todos dessem os seus nomes para os alistar, sem lhes dizer outra cousa, se não se queriam ser irmãos da Via Sacra?

E assim correu todas as ruas, principalmente de officiaes, que eram tambem os que mais frequentavam a

---

[1] O biographo n'este logar nota erros ao author do Santuario Marianno e o mesmo faz mais adiante. E o mesmo faz a pag. 266.

devoção do terço, e em breve alistou innumeraveis pessoas, de sorte que depois foi necessario á irmandade apartar e escolher os que pareceram convenientes.

Foram estes irmãos continuando todos os domingos do anno com as suas conferencias e com o exercicio do terço da Senhora, entoado todas as tardes d'estes dias, e com o da Via Sacra depois, para o que o padre destinou logar ás cruzes das estações, e depois veiu um religioso franciscano para as pôr, pois só assim se conseguiam as innumeraveis indulgencias que tinha aquelle exercicio.

Pediram a certo velho que tinha voz enternecida, que lesse os mysterios, o padre protector levava o Santo Christo, e dizia as missas da capella, e as esmolas só d'uma vez passaram de duzentos mil réis, e todas as vezes que o padre Almeida tocava a campainha, tremia todo o inferno.

E depois os terços rezavam-se por toda a parte e todos os sabbados á noite iam os terços a Santo Antonio dos Capuchos.

E o padre Almeida ia as vezes tocando a sua campainha, e levando atraz de si todos aquelles homens, mulheres, rapazes e meninos que todos iam atraz d'elle, e ás vezes gritava o padre:

Que bulha vae lá nas portas do Purgatorio! E a Mãe e o Filho como estão contentes! Victor, Paixão de Christo! Victor, Senhora Mãe de Deus! [1]

E o padre, tanto que sentia os animos promptos, e que já tinham abraçado a devoção, passava a afervorar e incitar a outros, e perguntava onde queriam ir correr as estações? Se era parte, onde não havia cruzes,

---

[1] *Id., id.*, pag, 273.

davam logo ordem a que se fizessem, e feitas ellas ia com um ou dois d'aquelles zeladores medir os passos, e marcal-os com um giz, que levava comsigo. E no outro dia se mandava chamar um religioso franciscano, e este as punha nos seus logares. Dava tambem logo ordem para que se fizessem alguns lampiões, conforme a gente que para alli concorria com as suas esmolas.

Despostas estas cousas, no dia seguinte sabia já aquella via sacra. E d'este modo fez e dispoz tadas as mais. De sorte que era já tão vulgar este santo exercicio no tempo d'este varão de Deus, que até os meninos das ruas punham pelas paredes suas cruzes pequeninas, e se ajuntavam, e imitavam o que viam na gente crescida, levando tambem sua cruz e rezando, como viam.

Tados os exercicios da Via Sacra eram feitos de noite, porque dizia o servo de Deus, era mais conveniente para os homens não terem pejo de serem conhecidos, porque, como o diabo andava raivoso, lá lhe havia de suggerir, como podesse, seu bocado de vergonha, como costuma nas boas obras dos homens para os esfriar, e perderem a devoção. Só quiz o padre que o Via Sacra do Alecrim fosse de dia, como cabeça das mais, onde tambem podessem ir as mulheres, encommendando muito a todos que perseverassem, e não retrocedessem. No mesmo tempo tinha tambem summo cuidado no Terço de Senhora, que se não faltasse a nenhum, e teve essa gloria no espaço de sete annos pouco mais ou menos, que assistiu n'esta terra, porque não viu, que nenhum diminuisse.

Porem o padre estava velho, e muito doente. Foi como poude á presença d'el-Rei, e lhe dirigio as seguintes palavras: Que elle queria de alguma sorte perpetuar a devoção e methodo de rezar o terço da Senhora,

e o de correr a Via Sacra n'esta cidade pelos muitos proveitos que d'alli resultavam aos christãos, e que, como elle já estava para pouco pelos seus muitos achaques, pretendia um beneficio para sua subsistencia, e que na sua falta ficaria a quem lhe succedesse na sua incumbencia, porque não queria gravar mais aos seus paisinhos bemfeitores, que não lhe podiam dar o que elle necessitava para o seu regimento.

Ouviu el-Rei o pedido e respondeu: Padre Antonio, eu lhe dera esse beneficio, mas não é capaz de o servir.

Acudiu o padre: Pois Pai Rei quer que eu morra ahi ao pé d'alguma parede, á necessidade?

Então o monarcha respondeu: Eu lhe mando dar dois tostões cada dia na minha cosinha.

E com effeito lh'os deram. Sua vida, porem, pouco tempo durou, pois veiu a fallecer no dia 27 d'outubro de 1719. Foi sepultado na egreja do convento de S. Domingos dos padre pregadores, defronte do altar da Senhora do Rosario, como tinha disposto. Depois os terços pelas ruas começaram em decadencia. Todavia alguma cousa se manteve por algum tempo.

A irmandade mais notavel era a da rua do Alecrim, que o biographo diz ser a cabeça de todas. A da Padaria chegou a estar mui opulenta em paramentos n'uma ermida de S. Sebastião, que com muita fervor e edificação de todos ia nos sabbados do anno ao sitio do Campo do Curral, onde estavam as estações da Via Sacra. Havia outra na Rua do Valverde n'uma ermida da Ascensão de Christo. Outra em a ermida de Santa Joanna, junto ao Convento de Santa Martha, que ia ás estações do Campo do Curral.

E ainda outras no sitio da Madre de Deus, e em mais partes todas fundadas pelo padre Almeida.

E outras acabaram porque os parochos não estiveram para incommodos, não recebendo emolumento algum.

Porem o terço mais notavel era o que em 1734 sahia todos os sabbados do convento da Esperança por varias ruas desta cidade cantando a ladainha com muita edificação de todas as pessoas.

Pelo verão iam estes devotos, da meia noite por diante, quarenta ou cincoenta pessoas em duas alas, embuçados nos seus capotes entoando a ladainha admiravelmente, e com muita sizudesa e quietação.

Pelo inverno iam das nove horas da noite por diante, levando seis lampeões, tres de cada parte de uma formosa cruz, e no meio um grande lampeão de muitas luzes, que alumiavam toda a rua, por onde passavam. Iam até á egreja da Senhora da Penha de França, e d'ahi voltavam outra vez pelas mesmas ruas.

E o auctor d'este livro pode asseverar que ainda conheceu restos de taes devoções, sendo o que mais dava nas vistas o da egreja das Dôres em Belem, da qual os confrades sahindo cantavam pelas ruas de Belem e Pedrouços o terço e pediam esmola para os pobres enfermos. E na egreja de Santa Anna, ha tambem uma irmandade, em que entra um grande numero de mulheres, com o fim de rezarem o terço no referido templo, em que já as cinzas do grande Camões jazeram por bastantes annos, se é que ainda não jazem!..

Outro mystico, porém, que por aquelles tempos rivalisava em cheiro de santidade com o padre Almeida, era o padre Balthazar da Encarnação, missionario apostolico e fundador dos Monges do Senhor Jesus da Boa Morte, [1] e natural de Serpa.

---

[1] Vidé : Vida e ultimas acções. Lisboa, 1760. Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Seguiu tambem o officio de sapateiro, e desta occupação viveu por algum tempo. Não deixava, porém, de se entregar a vicios.

Chegou-lhe, porém, certo dia o arrependimento e foi fazer penitencia para as covas sitas ao pé da villa de Monte Mór o Novo, para se entregar aos exercicios piedosos.

Por espaço de dez annos, que alli viveu, se lhe foram ajuntando alguns irmãos que seguiam tambem a vida penitente, aos quaes elle foi congregando e exhortando para proseguirem fervorosos na sua exemplaridade (segundo diz o auctor da sua vida) e fabricando suas toscas casinhas, alli passavam em continuos louvores ao seu Creador, fazendo exercicios mui pios e devotos, dando notavel exemplo e edificação áquelles habitadores circumvisinhos, que caritativos concorriam com suas esmollas para alimental-os, bem que o seu mais usual mantimento eram hervas, alguns legumes, ou pescado salgado.

Veiu pouco a pouco crescendo e augmentando-se com o celestial auxilio aquella devota confraternidade, e intentou formar alli uma congregação de monges reformados para servirem de utilidade ás almas dos fieis e honra e gloria de Deus.

E para isso tendo-se em primeiro logar applicado a alguns estudos, embora contasse quarenta annos d'edade, se ordenou em padre.

E algum tempo depois, deixando seus congregados no retiro, corre fervoroso varias cidades, logares e villas, onde faz missão com grande espirito já nas egrejas, já nas praças á vista d'innumeravel concurso, e immensidade de gente do ambos os sexos, e não poucos se recolhem ás suas casas cheios de santo temor, contrictos e edificados.

Entra a fazer muitos exercicios de piedade e amor de Deus, umas vezes pedindo pelas ruas para os pobres, e a seus hombros lhes leva sacos de pão ás suas habitações e moradas, outras vazes vae soccorrer e consolar os enfermos e encarcerados.

Se é chamado, vae agonisar os moribundos, aos que confessa, manda satisfeitos, e move para uma confissão bem feita os que acha mal dispostos.

Trata com grande efficacia e desvello de fundar o conventinho das Covas, e adquirindo a seu rogo quantidade de esmollasde muitos bemfeitores, e bastantes materiaes de zello de alguns devotos, se levantou a fabrica, e se foi fazendo a obra, erigindo-se uma egreja com o titulo de Nossa Senhora do Castello.

Fizeram-se cellinhas, e mais commodos precisos para o numero de vinte monges, que alli viveram recolhidos e congregados. Ao sitio concorria muita gente.

Depois o padre Balthazar principiou outra fundação maior e mais grandiosa, tomando por titulo da egreja O Senhor Jesus da Boa Morte. O edificio, segundo diz o auctor, era magnifico, o templo bem fabricado, a sachristia bonita, os dormitorios grandes, as casas primorosas, os pateos bons, para cuja edificação se tiraram grossissimas esmolas.

Hoje, porém, as construcções religiosas são prohibidas aos portuguezes, e a consequencia é que de Portugal para Lourdes e para La Salette a corrente d'ouro incessantemente para alli encaminhando-se é forte e pujante. Em summa com prohibições, impensadas e que bem examinadas, vão d'encontro á liberdade, Portugal tem tudo a perder, e nada a ganhar. Centenares d'estrangeiros, pertencentes a varias ordens religiosas, vivem em Portugal, e vivem á custa dos portuguezes, todavia andando de capa e batina, e corda á cinta. Taes

distinctivos porém são prohibidos aos portuguezes e ás portuguezas! Mas não tem duvida: as portuguezas sabem em que paizes estrangeiros, e em que logares hão de fazer suas profissões...

Havendo innumeros conventos nos outros paizes, como na realidade havia, e sendo por exemplo os conventos então prohibidos em Portugal, poderia D. Pedro em 1834, lançar mão d'aquellas sommas grandiosas que arrancou dos frades?

Com certeza não, pois taes riquezas com toda a certeza teriam passado para a mão dos frades estrangeiros, e D. Pedro não teria em Portugal bens de frades para d'elles se aproveitar.

Ha quem grite contra as ordens monasticas em Portugal? Ha e ha de sempre haver quem grite contra as ordens monasticas, e contra tudo por mais santo e justo que seja.

Os nossos governantes, porém, têem obrigação de serem pensadores, e de não se deixarem arrastar pelas palavras ôcas das turbas impensantes.

Tornemos, porém, ao padre Balthasar da Encarnação.

Erigio tambem elle uma devota irmandade, por titulo da Caridade, a qual andasse a pedir por toda a cidade com o fim de serem soccorridas as extremas necessidades dos pobrec famintos e dos presos desamparados, encarcerados nos ferros d'el-rei. [1]

Para isso edificou, á custa de grandes esmollas, uma primorosa ermida, com asseiadas e vistosas pinturas, bons entalhos, tendo grandiosa capella, na qual estava a imagem da Virgem, onde se ajuntavam os devotos ir-

---

[1] Id. id. pag. 10.

mãos, e d'alli saiam em procissão cantando a oração do padre nosso e da ave maria, e pedinda com umas alcofas pela cidade, e recolhendo esmolas para sustento dos miseros encarcerados.

Mas estes monges e estas esmolas trazem-me á lembrança os primeiros tempos do Christianismo, tempos proximos d'aquelles em que uma Santa Maria Egypciaca [1], outr'ora grande peccadora, e depois, pelo seu arrependimento, e por causa das penitencias a que se entregou, uma das mais notaveis peccadoras convertidas, e ácerca da qual o conhecido poeta Leonel da Costa, natural de Santarem, escreveu um livro outr'ora mui lido, n'aquelles tempos em que as vidas dos santos eram a leitura favorita dos portuguezes, e hoje ainda encontrados nas estantes dos bibliomanos.

Aquelles monges do Egypto
Quando trabalhando estavam,
Maria e Martha imitavam,
Porque a Deus tinham no s'pirito,
E com as mãos trabalhavam [1]

Com as mãos matando o vicio,
Faziam de Martha officio;
E c'o s'pirito com que viviam
A Deus immenso, faziam
De Magdalena exercicio.

De um santo humilde e brando
Dizia a fama, que tinha
Natureza d'andorinha,
Que vae correndo e voando
E correndo anda e caminha.

[1] Ha uma irmandade d'esta santa na egreja parochial de Lisboa, irmandade composta de archeiros.

Em isto dizer queria
Que impedir lhe não podia
O trabalho e occupação
A santa contemplação,
Mas ambas fazia.

Alli com a bocca oravam,
E com as mãos trabalhavam,
Alli não entrava o vicio,
Que com o santo exercicio
Para sempre o desterravam.

Longe dos tratos mundanos,
Dos deshonestos perjuros,
Dos soberbos deshumanos,
Dos onzeneiros tyrannos,
Alli viviam seguros.

....

Era aquelle tambem o tempo do padre Santo Amaro, que tão grandes cultos teve em Portugal, cultos hoje quasi desconhecidos n'este paiz. [1]

Este na quaresma depunha os habitos, e vestia um celicio que lhe cobria todo o corpo.

Comia duas vezes na semana; o alimento era um pouco de pão, o qual mais podia servir de tormento ao gosto, do que de sustento ao corpo, porque, apenas era mastigado na bocca, quando sem o receber, fóra o expellia. Não tomava o repouso na cama de gesso e cal, pois parecendo-lhe muito mimo, em pé o lisongeava, e

[1] *Leonel da Costa*: Conversão miraculosa da felice egypcia penitente Santa Maria. Lisboa, 1771, pag. 65.

se o corpo por desfallecido com o jejum, cilicio e disciplina se rendia a tanto trabalho, que o espirito o não podia sustentar, sentado junto a uma parede, lhe dava o descanso preciso.

Todavia os monges nem todos eram casmurros e intractaveis. E innumeras anedoctas lhe eram attribuidas.

Deu um ricasso certa quantidade de moedas ao beato Gelasio, abbade, com a condição de que applicasse algumas orações pelas almas dos defuntos.

O creado, que trouxera o dinheiro, e viu rezar o psalmo, dizia entre si que de boa vontade rezaria mil vezes o *de profundis*, por outra tanta somma.

Quiz o beato emendar a pouca estimação das divinas clausulas. Mandou vir balanças, escreveu o psalmo, poz de uma parte o papel, e de outra todas as moedas, e mostrou-lhe como as moedas não tinham pezo, á vista de tal escriptura; e que só esta devia pesar na estimação e veneração da verdadeira fé.

Certo monge todas as vezes que ia rezar, era atacado por um somno invencivel. Seus companheiros escandalisavam-se. E um d'elles que venerava o leigo, pediu a Deus na oração, que lhe declarasse a causa d'aquelle somno. Viu immediatamente que o pobre frade tinha um demonio em figura de serpente enroscada na garganta.

Entrava Santo Efrem na cidade d'Edessa, sua patria. Pediu a Deus lhe deparasse algum director, de quem aprendesse seguros avisos. Encontrou logo uma mulher, que na desenvoltura dava a conhecer sua má vida.

Empregou os olhos n'ella, e viu que a mulher fixamente o attendia.

Reprehendeu-a de tal escandalo no vestir e olhar. Porem a mulher voltou o argumento, e disse-lhe com

energia: Tu, ó desatento monge, deves reprehender-te mais que a mim: pois devendo dar-me exemplo, e conhecer a tua fragilidade, te dilatas a olhar para uma mulher profana. Fica advertido, e castiga a tua desattenção. [1]

Dois frades rezavam o officio divino com distracções e pouco respeito.

Appareceu-lhe o demonio, fabricando um fedor intoleravel. E, porque os frades com as mãos nos narizes, abominavam o fedor, disse-lhes o demonio:

— *A tal oração, tal thuribulo!*

Ao beato Bernardo Calvonio, da Ordem de Cister, houve quem dissesse que a brancura de seus dentes servia de ruina espiritual a alguns ouvintes das suas pregações. E como estava para pregar no mesmo instante paga n'uma pedra, bate com ella nos dentes, abala-os, arranca-os, e vai á egreja, e atira com elles á cara das suas ouvintes.

S. Cyrillo d'Alexandria conta-nos o seguinte apologo: Encontrou-se um rato com uma tartaruga, e disse-lhe por zombaria: Irmãa, para onde caminhaes, e com tanta pressa? Com tanta inquietação?

A tartaruga conhecendo a ironia respondeo:

É verdade que caminho vagarosa, porque carregada cam esta concha. Mas vou mui contente com o tal pezo; porque n'elle tenho quem me defenda em muitos acasos, e inimigos; e não é necessario estar sempre tremendo, ou andar em continuos retiros de qualquer contrariedade.

È pezo, mas defende-me dos teus dentes. Ando devagar, mas com segurança.

---

[1] Fr. Manoel Guilherme, religioso de S. Domingos: *Conselheiro Fiel*, Lisboa, 1727, vol. I pag. 92.

O caminho do ceu e da virtude sim tem seus pezos sim se anda n'elle com vagares e sem precepitação: mas esses pezos e vagares são os que defendem do grande inimigo no ultimo combate; e com a lembrança do ultimo combate todos os pezos e vagares são gostosos e estimaveis.

A abbadessa Santa Adelhaide todas as vezes que ouvia no côro alguma religiosa com a voz presa e rouca, dava-lhe uma bofetada e restituia-se-lhe a voz perfeitissima.

Certo individuo ordenou no seu testamento que seu enterro fosse sem demonstração alguma funebre, antes tudo alegre.

O feretro seria levado por doze donzellas vestidas de verde a quem se daria o sufficiente dote.

Nenhum religioso de habito preto. Todos os sacerdotes cantando alleluia.

Muitas luzes e muitos instrumentos suaves e alegres. Queria por este modo mostrar o testador quanto estimava deixar um mundo tão cheio de perigos e enganos.

Certo cavalleiro nobre entrando em um convento da Ordem de Cister, perguntou ao abbade:

Como era possivel que homens, que elle conhecera no seculo tratados com todo o regallo, vivessem na religião tão satisfeitos e sobre tudo incommodados com as grosseiras eguarias da Communidade?

Respondeu-lhe o abbade que provinha isto de tres grãos de optima pimenta, que se lançavam no prato.

E declarou-lhe que os tres grãos eram — o muito vigiar de noite, o continuo trabalhar de dia, e o considerarem qua não tinham outro remedio: ou comer aquellas grosserias ou estallar de fome.

A carmelita soror Anna da Trindade, quando via alguma religosa afflicta, ou com menos valor, dizia-lhe:

Olá: alimpar o suor, e caminhar para diante!

Mandou um prelado chamar para matinas á meia noite a um frade velho, de quem não era muito amigo.

Respondeu o frade, que não podia obedecer ao recado, porque se achava molesto e quasi morrendo. Replicou-lhe o prelado, e mandou-lhe que viesse de toda a sorte.

Lançou o velho a mão a uma vella, accendeu-a na luz que tinha junto á cama, e pondo-se na figura de moribundo, com a vella na mão, disse ao mensageiro: Irmão, veja, diga ao padre prior que não posso obedecer-lhe, porque já morri!

E', porém, tempo de fallarmos ainda emparedadas e dos mosteiros duplices.

Frei Luiz de Sousa na sua Historia de S. Domingos, e o auctor do Elucidario, e tambem varios outros escriptores fallam-nos amplamente ácerca de taes assumptos.

Desde o seculo XII até o seculo XV se acham em Portugal muitas emparedadas.

Eram mulheres varonis (diz Viterbo) que desenganadas inteiramente do mundo se sepultavam mesmo em vida n'uma estreita cella, cuja porta no mesmo ponto da sua entrada se fechava com pedra e cal, e só por morte da *inclusa* se abria pera ser levada finalmente á sepultura.

No logar da porta e ao tempo de a tapar ficava só uma pequenina fresta, por onde se lhes ministrava o indispensavelmente necessario para a vida, que poucas vezes passava de pão e agua, recebiam o corpo de Christo, e fallavam ao seu confessor unicamente no que respeitava á sua consciencia.

E de se fecharem entre paredes ou *emparedando-se*, se chamaram emparedadas.

Havia-as em todo o reino. Só com licença dos bispos se eximiam ás obrigações da missa, depois que esta foi de preceito, e se arrojaram a uma tão horrorosa penitência, mas em tudo livre e voluntaria; ou fosse para expiar as culpas comettidas, ou fosse para conseguir as altas recompensas da innocencia castigada.

Em Lamego havia uma no anno de 1246, como consta do testamento do bispo D. Pelagio, que lhe deixou dois alqueires de pão: *Mulieri portae clausae duos modios*.

No de 1288 havia ali mais do que uma; pois no seu testamento diz o Porcionario da Sé de Lamego, Vicente Martins: *Inclusis de Lameco unam libram*.

E o que mais é, dentro do claustro da Sé da mesma cidade houve uma *emparedada*, por nome Margarida Affonso, que falleceu no de 1419, deixando ao cabido um calix de prata sobredourado, e uma pequena bacia tambem de prata, com obrigação de um responso diariamente cantado no fim de vesperas. [1]

Na cidade do Porto havia grande numero de *Emparedadas*, como as nomeia o chantre D. Vicente Domingues nos seus testamentos de 1312 e 1316, nos quaes lhes deixa seus particulares legados.

E note-se que as emparedadas de S. Nicolau não ficavam no sitio em que está o convento da Serra, e onde ao tempo residiam conegas regrantes de Santo Agostinho, desde o tempo do bispo do Porto D. Pedro Ribaldis, mas ficavam na Ferraria de Cima, onde depois esteve o Hospital da Senhora da Silva.

Do livro velho dos obitos de Vizeu, a 5 de janeiro, consta que no anno de 1313 falleceu n'aquella cidade

---

[1] Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo: Elucidario, vol. I.

Margarida Lourenço que deixou ao cabido seis soldos, impostos na sua casa da Ribeira, que de uma parte confrontava com a *Emparedada*.

E esta, mui provavelmente, foi a contemplada em um testamento de Masseiradão de 1307, na qual se acha esta verba: Mando ás *Confrarias de Viseu cinqui soldos e á Emparedenada*.

Pelo testamento de Fernão Gil, thesoureiro da Guarda em 1299, consta que junto áquella cidade havia duas mulheres emparedadas, uma no logar e santuario de Mirleu; e a outra junto á Senhora do Templo, pois diz, Item: áá Emparedada de Mirleu um meio mr. item áá do Sempre e meio mr.

No testamento celebre de D. fr. João Martins, bispo d'esta cidade no anno de 1302, ainda se faz menção d'estas emparedadas a que então dá o nome de Inclusas.

É' pois innegavel a existencio das emparedadas ém Portugal, e davam ellas assumpto para um livro de rasoavel formato.

Fosse, porém, o recopilador quem fosse, elle jámais fallaria aquella divina linguagem do grande fr. Luiz de Souza, que tanto disse tambem ácerca das emparedadas.

E accrescenta que a S. fr. Gil, de quem já se fallou se deve attribuir em Santarem a causa originaria do primeiro encerramento de virtuosas donzellas e de outras mulheres, que deixando o mundo se determinaram a seguir o Divino Esposo, em uma vida quanto ao corpo penosissima, mas para o espirito verdadeiramente angelica. [1]

---

[1] *Historia de S. Domingos*, liv, V, Cap. 20.

E diz um outro que aos raptos e extasis do padre S. fr. Gil se deve o ter seguido a vida de emparedada uma dona virtuosa, por nome Elvira Duranda.

Porque fazendo reflexão no que vira n'aquelle Santo foi logo assentando comsigo levantar o espirito a um genero de vida mais alto e mais perfeito que o que até então seguira.

Faltava, na então villa de Santarem, mosteiro, e resolveu-se a fazer um mosteiro, só por si.

Recolheu-se ou sepultou-se em uma estreita casinha terrea, onde depois foi o mosteiro da Trindade, sem mais entrada, nem porta, nem janella que uma pequena fresta ou seteira para luz, e para receber a comida que lhe vinha de fóra, e a seu tempo os Sacramentos da Egreja.

A esta animosa mulher foram imitando outras e crescendo o numero vieram a dar principio ao mosteiro, que chamamos das donas da Ordem de S. Domingos.

E os elogios dados por S. fr. Gil a um tal viver espertaram santa inveja em muitas donzellas nobres, e compudgiram outras mulheres para se determinarem a semilhante empreza. [1]

Começaram duas, seguiram outras, e a pouco e pouco mais, fazendo suas cellinhas separadas e cada uma de per si.

Traziam todas o habito de S. Domingos, á imitação de Elvira Duranda, como fôra a primeira n'aquelle genero de vida.

E por sua conta acudiam os frades dominicanos a todas com a administração dos Sacramentos.

Historia de S. Domingos, Liv. V, Cap. 20.

D'aqui nasceu então dar-lhes o povo o nome de freiras de S. Domingos, não tendo, porém, d'este Santo mais que a piedade, com que o santo fr. Gil e seus frades por sua ordem lhes assistiam: e a devoção e habito que ellas voluntariamente usavam.

E foram as reclusas em tanto crescimento que chegaram as cellinhas a formar uma boa rua, e eram em numero de quasi vinte.

E esta se estendia da ermida da Trindade contra o convento de S. Francisco.

Nos primeiros tempos eram estimadas de toda a terra, e de todos os religiosos bem vistas, como gente santa, e que na verdade o era, no dizer de fr. Luiz de Souza.

Correndo, porém, o tempo começaram os padres menores, que por este tempo eram vindos a Santarem a fundar no sitio que depois tiveram, e a haver por pesada a visinhança.

Porque, imaginando d'antes, que como aquelle genero de religião fôra principiado sem fundamento, assim cahiria brevemente por si, viam agora que levava caminho de se perpetuar.

Era a razão que as que falleciam deixavam as cellas a parentas ou amigas, que logo as enchiam.

E não faltava quem de novo edificasse outras cellas.

E sentiam os frades prantar-lhes em suas portas um mosteiro (que por tal o haviam já) de mulheres.

Fizeram primeiro requerimento aos frades de S. Domingos, pedindo-lhes que, pois aquellas mulheres eram já tanto em numero, que faziam um bom mosteiro, e traziam o habito de S. Domingos, e se davam por freiras suas no vestido, na obediencia e no governo, quizessem tiral-as da visinhança do convento alheio, e passal-as para junto de si.

Defendeu-se o prior dominicano com a verdade, dizendo que as chamadas freiras, sendo como eram emparedadas, lhe não pertenciam a elle, nem á sua ordem em nada. Porque no temporal era cada uma senhora de si; e só no espiritual lhes acudia, como estava obrigado a todas as mais pessoas d'aquella villa quando o buscavam. E, se o fazia com mais promptidão, não era respeito do habito, pois esse tomado por eleição propria, e não dado por prelado da Ordem, pouca obrigação lhe punha: senão por ser gente que procedia com grande exemplo de virtude, e muitas d'ellas eram do melhor da vida; e uma cousa e outra as fazia não só dignas de favor, mas tambem de veneração. E pela mesma rasão ficavam elles padres menores, obrigados a não as inquietar.

Não se deram elles por satisfeitos de resposta tão justificada, e puzeram logo o negocio em praça, e em litigio, requerendo juntamente ás emparedadas para despejarem o sitio.

O litigio continuou, e com o decorrer do tempo vieram a fundar um convento, ao qual se chamava as Dônas (contracção de Dominas) de Santarem.

Acerca das emparedadas nos falla tambem o auctor dos conegos regrantes de Santo Agostinho, a pag. 576 do segundo volume, e ainda varios outros escriptores. Mas como ainda bastante ha que dizer ácerca d'outros assumptos, aqui poremos ponto final ácerca das emparedadas.

E' mister, porém, dizer alguma cousa ácerca dos mosteiros duplices, os quaes foram anteriores ás casas ou prisões das emparedadas.

Em Leça do Balio, segundo o que assevera uma memoria estampada no Porto houve frades e freiras ao mesmo tempo, e aos conventos que serviam para as pessoas de differentes seculos chamavam duplices.

O auctor do Elucidario, porém, accrescenta: «Houve muitos em Portugal. Mas ninguem se persuada, que, não havendo tanta malicia n'aquelle tempo, o côro, egreja, e officinas eram communs aos monges e monjas.

Pelo contrario: grossas e altas paredes separavam até mesmo da vista as duas familias, que, se algumas vezes não tinham mais superior que um abbade ou abbadessa, ordinariamente cada uma das communidades tinha seu chefe, e na egreja ou oratorio das monjas só os que serviam no altar, ou conferiam os sacramentos, eram permittidos, não se concedendo jámais ás monjas o entrar na egreja e mosteiro dos monges.

O que, porem, se não podia evitar, era que os monges e frades deixassem de travar luctas e questiunculas uns com os outros, fosse porque fosse.

Querendo a rainha D. Tareja, filha d'el-Rei D. Sancho I que os monges benedictinos largassem o mosteiro de Lorvão, para n'elle se recolherem monjas de Cister, mandou el-rei para este fim chamar o abbade, o qual, propondo o negocio aos seus monges, tiveram todos animo e valor para não defferir á vontade real.

Sabendo el-rei a resolução dos monges e tendo por menoscabo da sua auctoridade não lhe largarem o mosteiro, procurou levar o negocio por justiça. E para isso se deu ordem, que D. Pedro, bispo de Coimbra, *a quem os monges estavam sugeitos*, désse sentença contra elles julgando que por culpas suas mereciam ser expulsos do mosteiro; e que a rainha D. Thereza entrasse de posse d'elle, como com effeito entrou, vespera do Natal do anno de 1200.

Alguns dos monges, porem, foram a Roma representar sua causa ao papa Innocencio III, o qual, depois de haver commettido o conhecimento d'ella ao arcebispo

de S. Thiago, mandou que a rainha pagasse as custas da demanda, e que os monges fossem restituidos.

Elles, porem, se contentaram com 500 cruzados que a rainha lhes pagou de custas.

Em uma carta de composição entre el-Rei D. Affonso III e a Ordem de S. Thiago sobre doações de terras, e padroados do Algarve, passada por juizes compromissarios em Lisboa, a 7 de Janeiro de 1272, se diz:

Et dent domino Regi litteras donationis et privilegium domini Papae, quod habent super praedictis locis.»

Mas ah! amigo leitor, quem se poderá jámais gabar d'escrever uma historia completa de tudo quanto se deve dizer, ácerca dos frades?

Promettêra o frade Fernando Sueiro, religioso de S. Domingos e pregador de D. João IV, fazer com os seus votos e influencia, com que sahisse prior do convento de S. Domingos em Lisboa o padre Antonio de Lima, irmão do visconde da Carreira, o qual o presenteou bastante. [1]

---

[1] Seria cousa immensa e superflua produzir aqui (diz Amaral) um catalogo das doações, que os nossos primeiros reis (além dos vassallos ricos) fizeram ás egrejas e mosteiros.

As chronicas, tanto dos Reis, como das Ordens Regulares, especialmente dos Bentos, Bernardos, Conegos Regrantes e das ordens militares estão cheias d'ellas.

Fallando um dos chronistas mais instruidos em a nossa historia (fr. Antonio Brandão, Monarchia Lusitana, parte IV, Livro XIV, cap. 16), da doação que el-rei D. Sancho II fez da villa de Arronchas, logo que a ganhou, ao mosteiro de Sana Cruz accrescenta:

«Conforme ao costume d'aquelle tempo, fazia-se doação das terras; tanto que se ganhavam, ás Ordens militares ou a mosteiro e egreja notavel.»

Em 21 de julho de 1110 confirmou o conde D. Henrique e sua mulher ao prior D. Theotonio e seus clerigos, que viviam na Sé

Chegado o tempo da eleição, faltou, e deu isto ensejo para que fr. Thomaz Aranha lhe escrevesse na porta da cella a seguinte quadra:

Aqui n'esta cella móra,
No dormitorio de cima,
Quem chupou o sumo á Lima,
E deitou as cascas fóra.

Á celebre freira e poetisa soror Violante do Ceo, recitou certo doutor uns versos, em que a denominava — VIOLA, FLOR e INSTRUMENTO.

Apenas findou a recitação de taes versos, eis a celebre poetiza a responder com o seguinte improviso:

---

de Vizeu, o couto que D. Fernando de Leão lhes havia concedido, onde lhes diz:

Ita ut nullus homo habeat potestatem, ne que licentiam super illos homines, qui ibi populaverint, aut populantur mittendi, neque movendi, neque alio censu, quod Regali dominio convenit, omnino ab eis inquirat, etc.

Do livro do tombo velho d'aquella egreja, o transcreveu o auctor do Elucidario.

No couto que os mesmos soberanos concederam á Sé de Braga em 1112 lh'o dão cum villis et hominibus nobis debita servitia persolventibus... atque concedimus, ut quid quid Regali Fisco villae et homines hactenus persolverunt, ab hac praesenti die deinceps vobis D. Mauritius Brachar. Archiepiscopo vestrisque successoribus... et Clericis ibi commorantibus reddant atque persolvant.

No foral que a rainha D. Thereza deu em 1123 aos de Vizeu, diz entre outras cousas:

Clerici qui in civitate moraverint, eadem modo habeant suas hereditates per suum clericatum, sicut et milites per suam militiam.

Contradizer um doutor
Bem sei que é temeridade,
Porem, com uma verdade
Quero pagar um louvor.
Nem instrumento nem flor
Sou: porem, se a posso ser
Ninguem trate d'emprehender
O que não pode alcançar,
Pois nenhum me ha de tocar,
Pois nenhum me ha de colher.

D. Francisco Manoel de Mello traz a pag. 127 da sua Carta de Guia de Curador a seguinte passagem, e bem curiosa:

«Umas (*mulheres*) ha que chamam madres, que se

Em 1125 fez a mesma rainha doação do mosteiro de Azere (então chamado *Azar*) á Sé de Tuy.

Em 27 de maio de 1128 fez D. Affonso Henriques á cathedral de Braga a grande doação em que diz:

Ecclesiae Regales, quae sunt parochiales, sint sub manu pontificis, et nullus laicus in eis habeat potestatem. Monasteria Regalia dent tibi tantum quantum dederunt praedecessoribus tuis. Insuper et iam dono... in Curia mea totum illud, quod ad Clericale officium pertinet, sc. Capellaniam et Scribaniam et cetera omnia quae ad Pontifices curam pertinent.

E o que mais é, lhe concede a mercé de moeda, sicut avus meus Alfonsus dedit adjutorium ad Ecclesiam S. Jacobi faciendam, simili modo do atque concedo Sancte Marie Bracharensi monetam, unde fabricetur Ecclesia.

Em 1132 coutou o mesmo soberano o mosteiro d'Arouca, dizendo na sua carta:

Facio Cautum illum tali modo, ut omnem rem illam, quae ad Regem pertinet, calumnia, karritelum, fossadariam regalengum dimitto, et dono, ut illis, qui habitaverint in Monasterium illum habeant semper faciendi quae voluerint.

Em 4 de fevereiro de 1133 fez o mesmo rei doação e confir-

prezam de dizer cousas em segredo — se se casará, se terão filhos, se será o marido governador de tal parte, se ficarão viuvas cedo.

Benzem enfermos, vão a Santo André, gastam rolos com seus nós todo o anno, e affirmam que a alma do parente não esteve mais que tres dias no Purgatorio. Guardar de tudo isto, como do proprio inferno, exclama D. Francisco Manoel de Mello.

No tempo de D. Filippe II uma freira hespanhola por nome Catharina Erauso, fugiu do convento, vestiu-se de homem, e serviu como grumete nos navios, que viajavam para a América.

Desertou, e, depois de muitas aventuras, alistou-se no exercito de terra, onde se distinguiu na guerra contra os Indios, e onde chegou ao posto d'alferes.

---

mação do couto Sancti Antonini in monte Barfluto á egreja de Braga, quando lhe largou expressamente regalia fiscalia et servilia.

Em 1140 fez uma ampla doação a D. Raymundo procurador dos santos pobres de Jerusalem, e a D. Ayres, prior dos frades, de Portugal e Galiza, em que exime de todos os encargos, direitos e portagens todos os seus bens presentes e futuros. O qual privilegio confirmou á instancia do mesmo D. Raymundo, mestre do veneravel templo de Jerusalem e do prior Pelagio,

Em 5 de fevereiro de 1111 passou o mesmo rei carta de couto ao mosteiro de Villa Nova de Muhia; em que diz:

Habeant predictum monasterium... quantum ego ibi habeo; et ad regiam pertinet potestatem.

Em 12 do mesmo mez e anno passou carta semilhante ao mosteiro de Villa Boa do Bispo, e em 16 d'abril do mesmo anno outra ao mosteiro das Religiosas de Paderne.

Em 30 d'abril de 1150 confirmou o mesmo rei com sua mulher ao bispo de Vizeu D. Odorio, e seu cabido todos os seus bens.

Em 1157 passou carta de grandes privilegios á Ordem dos Templarios.

Retirou-se do serviço, em consequencia de ferimentos que recebeu n'um duello, e foi n'essa occasião que se descobriu o sexo.

Voltando á Europa teve uma pensão que lhe mandou dar o rei de Hespanha.

Em 1866 ainda a procissão de Corpo de Deus na villa de Monção nos trazia á lembrança as costumeiras de outro tempo n'uma tal procissão.

O campo da feira logo de manhã cedo estava cheio de povo das freguezias proximas, mas especialmente de gallegos. Logo que termina a funcção da egreja, que sempre se faz com a possivel pompa, sae a procissão.

Na frente vae a musica, que se compõe d'uma gaita de folles, um tambor e um bumbo.

Na doação que a Infanta D. Sancha, filha do conde D. Henrique, fez á egreja de Villa Nova das Infantas, diz:

Concedo potestati Abbati istius Ecclesiae et suis hominibus, quod non pectet vocem, nec calupniam, nec luctuosam, in termino suo, sc. Ecclesia, et etiam mando quod pignoret per se Abbas, sicut maiordomus alicujus terre.

Et si forte conquistus se aggravaverit, mando quod respondeat sibi coram vicario terrae.

Tinha a data de 21 de janeiro de 1162, e existia no Cartorio do Mosteiro de Pombeiro.

Na escriptura de demissão, que o Bispo de Lamego fez da egreja e couto de Sabredas em março de 1164 diz que em compensação lhe deu el-rei D. Affonso dois casaes, em Villa de Rei e accrescenta:

Et haec duo casalia Rex absolvit ab omni debito fiscali, sc. cabdali, calumpnia, voce cariteli, et ab omni debito Regio.

Na doação do couto da barra, que o mesmo rei fez ao mosteiro de Ceiça em 1175, declara que lhe dá e concede tudo o que ad Regale jus pertinet, hereditatem scilicet, et vocem et calumpniam.

No foral de Viseu, dado por D. Sancho I, no anno de 1187 diz:

Segue-se-lhe a colossal figura de S. Christovão, que é levada por seis barqueiros.

Desfilam depois algumas corporações, e, apoz, um boi, a que chamam *boi bento*, com as pontas doiradas, e o corpo coberto com um manto de damasco, guarnecido de oiro. Atraz segue o carro das hervas, que é dado pelos marchantes,

O carro é todo coberto de buxo e flores, e dentro vão meninos vestidos de branco com enfeites e fitas vermelhas, cantando psalmos.

Segue a Ordem Terceira, o clero e o pallio. Depois vem S. George.

Representa a este santo um ferrador da mesma villa, que depois de se confessar e commungar, vae receber á camara 2$250 réis.

Militis et Clerici qui in veteri Civitate de Viseu casas habuerint, possideant eas sine regali facienda... Clerici Sanctae Mariae habeant suas hereditates, atque suos Honores, sicut milites de Viseu eas melius habuerint.

Na doação que este rei fez do castello de Abenemãci ao mosteiro d'Alcobaça, diz que lh'o dá ab omni regali exactione liberum.

Na doação que fez de Mafra ao bispo de Silves D. Nicolau em dezembro de 1189, diz que lh'a dá cum universis, quae ad jus nostrum pertinent.

Na doação que o mesmo rei fez da Albergaria de Trinces a Pedro da Conceição, eremita de Cintra, em julho de 1192 lhe diz:

Habeas tu, et post te quo cumque volueris viros religionis, qui semper in eis habitent... prefata loca, ... libera, integra, et ab omni Regia et Ecclesiastica exactione immunia ab hac die us que in perpetuum.

Aos privilegios que o mosteiro de Ceiça já tinha pelo couto da barra, accrescentou o mesmo rei D. Sancho I em março de 1211 o seguinte:

Qui modo ibi morantur... Monasterio jura illa persolvant, quae nobis persolvere solebant.

Na procissão vae com capacete na cabeça, saia de malha, grevas de aço, lança e espada, montado em um fogoso cavallo.

Acompanha-o até que se mette na rua do Castello, e ahi volta para traz, esporeia o cavallo, e, derrubando gente para a direita, e para a esquerda, entra no campo da Feira em procura da Santa Coca para travar o combate com ella.

A tal Coca é um monstro em figura de dragão.

E' de arcos, cobertos com lona, e rodas por baixo, sobre as quaes marcha e contramarcha.

Tem azas, pontas, e uma grande cauda retorcida.

A bocca é de molas, e, para que se abra e feche, atam-lhe uma corda, pela qual pucham atraz os homens que fazem andar o dragão para metter medo ao cavallo.

No foral de Penamacor dado em 1195 se diz:

Clerici de Penamacor sint liberi ab omni fisco laicali et habeant honorem, et hereditates sicut milites.

Nem só os soberanos davam ás egrejas e mosteiros os bens com aquellas isempções: os mesmos particulares que os possuiam com ellas, assim os transmittiam nas suas doações.

Soeiro Mendes que em 23 de novembro de 1097 havia recebido do conde D. Henrique uma amplissima doação e d'ahi a quatro mezes a passou ao mosteiro de Santo Thyrso cum cunctis vectigalibus, calumniis omnibus et servitiis regalibus, negotiis totis, sicut imperabant ibi Domnis ipsis Regibus nostris... cum totas fossadeiras, et caracteres,

No cartorio de Moreira havia uma escriptura original de contracto entre o mosteiro e Mendo Gonsalves com sua mulher em 1150, na qual estes dizem acerca de certa herdade:

Ego et uxor mea habeamus ipsa hereditate in vita nostra liber sine ulla calumnia, nisi de ipso Monasterio, et post obitum nostrum veniat ad ipso Monasterio liber integre sine alio Senior.

Outro similhante contracto do anno de 1170 se acha no mesmo cartorio, só com a differença de ser o mosteiro, quem fazia a doação aos particulares, e diz:

Esta lucta de S. George com a Santa Coca é o encanto do povo.

Depois de muitos assaltos S, George sempre consegue trespassar o costado do monstro. E, praticado este feito, recolhe-se.

Em seguida dirigem-se os habitantes de Monção em grande numero para Salvaterra de Galliza, onde passam em folguedos o resto do dia.

Mas que não nos admiremos do que se passava em Portugal, pelo que dizia respeito a esta procissão. O leitor, se quizer ver o que por uma tal occasião se praticava em Roma, veja o volume terceiro das Cartas ácerca da Italia por Dupaty, pag. 22.

Os conegos de S. João de Lyão (na França) eram obrigados a adduzirem grandes provas de nobreza para

---

Et sedent quitos de totas calumnias, et totos sarvitios et portadigos.

A' abbadessa de Paderne deu el-rei D. Affonso I em 1161 juntamente com o couto e jurisdicção civel.

Na ampliação que el-rei D. Affonso II fez em 5 de junho de de 1218 da doação que seu avô em 1176 fez de todas as terras do Tojal ao mosteiro de S. Vicente, e tem entre outras clausulas.

Concedimus etiam vobis, quid faciatis in eadem populatione usque ad numerum centum virorum vicinorum, de quibus in eadem habitantibus cum omni jure Regali vobis et praedicto monasterio concedimus omnem jurisdictionem civilem et criminalem, salvo homicidio rauso, ot stercore in ore, et in his tribus habeatis illud jus, sicut semper hab uistes a tempore primo donationis sub certo modo.

Na doação que el-rei D. Fernando fez do logar da Povoa de Paredes, do termo de Leiria ao mosteiro d'Alcobaça lh'o dá «com todos os direitos e jurisdicção civel e criminal, que eu hei (diz el-rei) e de direito devo haver... reservamos tão sómente para mim, que eu haja em aquelle logar aquella perdição e correcção e poderio que hei nos outros logares d'esse ja sobredito Couto.»

serem recebidos e qualificados — conegos e condes de Leão.

Estribados n'isto pertendiam elles que, como verdadeiros gentis homens, não fossem obrigados a dobrar o joelho na egreja ao tempo da saudação da hostia.

A universidade de Sarbonna condemnou esta pretenção como arrogante, impia e escandalosa.

Appellaram os conegos para o conselho, visto que não concediam á universidade de Sarbonna jurisdicção sobre o capitulo e concelho.

E effectivamente o conselho, por deliberação de 23 d'agosto de 1555 retirou-lhe a censura, e deu áquelles padres orgulhosos o direito de se não humilharem em presença d'aquelle, perante quem se curvam os reis da terra.

Que se deviam livrar d'aquella censura, logo que chegassem ao tribunal da penitencia.

Usavam para este fim d'uma esperteza.

Abriam a porta da egreja, iam depois como inadvertidamente mostrando as curiosidades do edificio.

E, quando já tinham panetrado no que era clausura, davam-se por apercebidos da inadvertencia, mas ajuntavam immediatamente.

«Já que o mal está feito, vejamos o resto.

Não ficaram assim as mulheres privadas do prazer d'examinar o convento, talvez unico na sua especie.

Por carta de 8 d'outubro de 1296 confirmou el rei D. Affonso III ao mosteiro de Villa Cova das Donas, comarca da Feira da Ordem de S. Bento, a jurisdicção mandando que a abbadessa ponha juiz, que julgue os feitos civeis do seu Couto, e que d'elle appellem para a abbadessa ou seu ouvidor, e d'elles aggravem para el-rei,

Ao mosteiro de S Miguel de Bostello, bispado do Porto favoreceram el-rei D. Affonso III e D. Affonso IV, demarcando-lhe couto e largando-lhe toda a jurisdicção civel, e dando-lhe poder para pôr n'elle juiz, que sirva um, dois e tres annos, ou quan-

Diz madame de Pompadour que uma das boas cousas que tinham feito os jesuitas fôra o trazerem quina do Perú.

O poeta portuguez, natural de Moncorvo, Francisco Botelho de Moraes e Vascoecellos, compoz um poema epico, merecedor d'algum apreço, com o titulo de *Alphonso*.

O rei, sempre prompto a animar os escriptores, fez-lhe mercê d'um habito de Christo, dando-lhe a insignia ou medalha, e licença para, de prompto, poder usar d'ella.

Passado algum tempo apresentou-se o poeta na presença do rei sem o habito.

Agastou-se o monarcha, e perguntou enfadado ao poeta. Que tinha elle feito do habito?

---

tos o abbade quizesse, dando-lhe juramento que fizesse justiça ás partes.

O mosteiro de Santa Maria de Ferreira, no bispado de Vizeu, tinha metade da jurisdicção ou regalia de pôr officiaes de justiça n'aquella villa pertencendo-lhe a nomeação seis mezes, e os outros seis ao senhor da terra.

Ao mosteiro de S. Christovão de Rio Tinto, bispado do Porto, a quem D. Affonso IV fez jurisdicção, dizendo que a abbadessa dê juramento ao juiz para ouvir feitos civeis: e, se cumprir á parte appellar da sentença, seja para a mesma, e d'ella possa ir por aggravo a el-rei.

Ao mosteiro de Refoios foi concedido que o seu prior apresentasse todos os annos um juiz, que julgasse todos os feitos civeis dos moradores do seu couto, e pozesse meirinho para prender os criminosos e penhorar.

Por carta passada em Guimarães, em agosto de 1204 concedeu D. Sancho I ao bispo de Lisboa D. Soeiro entre outras cousas o poder de pôr almotacel, e que os do seu termo, andando fora da cidade não possam ser vexados pelas justiças reaes, e que em nenhum se possa fazer penhora, sem primeiro ser citado, e se apresentar diante do corregedor e justiças.

«Não o trago, real Senhor, porque me lembro que Jesus Christo, sendo um Deus, Poderoso e Omnipotente, quando lhe puzeram uma cruz ás costas, necessitou d'um cyreneu, que lha ajudasse a levar: e como poderei eu com ella, sendo um fraco mortal, e um miseravel peccador?

O monarcha reflectio por um instante, e respondeu-lhe: Bem está; tereis tambem o vosso cyreneu? E concedeu-lhe uma pensão vitalicia.

Certo religioso prégando de S. João Baptista no convento da Castanheira, tomou por assumpto o provar que, se os outros santos o foram por seus passos contados, S. João Baptista fôra santo de carreira.

Acabado o sermão foi para a grade, onde, entre

Por carta de 31 de janeiro de 1195 deu el-rei D. Sancho I o privilegio aos clerigos de Lisboa de que nem o meirinho da cidade, nem o aguazil possam entrar ou tirar alguma cousa de casa d'um clero contra vontade d'este.

Em uma doação, que parece do fim do seculo XI, ou principio do XII, feita pelas religiosas de Rio Tinto ao mosteiro de S. Salvador de Mosteiro se acham declarados quantidade de compatronos, que com seus herdeiros cancorrem na doação e dizem o seguinte:

Nos domini et heredes. qui istum monasterium damus Deo et Ordini, et sanctimoniales, habeamus potestatem ponendi abbatissam, et deponendi, cum ipsas Sorores, que in hoc monasterium habitaverint.

Na doação que o presbytero Ermigio fez a S, Miguel de Moleelos no valle de Besteiros em 1101 depois de dizer que lh'o dôa cum suos passales, sicut sententia Canonica docet, cum suos testamentos et cum suas adicionis, cum terras ruptas et inruptas, petras mobiles et immobilês... vineis, pomiferis, santis, c ortes, domos, sinum, libros, calicem, vestimentum, atque ornamentum Ecclesie, cupos, cupas... ab ipsa ecclesia cum suas hereditates de apressuria cum genitores meos nominibus Tructesindo et Aragunti, in temporibus Rex Adfonsi.

outras pessoas lhe veio tambem fallar uma, muito apaixonada do Evangelista, a qual perguntou ao padre pregador. Quem vôa, padre pregador, não vae adiante de quem corre?

Respondeu o prégador: Que sim.

Pois se o Baptista, continuou a madre, foi santo de carreira, o Evangelista o foi, voando como aguia.

Fr. João do Sacramento a pag. 32 do volume 2.° da Chronica dos Carmelitas falla-nos d'uma freira tambem carmelita e fidalga que tinha extraordinario asco e repugnancia aos ratos. Com o fim, porém, de fazer penitencia agradavel a Deus, tendo certo dia, ao entrar na cella, encontrado um rato morto, pegou n'elle, metteu-o na bocca, e n'ella o conservou desde as tres até ás cinco horas da tarde.

Enterro da ultima freira do convento do Santissimo Coração de Jesus da Basilica da Estrella

Desde as primeiras horas da manhã de 2 de maio de 1885 que os famosos sinos das torres da Basilica do Coração de Jesus dobravam solemnemente a finados, e uma tristeza profunda devora em lagrimas e ancias as quinze pupillas do convento das carmelitas descalças de Santa Thereza.

Morrera na vespera a ultima freira professa e a ultima que professou ali, das carmelitas descalças de Santa Thereza—madre Maria José do Coração de Jesus, que no seculo se chamara Maria Carlota de Araujo, e que era natural de Rio de Moura, e filha de João Rodrigues de Araujo.

Tinha 79 annos. Reunia em si a auctoridade suprema do convento com o titulo de priorexa.

As doenças haviam-se-lhe accummullado por tal sorte que a uma lezão cardiaca se juntava a cachexia, e lhe terminou a vida uma congestão.

Na hora terrivel da saida eterna da clausura, em que o corpo foi transportado pelos empregados da egreja, e acompanhado

A procissão de Corpus Christi na egreja parochial da Senhora dos Martyres, procissão outr'ora tão esplendida e magestosa, no anno de 1888 deu volta só dentro da egreja, e levava umas cincoenta pessoas, das quaes um terço eram rapazes. Nem um unico archeiro, e no emtanto é n'aquella egreja, que, como já disse, existe uma irmandade d'archeiros.

Na procissão, porém, que ainda celebram em Felgueiras, apparecem uns individuos representando de Abrahão, de Isaac, da rainha dos Captivos, e da Gloria.

Passava certo dominicano n'uma barca por um rio, levando tambem o jumento que pertencia ao frade, e o burro ia tremendo.

O arraes, para zombar do frade, lhe perguntou de que tremia tanto o seu burro?

---

processionalmente pelas pupillas até á portaria. Estavam estas suffocadas em prantos.

Era a mãe espiritual que se ia para sempre.

A finada trajava o habito da regra. Habito, escapulario, veo capella e palmito.

Foi collocado o corpo n'uma eça no cruzeiro da egreja.

Hontem, depois dos officios de corpo presente, missa e liberame, graves cerimonias a que presidia o capellão, fez-se um modesto e decoroso enterro.

Na sua ultima hora, a finada prioreza pedira a abstenção de qualquer apparato.

O corpo foi depositado em o jazigo da communidade no cemiterio dos Prazeres.

A casa ficou viuvã, e orphãs as pobres encostadas que o governo não pode nem deve desamparar, pois entre ellas ha algumas de avançada edade, estando ali enclausuradas ha 40 e 50 annos.

Estas creaturas julgam-se para sempre amparadas pela sombra protectora de D. Maria I, cujos restos descançam no bello tumulo da capella-mór, do lado do evangelho, o qual é obra do architecto Luis Chiavi.

Respondeu o religioso: Eu vos assevero que, se vos tivesseis como elle, os ferros aos pés, a corda ao pescoço, e um padre aos ouvidos, não temerieis menos!

A freirinha de Sant'Anna, da qual já se fallou, sendo bem pequena, e conjunctamente com uma irmã, com licença dos paes, tomaram os titulos de aias de Nossa Senhora.

E depois a primeira vez que sairam á rua, havendo largado os vestuarios de seda, em quarta feira de cinzas do anno de 1738, foram tomar o habito da Ordem Terceira da Penitencia, cingindo exteriormente o cordão. E accrescenta o biographo:

«E foi esta uma acção que muito edificou no mundo, que dava gloria a Deus, e que servio á serva do Senhor de porta franca para entrar desembaraçadamente, e animosa em um rigoroso exercicio de todas as virtudes, aspirando a ser n'ellas cada vez mais perfeita.

E alguns dias na semana andava com uma grande cruz ás costas, rezando a Via Sacra. E tambem com a cruz ás costas andava, prostrando-se pelos claustros a

---

Este tumulo é de marmore preto e branco, com magnificas esculpturas de marmore, urnas, leões, anjos, caveiras, e medalhão com o retrato e ornatos de bronze.

Foram ali depositados os restos da rainha a 20 de março de 1822.

Houvera na egreja n'esse dia luxuosas e estrondosas exequias, e tocou-se a musica de Domingos Bomtempo.

A rainha fallecera no Rio de Janeiro a 20 de março de 1816, com cerca de 82 annos d'edade, sendo o corpo trazido ao reino pela fragata Princeza Real.

Casada com seu tio o infante D. Pedro fez voto de edificar este convento e sumptuosa basilica, cuja construcção começou em 24 d'outubro de 1779.

Ao major Matheus Vicente, da escola de Mafra, se incumbiu o

tempo que as religiosas vinham de fazer a ceremonia de comer em terra. A decencia não permitte que eu narre aqui um facto descripto a pag. 307 da biographia d'esta freira, escripta pelo seu proprio confessor; mas que o leitor o lêia na vida d'esta madre estampada em Lisboa no anno de 1751.

Affligia-se esta freirinha quando a tratavam bem, e quando suas irmãs em Christo eram boas para com ella e chega a exclamar:

«Valha-me Deus, que não posso ver-me livre de creaturas que me amem! Não vejo modo, com que evite o serem as creaturas minhas amigas? Permitta Deus, permitta Deus, não seja isto damnoso ao meu espirito! Porém meu Senhor bem sabe, que só a elle quero amar, e servir sobre todas as cousas; porque só ao Senhor amo estimo mais que tudo.» pag. 113.

Mas se o leitor quizer conhecer até á evidencia que nos conventos tambem havia luxo e grande luxo, queira ler as seguintes palavras que se encontram a pag. 349 da vida da insigne mestra d'Espirito, a virtuosa madre Ma-

---

risco e direcção das obras, tendo sido tão pouco feliz na sua traça e execução que succumbiu ao peso das censuras de que foi alvo, succedendo-lhe um condiscipulo, o major Reynaldo Manuel, que teve por collaborador, na parte ornamental da cantaria, e por executante dos trabalhos de estatuaria do interior do templo o grande Machado de Castro.

A 15 de novembro de 1790 estavam concluidas as obras, em que se haviam gasto 6:400 contos.

Dizem que só a madeira dos andaimes d'esta obra chegou para edificar um quarteirão do Chiado

As primeiras freiras foram do convento de Carnide, em numero de 16. e entraram no novo convento a 16 de fevereiro de 1781, assistindo á festa, que concluiu por um opulento jantar toda a familia real.

ria Perpetua da Luz, carmelita calçada no convento da Esperança da Cidade de Beja, por Fr. Joseph Pereira de Sant'Anna, e estampada em Lisboa, no anno de 1742 in fol.

«Quando ia em companhia de meu Divino Esposo visitar as enfermas, sentia que ellas tinham as casas e as camas compostas com aceio, religião, e sem prophanidades, entrava elle, e juntamente comigo as visitava, e eu sentia na minha alma muita alegria e união com o mesmo Deus, e com os meus proximos. Mas, quando me succedia entrar em casa de doente, que tivesse prophanidades na casa e na cama, principalmente onde via cobertores encarnados, colchas de montaria, almofadas de seda no estrado, espelhos de vestir, e outras similhantes vaidades; em cada uma d'estas cousas me parecia ver um demonio, e logo me caiam os braços, e se me quebrantava o animo.»

Estando esta freirinha no antecôro ao tempo de se entoar o psalmo costumado, vio ella, e com toda a alma sentio estar o Menino Jesus ao seu coração, dizendo-lhe com galanteria pueril: Que não quizera ficar em casa fechado.

E tal foi a graça, que deste modo de fallar resultou ao seu espirito, que, em quanto a resa durou, esteve intimamente unida com o mesmo Deus Menino.» pag. 186.

Parece que as freiras daquelle convento nos dias festivos se paramentavam com excesso, pois a mesma freirinha tambem diz a pag. 345:»

É mais que ignorancia, grande cegueira dos filhos d'Adam, offenderem a Deus com a presumpção de que o servem.

Muito se me offerece que sentir algumas vezes, que as religiosas neste convento festejam a nossa Mãe San-

tissima com o titulo singular do Carmo, e com outras invocações.

Acontece pois que, no dia da festa, as mordomas se empenham em trazerem toalha maior, mangas mais dilatadas, sapatos com saltos de altura escandalosa, e com rendas as camisas, que talvez não são de linho, senão de panno mais fino e precioso.

Se comsigo tem o abominavel idolo de alguma menina, tambem nesse dia a vestem com a possivel bisarria, fazendo gala de que na clausura appareçam trajadas com as vaidosas profanidades do seculo.

Nesta forma andam satisfeitas de si mesmas, e muito alegres, recebendo os louvores e parabens que lhes dão pelo aceio, grandeza e estrondo das festas.

Sendo assim, que estas mesmas demonstrações servem de poderoso estimulo ás vontades, para que mais cegamente se precipitem na abominação dos despendios.»

Fr. Antonio da Piedade a pag. 764, do volume primeiro da Chronica da Arrabida falla contra os morgados, lamentando a falta de educação que os paes davam a estes.

Diz fallando de certo morgado rico, a quem os paes mandaram estudar:

«Ás letras o applicarão com prudente conselho, lição, que deviam aprender os paes que se presam de nobres, para evitarem nos filhos o ocio, como origem de todos os vicios.

Poucos o praticam com os filhos morgados, escrupulosos de que lhes falte um só instante para o gozo das suas riquezas; e não advertem que, dando-lhes desta sorte por mestra a ociosidade, os veem a lamentar distrahidos, quando os poderiam admirar exaltados.

Criam-nos para morgados, e julgam, por infalliv

consequencia da razão de estado, deverem passar a vida ociosos: è é engano: porque basta o serem ociosos para se lhes inferir o titulo de morgados.

Nos conventos dava-se o nome de freiras de veu branco áquellas que tinham entrado para os conventos levando só meio dote, e por isso eram obrigadas a trabalhar em serviço da communidade, e freiras de veu preto eram as que tinham pago o dote por inteiro.

Fr. Lucas de Santa Catharina, na continuação da sua Historia de S. Domingos conta o seguinte caso: (vol. IV. cap. 6).

No convento dominicano d'Elvas foram accusar ao prior do convento certo frade, por fazer a panella, isto é—a comida dos pobres mais esmerada que a dos frades. O prelado ficou zangado. Entra arrebatadamente pela cosinha, vê no fogão o comer dos pobres, vê tambem o da communidade, e rompe em palavras desabridas contra o cosinheiro, advertindo-o de que podia poupal-as, pois tudo que da meza sobejava aos pobres se dava.

Mas eis que ouve estalar as panellas da communidade, ficando ao mesmo tempo só inteira a dos pobres.

A isto fica o prelado confuso, pede perdão a Deus, e deixa ficar as cousas no estado em que estavam,

Certo fidalgo, a quem a fortuna era pouco favoravel, descendo um dia a escada, achou no corrimão a farda do creado, toda rota, e com um bilhete, que dizia:

Tristis est anima mea,
Porque está rota a libré.

O amo que bem percebeu o que o creado queria dizer, pega do lapis, e escreve o seguinte:

Mas se eu não tenho vintem,
Quare conturbas me?

Gabriel Barletta, dominicano do seculo XV, pregando no dia da Resurreição, e discorrendo sobre quem devia ser o embaixador d'esta grande nova á Virgem, exclamou:

Adão diz a Jesus Christo: Serei eu + Jesus responde-lhe: Demorar-te-hias talvez no caminho a comer figos.

Offerece-se Abel: o Salvador diz-lhe: Não, talvez encontrasses pelo caminho teu irmão Caim, e este te mataria.

Apresenta-se Noé.

Jesus Christo diz-lhe:

Gostas muito de beber.

Segue-se-lhe S. João Baptista. Responde-lhe: Mal te cobre esse vestido de pelles.

Chega a vez ao bom ladrão. O Senhor diz-lhe: Não irás, que não tens pernas para isso.

Chega, por fim, um anjo, que para essa embaixada foi enviado, e levantou o cantico: *Regina cœli laetare*, ressurrexit, sicut dixit, alleluia.

Os arrabidos ou capuchos da serra de Cintra usavam da seguinte esperteza:

Não era permittido a pessoa alguma do genero feminino penetrar nesta clausura, sem incorrer na pena d'excommunhão.

Todavia os frades não lhes recusavam a entrada, advertindo-lhes simplesmente que em 1560 os doutores de Sarbonna fizeram retirar o beneficio a um padre por ter elle pronunciado as palavras *quisquis* e *quamquam* taes como são escriptas, o não *kiskis* e *kamkam* como elles tinham escripto.

Certo ecclesiastico prégando de Nossa Senhora n'um

dos pulpitos do concelho de Santarem, aconteceu perder-se no sermão. Puchou do seu papel, tomou de novo o ponto, e acabou o panegyrico.

Mas, antes de pedir as Ave-Marias do costume, disse aos seus ouvintes:

Peço desculpa por aquelle poucochinho que me demorei. Bem sabeis que são actos de memoria, que muitas vezes falha. E para falhar basta ser femea...

Um falso devoto preparava-se numa sexta-feira para se fortificar com um caldo succulento de carne, do qual já tinha engulido o primeiro sorvo, quando o creado por escrupulo lhe lembrou ser dia de magro.

— Toma, diz-lhe o glutão, applicando-lhe um murro. Nunca me prevines senão muito cedo, ou muito tarde, quando já não tem remedio.

E continuou a tomar o caldo.

Diz-nos o celebre chronista fr. Manoel da Esperança que aos frades do convento do Espirito Santo em Gouveia, davam os condes de Portalegre todos os annos um moio de trigo, e doze duzias de pescadas, e o mesmo presente enviava aos mesmos frades o marquez de Gouveia.

E esta dadiva começou no anno de 1582.

Porem a pessoa que mais se abalisou em beneficios para com estes frades foi D. Catharina d'Eça, abbadessa do mosteiro do Lorvão.

No seculo passado havia na cidade do Porto um homem tão distrahido que pedindo-lhe o abbade de S. Nicolau assignasse o termo de baptismo d'uma creança pela qual o distrahido ficára padrinho, assignou: Ricardo e Companhia!

A pag. 366 da obra *L'Italie*, por Lady Morgan, nos diz esta illustre escriptora:

O Papa Zacharias, instigado pelo bispo de Mayença,

mandou despir o habito a um frade, chamado Virgilio, por ter defendido a doutrina dos antipodas, a qual, embora sustentada por Cicero e Macrobio, fôra declarada heretica e blasphema por Santo Agostinho.

Prohibiu-se ao povo, sob pena de prisão e de multa, o acreditar na doutrina dos antipodas, e esta defensa foi mui escrupulosamente observada.

Na obra intitulada: La Vie de Joseph II Empereur d'Allemagne, roi de Hongrie et de Boheme, encontramos a seguinte passagem:

Mr. Dimbowski, então bispo de Kaminieck no castello de Podhorce em 1756, notou uma cousa muito singular, que os turcos habitadores de Choczin mandavam muitas vezes dizer missas em Kamniech em honra de Santo Antonio de Padoa: quando perdiam objectos que desejavam rehaver.

No tempo de Fr. Luiz de Sousa ainda se usava das palavras—Fieis de Deus, n'uma acepção bem differente d'aquella em que a tomamos actualmente.

E o elegantissimo, vernaculissimo e mentirosissimo escriptor fr. Bernardo de Brito, nos diz a fol. 106, v. do liv. 2.° da Monarchia Lusitana.

«Os que eram sentenciados á morte, levavam-nos fóra dos logares, e juntos aos caminhos publicos os apedrejavam, deixando-os cobertos de pedras, e depois quantos passavam tinham por costume accrescentar-lhe algumas, como nós agora fazemos nos montes de pedras, que vulgarmente se chamam Fieis de Deus, levantados nos logares ermos, onde matam alguma pessoa, o qual rito nos ficou dos gregos.

Tambem nos conventos uma pancada ouvida inesperadamente, não se sabendo quem a tinha dado, nem onde, era signal de que alguem no convento em que tinha sido ouvida, ia morrer, ou mesmo acabava de fallecer.

E isto acontecia em quasi todos os conventos, e mui principalmente de de Santa Anna em Lisboa.

Tem havido quem diga que a vida conventual encurtava a vida.

A leitura das chronicas monasticas diz exactamente o contrario.

A madre Barbara da Fonseca, do convento de S. Bernardo em Almoster, falleceu com 110 annos de edade.

D. Toda Maria Coutinho falleceu no mosteiro d'Arouca com 122 annos.

Madre Maria da Fé, com 109 annos, no convento de Santa Clara de Santarem.

Madre Marianna de S. Miguel, freira de Santa Clara da cidade da Guarda, morreu com 103.

Madre Luiza do Salvador, no convento de Santa Clara do Calvario em 1735, com 114 annos.

Falleceu no mosteiro d'Odivellas com 92 annos de edade, e com grandes signaes de virtude D. Anna de Moura, irmã do mestre de campo, general que foi do Alemtejo, Gil Vaz Lobo.

Em 1717 morreu no convento da Esperança d'Abrantes uma freira com 136 annos d'edade (Gazeta de Lisboa, abril de 1717).

Em janeiro de 1721 falleceu a freira da Esperança de Lisboa, madre Helena da Cruz, com 92 annos de edade, e 80 de habito.

Seu corpo ficou flexivel, e concorreu grande affluencia de nobreza e povo á grade do côro a pedir prendas suas.

D. Ignez de Vilhena, commendadeira de Santos falleceu com mais de cem annos, em 1722.

Em 22 de junho de 1720 falleceu no real mosteiro de Santa Maria d'Almoster a madre Barbara dao Fnse-

ca com 110 annas de edade (Gazeta de Lisboa anno de 1720).

No mosteiro d'Arouca morreu do fim do mez de julho de 1722 D. Toda Maria Coutinho Centelhas de Gusman, com mais de 122 annos, havendo entrado para aquelle mosteiro com a edade do 9 annos. (Gazeta de Lisboa de 1722, pag. 272).

No mosteiro do Salvador em Lisboa morreu Brites de Santa Ursula creada da Communidade, com 130 annos completos d'edade. (Gazeta de Lisboa de 1719, pag. 176).

Em 20 de fevereiro morreu em Odivellas, d'um pleuriz, Izabel Evangelista, religiosa conversa, com 105 an-annos.

Em 19 de junho de 1735 falleceu no convento do Calvario, a madre Anna Luiza do Salvador, com 114 annos de edade.

Aquellas pessoas, porém, que desejavam não estarem por muito tempo atormentadas com o fogo das penas do Purgatorio, deixavam em testamento dinheiro para esmollas de missas a S. Vicente Ferrer.

E até mesmo se dizia que, se a esmolla fosse avultada, nem por taes penas as almas tinham de passar.

Os sapateiros então andavam immmndos, e traziam aos hombros uma especie de capote, horripilantemente cebento, ao qual davam o nome de *tralha*.

Por estes mesmos tempos os compositores e typographos ganhavam diariamente uma quantia, que hoje corresponde a seis tostões, mas parece que tinham por habito gastar quasi toda a féria em vinho.

Obrigavam então os frades aos noviços a irem para a torre allimparem o badallo do sino, no primeiro dia do noviciado, até que os badallos estivessem brilhantes. Mas quando os noviços já estavam esfalfados, sem os

badallos apparecerem brilhantes, faziam-lhes então uma extraordinaria assuada.

Isso, porém, não o dizem os chronistas, os quaes se esforçam sempre em apregoar que os frades eram uns santos acrisolados em todo o genero de virtudes...

Barbosa de Carvalho, porém, na sua Peregrinação Christã [1] berra contra o theatro dizendo:

«Em nenhum tempo se viu tanto desavergonhamento na mocidade, como depois que as comedias se frequentaram; porque as palavras, meneios, e movimentos feitos com tanto artificio, não são outra cousa senão semear hervelhaca (como disse Propheta) d'onde se haviam de arrancar com muito cuidado; e é mui cego o que não vê o perigo, que ha em irritar o sangue juvenil, com tão lascivas invenções, e tão poderosas para despertar a sensualidade.

Parece quo n'aquelles santos tempos praticavam tambem o que hoje vulgarissimo é, o ficarem com os objectos que pedem emprestados.

Pelo menos o respeitavel fr. Henrique de Santo Antonio no prologo da sua Chronica dos Paulistas diz o seguinte:«...por ser vicio de muitos, de quasi todos os nossos naturaes não restituirem os manuscriptos e livros que pedem; como se as regras da restituição não tivessem logar n'esta materia.»

O mesmo succede hoje. Parece manha de portuguez.

Ainda no seculo passado os nossos avós passavam os ocios discutindo quantas vezes tinha casado a Senhora Santa Anna.

E o padre Sebastião de Azevedo, da Congregação do Oratorio na Vida que da Senhora Santa Anna escreveu [2]

---

[1] Lisboa, 1724, pag. 24.
[2] Lisboa, 1725.

sustenta que fôra ella casada uma só vez, e zanga-se até mesmo contra os que dizem casara ella tres vezes, e cita os auctores seguintes:

Estio.
Tirino.
Cornelio a Lapide.
Cardeal de Toledo.
Jansenio.
Justiniano.
Jodocho Lorichio.
Lippomano.
Molano.
Jacobo.
Fabro Stapulense.
Francisco Lucas.
Melchior Cano.
Pedro Lintrense.
Balduino Julio.
Morales.
Escobar.
Camuzio.
Fr. José de Jesus Maria.
Carlos Stengelio.
Malachial Rozental.
Lireo.
João Maria.
Lourenço Beerlinck.
Christovão de Castro.
João Bonifacio.
Jacobo Marchantio.
Theodoro Clisorio.
Pedro Canisio.
D. Martinho Anastasi.
Abbade Cassinenense...

O celebre chronista fr. Manuel da Esperança falla-nos d'um jejum que havia por aquelles tempos, ao qual davam o nome de trespasso. E consistia elle em se não comer cousa alguma desde quinta feira da Ceia atè o dia de Paschoa, depois de n'elle se receber a communhão. [1]

O nosso Gil Vicente tambem se não mostra afeiçoado aos frades, pois, além d'outros muitos remoques, diz-lhes no Auto da Feira:

Vé que clerigos e frades
Já não tem ao Ceu respeito,
Mingua-lhes as santidades
E cresce-lhes o proveito

Pela leitura da Historia dos milagres do Rosario por João Rebello, vemos que os fidalgos, quando em viagem, dentro dos seus cóches, paravam quando na estrada encontravam frades, para cumprimentarem a estes.

E tambem que os fidalgos traziam ao pescoço rosarios mui ricos, sendo alguns de pedras d'aljofre, e as cruzes de purissimo christal com pontas d'ouro.

O leitor viu já a descripção da procissão do Corpus Christi que lhe apresentei no segundo volume d'esta Historia das Ordens Monasticas em Portugal.

Mas o luxo e a grandeza aziatica d'esta procissão ainda subiu muito mais alto, quando Lisboa Oriental se uniu a Lisboa Occidental.

Então esta procissão foi augmentada com maior numero de irmandades, collegiadas, e communidades, que

---

[1] Historia Seraphica, vol. II. pag 83.

estavam d'aquella parte, como foram os eremitas de Santo Agostinho, do convento da Graça, os eremitas descalços do convento do Grillo, os menores da Provincia dos Algarves, os conegos seculares de S. João Evangelista, dos conventos de Santo Eloy, e S. Bento, Xabregas, e dos conegos regrantes de S. Vicente de Fóra, de modo que a procissão ainda se tornou muito maior, como diz fr. Claudio da Conceição no vol. XI do Gabinete Historico!

E que o leitor compare este luxo e esta opulencia com a pobresa e viver dos primeiros christãos.

E a tal pobresa e virtudes deve o Cristianismo medrar por um modo tão assombroso, embora o quizessem affogar em pelagos de sangue logo á nascença.

Os primeiros christãos despresavam as riquezas e as grandezas.

Procuravam os desertos para alli com mais desafogo e esquecimento das cousas do mundo se entregarem á oração e aos trabalhos manuaes, com os quaes ganhavam o pão de cada dia.

Uns copiavam pergaminhos, outros faziam cestos ou cabazes, outros escreviam livros devotos.

Fr. Martinho do Amor de Deus, a pag. 112 da sua Chronica de Santo Antonio dos Capuchos falla-nos d'um frade por nome Fr. Rubens que exercia o officio de ferreiro. E apesar d'exercer um tal mister, obrigaram-no a que exercesse o cargo de prelado da Casa de Mosteiro da Insua, de S. Paio, e tambem de Vianna. E algumas vezes tambem o constrangeram a que fosse visitador dos conventos do Minho.

E o chronista, ou jubiloso na verdade, ou como tal fingindo-se, exclama:

E d'aqui vem a natural consequencia de que os nos-

sos primitivos buscavam os homens para os logares, e não os logares para os homens.

E d'aqui se segue que taes expressões não tiveram sua paternidade no rei D. Pedro V, mas sim n'um fradinho arrabido, fraca figura e remendado, quatro seculos antes, e não na pessoa real mencionada. Pelo que ainda uma vez se pode exclamar : NIL NOVUM?

A pag. 119 da sua Chronica queixa-se fr. Martinho do Amor de Deus, de que n'um convento da sua Ordem lhe recusaram os apontamentos que pedio para a composição da sua Chronica. E' mais uma prova de que os homens foram, são, e hão de ser sempre os homens, e de que Deus tinha razão quando se arrependeu de ter creado o homem. [1]

E eis porque os diabos metamorphoseados fosse na figura que fosse, tinham sempre occasião para fazerem das suas.

No convento capucho do Monte em Vianna (cidade do Minho) tomou a figura de trasgo, não tendo nenhuma outra cousa em vista senão affligir a um pobre fradinho ali existente. Por toda a parte eram os religiosos perseguidos com estrondos, de noite, no côro, na oração, e mesmo quando estavam em communidade.

Fizeram então os frades muitas orações, e o trasgo se passou para a hospedaria, que ficava fóra do convento.

O escriptor, a quem agora estamos seguindo, não descreve o trasgo; manda, porém, ver a obra de fr. Fuente Lapeña, Provincial que foi de Castella, e obra que tem o titulo de Ente illucidado.

O nosso Viterbo não diz o que seja trasgo. Porém fr.

---

[1] Chronica, pag. 105.

Domingos Vieira no seu diccionario da lingua portugueza assevera que trasgo é um diabo caseiro. N'este caso que elle frequente antes a casa do amigo leitor, do que a minha.

Mas sempre quero advirtir ao amigo leitor de que é mui difficil o fazermos sair d'uma casa o diabo, depois que elle n'ella poz os pés de cabra. E não foge, facilmente, por mais gaifonas que lhe façamos. Porém o nome com que elle mais embirra, e por causa do qual foge mais depressa, é o de moquenco.

Assim o diz fr. Luiz de Sousa, e assim talvez eu o tenha já dito ao benevolo leitor.

O convento franciscano, porém da Carnota, devia ser mui procurado pelos trasgos e diabões e mafarricos, e satanazes, para tentarem e fazerem peccar aquelles santos varões franciscanos que ali habitavam, e dos quaes varões o chronista fr. Martinho do Amor de Deus, nos faz a seguinte descripção: «no convento da Carnota pareciam espiritos angelicos e não homens, com um total desprezo de si mesmo, com um habito de burel o mais grosseiro sobre a carne, que mais parecia cilicio que habito. As penitencias muitas, com pouco comer e nenhum regalo; com um trato tal, que mais parecia de homens mortos, que de gente viva, renunciando o direito natural com o desprezo da propria vida nas grandes abstinencias, pois se sustentavam sem pão, sem vinho, sem carne, nem ainda peixe, e só com agua e hervas cruas, fechando o refeitorio tres dias na semana.» [1]

Este mesmo chronista, a quem vamos seguindo, estava desconfiado de que o diabo quando tinha entrado

[1] Chronica de Santo Antonio dos Capuchos, pag. 169.

no corpo de qualquer pessoa, e depois, pela virtude dos exorcismos, tinha de sair d'ella para fóra, ia dar tres pancadas no sino da egreja, como signal d'obediencia. [1]

Mas verdade, verdade, este chronista não nos falla sómente d'aquillo que faziam os diabos. Apresenta-nos outro sim, noticias uteis para aquelles que desejarem escrever ácerca das bellas artes em Portugal.

Diz-nos que o relogio de ferro d'este convento, com suas rodas e campana, fôra feito por fr. João da Comenda, leigo portuguez. Que em 1430 se pintara o retabolo do altar mór, e fôra o pintor Francisco Annes de Leiria, filho de João Affonso. Que levara de o pintar doze mil réis brancos. Que o carpinteiro que fizera o retabulo, tinha o nome de mestre Simão. E que o dito mestre fizera o côro do oratorio, e a custodia do Sacramento. E que deram a elle um moio de trigo, e dois mil réis; e de comer a elle e a Cornelio, seu mancebo frexeiro.

Que no anno de 1458 se fizeram as ermidas do monte Sinay, e a de Santo Antonio, e a arca da Ressurreição, o monte Calvario, a ermida de S. Jeronymo, a de Santa Maria Magdalena, e a de Santo Antonio, que estava no seu altar.

E a de S. Pedro em Covos a fizera Francisco dos Santos, natural de Vizeu. [2]

E', porém, mui notavel o que nos diz fr. Bernardo de Brito, no cap, XVI do liv. I. da Monarchia Lusitana:

«Que o fundamento da Historia era a verdade. Que

---

1 Id. Id. pag. 140.

2 Fr. Martinho do Amor de Deus: Chronica, pag. 173.

a narração sem ella é como o mundo sem sol, e o corpo humano sem alma.»

Vê-se que lhe fugia a bocca para a verdade.

N'outro logar (cap. I. cap. XI) diz:

Que por misericordia divina estava o culto e religião em a nação portugueza, em tanta pureza, que se podem com seu exemplo regular as mais provincias da Christandade.

Ignoro, porém, aonde foi beber a noticia que nos dá a fol. 21. liv. I. titulo VI: de que as lentilhas pelas quaes vendeu Esaú a sua primogenitura a Jacob estavam mal temperadas.

Parece, porém, que este escriptor cisterciense ou bernardo tinha tal ou qual pratica de lidar com mulheres, pois a fol. 69. v. do primeiro volume da Monarchia Lusitana diz;

«Em dar ordem a uma mentira de repente, não ha mil juizos de homens, que egualem o de uma mulher.»

D. Francisco Manoel de Mello da sua Guia de casados, tambem ralha com as femeas dizendo: Tinha tambem que dizer a umas que comem nas egrejas para ficarem para a tarde: a outras que sem proposito se levantam mil vezes: cada hora a rezar de joelhos não sendo tempo.» pag. 131.

O que, porém, é tambem certo, é que por estes tempos sahiam as mulheres á rua encostadas a pagens.

E o mesmo escriptor ainda accrescenta: «O bispo D. Affonso dizia: a mulher que mais sabe, não passa de saber arrumar uma arca de roupa branca.» pag. 111.

Parece que tambem as religiosas tinham taes ou quaes difficuldades a entrar no paraizo.

Diz-se até mesmo que careciam d'advogados.

Santo Ivo, patrono dos advogados no Paraizo, apre-

sentou-se á porta do Ceo, em companhia d'um grande numero de religiosas.

Quem sois? pergunta S. Pedro a uma d'ellas.

Religiosa: respondeu-lhe.

Tendes ainda que esperar, acode S. Pedro, ha muitas religiosas ainda no Paraizo.

E vós? Perguntou S. Pedro a Santo Ivo.

Ainda cá não temos nenhum: ficaes admittido.

Uma outra versão diz:

Que havendo Santo Ivo entrado por surpreza no Paraizo, n'um momento d'azafema, o quizeram excluir.

O santo, porém, era versado nas tergiversações da chicana, e resistiu dizendo que ficaria em quanto um meirinho se não apresentasse para o intimar.

Como n'esse tempo nenhum meirinho se achasse no Paraizo, foi admettido em o numero dos Santos.

O celebre chronista fr. Manuel da Esperança [1] diz que el-rei D. João II para se purificar do sangue que derramára, matando ás punhaladas em Setubal ao duque de Vizeu D. Diogo, offerecera a S. Francisco chagado os vestidos de velludo e de damasquilho preto, com que estava vestido, quando fez o homicidio — a camiza, o jubão, o pellote, e o capuz.

Tudo mandou entregar a fr. Antonio d'Elvas, seu confessor, no convento de Santo Antonio de Lisboa.

El-rei D. Affonso V concedeu que no Rocio, junto da egreja franciscana, nunca se fizessem eiras, nem debulhas, nem se levantassem casas, porque seriam em damno do convento franciscano.

Alexandre de Gusmão, porém, não embirrava, segundo parece senão com os Jesuitas.

Quem lêr (diz elle) [1] as Historias, verá que os cavalleiros pobres de Jerusalem, denominados templarios se extinguiram de todo o orbe catholico, sendo a princi-

pal origem a soberba e elevação, que n'elles se visava.

Quanto se não faz odiosa a perniciosa conducta dos Jesuitas, pretendendo com as suas maximas arruinar tres reinos os mais poderosos?

Que lastimoso espectaculo seria este para o primeiro Apostolo da Igreja, se visse trocada a milicia de Jesus Christo em cidadãos guerreiros, perturbadores da Republica e factores das maiores maldades!»

E', porém, mister tratar d'outros assumptos.

O leitor sabe perfeitamente quão extraordinaria e im-immensa foi a lucta entre o Christianismo e o Paganismo.

Como varões sapientissimos o defenderam com seus sapientissimos e immorredouros escriptos, embora taes escriptos hoje em Portugal não tenham leitores.

Como continuamente por aquelles tempos se estava a propagar que o fim do mundo estava mui próximo, e que por isso homens e mulheres timoratas procuravam os desertos para n'elles se entregarem á penitencia, para estarem promptos a, com a consciencia limpa, comparecerem perante o justo juiz para alli darem conta de suas acções na terra.

Sabe outro sim como entre estas penitencias algumas havia da maior exquisitice, como a de S. Semião Stilyla.

E como os desertos se entraram a povoar de monges, d'onde procederam tambem os mais notaveis que foram da ordem de S. Bento, e tambem dos mais antigos que se estabeleceram em Portugal.

Innumeros mosteiros se fundaram então em Portugal, e os bentos entregaram-se ás artes, á oração, e a prégação.

No tempo dos sarracenos os frades poderam conti-

nuar nas suas rezas e meditações, porque os mouros então eram tolerantes.

E até mesmo em templos dos pagãos os christãos muitas vezes offereceram o santo sacrificio da missa áquelle que em Jerusalem com sua morte derribara esse paganismo tão seductor, tão risonho e tão libidinoso.

Os frades multiplicaram-se e os conventos duplices floresceram em Portugal.

E as emparedadas n'este paiz entraram a crescer e a medrar.

Mando, diz a rainha Santa Isabel no seu testamento, a todas as emparedadas de Lisboa, de Santarem, de Leiria, de Obidos e de Coimbra duzentas libras. [1]

E D. Thomaz Caetano do Bem na sua obra Memorias Historicas, Cronologicas dos Clerigos Regulares, falla-nos d'uma emparedada, natural da Sicilia, e que residia em Roma emparedada e rigorosamente fechada, junto á Basilica de S. João Latrão. [2]

E em Portugal, segundo diz um escriptor notavel, faziam-se as dotações e fundações das egrejas e mosteiros com taes clausulas, como se fossem patrimonio dos dotadores e para se dividirem entre estes.

E não tinham por uma parte os pastores das egrejas mesmo parochiaes mais que o que lhes proviesse das doações e das oblações voluntarias dos fieis; pois que em todo este tempo não vemos nos nossos documentos menção alguma dos dizimos. [3]

E taes doações eram tão penssionadas que não po-

---

[1] Ineditos, pag. 221.

[2] Fr. Manuel da Esperança: *Historia Serafica*, vol. I, pag 367.

[3] Pag. 18,

diam deixar de ser frequentes as contestações e contendas entre as egrejas, e os dotadores ou seus herdeiros.

Nos mosteiros (no dizer d'Amaral) se accummulavam possessões sobre possessões, pela devoção que com elles havia, procurando os devotos doadores obter a remissão de seus peccados por meio de tal offerta, que lhes faziam dos seus bens e mesmo das suas pessoas, fazendo-se como então se explicavam, familiares d'elles: e até os mesmos bispos se prestavam muitas vezes faceis para as dotações e exempção d'elles.

Cresceram na verdade prodigiosamente por estes meios os fundos dos mosteiros; e posto se possa dizer que por então não produziram totalmente o inconveniente que nasce da amortisaçãa dos bens, por quanto os individuos mesmo dos mosteiros não observando n'estes primeiros tempos a perfeita pobreza [7], tambem

---

[1] Depois de ter dito Amaral, citando o auctor do Elucidario, (pag. 56) que nos primeiros tempos da monarchia portugueza ainda não havia o estabelecimento fixo dos dizimos á egreja, passa a fallar dos *Familiares*, os quaes nos documentos que restam desde o seculo x até o XIII se tomavam quasi sempre por aquelles seculares, que doando todos os seus bens ou grande parte d'elles a algum mosteiro, ou qualquer outra casa ecclesiastica ou religiosa, umas vezes se entregavam elles mesmos as serviço de tal corporação, debaixo da obediencia do seu prelado; outras vezes ligados com o matrimonio ficavam em suas casas, como caseiros colonos, ou usufructuarios dos ditos logares santos, que os faziam participantes de todas as boas obras, que nas ditas corporações se faziam, ou pelo mesmo tempo se houvessem de fazer.

Estes se chamaram offertos, donatos, condonatos, confrades ou familiares, e finalmente terceiros.

Dos quaes uns eram do numero, que ordinariamente não passava de tres homens e tres mulheres, a que tambem chamavam donatas ou oblatas, outros eram supranumerarios em grande numero.

doavam o que lhes cabia em herança, ou por qualquer outro titulo, com tudo além de que pela maior parte esses mesmos bens vinham por fim a ficar aos mosteiros, os que tornavam aos seculares se devem repu-

---

Os primeiros vestiam, calçavam e se mantinham do mosteiro; os segundos só eram participantes dos bens espirituaes, deixando por sua morte o corpo e alguns bens temporarios ao mosteiro.

Accrescenta depois varios exemplos para confirmação das asserções antecedentes.

«No livro dos testamentos de Lorvão, n.º 77 ha uma doação de certas propriedades que estavam *subtus Civitatis Marnellae* discurrente *rivulo Vouga,* feita pelo *famulo de Deus* Zoleime Gonçalves á egreja monasterial de Eixo *pro tolerantiam Fratrum et Monachorum* etc., é do anno 1095.

No mesmo livro n.º 87 ha uma doação do anno 1097 feita pelo presbytero Pedro de umas casas em Pena-Cova a Lorvão, na qual diz:

Que ali comprara outras casas para albergaria dos pobres: e deixa outra casa na mesma villa para residencia dos clerigos que servissem a egreja de S. Pedro da Pena-Cova que parece viviam em commum, pois diz o doador—quod habeant in illa Clericos de illa Ecclesia mansionem, et nom habeant licencia vendendi, nec donandi nisi servitium Clericis ipsius Ecclesie.

No mesmo livro, n.º 61 ha a doação dá egreja de Santa Eulalia dos Coutos de Vizeu, feita no anno 1098 pelo presbytero Trovia e seu irmão ao mosteiro de Lorvão, a qual egreja elles tinham edificado de parte testamenti ipsius Monasterii, etc.

Em doação do anno 1101 se vê a clausula:

Et insuper trado corpus meum vivum atque mortuum ad vobis Dominum Eusebium et ad Fratribus vestris.

E nota fr. Joaquim de Santa Rosa, que no tempo d'aquelle abbade eram frequentes as doações com esta clausula: e a respeito de Sábredas accrescenta.

E podemos affirmar que nos seculos XII, XIII e XIV, toda a nobreza d'aquella visinhança; e ainda de sete e oito leguas, especialmente os parentes, descendentes e coniunctos de Egas Moniz aqui se mandavam sepultar, dando sempre e deixando a esta casa grossas fazendas: uns para aqui terem sepultura; outros pa-

tar por uma pequena porção, em comparação do que era doado irrevogavelmente aos mesmos mosteiros, com que muitos d'elles enriqueceram prodigiosamente.

---

ra serem enterrados e officiados como religiosos d'este mosteiro.

Outros em fim para serem *familiares* d'elle, e participarem de todas as suas boas obras, que n'elle e em a toda ordem se fizessem.

Na doação dos compadroeiros da egreja de S. Paio, feita a Pendurada no anno 1103 accrescentam os doadores:

Et si unus ex seminibus nostris deposita militia seculari, in Christi nomine, sub regimine monachorum ipsius Cenobii ibidem abitare voluerit, non abjiciatur, sed continuo humiliter cum caritate suscipiatur, et in tali ordine qua dignus fuerit, constituatur, non jure hereditario, sed sub obediencie subdicionis.

Na doação que em 1116 fez o bispo de Coimbra D. Gonsalo e o seu cabido ao mosteiro de Lorvão de parte dos bens que haviam sido do dito mosteiro, se vê que com ser só parte é d'uma extensão immensa.

Em uma doação que Diogo Fructesindiz fez de varios bens ao mosteiro de Pedroso em 27 de abril de 1136, se diz: Non perdamus inde senorio et corpus nostri ad sepeliendum per ubi nos fuerimus.

No livro dos testamentos de Lorvão ha uma doação do padroado do egreja de Goes ao dito mosteiro em 1123 feita pelo famulo de Deus Anaya Vestruriz e sua mulher, cuja terra tinham povoado, onde dizem:

Et si Deus omnipotens crescerit illam populationem, quantas Ecclesias ibi fuerint sint de dominato Cenobio.

Em escriptura de praso de um casal feita pelo mosteiro de Moreira a Paio Garcia e sua mulher em agosto do anno 1170 se diz:

Sin autem demittat (*cazal*) ad Monasterium et nos contineamus eum, vel eam de victu et vestitu, secundum nostram possibilitatem, et suam necessitatem,

Na carta de doação e oblação que D. Moniz fez ao mosteiro de Santa Cruz se diz:

Offero ibi mecum villam nomine Almassam... offero etiam

Não era porem esta riqueza liquida e livre de grandes pensões.

Continuavam os descendentes dos fundadores a se intitular *herdeiros* ou *naturaes* do mosteiro donatario; e

---

mecum sextam partem de villa Scapanes. Trado itaque me cum omni possessione mea.

No cartorio de S. Vicente ha o original testamento de Soeiro de Cohia e de sua mulher D. Teda, em que se diz:

Testamentum facimus, ut in vita nostra obedientes simus Priori Monasterii S. Vincentii ejusque conventu.

E depois de lhe doar os bens, ficando com o usufructo em sua vida, e, se lhe sobreviver sua mulher, prior, et fratres curam illius habeant tanquam unius sororum suarum, sive in domu sua, sive in conventu supradictarum feminarum.

No mesmo cartorio, n'uma doação do seculo XII um D. Balteiro e sua mulher e filhos dizem que a fazem quatenus sumus fratres et servitores S. Johanis de Pendurada, et simus heredes, atque participes sanctarum orationum... tali modo quatenus filii mei habeant illas et laborent et semper serviant.

Em doação feita por Maior Mendes ao mosteiro de Pendurada em setembro de 1178 lhe deixa os seus bens tali pacto ut me contineatis in vita mea dare victum, et vestitum et ego faciam vestram operam, quam michi jusseritis.

No mosteiro de Maceiradão uma doação do anno 1182 em que se diz:

Ego Galdinus pro remedio animae meae mando corpus meum sepeliri... in ecclesia S. Mariae de Macenaria, et mando tibi medietatem nostram integram de illo aral, quod ego feci de Filgurela: et hoc facio ut deinceps sim filius et familiaris ejusdem ecclesiae.

Em outra doação por Balduvino ao mosteiro de Tarouca em 1185 diz o doador:

Offero Deo et Beato Johani filium meum Egeam ut sub regula Sancti Benedicti in eodem loco us que ad mortem Deo deserviat.

Offero tibi quantum contigerit ei de hereditatibus meis... tali conditione mando haec ut fructus eorum in vitam meam retineam et serviam illi Monasterio, ut amicus et familiaris; et post mortem meam libera remaneant Monasterio,

haviam em reconhecimento do seu padroado varios direitos como eram *comedorias*, *pousadias*, *casamentos*, *cavallarias*, que elles tinham em grande estima, como uma divisa da piedade e nobreza de seus maiores.

No cartorio de S. Jorge havia instrumento original de oblação feita em dezembro de 1187, em que os offerentes dizem:

Ego donus Duramus et uxor mea Major Petri, ex nostris beneplacito, pro amore Dei et nostrorum remissione peccatorum tradimus nos Monasterio Sancti Georgii cum omnibus his, quae nunc possidemus et amodo lucrati fuerimus tam mobili, quam immobili.

No cartorio do mosteiro de Maceiradão havia uma escriptura do anno 1218, na qual D. Ousenda, que é uma senhora viuva, diz:

Facio testamentum de corpore meo per manum D. Martini Abbatis, et ejus conventus ad Monasterium Sanctae Mariae de Macenaria, ut semper vivam per mandatum eorum, et ipsi post mortem meam red dant pro me, sicut pro unum ex illis.

Et si forte aliquam in paupertatem devenero, semper habeam portionem meam in victu et vestitu, sicut unam ex sororibus vestris.

Et post obitum meum mando ad supradictum monasterium corpus meum, et tertiam partem de totam villam de Silvares cum pertinentiis suis...

Et istud facio pro remedio animae, et ut sim soror eorum.

No cartorio do mosteiro de Sabredas havia uma escriptura do anno 1221, pela qual Godinha Martins deixou ao mosteiro uma vinha em Persperiz, na qual diz:

Invariabiliter mando corpus meum sepeliri in domo de Sabreda; quia abbas et conventus receperunt me pro una de tribus familiaribus; et ideo tam corpus, quam quidquid habuero sine contradictione in obito meo mando do mui de Sabreda. Et ipsi fratres teneantur facere pro me, tanquam pro uno de suis fratribus.

No cartorio do mosteiro de Tarouca havia uma doação de 1237, em que Rodrigo Mendes, com consentimento de seus filhos dá ao mosteiro uma herdade que tinha em Covelinhas e diz que fizera as maiores instancias ao abbade e ao convento ut me reciperent pro uno de tribus familiaribus; ut per mandatum ip-

Foram pelo decurso do tempo multiplicando tanto estes herdeiros que se fizeram insupportaveis aos mosteiros.

Nem era só o grande numero d'elles o que gravava e opprimia aquellas casas: usavam ainda ás vezes de frau-

---

sius viverem tam in victu, quam in vestitu et tanquam frater ipsius Monasterii de mandato ipsius me haberem.

No cartorio d'Alpendurada havia tambem uma carta do anno 1362, na qual o abbade Affonso Martins confirma aos seus monges todas as doações que lhe fizeram e approvaram seus antecessores, e lhes faculta que o seu expolio se venda em leilão pela sua alma, cumprindo-se as suas disposições, reservando para si e seus successores, bestas, prata. ouro e dinheiro.

A' vista de tudo referido, accrescenta Amaral, não era para esperar, que nos mosteiros, pela maior parte se observasse a vida commum, especialmente sendo a mesa abbacial separada da conventual.

Nota, pag. 64.

E accrescenta que isto era origem de frequentissimas contendas.

E que no cartorio do mosteiro de Landim havia uma escriptura d'abril de 1221 de compensação do peixe, que o prior devia dar ao convento em certos dias do anno, e na qual havia faltas, convindo em que Conventus haberet duo casalia integra cum omni jure suo, cum directuris et omnibus pertinentibus suis loco piscium praedictorum, ex fructibus quorum Conventus debet sibi et in praedictis tamtummodo diebus provoluntate sua et arbitrio in piscibus providere.

No cartorio do mosteiro de Villarinho se acha uma escriptura datada de 1280 de composição entre o convento e o prior sobre o sustento d'aquelles frades segundo os costumes.

E outra de 1312, contendo uma sentença proferida por um arcediago de Braga e vigario do arcebispo, perante o qual se quéixavam os religiosos que o prior lhes não dava para o sustento que devia, segundo os costumes; e se manda na sentença que se dé a cada um por dia dois pães de trigo de 24 em alqueire e uma ração de broa de palmo, ao jantar, e de meio palmo a noite, e uma porção de vinho do costume, sem ser aguado, e em tres dias da semana quinque solidos para conducto, e em dias de quatuor cantoribus, outros quinque solidos, e em cada anno oito maravedis antigos.

des e enganos, pedindo antecipadamente as pensões que só lhes eram devidas quando seus filhos se armavam cavalleiros, ou suas filhas casavam e não verificavam os factos, que lhes davam direito a essas exigidas pensões,

---

Diz Elucidario, que NATURAL era o filho ou descendente dos padroeiros, das egrejas ou mosteiros, que, como taes se aproveitavam dos bens que seus paes ou antepassados haviam deixado aos ditos logares.

E no mosteiro de Ferreira d'Aves havia um documento, que as religiosas pediram, e lhes foi passado a 1 de dezembro de 1315.

E o dito Lourenço Annes disse: que elle era natural do dito mosteiro, e que estava em posse do *comer*, e que a ellas não queria fazer, nem fizera força nenhuma mais que porque lhe não queriam dar de *comer*; pero lho antes pedira, que elle viera ao dito mosteiro, e que tomara *vianda* para si, e para sa gente, assi como el Rei mandava: e que se lhe diziam que non era natural, que elle se faria natural por el Rei, ou pelo meirinho, quando lhe mister fosse: e que de todo estava em posse, e que assi o provaria.

Porém as donas protestaram, que se lhes fazia força, porque non era natural, nem *herdeiro*, nem estava em posse.

Por este documento se vê o que era direito de *comedoria*, ou *comedura*, qae muitas vezes se encontra nos documentos d'aquelles tempos.

A's vezes lhe dão o nome de *colheita* e de *jantar*.

No cartorio do mosteiro de Recião havia uma carta d'el-rei D. Diniz do anno 1311, em que se dizia:

E lhes fazem muito mal e muita força por *comeduras* e serviços, que dizem que devem haver no dito mosteiro.»

Havia outra do anno 1322: e outra do de 1323, em que se diz:

«E que agora alguns d'esses que vinham hi penhorar por serviços, e *comeduras*, e por cavallarias e casamentos, que diziam que onde deviam haver camo *naturaes* e *herdeiros*, non sendo de direito.»

A porção, que se dava aos homens se chamava *cavallaria*, a que recebiam as mulheres se chamava *casamento*, ou por ser destinada para augmento do seu dote, ou para allivio e supportação do seu matrimonio já contrahido.

Outros usavam de violencia, já introduzindo-se nos bens das egrejas vagas pertencentes aos mosteiros, já indo visitar estes com numerosas familias, e obrigando-os com isto a gastos excessivos.

O mosteiro de Grijó chegou a ter 208 herdeiros.

O mosteiro de S. Gens de Monte-Longo, que depois se annexou à Collegiada de Guimarães, teve 273, como consta do cartorio da dita collegiada.

Em 4 de agosto de 1307 ordenou el-rei D. Diniz, em consequencia de queixas do mosteiro, principalmente dentre Douro e Minho, que n'esta materia guardassem as leis de seu pai.

E para melhor tirar todas as duvidas mandou a Peru Esteves de Beja, seo meirinho mór d'Entre Douro e Minho, que taxasse aos mosteiros para o *jantar* de um rico homem 12 pães de 2 dinheiros, e 6 para a ceia: para a infanção 6 ao jantar, e 3 para a a ceia: e para o cavalleiro 4 ao jantar e 2 à ceia.

No mosteiro de Vairão havia uma carta d'el-rei D. Diniz de agosto de 1311 dirigida a Gonçalo Steveiz, meirinho mór d'Alem-D'ouro dizendo:

Sobede que abbadessa do moesteiro de Vairam me enviou dizer que ricos homens e ricas donas e infanções, e cavaleiros e escudeiros que son naturaes do dito moesteiro, veem a este moesteiro comer as *naturas* e albergar i desmesuradamente, e con mays que he contheudo no meo Degredo, de guisa, que ela, e as outras donas que iam a servir a Deus, nom podem i viver, nem manteer o dito mosteiro: esto non tenho eu por bem, se assim he, porque vos mando que non sofrades aos de susu dito, nem a nenhum deles, que vaam desmusuradamente ao mosteiro comer as ditas naturas, nem com mais que he conthendo no dito meu Degredo etc.

Em 23 de setembro de 1312 se queixou ao mesmo rei o abbade do mosteiro de Tibães das violencias que lhe faziam os grandes em pousar e comer no mosteiro mais de uma vez no anno contra os reaes decretos, e em pertender que o mosteiro lhes désse maiores cavallarias e casamentos do que por direito deviam haver.

Mandou el-rei para juiz d'este caso Fernão Rodrigues, meirinho mor d'Entre Douro e Minho; o qual achou que o mosteiro tinha de renda 1400 maravedis: e que entre pão e vinho tinha 60

Em modo que não restava aos mosteiros o preciso para a sua propria sustentação.

Recorreram elles por muitas vezes aos reis, os quaes deram diversas providencias e ordenações para reme-

---

moios; e que os herdeiros naturaes, a quem pagavam pensões, eram quarenta e tantas familias, que davam em per·o de duzentas pessoas.

Mandou que áquelles que d'antes levavam dez maravedis de cavalaria ou casamento, se dessem 5, aos de 5 se dessem 2; e aos de 2 se dessem 35 soldos.

Foi isto decretado a 4 de junho de 1315.

Nas côrtes que el-rei D. Affonso IV celebrou no primeiro anno do seu reinado quiz exemptar os mosteiros d'estas pensões mas não o realizou.

Pois a 8 de agosto de 1327 assignou este rei uma provisão a favor do mosteiro de Rio Tinto, para que os padroeiros não levassem mais do que aquillo, a que o mosteiro era obrigado, assim na quantidade, como em numero.

E do cartorio do mosteiro de Pendorada se conservava uma ordenação do mesmo rei de 22 d'abril de 1328, em que el-rei se faz cargo de que nas referidas côrtes de Evora: «os procuradores (diz) dos abbades e priores me disseram, que por el-rei D. Affonso meu avô, e por el-rei D. Diniz meu padre, a que Deus perdoe, e por outhorgamento do arcebispo de Braga e Clerizia, e por outorgamento dos filhos dalgo de Portugal fôra feito degredo, por que guisa os filhos dalgo houvessem as comeduras, cavalarias, e casamentos, e os outros direitos que haviam de haver dos mosteiros e egrejas, e que isto assim fôra sempre mantendo pelos ditos reis etc.

E na determinação manda, entre outras cousas, concernentes ao mesmo fim: «que os filhos dalgo possam haver livremente e sem outro embargo as comeduras e cavalarias e casamentos, e os outros direitos, que hão de haver.

Em 18 de novembro de 1338 passou o mesmo rei uma carta, pela qual manda taxar de novo as rações, que devia pagar á egreja de S. Gens do Monte Longo.

Nas côrtes d'Elvas celebradas por el-rei D. Pedro I em 1361, o artigo 25 diz:

Que os fidalgos acostumaram de *comer* ou levar *comedorias*

diar estas desordens, ora mandando taxar a cada mosteiro o que ficava obrigado a dar, á proporção das suas rendas e do numero e qualidade dos padroeiros: ora, isentando alguns mosteiros e egrejas inteiramente d'es-

---

d'alguns mosteiros e egrejas, e alguns d'esses mosteiros e egrejas, em os quaes os ditos fidalgos dizem que ham *naturalezas*, som tousados em certas conthias de dinheiro per nossos avoos, e por el-rei D. Affonso nosso padre, em algum d'elles ham de *comer*, sobre as quaes comedorias stá feito Degredo per nossas avoos, quantas Igrejas e quejandas ham de dar a cada hua, segundo seo estado, e que ora alguns d'esses fidalgos, non queriam guardar a dita tausa.».. trazendo comsigo mais homees de besto e de pee, que o Degredo manda vindo com suas moheres *comer* e *pousar* nos ditos mosteiros e egrejas contra o dito Degredo »

E depois de referir outras violencias e desordens por elles cometidas responde:

Mandamos que se guarde o Degredo em rasom das tausações, e os fidalgos farom seus procuradores .. e em rasom das pousadas mandamos que se outras pousadas acharem, em que pousar possam, non pousem em estas contendas no dito artigo.

E no 27 dizem: que vagando os mosteiros e egrejas, como outros, se apoderavam da posse e guarda tambem dos ditos mosteiros e egrejas, como dos bens d'elle.

Ao que el-rei respondeu: que ouvirá sobre isto, e mandara que se faça direito.

No cartorio da Fazenda da Universidade, pergaminhos do mosteiro de Pedroso, havia um instrumento de *taussaçom* do dito mosteiro, de 15 de março de 1263, pelo qual se vê que os naturaes do mosteiro eram 374, que foram reduzidos do modo seguinte: de 25 ricos homens com seus filhos ficaram 15; de 10. infanções com seus filhos ficaram 70; de 240 cavaleiros e escudeiros *guisados* ficaram 100: e se taxou a comedoria annual do rico homem em tres libras; a da infançom em 30 soldos; a do cavaleiro e escudeiro, vassalo del rei, ou que haja bem de Senhor, em 20 soldos; a dos escudeiros, que não hajam bem do Senhor, e que sejam lidhymos, em 10 soldos; e a dos filhos de cada um em $^{1}/_{3}$ de uma quantia igual á de seus paes, para repartirem entre si, sendo mais que um, não podendo adquirir este

tas pensões, e obviando as fraudes e violencias: e não bastando todos estes remedios, accudiam ás vezes os summos pontifices com excommunhões, e interdictos, considerando estas cousas como inteiramente ecclesiasticas,

---

direito a comedoria os *naturaes*, quando não fizessem certo se se achavam no Porto, ou julgado da Feira, recebendo uma só cada anno contado de S. Miguel a S. Miguel, não tomando, nem penhorando o mosteiro senão depois de passarem quatro mezes do anno etc.

E pela conta, que se fez dos rendimentos do mosteiro, ficou liquido para os *naturaes* ou *padroeiros* 266 libras.

Constava então pagar o mosteiro a final certas libras ao mordomo da Feira; e ao de Gaya 13 libras, e 7 soldos.

Ao bispo do Porto de *colheita* 26 libras: a el-rei e infante tambem de colheita 60 soldos.

No cartorio do mosteiro de Bustello havia um instrumento de 1196 que prova a falta da observancia na pobreza dos religiosos, pela larga doação que n'elle faz ao dito mosteiro Gonçalo Toquidi, que fôra abbade, e então era simples frade..

Et si aliquando heredes Monasterii posuerint personam secularis, quomodo jam fecerunt in aliis monasteriis et Ordinem Sancti Benedicti vituperarunt, tendant fratres ad illum locum quantos ibidem potuerint vivere per amicos, et parentibus per licenceam Episcopi.

Da concordata d'el-rei D. Sancho II em 1223 tambem se lê: Placuit insuper Regi, quod nec canes, nec homines, nec bestias, mittat ad Ecclesias, vel ad Monasteria, ut inde pascantur, vel per eos alias graventur.

Em 29 de junho de 1279 concedeu el-rei aos religiosos trinos que nas suas granjas não pousassem os ricos homens, cavalleiros e escudeiros.

Na concordata d'el-rei D. Diniz em 1289 apparecia uma queixa de que os meirinhos d'el-rei iam pousar com multidões de bestas e de homens nas egrejas e mosteiros... e hindo... muito a miudo cada vez que lhes praz, fazem que lhes dem as cousas que ham mister... e estas mesmas cousas se fazem pelos ricos homens etc.

Respondem os procuradores d'el-rei: «que elle nom fez taes cousas até aqui, e promettem que non as fará.»

Mas apesar de tudo ha de acabar esta época sem ver a inteira emenda d'estes abusos, e só na seguinte é que se verão abolidos.

Não eram só os seculares que commettiam violencias

N'uma carta de D. Diniz do anno 1297 se lê:

«A vos Pero Steves meu meirinho moor aquem Doiro, ou a aquelles. que andarem em vossos loges, saude.

Sabede que Eu tenho por bem e mando e defendo, que nenhum homem, nem nenhuma mulher, que non forem lydemos, que nom pousem, nem se chamem nos moesteiros, nem nas egrejas, nem lhes demandem *cavalarias* nem *casamentos* etc.

No cartorio do mosteiro de S. Bento do Porto havia uma provisão de 23 de julho de 1299, pela qual el-rei D. Diniz prohibiu as *pousadias* nos mosteiros de *Donas d'Ordem*, e as extorsões que lhe faziam os filhos dalgo; como estava já mandado pelo papa, sob pena d'excommunhão.

No cartorio da Fazenda da Universidade, entre os pergaminhos do mosteiro de Pedroso, havia um instrumento de 1315 que trataav de violencias feitas ao dito mosteiro por um meirinho d'El-Rei.

Na instituição do mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde, em 1316 se lê:

Mandamos que nenhum homem segral cavalleiro, nem homem nem mulher filha dalgo, nem a clerigo, nem a outro de qualquer estado e condiçam que seja da nossa geraçam, nem d'outras, que lhe non dem hi de *comer* nenhum tempo, nem em nengum dia. nem haja d'este mosteiro, nem de seus bens, nem das suas egrejas *cavallacia* nem *casamento*.

Havia tambem no cartorio de Pendurada duas provisões regias de 1322 dirigidas a Mem Rodrigues, meirinho-mór d'além Douro a requerimento dos prelados e clerezia de Braga e Porto: a 1.ª para serem seguros dos fidalgos que vexavam as egrejas e mosteiros, e poderem requerer livremente contra elles, e que se os não quizerem segurar-lhes, derribem as casas, cortem as vinhas, e degradam da sua terra.

E a segunda, para serem restituidos aos mosteiros e egrejas dos mesmos bispados os bens, que no decurso de dois annos antecedentes, e por occasião da nesavença com o infante seu filho, tinham os fidalgos tomado sem embargo da posse, que pre-

contra as egrejas: da parte dos bispos os encontraremos ou na exacção dos seus direitos, quaes eram jantares, colheitas e censos, ou na vacancia das egrejas.

---

textavam, e tambem de *comer* e *pousar* onde não eram herdeiros ou naturaes.

No cartorio da Fazenda da Universidade havia uma carta latina do vigario do bispado do Porto, de 30 de janeiro de 1271 a um juiz secular, que pretendera conhecer d'uma causa entre o abbade de Pedroso e seculares sobre a posse de *pousarem e comerem* estes na egreja de Fiães suffraganea do mesmo mosteiro, aconselhando-o a que se não intrometta n'ella, *quia cognitio comedendi et pousandi in ecclesiis quoad possessionem et proprietatem spectat ad Judicium ecclesiasticum.*

Os mosteiros tinham tambem de pagar ao bispo, e a esta contribuição varios nomes foram dados, como Jantar, Comedura, Comedoria, Collecta, Colaita, Vida: e no ecclesiastico tambem algumas vezes Visitação, Procuração, Censo, e Direito Pontifical.

E as egrejas e mosteiros uma só vez no anno eram obrigadas ao jantar do bispo.

As egrejas que estavam annexas, ou eram fundações dos mosteiros, ordinariamente eram isentas d'estes Jantares, não obstante os bispos os pretenderem, e talvez com violencia os cobrassem.

E d'isto se queixavam amargamente os monges de Lorvão, dizendo que o bispo de Coimbra D. Miguel accepit prandium per vim de nostra ecclesia Casalis Columbae, unde numquam dederant.

E que o bispo D. Pedro II excommungara o cura de Cucufate pro prandio que non dedit ei, unde nunquam dederunt.

Todavia alguns bispos renunciavam a este direito mediante alguma indemnisação, e o bispo do Porto D. Hugo assim o fez em 1116 relativamente ao mosteiro de Paço de Sousa. Recebeu porém tertia casalia de hereditate.

No anno de 1230 fez o mesmo bispo doação ao mosteiro de Tarouquella de tres modios, quos (diz o bispo) debemus habere annuatim de ipso Monasterio de censu.

E ignorando esta doação o bispo da mesma cidade D. Rodrigo,

E tornando aos direitos dos fundadores e padroeiros seculares; se qualquer particular por estes titulos percebia dos bens applicados á Egreja o que temos dito, era natural que os reis se avantajassem a elles e se

---

demandou as religiosas« por rason da colheita d'esse nosso mosteiro.»

Mas, informado de que nunca a pagaram desistiu d'esta demanda em 1315.

No anno de 1295 recebeu o bispo e cabido do Porto um casal do mosteiro d'Alpendurada, pelo qual lhe demittiram a *censura*, que tinham n'este mosteiro, a qual consistia em 20 moios de vinho pela medida pequena (a qual fazia dez moios pela quinta e 8 moios pela do Porto).

D'este vinho devia o mosteiro dar annualmente $^{2}/_{5}$ ao bispo: e $^{1}/_{5}$ ao cabido.

O mosteiro de Ceiça, em agradecimento aos grandes beneficios que confessava ter recebido do cabido de Coimbra lhe offereceu colheita na sua egreja de Tentugal no anno de 1288, a qual consistia em aposentarem de cama e mesa pelo seu procurador as dignidades, conegos ou porcionarios, que por ali passassem.

Assim se praticou, até que no anno de 1335 para evitarem algumas desordens, convieram; «que achando-se em Tentugal *dignidade*, tenha cem soldos: conegos 50 soldos e raçoeiro 25 soldos a custa do mosteiro, e uma só vez no anno,»

E se dolorosamente ali declinarem só afim de arrecadarem a colheita, o cabido lh'a fará restituir pela fazenda do que assim dolorosamente a receber,

Em março de 1317 publicou el-rei D. Diniz uma ordenação, pela qual probibiu aos bispos o levarem nas vacaturas das egrejas do padroado real e das de padroeiros seculares, mais que aquillo, que de direito se lhe permittia, e o fazerem composições n'esta materia com os clerigos d'ellas, salvo consentindo os padroeiros, e que as taes luctuosas se applicassem em utilidade publica, a saber a fabrica dos muros da cidade de Braga, e da villa de Guimarães, que então se reedificavam.

Tambem prohibe que elles levem *colheitas* ou *procurações*, quando não forem pessoalmente á visita.

Não se pode bem comprehender (diz o author do Elucidario)

distinguissem na percepção de taes direitos, unindo áquellas qualidades a de soberanos.

Havia, por exemplo, o denominado Jantar d'el-rei ou Colheita, que sendo de principio prestado só nas occa-

---

a devoção, com que os nossos maiores, como á porfia, até o seculo XIV prodigalisavam seus bens, esquecidos ainda d'aquelles mesmos, para quem naturalmente deviam enthesourar.., dinheiros, fazendas, joias, armas, roupas, cavallos, ovelhas, porcos, cubas, arcas, pão, vinho, azeite, panos, bragaes, etc.

Nada havia de que podesse utilisar-se, que promptamente se não chegasse a admittir.

Em os primeiros tres seculos da nossa monarchia não é facil achar testamento, que não comece por estes benesses da Egreja, ou de seus ministros, declarando-se em alguns que são : *pera quitamento de suas dizimas.*

O abuso de se darem ou venderem *os dizimos aos moesteiros* n'aquellas parochias, que se lhes uniam, ou que elles mesmos edificavam, e não menos a recompensa das ordens militares com o patrimonio do Crucificado, occasionaram novas e terriveis desordens.

Os pastores assalariados, e nem sempre assistidos d'uma congrua sustentação ou introduziram ou resuscitaram usos ou pensões nada favoraveis á sepultura dos freguezes

D'aqui os innumeraveis contractos ou concordias em feito de *mortalhas* já dos bispos com os seus cabidos, já dos mesmos bispos e cabidos, com as ditas ordens, mosteiros e conventos.

Entre os direitos que o bispo de Vizeu D. João Pires em 1186 cedeu ao mosteiro dos conegos d'Aguas Santas, foi a terça dos mortuarios e a luctuosa.

Havia então uma outra especie de tributo a que davam o nome de Jantar,

Era uma contribuição de mantimentos e ferragens, que as cidades, villas, mosteiros, cabidos e ordens militares deviam aprompptar para os gastos do soberano, e toda sua comitiva, quando ia administrar justiça pelo reino.

Pelo tempo adiante os Jantares ou se extinguiram, ou passaram por mercê a particulares.

E os prelados diocesanos, quando visitavam, e os senhorios das terras, quando a ellas iam, egualmente recebiam estes Jantares.

siões da passagem do soberano, depois se converteu em pensão annual.

Ora, assim como os mosteiros e egrejas tinham por motivo d'estes encargos e pensões destructivas dos seus

---

As egrejas e mosteiros uma só vez no anno eram obrigados aos Jantares dos bispos, os quaes ás vezes exemptavam d'elle a algum mosteiro. E os reis tambem ás vezes davam estas exempções.

In Dei nomine amen.

Ego Dona Sancha Irmigis, Abadesa Dantrambolos rios, com todo ho convento dese Moesteiro tibi... Johanes, et uxor... tua cal ouveres liidima, fazemos praso de uno casal, que habemos em Gontigem, por nome aquelle, que seve e morou teu padre, por precío que de ti recebemos, convem a saber canto, VI maravidis e tu dares dese casal tercio parte, asi como sempre fou forado e quaees direituras sempre deu, taees dares tu, e seeres hobediente a lo Monesteiro, e seer este praso pera ti, e pera ta moler, e pera teu filo, e se nom houveres filo, ficar a uno teu provinco de cal te tu pagares, e seer hobediente: e nos que chu praso mandamos fazer, com nosas manos proprias ho rovoramos, por revora reeebemos de ti huma fugura e hum carneiro, e quem ti sobre este praso pasar, canto dupret e insuper peitet quinhentos soldos.

Feito o praso VIII dias andados de Maio.

Era MCCCX.

Quaes presentes... Viegas testis.—Petro testis.— Joane testis. —Martino testis.—Dominicus scripsit. (Documento do Cartorio de Alpendurada.

Ao muito onrrado Baron, Don Vicente pela graça de Deus Bispo do Porto, de mim Constança Gil saude, assim como a amigo, que muito amo, e de que muyto fio, e de cuyia vida, e de cuyia saude mim muyto prazeria.

Bispo, sabede como a Eygreja de San Verissimo de Luvigit di vagasse por morte de Martin Anes, que ende era abbade, da qual eygreja eu ssom verdadeira Padrova e eu possessom de prescutar a ela.

bens, frequentes contendas com os particulares, como temos visto, assim as tinham com os ministros regios, que tambem lh'as exigiam.

Mas as mais renhidas contendas com a Corôa foram

Eu a rrogo de Gil Eannes, que mho disse da vossa parte, presentey a ela Pero Stevez, vosso clerigo: apresento e prazemi muyto de a aver.

E, se o dito clerigo nom ouver essa Eygreja, apresento a da Martim Periz, dito Lonredo, Clerigo de Don Martino, meu hirmaão:

E rogovos, pela fiuza que de vos ei, que a dedes a cada hum' e eu volo gradecerei muyto.

E en testemoyo... dey a ele esta mha carta aberta, seelada deste meu seelo nas costas. Dante em... XXV dias andados de Janeiro.

Era 1332.

Sabham quantos este stromento virem, e leer ouvirem que em na era 1341 annos, convem assaber, XVII dias de outubro, em na cidade de Lisboa, en presença de mim Lourenço Eanes, Tabelliom da dicta cidade, e das testemunhas, que adiante son scritas, Affonso Meriinz. Vice-Chanceller mostrou, e fez leer per mim sobredicto Tabelliom huma carta aberta, seelada em nas castas do seelo do onrrado padre e Senhor, Dom Martinho Arcebispo de Bragaa da qual carta o theor tal é.

Senhor, eu vosso Arcebispo vos faço a ssaber, que a mim veo recado que a Egreja de Vilarinho da Castanheira é vaga, e como quer que alguuns digam que som ende Padrom, e per uma vossa Carta que vi, perque confirmasse a Mouinho Fernandez de Miranda huma Egreja, que valesse en renda tresentas libras, entendendo eu que esse Moninho Fernandez era homem tal, que vos servio, e serve em na vossa villa de Mirando com muytos parentes e amigos, e grandaver, que pera hy adusse, com que vos serve, e por vos averdes des aqui adeante a possisson de presentar a essa Egreja sem contenda, e el que er he tal homem, e tam boom caseyro, que essa Egreja adeante pode mays valer, confirmei esse Moninho Fernandez em essa Egreja aa vossa presentaçom, ca fui certo pela terça, que eu ei d'essa Egreja, que non val as tresentas libras, ca non recebo eu mays na minha terça de cento e trinta libras. Data en Aljumarota, vynte e tres dias de dezembro.

da parte dos prelados, que, defendiam com calor as suas exempções e privilegios, que tinham por inherentes não só ás suas pessoas, mas a todos os bens possuidos pelas egrejas,

---

Senhor ffiz-vos aca julgar quatro Egrejas, por que achei que de direito erom vossas, Vilarinho de Castanheyra, e Vilarinho dapar de Bragança, e Ala, e Revordelo.

E mandadeas poer en vosso rool; ca nunca hy severon.

Ca Senhor os Reys, que ante vos forom, por que non screviam estas Egrejas em nos rooes, as perderom, eles, e vos ata aqui, e a de Beça.

A qual carta perlenda, o dito Affonso Martinz Vice-Chanceler, temendose por essa carta era scripta en papillo, de podrecār ou envelhycer, ou se perder, pediu a mim Lourenço Eanes, tabelliom sobredicto, tornasse a dicta carta en publica forma, e lhy desse ende huum publico stromento:

E eu, a sseu rogo, a dicta carta en publica forma torpei e ende este stromento com minha mãao propria screvi, e meu sinal em el pugi que tal é—*Lugar do signal publico.*—Testemunhas.—Domingos Gonçalvez, Raçoeyro de Samtandre de Lixboa, Affonso Martyr, abbade de Santiago de Maurilhy, Roy Vaasquiz, Clerigo.

Don Donys, pela graça de Deus, Rey de Portugal o do Algarve, a vos Gonçale Steveiz, meu meyrinho moor Alendoyro, eu aquel que andar en essa terra por meu Meyrinho, saude.

Sabede que Abbadessa do Moesteyro de Vairam my envyou dizer, que Ricos Homens e ricas donas, e hifanções, e Cavaleyros, e Donas, e Escudeyros, que son naturaaes do dito moesteyro, veem a este moesteyro comer as naturas, e albergar desmesuradamente, e com mays ca he contehudo no meu Degredo, de guisa que ela e as outras donas, que iam a servir a Deus, nom podom i viver, nem manteer o dito moesteyro: esto nom tenho eu por bem, se asi hi· porquo vos mando, que non sofrades aos desusu ditos, nem a nenhuum deles, que vaam desmesuradamente ao moesteyro comer as ditas naturas, nem com mays que he contehudo no dito meu Degredo: e aqueles que en outra maneyra y forem ou filharem, ou mandarem filhar alguma cousa

Assim foi que os nossos religiosss soberanos desde o nascimento da monarchia começaram a proteger e isentar os ministros da Egreja, e os seus bens.

Porém não podendo mesmo por entre a escuridade

---

do dito Moesteyro, ou das suas erdades, contra o meu Degredo, fazendolho todo enmendar, e coreger, asy como he contehudo no meu Degredo, e fazede de guisa que a dita abadessa e convento xemi non envy outra vez querelar con mengua de mengua de dereyto.

Unde al non ffaçades, se nom a vos me tornaria eu poren, e faryavos coreger de vossa cassa todos danos e vistas, e perdas, que o dito Moesteyro per esta razon recebesse; e a dita abadessa, ou outrem por ela, tenha esta carta.

Dante en Lixboa trinta dias d'Agosto.

El-Rey o mandou per Apariço Dominguez, Sobre Juiz. Era 1349 annos.

Sabham todos, que na presença de mim Joham Marcos, Tabelliom d'El-Rey em no julgado da Ffeyra, terra de Sancta Maria, e do julgado de Efermedo e das testemonyas, que adeante som scritas a esto presentes, Domingos Meendiz, abbade de Sancta Maria de Sandi, e procurador do moesteyro de Pedroso, dizia e ffrontava a Pedro de Castro, meirinho de terra de Sancta Maria de maon de Johan Ffernandiz de Caambra, merino mayor de nosso Senhor El Rey Aquem Doyro, en esta mrueyra.

Meirino, Lourenço Anes Redondo veo ao Couto do Moesteyro de Pedroso, e rroubou e ffez hy mal e fforça, esbulhou os homens do Couto, e levou penhores, estando vos presente, e diserom a vos, que lhe alçasedes fforça, que lhys fezesedes correger o mál, e a rouba que lhys el ffazia.

Enton o dito Pedro de Crastro, merino disse, que el chegara ao moesteyro de Pedroso, que se lhys querelará o Abbade e o convento do dicto Lourenço Anes Redondo, dizendo, que o dicto Lourenço Anes lhys mandara dizer, que lhys ffezessem de comer, e que avia quize dias, ou pouco mais, que se aveerom com ele, e que lhy derom os dinheiros por sa comedoria, e que agora que lhys mandara dizer outra vez, que ihy fezessem de comer, ca queria ele hy vyr pousar, el, e a Sa Ospeda, e que lhy mandaron eles dizer, que lhy non podiam dar, e que lho non dariam, ca avia quinze dias. ou pouco mais que lho deron, e que

de direito publico deixar de lhes dar nos olhos algum raio de luz que lhe fizesse ver os interesses inalienaveis da Corôa logo a par das mesmas leis com que D. Affonso II exemptou de muitos encargos os bens e pes-

---

quando veesse ao tempo, a que lho aviam de dar, asy como era contenudo no Degredo, e como Nosso Senhor El Rey mandava que lho dariam, e que por que lho dar non quizerom, que mandara pousar a sa cozida em no sseu Couto deles, e que pousava hy, e que mandava hy fazer de comer, e disse o dicto merino que pediam a el, como Merino d'el Rey e sa Justiça, que lhys alçase fforça, que lhys non pousassem, no sseu Couto, nem lhy fezesse mal, nem fforça a eles, nem a seus homens, e que lhys mostrara huma carta d'El Rey, que tinham de guarda, e dencomenda, e que lhy pidiam, que lhala mostrase ao dicto Lourenço Anes.

Enton disse o dicto meirino, que ffora aquelle lugar, hu pausava o dicto Lourenço Anes, com sa molher, e que lhy mostrara a sobre dicta carta de guarda e dencommenda, e que lha leera, e que lhy dissera da parte d'el Rey e da de Joham Ffernandiz como seu Merino e sa Justiça, que lhys non ffezesse mal, fforça a eles, nem a seus homens, nenhuma das sas cousas nem lhys pousasse no seu Couto, e disse o dicto Merino, que dissera o dicto Lourenço Anes, que via a dicta carta de Nosso Senhor El Rey, que era muy boa, que era de guarda e dencomenda e que a guardaria, nem hiria encontrala, mais que el era natural daquel moesteyro, daquel Couto, que era dos couteyros, que aquel Couto contarom, e ca vinha deles de Gonçalo Viegas de Marnel, que stava em posse por sy e por seu padre e pelos de sa linagem, de pousar no Couto, e de ffilhar as galinas e a cevada, que se o conhociam, que ffazia por ele, e que se o negavom que o queria provar: e que quanto era sobre la comedura, que ouvera sexta-ffeira huum mes, e que aquel dia que el esta ffronta ffazia, que era segunda-ffeira despos a sesta-ffeira, que avia huum mes que se avéerom com el, e que pedia a mim que lhy ffezesse dar de comer.

E o dicto Merino disse que lhy disera ao dicto Lourenço Annes, que iria pera o Abade e que falaria con el, e que lhy tornaria rrecado.

E disse o dicto Merino, que el ffora ao dicto Abade, e que lhy

soas da Egreja poz um dique ás acquisições dos mosteiros e egrejas:

«Porque poderia acaecer que os mosteiros e as outras ordens do uosso reino poderiam çomprar tantas

---

disseera aquelo que o dicto Lourenço Annes dizia e disse que non podia chegar a tres domaas, que lhy os dinheiros dera por a comedura, e que pedia a el, que lhy non leixasse ffazer mal, nem fforça em no Couto, e que dissera a tres frades seus do moesteiro, que ffossem com el perante o dicto Lourenço Annes, que lhy leessem aquella Carta de guarda e dencommenda, e que lhy pidissem, que lhy non ffezessem mal, nem fforça a eles, nem a seus homens nem a sas cousas, nem lhys pousasem no seu dicto Couto.

E o dicto Merino disse, que os frades fforam perante el, perante Lourenço Annes, e leerom a ssobredicta Carta de guarda e dencomenda, e que lhy ffezessem ffronta; assy em como Abade mandava a mim, que lhys alçase mal e fforça, assy como lá de suso é dicto, e outro sy a Lourenço Annes, que lhala non ffezesse.

E o dicto Merino disse que o dicto Lourenço Annes dissera e ffezera a ffronta de suso dicta, e que dizia que se era el Conteiro, e que stava na posse, assy como de suso é dicta, e que por isto que lhys non ffazia mal, nem fforça, e que dizia o dicto Lourenço Annes, quem eram aqueles, se eram procuradores do moesteyro, se non.

E o dicto Merino disse que dissera, que eram frades do Moesteyro, e que se lhy querelavom e,es, e que se querelara já o Abade e o Convento em seu rosto, e que mandara os frades que se querelassem, e que os dictos frades non eram procuradores, que non era nemigalha o que diziam, e que assy non avia que entender em cousa que eles disesem.

E o dicto Merino disse que dissera, que porque se lhy o Abade e o Convento querelaram em rosto de mal, e de fforça e de desaguisado, que lhys o dicto Lourenço Annes dizia, que lhys non ffazia fforça, que os enprazava, que o primeiro sabado que veese, o qual sabado XXIII dias d'Agosto, que seria dia de Fforar e de Concelho, que forem perdante el no Concelho de Feyra e que o ouviria sobre a quela fforça, e que ffazia aquello, que achase que era direito.

possissões, que se tomaria em grande damno nosso e do reino; e para esta tal conviria que fizessemos demandas, e este tornar-se-hia em grande damno das egrejas e em nosso prejuizo, e aggravamento; porém pa-

---

E o dicto Merino disse que disera o dicto Lourenço Annes, que porque o el emurazava e dizia que os queria ouvir, e poque er- prestamado do Moesteyro, o qual prestamo o dizia o dicto Merino, que nunca ouvera, nem sabia que se era, que apelara del o dicto Lourenço Annes, e disse o dicto Merino, que disera, que aly nom dava sentença, nem avia hy nenhuma apelaçom.

E disse o dicto merino, que lhe disera o dicto Lourenço Annes, que ffeito en como pasava, que lho dese so seu seelo pera ante Joham Ffernandiz, cujo Merino eu soom.

E disse o dicto Merino que disera eo dicto Lourenço Annes que sobre esto que lhys nom fierese mal, nem fforça, e dise que en outro dia pela manhãa querendo se hyr o dicto Lourenço Annes da quel logar, onde el pousava, que chegara ele hy, e Joham Martynz frade. procurador do dicto moesteyro, e que trouxera o frade aquela carta de guarda e d'encommenda, e que trazia outro teor da carta de Nosso Senhor El Rey. em que mandava a todos seus merinos e sas justiças, que lhy nom façom mal, nem fforça ao dicto Abade, nem a nenhuma das sas causas, qus se lhy alguma cousa fferese, como nom deviam, e os el ffezesem certos que lho ffezesem correger, e que mostrara a sobre dicta Carta, e o termo da outra ao dicto Lourenço Annes.

E disse o dicto Merino que disera a el Lourenço Annes: este é procurador do Moesteyro, que vos o ante diziades aos frades ca nom eram Procuradores—e que entom disera o dicto Lourenço Annes:

Seila o que quiserdes, ca eu estou apelado de vos, e nom consento en vos en cousa que vos digades, ou que façades contra mim.

E o dicto Merino dise, que o dicto frade ffezera a ffronta de suso dicta, que os outros frades e o abade ffezerom, é que el disera a Lourenço Annes.

Lourenço Annes como quer que vos digades ca apelades, aqui apelaçom nom ha, e eu vos digo, e vos ffronto da parte del Rey; e de Joham Fernandiz, como seo Merino, e sa justiça, que ssoom

rando nos montes no que podia acaecer, estabelecemos que d'aqui a diante nenhuma cousa da Religiom nom compre nenhuma possissom, tirando pera annyversayro de nosso Padre ou nosso... E se por ventura alguem

---

que nom ffaçades mal, nem fforça ao Abade, nem seo convento, nem a nenhuma das sas cousaz, nem lhys filhedes do seu

E dise o dicto Merino, que disera o dicto Lourenço Annes:

Eu apelado stou de vos, e porque lhys eu pidy que me desem de comer, e mho eles nom derom, eu levarlhysey a penhora.

E o dicto Merino dise que disera:

Eu vos digo, que os nom penhoredes, nem lhys filhedes nada do seu, ata que... hades perante quem ffor direyto, en como volo an a dar, e que entramen que o vos queredes filhar, nom volo leyxarei eu, e tolhervoloey.

E o dicto Pedro de Crastro Merino dise, que disera o dicto Lourenço Annes:

Eu nom no leyxarei de ffilhar por vos, e digovos e deffendovos que vos nom trabalhedes sol de mho tolher.

E que entom começara o dicto Lourenço Annes de tomar almoselas, e chumaços, que dizia que levava por penhores, e por penhora.

E dise o dicto Merino que que veera huum Clerigo a dizer por huum chumaço, que era seu, e que nom havia por que lho tomar, e que se querelava, que lho roubavom, e que el que ffora, que lhelo tolhese, e dise que Lourenço Annes, que se parara deante, que lho nom quizera leyxar, e que lhy disera que se nom trabalhase de os ffilhar, ca ssi nem ssy, que lhos nom leixaria el, e que os mándava deitar os dictos chumaços, e almoselas sobre huma azemula, que os levava.

E dise o dicto Merino, que pidyra a el ffeito en como pasara, que lho dese en sceipto so seu seelo, e que el que assy lho dera.

E dise que por que el nom avia nemigalha na terra, onde el era Merino. porque o fizesse correger, e que por que el nom quisera leyxar a penhora, nem veera ao dia, que o emprazou, per sy nem per seu procurador, que dizia...

Procurador do dicto Moesteyro fosse perante Joham Ffernandiz, ou per quem eles tevesem por bem, ca el ca lho nam podia ffazer correger.

contra esta costeyçom quizer hir, perca quanto der pela possissom por pena.»

Mas ao mesmo passo que os reis se lembravam de oppôr estas e outras barreiras á demasiada opulencia e

---

E de como o dicto Pedro de Crastro Merino dise, e conffeçou perante mim Tabelliom as cousas de suso scritas, e pidyo a mim o dicto procurador de Pedroso este stormento.

Ffeito ffoy isto na Vila da Ffeyra, vynte e tres dias d'Agosto. Era de 1353 annos.

Testemunhas, que presentes fforom, Lourenço Juanes Priol da Ffeyra, Domingos Migueiz Vogado, Domingos Martinz da Vergada, Steve Bispo, Joham Martinz Frade e Joham Martinz, homem do Conde, Pedro Bujo, Joham Sobrinho, Joham Esteveis Juiz de Cáanbra e outros.

E eu Johem Marcos Tabelliom de suso dicto, a este digo, e conffeço presente fuy, e ende este stormento com minha propria scrivi en testemoyo da verdade, que tal he.

Conhoscan todos, que en presença de mim Durom Pirez Taba liom d'El Rey en terra de Ffaria, e das testemunhas, que adeante son scritas, seendo en Concelo de Ratis, e perante Joham Crimente, Juiz de Ffaria, Martim Perez Abade de Centegaos, Procurador de Dona Constança Paiz Abadesa do Moesteyro de Vairam e seu convento, per mandado do sobredicto Juiz seguron Simon Martyz taballiom da Maya, en nome dos ditos Abadesa e Convento, e por eles, e por aqueles que elhas poderem mandar per razon da demanda, que an con elhe sobre lha auga que vay de Joham pera a zina, salvo a demandar e a defender todo o seu direito per direito e per justiça.

E o dicto Simon Martyz er seguron as ditas Abadesa e Convento, e o dito Martim Pirez seu procurador pela dicta condiçom.

Das quaes cousas as dictas partes pediram ende senhos estormentos.

Feito foy em Ratis vinte e huum dia d'Abril, Era de 1357 annos.

Testemunhas Peres Lourenço e Domingos Stevez Taballiães, e

exempção dos ecclesiasticos, estes se não descuidavam de a estender muito além dos seus justos limites.

E no reinado d'este mesmo monarcha teve um pre-

Pedrolo e Domingos Domingues de Moire, e Martim Annes Abade d'Armossô, e Joham Martim de Ratis e outros,

E eu sobredicto Taballiom, a que estas cousas presente foy, e este testemonio com minha mão propria escrevi, e presente o meu sinãl pugy, quá tal he.

Sabhaffi quantos este stromento virem que na era de 1395 annos, onze de Abril, na cidade de Coimbra, na Judaria, em preenço de mim, Vaasco Martins.

Tabelliom de nosso Senhor El Rey na dicto Cidade; presentes as testemunhas, que adeante ssom escriptas, Mestre Guilherme Priol, e Joham d'Anoya, e Joham Martinz, raçoeiros da Igreja de Santiago da dicta Cidade, e outros clerigos da dicta Igreja, andavam na dicta Judaria á pedir ovo, com cruz e com agua beeita, e pediram aos judeus que lhes dessem ovos: e logo Salamam Catalam Araby, e Isaque Passacom, que se dizia procurador da Communa dos Judeus da dicta Cidade, e outros muitos Judeus que hi estavam, diseram que lhos nom dariam, que eram Judeus, e nom eram da ssa Jurdiçom, nem sseus ffreguesses; mais moravam em sa Cerca apartada, e sso chave e guarda d'El Rey E logo o dicto Priol e Racoeyros e Clerigos começaram de despregar fechaduras e arvas d'algumas portas da dicta Judaria, e uma ffechadura que despregaram da porta de Jacob alfacate! Levaram-no dizendo que hussavom de sseo direito, e nom ffaziam fforça a nenhum, como estevesem en posse de dous e tres anos por tal tempo como este averem de levar os ovos da didta Judaria e de penhorar por elles aaquelles, que lhos dar non queriam, como a sseus ffreguezes que dezyam que eram e que moravam na ssa freguezia: e os dictos Judeus disserom aos ssobredictos, e ffezeronlhis ffronta aos dictos priol e raçoeyros, hue lhii non ffilhassom o sseu, nem tais Tevessem fforça: e pediram a mim tabelliom hum strumento pera a mercée d'El Rey, e os dictos Priol e Raçoeiros disserom, que nom ffaziam fforça em husarem

lado regular, fr. Sueiro Gomes, prior dos dominicanos, o arrojo de determinar em congregação com alguns dos seus religiosos que delictos deviam ter pena capital, e quaes a deviam ter pecuniaria.

---

de sseu dereito, e pepyram ootro stromento tal, como o dos Judeos.

Testemunhas Vaasco Lourenço, Tabelliom dicta Cidade e Gonçalo Martinz, Lagareiro, e Thomé Marques Clerigo e outros. E eu Vaasco Martinz, Tabelliom ssobre dicto, que este stromento, e outro tal sscrevy, e dey este aos dictos Priol e Raçoeyros, e ffiz aqui meu ssignal que a tal he.»

* * *

Apraz à nos o Bisto de Cepta etc. que Ana Martinz, freira da Ordem de S. Beento, morador em Viana, more nestes reynos de Portugal, ou foora delles, onde sentir que pode milhor servir a Deus, ou seja em algum moesteiro da dita Ordem ou doutra, ou em alguma Congregação honesta, ou per sy : todo poemos em seo escolhimento a qual licença lhe outorgames por doos respeitos, huum he por que de muitos annos pera caa atee agora sempre della conhecemos muita virtude e honestidade, e esta fama teve, e tem, e por tal he a vida dos que a conhecem: ho segundo respeito, porque teemos sabido, e por experiencia visto, que se ha alguum Mooesteiro da dita Ordem de boom viver he tal, que ella não pode alcançar sua vivenda, ou por seer em outros Reynos, ou por della quererem receber o que ella nom teem: ca os deste Bispado e do Arcebispado notorio he como vivem, e quam pouca religião nelles ha, onde per ventura ella tornaria atras do seu boom viver e nome.

Nos que ha a muitos annos que o praticamos, ho sabemos, e por tanto lhe damos esto licença. Scripta e signada per mi *propter dictum*, no convento de S. Farncisco de Viana, aos XI de Outubro de 1512. Franciscus Episcopus Septensis Primasque Aphricanus. pag. 346.

«O Estado Regular, como hoje se toma por vida e não por espirito, padece muita relaxação.

Mas o attentado era tão extraordinario, que el-rei, apesar das contemplações que tinha com o clero, cassou essas determinações, e as declarou de nenhum effeito.

De um bispo se lê que em constituição synodal de-

Alguns Senhores Reys d'este Reyno cuidaram já de o emendar, e no seu tempo o conseguiram: e o intentou ultimamente o Senhor Rey D. João IV que com a sua antecipada morte não o concluiu. S. Magestade fará a Deus grande serviço pedindo ao Papa nomeie Reformadores nacionaes que S. M. lhe nomeará, para que tornem as Religiões á sua primeira observancia e perfeição evangelica que professam, segundo seus Institutos.»

Para se conseguir a perfeição do Estado Religioso, será meio conveniente que S. M. haja graça da Sé Apostolica, que os prelados superiores de cada uma das Religiões sejam naturaes d'este Reino, sem dependencia alguma dos Estrangeiros; porque com melhor conhecimento dos subditos tratarem a cada qual segundo o merecimento de suas virtudes. e cuidaram differentemente de suas virtudes, e cuidaram differentemente de sua consolação, vendo que os subditos poderam ser ser seus prelados: do que não tratam os estrangeiros, que só attendem a deferir segundo a utilidade, que lhes dá a importancia dos negocios, e será caminho para se evitarem as desuniões e imparcialidades.

E' consideravel a quantia de dinheiro que d'este Reyno tiram os religiosos, para Roma, todos os annos para fomentar cada qual o estabelecimento de sua parcialidade, de que resultam as inquietações que nos escandelizam, e o damno que nos atenua.» pag. 383. Anno de 1697.

O Concilio Constantinopolitano prohibio com graves penas aos ecclesiasticos e seculares, ouvir comedias.

E não só nos theatros publicos, mas tambem particulares.

S. Cypriano, S. João Chrysostomo, Santo Agostinho, e outros muitos Santos e varões de grande virtude e authoridade, fizeram tractados inteiros do muito que convém aos Christãos se apartem d'estes espectaculos publicos.

Entre os Christãos d'aquelle tempo se tinha por afronta não só ver similhantes espectaculos, senão o entrar em taes logares e theatros; porque se julgavaa por logar impudico, infame e vil, onde tinha seu ministerio o demonio, ensinando a peccar, e como hão-as creaturas offender a seu Deus com toda a destreza e arte:

terminou que toda a vez que qualquer diocesano fizesse testamento sem assistencia do seu parocho, ou de pessoa por este nomeada, herdasse a parochia a terça parte dos bens do testador.

---

a casada como enganára ao marido, a donzella a seus paes; de que maneira se farão sem pena os adulterio, como se renderão ao vicio as vontades.

Aonde se veem homens namorando, mulheres enganando, perversos aconselhando, e dispondo peccados, com que sahe a crueldade embravecida, a sensualidade abrasada, e a maldade instruida para commettel-os,

Que póde um Christão, aonde se ensinam os vicios, se não aprender a obrar o que está vendo fazer?

Alli só é bom o que em todas as partes é mau, porque o adulterio que nas praças se castiga, ali se louva, os furtos que em toda a parte se evitam, ali com toda a eminencia se ensinam. Os amores que em toda a parte se estranham, ali se solicitam e applaudem: as traições, que em todas partes aborrecem, ali entretem e divertem; as mentiras que nas outras partes são feias, ali são aprasiveis e graciosas.

Finalmente o que é delicto na praça, é ali louvor, e magisterio, mas magisterio do demonio.

Não é grande desatino (diz Tertulliano) que vamos aprender o que ao depois não é licito obrar?

Se as vãs palavras não são licitas, como será aprender paixões impuras e execrandas obras?

Grande desatino!

Querer ouvir o mal, que não é bem que se faça, e aprender o pessimo, que se não deve executar.

Os Santos as definem: Peste de republica, fogo da virtude, cebo da sensualidade, tribunal do demonio, consistorio do vicio, seminario de peccados mais escandalosos, filhos de idolatria, gentilidade e cegueira, e com outros titulos mais infames.

Se são permittidas pela permissão publica póde ser rasão para as tolerarem, mas não para as usarem: que tambem se toleram os Lupanares, e é pessimo seu exercicio.

São as comedias dos tempos presentes ainda mais nocivas, que as dos seculos passados: porque os espectaculos antigos uns causavam admiração, como o ver os carros theatraes na Grecia, e as

El-rei D. Diniz foi quem instituiu o rezarem-se no Paço as Horas Canonicas, e ter para isso capella permanente. E não só a houve nos paços da Côrte, mas nos que os reis edificavam para recreio, como nos de

---

batalhas navaes em Roma: outros, horror, como matarem-se os homens uns aos outros d'aquelles que já estavam condemnados á morte, lançal os ás feras: outros dureza de coração como os jogos dos gladiadores: outros, gosto, como o de pelejar uns com outros animaes, porém as comedias de agora todas tiram a arrebatar os sentidos, guiando-os ao mal, e deleitnoso, aonde bebe seu veneno a alma, e se deixa captivar dos vicios.

Porque os espectaculos antigos custavam uma grande somma de dinheiro, algum havia que fazia de custo milhão e meio, como conta Lipsio *de Magnitudine Romanorum*.

E assim se faziam varias vezes, em um anno: agora, como custam pouco, se faz uma Comedia cada dia, e esta frequente repetição de perigos faz mais frequente a repetição dos damnos.

Porque os espectaculos antigos não os podiam gozar senão os que os iam a ver, com que só faziam damno aos presentes; porém as comedias como se tem reduzido a estampa, as podem ler os ausentes, e não ha donzella tão retirada, nem casáda tão guardada que não possa beber e morrer a este veneno, e d'estas ruinas se tem visto grandes e deploraveis exemplos.

Porque em os espectaculos e comedias antigas não guiava tanto ao damno dos costumes a fórma da locução e phrase de agora, como se vê nas de Terencio, Plauto e outros, que lidas não persuadem, nem damnam; porém as d'estes infelices tempos todas são venenos, que offerece o deleite á alma, levando-a docemau com tantos sainetes, bailes, gracejos e sensualidades, que se tem por certo ser esta peste de comedias dobradamente perniciosa n'estes seculos que nos passados. Id. id. pag. 40.

D. Fr. Fradique Espinola, monge de S. Bernardo, na sua Escola Decurial, V Parte. pag. 102 Lisboa, 1799, pag. 102, diz: Que seria injustiça negar o seu logar entre as primeiras livrarias do Mundo á do Eminentissimo Cardeal Sousa, pois que possuia mais de trinta e tres mil corpos de livros, todos peregrinamente encadernados.»

Friellas, cuja capella instituiu o mesmo rei D. Diniz á honra de Santa Catharina, em 6 de julho de 1313.

Nos de Cintra a havia ainda no tempo d'el-rei D. João II, que proveu n'esta capella a Thomé Pires.

Os sellos das ordens monasticas despertam alguma curiosidade, e esta se póde saciar no primeiro volume das Dissertações Chronologicas, a pag. 120, 128 etc.

Colbert, bispo de Montpellier, queixava-se de que os frades se portavam para com elle d'um modo insolente.

Overes de Messire Charles Joaquim Colbert, evesque de Montpellier,

Cologne, 1740. vol. 3.° pag. 39.

Na profissão de D. Maria Josephina Sotto Maior, celebrada no mosteiro de Santa Clara em Lisboa, o prégador exclama:

«E' uma imagem (falla da noviça) sua na Jerarquia humana; outra vez imagem sua na Jerarquia Angelica: e outra vez imagem sua na Jerarquia Divina.

E' imagem sua na Jerarquia humana: porque d'onde a luz de Maria deixa sem luz os astros mais luminosos do Ceo, esta Alma com a luz da sua pobreza escurece todos os Astros na terra.

E' imagem sua na Jerarquia Angelica, porque d'onde os Anjos cedem no resplendor á luz da Senhora; esta Alma pela sua castidade não só se faz igual, mas superior aos mesmos Anjos.

E' finalmente imagem sua na Jerarquia Divina: porque d'onde a sagrada Virgem compete com Deus nos triumphos, esta Alma pela sua obediencia se leva a ser similhante ao mesmo Deus. Felice creatura, primorosa satisfação e grande conveniencia!

Felice creatura, em quem como em propria Imagem se retrata a Mãe de Deus tantas vezes.

Primorosa satisfação, que por uma imagem que o Ceu nos deu lhe damos em uma só muitas Imagens grande conveniencia: pois quando o Ceo nos empenhou mais, então no retiro da Professa temos por parte melhor o desempenharmo-nos hoje com o Céo.

Sendo, porém, principalmente encarregados os inquiridores que inquirissem sobre os reguengos, foros, padroados e possessões de ordem: fazendo-se ás vezes inquirições particulares sobre cada um d'estes artigos, e

---

Lograi, pois, ó creatura admiravel, e lograi tambem, ó excelsa e esclarecida Maria, lograi n'essas celestiaes gerarchias por corôa de vossa grandeza, a grandeza de tão excelsas corôas.

Na gerarchia humana lograi por digna corôa vossa os privilegios do Sol.

Na gerarchia angelica lograi por gloriosa corôa os privilegios da lua.

E na gerarchia divina tende por corôa tambem os privilegios da Aurora.

Em quanto Sol, lograi vós e a professa a melhor parte na gerarchia dos Santos.

Em quanto lua, logre a professa, e vós a melhor parte na gerarchia dos Anjos,

Em quanto Aurora assimelhe-se a Deus a professa, e vós na gloria dos triumphos entrai á melhor parte com Deus.

Dignas corôas para tão grande Rainha, e dignos premios para uma Alma que com Deus se desposa: mas quem na Terra tanto mereceu com a graça, que muito que no Céo tenha muitas coróas de gloria.»

«Apenas o homem, diz Bakon, toma uma mulher, e d'ella tem filhos, podemos com verdade dizer que deu refens á Fortuna.

Estes pimpolhos matrimoniaes são outros tantos obstaculos aos grandes feitos, quer viciosos, quer virtuosos.

E' indubitavel que as acções as mais famosas, ou as mais uteis para todas, foram praticadas por homens não casados, que fizeram consistir o verdadeiro pundonor na immortal memoria de seus bellos feitos, antes do que n'uma grandissima fileira de filhos.»

Messire François Bakon Grand Chancellier d'Angleterre: Les œuvres morales et politiques. Paris, pag. 34.

«Já conheciamos Madrid, e n'esta cidade nada vimos de novo a não ser a procissão do Corpo de Deus, que muito perdeu do

determinadamente sobre o ultimo, como foi a que se attribuiu a D. Affonso II; e no de D. Diniz, outra tambem particular sobre os coutos e honras.

Mas ainda existe documento que melhor prova a barbaridade dos antigos tempos que é a seguinte deixa, datada doanno de 1288, que se encontra a pag. 48 do vol. VII das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa:

Item mando que filhem 500 maravedis velhos... e mando que os paguem e dem por almas d'aquelles que

---

seu antigo esplendor com a suppressão das ordens monasticas e confrarias religiosas.

Todavia a cerimonia abunda em solemnidade.

As ruas estão areiadas, e toldos estão estendidos ao longo d'ellas, os quaes manteem a sombra e a frescura nas ruas.

As sacadas estão enfeitadas e repletas de lindas mulheres; vestidas no requinte da moda.

Não podemos imaginar uma vista mais encantadora do que aquella.

O movimento perpetuo dos leques abrindo-se e fechando-se, palpitam e echoam como borboletas, que procuram onde pousar: os movimentos com os cotovellos que ellas procuram envolver na mantilha, corrigindo a flexão d'uma prega desengraçada: as olhadelas dirigidas d'um lado para o outro sobre as pessoas conhecidas: o lindo signal na cabeça e o gesto que acompanham o agur, com o qual as senhoras respondem aos cavalheiros que as saudam.

A chusma pitoresca formada de gallegos; paciegas, valencianos, manolas, vendedores d'agua, tudo aquillo fórma um espectaculo d'uma animação e d'uma alegria bastante encantadoras.

Os engeitados vestidos com os seus fatos azues, caminham na frente da procissão.

Depois seguem-se as bandeiras das freguezias, os padres, os relicarios de prata, e debaixo d'um docel matizado d'ouro, o Corpo de Deus sob um sol de diamantes, cujo brilho os olhos não podiam aguentar.

Theophile Gautier: Voyage en Espagne, Paris, 1875, pag. 178.

eu matei, e mandei matar, e fiz matar, e aconselhei a matar, para cantar missas de sobre altar, e para gafos e pontes.

Mas outro documento na mesma obra existe (pag. 49) pelo qual se vê guardavam para quando velhos limparem sua consciencia das infamias praticadas.

Pois um certo Zaleima no anno de 1159 fez uma doação á egreja de S. Pedro de Coimbra, e n'ella diz:

Qui cum ego essem jam positus in senectute et debilitate, et plurima infirmitate, placuit divine magestati, et vos magister Laurentius cum omnibus sociis vestris prefata Ecclesia Sancti Petri commemorantibus, recepistis me canonicum vestrum, et germanum, et fratrem in vestro, tam ad vitam, quam ad mortem; et procuravistis me per magnum tempus administrando cibum et potum , et consilium corporis et anime, melius et honestius quam alicui cum canonico vestro. pag. 49.

Um presbytero porém João Cidiz, conego de Coimbra, no anno de 1186, fez uma doação á egreja de Santa Maria, doação em que se leem as seguintes palavras; do illa mea vinea quam habeo, ut bibant inde semper vinum in capitulo, et ad manus habluendas.

N'uma doação ao mosteiro d'Alpendorada, do anno de 1235 se lê tambem;

Tali pacto ut per unumquenque annum faciant inde pitantiis ad V festis beate Marie, quomodo melior potuerint, et cellario nichil inde tribuant.

N'outra ao mesmo mosteiro no anno de 1212:

Teneat Mam (hereditatem) Abbas Melendus in vita sva, ei post habitum remaneat ad alium fratrem... ut inde habeatis bonam cenam in die cene Domini.

N'um diploma d'el-rei D. Diniz, no anno de 1311, permitte este rei á abbadessa de Tarouquella, que possa deixar ao mosteiro o predio que ella havia compra-

do: *para calçadura das donas, pera hyrem aas mantinhas, ca he o logar muy frio.*

E declara que aquella compra fôra feita com licença régia, e com a clausula de ser transferido o predio para pessoa leiga depois da morte da compradora.

Em quanto porém a reliquias em Portugal e suas conquistas eram ellas tão numerosas, que o leitor deve de pasmado ficar boquiaberto, ao ler a lista d'ellas que vem a pag. 200 da V Parte da Escola Decurial por D. fr. Fradique Espinola, monge de S. Bernardo, e obra estampada em Lisboa, no anno de 1699.

«Em Lisboa, uma camisa do Menino Jesus, menos uma manga e sem costura: um pequeno de lenço tinto com o sangue de Christo, um guardanapo, de que se serviu Christo Nosso Senhor na noite da grande Cea, e o pendão ou bandeira de sua sagrada Paixão, dois espinhos da sua corôa, do Sudario, do Presepio, muitos cabellos da Virgem Nossa Senhora, muitos dos sagrados Apostolos, os corpos de S. Vicente, de S. Verissimo, e suas duas irmãs Maxima e Julia.

Em Alcacer do Sal um cabello da barba de Christo, Senhor Nosso, de sua purpura, um dos trinta dinheiros, do leite da Virgem Senhora Nossa.

Em Santarem uma particula que deitou sangue, por occasião do Santo Milagre, e do mesmo sangue em uma toalha, em que se envolveu. E disto falla tambem fr. Domingos de Sousa. Em Braga uma maçaroca fiada pelas mãos da Virgem, do seu leite, e cabellos, os corpos inteiros de S. Pedro de Rates, primeiro arcebispo da mesma cidade, e discipulo de S. Thiago, os corpos de Santo Ovidio, de S. Martinho de Dume, de S. Giraldo, tambem arcebispo da mesma, de S. Thiago, Interciso, martyr, de S. João Marco, discipulo de Christo, a quem chamam Apostolo da Toscana.

Em Guimarães: das faixas e mantilhas em que a Virgem Senhora Nossa envolveu ao Menino Jesus: da pedra do sepulchro de Christo, de outra d'onde subiu ao Céo, do veu de Nossa Senhora, e de sua sepultura, o corpo de S. Gualter.

Em Aviz parte de um espinho da corôa de Christo, parte de uma vara com que foi açoutado o mesmo Senhor, do sudario, do leite de Nossa Senhora.

Em Belver do Presepio em que Christo nasceu, parte da mesa, em que o mesmo Senhor instituiu o SS. Sacramento, e vaso com cujo unguento a Magdalena Santa ungiu seus sagrados pés, terra do logar d'onde subiu ao Céo, do leite da Virgem Nossa Senhora, de seus cabellos, outro de S. Joseph, etc.

No Pereiro: de ouro, incenso e myrrha, que os tres reis magos offereceram ao Menino Deus.

Em Amarante o corpo de S. Gonçalo.

Em Basto o corpo de Santa Senhorinha abbadessa.

Junto a Nime o de S. Torcato.

No Porto, o de S. Pantaleão.

Em Pombeiro, o de Santa Quiteria.

Em Aveiro, o de Santa Joanna, princeza de Portugal.

Em Coimbra o corpo de S. Theotonio, o de Santa Isabel, rainha de Portugal, o de Santa Comba, tres dos Santos Martyres de Marrocos, os outros dois em Lorvão no mesmo mosteiro, os corpos inteiros das rainhas Theresa e Sancha, e no de Arouca o da rainha Mafalda, sua irmã, chamadas por suas raras virtudes e milagres as *Rainhas Santas*.

Em Evora o corpo de S. Manços, primeiro arcebispo da mesma cidade e discipulo de Christo.

Em Beja o de S. Sizenando, diacono e natural da mesma cidade.

Em Agua de Peixes a cabeça de um dos Santos Reis Magos.

Na villa Nova de Portimão o corpo de S. Torpes, valido algum tempo do imperador Diocleciano.

No rio Tejo, defronte de Santarem, debaixo de sua corrente, o corpo de Santa Iria, fabricado por mãos de anjos.

Na India e cidade de Goa, metropoli d'aquelle Estado de Portugal, o corpo de S. Francisco Xavier.

No de Miliapor a dos apostolos S. Thomé.

Fechamos esta breve noticia de algumas das reliquias de Portugal, que sabemos, com a do famoso Santuario d'este Real Mosteiro d'Alcobaça, obra moderna e a mais perfeita de que temos noticia; aonde apenas se nomeara Santo dos maiores e mais conhecidos, de que se não ache n'elle reliquia; nem deixaremos de fazer menção, (por serem de tanto preço) do Sangue de Christo, um espinho da sua corôa, a do Sagrado Lenho: da columna, onde Christo esteve preso, da lança que lhe abriu o coração.

Em Braga estão n'este corrente anno (1888) pensando na canonisação do frade de Carnide que morreu com cheiro de santidade n'aquella referida cidade.

A' vista, pois, da immensidade de reliquias que n'este santuario se encerram, e das mais que em Portugal se acham, bem se pode dizer que, se Roma (pelas muitas que contem em si) é o Santuario universal, Portugal é outra Roma.

Diz o mesmo escriptor que nos confins da Carpetania, reino de Toledo, havia um mosteiro de grande numero de monjas de S. Bento.

Estas, quando os mouros se senhorearam de Hespanha, temendo sua violencia, pediram a Deus que as tragasse a terra, por se não chegarem a ver no risco de

perigar sua honestidade aos sacrilegos impulsos dos barbaros.

Ouviu Deus seus rogos. Tragou a terra o mosteiro; e o que faz o caso mais admiravel (diz Espinola, vol. V. pag. 211), é que, mettidas nas entranhas, cantavam os louvores a Deus. Ouvia-se tanger o sino, com que chamavam ao côro, e se escutava a musica.

Não se conta (continúa o mesmo Espinola) quantas eram as religiosas: só se diz que eram muitas.

Em fim, conta-se a parte, como o todo; porque até agora se não tem averiguado, nem ainda o numero certo dos Santos canonisados da ordem do padre S. Bento. Uns disseram que eram quinze mil, outros trinta e seis mil, outros cincoenta e cinco mil.

E Raulin dá por auctor ao papa João XII que, mandando ver os archivos da Egreja Romana, achou este numero grande de Santos Canonisados.

E d'este tempo, que foi pelos annos de Christo 956 até o presente de 1669, em que se contam de mais 713 annos, quantos mais Santos se terão canonisado d'elles?

D. Pedro de Ciria Raxis no prologo do primeiro tomo, das Vidas de Santos da Ordem de S. Bento, empreza que tomou á sua devoção, e obrigação, em que lhe está toda nossa Ordem, conta cincoenta mil quinhentos e quarenta e cinco Santos da Ordem do patriarcha S. Bento.

Só do' mosteiro Cassino se conta no Catalogo dos Santos cinco mil e quinhentos. E outros cinco mil e quinhentos Santos tem canonisado a fecundissima Casa de Cluni em França.

Só da Ordem Cisterciense chegaram a ser em tanto numero os Santos e Santas canonisados, que quiz o summo pontifice canonisar Santo Arnulfo, filho do mos-

teiro de Valario em Flandres, e supplicou-lhe a Congregação que não canonisasse mais Santos da Ordem de S. Bento, porque não nascesse da infinidade menos estimação.

Quando se ouviu no mundo similhante gloria?

Contra o abuso, porem, das indulgencias, berra no seu Tratado Historico Dogmatico Critico das Indulgencias em opposição com as extravagantes e escandalosas pertenções do Papa e sua Curia o abbade D. Vicente Palmieri, professor de Historia Ecclesiastica na Universidade de Pisa, dizendo:

«....Qual fosse de ordinario a extensão da indulgencia, e o modo por que ella se concedia, não restam memorias bastantes para o determinar com precisão.

Sabe-se por S. Cypriano, pelo Concilio Niceno, e por outros Concilios posteriores, que não se concedia senão quando os penitentes estavam proximos completar a sua carreira penitencial, quer dizer, com grande moderação.

Em quanto ao modo conjectura-se com fundamento, que não se usava d'outra formalidade senão ser chamado o penitente á absolvição, e admittido á communhão, sendo este acompanhado de uma exhortação correspondente.

Este methodo se observou na Egreja quasi até ao fim do VII seculo.

Começou, porém, isto a alterar-se quasi no fim do VII seculo.

As regras penitenciaes, em vez de se applicarem para conversão do coração, se começaram a contar em rigor arithmetico, e se reduziram, para assim dizer, á maneira de calculo.

Um adulterio, por exemplo, devia ser punido com uma penitencia de quinze annos, logo dois adulterios

deviam ser punidos com 30, e por conseguinte 10 adulterios com 150 annos, etc.

Um monge grego, chamado Theodoro, mandado pelo pontifice Vitaliano a Inglaterra, e creado arcebispo de Cantuaria em 678, onde viveu até 690, julgando que punha freio aos peccados, se se portasse com todo o rigor, e se ficassem impedidas as condescendencias, fez um livro penitencial que não passava d'uma lista, onde estavam escriptas todas as especies de peccados, com os annos de penitencia que correspondiam a cada um. Esta lista foi geralmente acceite por todas as Egrejas, de maneira que, como refere Regimon, no seculo IX se exigia que todo o sacerdote que quizesse obter licença para confessar, tivesse infallivelmente este livro.

Depois calculou-se quantos actos de penitencia equivaleriam a tantos annos de penitencia, e se permittiu que se cumprissem estes actos em mais breve tempo, para que, com mais brevidade, podessem os penitentes ser absolvidos e admittidos á Communhão.

Permittiu-se depois que um penitente, a quem tal ou qual pena se tornasse muito grave, tivesse a possibilidade de a commutar por outra equivalente. E logo appareceram avaliadores publicos, que taxavam as commutações.

E finalmente um erro abriu caminho a outro erro. E reputando-se o peccado como uma conta de *deve*, e *ha de haver*, se pensou que todo o ponto estava em satisfazer a penitencia exactamente, ou fosse pelo mesmo penitenciado, ou por outro. E não foi difficil achar pessoas que, ou por paga, ou por espirito de um rigor extravagante, se encarregassem da satisfação dos peccados dos outros. Estes dois modos de cumprir a pena canonica, isto é, a commutação do que se disse acima, e o encargo de penitencia que uns tomavam sobre si

pelos outros, se chamava redempção, e pelo espaço de dois seculos, isto é — do IX até ao XI occupavam o logar d'indulgencia.
Notaram-se depois differenças importantes. Consistia a primeira em não indagarem com cuidado se o peccador estava verdadeiramente convertido. Apresentava-se, confessava seus peccados, computavam-se numericacamente os annos, offerecia-se a redempção, e ficava absolvido e livre. E consistia a segunda na facilidade e presteza com que se conferiam absolvições.

Confessado o peccado, desembolsada ou ajustada a remissão, tudo estava feito. E na verdade, uma vez que estava reduzida a uma taxa, e a certo calculo de dar e receber, não podia o confessor negar a absolvição.

Introduzido este abuso, era mui difficil ou quasi impossivel suspendel-o, ou destruil-o.

Era tambem este systema muito commodo para os penitentes tibios e frouxos, que estavam em circumstancias de poderem dispender. E era cousa facillima n'aquelles seculos de bruteza e de guerras incessantes, achar quem por dinheiro se encarregasse de satisfazer a toda e qualquer pena.

Os beatos d'aquelle tempo, que passavam a vida rezando psalmos e flagellando-se, tomavam sobre si, com mil vontades, a obrigação de satisfazerem pelos peccados dos outros, e não os tendo, para assim dizer, seus proprios.

Refere S. Pedro Damião, na carta a Alexandre II, que os santos Rodolfo e Domingos Loricato, tinham por costume incumbirem-se de cem e mil annos de penitencia que tivesse sido imposta a qualquer peccador: o que cumpriam em poucos dias.

E eis o calculo que elles faziam:

Tres mil açoutes supprem um anno de penitencia;

regularmente fallando mil açoutes occupam o tempo da recitação de dez psalmos: logo continuando a flagellação ou disciplina em quanto se rezarem 150 psalmos, teremos 15:000 açoutes, e teremos satisfeito 5 annos de penitencia. Quem assim rezar vinte psalterios, terá tresentos mil açoutes, e cumprirá por conseguinte cem annos de penitencia. E tal era a que S. Domingos costumava fazer em seis dias, atormentando, por tanto, o seu corpo em cada dia com 5:000 açoutes no tempo em que rezava 500 psalmos.

Em quanto aos monges e clerigos que costumavam tomar sobre si o cuidado de satisfazer pelos outros, como nem todos eram desinteressados, como S. Domingos, Gordeato, e outros santos, começaram tambem as satisfações a fazerem-se por meio d'ajustes, e por isso se tornou o abuso ainda mais difficultoso de se remediar. Calculou-se quanto se deveria pagar por um determinado numero de annos de penitencia. Fizeram-se contractos a tal respeito, e ficou estabelecido o commercio.

Por este modo os mosteiros e os logares pios grangearam immensas riquezas.

Dava-se aos monges a somma que se tinha ajustado, e a communidade em corpo, ou alguns individuos satisfariam ás penitencias. Mas com o decorrer do tempo esqueceram-se da satisfação, e ficou servindo unicamente de redempção o pagamento da taxa, ou legado pio. Em prova do que transcreve o auctor um trecho da *Dissertatione* 60 sulle Antichbita Italiana, de Muratori:

«Em quanto teve vigor o uso de se distribuirem pelos pobres estas esmolas, era de certo mui louvavel uma tal redempção; mas no decurso dos tempos os clerigos, e os monges começaram a tirar o proveito d'estas redempções, e chegaram a tanto, que só ás suas

egrejas se applicou quasi todo o fructo das penitencias e da piedade dos fieis... Todas as penitencias foram, por fim, mudadas em multas pecuniarias, ou de bens estabelecidos, que os mesmos ecclesiasticos não deixavam ordinariamente escapar das mãos.

No Penitencial de Bublio se lê: *Siquis forte non potuerit jejunare, et habuerit* unde dare ad redimendum se potuerit. Se dives fuerit, pro uno anno det solidos XXVI. Si vero pauper fuerit, det solidos III. Attendat nempe unusquisque cui dare debeat, sive pro redemptione captivorum, sive super sanctum altare, sive pauperibus.

Pouco differente do rito dos italianos era o dos outros povos. E' mui curioso para se ler a passagem de Beda no tratado: De remediis peccatorum.

Qui non potest sic agere poenitentiam in primo anno eroget ellemosinam solidos XXIII pro uno anno: XXII solidos pro secundo anno; pro tertio anno XVIII solidos, qui sunt LXIII solidi.

Esta somma de dinheiro para aquelle tempo era consideravel: podia-se até mesmo com ella comprar um bello predio. E' porem verdade que o dinheiro da redempção se podia empregar no soccorro dos pobres, ou em resgatar os captivos: mas passando tudo para os monges por pobres, tudo vinha a findar nas egrejas e mosteiros.

Entre os canones attribuidos a Theodoro de Cantuaria na Collecção de Jaques Petit se lê: — sed attendat unusquisque cui dare debeat, sive pro redemptione captivorum, sive super sanctum altare, sive servis Dei, aut pauperibus in ellemosynam.»

Não obstante isto, como os penitentes dependiam dos concelhos dos ecclesiasticos, pode-se, sem temeridade, asseverar, que em sua utilidade se haviam de empregar as redempções.

Inventaram além d'isto os ecclesiasticos remir tambem o jejum com missas, lucro reservado só para elles.

Burcardo e Ivo escrevem: Item qui jejunare non potest, roget praesbyterum ut missam cantet pro eo, et tunc ipse aderit et audiat.

O mesmo refere Regimen, de quem são as seguintes palavras: Cantatio unius missae potest redimere duodecim dies: decem missae quatuor menses; viginti missae novem menses...

Apenas uma pessoa penitente se apresentava ao sacerdote, este punha logo prompto o escriptorio, e lançando mão do papel, penna e tinta, notava uma por uma as culpas com a pena, e redempção correspondente.

Temos visto já quanto importava um anno, e a somma podia ser avultada.

Como se havia de satisfazer a divida não havendo dinheiro?

E o caso é que as mais das vezes faltava.

Suppria-se então com os bens estabelecidos por quem os possuia. Porém ajuntavam grande numero de penitencias, que tanto mais cresciam, quanto mais differiam á sua satisfação de um para outro anno. E, por conseguinte, ou pelos remorsos da consciencia, ou pelas exhortações dos confessores se viam obrigados a dar tanto maior somma ás egrejas e mosteiros. E estavam no costume de praticarem isto mesmo em vida, ou, quando se viam proximos á morte. E esta é principalmente a origem d'onde vem aquella immensa e incrivel abundancia de fundos, ou bens estabelecidos que dos seculares passou para os ecclesiasticos. Porém em quasi todas as doações feitas aos logares sagrados se encontra alguma das seguintes formulas:

Pro remissione peccatorum. Pro mercede. Ad mercedis augmentum.

Pro remedio ou redemptione animae, e outras similhantes.

E desde o oitavo até ao decimo terceiro seculo se continuaram a impôr as penitencias conforme os canones penitenciaes, e se cria que a Egreja tinha poder de as dispensar em parte, permittindo sua redempção. E tambem se originou então a opinião de que se podiam satisfázer as penitencias canonicas por meio d'outras pessoaes; e que se podiam applicar as obras satisfatorias dos outros no mesmo acto, em que as pessoas que tinham rigorosa obrigação de as fazer, ficavam entregues aos divertimentos e ociosidades. D'esta ultima opinião é que se originou aquillo a que os ecclesiasticos chamaram depois thesouro da egreja.

A indulgencia das cruzadas nasceu n'este mesmo tempo, e não foi outra cousa mais, do que uma indulgencia de commutação ou de redempção.

Victor III foi o primeiro a auctorisar esta commutação, ajuntando por este meio em 1087, um poderoso exercito contra uma armada de piratas. Urbano II seguio este mesmo exemplo, e d'este modo se estabeleceram as cruzadas. E a maior parte dos que se alistavam contra os infieis eram homens carregados de crimes, que não achavam meio mais commodo, nem mais conforme á sua familia, para expiar suas culpas, e satisfazer ás penas que mereciam, como era armar-se, e passar ao ultramar. E S. Bernardo disia: Paucos admodum in tanta multitudine hominum illis confluere videas, nisi utique sceleratos, et impios, raptores, et sacrilegos, perjuros, homicidas, adulteros, de quorum profecto profectione, sicut duplex quoddam constat provenire bonum duplicatur et gaudium.»

No principio não se obtinham estas redempções senão com obras pessoaes, isto é, era necessario que

aquelle, que queria a redempção fosse pessoalmente naquellas expedições militares. Pelo progresso do tempo, vieram estas mesmas redempções a serem remidas com dinheiro, e d'este modo os peccados mais detestaveis começaram a isentar-se das penitencias canonicas por meio de dinheiro.

Porem em quanto uns se entretinham a escrever acerca das indulgencias, e de quão grande era o numero dos conventos neste paiz, João Rodrigues Chaves na sua Historia Ecclesiastica e Chronologica da primeira idade do Mundo, diz coisas mui curiosas, acerca daquelle ceo estrellado que cobre o globo no qual habitamos, *gemendo e chorando*: «Os Ceos são de materia e substancia diaphana e transparente, como o cristal, a que chamam—*quinta essencia*—porque sendo os elementos de sua natureza corruptiveis, com a experiencia de seus regulares effeitos e movimentos se vê serem incorruptiveis os Ceos, e por essa razão e outras muitas, de diversas materias formados, que a elementar, admittindo-se somente ser a mesma analogicamente.

O que, não obstante, muitos padres e doutores, seguidos de alguns modernos, affirmam foram formados de dois elementos—agoa e fogo—ou singularmente do primeiro. e que por esse motivo se chamou o Ceo em hebreo *Seamaia*, que quer dizer *ahi aguas*, e fundados na sua auctoridade, querem tambem alguns modernos, se admitta incorruptibilidade nos Ceos e Astros, ao menos quanto a algumas partes suas, o que se não admitte pelo parecer que seguimos.

São tambem os Ceos solidos, e não tenues e fluidos, como asseveram alguns padres, e com a sua auctoridade, os astronomos modernos: e para intelligencia do referido se deve notar, que por solido entendemos não sómente as tres medidas de cumprimento, largura e

profundidade, mas tambem a firmesa consistente e dura como a da pedra. E para procedermos com claresa, como sobre esta questão existam tres opiniões: primeira, que admitte muitos Ceos, e todos solidos: segundo, que assevera o Firmamento além do Empyreo e dos superiores, se os ha solidos, e o planetario fluido: terceira, que affirma todos, excepto o Empyreo, tenues e permeaveis, pertendendo provar o seu parecer com os textos da Escriptura, em que consta parar o sol á voz de Jesué, e moverem-se elle, a lua, e mais planetas, e não os seus cobres ideados.

Observando-se Mercurio, Venus, e ainda Marte, muitas vezes superiores ao Sol, é que quasi pelo mesmo espaço d'este, completa o referido Marte seu curso, e do mesmo modo que os mais planetas e os cometas permeiam a região planetaria subindo, descendo, e movendo-se obliquamente, se deve ella admittir fluido e tenue, como sentem os auctores do segundo parecer, por se evitar o absurdo da penetração dos corpos, e a hypothese de se lacerarem os Ceos, e d'este modo se escusam os orbes excentricos, epicyclos reaes, e outras cousas ideadas para explicação e calculo dos movimentos planetarios. O systema se confirma com os textos de varios auctores, que attribuem aos planetas, como o Sol e Lua, e não aos seus Ceos, ou Orbes, os movimentos; e não servem elles, aos que asseveram o Firmamento fluido, porque tratam das estrellas errantes, e não das inerrantes, que Deus fixou no referido Firmamento.

O Ceo estrellado se póde affirmar solidissimo, como opinam os auctores do primeiro e segundo parecer, por não haver alguma repugnancia fundada em razão natural e concludente que o encontre: antes pelo contrario muitas conveniencias evidentes que o patenteam.

Observam as estrellas fixas sempre egual proporção e ordem, o que não succederia a ser fluido o firmamento.

Logo infere-se bem ser este solido e mover-se com as mesmas, como com a tabua os seus nós. A mesma inclusão se pode deduzir com a Via Lactea, com as duas máculas negras da constellação vulgarmente chamada Coureiro, e com as nevoas claras, situadas junto ao polo austral, que sempre tem sitio invariavel.

Alem de que, para os movimentos multiplicados e contrarios, que se admittem nas fixas é mais propria a solidez, que a fluidez pretendida, que a elles repugna.

Finalmente sendo frustatorio fazer-se por muitos, o que se pode fazer por poucos, segundo o sentir dos contrarios, seria necessario excessivo numero de Anjos, para moverem as estrellas, na hypothese, que se admitte de serem movidas todas as errantes pelas santas Intelligencias, e que no parecer que seguimos, se excusa.

Confirma-se o deduzido (continùa o mesmo auctor) com muitos textos da Escriptura, que, alem de fallarem no Ceo em numero plural, para se não evadir sua auctoridade, com se admittir somente solido o Empyreo, expressamente insinuam abrirem-se, romperem-se, e penetrarem-se os corpos celestiaes; e sendo incontroverso, que não o fluido, mas sim o firme, é que se abre, rompe e penetra, se convence a sua solidez, e muito mais pelo expresso texto de Job, que fallando tambem no plural comprehende não somente o mesmo Empyreo, mas o Estrellado, sem que obste attribuir-se o referido á pratica indiscreta de Eliud; porque a esta objecção se responde com S. Gregorio, que o dito Eliud disse sentenças rectas com modo arrogante e soberbo, de

que Deus se desagrada: pelo que, e por outras exposições que se dão ao texto, com que se nos argumenta sem que os contrarios provem que a impericia de Eliud se refere com effeito á solidez dos Ceos, se corrobora esta assim como a sua incorruptibilidade.

Dez Ceos, excepto o Empyreo, numeram muitos, pela seguinte ordem: o primeiro Movel, o Cristallino sem alguma estrella, o firmamento, que tem as fixas, o de Saturno, o de Jupiter, o de Marte, o do Sol, o de Venus, o de Mercurio, e o da Lua; admittindo-se n'estes sete ultimos os seus planetas, omittidos varios satellites, que se tem observado: e que, não obstante, para os padres e doutores escolasticos é commum serem tres Ceos, a saber o Empyreo, o Estrellado, e o Aereo, com o fundamento de S. Paulo affirmar fôra arrebatado até o terceiro Ceo, que recebeu pelo mesmo Empyreo: sendo indubitavel que a região aerea se recebe muitas vezes por Ceo nas Sagradas Lettras.

Concedida a hypothese de serem tres os Ceos, se admittem commummente como esferas solidas o primeiro movel e o cristallino, que incluem com o Firmamento, assim chamado pela extensão, como se deduz de varios logares da Escriptura, dizendo os Latinos *extendere* onde os hebreus *firmat;* ou, segundo outro, pelo estabelecimento firme e solido que tem, e não porque se não mova, sendo fluido, como pretendem insinuar os modernos com auctoridade d'alguns padres. E neste logar se devem individuar os movimentos attribuidos aos Ceos, segundo a doutrina que levamos.

O primeiro movel com movimento proprio leva os inferiores do Oriente para Poente, fazendo revolução diurna sobre os polos do mundo em 24 horas. E, supposto o tal movimento se intitula violento, se deve conceder e não é em rigor, porque Deus, autor da natu-

reza dispôz todas as cousas com suavidade, e por não ser nenhum violento permanecente; mas que asssim se chama, pelos Ceos terem outros movimentos.

O Ceo cristalino, alem do movimento referido, tem outro natural, com que, sobre o eixo e polos do Zodiaco move o firmamento do poente para oriente, o qual se finalisa por este dizer differentemente, que em trinta e seis mil, e ainda mais e menos annos; e alem dos dois referidos tem o Ceo estrellado outro de accesso e recesso, ou de trepidação, que faz em sete mil annos sobre os pólos sitos na equinocial no principio dos signos de Áries e Libra, com o qual movimento levanta as estrellas polares do Norte e Sul, e desviando-as dos polos por doze graus, as torna outra vez ao seu logar, que é junto dos mesmos polos meio grau.

Pelos astronomos modernos se seguem differentes systemas, pretendendo negar o primeiro Movel, o cristalino, é por conseguinte os movimentos, que se lhes attribuem, admittindo-os por outros methodos nas Estrellas fixas e Planetas, na hypothese de que levam da fluidez do Firmamento.

Conforme os doutores escolasticos tem os Ceos parte direita e esquerda, situando aquella ao oriente, e esta ao occidente.

Os cosmographos e geographos, como attendem ás alturas do pólo septentrional, para que olham, regulam, segundo os philosophos, a parte direita e esquerda dos Ceos.

Os astrologos pelo contrario : porque para contemplarem os cursos das estrellas e planetas, olham para o meio día, e lhes fica o Oriente á esquerda, e o Occidente á direita.

Contra todos os factos julgam ser o polo arctico á direita do Ceo, e o antarctico á esquerda.

Porque, virados para o occidente, para attenderem o poente das estrellas e planetas, lhes fica o norte á mão direita, e o sul á esquerda : de modo, que, segundo a differente postura, que observam os cosmographos e geographos, astrologos e poetas em observarem os movimentos dos corpos celestes, assim regulam a direita e esquerda parte dos Ceos.

Concluimos que os Ceos são corpos puros, e primeiros, na natureza simplissimos, na essencia subtilissimos, na incorruptibilidade solidissimos, na quantidade maximos, na qualidade lucidos, na transparencia perspicuos na materia purissimos: e na figura esfericos, por ser esta figura a mais pulchra, simples e idonea para os movimentos velocissimos, que tem, e do mesmo modo, para fazerem perfeita circumferencia com o mundo elementar tambem esferico, no sitio local supremos, na grandeza de todas as mais creaturas contentivos; e finalmente, supposto careçam das qualidades elementares, porque não são calidos ou frios, seccos ou humidos, com tudo as causam nos sublunares, em que influem as virtudes motiva, vegetativa, sensitiva, e das cousas graves productiva, sem com tudo serem animadas, ou influirem no livre arbitrio do homem, que Deus deixou na liberdade do seu conselho.

Affirma-se distar o concavo do Firmamento do centro da terra 65:357:500 milhas ; o seu convexo 130:715:000, constando sua crassitude de 65:357:500, e segundo outro parecer se assevera distar o seu convexo quarenta contos de leguas, determinando-se a sua crassitude em 17:388:000 leguas, e a distancia ao seu concavo em 22:612:000. Excedem alguns esta conta a mais de cento e cincoenta milhões de leguas.

Tambem se diz ser o seu ambito de 151:181:000 leguas. Em fim, com tanta variedade que se pode per-

guntar com o Sabio: Quem medio a altura dos Ceos, por meio de regras infalliveis? E responder-se que sómente aquelle senhor, do qual elles narram a gloria, sendo obras de sua omnipotente mão.

Do que se tem expendido a respeito dos Ceos, se deduzem os seguintes systemas, e outros que se podem examinar nos astronomos; que se conjectura ser muito menor á proporção de todo o mundo, que se contem dentro do concavo do Firmamento, para o complexo do Empyreo, que a do Globo terraqueo a respeito do dito Firmamento, que se podesse algum individuo humano, vivendo oito mil annos, directamente subir para o Ceo, prefazendo cada dia cem milhas, no fim d'elles, não teria chegado ao Empyreo; porque sómente para chegar á parte concava do Firmamento, lhe seriam precisos mais de dois mil annos, e outros tantos para subir á convexa. Finalmente se d'esta se lançasse uma pedra molar para a terra, não cairia n'ella, senão passados noventa annos.

Tal é o Ceo Empyreo dos theologos para onde o amigo leitor hade ir acompanhado da sua illustre familia, onde irá encontrar uma chusma extraordinaria de santos e santas, entre os quaes occupam um logar distinctissimos os bentos e bentas, que n'outro tempo com tanto ardor se entregavam a todo o genero de virtudes.

Mas o auctor ainda diz mais alguma cousa digna de menção:

«As estrellas são de materia purissima intitulada *Quinta Essencia*, de que se compõem os Ceos, por serem as fixas no firmamento as partes mais densas d'elle, como partes suas, como o são da tabua os nós; de tal modo que com o Estrellado se movem as estrellas, que os modernos admittem globos totaes, e com movi-

mentos proprios no Firmamento, que fazem fluido. E tambem são incorruptiveis.

Mas se o Ceo é immenso, como o leitor ha pouco vio na obra d'um portuguez, tambem os monges para povoarem o Ceo foram infinitos. Fr. Leão de S. Thomaz, monge da Congregação de S. Bento em Portugal, e lente de vespora igualado a Prima na Universidade de Coimbra [1] falla-nos d'um abbade chamado Isidoro, que teve a seu cargo um mosteiro de mil monges. E accrescenta ainda que um outro que lhe succedeu, elevou o numero de monges a cinco mil. Palladio escreve que o monge Serapião chegou a governar dez mil monges divididos em varias turnas. E que alem d'Alexandria sobre umas montanhas estavam uns setecentos mosteiros.

Porém, acode o chronista, é d'avertir que os monges d'aquelle tempo ordinariamente não viviam como os nossos d'agora, todos dentro d'uma cerca, e debaixo d'uma chave, senão espalhados pelos montes e valles do deserto, á vista uns dos outros, cada um em seu recolhimento pobre e humilde, e muitos em covas e concavidades da terra. Pelo que o prelado maior a quem obedeciam em muitas partes, se chamava archimandrita, nome composto da palavra grega *Archi* que significa *Principe*, e da palavra *Mandra*, que quer dizer Cova. Pelo que archimandrita era o mesmo que prelado principal e superior dos que viviam em covas como mortos já e sepultados para o mundo.

Algum tempo depois floresceu S. Basilio, e escreveu a Regra mui copiosa em documentos espirituaes.

Mas depois nasce de novo um sol occidental, pois é este o nome que o chronista dá ao famoso S. Bento, cuja ordem nascida no deserto de Sublaco, na Italia, em todos os tempos, mas mormente nos anteriores, e coe-

vos com a fundação da nossa monarchia,t ão abalisada foi.

Em quanto, porém, á cova, na qual se recolheu S. Bento no deserto, o chronista a quem vamos seguindo, descreve-a do modo seguinte:

«*Sacro specu* lhe chamam os naturaes da terra. Fica em uma costa aspera d'aquella montanha de Sublaco á vista do rio Anieno, e distante d'elle cousa de sessenta ou setenta passos. O chão e pavimento d'aquella cova sagrada è pedra viva: e a concavidade que vae para dentro, não é egual, nem direita, senão algum tanto arqueada e baixa e estreita em si, de sorte que não podia o Santo estar n'ella levantado em pé, senão só inclinado ou debruçado, e o logar em que dormia, tem mais, mas não terá outro tanto. [1]

O jantar do Santo constava de raizes d'ervas e d'agua, e ás vezes de bocados de pão duro que lhe levava outro monge por nome Romano.

Mas, apesar das virtudes de Bento, os monges seus subordinados quizéram-n'o matar.

E eis porque separando-se d'estes monges, foi tratar de fundar outros mosteiros na montanha, pondo em cada um doze monges com seu abbade, e ficando Bento superintendente.

O numero dos mosteiros continuou sempre a medrar.

E por fim os serviços de Bento foram taes, que cinco cousas Deus concedeu em favor do seu servo:

1.ª Que su ordem perseverará esta até ao fim do mundo.

2.ª Que no fim d'elle será escudo da Igreja Romana, pelejando por ella fidelissimamente, e confortará a muitos na fé.

---

[1] Benedictina Lusitana; I. pag. 40.

3.ª Que nenhum morrerá n'ella senão em estado de salvação, e se começar a viver mal, e não desistir, ou será confundido, e envergonhado, ou será lançado da mesma Ordem, ou elle por si se sairá d'ella.

4.ª Que todo aquelle que perseguir toda a Ordem, se se não emendar, a vida se lhe abreviará, ou morrerá de má morte.

5.º Que todos aquelles que amarem sua ordem, terão bom fim. [1]

Mas as virtudes do Santo não obstaram a que fosse perseguido pelo diabo atrozmente.

E talvez que de todas as perseguições feitas pelo mafarrico ao grande S. Bento, a que mais atroz foi, e mais custou a soffrer ao bemdito monge, foi a de se lhe apresentarem septe mulheres lindas como os amores, e nuas em pelote, só com o fim de o fazerem peccar.

Mas o santinho com os olhos fitos no Ceo nem sequer para ellas olhou, e o diabo mais uma vez ficou confundido e atrapalhado. [2] E depois o Santo fartou-se de fazer figas ao diabo E foi então com o fim de se não ver outra vez uma crise tão aterradora, que o santinho resolveu ir para o monte Cassino, tendo previamente feito uma despedida tal a seus irmãos em Cristo, que os olhos de todos quantos presentes estavam a uma scena tão pathetica eram dois rios d'agua.

E Jacobo de Grafies era de opinião que peccava mortalmente o monge que andasse por largo espaço de tempo sem a cuculla, ainda que fosse dentro do mosteiro, e mesmo que dormisse sem ella.

E parece até mesmo que alguns monges andavam vestidos de pelles d'ovelhas.

---

1 Id. id. pag. 55.
2 Id. id. pag. 57.

Deu.se porem, no reino de Castella um caso notavel:

Sendo cousa clara e manifesta (diz o auctor da Benedictina Lusitana, vol I, pag. 62) ser a cucolla de mangas largas e cumpridas, habito proprio da Religião Benedictina, sahiu estes annos proximos em Castella a devoção de alguns religiosos Basilicos na qual estava seu padre S. Basilio Magno vestido com uma cucolla, e os quatro patriarchas, S. Agostinho, S. Bento, S. Domingos, e S. Francisco, postos de joelhos diante d'elle, como recebendo de sua mão esquerda o livro da sua Regra, que n'ella tinha, e da sua mão direita se vinham levantando os fundadores das mais ordens, ainda os das militares, como se elle fôra a primeira origem de todas ellas, segundo mostravam umas palavras que ao pé tinha.

Tendo noticia d'isto o papa Urbano VIII, por meio da congregação de S. Bento de Valhedolid, mandou que a dita estampa e imagem se recolhessem, e não apparecessem mais diante dos olhos dos fieis, e os que tivessem alguma d'ellas a entregassem logo aos inquisidores ou ordinarios do logar.

E, ao mesmo tempo prohibia aos esculptores, impressores e pintores que a abrissem, impremissem, esculpissem ou pintassem estampa ou imagens similhantes, e se algum modello ou exemplos d'ella tivessem, o quebrassem ou desfizessem.

E por fim declarava que a cucolla era habito de S. Bento. [1]

Apesar, porem, d'estas asserções o antagonista sustentava que a cucolla era propria dos monges de S. Basilio, e habito proprio d'estes.

[1] Id id pag. 62.

E que a regra de S. Basilio era a fonte d'onde derivavam e manavam todas as mais.

O auctor, porem, da Benedictina Lusitana assevera que nunca S. Basilio conheceu outro habito para seus monges, que não fosse, uma tunica cingida com uma correa de couro, e uma capa curta.

O mesmo auctor refere que quando o padre S. Bento chegou ao monte Cassino, no anno de 528 ou 529 ainda alli existiam as ruinas do palacio de Mario Varrão, o no alto o templo d'Apollo, ao qual a gentilidade ainda por aquelles tempos rendia adoração. E que por aquelles arredores tudo eram bosques e arvoredos, debaixo dos quaes os idolatras offereciam sacrificios a seus falsos deuses.

Dentro em pouco o culto pagão estava substituido pelo catholico, e foi então que certos varões romanos, ouvindo fallar das maravilhas que Bento operava, foram ao Cassino com o fim de o visitarem.

E depois ainda lhe pediram que os recebesse como irmãos, e escrevesse seus nomes no livro em que se escreviam os dos monges que n'aquella casa entravam e professavam.

E d'aqui tiveram origem as cartas d'irmandade, de que todas as irmandades fizeram uzo.

Fez então Tortullo, obrigado com a mercê de o receber como irmão, e a seus companheiros, uma doação solemne ao mosteiro de tudo quanto n'aquellas partes do Cassino era seu, e de muitas outras terras na Sicilia com sete mil escravos que n'ellas tinha para seu serviço, do que fez escriptura publica, segundo o costume d'aquelle tempo, em que todos os senhores assignaram, e entre os quaes se via o nome de S. Placido, na seguinte fórma: *Ego Placidus peccator pro me et pro fratribus Eutitio et Victorino.*

E accrescenta fr. Leão de S. Thomaz: «E só as terras e herdades que Tertullo deu ao grande patriarcha no reino de Sicilia foram tantas, que medidas com a medida d'aquelle tempo vinha a ter quarenta e tres mil trezento e vinte moios de trigo, como consta da escriptura d'ellas. E para as terras que Tortullo deo ao patriarcha em Sicilia, se semeassem todas, eram necessarios 718 moios de trigo, ou 43.320 alqueires, que vem a dar no mesmo.

E, sendo isto assim, já os antigos chamavam a Sicilia—*Celeiro de Roma*, pela abundancia de trigo que lhes dava, a parte que d'ella coube a monte Cassino, bem se podia chamar *Celeiro da Religião Benedictina*. [1]

E accrescenta o mesmo escriptor: Quando o imperador Justinianno confirmou esta doação tão ampla de Tertullo fez tambem mercê ao patriarcha e ao seu mosteiro Cassiniense, que do thesouro publico lhe dessem certa quantidade de panno para vestuario dos monges, e trinta libras em ouro para azeite das alampadas, que pelo dinheiro do tempo de Fr. João valiam 1:325$000 réis.

E Equicio, pae de S. Mauro, deu tambem muitas herdades suas ao glorioso patriarcha, e a escriptura d'ellas assignou Mauro na mesma fórma que Placido: *Ego Maurus Peccator*. E de mais doações ainda falla fr. Leão de S. Thomaz.

Cumpre, porem, mormente aos escriptores italianos o verem se taes doações teem o mesmo grau de veracidade que as de Alcobaça attribuidas a el-rei D. Affonso Henriques.

Todavia o chronista portuguez não perde o ensejo de

---

[1] Id. id. pag. 72.

recommendar aos monges bentos a caridade, e narra-lhes a seguinte lenda:

Dois anjos em figura de peregrinos entraram num mosteiro, e depois de os monges os agasalharem, como poderam, á despedida, teve o hospedeiro comprimento com elles, dizendo que perdoassem, que aquelle mosteiro fôra em tempos passados mui rico, mas que ao presente estava mui pobre.

Respondeo um dos anjos dizendo: Se quereis, Padre, saber a causa d'esta mudança, dir-vola-hei:

Antigamente moravam nesta casa dois homens, um chamava-se *Date*, que quer dizer *Dai*: outro chamava-se *Dabitur*, *Dar-vos-hão*. Vós lançastes fóra *Date*, Deus lançou fóra o *Dabitur vobis*, e assim viestes a ser pobres. Por onde, haja caridade, que ella é a que conserva os bens espirituaes e temporaes.

E' pois considerado o mosteiro de Cassino como a mãe de todas as Congregrações Benedictinas, que assim lhe chama o papa Urbano II e Clemente IV. Porque assim como Ruperto, abbade, diz que toda agua doce que bebemos e gozamos, originalmente nasce da fonte do Paraiso, como do peito da terra, e della traz a doçura, que a faz potavel, da mesma sorte podemos dizer que a casa de Cassino foi outra fonte do Paraiso, da qual se communicaram pelo mundo todas as aguas salutiferas da disciplina monastica; e a doçura do espirito do grande Patriarca. E as palavras do papa Urbano são os seguintes:

«Seja tido o mosteiro de Cassino por cabeça de todos os mais, com muita razão, porque do peito de S. Bento, e delle, manou a religião veneranda da Ordem monastica como se fôra aquella grande fonte, que nascendo no Paraiso, regara a terra toda.»

Conservou-se o mosteiro depois da morte de S. Ben-

to ainda pelo espaço de quarenta e tres annos. E no anno de 586 destruido e roubado pelos longobardos, escapando todavia todos os monges com vida [1]. E todos fugiram para Roma, indo pedir abrigo ao papa Pelagio, o qual os recebeo benignamente, e agasalhou em um quarto do seu proprio paço lateranense, e junto delle se accommodaram, e formaram depois seu convento, vivendo com a mesma observancia que em Cassino guardavam.

Perseveraram aqui cento e trinta annos, até que pelos de Christo 716, um cidadão da cidade de Brixia, rico e poderoso, por nome Petronio, segunda vez reedificou o monte Cassino, fazendo-o mui capaz de grande copia de monges. Além d'isso o papa nomeou a Petronio abbade do mosteiro, e mandou juntamente aos que viviam no mosteiro Lateranense, que fossem viver no Cassino. E isto cumpriram elles com grande gosto e alegria.

Porem no anno de 882 os mouros o destruiram, e arrasaram, martyrisando e degollando um grande numero de monges, e degollaram ao abbade Bertario.

E alguns poucos que se poderam salvar, fugiram para a cidade de Theano, e dalli se passaram para Capua, onde viveram uns septenta annos.

Foram depois, por mandado do papa Agapito, repovoar a montanha de Cassino, ficando, porém, alguns no mosteiro de Capua. E desde o anno 950 não tornou o mosteiro a ser ou destruido ou arrasado.

Chegou finalmente o infeliz tempo dos commendatarios em encommenda a pessoas, que não eram religiosas, nem tinham professado a regra, o que foi destrui-

---

[1] *Id. id.* pag. 102.

ção dos mosteiros assim no espiritual como no temporal. [1]

Esta desaventura abrangeo tambem a Cassino, ainda que n'ella teve sua felicidade, porque não teve mais que quatro commendatarios, que duraram pelo espaço de cincoenta annos, e essas pessoas mui insignes. E só de Santos, diz um escriptor, o numero alli era mui grande. E um outro escreve: Com grande segurança e sem temor algum de falsidade se póde affirmar com muita razão, que não houve em tempo algum em toda a Christandade mosteiro, em que houvesse tantos varões illustres em santidade, em erudição, em doutrina, e donde sahissem tantos em numero para governo da Santa Sé Apostolica, de sorte que, com rasão, se póde dizer que era o mosteiro de Cassino um Seminario de Prelados, e Bispos da Egreja, e juntamente um seminario de Santos.

Rico e poderoso vio o patriarcha S. Bento ao seo mosteiro de Cassino em sua vida. Porque foram grandes as doações que os pais de S. Placido e de S. Mauro lhe fizeram e foi juntamente muito o que por outra via a devoção dos fieis lhe offereceo.

Porem, depois de sua morte, é espanto certo ver quanto o dito mosteiro alcançou, e quanto chegou a ter de riquezas e bens temporaes, de senhorio e authoridade. Porque primeiramente consta que provia quatro bispados, que eram [2] o da cidade d'Aquino, o da cidade de Sessa, o Carinense, e de S. Germão. Provia mais dois principados, dois ducados, e vinte condados. Tinha tantas egrejas de seo padroado, que chegaram a

---

[1] *Id.* pag. 103.
[2] *Id. id.* pag. 106.

mil seiscentas e sessenta e duas. Era Senhor de trinta e seis cidades que Arnaldo nomeia todas por seus nomes. Tinha de villas acastelladas ou castellos 250. Outros logares menores 440. Tinha tresentos territorios, que eram como comarcas, coutos, conselhos ou jurisdicções. Tinha trinta ilhas no mar Mediterraneo; portos maritimos 25: Quintas 336: Azenhas ou moinhos 200. Pelo que tinha o mosteiro de renda 300 mil cruzados.

O titulo que o abbade d'aquella casa tinha por mercê dos papas e imperadores quadrava bem com a grandeza e magestade della.

Porque se intitulava d'este modo: Patriarcha da sagrada religião: Principe de todos os abbades e religiosos: vice-cancellario do sagrado Imperio nas partes d'Italia: cancellario nos reinos de Sicilia, Jerusalem, Ungria, conde e regedor de Campania, da terra de Lavor, e da Provincia maritima: vice-imperador e principe de paz.

E este ultimo titulo tinha, porque nenhuma pessoa se podia reconciliar ou fazer pazes com o imperio sem consentimento do abbade de Cassino.

No tempo, porem, do auctor da Benedictina Lusitana, tinha só a cidade de S. Germão, e quarenta e tantas villas, e cincoenta mil cruzados, que era a sexta parte do que dantes tivera, e muito della gastava com os pobres, romeiros, e peregrinos, e para estes quando enfermos, havia doze quartos apartados.

Agora o auctor do Benedictina Lusitana trava polemica com o author da Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal.

«A primeira confirmação de S. Gregorio, de que fazem menção Felino, cardeal Baronio, Pedro Ricordato, a Bibliotheca Patrum, Arnaldo, Sandoval, Jepes e outros auctores graves, chama a Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho de Portugal — Confirmação *falsa*, apo-

cripha, parto supposto, ficticia, e cheia de erros intoleraveis.

Vejamos as razões em que funda a ladainha de tão graves censuras.

Primeiramente diz que nunca tal confirmação existio, senão digam os modernos aonde a acharam, depois de tantos seculos.

Socunda é falsa: por n'ella se dizer que S. Gregorio confirmou a regra de S. Bento em um synodo geral, não o sendo elle, para que até n'isto se veja a impericia do inventor da dita confirmação, chamando Synodo geral ao que era só provincial. E sendo assim que em todo elle se não faz menção nem de S. Pedro, nem da sua regra.

Mostra-se mais ser a confirmação gregoriana falsa, porque a data d'ella é no anno quarto do pontificado de S. Gregorio, que, segundo a conta commummente recebida, é o anno de Christo 594. em que o santo pontifice não tinha ainda celebrado Concilio algum, porque o primeiro, que celebrou, foi no anno de 595. Pelo que a celebrar o santo tres Concilios em tres annos, ficava caindo o terceiro no anno de 590. E este foi aquelle Concilio Lateranense de que falla a carta de confirmação, que Sandoval cita.

D'onde já se vê que é falsa, e que, quem a fingio, não soube lançar bem as contas aos tempos, para a poder vender por carta de S. Gregorio.

Até aqui a dita Chronica.

Accrescento eu a esta razão o discreparem Jepes e Sandoval no anno do Pontificado do mesmo santo pontifice, e na indicção em que dizem que confirmou a santa regra. Porque Sandoval diz que a confirmou no quarto anno de seu pontificado na indicção 12, e Jepes diz que no anno 6, e na indicção 13. Por onde esta discre-

pancia parece que argue a dita confirmação suspeitosa. Mas não é possivel encontrar uma só Chronica Monastica em que não appareçam polemicas vehementes, e censuras ás vezes insolentes. [1]

A ordem de S. Bento propagou-se por um modo espantóso por todo o mundo então conhecido. Para a Sicilia foi S. Placido com outros discipulos seus para fundarem mosteiros, como fundaram com effeito em Messina. Depois passa á Hespanha, França, Inglaterra, Escocia, Esclavonia, Polonia, Russia, Frisia, Dania, Gotia, Suecia, Dinamarca, Baviera, Austria e em fim por toda a Europa e até mesmo pela Asia e Africa. [2]

Em quanto a Portunal o auctor da Benedictina Luzi-

---

[1] Conta-nos tambem o auctor da Benedictina Lusitana (vol. I. pag. 118) que em certa occasião em que as cinzas de S. Bento tinham dez homens n'um barco, para atravessar um rio, viera Nosso Senhor Jesus Christo do Ceo á terra para tambem servir de remador.

[2] Na Toscana, junto a cidade de Lucca, viviam pelos annos de 1400 uns conegos regulares em um mosteiro chamado Santa Maria Frisonaria, d'onde os trouxe o papa Eugenio IV para a egreja de S. João Lateranense de Roma. Professavam estes padres a regra de Santo Agostinho, trazendo em cima do roquete de linho, escapulario e capa preta, habito em que faziam profissão, e andavam dentro e fóra da sua egreja.

Por muitos annos lhe precederam os monges de S. Bento nas procissões, e actos publicos, até que alguns conegos mais orgulhosos D. Domingos, D. Celso, D. Eusebio, e outros lhe moveram demande em tempo do papa Sisto IV e Innocencio VIII sobre esta precedencia.

Consultáram-se na materia todas as universidades da Italia e os mais famosos letrados d'aquelle tempo, e quasi todos foram de parecer que os monges de S. Bento haviam de preceder aos conegos lateranenses. E n'esta conformidade se deu sentença na cidade de Ristoia por um juiz delegado do Papa Innocencio VIII, a 18 de maio de 1488, julgando e mandando que os monges de S. Bento precedessem aos conegos da dita Congregação latera-

tana diz que o primeiro mosteiro que da Ordem de S. Bento se edificou em Portugal foi Lorvão, e que este nome se derivou de um loureiro antigo que no dito logar estava plantado (pag. 306. — 1.º vol). E depois como que á porfia começaram os bentos a exaltar suas imagens milagrosas, suas fundações, seus feitos, para

---

nense, que na mesma cidade da Pistoia tinham mosteiro, e concorriam com elles nas procissões.

Com esta sentença e com o commum dos pareceres se aquietaram as partes algum tanto. Porém vindo o pontificado de Leão X e mandando elle fazer umas procissões solemnes em Roma, os ditos conegos lateranenses pondo de parte o escapulario e capa preta, appareceram n'ellas só com seus roquetes ou sobrepelises, e com barretes na cabeça, não sem mofa das pessoas sensatas, e quasi mudados n'outros tantos bispos. E, intercedendo por elles grandes personagens, alcançaram logar entre a clerezia, querendo ser antes os ultimos entre os clerigos de barrete, que os segundos entre os religiosos de capello. E n'esta posse perseveraram muitos annos sem contradição alguma dos monges.

Celebrando-se depois o Concilio Tridentino, e mandando os papas Paulo III e Julio III tres abbades da congregação do Monte Cassino para assistirem n'elle, não se aquietaram os conegos lateranenses ate não alcançarem com grandes intârcessões do Papa Pio IV que mandasse tambem ao Concilio tres prelados da sua congregação, e mandando-os o papa com effeito ao concilio os legados e presidentes d'elle lhes assignaram logar abaixo dos abbades bentos. Porém estes descontentes, e querendo preceder, resuscitaram a demanda antiga, de sorte que o Papa Pio IV avocou a causa a si, e deu sentença sem determinar qual das regras fora primeiro confirmada com confirmação expressa e solemne, movendo-se muito pelo costume a passe em que os lateranenses estavam. Accrescentando que quando os abbades das ditas congregações lateranense e cassinense se ajuntassem *de per se et singulariter* em concilios, ou outros actos, precedessem aquelles que fossem mais antigos na promoção da sua antiguidade, assim como os bispos precediam uns aos outros pela ordem e antiguidade da sua sagração.» *Benedictina Lusitana*, vol. I. pag. 132.

sobre suas egrejas chamarem a attenção dos fieis endinheirados, os quaes na realidade, ao morrerem, nunca se esqueciam dos templos dos frades. Hoje, porém, as cousas mudaram.

E como já disse, de noite e de dia os capitaes portuguezes vão correndo deste paiz para La Salette e para Lourdes.

Os padres francezes, aqui numerosos, não se esquecem de exaltarem aquelles sanctoarios.

As outras congregações estrangeiras tambem não se descuidam nas occasiões, de se engrandecerem.

---

[1] De dois em dois annos os agostinhos do principal convento de Paris nomeavam em capitulo tres jovens religiosos para se licenciarem em Sarbonna.

Porém no anno de 1658 o capitulo em vez de tres nomeou nove, para tres licenciados consecutivos.

O Parlamento, porém, annulou esta eleição prematura, ordenou aos agostinhos que precedessem a uma eleição mais regular, isto é, para um só licenciado.

Porém como os frades recusassem, mandou archeiros para os constranger.

Os frades postam-se em defeza, tocam a rebate, disparam balas contra os archeiros, trazem o Sacramento para o campo da batalha, mas depois veem-se obrigados a renderem-se.

D'um lado e d'outro trocam-se os refens.

Chegam depois a um accordo para os revoltosos terem a vida incolume.

Os commissarios do Parlamento entram no mosteiro.

Mandam prender e encarcerar na Conciergerie onze religiosos.

Porèm, passados vinte e sete dias, o cardeal Mazarin, inimigo do Parlamento, põe em liberdade os onze prezos, que são levados em triumpho, e nas carruagens do Rei para o seu convento.

Seus confrades vão recebel-os em procissão, e psalmodiando Os sinos repicam.

Canta-se o Te-Deum.»

Boileau: Oeuvres complètes, vol. I, pag. 223, Paris, 1864.

A educação da mulher nobre é completamente estrangeira n'este paiz, e dirigida por padres estrangeiros. Estes medram e enriquecem.

Só o padre portuguez vive miseramente. Alguns chegam a passar privações!

Podemos affoutamente asseverar: o padre portuguez em geral é pobre.

O padre estrangeiro, porem, mais dado ao beaterio, neste paiz pode enriquecer com facilidade.

Voltando, porem, ao tempo dos monges, tem o leitor obras mui apreciaveis narrando factos verdadeiros, e escriptos com criterio.

Uma dellas é a Vida e Opusculos de S. Martinho Bracarense, impressos pela primeira vez neste Reino por cuidado e ordem do grande D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo Primaz, de Braga, Lisboa, 1803, in folio.

Ajuntaram-lhe no fim da vida do Santo algumas notas, como pequenas dissertações para illustração d'alguns pontos da mesma Vida, ou da disciplina das Igrejas de Hespanha naquelle tempo: a traducção dos opusculos em portuguez, e discurso preliminar a cada um, etc.

Martinho não tinha nascido neste solo, mas da Panonia para aqui veio, em tempo que as falsas doutrinas dos Arianos tambem aqui medravam a olhos vistos. E apenas Martinho apparece no territorio de Braga, as doutrinas christãs medram, e as arianas definham.

E o leitor lá na cidade invicta do Porto, acerca de taes tempos encontra lendas, pois a egreja antiquissima de Cedofeita se diz fundada naquelles dias.

Sei tambem que Alexandre Herculano é contra uma tal opinião, dizendo que o Mansor mandara derribar todos os templos christãos.

Alguns, porém, poderiam escapar, pois em varios

logares tambem escaparam as armas do duque d'Aveiro, a despeito da furia e sanha do Marquez de Pombal.

«Martinho começa a fundar logo n'esta provincia mosteiros.

Nem para a nossa edificação conduz o discutir se seguiu exactamente algumas das regras já então escriptas por santos fundadores.

Basta pois que saibamos que o Santo fundou mosteiros.

Que o primeiro e de que ficou particular memoria, foi o de Dume nos arrabaldes da cidade de Braga, onde procurou com disvelo plantar a vida monastica, qual a vira no Oriente. [1]

Bem natural era lembrar-se de fazer a primeira fundação, onde achara edificada a grande egreja do voto do Rei, e onde estavam depositadas as reliquias do Santo do seu nome, e da sua mesma patria: cuja memoria o nosso apostolo procura logo eternizar com os versos que fez gravar sobre a porta d'aquella egreja, como attesta S. Gregorio Turonense.

Junto a esta egreja funda com effeito o veneravel mosteiro, ao qual desde aquelle tempo lhe deu o cognome de Dumiense.

Ao mesmo passo que o santo fundador levanta o edificio material do mosteiro, cuida em reduzir a es-

---

[1] Vida e Opusculos de S. Martinho, pag. 8.

Referindo os padres do Concilio X de Toledo em 666; que lhes fôra apresentado o Testamento do nosso Santo, se exprimem assim:

Delatum est ad nos... testamentum gloriosae memoriae S. Martini Ecclesiae Bracarensis Episcopi, qui et Dumiense Monasterium visus est construxisse.» Vida citada, pag. 8.

cripto instrucções proprias para inspirar aos monges o espirito religioso.

Ordens ao diacono Pascasio, instruido na lingua grega, que trasladasse para a latina dictos e sentenças de muitos padres dos desertos, reduzindo-as a certos titulos, que comprehendem as regras mais importantes para a perfeição da vida christã e monastica.

A obrigação que Pascasio mostra ter de obediencia ao Santo abbade, dá indicio de ser monge d'aquella Casa, na qual attesta ser escripta esta obra por um auctor do seculo XI.

E o caso é que esta obra rescende á mais pura moral Evangelica.

Sabe-se tambem que Martinho assistiu ao Concilio Bracharense em maio de 561, sendo então já um dos mais velhos que assistiram a este Concilio.

O que porém, se julga sensatamente é que em 551 ainda a regra de S. Bento não estava introduzido n'este solo; mas que se regulavam os monges pelas regras vindas do Oriente. [1]

O mesmo arcebispo D. fr. Caetano Brandão tambem

---

[1] A primeira vez que nos monumentos da Hespanha vemos fazer menção do *Monachato*, é no Concilio de Saragoça do anno de 380, o qual no Canon VI, diz:

Siquis de Clericis propter luxum vanitatemque praesumptam de officio sponte decesserit, ac velut observatorem Legis Monachum videri voluerit esse magis quam Clericum, ito de Ecclesia repellendum, ut nisi rogando, atque observando plurimis temporibus satisfecerit non recipiatur.»

Vida e Opusculos de S. Martinho, pag. 118.

«Com o seculo VI é que provavelmente começou nas Hespanhas a vida cenobitica.

Assim o entendia já Santo Ildefonso, que aqui vivia, e nascera no principio do seculo seguinte.» Id., pag. 119.

mandou dar á luz, e com effeito appareceu em publico no anno de 1805 em Lisboa a Vida e Regras Religiosas de S. Fructuoso Bracharense.

Tambem n'esta obra reina o senso commum, e n'ella se póde fiar quem desejar escrever acerca dos primeiros tempos da ordem monastica em Portugal.

E n'esta obra encontramos noticia verdadeira d'antigos mosteiros no sólo correspondente hoje ao moderno de Portugal.

E vemos que no decurso do seculo vi fazem os Concilios da Hespanha menção de monges e abbades, e se acha noticia da fundação de alguns mosteiros, como o Servitano, fundado por Donato, e o de Asana, de que foi abbade S. Victoriano.

O rei Recaredo applicou-se com zelo á fundação de mosteiros e egrejas.

O diacono de Merida Paulo falla do bispo da mesma cidade o veneravel Massona, que presidiu á cadeira metropolitana desde 573 até 606 diz:

Logo no começo do seu episcopado fundou muitos mosteiros, e os enriqueceu com abundantissimas herdades.

No capitulo segundo falla do mosteiro Cambianense, que ficava a duas leguas de Merida dirigido pelo abbade Renovato.

O abbade Valerio faz menção de dois mosteiros perto de S. Pedro dos Montes.

Mas, como não é este o assumpto principal a que me propuz, basta que diga que se o amigo leitor alguma vez precisar escrever sobre assumptos taes consulte as duas obras ultimamente por mim citadas, e a Hespanha Sagrada do padre Florez, e desprese completamente as noticias fornecidas por fr. Bernardo de Brito, por Lousada, por fr. Antonio da Purificação, pelo padre

Rosario no seu Flos Sanctorum, e por outros muitos, que reunidos formam um soffrivel numero de patranheiros e mentirosos.

Tambem não direi que se não encontrem algumas noticias aproveitaveis na Benedictina Lusitana, mas cumpre que o leitor esteja d'atalaia pois não é ás vezes digna de credito.

No convento da Madre de Devs houve tambem uma freira poetiza, por nome soror Violante de Jesus Maria, e della são os seguintes versos:

I

Que tyrannia es esta, Esposo amado?
Que despues que me viste ya rendida,
Y el pecho de tus llamas abrasado,
Y en tu favor mi bien desvanecida,
Te ausentaste, Señor, y me has dejado
Triste, llorosa y amante, y affligida;
Como poderé vivir de aquesta suerte?
Si tardare el allivio de la muerte?

—

En quanto con excesso no sintiere,
En quanto amargamente no llorare,
En quanto el corazon no se partiere,
Y el alma en mil suspiros se anegare:
Engañarase mucho quien creiera,
Que se sentir, si aquesto me faltare,
Que si lo que perdi considerara,
Ya la vida, ó el juizio me faltára.

—

Tambem uma freira por nome Soror Joanna da Piedade, escreveu umas Memorias deste Mosteiro em 3 volumes, com o nome de Praticas.

Creio que esta obra nunca foi impressa.

Segundo as côres das suas cucullas (diz Almeida Garrett, a pag. 227 da sua D. Branca) os monges bernardos ou de Cister eram os brancos, e os benedictinos os negros.

São vulgares não só as rivalidades destas ordens entre si,, mas suas chufas, dicterios e apodos com que se motejavam uns aos outros sobre negros e brancos, por equivocos e joguetes, que destas palavras formavam.

Em Inglaterra ha ainda hoje sitios, especialmente em Londres [1] denominados de *black*, e *white friars*. Nem era só popular este appellido, que assim lhe chamam estatutos e canones antigos.

E não sei porque fado, sendo em toda a parte os monges negros dados ás sciencias, respeitados e dignos de o ser; os pobres bernardos vieram em Portugal a ser objecto de mofa.

Lembraria ao grande poeta Garrett os oito volumes da Monarchia Luzitana, mormente o 3.°, 4.°, 5.° e 6.°, e muitissimos outros livros.

Garrett era poeta, e as amplificações são proprias de poetas.

Se em quanto á verdade historica fr. Bernardo de Brito não tem valor, como escriptor classico é elegantissimo e purissimo.

Mas os bernardos escreveram tão grande numero de livros que não sei como Garrett é tão exaggerado. Teria tambem raiva aos frades?

---

[1] *D. Branca*: Lisboa, 1861, pag. 227

Lembre-se que no seu tempo muitos delles morreram á fome por essas ruas de Lisboa...

E' porem necessario tambem dizer o que seja tremenda, visto fallarmos dos bernardos.

Ha de ser o mesmo Garrett quem nos ha de fornecer a diffinição, visto ser tambem o grande poeta uma testemunha de vista:

«A certa hora da noite, depois de ceados, resados, deitados, adormecidos e roncados, os reverendos padres iam pelos dormitorios, leigos, donatos, coristas ou moços, com uma enorme marmita, ou outra que tal vasilha, cheia de gordas, grossas e pingues postas de cevado toucinho, cosidas e adubadas com seu molho de vinagre e não sei que mais ingredientes: e batendo ás portas das cellas, accordavam aquelles penitentes varões para tão frugal repasto, que suas reverendissimas mui devotamente, e por santa obediencia devoravam. Eis o que se chamava tremenda.

Prestaram, porem, os bentos grandes serviços. Deixemo-nos de sermos ingratos esquecendo-nos indignamente dos beneficios recebidos, sejam de quem forem.

A bibliotheca do mosteiro do monte Cassino é bella e vasta, diz o padre Gaume, que lá esteve [1].

O mosteiro do monte Cassino, verdadeira colonia religiosa e sabia reunia no seu recinto todas as artes, officios e profissões, alojados á sua vontade em edificios separados.

Da mesma fórma que entre os antigos, se a parte publica da casa era grande, e a parte privada pequena; assim no convento, os vestibulos, os porticos, a salla

---

[1] Tres Romas: vol. V. pag. 199.

do capitulo, o refeitorio, tudo o que serve para a communidade, é vasto e magnifico.

Só a sociedade faz numero, o individuo desapparece: é a cella da abbadia não occupa mais espaço que o quarto de Pompeia.

Só os mosteiros haviam perpetuado estes venerandos costumes da antiguidade, tão oppostos aos costumes e usos de algumas epochas modernas, em que as necessidades e os gozos do homem se estenderam e multiplicaram á proporção que se faziam mais pequenos o estado e a sociedade.

A bibliotheca, bella e vasta, adornada das estatuas dos grandes homens da Ordem de S. Bento, contem vinte mil volumes.

Qualquer que seja a raridade d'aquellas obras, os manuscriptos formam a verdadeira riqueza d'aquelles preciosos archivos.

Contam-se oito centos diplomas originaes, muitos dos quaes remontam ao seculo IX.

Compre, porém, dar o remate. a este volume o ultimo d'esta obra. E tratemos por isso só do que diz respeito ao nosso querido Portugal.

O convento de Lorvão é na realidade um d'aquelles ácerca do qual mais se poderia dizer.

Compre, porem, advertir que a historia dos mosteiros n'este paiz perdeu muito do seu interesse depois de derribados ou rediculariSados.

Se dermos credito a fr. Leão de S. Thomas estiveram monges em Lorvão até o tempo de D. Sancho I.

E d'aqui por diante se estabeleceram freiras na companhia da rainha D. Thereza, a qual, separada do seu marido, para aquelle mosteiro fôra viver.

E aos monges até certo ponto indemnisou dando-lhes quinhentos cruzados.

Falla depois fr. Leão de S. Thomaz ácerca do convento benedictino da Vaccariça.

Mas eu aconselho antes o leitor, no caso de querer saber alguma cousa ácerca d'este mosteiro a que manuseie antes um trabalho especial ácerca d'este mosteiro, do qual poucos vestigios restam, escripto por um padre bernardo, e estampado na Collecção da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Mas hoje de Lisboa ao Bussaco não é longe, e por isso póde o amigo leitor ler antes o que um estrangeiro escreveu ácerca de tão famoso mosteiro.

E seja a primeira pessoa a fallar a celebre escriptora duqueza d'Abrantes:

«... São os valles cortados pelos ribeiros, que conservam não sómente uma grande frescura, mas até uma fertilidade desconhecida em nossas terras do meio dia. Elegantes casas de campo, quintas, mosteiros, fabricas mesmo, cercadas de pomares de laranjas, de oliveira, do bello arbusto, cujo porte elegante é realçado ainda por sua bella verdura, e pelo rubor de seus fructos, o medronheiro.

O bello cypreste de Portugal, todas as arvores da Europa, e até aquellas que admiramos nas bellas florestas da Baixa Saxe, formam bellezas nas circumvisinhanças de Coimbra, e bordam o bello rio Mondego, que banha as muralhas da cidade, e gira no estreito, mas fertil valle onde Coimbra está fundada.

Ao longe enxerga-se no horisonte a alta serra da Louzã, e ainda mais longe a do Bussaco, em cujo pincaro está construido o famoso mosteiro dos carmelitas afamado por suas reliquias, e ao qual Massena associou um outro genero de celebridade.

Mas o que muito contribue para a belleza do paiz n'esta parte de Portugal, é um ornato da natureza, or-

nato produzido por ella profusamente n'esta terra, e que lhe imprime um caracter particular de belleza — é o cypreste de Portugal.

Só é bello nas margens do Mondego, e nas proximidades do Bussaco, para onde de Goa foi primeiramente levado por um frade. [1]

Alli se acham os bellos loureiros da India, vindos d'esta ultima cidade, arvores bellas, tornadas indigenas, e trazidas da ilha da Madeira, aquellas laranjeiras, aquelles limoeiros!

Em nenhum logar se póde ver um paiz mais favorecido do Ceo.

O convento está situado ao lado septentrional de uma elevada serra que tem em altura quasi a de Cintra. O mar fica na distancia de cinco leguas quasi em linha recta.

O espaço de perto de uma legua de circumferencia é rodeado de muros, contendo uma espessa matta, horta e campos cultivados.

As arvores de sombra são o loureiro silvestre (*viburnum tinus*) o azevinho (*ilex aquifollium*) o medronheiro (*arbustus unedo*) e algumas outras especies.

O arvoredo alto compõe-se de carvalhos, pinheiros bravos, e cedros de Goa.

Esta arvore foi trazida de Goa para aqui ha mais de duzentos annos.

Veem-se ainda as primeiras arvores que se plantaram e d'estas mattas sahiram originariamente quantos se observam no reino, e talvez na Europa.

---

[1] Souvenirs d'une ambassade. Bruxelles, 1838, vol. II.

O pincaro da serra dista mais de meia legua do convento.

Disfructa-se ali um dilatado horisonte até ao mar, e nos arredores nada mais se enxerga, exceptuando ao norte a serra do Caramulo, e ao sul a da Estrella.

O viver dos frades é mui rigoroso.

Algumas horas do dia e da noite são consagradas á oração e a cantar no côro.

Jamais comem carne, e não lhes é permittido fallar senão de quinze em quinze dias de tarde ao passeio. Só o prior ou padre hospedeiro (que é o encarregado de receber os estranhos) está exceptuado d'esta regra podendo conversar com elles.

Indemnisou-se amplamente do silencio, que fôra obrigado a guardar, por haver muito tempo que não havia estranhos, fallou continuamente, cousa bem desculpavel.

Os terrores da religião desapparecem bem depressa n'estes conventos austeros pela conversação animada de monges.

Fomos bem tratados e acolhidos pelo prior com muita polidez e attenções.

Deram-nos para o jantar legumes, ovos, e bacalhau. Todas estas comidas estavam mui bem preparadas; e o vinho era bom.

A' sahida deixa-se uma pequena offerta que nunca é recusada, sob pretexto de ser para dizer missas.

Esta residencia solitaria, este convento consagrado ao silencio, o vestuario extravagante dos frades penetram a alma com um terror involuntario.

Esquecido o mundo, esquecidos por elle, os habitantes d'este logar passeiam á sombra dos cyprestes guardando um silencio religioso.

Dir-se-ha que a religião ergueu aqui o seu throno magestoso e formidavel. [1]

Dirigi-me para o Bussaco, diz o conde Carnarvon, com o fim de ver o memoravel campo de batalha. Depois de ter caminhado debaixo d'um sol intoleravel, cheguei ao mosteiro.

Bati por muito tempo á porta do porteiro do convento, antes que ella me fosse aberta, e minha primeira recepção foi bastante desagradavel, observando-me o porteiro que visitas eram inconvenientes n'uma tal hora. Porém eu estava tão incommodado com o calor, que mal me podia sustentar a cavallo, e não estava por conseguinte disposto a ser facilmente afugentado.

Compellindo, por isso, o reluctante creado a informar o prior da minha chegada, e seguindo-o vagarosamente por entre uma linda floresta de carvalhos e pinheiros, cheguei ao convento completamente escondido por entre as flores da floresta.

Recebeu-me o prior cortezmente, e poz diante de mim vinho, peixe salgado, dizendo sentir não me poder offerecer comida melhor, sendo a carne rigorosamente prohibida pelos estatutos do convento.

Acompanhou-me depois á minha cella, onde me deitei na cama, muito feliz por gosar um intervallo de descanço.

São bem agradaveis para o viajante fatigado, por causa da sua frescura, perfeita limpeza, e total ausencia dos canibaes alados e trepadores, aquelles dormitorios.

---

[1] Hoffmansegg: Voyages, pag. 100.

Quando o frade me levou em volta do convento, fiquei surprehendido com o inquebrantavel silencio, que invadira aquelle solitario logar.

Parecia antes indicar uma mansão de mortos, que a usual habitação de frades.

Este profundo silencio era apenas interrompido pelo ecco de nossos passos, e pelo som da voz baixa do meu conductor. [1]

Quando montei a cavallo, os ultimos raios do sol estavam a esconder-se, e as arvores da matta descreviam suas compridas sombras sobre o terreno.

Uma cruz, emblema da paz, estava erguida sobre um pedestal diante da porta, a belleza e solidão do sitio pareciam tel-o apropriado como peregrinamente para o gozo da pacifica felicidade.

Mas a errada piedade do homem o roubou d'aquelles prazeres moderados, os quaes a natureza havia tão prodigamente concedido para seu gosto,

O carvalho e o feto traziam-me ao pensamento aquelles cerrados bosques da Inglaterra, e o magestoso cypreste portuguez com seus ramos ondeantes adornavam a scena com um caracter de graça oriental.

Todavia mesmo n'uma tarde tão serena e celestial não era permettido aos frades passeiarem debaixo da sombra das arvores da floresta.

Tão activos e engenhosos foram os fundadores d'este mosteiro em cortarem por todos os prazeres que podessem avivar as paixões.

Um cura de certa freguezia de Florença tinha tão extraordinaria affeição a um cão de perdizes, que morrendo-lhe, o enterrou no sagrado.

---

[1] Lord Carnavon: Portugal and Galicia. London, 1836.

Sendo chamado a juizo, metteu na algibeira 40 dobras, e posto na presença do ministro, com seriedade lhe perguntou:

— V. M. é o padre que temerariamente enterrou o cão em sagrado?

— Sim senhor, lhe respondeu o cura com toda a submissão, porem se V. Mercê o conhecêra, sei que me desculparia. Era de tal raça, que proximo á morte fez testamento, e deixou a V. Mercê 40 dolars.

O juiz serenando a colera, lhe disse com a bocca cheia de riso.

— Cumpra o legado, e vá em paz.

Um padre muito fôna e sovina foi em certa occasião encontrado por um pobre rapaz que lhe lhe pediu uma esmola pelo amor de Deus.

O padre levou-o para casa, deu-lhe um bocado de pão secco (o que o rapaz logo metteu na algibeira) e perguntou-lhe se sabia ler.

— Não senhor, respondeu o rapaz.

— Sabes rezar? tornou o padre.

— Não senhor, volveu o rapaz.

Pois (disse o padre) repete o que te vou dizendo: Pae nosso, que estais nos céos — Espere, acode o rapaz, se elle é seu pae tambem é meu. — É verdade, disse o padre. Pois se tal é por caso somos irmãos. Somos, foi a resposta do padre. E então (disse o rapaz) como podo V. Mercê dar a seu pobre irmão um tal bocado de pão bolorento?

Pode se affirmar que os negocios publicos nos pulpitos eram tratados.

Certo pregador, estando no pulpito a pregar em presença d'el-rei D. João III, como que arguiu o monarcha de demasiado nas grandes mercês que fazia, sem attender ao gravame do patrimonio regio. Deu-lhe a entender que não deferisse a tantos requerimentos, e trouxe o simile da nau que sobejamente carregada, alija para não ir ao fundo.

Callou-se el-rei, e chamou uma douto frade dominicano, encommendando-lhe o sermão para o domingo seguinte, e que prégasse a verdadeira doctrina sobre aquelle ponto.

Assim o fez o padre, e usando da mesma comparação do prégador antecedente disse:

—Se se alijarem tenças, senhores, alijam-se orfãos, viuvas e desamparados; e em nenhuma tempestade se alijam ao mar as pessoas por salvar as fazendas.

O franciscano fr. Antonio das Chagas ia de jornada com outro religioso, e dizendo-lhe este:

—Ora, padre, d'aqui até ao sitio de tal façamos trinta ou quarenta actos de amor de Deus, respondeu elle:

—Bom é isso, companheiro; mas advirtamos que essa fazenda não a toma Deus por conta, senão por pezo.»

Desejava um nescio rico, ter um quadro do sacrificio de Isaac, mas não se accomodava á ordem com que o conta a Escriptura, porque dizia que aquillo era uma cousa muito antiga, e muitas vezes vista.

E ouvindo gabar um pintor, de que pintava á moderna com excellente gosto, logo o foi buscar propondo-lhe o seu empenho e accrescentando-lhe que não re-

pararia em preço, com tanto que lh'o pintassem á moderna, fóra do commum, com que se costuma pintar este passo.

O pintor acceitou a obra e lhe disse que, quanto ao passo precisamente havia pintar a Abrahão na acção de matar a Isaac, os apparelhos do sacrificio, e o cordeiro, que havia de ser a victima; mas, que na pintura do monte, e no colorido e roupas das figuras, poria toda a perfeição e bom gosto, que podesse, e chegasse toda a sua arte.

— Não, senhor, lhe disse o nescio: isso não é o que eu quero: porque isso é uma cousa muito antiga, é o que eu vejo em todas as pinturas que representam este sacrificio; o que eu pretendo é uma pintura moderna, em que não haja nada de antigualha; quero que diga o mesmo, porem por outra fórma e por outra idéa. E por mais que o pintor o persuadia, nada o tirava da sua teima, ou da sua ignorancia.

Até que o pintor conhecendo a sua nescidade, e desejoso de paga, lhe disse:

— Já entendo a V. Mercê. Vá descansado, que o hei, de servir a seu gosto, e entrando a delinear o quadro pintou n'elle a Abrahão, que com um bacamarte fazi pontaria para matar a Isaac, e por cima um anjo ourinando-lhe na escorva.

E vindo-o buscar o sujeito, se agradou da idéa, protestando ao pintor que nunca o vira com tão singular novidade, e tão bem ajustado á verdade da historia, pagando-lh'o pelo que elle quiz.

Os frades escreveram sobre todos os generos d'assumptos litterarios, quer em prosa, quer em verso. No genero epistular ha d'elles cartas chistosissimas, e a seguinte tambem não deixa de ter pilheria:

Carta de Fr. Luiz de Sousa a uma senhora:

«Agora me deram um recado de vossa mercê, em que me pedia lhe mandasse um A B C, feito de minha mão, que queria aprender a ler, porque se acha triste, quando vê senhoras da sua qualidade, que na Egreja rezam por livros, e vossa mercê não.

Verdadeiramente folgo que deseje saber ler para rezar, que é bom: porem já que o não aprendeu na meninice em casa do senhor seu pae, com seus irmãos, deve agora contentar-se com as contas, pois não sabe ler.

E por ellas rezando muitas vezes a saudação angelica que o Anjo disse á Virgem N. S. e a oração do Padre Nosso, que Christo N. S. ensinou a seus discipulos: é tão bom, e basta tanto, que não ha mais do que desejar, nem melhores orações que rezar: e certo estas têm vantagem a todas, e vossa mercê deve usar dellas e deixar o desejo de saber ler, pois já é casada e passa de vinte e dois annos d'edade.

Porem, se este conselho não lhe parece bom, ou, ainda que o é, se a não satisfaz por obedecer a seu rogo fazendo o que me pede, lhe mando aqui com este A B C, que vossa mercê aprenda de cór, e sabido levemente com a ajuda de Deus, aprenderá o mais que lhe fôr necessario.

O qual é: A, quer dizer que seja amiga de sua casa. B, bemquista da visinhança. C, caridosa com os pobres. D, devota da Virgem. E, entendida em seu officio. F, firme na fé. G, guardadeira da sua fazenda. H, humilde a seu marido. I, inimiga de mexericos. L, leal. M, mansa. N, nobre. O, honesta. P, prudente. Q, quieta. R, regrada. S, sizuda. T, trabalhadeira. V, virtuosa. X P T A, Christã. Z, zelosa da honra.

E quando tiver tudo isto annexo a si, que lhe fique

proprio, creia que sabe mais lettras que todos os philosophos.

E porque confiei em vossa mercê que o experimentará, e achará certo, não me alargo, mas rogo a Nosso Senhor a tenha de sua mão, e a mim me dê graça com que a sirva.» [1]

*

* *

Havia muitas costumeiras em tudo e para tudo.

E as praticas nas aldeias não eram menos ridiculas e supersticiosas.

N'algumas terras eram as offertas para o parocho conduzidas por um homem adiante do enterro, embrulhado em um capote e chapeo desabado, levando uma canna levantada, e nesta espetada uma laranja, em que ia mettida o offerta em dinheiro.

Noutras terras a offerta era conduzida por uma mulher, que se chamasse Maria, e fosse *errada*, isto é, que tivesse filhos sem serem do matrimonio.

Nalgumas terras a offerta se compunha de pão, vinho e um cordeiro vivo.

E era preciso que se mettesse numa canastra, de modo tal que lhe fossem vistas as pernas de fóra.

*

* *

Sahindo uma tarde el-rei D. João III do convento da Graça, o acompanhava com os demais fidalgos D. Al-

---

[1] O Beija-Flor, pag. 22.

varo de Castro, governador desta cidade. O dia estava frigidissimo e de muito vento e agua.

E vindo todos descobertos, D. Alvaro se cobrio, dizendo para el-rei: Senhor, o bom portuguez é obrigado a morrer pelo seu rei, mas não a adoecer.

*
* *

Certo frade, muito agarrado ás formulas syllogisticas de argumentar, mas que nem por isso era destituido de natural agudeza, tinha a mania de fazer distincções a esmo.

E a qualquer questão acudia logo com a palavra — Distingo.

Frequentava a casa de certo prelado maior, onde o o matraqueavam com a balda do Distingo.

N'uma tarde concordaram os da assembléa que, apenas o padre chegasse, lhe proporiam objecto que não admitisse distincção. Veio, como era de costume, e o prelado lhe dirigio esta pergunta:

«Estavamos a resolver uma duvida. Queremos, porém, ouvir o seu voto. Acaso fará um caldo quebrar o jejum?

Distingo, acudio logo o frade, ao som d'uma risada geral dos circumstantes.

E elle sem se perturbar continua:

Se o caldo fôr de qualquer portaria do convento, não fará perder o jejum. Mas se fôr da cosinha de v. ex.ª, então affirmo que sim.

E' porém mister que o leitor saiba que no outro tempo houve clerigos solteiros e casados. [1]

---

[1] V. Panorama, anno de 1841 pag. 111.

No anno de 1352 fez passar el-rei D. Affonso IV uma gravissima circular, dirigida a todos os bispos do reino sobre os crimes e excesso dos ecclesiasticos, e outros pontos que respeitavam á tranquillidade e reforma da egreja e da republica.

Na camara de Coimbra se conserva uma copia em publica forma da circular com que se prescreve o modo e formalidade como devem ser recebidos perante o parocho e um tabellião, para que ao depois não possam os ditos clerigos negar o seu casamento, como muitas vezes faziam, recebendo clandestinamente clerigos e seculares sem receberem a benção do sacerdote, e por isso diz:

«—Teemos que scerá bom, e serviço de Deus e nosso e prol do nosso povoo que façades e ordinhades que todos aquelles clerigos que forem casados, como leigos parescan perante o priol da egreja d'hu ssome ffreeguesses, ou perante aquelle que cura d'essa eigreja, é que se arreceban perante ele por pallavras de presente. E esse rrecebimento seia feito perante hun tabelion que seia estabalecido em essa freguezia pera escrever esses rrecebimentos feitos por esse priol ou clerigo. E que de aqui em diante mandedes que todos os rrecebimentos que sse fezerem em essas freguezias, seiam feitos por esse priol, ou clerigo perante o tabelion dessa freguezia, hu esses casamentos forem feitos. [1]

No foral que el-rei D. Manoel deo á Piconha no anno de 1515, se declara que: «os clerigos solteiros pagarão onze ceptiis tres vezes no anno aos tempos acostumados. Por estes clerigos solteiros se entendem os que ainda estavam de ordens menores, e não eram ca-

[1] Id. id. pag. 112.

sados, mas o podiam ser — perdendo comtudo uma grande parte de seus privilegios — e ainda quando a evidente necessidade obrigava aos bispos a que os admittissem em habito clerical ao serviço dos templos.

El-rei Witisa chegóu a obrigar os padres a que se casassem, e eis porque, no dizer d'um escriptor, attrahio sobre si a colera de Deus.

Na casa real houve tambem clerigos d'el-rei: clerigos da rainha: frades d'el-rei e frades da rainha.

Por estes se entendiam [1] ecclesiasticos muito graves, virtuosos e letrados, religiosos ou clerigos, de quem os soberanos se serviam em ministerios de muita honra e ponderação, como eram o seu despacho, o expediente das suas graças e mercês, a escrevaninha da sua puridade, e a nota e escripta das suas doações.

Em certa egreja, na qual tinha havido uma grande festa, estavam ainda sobre um altar muitas reliquias, e ao lado um thuribulo com brazas.

Um rustico mui devoto que alli se achava, approximou-se ao altar, e começou com muita reverencia a beijar as reliquias, uma por uma, e não lhe restando mais que o thuribulo, julgando que era santo o beijou. Porem queimando-lhe os beiços exclamou: Como este santo tem a guela quente!

Seria, porém, digno de reparo não dizer mais algumas palavras acerca do famoso Bussaco, logar tão repleto de recordações historicas, ao qual em linguagem fradesca davam o nome de DESERTO. [1] E para tal fim passou em

---

[1] Este escriptor, a quem vamos seguindo, usa da palavra tuto, na acepção do seguro.

1626 a Portugal o definidor fr. Antonio com o designio de em Portugal escolher sitio para o tal DESERTO. Chegou com effeito a este paiz acompanhado do irmão Alberto, portuguez, natural de Chaves, e architecto de fama.

Pensou-se depois na serra de Cintra, mas foi despresada por causa do barulho do mar, que seria capaz de perturbar os monges na sua oração.

Mas o bispo de Coimbra informando das intenções dos frades offereceu para DESERTO uns campos que tinha, e aos quaes chamavam o Bussaco. E quando subiram ao cume d'esta serra — viram em Bussaco tanta variedade d'arvores, formosura de valles, e eminencia de montes, que, alem de summamente pagos do que viam, se admiraram por extremo de que benigna a soberana Providencia houvesse reservado para ermo da sua ordem aquelle sitio, que julgavam pela oitava maravilha do mundo. Foram por conseguinte ao Bussaco, e não ficou outeiro, valle, ou planicie de que não dessem fé. E foram depois dizer ao padre provincial que, sem hyperbole, era maior a realidade do que a fama d'aquelle sitio.

Acceitaram, pois, os carmelitas o Bussaco, que lhes doava o bispo de Coimbra, [2] serra pertencente á mitra d'aquella cidade, mas a qual foi indemnisada pelo bispo doando a esta um praso comprado no logar de Bera, e algumas geiras de terra no campo de Coimbra.

Porém quando tudo parecia correr perfeitamente bem, appareceram duvidas e embaraços, que pareciam sempre inherentes a tudo quanto fosse dos frades.

O governo de Madrid não approvou, allegando entre outras causas, o grande numero de mosteiros já existentes. E o chronista faz suas reflexões, accrescentando que seria então castigo de Deus contra os que se oppunham á fundação de mais conventos a revolta da Ca-

talunha, seguida tambem da de Napoles, Sicilia e Portugal.

E ao mesmo tempo florescia Portugal e seu rei D. João IV por ter «magnificamente grandioso mandado restituir as suas rendas ao mosteiro d'Alcobaça, e fundar desde seus alicerces o de Santa Cruz de Coimbra.»

E alega tambem o chroniste que el-rei D. Affonso Henriques mandava distribuir pelas egrejas tudo quanto ganhava na guerra. Porem depois de delongas conseguiram os carmelitas licença para fundação do Bussaco, cedendo do direito que tinham a uma outra fundação em Thomar.

Destinaram-se logo dez cruzados para a obra [1]

Agora faz o chronista a descripção do Bussaco em genuina linguagem portugueza, á qual o leitor não está acostumado ha muito, pois em Portugal é *rára avis*, a qual foi substituida por portuguez de Lyceo.

«Está Bussaco situada na vistosa. altissima e verde serra, que uns chamam do Luzo, outros de carvalho, e alguns do Cantaro: por se não expressar bem com um singelo appellido, e quasi necessitar de nomes dobrados todo um monte de maravilhas.

Diz-se do Cantaro, pela piedosa instituição de certa matrona, que atravessando em uma occasião a serra, com differente fortuna da de Agar no deserto de Bersabé, lhe falleceu um creado á sede, por cujo respeito deixou alli em perpetua misericordia um cantaro de agua para refrigerio dos viandantes: estudando por ventura com a rainha Dido dos males proprios, a soccorrer as miseras alheias. Chama-se de CARVALHO, d'uma villa d'este nome existente ao pé da mesma serra, que

---

[1] Id. id. pag. 74.

o deu ou recebeu da nobre familia d'este appellido, da qual a constituidora da referida piedade parece ascendente, visto ficar a provisão do cantaro ao cuidado dos senhores d'esta villa. Intitula-se de Luso, d'uma antiquissima cidade do mesmo nome.

Nasce a serra de Bussaco como legitimo e avultado pasto da serra da Estrella, e desenvolvendo-se ligeiramente das mantilhas para crescer em grandezas proprias, levanta o primeiro pé á vista da villa de Penacova, defronte do canal, por onde no placido Mondego entra o caudaloso Alva, tão rico de cabedaes que desempenha a fama de serem os nós de Portugal minas d'ouro. Assim gigante se anima á carreira que logo nos primeiros passos despresa soberbamente, subir um a um; contendendo como emula das serranias mais altas, ser corôa de todas, desvanecida de que para rainha sua nascera de outra com a estrella, que lhe fia qualquer ventura.

Ganhando pelos degraos de tres leguas continuadas de Oriente a Poente assombros d'alturas, se olha no fim ao espelho do Oceano, quasi vaidosa de ser o Mondego pequeno cristal para o especioso de tão avultada estatura. Descorre todo este dilatado comprimento para todas as quatro partes da terra em despenhadas quedas (natural pensão da soberba grandesa do mundo) de precipicios em precipicios, e quebradas maiores de legua, por entre fragosissimos penhascos; pelas roturas dos quaes se divisam as aguas cortando profundos valles, quasi murmurando, de querer a serra humilhar os mais elevados cabeços, com presumpção maior que jurisdição; pois nem o auctor da natureza a concede aos grandes para atropellarem aos pequenos, nem os superiores a devem tomar para ultrajarem os inferiores. Completa de todo a subida vae a serra parar e descan-

çar no cume, que propriamente se diz Bussaco; o qual remata uma cruz, que chamam *Alta*, em razão da sua eminencia dominar ainda as maiores alturas da mesma serra.

Dista de Coimbra para o nordeste, não duas como corre impresso, mas tres leguas, nada curtas, nem devedoras ás de boa marca e medida.

A parte da serra que hoje nos compete, está situada em altura de quarenta graus, e quarenta e seis minutos para a banda do norte. Gosa de ares salutiferos, pela correspondencia que tem para o nascente com a serra da Estrella, que lh'os participa puros, frios e seccos; e para o poente com o mar Oceano, que lh'os communica calidos e humidos, e temperados assim nas qualidades dos quatro elementos que servem á composição dos mistos, fazem que alli se gozem largos annos; e menos pensionados ás miserias, a que a natureza humana vive sujeita, do que em outros climas se experimentam. O pico ou cume do Bussaco é de sorte elevado, que descobre, e é descoberto de grande parte do reino. Descortina para o oriente a serra da Estrella e a de Castello Rodrigo, posta em distancia de trinta leguas; para a do meio dia a de Minde; e não faltou já lince que alcançasse, se o presumisse assim, a de Marvão, desviada d'ali alem de quarenta leguas; para o norte a de Grijó em distancia de quinze; e para todas as partes as cidades, villas, e logares intermedios, sitos no territorio dos sete bispados — Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto e Braga.

Para a parte do poenta carece a vista de termos, mais que nos limites da propria potencia; porque sobre as bellicosas ondas do inquieto elemento, se não descança, se limita.

Vêem-se nos dias claros sulcar suas aguas varias em-

barcações para differentes ramos e portos, agradavel objecto aos que de terra o contemplam; e por ventura mais, quando furiosas ou crespas ameaçam algum naufragio, pela tyranna condição de crescer o gosto do seguro proprio á vista do perigo alheio.

Estas são as vistas d'esta atalaia do mundo, ou sentinella do Céo ao longe.

As de perto são tres, que se duvida as possam os olhos encontrar egualmente dilatadas e deliciosas, na circumferencia do orbe. Porque do alto do Bussaco se divizam muitas e aprazíveis serras; dilatados e viçosos montes; fertilissimos e amenos campos, cortados de varios e famosos rios.

Avistam-se assim mesmo varios arneiros, prados, bosques e valles, retalhados de caudalosas ribeiras; vestidos todos de verde gala, que a cada um d'estes bem dispostos corpos talhou o Auctor da natureza.

D'onde vem a parecer, que não ha paiz, quadro ou perspectiva, onde o mais licencioso pincel subornado do gosto ou do engenho, se occupasse em bem assombradas deliniações ao valente, ou mimoso, que os horizontes do Bussaco não comprehendam ao natural, em quanto a vista alcança.

De toda esta estendida e formosa planta, colhem as almas devotas, recolhidas em si mesmas, copiosos e importantes fructos de superiores considerações, para se moverem ao amor do Omnipotente, que assim dispoz o terreno para habitação, regalo, e commodo de suas creaturas.

Nas mesmas penhas da montanha é digna e grandemente de louvar o creador; porque n'ellas se acham jaspes e marmores tão finos e de côres tão vivas, que parecem brilhantes brutos com o lustro de polidos.

Pelo menos a serem assumpto da industria, ou ma-

teria de arte, serviriam de credito aos edificios, como pedras de singular valor na sua esphera.

Mas quem poderá decifrar em numeros, ou numerar por seu nomes, não já os individuos, mas ainda as especies de arvores, que o auctor da natureza clausurou no recinto do Bussaco?

Alem das plantas conhecidamente vulgares, se desentranha o terreno na producção de lentiscos, azereiros, azevinhos, adernos, espinheiros, cedros, platanos e cinamomos; e com tal feracidade, que a mais vasta noticia d'esta frondosa republica o não poderá notar de mesquinho na esterilidade de alguma.

Discorria em certa occasião o sitio, o reverendissimo padre frei Jeronymo de Saldanha D. Abbade Geral da Ordem de S. Bernardo, acompanhado do prior da casa Fr. Paulo do Espirito Santo: e notando a fecundidade da natureza na procreação de tão bastos e diversos arvoredos, a censurava de não produzir alli o teixo, arvore de mais gala que serventia, e de qualidades tão nocivas, que dizem, ter na sombra antipathia com a saude, e ainda com a vida de todos os animaes.

Callava-se o prior á queixosa censura do geral: mas chegando á fonte que chamam FRIA, lhe deram a resposta tres plantas da mesma especie que buscava.

Vendo a satisfação do queixume, e o desvanecimento da opinião, de que era singularidade d'Alcobaça, produzir a tal planta, teve de confessar a Bussaco por um mappa do arvoredo do mundo.

D'ellas já arruadas á corda, já em mattas cerradas, é tal a multidão de arvores, que, havendo tempestade, que prostrou mil paos dos mais soberbos, não fez ao resto do vegetavel córte sensivel, apparecendo depois vestido, como se não fôra resto da tormenta.

Das ervas cheirosas, como legaçam, madresylva, tre-

vo real, betonica e tantas outras que na penna não cabem, se ornam os estrados, e tecem alcatifas dos montes e valles, onde por ostentação de pompa ou vaidade do caduco de suas verduras se senta e descança a primavera, quasi todo o anno.

As medicinaes, pelas qualidades dos tres elementos, agua, terra e ar, são de sorte proficuas á restauração da saude, que Grisley, insigne herbolario italiano, em um tratado que da materia compoz, affirma: que havendo peregrinado a maior parte da Europa encontrara na serra do Bussaco quasi todas as ervas que descreve Laguna sobre Dioscorides; com a excellencia de serem vigorosas, sobre as que a Herbolaria conhece.

O mesmo contesta a Pharmacopolea, sinaladamente do fillipodio; e, quando não cante a victoria, pode Bussaco jactar-se de competir inculto com os celebres parques ou jardins da Pavia e Veneza, cultivados para o mesmo intento e fim.

Das flores, já domesticas, já montesinhas, perpetua caçoula do sitio, iremos semeando alguma pelos logares que discorrermos.

Sustenta-se esta innumeravel familia da grande Mãe (como á Terra chamavam os antigos) alem de outras aguas), de oito fontes perennes. A de N. S. da Expectação, a do glorioso Archanjo S. Miguel, a do patriarcha Elias, a da madre Santa Thereza, a de S. Silvestre, a do Carregal, a fonte nova, a ultima, e a rainha das mais, a que chamam Fria, que temperada de inverno, escusa neve de verão.

Foi obra do bispo D. João de Mello, traçada de fórma que, coberta de uma abobada, estribada em um arco aberto, rebocado d'embrexados, tem o nascimento á vista patente, ou por blasonar de puramente claro, ou por ser tão vistoso, que por entre miudos seixos pre-

tos e brancos sentados em douradas areias, não receia de apparecer ao registo e exame dos olhos.

Desce do logar da sua origem por um calejão, ou parapeito levantado da terra entre duas largas escadas, por telhões de cantaria, de repuchos abertos nas mesmas pedras: na descida dos quaes fervendo as aguas em tumidos, prateados cachões, lhes causam de uns em outros uma tão agradavel como buliçosa queda, até chegarem a uma taça de onze bicas de bronze, sentado no meio d'um formoso taboleiro; rematado tudo em um chuveiro de innumeraveis e quasi imperceptiveis desaguadouros.

Baixa d'aqui na mesma fórma a outros tres taboleiros lageados; e chegando ao quarto, pára em um chafariz de oito bicas de bronze; do qual se torna a despenhar por canos cobertos; e a uma larga distancia se recolhe em uma grande pia, coroada d'uma cruz de pedra, acompanhada de duas pyramides da mesma materia.

Encanada novamente por alguns passos, rebenta em um espaçoso tanque: do qual, fechada como antes, se vae terminar no beneficio e cultura d'um dilatado pomar, povoado de varias arvores de excellentes especies de fructas.

Os lados das escadas e divisas dos taboleiros são ornados de curiosos embrexados pretos, debuxados em campo branco, que na obra fazem agradaveis visos, sem excederem a modestia do logar:

A primeira pedra para o mosteiro de Santa Cruz do Bussaco foi lançada em 1628.

Em 1643 concedeu o Papa uma sentença de excommunhão contra toda e qualquer pessoa que n'aquella matta fosse cortar madeira.

Diz-nos tambem o chronista que o campanario dos

sinos se levanta pelas costas da capella-mór, egualmente sonoros e saudosos.

E que são acompanhados d'um acertado relogio da mais fina tempera do irmão Francisco de Jesus, official insigne de similhantes artefactos.

Lança a mão por entre o arco da capella-mór, e a cimalha do zimborio, ou meia laranja, para certo mostrador das horas, que nas canonicas, de oração mental, e outros exercicios do côro, se deviam pontualmente empregar.

Andava tão regular e miudo, que além de desparar meios quartos, ainda no meio dos seus minutos fazia outro signal competentemente preceptivel.

Nascia d'esta a grande machina d'um despertador, que nos tres quartos para a meia noite desandava no sino com outros tantos malhos de ferro, do qual resultava um estrepito capaz d'acordar não só aos conventuaes do mosteiro, mas tambem aos eremitas solitarios, para que, se levantassem áquella hora para recitarem os psalmos em honra de Deus.

Pela porta da egreja, que corre para o nascente, vae o lanço do claustro parar no ante refeitorio, casa por si grande e maior por outra que encontra á mão direita, breve na extensão, mas sufficiente para conter quantos instrumentos de penitencia, soube alli inventar o espirito de affligir a carne, em odio santo de suas desordens, ou sagrada ambição dos merecimentos da mortificação corporal, como declara o titulo gravado sobre a entrada: *Arma militiae nostrae.*

Revestidos de taes insignias entram os religiosos repetidas vezes no refeitorio a comer no chão, a confessar publicamente os seus defeitos, e a fazer outras penitentes cerimonias.

Não poucas vezes as exercitaram carregados de ou-

tra humildissima insignia, que, á similhança do penitente rei David mudamente os confessa pelos mais rudes animaes, na presença, e casa do creador de todos.

Os altos do refeitorio, com parte do serviço da meza, eram de cortiças, estas lavradas, impolidas aquellas.

Levantava-se no meio da casa uma cruz encortiçada firmada em um calvario de tres degraus da mesma materia; á qual no fim da comida sobem os religiosos voluntaria e quotidianamente a crucificar-se.

Effectivo martyrio a que se expoem, e do qual cessam, segundo o arbitrio do prelado.

Despedia a porta do refeitorio por ambos os lados um dilatado corredor, que cingindo as costas do convento, abraçava as officinas todas providas á descrição das fontes das aguas convenientes para a sua limpeza e serventia.

No fim d'este corredor para o poente nasciam dois pequenos dormitorios, que iam fechar no claustro: tudo com artificiosa proporção, sem descida nem subida alguma em todo o mosteiro.

Finda-se este lanço do claustro na casa da Livraria, povoada de bastantes volumes de varias faculdades, graciosa doação do bispo conde D. Joanne Mende Tavora. Correspondia a esta casa do fim do angulo norte uma hospedaria com porta para o mesmo claustro.

Constava de um quarto de quatro aposentos, uma sala com sua alcova, e uma rouparia provida de alfaias de cama, e meza para os hospedes; que davam entrada alli no refeitorio da Communidade.

Assistia o convento a todos com maior caridade, que regalo ou grandeza, mas nem com tanta limitação, que na frequencia não fosse consideravel o dispendio.

Estendia-se da outra parte do convento para o meio

dia, em largos taboleiros uma grande horta, precisa para o sustento dos ermitães.

Gosava de bastantes aguas, terreno fertil, e muros altos, para resistencia dos bichos creados na serra, damninhos ás hortalices e sementeiras.

De duas ordens de ermidas se compõe o sitio de Bussaco: umas de devoção; outras de habitação.

Das primeiras já se tratou na rua que vai da portaria para o convento.

As segundas são aquellas, onde moram os eremitas solitarios, revezados [1] a tempos, segundo a concessão da obediencia, e fazem a vida que adiante exporemos.

São as ermidas de habitação em numero de onze, repartidas todas pelos outeiros e valles da montanha da clausura, separadas umas das outras em larga distancia, e muitas assaz remotas do mosteiro.

Sahindo d'elle pelo pateo dos creados da casa para o oriente, se entra por uma dilatada rua, muradas de cedros e varias plantas, que namoradas do Sol se levantam da terra em grande altura, enganadas de poderem alcançar-lhe os raios com as guias de seus ramos.

Cortando o terreno onde o convento está sentado, topa aos tresentos e trinta passos para o nordeste com a ermida da madre Santa Thereza.

Fica situada na corôa de um rochedo, que nascendo do fundo do valle de S. Silvestre, e caminhando de umas em outras penhas, sobe com proporcionada diminuição da primeira grandeza até firmar no cume de todas um taboleiro, do qual o pinaculo do mesmo rochedo parece coroado.

Com serem penhas vivas, ou pelas fisgas que me-

---

[1] Id. id. pag. 103.

deam entram umas em outras, ou pela humidade, a que os ventos conglutinam algum pó da terra, se admiram todas por arte da natureza vestidas com tal galla, que olhando do valle para o monte, parecia a ermida uma branca flor, levantada na guia de um ramalhete, tecido de floridas e bastas folhagens, em quantidade muitas, em qualidade vistosas.

Faz-lhe praça na anteporta um aprazivel terreiro, armado de forte e copado arvoredo, como corpo da guarda de uma copiosa fonte, das melhores aguas do sitio, authorizada do nome da mesma Santa; em reverencia da sua original pureza, e respeito mais puro que aquelle pelo qual os fabulosos gentios sonharam que transformara Diana a Castalia em Arethusa.

Inteira-se o todo d'esta fabrica de quatro peças ou casas.

Serve a primeira de sachristia, provida de caixões e gavetas de ornamentos limpos e decentes para a celebração da Missa.

Logo um oratorio de abobada, que no vão inferior d'um arco de pedraria recebe a meza do altar, rodeado no restante do circulo das molduras de um painel, onde claramente se lê a visão que a Santa teve dos Esposos Divinos Joseph e Maria: a senhora lançando a Thereza um colar de ouro, o Santo um precioso manto branco, celeste gala, com a qual para o Filho de Deus a deixaram esposa ricamente vestida e santamente ornada.

Diviza-se ao lado direito da sachristia a cella do ermitão, á qual se segue uma casa de fogo para commoda preparação do sustento e reparo do frio.

Gozam os moradores d'esta ermida de alegres vistas, estendidas sobre o viçoso valle de S. Silvestre, continuada primavera de todo anno.

Foi seu fundador Bento Pereira de Mello, deão da Sé

de Coimbra, prior mór que foi da Ordem de Aviz, com a pensão de lhe encommendar o ermitão sua alma a Deus.

Ficou o padroado livre ao convento, que depois o transferiu ao marquez das Minas.

Principia d'esta capella inclinada para o nordeste, outra estrada egualmeete toldada e espaçosa, a qual descendo ao valle de S. Silvestre, cobra novos alentos para subir ao alto da serra.

D'aqui a 280 passos para em um terrapleno, socalcado por duas partes, que são de precepicio, cercado em roda dos verdes troncos, que liberalmente produz a terra.

Na testada d'este rocio corre a fonte do patriarcha Elias, orago da ermida alli conjuncta, de licor menos puro, que abundante, ornada em campo branco de embrexados pretos: obra que foi do bispo conde D. João de Mello.

A moradia do ermitão é da traça das mais, mas de excellente jardim e aprazíveis vistas.

Fundou-a Antonio Pinto Brito, interessado na mercearia perpetua de quem n'ella morasse.

D'este para o meio dia rompe outro caminho assemelhado aos precedentes, que aos duzentos passos se encontra com a fonte de S. Silvestre, uma das principaes de todo o sitio.

Voltando por cima d'ella para a parte do Oriente outros tantos passos, faz pausa na ermida de N. Senhora da Conceição.

Mandou-a erigir na fórma das mais D. Rodrigo de Mello, irmão do marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello, filhos de D. Marianna de Castro, condessa de Tentugal, irmã professa do habito carmelitano.

Fica superior ao valle, que chamam do Carregal; de

cujas fontes, entre as abundantes copiosissima, se aproveita o ermitão, com vivas memorias de recommendar a Deus os senhores da casa do Cadaval, cujo é o padroado, e subsidio de quem a occupa.

D'esta ermida para o sul sóbe uma rua, que aos duzentos passos chega á do glorioso principe de S. Miguel.

Fica emboscada em um denso e espesso arvoredo, que cerra os olhos ao ermitão para não ver mais que o Céu; por estar sepultado no mais vasto e sombrio das mattas, onde chamam *Antra Deserti.*

Foi obra do licenciado Antonio Vaz Preto, prior de Freixedo, em ordem a segurar as orações de seu habitador.

Vive este apadrinhado do horrendo monstro de um feio demonio, que o Santo tem aos pés, com a protecção do valoroso principe da celeste milicia, triumphante do principe das trevas e de seus sequazes.

Da ermida de S. Miguel se levanta para o poente a novel eminencia de um penhasco, alcantilado por todas as partes, excepto pela do meio dia, arrimado a outros rochedos mais soberbamente elevados.

Sóbe-se a elle por uma escada de cincoenta e quatro degraus, rotos no bravo da penha; que de um lado a defende do despenhadeiro e do outro uma forte parede.

Aos cincoenta degraus, faz a escada volta em um mainel de quatro palmos em quadro, coberto d'um formoso adorno que de um ramo lhe fórma a porta em figura d'arco.

Entrada ella e vencidos mais quatro degraus, se dá em um terrapleno murado em roda, na frontaria do qual apparece a portada da ermida, de pedras sobre manei-

ra broncas: escabrosidade que no exterior imita o restante do edificio.

Corre da porta a dentro um estreito transito de cinco palmos e meio de largo, nove de alto e de comprido 23.

Contém á mão direita duas portas: uma do oratorio, outra da cella do ermitão: ambas com a maior parte da vivenda, forradas de brutas cortiças, naturaes esponjas das humidades, que sensivelmente revem as penhas, com estylicidio não saudavel para os seus habitadores.

A cella e oratorio constam de abobodas de berço; e no retabolo d'este se divisa fingido ao natural um bosque, domicilio do grande Bautista, orago da mesma capella.

Sustenta o Santo o estandarte da cruz, arvorado em uma mão, sinalando com o indece da outra, na metaphora d'um cordeiro, a Deus humanado.

Na parede proxima do altar se divisa gravada em um tarjão de pedra a memoria seguinte:

Esta ermida é de Antonio de Saldanha, do conselho de guerra d'el-rey D. João IV, capitam que foy da viagem da India, Governador da Torre de Belem, Alcayde-mór de Villa Real. Anno de 1650.

Passando da cella do ermitão, por uma pequena casa de despejos se desce por uma escada de dez degraus á cosinha.

Segue-se a sahida a um eirado lageado, cercado de parapeitos, abertos em canteiros de flores, que sustentam as aguas de uma cisterna (como tambem as de um jardim que lhe fica nas costas) acarretadas todas nas do ermitão, sugeito a cultival-as, pelo gosto de offerecel-as ao Creador no seu altar.

Além d'isto é tambem do territorio da capella uma

boa cerca ladeira acima: e n'ella tal variedade de penhas, diversidade de flores, multidão de hervas e plantas, assim medicinaes, como odoriferas, que se não ambaraça pouco a vista em seu delicioso labyrintho.

Abre-se no fim do jardim uma porta, que na queda de dez degraus faz caminho para a prodigiosa ermida do Santo Sepulchro.

N'esta penha, separada do restante da serra, se romperam, apesar do indomito de sua braveza, sobre penedos duros, caminhos planos; e tão altamente sulcados para a banda do poente, que enterposto no meio d'esta e da ermida antecedente um valle, profundado em cousa de tresentos passos; a poder de braços empenhados na vistoria da resistencia, triumphou a arte de difficuldades quasi insuperaveis.

Mas, supposto fosse da tenção do operante purificar os dois penhascos, cedeu algum tanto o valor ao parallelo pela regular differença que vae da pratica á theoria.

Por este respeito se valeu das armas de Vulcano, abrindo na mesma pedreira uma entrada de oito palmos de alto e quatro de largura; pela qual subidos os vinte e um degraus, picados na mesma pedra, aos quaes se segue uma ladeira moderada, se dá na porta do edificio.

*

* *

Mas qual seria o convento que deixasse de ter varões illustres nas lettras?

Santo Antonio de Vizeu ufanava-se de Gaspar Barreiros a quem Pio IV encarregou a emenda dos mappas cosmographicos, conforme as Tabuas de Ptolomeu.

E o frade ainda fez mais do que lhe pediam, fez tam-

bem um tratado de annotações ao mesmo Ptolómeu, e um opusculo de observações cosmographicas.

*
* *

Quem desejar conhecer as cerimonias usadas em Alcobaça, leia a obra Livro dos usos e cerimonias Cistercienses da Congregação de Santa Maria de Alcobaça, da Ordem de S. Bernardo. Lisboa, 1788.

*
* *

Por uma passagem de Chronica d'El-Rei D. Pedro I, cap. 8.°, parece que era vulgar os homens dormirem com freiras, apesar dos rigores d'este monarcha.

*
* *

Fazendo certo padre jesuita no Collegio do Porto o panegyrico de S. Francisco Xavier, no dia da sua festa, depois de narrar os actos de virtude e santidade daquelle grande santo, accrescentou:

Porem, meus ouvintes, o maior milagre que fez o santo missionario, aquelle que seria bastante para o collocar sobre os nossos altares, foi o de ter convertido mais de seis mil infieis em uma ilha deserta do Japão. Isto sim, isto é que é milagre, como nunca ninguem fez!

Mas de que nos podemos ufanar é de que o jesuita portuguez João de Lucena escreveu uma vida de S. Francisco Xavier n'uma linguagem castissima.

Aquillo sim, aquillo não é portuguez de Lyceu.

*
* *

Certo camponio, confessando-se, accusou-se de ter roubado algum feno.

— Quantos feixes roubaste? perguntou o confessor.

— Advinhae, respondeu elle.

— Trinta feixes?

— Oh! não.

— Quantos, pois?

— Sessenta, valha a verdade, mas mettei na conta carga inteira da carreta, porque eu e minha mulher tencionamos ir buscar o resto com brevidade.

*
* *

Ajustou-se certo pregador para ir pregar durante toda a quaresma em Villa Franca de Xira. Mas como nem uma vez só o tivessem convidado para comer, no ultimo sermão fez a seguinte despedida:

«Meus carissimos irmãos: tenho-vos pregado contra todos os vicios, menos contra a gula e regalos da mesa, porque a fallar a verdade, não tive occasião de saber como se tratam os moradores desta villa.

*
* *

Affirmava certo pregador no pulpito, que tudo quanto Deus faz é bem feito.

— Ora veremos como elle logo sustentará isto, dizia um corcunda que o estava ouvindo.

No fim do sermão foi esperar o pregador á sachristia, e lhe falleu assim:

— Senhor padre, como affirmou que tudo quanto Deus faz é bem feito, olhe bem para mim, e diga lá se tambem sou bem feito!

— E quem o duvida? replicou promptamente o padre, correndo-o todo com os olhos. Vossa mercê na sua qualidade de corcunda é um corcunda muito bem feito, é um corcunda modelo. Vossa mercê é um corcunda typo, é um chibante corcunda!

*

* *

Certo frade dominicano, pregando em uma aldeia, onde nevava muito, e as friagens eram grandes, tomou por assumpto a descripção do inferno:

Sabei, meus carissimos irmãos, lhes disse elle, que neste logar de trevas e de dôr, corre de continuo um frio tão forte e tão agudo, que tudo alli é neve, e tudo gêlo.

Tendo acabado o sermão, lembrou-se um individuo de lhe perguntar, porque motivo, contra a opinião commum, elle pintava o inferno como um lago de gelo? E' porque faz muito frio, respondeu o homem de Deus, e se eu dissesse que no inferno havia lume, deixar-me-hiam só no pulpito, e correriam todos a ir lá aquecer-se.

Certo prior d'um convento, (e talvez fosse o de S. João da Cruz de Carnide) tinha uma voz mui desentoada e desagradavel.

Uma velha d'aquelles sitios, e que morava na rua dos Gallegos, tinha o costume de chorar, quando elle canta-

va. Interrogada porque se lastimava quando ouvia o prior, respondeu: Ah! Eu choro todas as vezes que o prior canta, porque me traz á memoria o meu pobre burro, que me morreu, e me servia bem, e era de grande soccorro. E a sua voz é tão similhante que quando o ouço, julgo ser o meu pobre asno.

A ordem da Cartuxa era asperissima. [1] Os monges vestiam um habito de burel branco, quasi sem feitio, traziam a cabeça rapada, frequentavam o côro amiudadamente de noite e de dia; era-lhes prohibido fallar, salvo em certos dias; a sua saudação, quando encontravam no caminho do côro, algum companheiro, era: *Lembra-te irmão, que has de morrer*.

Não podiam sair senão juntos em dias determinados de passeio, e n'alguns nem das cellas saiam, tendo cada uma d'estas uma roda, para por ella o monge seu habitador, receber o sustento, assim como tinha um pequeno jardim que o mesmo cultivava.

Nunca se alimentavam de carne de vacca, ou de outra qualquer do uso commum, excepto de carne de kagados, de que tomavam caldos estando doentes, para o que tinham tanques ou viveiros cheios d'elles. Não admittiam musica nos templos, e resavam com um estylo tão monotono, que fazia somno.

Não prégavam, nem fora do mosteiro administravam os sacramentos aos fieis.

As mulheres não podiam entrar em suas egrejas. Quando, porem, na egreja alguma pessoa da familia real entrava, permittia-se então que as mulheres entrassem. Só ao prior e ao procurador era licito sair a

[1] Panorama, 1840, pag. 98.

tratar negocios da casa, ou para confessar alguem *in articulo mortis*.

Uma tal ordem entrou em Portugal pelos annos de 1587, e foi introduzida por D. Theotonio de Bragança, filho do duque D. Jayme, e lhes fundou uma casa em Evora, para onde entraram os primeiros monges em dezembro de 1598.

A ermida de Nossa Senhora do Soccorro, a um quarto de legua ao sul do logar do Trucifal, é antiquissima, e parece que os christãos se utilisaram d'uma mesquita arabe para a converterem em templo christão, utilisando-se porem da mesquita sarracena. [1]

Em 1215 eram tão numerosos os frades que o concilio de Latrão prohibio a creação de novas ordens. S. Basilio tambem não era a favor de mais instituições monasticas. Todavia as communidades religiosas cada vez eram mais numerosas, e não muito depois os franciscanos e os dominicanos innundaram a terra.

Verney diz que no collegio das Artes em Coimbra, davam tambem muitas palmatoadas nos rapazes. [2]

Dizem constar d'um assento da Torre do Tombo, que pelos annos de 1220 o padre Fernando da Costa presbytero do habito de S. Pedro, prior da egreja de Tarouca pedira perdão a el-rei D. Affonso III por se julgar ter dormido com sete irmãs, nove comadres, uma tia, nove afilhadas, e com Antonio da Cunha, alem de cincoenta e uma mulheres, das quaes houve cento noventa e sete filhos, quarenta e sete femeas, e cento e cincoenta varões. [3]

---

[1] V. Panorama de 1844, pag. 77.
[2] *Revista Popular*, anno de 1850, pag. 184.
[3] Verny: Novo Methodo d'estudar, pag. 64

Mas não sejamos ingratos, portuguezes, devemos immensos beneficios ás ordens monasticas, entre os quaes devemos contar alguns feitos á lavoura.

Houve frades devassos e infames; mas tambem houve um D. fr. Caetano Brandão, e um fr. Bartholomeu dos Martyres, um Santo Antonio de Lisboa, um padre Quental, e muitos centenares d'outros:

E a elles devemos tambem milhares d'obras escriptas em portuguez castissimo, que são a ufania de nossa litteratura.

Qual seria o paiz no qual não tivessem erigido uma estatua ao theatino D. Caetano de Souza, se este auctor da Historia genealogica não houvesse tido a má sina de haver nascido em Portugal?

E hoje não vêdes como a lingua portugueza vai diariamente convertendo-se n'uma linguagem de barbaros?

E remedio não o vejo.

Pois o methodo official seguido nos lyceus para o ensino do nosso idioma, nada de bom pode produzir por ser um methodo estupido e anti-racional.

Dizem que ensinam portuguez, mas o que eu vejo é obrigarem os rapazes a decorarem centenares de paginas, não as entendendo, e não sendo possivel applicar nada do que ensinam.

Em summa os frades tudo fizeram, menos o venderem approvações por dinheiro, embora podesse ser, como está sendo, um grande manancial de riquezas, cousa que o governo portuguez não deveria de modo algum ignorar.

Mesmo porque varios processos já instaurados teem dado um brado tão alto, que de modo algum o echo poderia deixar d'entrar pelos ouvidos.

Foram accusados, e d'isso muitos se honravam, de terem combatido as pretenções dos constitucionaes.

«Nos pulpitos (faz horror dizel-o: mas vós sabeis, e todos sabem que digo a verdade [1]: nos pulpitos, á face dos sagrados altares, no meio dos santos e augustos mysterios, os ministros de um Deus de paz e de caridade, prégavam o assassinio, como um serviço feito á Religião, e annunciavam aos povos espantados um Evangelho de perseguição, de sangue e de morte).

Só d'uma cousa se esquecia o auctor d'estas linhas, é que em todas as epochas serviu o pulpito em Portugal para tratar dos negocios publicos.

E que no tempo d'el-rei D. Affonso VI chegaram as cousas a ponto, que ficava sempre de noite um frade alerta, para, repicando os sinos, e abrindo-se as portas do templo, o povo entar, e o prégador ir narrar as noticias chegadas das victorias obtidas, e todos com os joelhos em terra entoavam o Te-Deum, em acção de graças, no meio de lagrimas de jubilos, pois para a dita tambem ha lagrimas d'emoção.

Mas se aos frades não era permittido pegar em armas, porque foram premiados aquelles que n'ellas pegaram em proi da causa de D. Pedro: e como foram punidos com a morte, com o cacete, com o bacamarte, com a fome, com o exilio, e com o punhal aquelles que tinham entendido, que á vista da maneira como D. Pedro se portou no Brazil, para com os portuguezes, jámais deveria empunhar o sceptro de rei de Portugal?

O amigo leitor ficou fazendo, segundo se me afigura, uma idéa porfeita, ou quasi perfeita do que foram os frades.

---

[1] *Gazeta Official do Governo*. anno de 1834, 15 d'agosto.

Na prégação do Evangelho pereceram intrepidamente milhares e milhares d'elles.

Nas lettras deixaram-nos innumeros monumentos, que teem de passar ás gerações mais remotas.

Estudaram todos os idiomas, mesmo os mais barbaros.

Nas viagens, mesmo quando a embarcação já estava arrombada, e faltava meio minuto para de vez se afundar, ainda assim com o crucifixo erguido pediam em altos brados misericordia para os que iam passar á eternidade.

Na qualidade de mestres não os houve mais estudiosos, honestos e trabalhadores.

E só uma cousa deixarsm de fazer—nunca venderam approvações por dinheiro.

As cousas mudaram completamente. E por isso amigo leitor, não vos admireis se, depois de gastardes todos vossos haveres para que vossos filhos sejam approvados, vos exijam ainda a camisa que trazeis no corpo, se nada mais tiverdes para vosso filho obter uma approvação.

Por todos os meios enriqueceram, menos por este.

Os professores tinham solida instrucção, sabiam ensinar, e não se aborreciam do ensino, pòr que desejavam competir com as outras ordens, qual d'ellas havia de apresentar melhor discipulos, e que mais honra déssem ao convento.

E tivesse Alexandre Herculano nascido n'uma epocha em que não houvesse frades, com toda a certeza não chegaria em Portugal jámais á summidade a que subiu.

Os terceiros franciscanos entregavam-se ao estudo das linguas orientaes, e suas obras ainda hoje são apreciadas dos estrangeiros.

Acabaram os frades e o paiz não teve um arabista

que ensinasse um tal idioma, e na qualidade de portuguez, passo em claro o muito que a tal respeito poderia dizer.

Não me esqueço porém do que se passou em Lisboa.

Os conegos regrantes de Santo Agostinho entregavam-se ao ensino das sciencias naturaes.

E quando mais tarde veiu a Portugal um naturalista distincto, mr. de Saint-Hilaire, com o fim de examinar aquelle estabelecimento, mandado por Napoleão I, mr. de Saint-Hilaire não teve mais que dizer, senão bem e muito bem.

Ainda hoje ha quem se lembre dos estudos nas Necessidades. D'elles nunca ouvi senão dizer bem e muito bem.

Apesar do grande terremoto de 1755 ter derribado um grande numero de Bibliothecas dos conventos, ainda assim o que escapou, tanto em livros como em quadros, é bastante para se poder asseverar com o coração nas mãos que os frades gastaram muitos e muitos mil cruzados na compra de livros, e na acquisição de obras artisticas.

E mesmo o leitor já viu que houve frades astistas em Portugal.

E até mesmo estou persuadido que se n'este paiz ainda temos alguns quadros dos grandes pintores estrangeiros, ao dinheiro dos frades os devemos.

Todavia, como os gostos se não discutem, houve até mesmo freiras que tinham a vangloria de se intitularem freiras constitucionaes.

Estas pediam aos Santos protegessem a causa dos malhados, e outras, seguindo partido avesso, queriam que os Santos defendessem os *burros*, pois assim chamavam aos partidarios de D. Miguel.

No Porto chegou a haver um S. João protector d'estes na Lapa, e outro protector dos malhados em Cedofeita.

Mas em summa taes tempos passaram.

Mas cumpre que os portuguezes decidam:

A existencia das ordens religiosas em Portugal irão d'encontro, e serão nocivas á liberdade?

Não veem os portuguezes a Europa innundada de conventos? Querem ser os unicos exceptuados? Jamais o conseguirão, sem detrimento para o nosso paiz.

Ainda não ha muito que de Lisboa foi um tapete para Lourdes, o qual importou n'um conto de réis.

Serão outro sim para temer as profissões das freiras?

Será proferivel que ellas vão para a Irlanda, para a França, para a Italia, para Allemanha, e que alli professem, e alli entreguem seus dotes a conventos estrangeiros?

Não pensarieis assim portuguezes, quando ha um seculo os mares mediterraneo e oceano andavam tanto de dia, como de noite infestados de piratas, os quaes com o maximo arrojo e atrevimento, entravam n'uma embarcação, fosse de que tonelagem fosse, matavam quem resistia, e algemavam quem não offerecia resistencia!

Os pobres presos, algemados, quando não trabalhavam debaixo d'um ardentissimo sol, lá iam passar a noite dentro d'uma especie de tanque em secco, a que davam o nome de masmorra.

E raro seria o dia em que não soffressem uma data d'azorrague, não tanto por ficar mal feito o trabalho, mas para que quanto antes tratassem de mandar vir da Europa o resgate.

E os pobres?

Os pobres tambem não eram esquecidos.

Os redemptoristas, pedindo esmolas tanto de dia co-

mo de noite, quer ao pobre, quer ao rico, quando tinham alguns mil cruzados juntos, lá iam caminho d'Argel e lá iam offerecer um tanto por cabeça, e ultimados o negocios de lá vinham jubilosos para o seu paiz aquelles que por longos annos tinham soffrido horriveis tratos.

O proprio seculo dezoito era bem differente do nosso.

O franciscano fr. Juan do Sacramento, depois de estar alguns annos nos logares santos, foi encontrado no mar, quando regressava á patria [1], foi apanhado por aquelles alarves, e mettido na masmorra: «en donde hallamos mas de cien christianos, afligidissimos en extremo, tanto por la adversa fortuna en que se vian; como por el trato que les daban. No se oia en aquel calabozo mas que suspiros y lamentos, unos pediendo libertad, otros suspirando por su patria, y todos quexando-se del descuido de sus parentes, o amigos, que no los rescataban y libraban de tan azerbo padecer. [2] Con

---

[1] Viage I peregrinacion de Jerusalen. Lisboa, 1744. Obra dedicada a el-rei D. João V.

[2] A *Gazeta* de 28 d'agosto de 1717 informa-nos de que os corsarios da Berberia captivaram na costa de Vianna 37 pessoas, que encontraram a pescar.

Algumas porem aproveitando-se d'uma occasião que para isso houve, fugiram com tanta ligeireza, que apesar de chegarem a deitar sangue pela bocca, conseguiram salvar-se.

Na obra Voyage pour la Redemption des captifs aux rojaumes d'Alger et de Tunis, fait en 1720 par les RP. François Comelin, Philemon de la Motte et Joséph Bernard de l'Ordre de la sainte Trinité dits Mathurins. Paris 1721. A pag. 125 falla-se d'um resgate feito em 1717 no qual os trinos de Hespanha trouxeram para a Europa 230 escravos resgatados, e entre elles uma formosa rapariga que intrepidamente resistira a todo o genero de seducções empregadas pelo Dey.

tantas persecuciones y trabajos obligaban a muchos a que renegassen de la Ley de Christo, solo por librarse de tan contraria fortuna, de que era tambien la causa

---

A condessa de Assumar D. Izabel de Castro, filha dos primeiros marquezes de Fronteira, e mulher do conde de Assumar D. João d'Almeida, do conselho d'Estado de sua magestade, dotada de todas as virtudes, que podem constituir uma matrona perfeita, com grande noticia das sciencias, artes e lingua, falleceu na cidade de Lisboa Oriental, em edade de quasi 55 annos. Foi sepultada na egreja dos religiosos da Santissima Trindade onde, segunda feira se fez o seu funeral com assistencia de muitos grandes da Corte. Janeiro de 1724.

Por um navio inglez entrado no Porto se teve noticia de que Manuel Luiz Pederneira, capitão da nau Nossa Senhora da Guia, e cabo das 7 que d'aqui sahiram para o Brazil, encontrando na altura da barra do Mondego com a capitania e almiranta de Argel pelejara com ella tão valorosamente, que os turcos se viram precisados a retirar-se; e por uma carta escripta de Argel em 3 de julho por um natural d'esta cidade, que alli se acha captivo, se sabe mais que a peleja durou 5 horas, nas quaes os infieis tiveram 4 mortos, 14 feridos, e receberam 3 balas no mastro grande e 1 no da mezena da Capitania, padecendo juntamente grande damno nas velas e enxarcias, e que não continuaram a peleja (diziam os turcos) por vir chegando contra elles outra das sete, que levava bandeira d'almiranta: referindo mais a dita carta que as duas naus tinham entrado em Argel em 20 de junho com 3 presas, 2 de Hollanda carregadas de vinhos, e 1 de Ostende, cuja carga avaliavam em mais de duas redempções, e que n'ella fôra captivo um moço portuguez que tinha tomado a bordo em Pernambuco onde surgira. Setembro 1724.

Em novembro houve em Lisboa um furioso cyclone, n'um domingo, 19 de 1724 que derribou a cruz que estava na torre do mosteiro dos religiosos da Santissima Trindade, com uma grade de ferro, e a sua garrida cahio com bastante damno sobre a sua livraria. Fez grandes estragos tambem em S. Vicente de Fora, e cahio parte do noviciado da Graça,

desta desgracia el que estaban pribados muchos años havia de los Santos Sacramentos...

...Mais tarde, porém, para alguns, vinha o dia de

Padeceu grande damno a quinta do marquez da Fronteira em Bemfica, derribando arvores que existiam desde 1399.

RESGATE D'ESCRAVOS PELA ORDEM DA SANTISSIMA TRINDADE

Os padres redemptores fr. José de Paiva e fr. Simão de Brito, pregadores geraes e religiosos da Santissima Trindade que partiram do porto d'esta cidade em 15 d'agosto d'este anno, chegaram a d'Argel em 27 do dito mez; e depois de terem audiencia do bei, começaram a trabalhar no resgate até 24 de setembro, resgatando 193 pessoas que estavam escravas em Argel e Tunes por preço de 219:180 cruzados e meio, de que tomaram 189, ficando o preço dos que estavam em Tunes satisfeitos; e partindo d'aquelle a 17 d'outubro, entraram n'este de Lisboa em 12 dias de viagem a 19 do proprio mez, e os levaram em procissão para renderem as graças do seu livramento a Deus na egreja da Santissima Trindade na tarde de 26.

Gazeta de Lisboa, 1 de novembro de 1731, pag. 351.

Recebeu-se noticia por via de Gibraltar [1] que achando-se já ajustado o resgate de um moço chamado Diogo Martins da Costa, que se achava captivo em Mequinés, e indo pedir licença e carta para Tetuan a el-rei, este lhe perguntou se era mouro ou christão; e respondendo lhe elle — Christão por graça de Deus, el-rei lhe dissera: Se te converteres á minha lei te deixarei com vida.

A isto elle respondera: Que nenhuma cousa o obrigaria a deixar a religião que professava.

A isto mandara el-rei que lhe dessem uma clavina; porém disparando-a, não dera fogo. E pedindo outra, lhe succedera o mesmo.

E vendo isto um Diogo Martins, que sem duvida lhe tiraria a vida a barbaridade d'aquelle principe, começara a pedir perdão dos seus peccados a Deus, batendo muitas vezes nos peitos.

jubilo, quando em liberdade, se viam n'uma procissão de resgate, que sahia da egreja de S. Paulo, onde se reuniam os resgatados.

E perguntando el-rei aos seus que era o que fazia aquelle christão: e dizendo-lhe que d'aquelle modo pediam os christãos misericordia a Deus, mandára que lhe dessem muita bofetada, mas não satisfeita a sua tyrannia com este genero de tormento mandará que todos os da sua guarda lhe atirassem: o que logo executaram fazendo-lhe o corpo em pedaços.

Depois do que todos os principaes da Côrte que estavam com el-rei, e os da sua guarda, arrancando os alfanges, lh'os mettiam no corpo para os banharem de sangue christão, e alimpando-os os tornavam a ensanguentar, fazendo d'isto acto de religião; que alli ficara o cadaver exposto desde as oito para as nove horas do dia até ás tres para as quatro da tarde, em que fôra levado para o convento, que os religiosos de S. Francisco Recoletos teem na mesma cidade de Mequinez, os quaes o fizeram sepultar em um sitio rasgado, que fica uma legua distante da cidade, onde se costuma dar sepultura aos religiosos e aos christãos.

Aos proprios inglezes tomaram os corsarios da Piratária Sale 4 navios mercantes.

Id. id. pag. 326.

Escrevem de Villa Nova de Portimão que em 18 de setembro deram os mouros caça na altura do Cabo de S. Vicente a duas caravellas portuguezas de Setubal, mestres João Carneiro Bello, e Manuel de Aroche, que passavam de Ribadeo para Cadix carregadas de madeiras, as quaes querendo-as varar em terra, para se salvarem com as fazendas, o metteram nas lanchas, e as foram levando a reboque. Porem mandando os inimigos entrar as caravelas com algumas chalupas cheias de gente, ellas as largaram, procurando conservar a sua liberdade na terra, aonde chegaram com trabalho egual ao seu porto.

Gazeta de 1720, pag. 320.

A *Gazeta de Lisboa* em 21 d'outubro de 1715, diz-nos que o rei de Mequinez, acabando no dia 6 d'outubro a devoção da sua

E depois do *Teum*, e depois da pratica religiosa, lá caminhavam todos, no meio de repiques, musicas, e foguetes, para a egreja da Santissima Trindade.

Quaresma, chamada entre os mouros Ramadan, ficara tão commovido do zelo da sua crença, que havia feito matar e matou por sua propria mão, um grande numero de pessoas, e que estava de tal maneira enfurecido, que não escutava representações de ninguem, nem havia quem se atrevesse a fazel-as, pelo que se não tinham ajustado alguns resgates.

As cartas de Cadix de 26 de maio dizem haver alli noticia por aviso do governador de Ceuta, que encontrando-se no Cabo de Gate 4 naus de Malta com a capitania d'Argel, a qual vinha com 3 naus maiores que as Maltesas para andar a corso nas costas de Hespanha e Portugal, pelejaram porfiadamente uns com os outros até ficarem rendidas e prisioneiras as quatro argelinas.»

Gazeta 1720, pag. 192.

A 18 de junho de 1720 partiram em uma embarcação franceza, por ordem do reverendissimo padre fr. João das Chagas, provincial da religião de S. Francisco da provincia de Portugal, e commissario geral da Terra Santa, os padres fr. Manuel de Santo Antonio, fr. Manuel da Apresentação, e fr. Caetano de Nossa Senhora com as esmolas d'este reino para a Casa Santa de Jerusalem, que constam de 16;000 patacas em moeda d'ouro, e 200 patacas para os seus gastos, 38 arrateis de canella, 16 de cravo, 746 varas de panno de linho e 3 caixões com varias offertas de pessoas devotas.

N'uma sexta feira do anno de 1720 entraram n'este porto os reverendos padres pregadores geraes fr. Joseph de Paiva, e fr. Simão de Brito, que haviam saido d'elle no dia 7 d'agosto pela manhã, com vento tão favoravel que chegaram a 14 a Argel, onde desembarcaram logo o cofre do dinheiro de resgate, a que a piedade e santo instituto da sua ordem os conduzio, o qual foi levado para a casa do Bey Mahamed Baxá, e no dia seguinte de-

D'este templo os homens arrastados pela furia demolidora, nem se quer vestigios deixaram; mas ácerca do que n'aquelle templo sentiam e confessavam os ditosos

---

sembarcaram os padres redemptores, e os presentes que lhe levavam, que constavam de varias talhas preciosas da China, e outras cousas de bom gosto e preço. Nos dias seguintes se tratou do resgate dos captivos, começando pelos que se achavam servindo a casa do mesmo bey, e até o dia 8 do corrente se pozeram em liberdade 365 christãos, que padeciam na escravidão d'aquelles barbaros, em que entraram 3 clerigos, 1 religioso carmelita, outro da provincia da Piedade, 6 capitães, 13 mulheres em que havia só 3 brancas, e uma menina de 2 annos nascida em Argel, cem moços de 13 até 25 annos, e os mais que serviam na ribeira das naus, e alli chamam da mestrança de Baylique, que consta de carpinteiros, calafates e marinheiros. Entraram tambem no resgate alguns estrangeiros a saber 5 castelhanos, 3 hollandezes, 1 genovez e 1 mantuano.

Depois de resgátados falleceu 1 e ficaram 5 enfermos no hospital de Argel, a quem ficou pago o resgate e as portas, e uma ajuda de custo para virem para este reino em cobrando saude.

Ficaram sómente captivos n'aquelle paiz: 9 portuguezes a quem o bey não quiz dar liberdade por ter gosto de se servir com elles, e 22 que se achavam embarcados nos navios que andam a corso. Todos os que vieram resgatados desembarcaram n'esta cidade domingo de tarde, e se recolheram na egreja parochial de S. Paulo, onde os foram buscar em procissão solemne os religiosos da Santissima Trindade, cujo escapulario elles todos traziam sobre os albernozes mouriscos, levando-os á sua egreja, onde se achava o tribunal da Mesa da Consciencia, e se deram graças a Deus Nosso Senhor pela sua liberdade, prégando o reverendo padre M. fr. João da Veiga, lente de Prima de theologia no mesmo convento, e assistindo a todo este acto uma innumeravel multidão de povo.

Chegaram a esta cidade quatro portuguezes dos que foram livres da escravidão dos argelinos pelos maltezes, e depõem que, havendo sahido quarta feira de trevas do porto Farinha, aonde os tinha levado um temporal, dois navios de guerra, de que eram cabos Mustaphá Arraes e Cara Mustaphá para andarem a corso,

remidos, se poderiam encher volumes. Que entrevistas entre o pai e o filho!

Entre a mulher e o marido! Entre os amigos, entre os parentes, e entre os conhecidos!

---

seguiram o rumo de Sardenha, que costearam sabbado d'alleluia todo o dia, dando caça a uma setia que não poderam conhecer, e de noite se pozeram á capa em Cabo de Palma, junto á ilha de S. Pedro, onde passaram até a manhã seguinte, em que viram vir sobre si 2 navios. E reconhecendo serem de força se pozeram em fugida.

Aos dois se ajuntou depois de 4 horas outro, e todos tres eram de Malta, chamados S. Jorge, Santa Catharina e S. João, e cabo commandante de todos, fr. Carlos de Rochefort de Marquem. Que S. João foi o primeiro que chegou ao de Cara Mustapha, que era de 24 peças, e o fez amainar logo; e fazendo signal aos dois maltezes para tomarem conta d'elle foi seguindo o de Mustaphá Arraes, que jogava 26 peças, ao qual matou um mouro, e rendeu tambem, sem embargo da calma que lhe sobreveio, em que os inimigos pertenderam escapar-lhe a remo. Estes dois navios tinham 350 mouros e turcos de equipagem, e 36 christãos de varias nações, escravos, em que entravam 7 portuguezes que foram levados a Malta com as presas, as quaes ficando alli entregues se tornaram a fazer na volta do mar os mesmos navios maltezes, e sobre a costa de Menosca encontraram a capitania e fiscal de Tunes, ás quaes deram caça 6 dias e 5 noites. A fiscal lhes escapou logo, a capitania obrigada de varias cargas d'artilheria, que recebeu, se metteu com a terra, onde se suppõe que vararia muito maltratada. Que os malteses fizeram conselho para irem queimar a Capitania, ou mettel-a no fundo; mas que pertendendo executal-o, no dia seguinte lhes sobreviera um vento tão rijo, que entendendo-se passaria a mais, se resolveu ser mais conveniente não proseguir a empreza, do que expôr os navios da religião em costa tão perigosa.

A 17 d'outubro entrou no Tejo uma nau chamada Mediterraneo, vinda d'Argel em 12 dias, e com 193 pessoas resgatadas pelos religiosos da Santissima Trindade.

Gazeta de Lisboa, 25 d'outubro de 1731.

Oh! Como elles acompanhariam no meio de soluços e da maior emoção, aquelle Te Deum em acção de graças, que mais seria acompanhado por lagrimas e soluços, do que por palavras!

Parece que em 1638 se resgatava por quarenta mil réis um captivo, pois certo fidalgo deixou por sua morte vinte vezes quarenta mil réis para o resgate de 40 captivos.

Chronica da Arrabida, 2.ª, pag. 71

Em 9 d'abril de 1720 fizeram os religiosos da Santissima Trindade a publicação do resgate dos captivos com uma procissão solemne, que discorreu por varias ruas d'esta cidade, e a 25 de maio determinam mandar para Argel os padres redemptores, que são o pregador geral fr. Joseph de Paiva, e o leitor fr. Simão de Brito e em razão de serem muitos os captivos, e não ser bastante para a redempção de todos o cabedal com que se acham, se tem posto editaes para que todas as pessoas que quizerem concorrer com suas esmollas para uma obra de tanta piedade, como é livrar os portuguezes da aspera escravidão dos mouros, a façam e dentro no dito tempo.

Santissima Trindade

Gazeta de Lisboa, Maio de 1726.

El-rei N. S. commovido da deploravel escravidão que padecem alguns de seus vassallos captivos na cidade d'Argel e seus contornos, foi servido ordenar pelo seu Tribunal da Consciencia e Ordens, se publicasse um resgate geral: e em observancia d'esta ordem mandaram os padres fr. Joseph de Paiva e fr. Simão de Brito, prégadores geraes, religiosos da Ordem da Santissima Trindade e redemptores geraes dos Captivos, pôr editaes por todo o Reino para que todos os fieis Christãos, movidos de piedade concorram com as suas esmolas para poder chegar o dinhei-

Elles, esses pobres resgatados, talvez com o corpo ainda cicatrizado, e com os vergões bem patentes, ainda não cabiam em si de jubilo: estavam na patria, e ainda não o podiam crer!

---

ro que se acha no cofre da Redempção, ao resgate do grande numero de pessoas que estão soffrendo a aspereza d'aquella dura escravidão, até ao ultimo do presente mez de maio, em que os ditos padres hão de partir do porto d'esta cidade para Barbaria. pag. 152.

Diz-nos depois a *Gazeta* (pag. 208) que a 11 de junho partiu d'esta cidade para Argel um navio francez, e que foram n'elle embarcados para resgatarem a dinheiro escravos dos mouros n'aquella regencia, o padre Joseph de Paiva e fr. Simão de Brito, trinos.

Gazeta 25 de maio.

«Pelas ultimas cartas que se receberam de Mazagão, chegou a noticia de que havendo el rei de Mequinez convindo em trocar alguns portuguezes, que tinha captivos nas suas terras, por alguns mouros, que se achavam escravos n'aquella praça, e vindo já no caminho, para se executar o troco, persuadido de um renegado, que lhe aconselhou não convinha dar-se liberdade a Christãos já praticos no caminho da Côrte, porque o atrevimento dos portuguezes era tão grande que podiam emprehender o chegar com as suas entradas ás portas de Mequinez, como antigamente fizeram até as de Marrocos: passou ordem para que logo voltassem á cidade, e mandando-os chamar á sua presença lhes propoz que abraçassem a Lei Mahometana, ou se preparassem a morrer.

Porém elles fortalecidos com divinas inspirações, abominando a proposta e exaltando a fé, que professavam, sacrificaram gostosamente as vidas pela verdade d'ella, com uma constancia digna de inveja e de applauso.

Logo o mesmo rei expediu os parentes dos mouros, que estavam captivos em Mazagão, com ordem ás guardas d'aquella fronteira, para que todos unidos viessem armar alguma cilada aos christãos e captivassem alguns, com os quaes se podesse fazer o troco, o qual já não pode ter effeito, porque o governador da praça Antonio de Miranda Henriques, informado da barbaridade do rei, os tinha mandado para Portugal.

Ainda lhes parecia sentirem o arrastar da grilheta!

O dia da procissão do Resgate dos Captivos era um dia de jubilo e de gloria para o Christianismo.

Os inimigos estimulados do mau successo da sua diligencia, pretenderam vingar-se, uniram as cinco guardas, que chamam de Maimoud, Simain, Almançor, Estuquez e Elbuleb, ou guarda Duquella (sic.), as quaes vieram em a noite de 8 de dezembro passado, introduzindo se nas suas mais principaes ciladas, se conservaram n'ellas com tanto silencio, que nem os atalaias os perceberam, nem elles lhe atiraram um só tiro, para que toda a gente, que por ordem do general sahiu da praça a fazer lenha, ficasse dentro do seu cordão, e tanto que o conseguiram, deram uma descarga geral sobre a nossa guarda, que sem embargo do susto, com que recebeu o repente, se desembaraçou com grande valor, vindo pelejando, mas retrocedendo pelo sitio chamado da Coitada, para se proteger com o beneficio da artilheria da praça; porém o general, que com incançavel vigilancia assiste sempre a tudo, os mandou soccorrer com dois pequenos batalhões de infanteria, que chegaram às Covas da areia, a tão bom tempo que lhes deu logar para se livrar do perigo, em que se viam, pelejando a peito descoberto sempre com um inexplicavel valor.

A *Gazeta* do dia 13 de septembro de 1725 nos falla d'uma grande redempção devida a todos os religiosos da Ordem de N. S. da Mercês, calçados e descalços, das duas provincias de Castella e Andaluzia, a saber o P. M. Melchior Garcia Navarro, o padre Fr. Manuel de Priego, o P. Fr. Pedro Ortega, o P. fr. Pedro Rosvalle, os padres fr. Marcos de Santo Antonio, fr. Francisco do Espirito Santo, todos varões de letras e dignidades nas suas provincias, por ordem do padre fr. Gabriel Barbastro, geral de toda a religião.

E em abril de 1727 tinham já reunido algumas centenas de captivos.

A egreja da Santissima Trindade era a predilecta da fidalguia para n'ella se mandar enterrar.

Falleceu a senhora D. Leonor de Menezes, filha terceira do secretario Roque Monteiro Paym, e foi sepultada no magnifico jazigo da sua casa, na capella mór do mosteiro da Santissima Trin-

Era um dia em que os pais ou os filhos viam seus netos pela primeira vez:

Era um dia em que todos bem diziam a instituição das Ordens Monasticas, pois todas ellas com seu obulo contribuiam para a salvação de tantas almas que tinham estado prestes a perderem-se.

Pois os mouros davam empregos, davam mulheres,

---

dade de Lisboa, onde a 31 de novembro de 1720 se lhe fez um officio solemne com assistencia de muita nobreza.

Uma das obras que mais esclarecimentos dão ácerca da Ordem da Trindade n'este paiz é a que tem por titulo: — Nobiliarchia Trinitaria, composta por fr. Manoel de Santa Luzia, e impressa em 1765.

Os reverendos padres redemptores teem ordem de S. M. para partirem d'este porto para a cidade d'Argel, em 26 d'este mez, para cujo effeito está já fretado o navio chamado Concordia em ordem, a se effeituar o resgate, dos portuguezes que alli estão captivos.

No dia 27 de dezembro de 1739 entrou no porto d'esta cidade uma nau hollandeza chamada Jozina Galey, com 42 dias dias de viagem do porto de Argel, na qual chegaram os padres redemptores o dr. fr. Martinho de Santa Anna, e o mestre fr. Francisco Coutinho, religiosos da Ordem da Santissima Trindade que por ordem d'el-rei Nosso Senhor partirám de Lisboa a 17 de Outubro. Chegaram a Argel, e voltaram a 15 de novembro com 178 pessoas que se achavam escravas n'aquelle paiz, entre as quaes 10 mulheres, que todas foram conduzidas em procissão pelos religiosos da mesma ordem á sua egreja da Santissima Trindade no primeiro d'este anno, havendo-se dispendido no seu resgate 184:678 cruzados e meio.

Gazeta de Lisboa 8 de janeiro de 1740.

Fr. José de Santa Maria, Trinitario

Sermão da solemne procissão geral que se celebrou em 23 de dezembro de 1655.

Fr. José Possidonio Estrada: Sermão constitucional prégado na festa de S. João da Matta, no convento da Trindade. 1822.

Id. Sermão constitucional da Natividade de Nossa Senhora prégado no mesmo convento 1822.

davam cargos rendosos áquelles que renegavam a lei de Jesus, e passavam a seguir a de Mafoma. [1]

Eis porque innumeras pessoas concorriam das provincias com o fim d'assistirem a uma tal e tão sympathica procissão.

Havia tristezas, bem o sei. Muitos que por seus parentes eram esperados, não compareciam, talvez havendo sido martyrisados.

Mas havia uma consolação: estavam ante o throno do Altissimo gosando da visão beatifica, e livres já dos martyrios dos tyrannos da terra.

Mas que burburinho! que apertão! Que berreiro! Que algazarra não se ouve pelas ruas das Casas Novas, da Calçada da Paciencia, da Calçada do Salvador Correa, das Cocheiras da Praia, da Rua de Cima, do Pateo do Conde da Ilha, do Pateo do Elvas!

Portas do Pó, Becco do Assucar, Caes da Rocha, Carvalho, Carvão, Esfola Bodes, Estopa, Francisco d'André, Sampaio, Tabuas, Tibau!

Quo borborinho! Que murmurio! Que enthusiasmo!

Foguetes e repiques de sinos por toda a parte!

N'este dia não ha odios, não ha rancores entre os frades!

As quisilias e os odios tiveram treguas.

Hoje as vistas fitam-se mais do que em qualquer outras cousas, n'aquelles esqueletos ambulantes e n'aquellas mumias que andam porque dois frades, um de cada parte as ajudam!

---

[1] O leitor deve tambem ler a obra: Voyage pour la redemption des captifs aux royaumes d'Alger et Tunis, par les P. P, François Conelin, Philemon de la Motte, et Joseph Bernard. Paris, 1721.

N'aquelles chagados, cuja vista e aspecto contristam o coração.

N'aquelles velhos completamente arqueados, e sem um cabello na cabeça!

Tantos foram os annos que em Marrocos jazeram com os grilhões aos pés, e com o azorrague pendente das costas.

E o sermão!

Havia nada mais bello do que ouvir da bocca d'um prégador, que quasi sempre sabia por experiencia propria o que era viver em Argel, em Tetuam, em Tunis, em Marrocos, a descripção dos martyrios dados aos sectarios de Jesus! [1]

A commoção então era geral.

O sermão mais se podia comparar com um sermão de lagrimas, do que com sermão de jubilo e de graças que se davam a Deus pelo livramento de tantas almas!

E ainda não concordareis commigo, leitor amigo, que os frades, a par da diversa civilisação, conforme os seculos, prestaram grandes serviços, mórmente na seriedade do seu ensino?

*

* *

Nos tempos proximos á fundação da monarchia as egrejas eram vendaveis em Portugal.

---

[1] Apenas algum christão era apanhado por algum corsario angelino, levava logo, só pelo facto de ser christão, uma data de pauladas. Voyages d'Argel, pag. 49. Quando o christão não podia já trabalhar, e para não comer o pão dos angelinos, sem nada fazer, mandavam-no queimar. Muitas vezes os christãos mesmo no trabalho, andavam carregados de grilhões. V. tambem o prologo dos Trabalhos de Jesus, e a Chronica d'el-rei D. Sebastião.

Em 21 de julho de 1883 trazia um jornal a seguinte noticia:

«Restam apenas no paiz dez egressos benedictinos: os reverendos João de Santa Rosa Martins, de Valença, que foi prior tres annos no seu convento de Lisboa, hoje palacio das côrtes; Francisco de Carapecos, que foi prior no convento d'Alpendurada, hoje residente em Travanca, Francisco da Ave Maria, antigo abbade de Mesão Frio, actualmente vivendo em Souzellas: Carlos de Jesus, professor em Tibaães e era collegial dc Rendufe: Antonio de Santa Joanna Soares, abbade de S. Nicolau, do Porto: João de Guadalupe, de Grijó: Domingos da Fonseca Telles, conego da Sé do Porto: José da Natividade Caldas Sobral, antigo capellão de infanteria 13, de Chaves, e os dois irmãos Jesé e Augusto Semblano, residentes em Sinfães.»

Em abril de 1878, com a edade de 91 annos, morreu a madre Casimira, freira de Sant'Anna, de Vianna.

Em maio de 1885 existiam ainda 144 freiras nos conventos de Portugal, os quaes eram 57.

Em maio de 1885 morreu a ultima freira do convento da Estrella.

Em dezembro de 1887 falleceu Ladislau Batalha, egresso do convento de S. Pedro de Alcantara.

Em 7 de dezembro de 1887 morreu a ultima freira do convento de Santa Martha de Lisboa.

Em agosto de 1888 morreu a ultima freira do convento da Esperança em Lisboa.

Em maio de 1888 falleceu a ultima freira do convento da Madre de Deus em Guimarães.

Em abril de 1888 morreu a ultima freira do convento dos capuchinhos de Guimarães, soror Maria Luiza de S. José.

Em outubro de 1888 havia nos differentes mosteiros

de Portugal 102 freiras professas, cujas edades variavam entre 63 e 95 annos.

Em a sessão da noite de 18 de outubro de 1888, a Sociedade de Geographia em Lisboa, reconhecida, tece os maiores encomios aos serviços prestados aos portuguezes pelos frades e padres no Congo, e principia a tractar d'assumptos relativos a um congresso que tem por fim elucidar o governo ácerca do que se está passando no Lyceu de Lisboa, com espanto geral de todos os homens de saber e de todos os homens de bem.

Finis

Laus Deo Virginique Matri